

ISSN: 1676-6288

CADERNOS PROLAM / USP



BRAZILIAN JOURNAL OF LATIN AMERICAN STUDIES

VOL. 20, N. 39, SÃO PAULO, BRAZIL
JANUARY - JUNE 2021



USP



CADERNOS PROLAM / USP - BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

PUBLICADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA
LATINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - PROLAM/USP. VOL. 20, N. 39
(JAN./JUN. 2021).

SEMESTRAL- ISSN 1676-6288 - INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA.
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. 1- ESTUDOS LATINO-AMERICANOS CIÊNCIA
POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS. 2- DIREITO. 3- ECONOMIA. 4-
GEOGRAFIA. 5- HISTÓRIA. 6- PSICOLOGIA. 7- SAÚDE COLETIVA. 8-
SOCIOLOGIA.

ISSN 1676-6288



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

39

JANUARY - JUNE 2021



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

Corpo Editorial

*Editorial Board
Cuerpo Editorial*

Editores Responsáveis - N. 39

Editors of N. 39

Editores Responsables - N. 39

Lúcio Fernando Oliver Costilla

Universidad Autónoma de México

Eduardo Restrepo

Universidad Javeriana de Colombia

Editoras

Editors

Maria Cristina Cacciamali

Universidade de São Paulo

Vivian Urquidi

Universidade de São Paulo

Editores Associados

Associate Editors

Editores Asociados

Bernardo Maçano Fernandes

Universidade Estadual de São Paulo

Camilo Negri

Universidade de Brasília

Edwin Ricardo Pitre-Vásquez

Universidade Federal de Paraná

Eduardo Guedes Pereira

University of West Indies

Félix Pablo Friggeri

Universidade Federal da Integração Latino-americana

Franco de Matos

Universidade de Brasília

Joana Fátima Rodrigues

Universidade Federal de São Paulo

Júlio César Suzuki

Universidade de São Paulo

Lincoln Secco

Universidade de São Paulo

Lucilene Cury

Universidade de São Paulo

Rafael Antonio Duarte Villa

Universidade de São Paulo

Sylvia Adriana Dobry

Universidade de São Paulo

Wagner Tadeu Iglecias

Universidade de São Paulo

Editores Honorários

Honorary Editors

Editores Honorarios

Sedi Hirano

Universidade de São Paulo

Emir Simão Sader

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Lígia Prado

Universidade de São Paulo

Afrânio Mendes Catani

Universidade de São Paulo

Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves

Universidade de São Paulo

Corpo Editorial Internacional

International Advisory Board

Cuerpo Editorial Internacional

Andrés Donoso Romo

Universidad Playa Grande

Angel Guillermo Quinteros

Universidad de Puerto Rico

Elissa Loraine Lister Brugal

Universidade Nacional de Colombia

Enrique E. Shaw

Universidad de Córdoba

Guillermo Beatón

Universidad de la Habana

Inés María Fernández Mouján

Universidad Nacional de Mar del Plata

Jhon Williams Montoya

Universidad Nacional de Colombia

Juan Bello Dominguez

Universidad Pedagógica Nacional

Luis Carlos Jiménez Reyes

Universidad Nacional de Colombia

Nohora Inés Carvajal Sanchez

Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Nohra Leon Rodriguez

Universidad Nacional de Colombia

Octavio Quesada García

Universidad Autónoma de México

Pablo Rocca

Universidad de la República

Raúl Bernal-Meza

Universidades Nacional del Centro

Tício Escobar

Centro de Artes Visuales

Vincent Gouëset

Université Rennes 2

Wladimir Mejía Ayala

Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Editores Assistentes

Assistant Editors

Asistentes Editoriales

Bruno Massola Moda

Gabriel Galdino

Maria Medeiros Palazzo Rolim

Vanessa Silva

Giovanna Fidelis

Daniel Cajarville

Andréa Rosendo da Silva

Gabriela Beraldo Rodriguez

Paloma Gerzeli Pitre

Mayã Martins Correia

Marcelly Machado Cruz

Graziela Tavares de Souza Reis

Universidade de São Paulo

Estagiário

Intern

Renan Dias da Silva

Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** é uma revista especializada em difundir estudos sobre a América Latina. Criada em 2002 pelo Programa de Pós-graduação Integração da América Latina (PROLAM/USP), na fase inicial a ***BJLAS*** teve o objetivo de favorecer o ambiente de integração regional com publicações neste âmbito do conhecimento. Com o passar dos anos, o periódico ampliou seu universo disciplinar e hoje divulga produções científicas de nível de pós-graduação nos diversos campos das humanidades, das artes e das ciências sociais.

Para garantir o foco das publicações da Revista, os editores da ***BJLAS*** têm priorizado temáticas de impacto regional para a América Latina e trabalhos com metodologias comparativas sobre dois ou mais países deste continente. O propósito é que as publicações contribuam de modo significativo para o avanço dos conhecimentos sobre a América Latina e para a divulgação do que se produz nos diversos centros de pesquisa sobre a região, articulando assim a pluralidade de perspectivas teóricas, de linhas de pesquisa e de possibilidade de interpretação.

Tais são as motivações da linha editorial da ***BJLAS*** que incentiva seus autores a realizar análises sobre tópicos transversais em questões sociais, políticas, culturais, econômicas, jurídicas, históricas e artísticas com abordagens transdisciplinares. Por fim, a ***BJLAS*** estimula seus autores a publicar não apenas Artigos, mas também Resenhas Críticas sobre livros recentes ou de grandes obras de pensadores clássicos da América Latina, assim como Críticas de Arte e Ensaios de interpretação da realidade regional.

PRESENTACIÓN

Versión en español

La ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** es una revista especializada en difundir estudios sobre América Latina. Creada en 2002 por el Programa de Posgrado de Integración en América Latina (PROLAM / USP), en la fase inicial la ***BJLAS*** tuvo como objetivo favorecer el entorno de integración regional con publicaciones en este campo del conocimiento. Con los años, la revista ha expandido su universo disciplinario y hoy publica producciones científicas de posgrado en los diversos campos de las humanidades, las artes y las ciencias sociales.

Para salvaguardar la propuesta de las publicaciones de la Revista, los editores de ***BJLAS*** priorizan los temas de impacto regional para América Latina y trabajos con metodologías comparativas sobre dos o más países de este continente. El propósito es que las publicaciones contribuyan significativamente al avance del conocimiento sobre América Latina y a la difusión de lo que se produce en los diversos centros de investigación de la región, articulando así la pluralidad de perspectivas teóricas, líneas de investigación y posibilidad de interpretación.

Con tales motivaciones editoriales, la ***BJLAS*** alienta a sus autores a realizar análisis sobre asuntos transversales en temas sociales, políticos, culturales, económicos, jurídicos, históricos y artísticos con enfoques transdisciplinarios. Finalmente, a ***BJLAS*** estimula que a sus autores publiquen no solo Artículos, sino también Reseñas críticas de libros recientes o de grandes obras de pensadores clásicos de América Latina, así como Críticas de arte y Ensayos de interpretación de la realidad regional.

PRESENTATION

English version

The ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** is a journal specialized in disseminating studies on Latin America. Created in 2002 by the Latin America's Integration Graduate Program – Prolam/USP, in the initial phase ***BJLAS*** aimed to promote the environment of regional integration with publications in this field of knowledge. Over the years, the journal has expanded its disciplinary universe and today publishes graduate scientific productions in the different fields of the humanities, arts and social sciences.

To ensure the focus of the journal's publications, ***BJLAS*** editors have prioritized issues of regional impact for Latin America and works with comparative methodologies on two or more countries of the continent. The purpose is that these publications contribute significantly to the advancement of knowledge about Latin America and to the dissemination of what is produced in the various research centers on the region, thus articulating the plurality of theoretical perspectives, research lines and alternative ways of interpretation.

Such are the motivations of the ***BJLAS*** editorial line that encourages authors to carry out analyzes on cross-cutting approaches on social, political, cultural, economic, legal, historical and artistic issues with transdisciplinary perspectives. Finally, ***BJLAS*** stimulates authors to publish not only Articles, but also Critical Reviews of recent books or of great works by classical thinkers from Latin America, as well as Art Critics and Essays to interpret regional reality.

Editoras ***Editors***

Maria Cristina Cacciamali 
Universidade de São Paulo

Vivian Urquidi 
Universidade de São Paulo

Editores convidados ***Guest Editors***

Lúcio Fernando Oliver Costilla 
Universidad Autónoma de México

Eduardo Restrepo 
Universidad Javeriana de Colombia

ARTIGOS / Papers / Artículos

Pensando criticamente a América Latina: Carta às leitoras e aos leitores

Carta a las lectoras y a los lectores

Letter to readers

Vivian Urquidí

Maria Cristina Cacciamali

Bruno Massola Moda

01

Bolívar Echeverría: modernidad barroca latinoamericana

Bolívar Echeverría: modernidade barroca latino-americana

Bolívar Echeverría: Latin American baroque modernity

César Miguel Salinas Ramos

28

El anarquismo peruano y el nacimiento del “comunismo Inca”

O anarquismo peruano e o nascimento do “comunismo Inca”

Peruvian anarchism and the birth of "Inca communism"

Alfredo Gomez Muller

54

Desenhar e (d)escrever. integração de história da arte e pensamento social na América Latina (século XIX)

Dibujar y (d)escribir. integración de la historia del arte y el pensamiento social en América Latina (siglo XIX)

Drawing and Describing. integration of art history and social thinking in Latin America (19th century)

Andrea Ciacchi

74

Hacia una descolonización de la psicología latinoamericana: condición poscolonial, giro decolonial y lucha anticolonial

Rumo a uma descolonização da psicologia latino-americana: condição pós-colonial, virada decolonial e luta anticolonial

Towards a decolonization of Latin American psychology: postcolonial condition, decolonial turn and anti-colonial struggle

David Pavón-Cuéllar

95

Complexidade narrativa e dependência em Grande Sertão: veredas de Guimarães Rosa e Pedro Páramo de Juan Rulfo

Complexidad narrativa y dependencia en Grande Sertão: veredas de Guimarães Rosa y Pedro Páramo de Juan Rulfo

Narrative complexity and dependency in Grande Sertão: veredas by Guimarães Rosa and Pedro Páramo by Juan Rulfo

Gabriel dos Santos Lima

128

Racismo en Cuba: un análisis desde el número 2/2017 de la Revista El Mar y la Montaña, en Guantánamo

Racismo em Cuba: uma análise do número 2/2017 da Revista El Mar y la Montaña, em Guantánamo

Racism in Cuba: an analysis of issue 2/2017 of the Magazine el Mar y la Montaña, in Guantánamo

Mariurka Maturell Ruiz

Lisandro René Duvergel Smith

153

Pobreza y criminalización de la infancia en Cuba (1857-1936). Reformatorios para menores delincuentes y estrategias biopolíticas

Pobreza e criminalização de crianças em Cuba (1857-1936). Reformatórios para menores delinquentes e estratégias biopolíticas

Poverty and criminalization of children in Cuba (1857-1936). Reformatories for juvenile offenders and biopolitical strategies

Javier Ladrón de Guevara Marzal

Fernanda Martinhago

Sandra Caponi

182

A cidade em festa: fraternidades folclóricas bolivianas em São Paulo

La ciudad en fiesta: fraternidades folklóricas bolivianas en São Paulo

The city in celebration: Bolivian folkloric fraternities in São Paulo

Vinicius Mendes

213

Planejamento urbano em aglomerações transfronteiriças: análise dos sistemas de planejamento da aglomeração de Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR)

Planificación urbana en aglomeraciones transfronterizas: análisis de los sistemas de planificación de Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) y Puerto Iguazú (AR)

Urban planning in transborder agglomerations: analysis of the planning systems of Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) and Puerto Iguazú (AR)

André da Soler

Gislene Pereira

237

Comunidad e identidad colectiva. los desafíos de la integración: el caso de Palmira en Guantánamo, Cuba

Comunidade e identidade coletiva. os desafios da integração: o caso de Palmira em Guantánamo, Cuba

Community and collective identity. the challenges of integration: the case of Palmira in Guantanamo, Cuba

David Rubio Mendez

261

Hábitat urbano en la segunda década del siglo XXI: experiencia cubana

Habitat urbano na segunda década do século XXI: experiência cubana

Urban habitat in the second decade of the 21st century: Cuban experience

Dania González Couret

285

Regionalizações durante o período ditatorial brasileiro

Regionalizaciones en la dictadura brasileña

regionalization during the brazilian dictatorship

Tainá Siman

318

El documento de los cuatro y los orígenes de la Comunidad Andina

O documento dos quatro e as origens da Comunidade Andina

document of the four and the origins of the Andean Community

Flavia Loss de Araujo

343

A base espacial chinesa em Neuquén, Argentina

La estación espacial china en Neuquén, Argentina

China's space base in neuquén, Argentina

Rogério do Nascimento Carvalho

391

Panorama do comércio exterior brasileiro: evolução dos principais parceiros e produtos (1997-2020)

Panorama del comercio exterior brasileño: evolución de los principales socios comerciales y productos (1997-2020)

Overview of the brazilian international trade: evolution of main trading partners and products (1997-2020)

Romeu Bonk Mesquita

Edgard Monforte Merlo

Amaury Patrick Gremaud

414

Pedagogías de(s)coloniales: entre experiencias y consideraciones teórico-epistemológicas

441

Pedagogias de(s)coloniais: entre experiências e considerações teórico-epistemológicas

Decolonizing pedagogies: between experiences and theoretical-epistemological considerations

María Mercedes Palumbo

Paula Ramírez

Inés Fernández Mouján

Elson Santos Silva

Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Bruno Massola Moda³ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Pensando criticamente a América Latina: Carta às leitoras e aos leitores

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies, BJLAS***, tem o prazer de apresentar a edição de número 39 com um conjunto de artigos que permitem consolidar seu projeto editorial e intelectual a partir de análises em cinco campos de conhecimento: pensamento latino-americano; cultura, arte e literatura; sociedade, Estado e política públicas, além das relações internacionais.

Abrimos este número com quatro artigos que retratam momentos do pensamento que se produz na e sobre a América Latina a partir de distintos paradigmas, cujo eixo em comum é o propósito de criar um conhecimento local em diálogo e/ou tensão com os saberes eurocentrados.

A primeira contribuição que apresentamos na ***BJLAS*** é a revisão crítica e primorosa das análises singulares sobre a modernidade latino-americana, que foram elaboradas pelo filósofo equatoriano Bolívar Echeverría (1941-2010). Numa perspectiva marxista, Echeverría realiza uma das interpretações mais criativas da modernidade latino-americana - a *modernidade barroca* - como experiência estética de mestiçagem cultural

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É Professora adjunta da Universidade de São Paulo no Curso de Gestão de Políticas Públicas e nos Programas de Pós-graduação Integração da América Latina e de Estudos Culturais. *E-mail:* vurquidi@usp.br

² Doutora em Economia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e na Universidad de Nueva México. É Professora titular da Universidade de São Paulo na Faculdade de Economia e Administração e no Programas de Pós-graduação Integração da América Latina *E-mail:* cciamali@uol.com.br

³ Doutorando pelo Programas de Pós-graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. *E-mail:* bruno.moda@hotmail.com

e de resistência à modernidade capitalista e àquela das produções fetichizadas. **“BOLÍVAR ECHEVERRÍA: MODERNIDADE BARROCA LATINO-AMERICANA”** é um artigo escrito pelo pesquisador e doutorando na **Universidade do Vale dos Sinos** (Brasil).

A segunda análise crítica que se apresenta neste bloco sobre pensamento latino-americano se debruça sobre a compreensão do projeto intelectual e político do anarquismo de início de século XX no Peru, como corrente que se propõe como alternativa ao marxismo na luta pela construção da emancipação nacional. Numa cuidadosa análise das estratégias e dos pressupostos desta corrente de pensamento e ação política, o artigo **“O ANARQUISMO PERUANO E O NASCIMENTO DO ‘COMUNISMO INCA’”** argumenta que é possível contrastar o anarquismo peruano, e também relacioná-lo, com uma das interpretações mais ousadas do socialismo latino-americano, concebido pelo marxista José Carlos Mariátegui a partir do comunismo inca. O artigo faz ainda uma crítica consistente a um momento do pensamento social então carregado por valores coloniais e preconceitos sobre a matriz indígena latino-americana. Por todos estes motivos, o artigo do pesquisador Alfredo Gomez Muller, da **Université des Tours** (França), é uma crítica precisa que permitirá também entender o valor do idealismo e compromisso ético e político dos anarquistas – foco da análise – e do seu projeto revolucionário a partir das experiências comunitárias dos povos indígenas.

Retrocedamos ainda mais no tempo, para o século XIX, e encontraremos a sensibilidade estética do italiano Guido Boggiani, um *‘artista viajante’*, que pensou, desenhou e interpretou a América indígena encontrada na sua passagem pelo Paraguai, que lhe permitiu constituir um acervo etnográfico e de obras de grande reconhecimento nos círculos artísticos europeus e latino-americanos. Ao resgatar a obra de Boggiani “a título de exemplo”, o autor do artigo, Andrea Ciacchi, docente e pesquisador da **Universidade Federal da Integração Latino-Americana** (UNILA-Brasil), nos desafia a conhecer não apenas o pensamento de

artistas que também eram narradores, analistas, comentadores e ilustradores da diversidade latino-americana daquela época. Em **“DESENHAR E (D)ESCREVER. INTEGRAÇÃO DE HISTÓRIA DA ARTE E PENSAMENTO SOCIAL NA AMÉRICA LATINA (SÉCULO XIX)”**, o pesquisador da UNILA nos convida a pensar a história da arte latino-americana a partir do testemunho de artistas visuais que, “de suas posições assumidas nos cenários sociais e intelectuais das suas épocas”, nos oferecem interpretações outras sobre a realidade latino-americana.

Fechamos o primeiro bloco de pensamento sobre a América Latina com um trabalho no campo da psicologia, uma área pouco explorada na teoria social da região. O autor do artigo é o mexicano David Pavón-Cuéllar (**Universidade Michoacana**, México) que analisada a produção de conhecimento na psicologia sob a égide do projeto de descolonização epistêmica. O trabalho se intitula **“RUMO A UMA DESCOLONIZAÇÃO DA PSICOLOGIA LATINO-AMERICANA: CONDIÇÃO PÓS-COLONIAL, VIRADA DECOLONIAL E LUTA ANTICOLONIAL”** e constitui uma revisão crítica ao pensamento decolonial, ora predominante nas ciências sociais e nas pesquisas sobre a América Latina. Sem negar a importância dos pressupostos do projeto intelectual e político decolonial, o autor nos convida a rever a condição pós-colonial, repensando também a superação do conflito epistêmico entre o indígena e o ocidental. Propõe apostar em última instância na coexistência dos opostos, em antagonismo e complementaridade, como caminho possível para uma psicologia descolonizada.

O próximo bloco de artigos é dedicado a trabalhos que tratam de cultura e representação no campo literário, midiático, etnográfico e sociológico. Em diálogo interdisciplinar e partindo das grandes questões que atravessam a América Latina, quais sejam a pobreza, a fome ou o racismo, os artigos propostos retratam momentos distintos das sociedades

latino-americanas com suas culturas populares, suas lutas revolucionárias e suas pendências históricas não resolvidas.

Começando com a crítica literária realizada por Gabriel dos Santos Lima, do Programa de doutorado em Teoria Literária da **Universidade de São Paulo**, o artigo intitulado “**COMPLEXIDADE NARRATIVA E DEPENDÊNCIA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS DE GUIMARÃES ROSA E PEDRO PÁRAMO DE JUAN RULFO**” compara duas grandes obras da literatura latino-americana, cujos autores são diferentes, bem como diferentes são os cenários de representação das personagens centrais das obras. O trabalho comparativo se organiza a partir das relações que se estabelecem pelas experiências vividas da fome e da miséria típicas das ruralidades do México e do Brasil - e por que não dizer, da América Latina. A crítica literária será, assim, não apenas uma análise de duas grandes obras e de dois dos maiores representantes da literatura regional. Ela será também um retrato das diversas formas que assume o “*brutalismo latifundista*” latino-americano.

A partir de análises de narrativas de publicações sobre racismo e discriminação numa revista cubana, Mariurka Maturell Ruiz e Lisandro René Duvergel Smith, da **Universidade Federal de Santa Catarina** trazem à luz aspectos sensíveis da sociedade cubana e as limitações para debater sobre o problema do racismo na ilha caribenha. Em “**RACISMO EM CUBA: UMA ANÁLISE DO NÚMERO 2/2017 DA REVISTA EL MAR Y LA MONTAÑA, EM GUANTÁNAMO**”, analisam a edição especial de uma Revista cultural destinada a visibilizar a questão racial em Cuba. Com análises de textos, de ilustrações e apoiada em tabelas analíticas, o artigo conclui que o problema do racismo em Cuba continua matizado tanto na literatura acadêmica especializada como no discurso oficial. Indica que, muito embora as conquistas revolucionárias, a questão nacional relativa às identidades minoritárias afrocubanas ainda precisa enfrentar um debate aberto com a diversidade de atores sociais e políticos da nação.

O próximo artigo trata também do país caribenho, mas nos leva a uma Cuba do século XIX e início do século XX. A partir do conceito de biopolíticas, o autor analisa os reformatórios para crianças, como síntese das políticas e estratégias estatais para tratar dos problemas relacionados com os setores economicamente mais vulneráveis da população. **“POBREZA E CRIMINALIZAÇÃO DE CRIANÇAS EM CUBA (1857-1936). REFORMATÓRIOS PARA MENORES DELINQUENTES E ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS”** não é apenas o retrato da miséria, do desemprego e da criminalidade de uma Cuba datada nos anos de ausência de qualquer direito social. É principalmente um estudo sobre a construção de um tipo específico de discurso sobre os sujeitos marginalizados, pobres, delinquentes ou considerados com capacidades mentais limitadas, isto é, populações que não se adaptam à (auto)imagem das elites cubanas ou aos modelos ocidentais buscados pelos setores dominantes de qualquer país latino-americano. O trabalho é o resultado de um rico levantamento de fontes documentais e foi produzido pela equipe de pesquisadores da **Universidade Federal de Santa Catarina**, Javier Ladrón de Guevara Marzal, Fernanda Martinhago e Sandra Caponi.

O último artigo deste bloco que articula a representação de aspectos sociais e culturais trata da migração de bolivianos para a cidade de São Paulo. O estudo é de grande originalidade. Em lugar de apostar nas perspectivas analíticas predominantes sobre o tema, isto é, no estudo das relações de trabalho dos bolivianos em oficinas de costura, Vinícius Mendes, pesquisador em Sociologia pela **Universidade de São Paulo**, interpreta a ruptura do tempo do trabalho pelo tempo da festa na comunidade de bolivianos. **“A CIDADE EM FESTA: FRATERNIDADES FOLCLÓRICAS BOLIVIANAS EM SÃO PAULO”** é um retrato de uma população de migrantes que vivencia e ocupa a nova cidade em que irá residir, territorializando-se nos espaços urbanos e recriando com suas festas os mapas dinâmicos culturais da cidade.

O diálogo entre geografia e planejamento urbano define o campo de conhecimento das próximas análises apresentadas neste número da **BJLAS**. Nesta seção, são publicados estudos de caso e análises de políticas públicas mais amplas, que traduzem os desafios e as respostas -ou a ausência delas- de planejamento em locais onde as dinâmicas sociais definem o uso prioritário dos territórios.

O primeiro artigo é uma análise comparada do tipo de ocupações e planejamento urbano na região de fronteira de Brasil, Argentina e Paraguai. O estudo é realizado pelos pesquisadores da **Universidade Federal do Paraná**, André Soler e Gislene Pereira, que interpretam as políticas urbanas e os sistemas normativos que regulamentam as cidades fronteiriças à luz de fatores econômicos e geopolíticos. As análises são acompanhadas de mapas coloridos e tabelas comparativas que ilustram as análises e permitem melhor compreensão das dificuldades do **“PLANEJAMENTO URBANO EM AGLOMERAÇÕES TRANSFRONTEIRIÇAS: ANÁLISE DOS SISTEMAS DE PLANEJAMENTO DA AGLOMERAÇÃO DE FOZ DO IGUAÇU (BR), CIUDAD DEL ESTE (PY) E PUERTO IGUAZÚ (AR)”**.

A formação espontânea de comunidades urbanas e os desafios de planejamento das periferias e semiperiferias é o tema de **“COMUNIDADE E IDENTIDADE COLETIVA. OS DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO: O CASO DE PALMIRA EM GUANTÁNAMO, CUBA”**. O estudo de caso traz inovações ao campo relacionado aos estudos urbanos sobre assentamentos, e seus resultados foram obtidos a partir de uma pesquisa de fôlego, desenvolvida entre os anos de 2011 e 2019. O propósito deste estudo é retratar não apenas a ocupação territorial nas margens da cidade de Guantánamo, mas principalmente analisar aspectos históricos e subjetivos dos assentamentos, bem como a formação e a consolidação de comunidades de identidade de populações migrantes que advêm de diversas origens da região. O estudo foi desenvolvido por uma equipe de pesquisadores principalmente da *Universidad de Guantánamo* e da *Universidad de La Habana*, de modo que este artigo traz os dados novos dessa pesquisa, com

ilustrações de mapas, figuras e tabelas atualizadas pelo autor, David Rubio Méndez, da **Universidad de La Habana**.

Os desafios políticos e econômicos atuais de Cuba e também a gestão do habitat urbano são tema central do próximo artigo. O país caribenho acumula as consequências do bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos ao longo de décadas, o que impacta e fragiliza as conquistas revolucionárias da ilha. Nesse contexto, este estudo analisa não apenas a temática do **“HABITAT URBANO NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI: EXPERIÊNCIA CUBANA”**, como nos oferece uma síntese cuidadosa e importante das principais políticas sociais estatais desde a Revolução Cubana, principalmente na área da moradia. O artigo foi elaborado por Dania Gonzalez Couret e resulta de uma pesquisa consolidada de 20 anos de trabalho de articulação de uma equipe de pesquisadores do Programa de Mestrado em Vivienda Social e do Programa de Doutorado em Arquitectura da **Universidad Tecnológica de La Habana**. Com fotografias e figuras que comparam as mudanças no tempo, o estudo não se furta aos desafios do futuro para o modelo cubano. Destaca como elemento central para a superação dos desafios futuros a capacidade de resiliência do povo cubano, amparada no sentido de comunidade, solidariedade, colaboração e, entre outros aspectos subjetivos, na sua capacidade de organização social, seu capital científico e técnico, e sua criatividade.

Fechamos o número 39 da **BJLAS** com o último bloco de artigos sobre Relações Internacionais, Política Externa e Economia cumprindo assim com a tarefa de congregar estudos interdisciplinares que permitam entender a complexidade da realidade latino-americana.

O primeiro artigo deste bloco situa-se no período das ditaduras no Brasil e em vários países da América Latina, iniciadas na década de 1960 e, por isso, constitui-se um trabalho histórico sobre a memória da integração regional. Sob o título **“REGIONALIZAÇÕES DURANTE O PERÍODO**

DITATORIAL BRASILEIRO”, a pesquisadora Tainá Siman da **Universidade do Estado do Rio de Janeiro** analisa a política externa e o regionalismo dos militares brasileiros, ora em busca de alianças com os vizinhos, ora de maior isolamento, ora de alinhamento ou subordinação às pressões dos Estados Unidos. As oscilações da política externa brasileira teriam sido induzidas pelo caráter dependente deste país num contexto internacional polarizado, impactando desse modo também todos os movimentos e planos de integração regional.

O artigo que vem a seguir é o resgate também histórico de um projeto de integração dos países andinos para a criação de um mercado comum. A síntese crítica aqui apresentada resulta da análise de um *Documento* escrito por intelectuais como Raúl Prebisch - o *Documento dos Quatro* - em que se consagram diagnósticos e diretrizes para o pensamento integracionista da região. **“O DOCUMENTO DOS QUATRO E AS ORIGENS DA COMUNIDADE ANDINA”** é um artigo de autoria de Flavia Loss de Araújo, do Instituto de Relações Internacionais da **Universidade de São Paulo**.

As duas últimas análises são trabalhos a partir de problemáticas de grande relevância contemporânea. O primeiro estudo trata das relações da Argentina com a China e de acordos econômicos e militares que, se por um lado diminuem o impacto econômico da crise que o país latino-americanos enfrenta nas últimas décadas, por outro vulneram sua soberania territorial. **“A BASE ESPACIAL CHINESA EM NEUQUÉN, ARGENTINA”** é um artigo original e de grande importância para entender o avanço da cooperação econômica e científica entre países da América Latina e China. Foi realizado pelo investigador do **Programa de Pós-graduação Integração da América Latina** da **Universidade de São Paulo**, Rogério do Nascimento Carvalho.

O último artigo da **Brazilian Journal of Latin American Studies** é um estudo denso abarcando dados sobre o **“PANORAMA DO COMÉRCIO**

EXTERIOR BRASILEIRO: EVOLUÇÃO DOS PRINCIPAIS PARCEIROS E PRODUTOS (1997-2020)”. Em análises amparadas em dados atualizados sobre exportação e produção agroindustrial, com gráficos e tabelas comparativas ao longo do tempo, os autores do artigo - Romeu Bonk Mesquita, Edgard Monforte Merlo e Amaury Patrick Gremaud, pesquisadores da **Universidade de São Paulo - analisam as tendências do comércio internacional das *commodities* brasileiras.**

Ao finalizar a edição, a **BJLAS** traz como sempre uma resenha de uma obra recente e relevante para os estudos sobre a América Latina. A tarefa é dos investigadores Maria Mercedes Palumbo da **Universidad de Buenos Aires**, Paula Ramírez da **Universidad Nacional del Comahue**, Inés Fernández Mouján da **Universidad Nacional de Mar del Plata**, e Elson Santos Silva, da **Universidade Federal de Goiás**, que, na resenha **“PEDAGOGIAS DE(S)COLONIAIS: ENTRE EXPERIÊNCIAS E CONSIDERAÇÕES TEÓRICO - EPISTEMOLÓGICAS”**, apresenta o livro *“Pedagogias de(s)coloniais: Saberes e fazeres”*. Publicado em 2020, o livro reúne o trabalho intelectual de especialistas e estudiosos do pensamento de(s)colonial no campo da pedagogia, que atuam e investigam a temática em diversos países da América Latina. As perspectivas e experiências plurais de cada autor do livro garantem assim a originalidade e a relevância que devem caracterizar trabalhos críticos sobre o pensamento latino-americano.

DOI:[10.11606/jssn.1676-6288.prolam.2021.188055](https://doi.org/10.11606/jssn.1676-6288.prolam.2021.188055)

Recebido em: 01/07/2021
Aprovado em: 01/07/2021
Publicado em: 01/07/2021

Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Bruno Massola Moda³ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Pensando críticamente sobre América Latina: Carta a las lectoras y a los lectores

La ***Brazilian Journal of Latin American Studies, BJLAS***, se complace en presentar su 39ª edición con un conjunto de artículos que le permiten consolidar su proyecto editorial e intelectual a partir de análisis en cinco campos del conocimiento: pensamiento latinoamericano; cultura, arte y literatura; sociedad, estado y políticas públicas, además de relaciones internacionales.

Abrimos este número con cuatro artículos que retratan momentos de un pensamiento producidos en y sobre América Latina desde diferentes paradigmas, cuyo eje común es el propósito de generar conocimiento local en diálogo y/o tensión con los saberes eurocentrados.

El primer aporte que presentamos en ***BJLAS*** es la crítica cuidadosa y revisión de los singulares análisis de la modernidad latinoamericana, que fueron elaborados por el filósofo ecuatoriano Bolívar Echeverría (1941-2010). Desde una perspectiva marxista, Echeverría realiza una de las interpretaciones más creativas de la modernidad latinoamericana - *la*

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É Professora adjunta da Universidade de São Paulo no Curso de Gestão de Políticas Públicas e nos Programas de Pós-graduação Integração da América Latina e de Estudos Culturais. *E-mail:* vurquidi@usp.br

² Doutora em Economia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e na Universidad de Nueva México. É Professora titular da Universidade de São Paulo na Faculdade de Economia e Administração e no Programas de Pós-graduação Integração da América Latina *E-mail:* cciamali@uol.com.br

³ Doutorando pelo Programas de Pós-graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. *E-mail:* bruno.moda@hotmail.com

modernidad barroca - como una experiencia estética de mestizaje cultural y resistencia a la modernidad capitalista y a la de las producciones fetichizadas. **“BOLÍVAR ECHEVERRÍA: MODERNIDAD BARROCA LATINOAMERICANA”** es un artículo escrito por el investigador y estudiante de doctorado de la **Universidade do Vale dos Sinos** (Brasil).

El segundo análisis crítico que se presenta sobre el pensamiento latinoamericano se preocupa por comprender el proyecto intelectual y político del anarquismo de principios del siglo XX en el Perú, como una corriente alternativa al marxismo en la lucha por la construcción de una emancipación nacional. En un análisis delicado de las estrategias y supuestos de esta corriente de pensamiento y acción política, el artículo **“EL ANARQUISMO PERUANO Y EL NACIMIENTO DEL 'COMUNISMO INCA”** sostiene que es posible contrastar el anarquismo peruano, y también relacionarlo, con uno de las interpretaciones más arrojados del socialismo latinoamericano, concebido por el marxista José Carlos Mariátegui a partir del comunismo inca. El artículo también hace una crítica consistente de un momento del pensamiento social en aquel entonces cargado de valores coloniales y prejuicios sobre la matriz indígena latinoamericana. Por todo ello, el artículo del investigador Alfredo Gómez Muller, de la **Université des Tours** (Francia), es una crítica precisa que también nos permitirá comprender el valor del idealismo y el compromiso ético y político de los anarquistas - foco de la análisis - y de su proyecto revolucionario a partir de las experiencias comunitarias de los pueblos indígenas.

Nos remontamos aún más en el tiempo, al siglo XIX, y encontraremos la sensibilidad estética del italiano Guido Boggiani, un *'artista viajero'*, que pensó, diseñó e interpretó la América indígena encontrada en su paso por Paraguay, lo que le permitió construir una colección etnográfica y de obras de gran reconocimiento en los círculos artísticos europeos y latinoamericanos. Al rescatar la obra de Boggiani

“como ejemplo”, el autor del artículo, Andrea Ciacchi, profesor e investigador de la **Universidade Federal da Integração da Latino-Americana** (UNILA/Brasil), nos desafía a conocer no solo el pensamiento de artistas que también fueron narradores, analistas, comentaristas e ilustradores de la diversidad latinoamericana de aquella época. En “**DIBUJAR Y (D)ESCRIBIR. INTEGRACIÓN DE LA HISTORIA DEL ARTE Y EL PENSAMIENTO SOCIAL EN AMÉRICA LATINA (SIGLO XIX)**”, la investigadora de la UNILA nos invita a reflexionar sobre la historia del arte latinoamericano a partir del testimonio de artistas visuales que, “desde sus posiciones asumidas en lo social e intelectual de su tiempos”, nos ofrecen otras interpretaciones de la realidad latinoamericana.

Cerramos la primera parte de artículos sobre el pensamiento latinoamericano con un trabajo en el campo de la psicología, un área poco inquirida a partir de las teorías sociales producidas en la región. El autor del artículo es el mexicano David Pavón-Cuéllar (**Universidade Michoacana**, México) quien analizó la producción de conocimiento en psicología bajo la égida del proyecto de descolonización epistémica. El trabajo se titula “**Hacia una descolonización de la psicología latinoamericana: condición poscolonial, giro decolonial y lucha anticolonial**” y constituye una revisión crítica del pensamiento descolonial, hoy predominante en las ciencias sociales y en las investigaciones sobre América Latina. Sin negar la importancia de los supuestos del proyecto intelectual y político descolonial, el autor nos invita a observar la condición poscolonial, repensando también la superación del conflicto epistémico entre lo indígena y lo occidental. En definitiva, propone apostar por la convivencia de los contrarios, en el antagonismo y la complementariedad, como posible camino hacia una psicología descolonizada.

El siguiente segmento de artículos está dedicado a trabajos relacionados con la cultura y la representación en los campos literario, mediático, etnográfico y sociológico. En un diálogo interdisciplinario y partiendo de los grandes temas que atraviesan América Latina, a saber, la

pobreza, el hambre o el racismo, los artículos propuestos retratan diferentes momentos de las sociedades latinoamericanas con sus culturas populares, sus luchas revolucionarias y sus cuestiones históricas pendientes.

A partir da crítica literaria realizada por Gabriel dos Santos Lima, del Programa de Doctorado en *Teoría Literária* de la **Universidade de São Paulo**, el artículo titulado "**Complexidad Narrativa y Dependencia en Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa y Pedro Páramo de Juan Rulfo**" compara dos grandes obras de la literatura latinoamericana, cuyos autores son diferentes, así como diferentes son los escenarios en que los personajes centrales son representados en las obras. El trabajo comparativo se organiza a partir de las relaciones que establecen las experiencias vividas de hambre y miseria, propias de las ruralidades de México y Brasil - y por qué no decirlo, de América Latina. La crítica literaria no será, pues, un simple análisis de dos grandes obras y dos de los más grandes representantes de la literatura regional. También será un retrato de las diferentes formas que asume el "*brutalismo terrateniente*" latinoamericano.

A partir del análisis de narrativas de publicaciones sobre racismo y discriminación en una revista cubana, Mariurka Maturell Ruiz y Lisandro René Duvergel Smith, de la Universidad Federal de Santa Catarina sacan a la luz aspectos sensibles de la sociedad cubana y las limitaciones para debatir el problema del racismo en la isla caribeña. En "**EL RACISMO EN CUBA: UNA APROXIMACIÓN DESDE EL NÚMERO 2/2017 DE LA REVISTA EL MAR Y LA MONTAÑA, EN GUANTÁNAMO**", analizan la edición especial de una Revista cultural destinada a visibilizar el tema racial en Cuba. Con análisis de texto, ilustraciones y apoyado por tablas analíticas, el artículo concluye que el problema del racismo en Cuba sigue matizado tanto en la literatura académica especializada como en el discurso oficial, indicando que, a pesar de los logros revolucionarios, la cuestión nacional de las

identidades minoritarias afrocaribeñas aún tiene que enfrentar un debate abierto con la diversidad de actores sociales y políticos de la nación.

El siguiente artículo también trata sobre el país caribeño, pero nos lleva a una Cuba del siglo XIX y principios del XX. A partir del concepto de biopolítica, la autora analiza los reformatorios para la niñez, como síntesis de las políticas y estrategias estatales para enfrentar problemas relacionados con los sectores económicamente más vulnerables de la población. "**POBREZA Y CRIMINALIZACIÓN DE LA INFANCIA EN CUBA (1857-1936). REFORMATARIOS PARA MENORES DELINCUENTES Y ESTRATEGIAS BIOPOLÍTICAS**" no es solo un retrato de la pobreza, el desempleo y la criminalidad en una Cuba que se remonta a los años de ausencia de derechos sociales. Se trata principalmente de un estudio sobre la construcción de un tipo específico de discurso sobre marginados, pobres, delincuentes o considerados con capacidades mentales limitadas, es decir, poblaciones que no se adaptan a la (auto)imagen de las élites cubanas ni a los modelos occidentales, seguidos por sectores dominantes de cualquier país latinoamericano. El trabajo es el resultado de una recolección valiosa de fuentes documentales y fue elaborado por el equipo de investigadores de la **Universidad Federal de Santa Catarina**, Javier Ladrón de Guevara Marzal, Fernanda Martinhago y Sandra Caponi.

El último artículo de este conjunto de trabajos que articula representación de aspectos sociales y culturales trata sobre la migración de bolivianos a la ciudad de São Paulo. El estudio es de gran originalidad. En lugar de apostar por las perspectivas analíticas predominantes sobre el asunto, es decir, por estudios de las relaciones laborales de los bolivianos en los talleres de costura, Vinícius Mendes, investigador en sociología de la **Universidad de São Paulo**, interpreta la ruptura del tiempo de trabajo por el tiempo de fiesta en la comunidad boliviana. "**La ciudad en fiesta: fraternidades folklóricas bolivianas en São Paulo, Brasil**" es un retrato de una población de migrantes que vive y ocupa la nueva ciudad en la que

residirá, territorializándose en los espacios urbanos y recreando con sus *fraternidades* los dinámicos mapas culturales de la ciudad.

El diálogo entre geografía y urbanismo define el campo del conocimiento para los próximos análisis que se presentan en este número de **BJLAS**. En esta sección son publicados estudios de caso y análisis de políticas públicas más amplias, que reflejan los desafíos y respuestas -o la ausencia de las mismos- de la planificación en lugares donde las dinámicas sociales definen el uso prioritario de los territorios.

El primer artículo es un análisis comparativo del tipo de ocupación y planificación urbana en la región fronteriza de Brasil, Argentina y Paraguay. El estudio es realizado por investigadores de la **Universidad Federal de Paraná**, André Soler e Gislene Pereira, quienes interpretan las políticas urbanas y los sistemas normativos que regulan las ciudades fronterizas a la luz de factores económicos y geopolíticos. Los análisis se acompañan de mapas coloridos y tablas comparativas que ilustran los análisis y permiten una mejor comprensión de las dificultades de "**PLANIFICACIÓN URBANA EN AGLOMERACIONES TRANSFRONTERIZAS: ANÁLISIS DE LOS SISTEMAS DE PLANIFICACIÓN DE FOZ DO IGUAÇU (BR), CIUDAD DEL ESTE (PY) Y PUERTO IGUAZÚ (AR)**".

La formación espontánea de comunidades urbanas y los desafíos de la planificación de la periferia y semiperiferia es el tema de "**COMUNIDAD E IDENTIDAD COLECTIVA. LOS DESAFÍOS DE LA INTEGRACIÓN: EL CASO DE PALMIRA EN GUANTÁNAMO, CUBA**". El estudio de caso aporta innovaciones al campo relacionado con los estudios urbanos sobre asentamientos, y sus resultados fueron obtenidos en una investigación exhaustiva, realizada entre 2011 y 2019. El propósito de este estudio es retratar no solo la ocupación territorial en los márgenes de la ciudad de Guantánamo, pero principalmente analizar aspectos históricos y subjetivos de los asentamientos, así como la formación y consolidación de comunidades identitarias de poblaciones migrantes que provienen de

diferentes orígenes en la región. El estudio fue desarrollado por un equipo de investigadores de la *Universidad de Guantánamo* y de la *Universidad de La Habana*, por lo que este artículo trae nuevos datos de esta investigación, con ilustraciones de mapas, figuras y tablas actualizadas por el autor, David Rubio Méndez, de la **Universidad de La Habana**.

Los desafíos políticos y económicos actuales de Cuba, así como la gestión del hábitat urbano, son fundamentales para el próximo artículo. El país caribeño acumula las consecuencias del bloqueo económico impuesto por Estados Unidos desde hace décadas, que impacta y debilita los logros revolucionarios de la isla. En este contexto, este estudio no solo analiza el tema “**HÁBITAT URBANO EN LA SEGUNDA DÉCADA DEL SIGLO XXI: EXPERIENCIA CUBANA**”, sino que también ofrece una cuidadosa e importante síntesis de las principales políticas sociales estatales desde la Revolución Cubana, especialmente en la gestión de la vivienda. El artículo fue escrito por Dania González Couret y es el resultado de una investigación consolidada de 20 años de trabajo de articulación de un equipo de investigadores de la *Maestría en Vivienda Social* y el *Programa de Doctorado en Arquitectura* de la **Universidad Tecnológica de La Habana**. Con fotografías y figuras que comparan los cambios a lo largo del tiempo, el estudio no rehuye los desafíos del futuro para el modelo cubano. Pero destaca como elemento central para la superación de esos desafíos futuros la capacidad de resiliencia del pueblo cubano, sustentada en el sentido de comunidad, solidaridad, colaboración y, entre otros aspectos subjetivos, en su capacidad de organización social, su capital científico y técnico, y su creatividad.

Cerramos el número 39 de **BJLAS** con el último grupo de artículos sobre Relaciones Internacionales, Política Exterior y Economía, cumpliendo así la tarea de acercar estudios interdisciplinarios que permitan entender la complejidad de la realidad latinoamericana.

El primer artículo de este segmento se ubica en el período de dictaduras en Brasil y en varios países de América Latina, que se inició en la década de 1960 y, por tanto, constituye un trabajo histórico sobre la memoria de la integración regional. Bajo el título "**REGIONALIZACIONES EN LA DICTADURA BRASILEÑA**", la investigadora Tainá Siman de la **Universidade do Estado do Rio de Janeiro** analiza la política exterior y el regionalismo de los militares brasileños, en busca de alianzas con vecinos, o por el contrario, de mayor aislamiento, o de alineación y subordinación a las presiones estadounidenses. Las oscilaciones de la política exterior brasileña habrían sido inducidas por el carácter dependiente del país en un contexto internacional polarizado, impactando así también todos los movimientos y planes de integración regional.

El artículo que sigue es también una recuperación histórica de un proyecto de integración para la creación de un mercado común entre los países andinos. La síntesis crítica que aquí se presenta es el resultado del análisis de un *Documento* elaborado por intelectuales como Raúl Prebisch - el Documento de los Cuatro - en el que se consagran diagnósticos y pautas con directrices para el pensamiento integracionista en la región. "**EL DOCUMENTO DE LOS CUATRO Y LOS ORÍGENES DE LA COMUNIDAD ANDINA**" es artículo de autoría de Flavia Loss de Araújo, del *Instituto de Relações Internacionais* de la **Universidade de São Paulo**.

Los dos últimos análisis son trabajos basados en temas de gran relevancia contemporánea. El primer estudio aborda las relaciones de Argentina con China y los acuerdos económicos y militares que, por un lado, reducen el impacto económico de la crisis que ha enfrentado el país latinoamericano en las últimas décadas; pero por otro, atentan contra su soberanía territorial. "**LA ESTACIÓN ESPACIAL CHINA EN NEUQUÉN, ARGENTINA**" es un artículo original y muy importante para comprender el avance de la cooperación económica y científica entre los países latinoamericanos y China. Fue realizado por Rogério do Nascimento

Carvalho, investigador del **Programa de Pós-graduação Integração da América Latina** de la **Universidade de São Paulo**.

El último artículo de la **Brazilian Journal of Latin American Studies** es un denso estudio que cubre los datos sobre el “**PANORAMA DEL COMERCIO EXTERIOR BRASILEÑO: EVOLUCIÓN DE LOS PRINCIPALES SOCIOS COMERCIALES Y PRODUCTOS (1997-2020)**”. En análisis apoyados en datos actualizados sobre exportaciones y producción agroindustrial, con gráficos y tablas comparativas al largo del periodo, los autores del artículo - Romeu Bonk Mesquita, Edgard Monforte Merlo y Amaury Patrick Gremaud, investigadores de la **Universidade de São Paulo** - analizan tendencias en el comercio internacional de las materias primas brasileñas.

Al final de la edición, **BJLAS** trae, como siempre, una reseña de un trabajo reciente y relevante para los estudios sobre América Latina. Corresponde la tarea a los investigadores María Mercedes Palumbo de la **Universidad de Buenos Aires**, Paula Ramírez de la **Universidad Nacional del Comahue**, Inés Fernández Mouján de la **Universidad Nacional de Mar del Plata**, y Elson Santos Silva, de la **Universidade Federal de Goiás**. quien en la reseña “**PEDAGOGIAS DE(S)COLONIAIS: ENTRE EXPERIÊNCIAS E CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS**”, presenta el libro “**Pedagogias de(s)coloniais. Saberes e fazeres**” [*Pedagogías de(s)coloniales: Saberes y haceres*]. Publicado en 2020, el libro reúne el trabajo intelectual de especialistas y estudiosos del pensamiento de(s)colonial en el campo de la pedagogía, que trabajan e investigan el tema en varios países de América Latina. Las perspectivas y vivencias plurales de cada autor del libro garantizan así la originalidad y relevancia que deben caracterizar las obras críticas sobre el pensamiento latinoamericano.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.188055](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.188055)

Recebido em: 01/07/2021
Aprovado em: 01/07/2021
Publicado em: 01/07/2021

Vivian Urquidí¹ 

Maria Cristina Cacciamali² 

Bruno Massola Moda³ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Thinking critically about Latin America: Letter to readers

The ***Brazilian Journal of Latin American Studies, BJLAS***, is pleased to present its 39th edition with a set of articles that allow it to consolidate its editorial and intellectual project based on analyzes in five fields of knowledge: Latin American thought; culture, art and literature; society, State and public policy, and international relations.

We open this issue with four articles that portray moments of thought produced in and about Latin America from different paradigms, whose common axis is the purpose of creating local knowledge in dialogue and/or tension with Eurocentered knowledge.

The first contribution we present in ***BJLAS*** is the critical and excellent review of the unique analyzes of Latin American modernity, which were elaborated by the Ecuadorian philosopher Bolívar Echeverría (1941-2010). From a Marxist perspective, Echeverría performs one of the most creative interpretations of Latin American modernity - baroque modernity - as an aesthetic experience of cultural miscegenation and resistance to capitalist modernity and that of fetishized productions. "***BOLÍVAR ECHEVERRÍA:***

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. É Professora adjunta da Universidade de São Paulo no Curso de Gestão de Políticas Públicas e nos Programas de Pós-graduação Integração da América Latina e de Estudos Culturais. *E-mail:* vurquidi@usp.br

² Doutora em Economia pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e na Universidad de Nueva México. É Professora titular da Universidade de São Paulo na Faculdade de Economia e Administração e no Programas de Pós-graduação Integração da América Latina *E-mail:* cciamali@uol.com.br

³ Doutorando pelo Programas de Pós-graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo. *E-mail:* bruno.moda@hotmail.com

LATIN AMERICAN BAROQUE MODERNITY" is an article written by the researcher and doctoral student at the **University of Vale dos Sinos** (Brazil).

The second critical analysis presented in this block on Latin American thought focuses on understanding the intellectual and political project of anarchism at the beginning of the 20th century in Peru, as a current that proposes itself as an alternative to Marxism in the struggle for the construction of national emancipation. In a careful analysis of the strategies and assumptions of this current of thought and political action, the article **"PERUVIAN ANARCHISM AND THE BIRTH OF 'INCA COMMUNISM' "** argues that it is possible to contrast Peruvian anarchism, and also relate it, to one of the boldest interpretations of Latin American socialism, conceived by the Marxist José Carlos Mariátegui on the basis of Inca communism. The article also makes a consistent critique of a moment in social thought then charged by colonial values and prejudices about the Latin American indigenous matrix. For all these reasons, the article by researcher Alfredo Gomez Muller, from the **Tours University** (France), is a precise criticism that will also allow us to understand the value of the idealism and ethical and political commitment of anarchists – the focus of the analysis – and of their revolutionary project from the community experiences of indigenous peoples.

We go back even further in time, to the 19th century, and we will find the aesthetic sensibility of the Italian Guido Boggiani, a 'traveling artist', who thought, drew pictures and interpreted the indigenous America found in his passage through Paraguay, which allowed him to build an ethnographic collection and gather works of great recognition in European and Latin American artistic circles. By rescuing Boggiani's work "*as an example*", the author of the article, Andrea Ciacchi, professor and researcher at the Federal **University for the Integration of Latin America** (UNILA-Brazil), challenges us to know not only the thoughts of artists who were also narrators, analysts, commentators and illustrators of the Latin

American diversity of that time. In "**DRAWING AND DESCRIBING. INTEGRATION OF ART HISTORY AND SOCIAL THINKING IN LATIN AMERICA (19th CENTURY)**", the researcher from UNILA invites us to think about the history of Latin American art from the testimony of visual artists who, "*from their positions taken in social and intellectuals of their times*", offer us other interpretations of the Latin American reality.

We closed the first block of thought on Latin America with work in the field of psychology, an area that has been little explored in social theory in the region. The author of the article is the Mexican David Pavón-Cuéllar (**Michoacana University**, Mexico) who analyzed the production of knowledge in psychology under the aegis of the epistemic decolonization project. The work is entitled "**TOWARDS A DECOLONIZATION OF LATIN AMERICAN PSYCHOLOGY: POSTCOLONIAL CONDITION, DECOLONIAL TURN AND ANTI-COLONIAL STRUGGLE**" and constitutes a critical review of decolonial thinking, now predominant in social sciences and in research on Latin America. Without denying the importance of the assumptions of the decolonial intellectual and political project, the author invites us to review the post-colonial condition, also rethinking the overcoming of the epistemic conflict between the indigenous and the Western. Ultimately, he proposes to bet on the coexistence of opposites, on antagonism and complementarity, as a possible path towards a decolonized psychology.

The next block of articles is dedicated to works dealing with culture and representation in the literary, media, ethnographic and sociological fields. In an interdisciplinary dialogue and starting from the major issues relevant to Latin America, namely poverty, hunger or racism, the proposed articles portray different moments of Latin American societies with their popular cultures, their revolutionary struggles and their unresolved historical issues.

Starting with the literary criticism by Gabriel dos Santos Lima, from the Doctoral Program in *Literary Theory* at the **University of São Paulo**, the

article entitled **“NARRATIVE COMPLEXITY AND DEPENDENCY IN GRANDE SERTÃO: VEREDAS BY GUIMARÃES ROSA AND PEDRO PÁRAMO BY JUAN RULFO”** compares two great works of Latin American literature, whose authors are different, as well as different are the scenarios for the representation of the central characters of the works. The comparative work is organized from the relationships established by the lived experiences of hunger and misery typical of ruralities in Mexico and Brazil - and why not say, in Latin America. Literary criticism will thus be not just an analysis of two great works and of two of the greatest representatives of regional literature. It will also be a portrait of the different forms that Latin American *“large landowner brutalism”* takes.

Based on the analysis of narratives of publications on racism and discrimination in a Cuban magazine, Mariurka Maturell Ruiz e Lisandro René Duvergel Smith, from the **Federal University of Santa Catarina** brings to light sensitive aspects of Cuban society and the limitations for debating the problem of racism on the Caribbean island. In **“RACISM IN CUBA: AN ANALYSIS OF ISSUE 2/2017 OF THE MAGAZINE EL MAR Y LA MONTAÑA, IN GUANTÁNAMO”**, the author analyzes the special edition of a Cultural Magazine designed to make the racial issue in Cuba visible. Taking into account text analysis, illustrations and supported by analytical tables, the author concludes that the problem of racism in Cuba remains nuanced both in specialized academic literature and in official discourse. She indicates that, despite revolutionary achievements, the national issue regarding Afro-Cuban minority identities still needs to face an open debate with the diversity of social and political actors in the nation.

The next article is also about the Caribbean country, but takes us to a 19th century and early 20th century Cuba. Based on the concept of biopolitics, the author analyzes reformatories for children, as a synthesis of state policies and strategies to deal with problems related to the economically most vulnerable sectors of the population. **“POVERTY AND CRIMINALIZATION OF CHILDREN IN CUBA (1857-1936). REFORMATORIES**

"FOR JUVENILE OFFENDERS AND BIOPOLITICAL STRATEGIES" is not just a portrait of poverty, unemployment and criminality in a Cuba dating back to the years of absence of any social rights. It is mainly a study on the construction of a specific type of discourse about marginalized, poor, delinquent or considered to have limited mental capacities, that is, populations that do not adapt to the (self)image of Cuban elites or to the Western models sought by dominant sectors of any Latin American country. The work is the result of a rich survey of documentary sources and was produced by the team of researchers at the **Federal University of Santa Catarina**, Javier Ladrón de Guevara Marzal, Fernanda Martinhago and Sandra Caponi.

The last article in this block that articulates the representation of social and cultural aspects deals with the migration of Bolivians to the city of São Paulo. The study is of great originality. Instead of betting on the predominant analytical perspectives on the subject, that is, on the study of the work relations of Bolivians in sewing workshops, Vinícius Mendes, a sociology researcher at the **University of São Paulo**, interprets the rupture of work time by the time of party in the Bolivian community. **"THE CITY IN CELEBRATION: BOLIVIAN FOLK FRATERNITIES IN SÃO PAULO"** is a portrait of a population of migrants who experience and occupy the new city in which they will reside, territorializing in urban spaces and recreating with their festivals the dynamic cultural maps of the city.

The dialogue between geography and urban planning defines the field of knowledge for the next analyzes presented in this issue of **BJLAS**. In this section, case studies and analysis of broader public policies are published, which reflect the challenges and responses -or the absence of them- of planning in places where social dynamics define the priority use of territories.

The first article is a comparative analysis of the type of occupation and urban planning in the border region of Brazil, Argentina and Paraguay.

The study is carried out by the researchers at the **Federal University of Paraná**, André Soler and Gislene Pereira, who interpret urban policies and normative systems that regulate border cities in the light of economic and geopolitical factors. The analyzes are accompanied by colored maps and comparative tables that illustrate the analyzes and allow for a better understanding of the difficulties of **"URBAN PLANNING IN TRANSBORDER: ANALYSIS OF THE PLANNING SYSTEMS IN FOZ DO IGUAÇU (BR), CIUDAD DEL ESTE (PY) AND PUERTO IGUAZÚ (AR)"**.

The spontaneous formation of urban communities and the challenges of planning the periphery and semiperiphery is the theme of **"COMMUNITY AND COLLECTIVE IDENTITY. THE CHALLENGES OF INTEGRATION: THE CASE OF PALMIRA IN GUANTANAMO, CUBA"**. The case study brings innovations to the field related to urban studies on settlements, and its results were obtained from a thorough research, carried out between 2011 and 2019. The purpose of this study is to portray not only the territorial occupation on the margins from the city of Guantánamo, but mainly to analyze historical and subjective aspects of the settlements, as well as the formation and consolidation of identity communities of migrant populations that come from different origins in the region. The study was developed by a team of researchers mainly from the *University of Guantanamo* and the *University of La Habana*, so this article brings new data from this research, with illustrations of maps, figures and tables updated by the author, David Rubio Méndez, of the **University of La Habana**.

Cuba's current political and economic challenges, as well as urban habitat management, are central to the next article. The Caribbean country accumulates the consequences of the economic blockade imposed by the United States of America for decades, which impacts and weakens the island's revolutionary achievements. In this context, this study not only analyzes the theme of **"URBAN HABITAT IN THE SECOND DECADE OF THE 21ST CENTURY: CUBAN EXPERIENCE"**, but also offers a careful and

important synthesis of the main state social policies since the Cuban Revolution, especially in the area of housing. The article was written by Dania Gonzalez Couret and is the result of a consolidated research of 20 years of articulation work by a team of researchers from the Master's Program in Social Living and the Doctoral Program in Architecture at the **Technological University of La Habana**. With photographs and figures that compare changes over time, the study does not shy away from the challenges of the future for the Cuban model. It highlights as a central element for overcoming future challenges the Cuban people's capacity for resilience, supported in the sense of community, solidarity, collaboration and, among other subjective aspects, in its capacity for social organization, its scientific and technical capital, and its creativity.

We close **BJLAS's** issue 39 with the last block of articles on International Relations, Foreign Policy and Economics, thus fulfilling the task of bringing together interdisciplinary studies that allow us to understand the complexity of the Latin American reality.

The first article in this block is located in the period of dictatorships in Brazil and in several Latin American countries, which began in the 1960s and, therefore, it constitutes a historical work on the memory of regional integration. Under the title "**REGIONALIZATIONS DURING THE BRAZILIAN DICTATORSHIP**", researcher Tainá Siman from the **Rio de Janeiro State University** analyzes the foreign policy and regionalism of the Brazilian military, sometimes in search of alliances with neighbors, sometimes of greater isolation, sometimes of alignment or subordination to US pressures. The oscillations of Brazilian foreign policy would have been induced by the country's dependent character in a polarized international context, thus also impacting all movements and regional integration plans.

The article that follows is also a historical recovery of an integration project of the Andean countries for the creation of a common market. The critical synthesis presented here results from the analysis of a *Document*

written by intellectuals such as Raúl Prebisch - the *Document of the Four* – in which diagnoses and guidelines for integrationist thinking in the region are presented. **“DOCUMENT OF FOUR AND THE ORIGINS OF THE ANDEAN COMMUNITY”** is an article by Flavia Loss de Araújo, from the *Institute of International Relations* of the **University of São Paulo**.

The last two analyzes are works based on issues of great contemporary relevance. The first study deals with Argentina's relations with China and economic and military agreements that, on the one hand, reduce the economic impact of the crisis that the Latin American country has faced in recent decades, and on the other, undermine its territorial sovereignty. **“CHINA'S SPACE BASE IN NEUQUÉN, ARGENTINA”** is an original and very important article to understand the advancement of economic and scientific cooperation between Latin American countries and China. It was carried out by Rogério do Nascimento Carvalho, researcher of the *Integration of Latin America Graduate Program* at the **University of São Paulo**.

The last article in the Brazilian Journal of Latin American Studies is a dense study covering the last decades under the title **“OVERVIEW OF THE BRAZILIAN INTERNATIONAL TRADE: EVOLUTION OF MAIN TRADING PARTNERS AND PRODUCTS (1997-2020)”**. In analyzes supported by updated data on exports and agro-industrial production, with graphs and comparative tables over time, the authors of the article - Romeu Bonk Mesquita, Edgard Monforte Merlo and Amaury Patrick Gremaud, researchers at the **University of São Paulo** - analyze trends in the international trade of Brazilian commodities.

Finally, BJLAS brings, as always, a review of a recent and relevant work for studies on Latin America. The task belongs to the researchers Maria Mercedes Palumbo from the **Universidad de Buenos Aires**, Paula Ramírez from the **Universidad Nacional del Comahue**, Inés Fernández Mouján from the **Universidad Nacional de Mar del Plata**, and Elson

Santos Silva, from the **Universidade Federal de Goiás**. The authors book review “**DECOLONIZING PEDAGOGIES: BETWEEN EXPERIENCES AND THEORETICAL-EPISTEMOLOGICAL CONSIDERATIONS**”, presents the book “*Pedagogias de(s)coloniais: Saberes e fazeres*” [*Decolonizing pedagogies: Knowledges and doings*]. Published in 2020, the book brings together the intellectual work of specialists and scholars of de(s)colonial thinking in the field of pedagogy, who work and investigate the theme in several Latin American countries. The plural perspectives and experiences of each author of the book thus guarantee the originality and relevance that must characterize critical works on Latin American thought.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.188055](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.188055)

Recebido em: 01/07/2021
Aprovado em: 01/07/2021
Publicado em: 01/07/2021



BOLÍVAR ECHEVERRÍA: MODERNIDAD BARROCA LATINOAMERICANA

BOLÍVAR ECHEVERRÍA: MODERNIDADE BARROCA LATINO-AMERICANA

BOLÍVAR ECHEVERRÍA: LATIN AMERICAN BAROQUE MODERNITY

César Miguel Salinas Ramos¹ 

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Resumen: El filósofo ecuatoriano/mexicano Bolívar Echeverría desarrolla una teoría original dentro del marxismo crítico latinoamericano, partiendo de la contradicción entre el valor de uso y valor, contradicción que en los tiempos del capitalismo contemporáneo significa generar un ethos o comportamiento concreto y particular que nos permite vivir objetiva y subjetivamente lo invivable, el capitalismo. El filósofo encuentra distintas modernidades que se vinculan dialécticamente con los ethos concretos que surgen espontáneamente, para vivir la contradicción que nos plantea la hegemonía del capitalismo en el mundo de la vida situada en distintos periodos históricos: modernidad realista, romántica, clásica y barroca. Siendo esta última el tipo particular en que las sociedades latinoamericanas vivimos el capitalismo contemporáneo, una configuración producto del devenir histórico singular de nuestras sociedades, principalmente lo acontecido durante los siglos XVI y XVII, en el proceso de constitución de un sistema colonial capitalista global. Su mirada indaga sobre nuestro ser, nuestra constitución y la búsqueda desesperada por modernidades alternativas a la capitalista. En el presente artículo se realiza un diálogo crítico con y sobre la teoría propuesta por el autor sobre la Modernidad Barroca como la forma singular de reproducción de la vida de las sociedades latinoamericanas en el capitalismo contemporáneo. La presente investigación se reproduce entre el marxismo heterodoxo de América Latina y la influencia de la teoría crítica de origen en Frankfurt.

Palabras claves: Modernidades; Ethos; Barroco; Codigofagia; Compañía de Jesús.

¹ Doctorando en la Universidad do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) en el Programa de Ciencias Sociales. Becario del programa de Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior - PROSUC /CAPES Este trabajo resultó de la investigación de maestría en Estética y Filosofía del Arte, en la Universidad Federal de Ouro Preto. E-mail: cesarsalinasramos@gmail.com

Resumo: O filósofo equatoriano / mexicano Bolívar Echeverría desenvolve uma teoria original dentro do marxismo crítico latino-americano, partindo da contradição entre valor de uso e o valor, contradição que nos tempos do capitalismo contemporâneo significa gerar um ethos ou comportamento concreto e particular. que nos permite viver objetiva e subjetivamente o inviável, o capitalismo. O filósofo encontra diferentes modernidades que estão dialeticamente ligadas ao ethos concreto que surgem espontaneamente para viver a contradição posta pela hegemonia do capitalismo no mundo da vida localizado em diferentes períodos históricos: a modernidade realista, romântica, clássica e barroca. Sendo este último o tipo particular em que as sociedades latino-americanas vivenciam o capitalismo contemporâneo, configuração produto da evolução histórica única de nossas sociedades, principalmente o que aconteceu durante os séculos XVI e XVII, no processo de constituição de um sistema colonial capitalista global. Seu olhar indaga sobre nosso ser, nossa constituição e a busca desesperada por modernidades alternativas ao capitalista. Neste artigo, realiza-se um diálogo crítico com e sobre a teoria proposta pelo autor sobre a Modernidade Barroca como forma singular de reprodução da vida das sociedades latino-americanas no capitalismo contemporâneo. A presente investigação se reproduz entre o marxismo heterodoxo da América Latina e a influência da teoria crítica da origem em Frankfurt.

Palavras chaves: Modernidades; Ethos; Barroco, Codigofagia; Companhia de Jesus.

Abstract: The Ecuadorian / Mexican philosopher and sociologist Bolívar Echeverría develops an original theory within Latin American critical Marxism, starting from the contradiction between use value and exchange value, a contradiction that in the times of contemporary capitalism means generating a concrete and particular ethos or behaviour that allows us to live objectively and subjectively the unlivable, capitalism. The philosopher finds different modernities that are dialectically linked to the concrete ethos that arise spontaneously to live the contradiction posed by the hegemony of capitalism in the world of life located in different historical periods: realistic, romantic, classical and baroque modernity. The latter being the particular type in which Latin American societies experience contemporary capitalism, a configuration product of the unique historical evolution of our societies, mainly what happened during the XVI and XVII centuries, in the process of constitution of a global capitalist colonial system. His gaze inquiries about our being, our constitution and the desperate search for alternative modernities to the capitalist. In this article a critical dialogue is carried out with and about the theory proposed by the author on Baroque Modernity as the singular form of reproduction of the life of Latin American societies in contemporary capitalism. The present investigation is reproduced between the heterodox Marxism of Latin America and the influence of the critical theory of origin in Frankfurt.

Keywords: Modernities; Ethos; Baroque; Codigophagy; Company of Jesus.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.174267](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.174267)

Recebido em: 29/08/2020

Aprovado em: 23/06/2021

Publicado em: 01/07/2021

1. Introducción

En el presente artículo pretendo revisar críticamente las principales características mencionadas por Bolívar Echeverría² sobre el periodo civilizatorio conocido como modernidad, para entender consecutivamente este proceso situado en América Latina³. El filósofo desde la teoría crítica realiza una mirada a contrapelo de la modernidad que se reconoce como soberana y prepotente sobre otras historias posibles, que han sido reprimidas por la modernidad capitalista.

La modernidad se caracteriza por ser un fenómeno histórico de actualizaciones constantes y diversas, que provoca una experiencia del tiempo⁴ como novedad constante, de ruido ensordecedor, imposibilitando el disfrute de los valores de uso disponibles en el mundo. Nuestros cuerpos se debaten entre el tiempo de trabajo, su ritmo fragmentado simétrico y agotadoramente repetitivo; y el tiempo de asueto, consumo y reposición de las energías para continuar posteriormente la producción; el tiempo del

² El contexto de la vida de Bolívar Echeverría fue marcado por la Revolución Cubana y sus efectos en el continente y en el mundo. Vivió la influencia de los procesos de liberación africanos y del Tercer Mundo, acompañó los acontecimientos impulsados por el socialismo real y su devenir totalitario y vivió el avance y consolidación de la modernidad capitalista americana. Durante la década de los 60 del siglo pasado fue parte de los movimientos estudiantiles berlineses como estudiante de filosofía en la Freie Universität Berlin. Posteriormente continuó sus estudios en la Universidad Nacional Autónoma de México, donde desarrolló sus primeros estudios enfocados principalmente en la lectura crítica de *El Capital* de Karl Marx. Luego avanzó en la crítica de la economía política de Marx (en diálogo con Heidegger y Sartre) y desarrolló aportes a la teoría crítica de la Escuela de Frankfurt (con principal empatía por el pensamiento de Walter Benjamin). En el contexto del devenir histórico de América Latina Echeverría generó una mirada crítica de la modernidad capitalista.

³ Vladimir Sierra, profesor de la Pontificia Universidad Católica del Ecuador, en su participación en el Simposio Bolívar Echeverría y el Pensamiento Crítico Latinoamericano (2010) acontecido en Ecuador, ubicó el pensamiento de Echeverría dentro de la Teoría Crítica Excéntrica. La teoría crítica de origen en la escuela de Frankfurt posee un círculo nuclear conformado por Adorno, Horkheimer, Marcuse, Fromm. Por otro lado, Benjamin se ubicaría en la parte exterior de este círculo nuclear. Sierra agregaría un círculo de los escritores periféricos no europeos que han aportado para el desarrollo del pensamiento crítico, en el que se ubicaría el filósofo Bolívar Echeverría. (SIERRA, 2010)

⁴ Una diferencia sustancial que trae la modernidad es la concepción del tiempo bajo el cual transcurre el mundo de la vida, tiempo subsumido a la dinámica de la reproducción del capital, es decir en los términos ideológicos del "progreso" y el "éxito". Un tiempo parcelado, de ritmo constante, aceleración permanente y con la perspectiva de la acumulación de riqueza. Aparece como una flecha lanzada hacia arriba cuya ilusión se sustenta en la destrucción de la vida: seres humanos y naturaleza, conforme Benjamin describe en sus Tesis sobre Filosofía de la Historia (1971 [1940]). Estas serían las principales características de este periodo histórico que conocemos como modernidad en su desenvolvimiento capitalista. (RAMOS, 2020)

mundo la vida se encuentra estimulado, intervenido y gobernado por la dinámica de la economía de mercado. El disfrute posible de la existencia se limita al consumo desenfrenado de mercancías fetichizadas, experiencia de mundo en su valor de cambio.

La innovación permanente y constante de las mercancías marca el ritmo de nuestro tiempo, el tiempo del progreso que se concibe como siempre nuevo y en permanente perfeccionamiento, a oposición del tiempo pasado que se lo define como obsoleto e inadecuado para la productividad y consumo de mercancías.

Diversos son los acontecimientos históricos que se ubican como rupturas o irrupciones de la modernidad, expertos en la temática lo relacionan con el surgimiento y fortalecimiento de la Revolución Industrial en el siglo XVIII, o desde el genocidio ocurrido en la conquista de las civilizaciones y pueblos de América en el siglo XVI y XVII, o con el Renacimiento en el siglo XV y XVI, o inclusive como Max Horkheimer y Theodor Adorno en la *Dialéctica de la Ilustración* (2007 [1944]) que ubican sus orígenes latentes en la antigüedad de occidente. Echeverría se adhiere a quienes tienen como referencia un acontecimiento que se venía desarrollando desde mucho antes en Europa,

Historia de la técnica que se ubicaría alrededor del siglo X de nuestra era y que ha sido puesto de relieve por Lewis Mumford en su obra *Técnica y Civilización*, siguiendo [...] a Patrick Geddes y en concordancia con Marc Bloch, Fernand Braudel y otros estudiosos de la tecnología medieval, como Lynn White, por ejemplo. [...] sería ese momento histórico que queda presupuesto en el ensayo de W. Benjamin sobre la nueva obra de arte, cuando habla de una "segunda técnica" o una "técnica lúdica". Se trata del momento histórico de una "revolución tecnológica" [...] durante lo que Mumford llama la "fase eotécnica" en la historia de la técnica moderna, anterior a las fases "paleo-técnica" y "neo-técnica" reconocidas por su maestro Geddes. (ECHEVERRÍA, 2011, p. 123)

Las formas arcaicas o tradicionales se hallaban ligadas a la divinidad por medio de una relación mágica, basada en el sacrificio ritual como compromiso con lo sagrado. Forma de mantener un equilibrio en y con el cosmos ante el peligro siempre acechante del caos o la escasez absoluta

para reproducir la existencia. Como menciona Echeverría el apareamiento de esta segunda técnica, lanza un reto a las sociedades tradicionales, que pueden modificar la antigua relación de violencia trascendente o sublimadora siempre presente frente a la otredad por una relación menos violenta, armónica, de equilibrio y bienestar mutuo con la naturaleza. Pero esta posibilidad es traicionada por las necesidades de reproducción del capital, proceso sólo posible mediante la reproducción artificial de las condiciones de pobreza y miseria, como evidencia la ley general de la acumulación del capital de Marx.

Los cambios esenciales que acontecen en la estructura técnica de los instrumentos se visibilizan en la Revolución Industrial, en la que se instaura la subsunción real del proceso de autovalorización del valor, es decir se constituye como hegemónico el intercambio mercantil técnicamente desarrollado que implantará el capitalismo en la sociedad. Lo que significa el establecimiento de un fetiche de carácter moderno que de igual forma que los fetiches arcaicos poseen una capacidad mágica. El capital demuestra una eficiencia mágica en medio de la sociabilidad que procura ganancias entre propietarios privados. Se establecen así, relaciones sociales estimuladas y estímulo del intercambio de mercancías entre productores y consumidores, que de otra forma no tendrían una relación entre sí. Así se establece un orden en medio del caos de las individualidades atomizadas en la sociedad civil⁵. Los fetiches modernos a diferencia de los arcaicos actúan como deidades profanas o desencantadas. En palabras de Marx, la valorización del valor como explotación del proletariado y producción de plusvalor⁶.

⁵ Tal característica va de la mano con el economicismo, lo que Marx precisamente describe como sociedad civil, miembros de una comunidad y actor de su constitución como *homo economicus*, como actor privado de la economía, es decir como propietario de medios para la producción o como fuerza de trabajo. La democracia actual se basa precisamente en la igualdad que generó el establecimiento del mercado, basado en relaciones de intercambio mercantil capitalista libres, es decir sin las ataduras impuestas por las instituciones jerárquicamente tradicionales como las de la aristocracia. Igualdad en la apariencia, la ley del valor de la acumulación capitalista nos demuestra la artificialidad de esta igualdad y su fundamento en la desigualdad objetiva de la distribución y redistribución del capital. (RAMOS, 2020)

⁶ El plusvalor es definido dentro de la teoría marxista como el excedente de valor que el obrero crea más allá del valor de su fuerza de trabajo. "Marx llama tiempo de trabajo necesario al tiempo durante el cual el obrero reproduce el valor de su fuerza de trabajo, y tiempo de trabajo suplementario al tiempo durante el cual crea plusvalía para el capitalista. La plusvalía es el rasgo particular de la explotación capitalista. (..) Nunca fue la fuerza

La técnica lúdica y su represión constante en cada ciclo de reproducción capitalista involucra una sobre represión. La violencia transcendental o violencia sublimadora se expresa en la capacidad del ser humano de transformar o dar forma a las significaciones y modos de reproducción de la vida comunitaria mediante una relación con la divinidad o lo sobrenatural. La Violencia como sacrificio ritual permanece entre las sociedades tradicionales y la naturaleza como garantía para la sobrevivencia material. Se establecen determinadas represiones que permite se establezcan y permanezcan instituciones, leyes y comportamientos ante la amenaza permanente de la pobreza absoluta. En la actualidad este proceso se halla subsumido por la reproducción del capital, actualización sistemática y técnicamente desarrollada de la represión bien identificada en el Malestar de la Cultura (FREUD, 2017 [1930]) freudiano en términos modernos capitalistas.

Según mi parecer son tres los conceptos principales que Echeverría desarrolla para su lectura crítica y comprensión de la modernidad en la dimensión subjetiva del ser humano: hybris, epistemologismo y el creativismo desatado, tomado de la teoría crítica de Adolfo Sánchez Vázquez⁷. Su uso y complementariedad a continuación. Primero el caso de hybris, concepto tomado críticamente de la filosofía Heideggeriana,

En esta construcción de mundo humanista –que obliga a lo otro a comportarse como Naturaleza, es decir, como el conjunto de reservas (Bestand) de que dispone el Hombre–, de una hybris o desmesura cuya clave está en la efectividad práctica tanto del conocer que se ejerce como un “trabajo intelectual” de apropiación de lo que se tiene al frente como de la modalidad matemático cuantitativa de la razón que él emplea. El buen éxito económico de su estrategia como animal racional en la lucha contra la Naturaleza convence al Hombre de su calidad de sujeto, fundamento o

de trabajo una mercancía. (...) Esta plusvalía creada por el obrero durante el tiempo de trabajo suplementario es el origen de la ganancia capitalista.” (HARNECKER, 1971, p. 84) Podemos diferenciar una plusvalía absoluta y otras relativa, “Marx llama plusvalía absoluta a la plusvalía producida por la prolongación de la jornada de trabajo. En cuanto a la plusvalía que resulta de la reducción del tiempo de trabajo necesario y de la modificación correspondiente en la relación de duración de las dos partes constitutivas de la jornada de trabajo, Marx la llama plusvalía relativa.” (HARNECKER, 1971, p. 89) Es decir, la plusvalía absoluta se basa en la explotación mediante la prolongación o intensificación de la jornada de trabajo. Y, la plusvalía relativa, se basa en el desarrollo técnico – tecnológico de los medios de producción, modificando los requerimientos y organización de la mano de obra.

⁷ Adolfo Sánchez Vázquez (1915-2011) fue un filósofo hispano mexicano parte del grupo de marxistas latinoamericanos críticos que concibe el marxismo como filosofía de la praxis, de la subjetividad, en oposición al dogmatismo objetivista de postura positivista que oscurecieron la esencia de la filosofía del proletariado. La principal obra de Sánchez Vázquez es la Filosofía de la Praxis (2003 [1967])

actividad autosuficiente, y lo lleva a enseñorearse como tal sobre el conjunto del proceso de reproducción social: [...] sobre todas las funciones (de la más material, pro-creativa o productiva, a la más espiritual, política o estética) y sobre todas las dimensiones (de la más rutinaria y automática a la más extraordinaria y creativa) del mismo. (ECHEVERRÍA, 2011, p. 80)

Si bien los seres humanos somos la trascendencia objetiva y subjetiva de nuestra condición primaria de animalidad, en la cita aquí analizada se refiere al humanismo moderno, al reconocimiento fáctico de distintas capacidades que trascienden el metabolismo o reproducción de la naturaleza en el contexto del devenir de la modernidad capitalista en occidente. Usando términos weberianos, la correspondencia particular que acontece en la modernidad entre el ser humano y la naturaleza tiene relación con el desencantamiento del mundo, la muerte de Dios. Es decir, el papel de lo divino y mítico de religar lo sagrado con lo profano y el más allá con la tierra de los hombres deja de ser tal. La naturaleza se transforma en un mero objeto para la producción mercantil capitalista, esta es tratada como simple materia prima o mercancía, comprensión racional que reduce sus distintos valores de uso tanto semióticos como prácticos al valor que posee en tanto valorización del valor.

El epistemologismo se refiere a que el horizonte de las experiencias teóricas y prácticas se reduce a su valor mercantil capitalista, a la voluntad cósica de la dinámica del mercado, lo que significa una sistemática represión de otros mundos posibles, tanto del pasado como del futuro, que expresa relaciones cualitativamente diferentes pero que son reprimidas por el racionalismo instrumental altamente matematizado y técnicamente desarrollado. Es decir, el mundo de la vida enajenado o instrumentalizado en y para los fines mismos del mercado. Esta subsunción restringe la producción y consumo cualitativo de significantes y elementos prácticos en la interacción con la naturaleza y entre los miembros de la comunidad. Muy por el contrario, impulsa una producción incontenible de lo mismo, que mediante la aceleración del ritmo aparece como nuevo o al menos novedoso, creativismo desatado.

La creación desatada, la exageración de su capacidad de reproducir de innumerables maneras las formas que la rigen, hace manifiesta una impotencia para alterarlas en su estructura. El creativismo es el sustituto de la revolución formal que reclama la modernidad y que resulta irrealizable. Es el fantasma de la creatividad impedida. (ECHEVERRÍA, 1988, p. 159)

El creativismo desatado describe la preeminencia despiadada de la forma valor que reprime el revolucionamiento formal que exige la modernidad mediante el vertiginoso ritmo de las imágenes, proceso identificado por Walter Benjamin en *La Obra de Arte en la Época de Reproductibilidad Técnica*. (2019 [1936]). Lo novedoso de esta técnica efectivamente es la apariencia instituida por el ritmo, el golpe psíquico por el cual las mismas formas se nos exhiben como nuevas, el único soporte de esa artificialidad es su permanente reactualización o innovación de lo mismo por medio de la instrumentalización del valor de uso, como simple soporte de lo efímero. En otras palabras, es el proceso de enajenación de la creatividad del ser humano cosificado en el intercambio mercantil capitalista, mediante mecanismos de represión imperceptibles de la capacidad de crear objetos prácticos o significaciones distintos a los cánones mercantiles.

Hybris y creativismo desatado nos permiten describir lo esencial del periodo histórico conocido como modernidad en la dimensión subjetiva del ser humano, en el caso de hybris se refiere al humanismo en occidente, cuya particularidad principal es la hegemonía de la técnica racional y matematizada⁸ sobre la técnica mágica de las sociedades arcaicas. Y creativismo desatado se refiere a la enajenación de la cualidad de crear nuevas significaciones, formas o modos prácticos y teóricos de reproducir la vida. Estos dos conceptos se vinculan usando la categoría de epistemologismo, que es el discurso o la dimensión filosófica desarrollada en este proceso, *“desarrollo de la técnica exigida por el productivismo y en*

⁸ En el siglo XIX, la expresión física o tangible de la modernidad, será precisamente el apareamiento de la ciudad como centro y espacio geográfico propio de este periodo histórico, lo que denomina Echeverría como *urbanicismo*, que posee cuatro características principales: “a) industrialización del trabajo productivo; b) potenciación comercial y financiera de la circulación mercantil; c) puesta en crisis y la refuncionalización de las culturas tradicionales, y d) estatalización nacionalista de la actividad política.” (ECHEVERRÍA, 2011, p. 81).

el cultivo de su quintaesencia: la ciencia como investigación, esto es, como descubrimiento, conquista y ocupación de lo otro por la imaginación cuantificante." (ECHEVERRÍA, 1988, p. 105) Se configura una epistemología particular que define y orienta el discernimiento racional bajo los principios de la valorización del valor. (RAMOS, 2020)

2. Ethos histórico

Todo uso del código lingüístico, tanto teóricamente como en la práctica, representa el uso del código de lo humano, código que se reproduce o cultiva tan sólo mediante la subcodificación que identifica o particulariza ese código general. En cada acto productivo y consuntivo, en cada comportamiento práctico o lingüístico de los individuos acontece la reproducción o cultivo de una identidad singular y concreta. Me refiero a lo que Echeverría denominó como codigofagia, la producción y consumo de distintas significaciones o elementos prácticos mediante la subcodificación concreta o material del código humano.

Significaciones y elementos prácticos de distintos orígenes, cuyos códigos entran en un proceso de encuentro y/o conflicto que deriva en consumo y producción mutua de nuevas significaciones. Así se constituyen nuevas subcodificaciones que se encuentran en constante actualización, proceso denominado como mestizaje cultural o codigofagia, *"modalidades que, al competir entre sí, al esbozar distintas versiones posibles de esa "mismidad", le dan una consistencia dinámica, inestable y plural."* (ECHEVERRÍA, 1988, p. 162) Este comportamiento o estrategia que intenta solucionar el conflicto de la existencia está ligado al cultivo de una identidad singular y es lo que Echeverría denomina como *ethos histórico*.

La categoría *ethos* posee dos sentidos, *"invita a combinar, en la significación básica de "morada o abrigo", lo que en ella se refiere a "refugio", a recurso defensivo o pasivo, con lo que en ella se refiere a "arma", a recurso ofensivo o activo."* (ECHEVERRÍA, 1988, p. 162) Es notoria la

referencia a los momentos del devenir histórico o tiempo existentes en las comunidades humanas,

El ser humano entiende su propia existencia [...] entre lo que sería el tiempo cotidiano y lo que sería el tiempo de los momentos extraordinarios; entre el tiempo de una existencia conservadora, que enfrenta las alteraciones introducidas por el flujo temporal mediante una acción que restaura y repite las formas que han venido haciéndola posible, y el tiempo de una existencia innovadora, que enfrenta esas alteraciones mediante la invención de nuevas formas para sí misma, que vienen a sustituir a las tradicionales. (ECHEVERRÍA, 2002, p. 2)

El materialismo que desarrolla Echeverría se refiere a la reproducción de la cultura y la identidad del sujeto en comportamientos y hechos concretos que acontecen en el mundo de la vida en un plano múltiple y abierto.⁹ El ethos histórico en su relación profunda con el tiempo humano, demuestra dos peculiaridades esenciales planteadas como estrategias: *“primero, en el motivo general que un acontecimiento histórico profundo, de larga duración, entrega a la sociedad para su transformación y, segundo, en las diferentes maneras como tal motivo es asumido y asimilado dentro del comportamiento cotidiano.”* (ECHEVERRÍA, 1988, p. 166) En estas dos dimensiones se mueve la reproducción del ser humano, por un lado tiempos excepcionales de crítica profunda al código vigente, lo que significa una actualización distinta de la subcodificación; y por otro lado, tiempos de la vida cotidiana en los que se preserva y se reproduce la subcodificación vigente.

3. Cuádruple Ethos

Echeverría mediante el concepto de ethos histórico relaciona la reproducción de la cultura e/o identidad de manera concreta con la

⁹ En este contexto la violencia ética se relaciona con la intención de universalización, que involucra necesariamente la represión o imposición sobre la voluntad de individuos concretos y singulares. De forma que la violencia ética se origina en la expropiación vital de las singularidades, de la imposición a priori de principios éticos universales, así los principios éticos aparecen como anacrónicos ante la realidad y mundo de la vida. En este sentido cualquier intencionalidad de síntesis, usando las palabras de Hegel, es el quehacer mismo de la violencia ética, considerando además que cualquier intento de cerramiento es imposible, es la soberanía de la represión y exclusión radical de la alteridad, que pese a todo siempre se mantiene latente y es imposible de aniquilar por completo. El hecho mismo de juzgar soberanamente ya conlleva un ejercicio de violencia contra las singularidades, mucho más la intencionalidad de universalización.

producción y consumo de objetos prácticos y significaciones en el mundo de la vida, que estructuran los procesos históricos en la modernidad en su devenir capitalista. Así los seres humanos somos obligados a vivir el hecho capitalista, lo que involucra,

Un conflicto permanente entre la dinámica de la “forma social-natural” de la vida social y la dinámica de la reproducción de su riqueza como “valorización del valor”, conflicto en el que una y otra vez la primera debe sacrificarse a la segunda y ser subsumida por ella. [...] asumir el hecho capitalista como condición necesaria de la existencia práctica de todas las cosas consiste en desarrollar un ethos o comportamiento espontáneo capaz de integrarlo como inmediatamente aceptable, como la base de una “armonía” usual y segura de la vida cotidiana. (ECHEVERRÍA, 2011, p. 89)

Si bien existirían tantos ethos cuanto es factible a los humanos la capacidad de adaptarse a las circunstancias y crear sus "mundos de la vida". Echeverría identifica cuatro ethos que se distinguen entre ellos por neutralizar y/o conservar latente la contradicción entre la forma natural y la forma valor; por ser comportamientos afirmativos, ya sean explícitamente militantes o reacios al conformismo; o por tener mayor o menor intensidad respecto al hecho estructurador moderno capitalista. Cada uno de los ethos identificados procede de diferentes periodos históricos, de actualizaciones de la modernidad capitalista en versiones particulares que estructuran el mundo de la vida contemporánea.

El primero, el ethos realista, hace referencia al intento de negar la contradicción existente, *“por su carácter afirmativo no sólo de la eficacia y la bondad insuperables del mundo establecido o ‘realmente existente’, sino de la imposibilidad de un mundo alternativo.”* (ECHEVERRÍA, 2011, p. 132) Podríamos referirnos a las altas burguesías latinoamericanas, nichos del capitalismo avanzado, que se movilizan en la integración del sistema mundo capitalistas y cuyas lógicas se vinculan a la valorización del valor, comportamientos prácticos y teóricos que se demuestran como insuperables en su eficiencia para la acumulación de sus inmensas fortunas.

Echeverría efectúa una arqueología del ethos realista al indagar la *“entrega al trabajo, de askesis en el mundo, de conducta moderada y virtuosa, de racionalidad productiva, de búsqueda de un beneficio estable y continuo.”* (ECHEVERRÍA, 2011, p. 145) Partiendo del análisis de Max Weber, *La ética protestante y el espíritu del capitalismo* (1991, [1905]), según el cual la configuración de este espíritu tiene sus orígenes en el *“cristianismo protestante, en especial la del puritanismo o protestantismo calvinista, aquel que salió del centro de Europa y se extendió históricamente a los Países Bajos, el norte del continente europeo, a Inglaterra y finalmente a los Estados Unidos de América.”* (ECHEVERRÍA, 2011, p. 145) Este es el ethos que imperialmente se ha impuesto en las diversas sociedades a lo largo y ancho del sistema mundo, como la forma civilizatoria ideal para la reproducción del capitalismo. La universalización del ethos realista se ha dado mediante la promoción violenta de comportamientos teóricos – prácticos, que naturalizados socialmente exigen un trabajo sobre sí de los individuos, que transforma al propio cuerpo de acuerdo a los cánones del sujeto ideal para la reproducción del capital y el éxito. En este sentido, Echeverría define como blanquitud¹⁰,

El racismo normal de modernidad capitalista es un racismo de la blanquitud. [...] el ser humano que requiere la organización capitalista de la economía se caracteriza por la disposición a someterse a un hecho determinante: que la lógica de la acumulación del capital domine sobre la lógica de la vida humana concreta y le imponga día a día la necesidad de autosacrificarse, disposición que sólo puede estar garantizada por la ética encarnada en la blanquitud. Mientras prevalezcan esta organización y este tipo de ser humano, el racismo será condición indispensable de la “vida civilizada”. (ECHEVERRÍA, 2011, p. 160)

¹⁰ En el texto *Imágenes de la Blanquitud* (2007), Bolívar Echeverría, partiendo del texto clásico de Weber, *La Ética Protestante y el Espíritu del Capitalismo* (1905), en el que a partir del análisis de la religión se relaciona la configuración de una subjetividad particular, que garantiza un comportamiento adecuado a la reproducción de la economía capitalista, como una predestinación, un mensaje divino des-cifrado en prácticas concretas. Partiendo de este hecho, se encarnará el “espíritu del capitalismo” incluso en características físicas que se conciben como la corporeidad misma de los sujetos del capital, lo que genera una búsqueda por la aproximación a dichas características, tanto desde el autodisciplinamiento (cumplimiento de la ley de Dios) en búsqueda de un comportamiento particular en relación con una apariencia singular, denominada como blanquitud. Esta estilización hasta corporal se caracterizará por la búsqueda de la blanquitud – fenómeno que no sólo acontece en Latinoamérica, sino en todo África, donde el uso de cremas para blanquear la piel inunda el “mercado de la belleza”; un fenómeno que se repite a lo largo del mundo desde la India hasta China o Japón. Mecanismo evidente en los distintos sistemas educativos de estos países.

El segundo ethos identificado por Echeverría, es una militancia distinta a la anterior, es el ethos romántico, *“pretende ser una afirmación [...] no del valor sino justamente del valor de uso. La “valorización” aparece para ella plenamente reductible a la “forma natural”. Resultado del “espíritu de empresa [...] que se afirma en la medida en que lo transfigura en su contrario.”* (ECHEVERRÍA, 2011, p. 91) Un ejemplo reciente lo podemos encontrar en los gobiernos conocidos como los progresismos latinoamericanos, que mediante el fortalecimiento del aparataje estatal y de las políticas públicas intentaron generar procesos de participación ciudadana, en miras a promover mecanismos de redistribución de la riqueza. Tal proceso expandió principalmente el tamaño de las economías que, si bien mejoró las condiciones de vida de grandes capas de las poblaciones en estado de vulnerabilidad, mantuvo y hasta fortaleció la capacidad de las fuerzas productivas que son parte integral de la subsunción real del capital.

El tercer ethos de una militancia difusa que identifica Echeverría es el clásico, la *“subsunción del proceso de la vida social a la historia del valor [...] necesidad trascendente, [...] Bendición y maldición, [...] lo natural y lo capitalista [...] como un destino clausurado cuya clausura abre la posibilidad de un mundo a la medida”.* (ECHEVERRÍA, 2011, p. 91) Ejemplo de aquello puede ser el Iván Illich (1886) de León Tolstoi, el personaje de la novela del mismo nombre que encarna esta actitud frente a las instituciones políticas, administrativas y sociales aristócratas de su época.

Y finalmente, el cuarto ethos que Echeverría identifica es el barroco,

El *arte barroco* puede prestarle su nombre porque, como él –que en el empleo del canon formal incuestionable encuentra la oportunidad de despertar el conjunto de gestos petrificado en él, de revitalizar la situación en la que se constituyó como negación y sacrificio de lo otro–, ella también es una “aceptación de la vida hasta en la muerte”. Es una estrategia de afirmación de la “forma natural” que parte paradójicamente de la experiencia de la misma como sacrificada, pero que –“obedeciendo sin cumplir” las consecuencias de su sacrificio, convirtiendo en “bueno” al “lado malo” por el que “avanza la historia”– pretende reconstruir lo concreto de ella a partir de los restos dejados por la abstracción devastadora, re-inventar sus cualidades planteándolas como “de segundo grado”, insuflar de manera subrepticia un aliento indirecto

a la resistencia que el trabajo y el disfrute de los “valores de uso” ofrecen al dominio del proceso de valorización. (ECHEVERRÍA, 2011, p. 91)

Sobre este ethos desplegaremos a profundidad su arqueología y peculiaridades en el siguiente apartado.

Para contextualizar en los términos que nos atañe, la presencia de estos distintos ethos en América Latina y las diferentes versiones de sus actualizaciones se hallan en un proceso de interrelación, en el que se resisten y atraen,

La multiplicidad dinámica y unitaria de identidades en la América Latina actual se debería a la presencia simultánea, en todo el conjunto de la población latinoamericana, de distintos estratos y niveles históricamente sucesivos, de actualizaciones o realizaciones de esa lógica de comportamiento, estratos o niveles que se conformaron en diferentes experiencias históricas sucesivas de la población latinoamericana, y que fueron así dejando en ella esos diferentes proyectos y esbozos de identidad. (ECHEVERRÍA, 2005, p. 197)

Echeverría identifica los siguientes estratos principales de tendencias identitarias que ingresan en juego desde el pasado hasta la actualidad de América Latina, se corresponden a diferentes momentos de la configuración histórica de la modernidad latinoamericana: Modernidad barroca, desde el siglo XVI – Medios del XVII, “*cuya función fundante de identidad no ha podido serle arrebatada hasta ahora.*” (ECHEVERRÍA, 2005, p. 206) Modernidad del Despotismo Ilustrado, siglo XVIII y que se continuó hasta después de las guerras de independencia, “*que corresponde a la época en que la España Borbónica intentó dar un trato propiamente colonial al continente.*” (ECHEVERRÍA, 2005, p. 207) Modernidad Republicana o Nacional, siglo XIX – XX y por último un reacomodo de la modernidad, desde los años sesenta hasta la actualidad que sería la modernidad de la Globalización neoliberal.

4. Ethos Barroco: la compañía de Jesús y el arte barroco

Echeverría se enfocará en el análisis del siglo XVII, que a su parecer comenzó con el fracaso de la Gran Armada Española de finales del siglo XVI (1588) y concluiría con el Tratado de Madrid de 1764, que definió el destino de la Compañía de Jesús. En este periodo histórico, se juega la existencia de las sociedades latinoamericanas, surgen dispositivos o formas espontáneas de ser de acuerdo al horizonte de posibilidades objetivas y subjetivas existentes, el proceso de mestizaje cultural o codigofagia. Echeverría analiza la relación dialéctica del proyecto impulsado por la Compañía de Jesús en su procura por actualizar el poder de la Iglesia Católica, Apostólica y Romana, frente a las Reformas Protestante y Calvinista, innovaciones católicas que acontecieron en diferentes colonias europeas por el mundo, entre ellas las de América Latina. Paralelamente y profundamente relacionado se desarrolla el proyecto impulsado por el arte barroco, que posee una profunda interacción con las formas de sociabilización de las comunidades en las que se desarrolló.

El arte barroco es respuesta y nace de una crisis, del agotamiento de los cánones característicos del periodo medieval, el Renacimiento asumió esta realidad ineludible y buscó instituir nuevos cánones de la sociedad en general. Es así que,

“El barroco parece constituido por una voluntad de forma que está atrapada entre dos tendencias contrapuestas respecto del conjunto de posibilidades clásicas, es decir, “naturales” o espontáneas, de dar forma a la vida -la del desencanto, por un lado, y la de la afirmación del mismo como insuperable- y que está además empeñada en el esfuerzo trágico, incluso absurdo, de conciliarlas mediante de un replanteamiento de ese conjunto a la vez como diferente y como idéntico a sí mismo. (ECHEVERRÍA, 1988, p. 44)

Se desencadena un conflicto entre el enflaquecimiento del canon clásico y su búsqueda de revitalización o actualización, lo que involucra una paradoja, dicha revitalización no es tal, sino una actualización en un canon distinto, conflictividad entre el pasado aún latente de lo que fue y su actualización en algo diferente, en el ahora. Lo que Echeverría relaciona con la definición de barroco dada por Theodor Adorno en su Teoría Estética (2004 [1970]), en la que expresa *“por ser decorativo no es decir todo. Lo*

barroco es 'decorazione assoluta': como si se hubiese emancipado de todo fin y hubiese desarrollado su ley formal. Ya no decora algo, sino que es decoración y nada más." (ADORNO, 2004, p. 461). En pocas palabras se dinamiza una nueva formalidad o legalidad, cuya intención es

"retro-traer el canon al momento dramático de su gestación; intención que se cumple cuando el swinging de las formas culmina en la invención de una mise-en-scène capaz de desdramatizarlas. La teatralidad esencial del barroco tiene su secreto en la doble necesidad de poner a prueba y al mismo tiempo revitalizar la validez del canon clásico. (ECHEVERRÍA, 1988, p. 45)

Echeverría asevera, metamorfoseando la definición de Adorno, que *"lo barroco es messinscena assoluta (teatralidad absoluta); como si esta se hubiese emancipado de todo servicio a una finalidad teatral (imitación del mundo) y hubiese creado un mundo autónomo (escenificación y nada más).*" (ECHEVERRÍA, 2011 p. 185) Dicha teatralidad al colocarse en escena cuestiona el canon clásico al no ser mera imitación de él, exhibe su artificialidad en la actualidad y muestra la cualidad humana de instituir una formalidad (proporcionar forma a la sociabilidad), legalidad que turbiamente se encuentra independizada. El barroco posee una voluntad de forma como característica propia, atrevimiento relacionado con la procura de revitalizar el arte clásico por medio de la producción de experiencias estéticas vinculadas con aquel momento sublime, de recreación de aquel momento de génesis, escenificación de la estetización esencial de lo clásico que deviene barroco, actualización en el ahora del estilo que permitió la creación de dichas formas¹¹.

La Compañía de Jesús, impulsa un proyecto que responde a la reforma que había promovido el protestantismo y calvinismo, proceso que estilizó los rasgos esenciales de la modernidad. La Iglesia Católica dejará de ser la institución encargada de religar a los miembros de la comunidad, de orientar la política de la sociedad. La dinámica de las leyes del mercado capitalista subsume la voluntad estructuradora de sentido político/religioso

¹¹ "La propuesta manierista, en cambio, con la que comparte el impulso y ciertos gestos básicos, se sirve de las formas clásicas como único medio disponible para introducir cánones nuevos, ajenos a ellas" (ECHEVERRÍA, 1988, p. 93)

de la comunidad, cosifica dicha dinámica de sociabilidad/religiosidad al valor valorizándose. Así la iglesia católica pierde el protagonismo central en la modernidad, por tal motivo los jesuitas intentan modernizar la iglesia¹², de forma que pudiese resistir y darle vuelta al avance de la historia del capitalismo. El Concilio de Trento protagonizado por los jesuitas es ese intento que busca transformar o revitalizar la iglesia. Intento similar al hecho por el arte barroco respecto del arte clásico.

Echeverría resalta dos particularidades fundamentales de la teología tridentina de la Compañía de Jesús,

(1) Mira en la creación del Creador una obra en proceso, un hecho en el acto de hacerse; proceso o acto que consiste en una lucha inconclusa, que está siempre en trance de decidirse, entre la Luz y las Tinieblas, el Bien y el Mal, Dios y el Diablo. [...] (2) En la Creación como un acontecer, como un acto en proceso, distingue un lugar necesario, funcionalmente específico para el ser humano: el topos a través del cual y gracias al cual esa creación alcanza a completarse como “el mejor de los mundos posibles” según argumentaba Leibniz. (ECHEVERRÍA, 1988, p. 66)

El hombre que aparecía como un actor subsidiario en un mundo totalmente gobernado por Dios se convierte en protagonista, sin su participación el bien no puede derrotar al mal, el libre albedrío se transforma en una facultad fundamental dentro de su labor religiosa - política. El mundo que había sido un valle de lágrimas por el cual el hombre peregrinaba, manifestando su probidad para lograr el paraíso eterno y la gracia de Dios, ahora se transforma en un sitio que posibilita la construcción del paraíso en la tierra, en tanto el ser humano se acerque a la gracia Divina, que potencialmente puede descender sobre él si cumple un trabajo sobre sí que lo predestine al favor divino. Así la Iglesia recobraría su centralidad en la vida social, como mediación imprescindible entre la vida en la tierra y la vida eterna, en otras palabras, la moderación necesaria de las pulsiones humanas requeridas para la existencia de cualquier cultura sería determinada por la iglesia y no por el mercado capitalista.

¹² Baltasar Gracián en “El Criticón”, da centralidad al libre arbitrio en el tránsito de la naturaleza a mundo y el paso de hombre a persona; su análisis de la usura y pecado compatibilizará la fe católica y mercado, y reforzará la tendencia indetenible de subsunción del catolicismo a la modernidad capitalista.

El plan jesuita presentado para la iglesia es enfrentar la *“marcha caótica e injusta de la vida social moderna -dinamizada por el progreso en la producción y la circulación de los bienes- la acción de un sujeto capaz de interiorizarse en esa marcha, de dotarla de sentido y guiarla hacia el bien: la iglesia.”* (ECHEVERRÍA, 1988, p. 113) Se refiere a la gracia suficiente de Dios y la gracia eficaz, es decir el libre arbitrio¹³ o la voluntad del sujeto como posibilidad para impulsar el estado de gracia siempre latente en el que se encuentran todos los hijos de Dios. Tal estado de gracias se torna eficaz mediante un trabajo sobre sí de acuerdo a los principios de la iglesia, es decir mediante el uso propositivo del libre albedrío, siendo la gracia de Dios siempre suficiente para todos sus hijos. Siendo un Dios en construcción, un Dios que depende de la libertad de su creación para ser tal. (RAMOS, 2020)

Echeverría por medio del examen de estos dos proyectos políticos, religiosos y estéticos, identifica los principales rasgos del barroco, cuya relación orgánica se muestra claramente en la Italia de la época. Las iglesias que bajo los principios del barroco son edificadas, como revitalización del poder de la iglesia, demuestra su omnipresencia y poder divino. Así el barroco consume todas las formas clásicas al usarlas y en un segundo nivel compone formas inéditas como crítica y actualización de las pasadas.

El siglo XVII fue el siglo de la invasión, del aniquilamiento de las grandes civilizaciones originarias y comunidades existentes en el continente, de la desde ahí llamada América, y posterior atraco de recursos naturales, principalmente la plata (acumulación originaria o primigenia del capital) y la conversión de las comunidades naturales en mano de obra

¹³ Esta característica de la modernización llevada adelante por la Compañía de Jesús, tiene una relación profunda con la filosofía de Leibniz, “insiste en el canon de la filosofía teológica que confunde lo verdadero (o revelador) con lo bueno (o conveniente). Por la ontologización de lo ético o estetización de lo ontológico que esta implica en el planteamiento anterior no se reduce simplemente a reformular ese canon para ponerlo al día. Es el monumental trabajo de *swinging* barroco en el universo de los conceptos tradicionales: [...] la voluntad de combinar la definición (grecorromana) del ser de los entes como presencia espontánea con la (judío-cristina) que lo concibe como presencia provocada; de juntar la teoría filosófica con la sabiduría hermenéutica.” (ECHEVERRÍA, 1988, p. 116)

esclavizada (principio descarnado bajo el cual funciona la explotación o apropiación del plusvalor); y una tentativa subalterna de renovación del cristianismo europeo promovida por los jesuitas en las “nuevas tierras”, mediante la vigencia del Concilio de Trento. (RAMOS, 2020) El fin de este proyecto culminaría cuando *“Europa, volvía la espalda a sus propios adelantados en América y la precaria América europea [...] entraba en un proceso de regresión indetenible.”* (ECHEVERRÍA, 2008, p. 160) Además, podemos observar tres características sistemáticas que nos muestran las condiciones objetivas de ese periodo histórico (1595- 1635),

(1) La demografía, la curva indicativa del aspecto cuantitativo global de la demografía alcanza su punto más bajo a la vuelta de siglo [...] la línea que desciende representaba a una población compuesta predominantemente de indígenas puros y africanos y peninsulares recién llegados [...] la línea que asciende está allí por una composición demográfica diferente, en la que predomina abrumadoramente la población originada en el mestizaje: criolla, chola y mulata [...] (2) línea descendente retrata en cantidades el tráfico ultramarino de minerales y esclavos, mientras que la ascendente lo hace con el tráfico de manufacturas y productos agropecuarios y, (3) una cosa decae al principio, el régimen de la encomienda, propio del feudalismo modernizado, que asegura con dispositivos mercantiles un sometimiento servil del explotado al explotador, y otra diferente lo que se fortalece al final, la realidad de la hacienda, propia de una modernidad afeudalada, que burla la igualdad mercantil de propietarios y trabajadores mediante recursos de violencia extraeconómica como los que sometieron a los siervos de la edad media en Europa. (ECHEVERRÍA, 1988, p. 50)

Esta realidad manifiesta el fracaso del apartheid, como estrategia arcaica mediante la cual los conquistadores de ninguna forma llegaban a relacionarse con los colonizados, lo hacían sólo para la sobreexplotación en calidad de mano de obra esclavizada. La existencia en riesgo, el absoluto peligro para la reproducción de la vida, abre una relación de reciprocidad entre los mundos existentes, *“la estrategia de comportamiento autoafirmador de identidad que se esboza y se desarrolla espontáneamente entre la población indígena [...] imprimir y cultivar una manera propia [...] de revitalizar las formas civilizatorias europeas”* (ECHEVERRÍA, 2008, p. 161) ante la imposibilidad de reconstruir su mundo, ahora en ruinas, y la imposibilidad de expulsar al invasor extranjero.

Los indios ciudadanos de América imitan a su muy peculiar manera las formas técnicas y culturales europeas [...] son indios que

representan el papel de no indios, de europeos, y que no están en capacidad de volver a ser indios a la manera a la que lo fueron antes de la conquista. Son actores para quienes el mundo representado se ha vuelto más real que el mundo real por que la realidad de éste se ha desvanecido: actores de una *messinscena assoluta* obligada. (ECHEVERRÍA, 2008, p. 162)

5. Estetización de la vida cotidiana en las colonias latinoamericanas

Echeverría como buen lector de Jean Paul Sartre asume la libertad como central en la constitución del sujeto y entiende que el ser humano está condenado a la libertad, libertad que es la posibilidad de que la voluntad se manifieste en el mundo restringido por la reproducción de la vida misma. Es decir, el ser humano tiene que decidir libremente pero necesariamente por una de las posibilidades objetivas que se le presentan y le permitan reproducir su existencia. Mantenerse en la ambigüedad pone en peligro su reproducción, por eso el ser humano se precipita a elegir. (RAMOS, 2020) La forma particular de cómo se expresaría esa voluntad en el barroco es la libertad como elección del tercer excluido,

Elegir la tercera posibilidad, la que no tiene cabida en el mundo establecido, trae consigo un “vivir otro mundo dentro de ese mundo”, es decir, visto a la inversa un “poner al mundo, tal como existe de hecho, entre paréntesis” [...] que es toda una puesta en escena; de una “desrealización de la contradicción y la ambivalencia que “sin pretender resolverlas, intenta toda una manera de neutralizarlas, adjudicándoles para ello el estatus de lo alegórico. (ECHEVERRÍA, 1988, p. 176)

El uso que el filósofo hace del término alegoría lo toma del Origen del Drama del Barroco Alemán (2006 [1928]) de Walter Benjamin, para tejer puentes sensibles entre los conceptos teóricos y la realidad fenomenológica. En el contexto del largo siglo XVII, en las colonias americanas, las condiciones objetivas de la crisis en la sociedad de la época provocaron una estrategia semiótica y material denominada mestizaje,

Un proceso en el que cada forma social, para reproducirse en lo que es, intentaría ser otra, cuestionarse a sí misma, aflojar la red de su código en un doble movimiento: abriéndose a la acción corrosiva de las otras formas concurrentes y, al mismo tiempo, anudando según su propio principio el tejido de los códigos ajenos,

afirmándose desestructuradoramente dentro de ellas.
(ECHEVERRÍA, 1988, p. 138)

Lo que involucró la supresión de la militancia de los criollos en el proyecto imperialista que se situaba sobre América Latina, es suspender el apartheid como fundamento de este proyecto. Es decir, abrirse al cuestionamiento sobre uno mismo, generar una apertura ineludible para la revitalización de la civilización en riesgo. De forma análoga y semejante los indios esclavizados sobrevivientes y africanos esclavizados sobrevivientes asumieron su derrota y la imposibilidad de vencer en cualquier forma de enfrentamiento directo y aceptar la derrota ante la técnica colonizadora europea que por sus características subsumían a las originarias. El empuje de las clases populares marginalizadas entre el suicidio de la insurrección inverosímil y el fracaso del propósito colonial, hace posible la vida entre la muerte: el mestizaje.

Por un lado, *“la aceptación de las formas civilizatorias y el cumplimiento de las leyes y disposiciones políticas del imperio eran llevados a tal extremo en la práctica cotidiana, que la ponía (...) en una crisis de vigencia y legitimidad.”* (ECHEVERRÍA, 1988, p. 181) La estetización del mundo de la vida en las colonias latinoamericanas recrea un simulacro particular como obediencia a la institucionalidad europea metropolitana (entre lo burlesco y fatal en la obediencia de sus responsabilidades y la insignificancia de someterse a dichas disposiciones). Por otro lado, *“la resistencia, la reivindicación de la “identidad” americana, era cumplida de manera tan radical, que obligaba a esta a poner a prueba en la práctica el núcleo de su propuesta civilizatoria a refundarse y reconfigurarse para responder a las nuevas condiciones históricas”* (ECHEVERRÍA, 1988, p. 181). Ello involucró ni rehacer los mundos precolombinos ni extender Europa en América Latina, sino *“rehacer, en hacer de nuevo la civilización europea, pero como civilización americana: igual y diferente de sí misma a la vez.”* (ECHEVERRÍA, 1988, p. 181) Los ejemplos más claros de vivir esta contradicción imponderable se dan en la economía y política de este siglo. Una economía del contrabando y de informalidad, que garantizó la

introducción de las clases blancas aristocratizadas, en el mercado mundial del comercio de mercancías, y mientras se conservaba la sobreexplotación de la mano de obra en las haciendas modernizadas.

Se instauran mecanismos de sobreexplotación para lidiar con la contradicción de insertarse dentro de la legalidad igualitaria del mercado como propietarios privados, por medio de la prolongación de la división social del trabajo por etnia, característica propia del periodo colonial, dispositivo de usurpación de plusvalor absoluto del trabajo que se consolida como ventaja o cualidad de nuestras economías: ejército de reserva a disposición. Y de forma complementar la destrucción expansiva y aguda de la naturaleza. Así, son cumplidos los requerimientos formales del mercado capitalista y las normas dispuestas desde la Corona, mediante la recreación de una tercera y particular legalidad económica. De forma análoga en la política surge aquello denominado como *dissimulazione*, que se manifiesta mediante la subordinación, la resignación y el oportunismo, es decir mediante la construcción de legalidades paralelas a la oficial, que potencialmente se transforman en aceptadas. Así identificamos los rasgos del populismo tan particular y extendido en América Latina.

Echeverría identifica que el barroco incentiva la producción y consumo de experiencias estéticas, que traen para el mundo de la vida el tiempo extraordinario de plenitud. Estrategia usada por la iglesia de la Compañía de Jesús para modernizarse por medio del arte barroco, que revitaliza el instante dramático de la creación del arte clásico, estableciendo una dramaticidad que se prolonga al mundo de la vida, se provoca una estetización de la vida,

El mundo como teatro, el lugar donde toda acción, para ser efectivamente tal, tiene que ser una escenificación, [...] ponerse a sí misma como simulacro [...] de lo que podría ser [...] Lo que pretende es rescatar la "forma natural" de las cosas siguiendo un procedimiento peculiar: desrealizar el hecho en el que el valor de uso es sometido y subordinado al valor económico, transfigurarlos en la fantasía, convirtiéndolos en un acontecimiento supuesto, dotado de una realidad revocable; vive creándose como personaje y

aprovechando el hiato que lo separa de sí mismo para tener en cuenta la posibilidad de su propia perfección [...] todo acto humano es como la repetición mimética o la transcripción alegórica de otro acto original, él sí, pero irremediablemente ausente, inalcanzable. (ECHEVERRÍA, 1988, p. 196)

Se instituye un ethos barroco como estrategia atada a la codigofagia o mestizaje cultural, actualización o estructuración posible que permite la vida en civilización ante el peligro eminente de la barbarie, y ensambla otras capas o modernidades que se hicieron posibles en diversos proyectos históricos en la vida de América Latina, experiencias históricas que estetizan el mundo de la vida. La eficacia del ethos barroco se prolonga por las sociedades de América Latina como respuesta y resistencia al hecho capitalista globalizado y el subsecuente ethos realista hegemónico, que impone el ritmo de la existencia en las sociedades modernas, causa y efecto del progreso realizándose por medio de la reproducción automática de la ley general de la acumulación del capital, y sus modalidades o actualizaciones. (RAMOS, 2020)

Para finalizar, destacamos los aspectos que singularizan la obra de Bolívar Echeverría, principalmente el análisis de la codigofagia o mestizaje cultural, que considera la influencia de los distintos periodos históricos que han determinado nuestro presente, para definir los rasgos esenciales que configuran al ser latinoamericano. En este sentido, el genocidio e invasión a la ahora conocida como América, y el subsecuente sistema colonial caracterizan hasta la actualidad a nuestras sociedades con la sistemática negación, represión y exclusión a las comunidades originarias. El sistema colonial se basó en un apartheid que relacionaba a los conquistadores blancos con las comunidades colonizadas sólo por medio de instituciones como la Encomienda o el Concertaje. Mediante estos mecanismos se configuró una racionalidad que se enfocó en los fines y estableció cualquier medio para la obtención de riquezas y de la gloria imperial, dichos fines fueron realizables tan sólo en la medida la exportación de la riqueza mineral y natural a Europa.

El sistema colonial se prolongó e institucionalizó en América Latina mediante la superexplotación del ser humano y naturaleza, que caracteriza nuestras economías como proveedoras de riquezas y materias primas, estableciéndose un feudalismo modernizado que a lo largo del siglo XVII se constituyó en lo que se ha denominado como modernidad barroca. Llama la atención la blanquitud como el tipo ideal de la feudalidad colonial y de la modernidad capitalista. Mientras al otro extremo en el mundo de los vencidos, los grandes imperios derrotados y las pequeñas comunidades originarias son fragmentos que mantienen las características más profundas de lo que fue y ya no será, la vida comunal y la relación/religión profunda con la tierra, ahora refugio para la sobrevivencia y resistencia a la muerte sistemática, instrumentalizada y rentabilizada.

El imperio/mundo español entró en una profunda crisis, ante el peligro acechante de la muerte y la barbarie dispone una relación inédita entre los dos mundos, entre el colonizador y el colonizado, que se encuentran en la posibilidad de reconstruir o actualizar el mundo en crisis con los cánones de los vencedores y la vida misma de los vencidos, este proceso principalmente semiótico se denomina codigofagia o mestizaje cultural. La codigofagia se moviliza en el intento de los blancos de extender su hegemonía y por otro lado la resistencia de los oprimidos a abandonarse en un blanqueamiento imposible. Es decir, el mestizaje que procura ser una síntesis de los dos mundos es persistentemente una dialéctica negativa, en conflicto y siempre abierta.

6. Referencias

ADORNO, Theodoro; HORKHEIMER, Max. **Dialéctica de la Ilustración**. Madrid: Akal, 2007 [1944]. ISBN: 978-84-460-1677-9.

ADORNO, Theodoro. **La Teoría Estética**. Lisboa: Akal, 2004 [1970]. ISBN: 84-460-1670-2.

BENJAMIN, Walter. **La obra de arte en época de su reproducibilidad técnica**. Buenos Aires: Ed. Godot, 2019 [1936]. ISBN: 978-987-4086-71-6.

BENJAMIN, Walter. **Las Tesis de la Filosofía de la Historia**. Barcelona: Angelus Novus. 1971 [1940]. Disponible en: <https://adultosmayores.unr.edu.ar/wp-content/uploads/2020/11/Benjamin-Walter-Tesis-de-Filosofia-de-la-Historia.pdf> . Accedido en 18 jun. 2021.

BENJAMIN, Walter. **Origen del drama barroco Alemán**. Madrid: Abada. 2006 [1925]. ISBN: 9788496258594

ECHEVERRÍA, Bolívar. **El discurso crítico de Marx**. México: ERA, 1986. ISBN: 968-411-151-7.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **La modernidad de lo Barroco**. México: ERA, 1988. ISBN: 968.411.427.3.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Circulación capitalista y reproducción de la riqueza social**. México: Ediciones Nariz del Diablo, 1994. ISBN:9978-82-554-1.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Imágenes de la blanquitud**. En P. L. Bolívar Echeverría (Autor), *Sociedades Icónicas* México: Siglo XVI. (2007). pp. 145-160. ISBN-10 : 9682326737

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Juego, arte y fiesta. Juego, arte y fiesta**. Quito: Flacso, 2002.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Arte y utopía**. México: Itaca, 2003. ISBN: 1570-1522.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Vuelta del Siglo**. Caracas: El perro y la rana, 2005. ISBN: 978-980-396-600-3.

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Definición de la Cultura**. México: Itaca, 2010. ISBN: 6071601819, 9786071601810

ECHEVERRÍA, Bolívar. **Antología, Bolívar Echeverría, Crítica de la Modernidad Capitalista**. La Paz: Vicepresidencia del Estado Plurinacional de Bolivia, 2011. Disponible en: <http://comunizar.com.ar/wp-content/uploads/Echeverria-Bolivar-Critica-De-La-Modernidad-Capitalista.pdf> . Accedido en 18 jun. 2021.

FREUD, Sigmund. **El malestar en la cultura**. Madrid: Akal, 2017 [1930]. ISBN: 978-84-460-4385-0.

GRACIÁN, Baltazar. **El críticón**. Madrid: Verbum, 2020. Disponible en: <https://qeef144wre.pdcdn.xyz/dl2.php?id=193325756&h=913e093893a6d2b01e508a365853debf&u=cache&ext=rtf&n=El%20criticon> . Accedido en 18 jun. 2021.

HARNECKER, Marta. **El capital: conceptos fundamentales**. Santiago de Chile: Editorial Universitaria. 1971. Disponible en: <https://rebellion.org/docs/88241.pdf> . Accedido en 18 jun. 2021.

RAMOS, César Miguel Salinas. **Bolívar Echeverría: “Modernidad Barroca Latinoamericana**. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto. 2020. Disponible en: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/12085>. Accedido en 18 jun. 2021.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. **Filosofía de la praxis**. México: Siglo XVI. 2003 [1967]. ISBN 968-23-2410-6

SIERRA, Wladimir. Palestra presentada en el Simposio Bolívar Echeverría y la Teoría Crítica Latinoamericana. **Teoría Crítica Excéntrica: Valor de Uso y Utopismo**. Quito, Pichincha: Revista Sophia. 19 junio 2010. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=W5TmitrXkK0> . Accedido en: 15 mayo 2021.

TOLSTOI, León. **La muerte de Ivan Ilich**. Madrid: Mestas Ediciones, 2002. ISBN: 978-80-268- 0692-9.

WEBER, Max. **La ética protestante y el espíritu del capitalismo**. México: Premia, 1991 [1905]. ISBN:968-607-16-1150-5.



EL ANARQUISMO PERUANO Y EL NACIMIENTO DEL “COMUNISMO INCA”

O ANARQUISMO PERUANO E O NASCIMENTO DO “COMUNISMO INCA”

PERUVIAN ANARCHISM AND THE BIRTH OF “INCA COMMUNISM”

Alfredo Gomez Muller¹ 
Universidad de Tours, França

Resumen: El anarquismo y el marxismo constituyen en las tres primeras décadas del siglo XX dos corrientes importantes de pensamiento crítico y dos proyectos de emancipación que propugnan la igualdad y la justicia social. Paradójicamente, en ambas corrientes se manifiestan prejuicios culturales y étnicos asociados al eurocentrismo, que reproducen esquemas de dominación colonial. Este artículo se propone presentar y analizar los primeros elementos de crítica del eurocentrismo en el pensamiento anarquista peruano de la década de 1910, y su influencia en la crítica social de la época. Se concluye que los anarquistas fueron pioneros en esta crítica, que será retomada en la década siguiente por José Carlos Mariátegui

Palabras clave: Anarquismo; Comunismo Inca; Eurocentrismo; Descolonización; Perú

Resumo: O anarquismo e o marxismo constituem nas três primeiras décadas do século 20 duas importantes correntes de pensamento crítico e dois projetos de emancipação que defendem a igualdade e a justiça social. Paradoxalmente, ambas as correntes manifestam preconceitos culturais e étnicos associados ao eurocentrismo, que reproduzem esquemas de dominação colonial. Este artigo tem como objetivo apresentar e analisar os primeiros elementos da crítica ao eurocentrismo no pensamento anarquista peruano na década de 1910, e sua influência na crítica social da época. Conclui-se que os anarquistas foram os pioneiros nesta crítica, que será retomada na década seguinte por José Carlos Mariátegui.

Palavras chave: Anarquismo; Comunismo Inca; Eurocentrismo; Descolonização; Peru

Abstract: Anarchism and Marxism constitute in the first three decades of the 20th century two important currents of critical thought and two

¹ Doctor Habilitado para Dirigir Investigaciones (HDR), de la Universidad de Ciencias Humanas de Estrasburgo (Francia). Profesor emérito de Estudios Latinoamericanos y de Filosofía, de la Universidad de Tours (Francia). E-mail: alfredo.gomez-muller@univ-tours.fr

emancipation projects that advocate equality and social justice. Paradoxically, both currents manifest cultural and ethnic prejudices associated with Eurocentrism, which reproduce schemes of colonial domination. This article aims to present and analyze the first elements of criticism of Eurocentrism in Peruvian anarchist thought in the 1910s, and its influence on the social criticism of the time. It is concluded that the anarchists were pioneers in this criticism, which will be taken up in the following decade by José Carlos Mariátegui

Keywords: Anarchism; Inca communism; Eurocentrism; Decolonization; Peru

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.180104](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.180104)

*Recebido em: 17/12/2020
Aprovado em: 22/06/2021
Publicado em: 01/07/2021*

1. Emancipación y etnocentrismo

Al nivel de los principios, el anarquismo así como el marxismo se presentan como proyectos de emancipación universal. Herederos tanto del universalismo de la Ilustración como de la igualdad real exigida por Babœuf, reivindicán una validez más allá de las fronteras nacionales y las diferencias culturales. Su finalidad y sentido no es la emancipación del hombre/mujer francés(a) o europeo(a), sino la del Humano en general. La Razón, que es universal, dice que todo ser humano, cualquiera que sea su cultura, puede y debe llegar a ser sujeto y objeto de este proyecto de emancipación que comporta en particular el fin de la religión, del capital, del Estado burgués (marxismo) o del Estado en general (anarquismo), así como la construcción de relaciones sociales, económicas y políticas basadas en la igualdad, la libertad y la solidaridad.

En la realidad de la historia, sin embargo, la pretensión universalista del anarquismo y el marxismo ha tropezado con el hecho de la diversidad cultural y, en ciertos contextos, ha podido convertirse en dispositivo de dominación cultural. En el discurso y la práctica de estos dos proyectos de emancipación universal, la diferencia cultural ha podido generar actitudes de incomprensión, indiferencia, condescendencia, hostilidad y

menosprecio frente a culturas no europeas. A este respecto, el caso de los franceses de la Comuna de París que fueron deportados a Nueva Caledonia es tan emblemático como trágico: instalados en el país Kanak colonizado por Francia, estos hombres y mujeres que habían expuesto su vida en París para construir un sistema más justo, ven al pueblo kanak con los mismos prejuicios que cualquier burgués europeo, y llegarán al extremo de apoyar a la autoridad colonial durante la insurrección anticolonialista de 1878 dirigida por el jefe Atai. A Louise Michel, la única deportada que se abre a la cultura kanak y condena la extrema violencia con la que los franceses sofocan la rebelión, sus compañeros de presidio le reprochan el haberse “ensalvajado” (*ensauvagé*) (ARMOGATHE, 1985)². Para ellos parece existir una clara línea de demarcación entre los “salvajes” y los no salvajes o “civilizados”, y esta línea de separación comporta un juicio de valor. El “ensalvajarse” equivale a una pérdida: convertirse en “salvaje” significa perder su estatuto de ser “civilizado”. Y, como lo indica el caso vivido por Louise Michel, quien por lo demás jamás adoptó el modo de vida o las creencias de los Kanak, bastaría con escuchar al otro y con intentar entenderlo para perder su calidad de “civilizado”. Comuneros y Versallenses, proletarios y burgueses comparten en general la idea de que un “civilizado” no debe escuchar seriamente a los hombres y mujeres de culturas diferentes.

2. Anarquismo latinoamericano y etnocentrismo: los años 1910-1920

En América Latina, el mismo prejuicio etnocentrista ha podido marcar –y en cierta medida marca todavía– los discursos y prácticas de críticos de la sociedad inspirados por las ideas de emancipación social producidas por el movimiento obrero europeo del siglo XIX. Expresado de manera más o menos explícita y sistemática, este prejuicio puede revestir diversas formas, desde la incompreensión frente a prácticas de emancipación presentes en otras culturas, hasta la abierta y declarada hostilidad hacia la diversidad cultural como tal y la implementación de

² Sobre este tema, ver D'Eaubonne (1985).

políticas asimilacionistas en relación con las culturas no occidentales. Así, la mayor parte de los anarquistas mexicanos del periodo revolucionario se mantuvo al margen de la insurrección de Emiliano Zapata, juzgando con severidad la presencia de referencias religiosas en textos, discursos y prácticas del movimiento agrarista revolucionario. Para esos anarquistas la obra autoemancipadora de los campesinos-indígenas del sur (redistribución de tierras, comunalismo agrario, desmantelamiento del sistema gamonal de dominación) pasó prácticamente desapercibida, quedando ocultada por la presencia de lo religioso en el movimiento. Así, cuando las tropas zapatistas y villistas ocupan la capital del país el 6 de diciembre de 1914 –uno de los hechos más significativos de la Revolución mexicana–, los anarquistas del periódico *Revolución social* solo quieren ver lo siguiente:

En lugar de indígenas indomables, festejando con orgullo su fiesta, nuestros ojos sorprendidos vieron a tímidos y humildes parias que pedían limosna temerosamente a los transeúntes, "por amor a Dios" (...). El desfile de las fuerzas continuaba, y vimos a los zapatistas portar, como estandarte de combate, la Virgen de Guadalupe, y finalmente, la reapertura de las iglesias y el reinicio de las ceremonias religiosas³.

Para estos anarquistas *criollos* que han importado de Europa un modelo de racionalismo dogmático, la presencia de elementos religiosos en la insurrección zapatista era algo escandaloso y repulsivo. Desde su lógica estrecha la sola presencia de lo religioso, que es de entrada entendido como algo caduco, bastaba para quitarle al movimiento agrarista cualquier significado revolucionario. Por su incapacidad para entender la dimensión utópica y crítica de ciertas formas de religiosidad popular y por su desconocimiento de las reinterpretaciones populares de la imagen de la Virgen de Guadalupe —que asocian a la Virgen cristiana con la diosa Tonantzin y se inscriben en complejos procesos de recuperación cultural—, los anarquistas tienden a marginarse de la insurrección popular. Ricardo Flores Magón, la figura sin duda más conocida del anarquismo

³ *Revolución social*, 28 de febrero de 1915, citado por GUERRA (1973, p. 682).

mexicano de aquella época, se limitó a expresar una cierta simpatía hacia el movimiento zapatista que luchaba contra el enemigo común (Carranza), pero esta simpatía no logró traducirse verdaderamente en iniciativas conjuntas y en solidaridad efectiva. Algunas fuentes señalan que Flores Magón declinó la invitación que Zapata le hizo en 1913 para que se instalase en el estado de Morelos y editase allí su periódico *Regeneración* (HERNÁNDEZ PADILLA, 1984, p. 55). Por fuera de algunos casos aislados, como el del sindicalista Antonio Díaz Soto y Gama de la *Casa del Obrero Mundial* así como el de ciertos militantes del “partido liberal” de Flores Magón, los anarquistas se mantuvieron en general a distancia del zapatismo y de las insurrecciones campesinas, para circunscribir su activismo en los medios obreros y urbanos: según Flores Magón, los obreros eran en efecto “el verdadero núcleo del gran organismo que resolverá el problema social” (*Ibid.*, p. 196). Al igual que muchos marxistas de la misma época, pretendían aplicar en México los modelos revolucionarios de Europa, sin tomar demasiado en cuenta la especificidad de la realidad social y cultural del país.

En Perú, otro país en donde la población indígena representaba en aquella época más de la mitad de la población total del “Estado-nación”, la actividad de los primeros círculos anarquistas se encuentra también fuertemente impregnada de prejuicios culturales y etnocentristas. *La Protesta*, que fue su publicación más importante entre 1911 y 1927, aborda en reiteradas ocasiones el “problema” del indio, dejando entrever un interesante debate interno entre posiciones claramente etnocentristas, por un lado, y algunas voces disidentes más abiertas a la diversidad cultural, por otro. El contenido de las primeras es explicitado de manera suficientemente clara por autores como Caracciolo Levano, fundador de *La Protesta*, y Glicerio Tassara. “¿Cómo salvar pues, al indio de esa negra situación de esclavo, y de la ignorancia en que vegeta?” pregunta Caracciolo Levano en un artículo de 1912 intitulado “Redención indígena”

(LEVANO, 1912, apud KAPSOLI, 1984)⁴. Su respuesta es inequívoca: por la “instrucción racional”, enseñándole sus

deberes y derechos individuales y colectivos de hombre libre y consciente, para que sepa sentir, pensar y obrar con altivez y voluntad propias; despertando en él el espíritu de resistencia y rebeldía. Indicándole los medios que ha de poner en práctica para disfrutar de la felicidad (...); enseñándole que la única Verdad está en la Razón y en la Ciencia (LEVANO, 1912, p. 8, apud KAPSOLI, 1984).

A partir de estos supuestos, Caracciolo Levano estima que la tarea de los anarquistas entre la población indígena debe consistir en formar maestros indios, que habrán de convertirse en “apóstoles de propaganda y enseñanza”. Como lo anota Leibner, “el primer paso para la redención indígena pasa por la escuela racionalista, donde el indígena andino podrá recibir la luz que de Europa le traen los anarquistas” (LEIBNER, 1994, p. 8). Tassara (2011, apud LEIBNER, 1994) afirma explícitamente el origen europeo de la “única Verdad”:

La corriente civilizadora, que parte de Europa, se desparrama por el mundo, no puede ser detenida en nuestras playas por el esfuerzo de uno que otro espíritu arcaico (...): no en vano el Perú se halla en contacto moral e intelectual con otros países de superior cultura (*op. cit.*, p. 4).

El etnocentrismo de tales discursos y prácticas anarquistas que dicen inspirarse de un ideal de igualdad universal y de abolición de toda forma de dominación, no es el simple producto de una inconsecuencia entre las ideas y la realidad, o de un mero desfase contingente entre el espíritu “universalista” y la práctica etnocentrista. Tanto el discurso sobre la “única Verdad” como la práctica de “formación” cultural o de asimilación de los indígenas revelan de manera suficientemente clara que el etnocentrismo se disimula precisamente en el supuesto “universalismo” o, más precisamente, en la manera particular de entender el universalismo de lo humano y de la norma práctica.

⁴ Sobre el tema, ver Leibner (1994, p. 7)

3. El etnocentrismo de las Luces

Lo que se afirma como universal en tal universalismo es la “única Verdad” establecida por la Razón y la Ciencia: una verdad “universal” que dice no solo lo que el mundo es sino también lo que lo humano ha de ser: cómo ha de vivir, trabajar, producir, organizarse social y políticamente, realizarse y ser feliz (Caracciolo Levano pretende indicar a los indígenas el camino para gozar de la *felicidad*). La Razón y la Ciencia –en mayúsculas en el texto de *La Protesta*– señalan universalmente a los humanos una concepción universal de lo humano y del bien humano, y su autoridad radica en su universalidad: la Verdad es una y universal porque la Razón es una y universal, así como lo es la Ciencia que la Razón produce. Sin embargo, esta idea de la Razón universal como autoridad suprema capaz de legislar para el conjunto de la humanidad y determinar lo que lo humano es y ha de ser, no es precisamente una idea universal. Es un producto particular de una cultura determinada que encuentra su expresión sin duda más característica en el siglo XVIII –una época de fuerte expansión colonial europea– en la corriente que se suele designar como las “Luces” o la “Ilustración”. Pero el rasgo más distintivo del pensamiento ilustrado sobre lo humano (de la antropología de las Luces, según la expresión de Michèle Duchet) es la tesis dualista de la diferenciación de lo humano en dos categorías jerárquicamente ordenadas: los *civilizados* y los *salvajes* (o los bárbaros). La dualidad salvaje / civilizado “dirige el funcionamiento del pensamiento antropológico” (DUCHET, 1971, p.17)⁵ de la Ilustración, y lo puede hacer solo porque

de antemano su estructura ha sido diseñada y los roles distribuidos; desde el descubrimiento de África y América y el inicio del proceso de colonización, el hombre salvaje es objeto, en tanto que el hombre civilizado es sujeto, es aquel que civiliza, que lleva con él la civilización, que la habla y la piensa, y cómo la civilización es el modo de su acción, ella se convierte en referente de su discurso. Mal que le pese, el pensamiento filosófico toma a cargo la violencia perpetrada contra el hombre salvaje, en nombre de una superioridad de la que participa; por más que afirme que todos los hombres son hermanos, no consigue deshacerse de un

⁵ Traducido por nosotros. Sobre este tema, ver así mismo: Sala-Molins (2008).

eurocentrismo que encuentra en la idea de progreso su mejor coartada (*Ibid.*).

Según esta perspectiva eurocéntrica, la razón, de hecho, no es universal: los “salvajes” no son plenamente racionales y solo llegarán a serlo gracias a la tutela de los “civilizados”, es decir, a la dominación colonial por parte de Europa, la región del mundo donde según Tassara se halla la “cultura superior”. Los *civilizados* (los europeos) son vistos aquí como el agente exclusivo del progreso humano; aplicada a los *salvajes*, la palabra “progresar” significa ir asimilando poco a poco las concepciones del mundo y de lo humano de los *civilizados* y, correlativamente, ir abandonando sus propias concepciones del mundo y de lo humano. Para justificar la empresa colonialista, Europa se auto-instituye en modelo absoluto de lo humano como tal, esto es, se auto-instituye como universal. El europeo sería lo humano universal y su manera de pensar, de conocer y de vivir sería Razón universal. Sería la culminación misma de la historia, la etapa final del largo proceso de la evolución humana: de las ideologías del progreso del siglo XVIII al evolucionismo y positivismo del siglo XIX, Europa se auto-instituye como Sentido o Verdad de la Historia. “Evolucionismo, etnocentrismo y universalismo se compaginan perfectamente y conducen naturalmente al imperialismo” (BENETON, 1975, p, 49). A pesar de que el anarquismo y el marxismo del siglo XIX reinterpretan parcialmente la igualdad “universal” de las Luces y de la República burguesa, acentuando su contenido socioeconómico, al mismo tiempo tienden a conservar el contenido etnocentrista y por ende no igualitario del discurso “ilustrado” que identifica a Europa con lo humano universal y con lo universal normativo.

En América Latina, en el siglo XX, esta ambivalencia del discurso y de las prácticas emancipadoras anarquistas (y marxistas) tuvo una traducción negativa en la idea de que la única “emancipación” posible del indio consistía en convertirse en *civilizado*, es decir, en olvidar su propia memoria

cultural^{6*}. Es solo en el curso de las décadas 1910 y 1920 que aparecerán en Perú los primeros elementos de crítica de tales supuestos etnocentristas, tanto en el anarquismo como en el marxismo, abriendo la vía hacia un nuevo pensamiento emancipador y dando los primeros pasos en política para una re-significación intercultural de la universalidad normativa y antropológica.

4. El despertar crítico

El punto de partida de estas transformaciones son las movilizaciones de los propios indígenas, que inauguran en el Perú de las décadas 1910 y 1920 un nuevo ciclo de la larga historia de resistencia contra la dominación de los *gamonales* y del Estado (post)colonial. Después de participar en la *campaña de la Sierra* (1881-1883) a raíz de la guerra contra Chile⁷ –durante la cual habían confiscado haciendas y conquistado ciertas formas de autonomía–, grupos de pobladores indígenas del sur andino emprenden nuevas recuperaciones de tierras y denuncian abusos cometidos por los *gamonales*. Estos movimientos se multiplican en diversas regiones del sur de los Andes y en particular en los departamentos de Puno, Cusco y Apurímac. Los indígenas utilizan diversas formas de acción, desde la radicación de demandas colectivas ante los tribunales hasta el levantamiento armado, pasando por la ocupación de haciendas y aldeas: rebelión y masacre de indios en la provincia de Azángaro en 1911-1912, insurrección de Rumi Maqui en 1914-1915 en el departamento de Puno, donde la movilización se mantiene en 1917 (Azángaro), 1920 (provincias de Puno y Huancané), 1922 (Huancané) y 1923 (Huancané); ocupaciones e incidentes violentos en el departamento de Cuzco en 1918 (Paruro), 1921 (Canas), 1922 (Quispicanchis y Canchis) y 1923 (provincias de Quispicanchis, Canas, Anta, Chumbivilcas, Paucartambo, Canchis y Acomayo), así como en

⁶ Respecto al marxismo, convendría matizar distinguiendo la posición de la mayoría de los marxistas del siglo XX de la de Marx mismo, quien evoca en 1881 la idea de una posible renovación de la antigua comuna rural en Rusia, anotando que no hay que dejarse asustar por la palabra "arcaico" (MARX, 1989 [1883], p. 370-371).

⁷ Desde la ocupación por parte de las fuerzas chilenas hasta los primeros años del siglo XX, comunidades indígenas del departamento de Junín (Huancayo, Jauja) "han adoptado" –escribe el ministro del Interior en 1902– "una actitud independiente designando ellas mismas sus autoridades políticas, judiciales y municipales". Citado por Demélas (1992, p. 381)

el departamento de Apurímac en 1922-1923 (Cotabambas)⁸. Desde las movilizaciones de los años 1910 en la Sierra y la huelga y masacre de obreros agrícolas de Chicama en 1912 en la Costa, algunos colaboradores de *La Protesta* se dan cuenta de que “el espíritu de resistencia y rebelión” de la población indígena no necesita ser “despertado” por los anarquistas, como lo pretendía Caracciolo Levano en su texto de 1912. Emprenden entonces una revisión (auto)crítica que, como anota Leibner (1994, p. 5), no surge de la teoría o de las ideas anarquistas de la época sino de la práctica: son las movilizaciones indígenas mismas lo primero que cuestiona las formas establecidas del activismo social y de las ideas de los anarquistas.

Lo esencial de esta revisión que Leibner caracteriza como una “andinización del anarquismo” (Leibner, 1994, p. 15) se expresa en la relativización de los referentes culturales europeos o más generalmente occidentales: en materia de emancipación humana, Europa deja de ser el referente exclusivo y absoluto. Se empieza a “descubrir” que también existe una memoria cultural andina portadora de sentido y valores humanistas. La relativización de los referentes europeos se correlaciona con el redescubrimiento de la realidad étnico-cultural del Perú y con la reinterpretación positiva de la cultura inca (la única cultura andina a la que se refieren los colaboradores de *La Protesta*). “La civilización (..) de los Incas fue más humana que la de los españoles” –escribe E. de Arouet Prada (1914, apud Kapsoli, 1984, p. 179) en un artículo de *La Protesta* fechado en noviembre de 1914–; “en la sociedad inca”, agrega, las personas “no carecían de pan, de techo y abrigo”, en tanto que la intolerancia religiosa era algo desconocido: los Incas nunca concibieron una Inquisición y los dioses de los pueblos sometidos por ellos eran traídos “al Coricancha, al templo del Sol, junto a éste”(ibid, 179).

Frente a toda una tradición de desvalorización y desprecio instaurada por la colonización española y luego reproducida por las élites llamadas

⁸ Sobre el movimiento de la población andina campesina de las décadas 1910 y 1920, ver: Tamayo Herrera, 1982; Deustua; Rénique, 1984.

republicanas, esta revalorización de la cultura inca se refiere en particular a ciertos aspectos de su organización de la economía y, más precisamente, a sus instituciones y prácticas de producción y redistribución de la riqueza social. Aparece entonces un término que se utiliza recurrentemente para caracterizar el sistema económico inca: el término *comunismo*, acompañado a veces por el de *socialismo*.

5. El relato anarquista sobre el “comunismo inca”

La idea de un “comunismo inca” o de un “socialismo inca”, que será retomada algunas décadas después por autores tan diferentes como José Carlos Mariátegui y Louis Baudin, aparece tal vez por primera vez en América Latina en 1912, en un artículo de B.S. Carrión titulado “El comunismo en el Perú” (CARRIÓN, 1912 apud KAPSOLI, 1984, p. 177); dos años más tarde, reaparece bajo la pluma de Arouet Prada en el texto ya mencionado⁹; en 1920, Angelina Arratia (1920, apud KAPSOLI, 1984, pp. 194-196) publica una conferencia sobre el tema “El Comunismo en América” y, en 1921, E. Águila (1921, apud KAPSOLI, pp. 180-182) escribe en *La Protesta* acerca de la “organización agraria comunista del Imperio” inca. En todos estos autores la idea del comunismo y/o del socialismo aparece como un valor ético y socio-económico. Ambos términos remiten a la experiencia práctica y teórica del movimiento obrero europeo del siglo XIX; utilizados para caracterizar a la antigua sociedad incaica, aparecen antes (1912 y 1914) de la Revolución Rusa y de la creación de los primeros partidos comunistas del siglo XX y de la Tercera Internacional.

Los anarquistas de *La Protesta* utilizan los términos *comunismo* y *socialismo* en el sentido lato que les atribuía el siglo XIX, para designar una forma de organización de la sociedad basada en la puesta en común de los bienes, los recursos y el trabajo. En la medida en que esta forma de economía igualitaria es entendida en tanto que alternativa a la inhumanidad de la economía capitalista, aparece como valor: el

⁹ “Bajo el Comunismo y gobierno socialista autoritario de los Incas, [los indios] vivieron felices” (AROUET PRADA, 1914, apud Kapsoli, 1984, p. 179).

“comunismo” y el “socialismo” representan la justicia social y la realización del proyecto de emancipación abierto por la modernidad; en los términos de Christian Albrecht, “el comunismo es la doctrina de la comunidad conforme al derecho natural de igualdad” (ALBRECHT, 1970 [1844], p.166). En materia económica, el principio de base del comunismo que enuncia Albrecht en 1844 no se aleja mucho de la organización económica inca según la lectura que de ella hacen los anarquistas peruanos: tal principio “...es único para la propiedad comunitaria, y toda la tierra se vuelve un dominio único y colectivo, utilizado y explotado para beneficio de todos. La cría del ganado es colectiva...” (*ibid*, 167).

Al referirse al “comunismo inca”, al “socialismo inca” o en general a la organización económica de la antigua sociedad inca, los anarquistas de *La Protesta* mencionan en particular los siguientes elementos distintivos: el “trabajo en común” (B.S. Carrión y Caracciolo Levano), la repartición de los productos del trabajo según las necesidades de las personas (Caracciolo Levano), el “trueque de productos” (B.S. Carrión), el bienestar económico y el espíritu de solidaridad opuestos a la miseria y al espíritu individualista de los regímenes colonial y republicano¹⁰. La mayoría de estos elementos son retomados por la anarquista peruana y emigrada en Chile Angelina Arratia en un folleto titulado *El Comunismo en América*, publicado en 1920; en este texto sostiene Arratia en particular que en el antiguo Perú no había ni ricos ni pobres, ni

nadie que sufriera hambre ni frío, ni quien quedara abandonado (...). Cada matrimonio recibía un *topo*, medida agraria que variaba según aumentaban o disminuían los miembros de la familia. En consecuencia, nadie podía enajenar ni legar su tierra. A igual distribución estaban sometidos los ganados, mientras los peces y las yerbas podía tomarlas cada cual en la cantidad que quisiera (ARRATIA, 1920, apud KAPSOLI, 1984, p. 196).

Estos discursos sobre la antigua sociedad inca comportan ciertamente una parte importante de idealización así como afirmaciones

¹⁰ “La organización agraria comunista del imperio, que daba como resultado el bienestar económico del pueblo, hacía imposible la miseria (...). La organización social depende de la económica y es natural que la solidaridad y la armonía social florecían en el imperio, en tanto que el más feroz individualismo y antagonismo de clases han descollado en el coloniaje y la República”. (ÁGUILA, 1921 apud KAPSOLI, 1984, p. 181).

que la historia y la antropología contemporáneas consideran erróneas –como por ejemplo cuando Arratia afirma que todos los miembros de la sociedad inca eran iguales y que las diferencias de clase no estaban basadas en criterios de riqueza (la posesión de bienes) sino en el tipo de actividad de las personas. No obstante, sería un error reducir tales textos a una construcción enteramente mítica: junto a los elementos de ficción también se puede encontrar referencias a instituciones y prácticas sociales, cuya existencia ha podido ser establecida en la antigua sociedad inca, y que pueden tener una resonancia en la memoria cultural del socialismo europeo. El sistema económico inca se basaba efectivamente en la combinación de la reciprocidad –que se ejercía esencialmente en la ayuda mutua comunitaria (*ayni*), y de la redistribución (que era asegurada por el Estado) (WACHTEL, 1971, p. 104); en el sistema del *ayllu*, la posesión de la tierra era colectiva y las tareas de producción se basaban en relaciones de ayuda mutua y cooperación (*Id*, p. 109); el *tupu* que menciona Arratia, (con la ortografía de “topo”) era una unidad de medida de la superficie de tierra que equivalía a la “superficie necesaria para el mantenimiento de una persona” (FAVRE, 1990, p. 38), es decir, una unidad de medida basada en la categoría de la necesidad humana y no simplemente en abstracciones geométricas; es por ello que el *tupu* tenía en cuenta criterios tales como la calidad de la tierra, y no solo su extensión abstracta. El *tupu* expresa de manera concreta el principio básico de la economía inca: la necesidad humana. La apropiación privada de una parte del trabajo social –en particular por los *kurakas*– y por ende la ganancia privada existían en la sociedad inca, pero se hallaban regulados por la obligación de una redistribución que tomaba en cuenta las necesidades de la gente; así, el *kuraka* debía “velar por la seguridad material de todos los miembros de su administración. Atendía las necesidades de los pobres, los huérfanos, las viudas, de los *waqcha* en general” (*Ibid.*, p. 45). Es en esta concepción de una economía basada en la necesidad de los humanos y no en la ganancia privada, que se puede situar el punto de encuentro intercultural entre la

memoria social inca y la memoria social europea heredera del movimiento obrero del siglo XIX.

En los años 1910 y 1920, este encuentro fue articulado a través de formas lingüísticas y conceptuales específicas cuyo efecto sobre el encuentro mismo puede parecer paradójico: crearon al mismo tiempo una proximidad y una distancia, hicieron a la vez posible e imposible la comunicación entre ambas memorias sociales inca y europea anarquista. Al designar las estructuras incas de reciprocidad, de redistribución y de propiedad comunal de la tierra en términos de *comunismo* o de *socialismo* inca, los anarquistas latinoamericanos¹¹ utilizan conceptos producidos en Europa en el siglo XIX para nombrar construcciones sociales, políticas y culturales muy diferentes de las que existían en las culturas andinas. Crean de este modo una forma de proximidad y de comunicación con estas últimas: decir que hay un *comunismo* o un *socialismo* inca equivale a crear algo común entre la memoria social inca y la memoria social anarquista: el socialismo inca y el socialismo de origen europeo comparten el hecho de ser *socialismos*, esto es, modos específicos de organización de la sociedad basados en concepciones éticas y axiológicas particulares y distintas, por ejemplo, de las del liberalismo económico o del capitalismo. El otro no es otro hasta el punto de aparecer no-humano o infra-humano, como en el discurso racista colonialista de un Ginés de Sepúlveda o republicano de un Sarmiento. Lejos del racismo tradicional que produce una forma de diferencia absoluta, los anarquistas afirman que hay aspectos comunes entre ambas memorias culturales. Algo común que puede ser comunicado. Pero, al mismo tiempo, afirmar que hay un *comunismo* inca o un *socialismo* inca significa someter la experiencia inca a un modelo occidental que serviría de matriz a formas derivadas relativamente diversas —entre ellas, la forma inca—, desconociendo esta vez la singularidad de las construcciones no occidentales de lo social, de lo económico y de lo

¹¹ En un texto que provendría del período 1912-1914, Ricardo Flores Magón habría escrito: "...el pueblo mexicano es apto para llegar al comunismo, porque lo ha practicado, al menos en parte, desde hace siglos". Ver: Beas; Ballesteros; Maldonado (2003, p. 45). Los autores no indican las referencias del texto de Flores Magón.

político. En sí mismas, independientemente del significado que diversos autores puedan conferirles, las dos expresiones recelan un significado etnocentrista que puede estorbar la posibilidad de una comunicación verdaderamente intercultural. Al igual que expresiones tales como *sociedad feudal* (J.V. Murra) o *monarquía de tipo asiático* (A. Métraux), la de *socialismo inca* es, según los términos de Nathan Wachtel, demasiado simplificadora, cae en el anacronismo y soslaya la complejidad de lo real: “ante todo hay que evitar proyectar en una civilización tal alejada en el tiempo y el espacio categorías surgidas en nuestras sociedades industriales” (WACHTEL, 1971, p. 103). Partiendo de la crítica expresada por diversos autores, los vocablos “socialismo inca” y “comunismo inca” han perdido validez en los medios académicos en cuanto conceptos capaces de caracterizar la antigua sociedad inca.

6. Significados axiológico y político del relato sobre el “comunismo inca”

En otro nivel, sin embargo, ambas expresiones conservan todo su interés, tanto científico como político. En efecto, al margen de su pertinencia en cuanto categorías científicas, y cualquiera que sea la parte de “idealización” que puedan conllevar, las nociones de *socialismo inca* y de *comunismo inca* son un constructo histórico cuyo significado cultural, social y político convendría examinar. Son objetos de investigación histórica, política y filosófica, que “dan a pensar”. ¿Por qué aparecen en el curso de la década 1910 en Perú y en México en medios anarquistas? ¿Cómo y en qué contexto fueron producidas, y cuál fue su función? En la perspectiva de investigación abierta por estas preguntas podemos indicar aquí brevemente tres puntos, que nos servirán para concluir esta reflexión:

– La idea anarquista del *comunismo inca* (o del *socialismo inca*, ambas expresiones son utilizadas indistintamente en los textos) señala un valor ético y político. Con matices diversos en E. de Arouet Prada¹² y en Manuel

¹² Arouet Prada distingue el “socialismo autoritario” o el “comunismo imperial” inca del anarquismo. Ver: Kapsoli (1984, p. 178-179).

Carreño¹³, la idea tiene inicialmente un significado positivo de orientación práctica. En la década siguiente este significado ético-político de la idea será retomado en 1928 por el pensador marxista José Carlos Mariátegui (1977, p.48), y rechazado por el ideólogo francés de derecha Louis Baudin en su libro *L'empire socialiste des Incas* (1928)¹⁴. La idea del “comunismo inca” pertenece por lo tanto al registro práctico; es utilizada para valorizar o desvalorizar la antigua sociedad inca, o bien para valorizar o desvalorizar el proyecto “comunista” (en el sentido decimonónico del término entre los anarquistas, en su sentido restringido en Mariátegui, en ambos sentidos en Baudin). El significado positivo o negativo de la idea es político y se vincula con los conflictos sociales relacionados con el reconocimiento público de lo necesario para la vida humana. En el nivel más inmediato de la práctica política anarquista, la idea del “comunismo inca” confiere un nuevo sentido a la actividad propagandística y organizativa anarquista en el mundo rural y andino, y legitima el apoyo de los anarquistas a los movimientos agraristas indígenas de la Sierra. Esta reorientación de la práctica anarquista se hará particularmente visible a través de su participación en la creación de la *Sociedad Pro-derecho indígena - Tahuantinsuyo* (1920-1923) y, ante todo, en la fundación de la efímera *Federación Indígena Obrera Regional Peruana* (1923-1924).

En la tradición anarquista latinoamericana, el discurso sobre el “comunismo /socialismo inca” señala un descubrimiento y una cierta ruptura. Los anarquistas peruanos descubren que el principio de una economía basada en formas de producción y redistribución que permiten satisfacer universalmente las necesidades básicas de los humanos ha podido ser concebido e implementado fuera de Europa. Cualquiera que fuese la limitación de sus conocimientos relacionados con la antigua sociedad inca, los anarquistas peruanos pudieron establecer correspondencias entre la idea anarquista tal como era pensada en Europa

¹³ Carreño ve en el anarquismo moderno “la continuación evolutiva del sublime comunismo inca”. Ver: Leibner (1994, p. 15).

¹⁴ Sobre este tema, ver: Terrones (2012)

en aquella época y las prácticas andinas de la propiedad comunal, la ayuda mutua, la reciprocidad y la redistribución. La idea de que pueden existir formas no occidentales de anarquía o, más precisamente, lógicas institucionales y sociales que traducen de una manera específica la idea anarquista europea o algunos de sus aspectos, encontrará años después una referencia importante en la obra de Pierre Clastres (1974), y es desarrollada hoy día por autores como David Graeber (2006). A su manera, los anarquistas latinoamericanos de los años 1910 dicen que puede haber una compatibilidad entre esa producción cultural europea que es el anarquismo “clásico”, y otras producciones culturales relativas a la organización igualitaria y solidaria de la economía. Al descubrir que la anarquía puede referirse a fuentes no exclusivamente europeas, los anarquistas peruanos (algunos de ellos, así como la chilena Arratia) introducen los primeros elementos de ruptura con el etnocentrismo presente en el anarquismo “clásico”. Se trata bien de *elementos*, y no de una teoría o de una política elaborada; por lo demás, la ruptura no es general y hasta hoy se pueden hallar contenidos etnocentristas en su discurso, al igual que en el del marxismo. No obstante, a pesar de tales límites, la carga simbólica y la audacia de su relectura que reinterpreta la historia de la invasión europea, de la colonización y del periodo llamado “republicano”, son innegables. Importantes pensadores posteriores, no necesariamente anarquistas, como Mariátegui, son herederos de esta lectura anarquista. Por otra parte, al extender la crítica anarquista de la dominación a la dominación cultural y al etnocentrismo, contribuyen los anarquistas peruanos a dar una mayor coherencia a la idea anarquista.

Por último, el tema del “comunismo/socialismo inca” en la década 1910 inaugura asimismo un relato de memoria social que no deja de tener incidencia por un lado en la reconstrucción del imaginario nacional del Perú y, por otro, en la reconstrucción del imaginario social y político del anarquismo y de otros pensamientos sociales. El aspecto más característico de esta reconstrucción reside en el hecho que la referencia andina queda

integrada en los relatos de auto identificación “nacional” y de emancipación social y política, contribuyendo por lo mismo a la apertura de una forma inédita de interculturalidad. Lejos de los discursos establecidos que reducen la idea de emancipación a su elaboración moderna y europea, el sector más lúcido de los anarquistas latinoamericanos de aquella época fue sin duda el primero, entre los no indígenas, en entender el potencial de igualdad y de solidaridad de que es portadora la “utopía andina” (FLORES GALINDO, 2008). Pudo así contribuir a reinterpretar la anarquía que, al igual que la utopía de Gustav Landauer (1974, p. 22), es el “recuerdo de todas las utopías anteriores conocidas”.

Bibliografía citada

ÁGUILA, Encino del. “La Raza Indígena y el Centenario”, **La Protesta**, n. 97, 1921.

ALBRECHT, Christian. Qu'est-ce qu'un communiste ? (1844). In BRAVO, GIAN MARIO. **Les socialistes avant Marx**. Tomo III. París: Éditions François Maspéro, colección “Petite Collection Maspéro”, 1970, p. 166-168.

ARMOGATHE, Daniel. “L'exemple de Louise Michel”. **Le Monde** (París), 8 febrero 1985.

AROUET PRADA, E., “Raza indígena”, **La Protesta**, n. 39, 21 noviembre 1914.

ARRATIA, Angelina. **El comunismo en América**. Santiago: Editorial Lux, 1920.

BEAS, Juan Carlos; BALLESTEROS, Manuel; MALDONADO, Benjamín. **Magonismo y movimiento indígena en México**. México: s. ed. (talleres Offset Universal S.A.), 2003. (primera edición: 1997).

BENETON, Philippe. **Histoire de mots : culture et civilisation**. París: Presses de la Fondation Nationale des Sciences politiques, 1975.

CARRIÓN, B.S. , “El comunismo en el Perú”, **La Protesta**, n. 12, enero de 1912.

CLASTRES, Pierre. **La société contre l'État**. París: Éditions de Minuit. 1974.

D'EAUBONNE, Françoise, **Louise Michel la Canaque 1873-1880** (relato), París, Nouvelle société des éditions Encre, 1985.

DEMELAS, Marie-Danielle. **L'invention politique. Bolivie, Équateur, Pérou au XIXe siècle**. París: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1992.

DEUSTUA, José; RENIQUE, José Luis. **Intelectuales, indigenismo y descentralismo en el Perú, 1897-1931**. Cusco: Centro de Estudios Rurales Andinos Bartolomé de Las Casas, 1984, p. 75-91.

DUCHET, Michèle. **Anthropologie et histoire au siècle des Lumières. Buffon, Voltaire, Rousseau, Helvétius, Diderot**. París: Éditions François Maspéro, 1971.

FAVRE, Henri. **Les Incas**. París: Presses Universitaires de France, 1990.

FLORES GALINDO, Alberto. Buscando un Inca. Identidad y utopía en los Andes. In: **Obras Completas**. III (I). Lima: Sur Casa de Estudios del Socialismo, 2008. (1a. edición: 1986).

GOMEZ-MULLER, Alfredo (Ed.). **Constructions de l'imaginaire national en Amérique latine**. Tours: Presses Universitaires François-Rabelais, 2012.

GRAEBER, David. **Pour une anthropologie anarchiste**. Montréal: Lux Éditeur, 2006.

GUERRA, Xavier. De l'Espagne au Mexique: le milieu anarchiste et la Révolution mexicaine 1910-1915. In: **Mélanges de la Casa de Velázquez**. t. IX. París: Boccard, p. 653-687, 1973.

HERNANDEZ PADILLA, Salvador. **El magonismo: Historia de una pasión libertaria, 1900-1922**. México: Ediciones Era, 1984.

KAPSOLI, Wilfredo. **Ayllus del Sol. Anarquismo y utopía andina**. Lima: Tarea, 1984.

LANDAUER, Gustav. **La Révolution**. París: Éditions Champ Libre, 1974.

LEIBNER, Gerardo. *La Protesta* y la andinización del anarquismo en el Perú, 1912-1915. In: **Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**. vol. 5, n. 1 enero/junio, 1994. Disponible en: www.tau.ac.il/eial/V_1/leibner.htm. Accedido en: 16 enero 2010.

LEVANO, Caracciolo. "Redención indígena", **La Protesta**, n. 13, febrero 1912.

MARIATEGUI, José Carlos. **Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana**. Lima: Amauta, 1977.

MARX, Karl. Letter to Vera Zasoulich. In: **Marx-Engels Collected Works 24** (May 1874-May 1883). Londres: Lawrence & Wishart, p. 370-371, 1989.

SALA-MOLINS, Louis. **Les misères des Lumières. Sous la Raison l'outrage**. Paris: Homnisphères, 2008

TAMAYO HERRERA, José. **Historia social e indigenismo en el Altiplano**. Lima: Ediciones Treinta y Tres, 1982. p. 202-217

TASSARA, Glicerio, **La Protesta**, n. 11, diciembre 1911.

TERRONES, Félix. Les Incas du Pérou de Louis Baudin, sus influencias y repercusiones en el Debate nacional peruano. In: GOMEZ MULLER, ALFREDO (ed). **Constructions de l'imaginaire national en Amérique Latine**. Tours: Presses Universitaires François-Rabelais, 2012, pp. 135-151.

WACHTEL, Nathan. **La vision des vaincus. Les Indiens du Pérou devant la Conquête espagnole, 1530-1570**. París: Gallimard, colección "Folio histoire", 1971.



**DESENHAR E (D)ESCREVER.
INTEGRAÇÃO DE HISTÓRIA DA ARTE E PENSAMENTO
SOCIAL NA AMÉRICA LATINA (SÉCULO XIX)**

DIBUJAR Y (D)ESCRIBIR.

*INTEGRACIÓN DE LA HISTORIA DEL ARTE Y EL PENSAMIENTO
SOCIAL EN AMÉRICA LATINA (SIGLO XIX)*

DRAWING AND DESCRIBING.

*INTEGRATION OF ART HISTORY AND SOCIAL THINKING
IN LATIN AMERICA (19th CENTURY)*

Andrea Ciacchi¹ 

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Brasil

Resumo: O trabalho apresenta uma proposta metodológica de abordagem da atuação e da produção de artistas visuais (pintores e fotógrafos; europeus e latino-americanos) que, tendo realizando viagens, curtas ou longas, ou se transferindo para países estrangeiros, dentro da América Latina, tenham produzido, além de obras inerentes aos seus campos artísticos (pinturas, desenhos, gravuras, fotografias etc.), também textos descritivos, narrativos e/ou analíticos (cartas, diários, relatos, relatórios, ensaios, livros, conferências, manifestos, artigos etc.), para comentar, analisar, ilustrar com palavras os cenários, os elementos e os aspectos das várias dimensões da alteridade (étnica, racial e social) da região com as quais tenham entrado em contato. O objetivo do trabalho é apresentar uma proposta de uma linha temática e metodológica capaz de superar a disciplinarização nos estudos voltados ao pensamento social e à produção

¹ Antropólogo pela Universidade de Roma – La Sapienza –, mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal da Paraíba e doutor em Estudos Ibéricos pela Universidade de Bolonha. E-mail: andrea.ciacchi@unila.edu.br.

intelectual sobre América Latina. Para exemplificar a proposta, será abordado o caso de Guido Boggiani.

Palavras-chave: Artistas viajantes; Relatos de viagem; Alteridades; América Latina, Guido Boggiani

Resumen: El trabajo presenta una propuesta metodológica para abordar la producción de artistas visuales (pintores y fotógrafos; europeos y latinoamericanos) que, habiendo realizado viajes, cortos o largos, o trasladándose a países extranjeros, dentro de Latinoamérica, produjeron, además de obras inherentes a sus campos artísticos (pinturas, dibujos, grabados, fotografías, etc.), también descriptivas, narrativas y / o analíticas (cartas, diarios, informes, reportajes, ensayos, libros, conferencias, manifiestos, artículos, etc.), para comentar, analizar, ilustrar con palabras los escenarios, elementos y aspectos de las diversas dimensiones de la alteridad (étnica, racial y social) de la región con la que han entrado en contacto. El objetivo del trabajo es presentar una propuesta de línea temática y metodológica capaz de superar la disciplinarización en los estudios orientados al pensamiento social y a la producción intelectual en América Latina. Para ejemplificar la propuesta, se abordará el caso de Guido Boggiani.

Palabras clave: Artistas itinerantes; Historias de viajes; Alteridades; Latinoamérica; Guido Boggiani

Abstract: This paper presents a methodological proposal to approach the performance and production of visual artists (painters and/or photographers; both Europeans and Latin Americans) who, having made short or long trips, or moving to foreign countries, within Latin America, have produced, in addition to works inherent to their artistic fields (paintings, drawings, prints, photographs etc.), also descriptive, narrative and/or analytical texts (letters, diaries, reports, reports, essays, books, conferences, manifests, articles, etc.), to comment, analyze, and illustrate with words the scenarios, elements and aspects of the various dimensions of otherness (ethnic, racial and social) they have come into contact with in the region. The objective of this paper is to present a proposal for a thematic and methodological approach capable of overcoming disciplinarization in social thought and intellectual production-oriented studies in Latin America. As an example, this study will address the case of Guido Boggiani.

Keywords: Traveling artists; Travel stories; Alterities; Latin America; Guido Boggiani

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.182111](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.182111)

*Recebido em: 19/02/2021
Aprovado em: 01/07/2021
Publicado em: 01/07/2021*

1. Introdução

É muito ampla a literatura científica sobre a produção artística latino-americana que, sobretudo nos séculos XIX e XX, a partir dos chamados “artistas-viajantes” – ou *artistas viajeros*, na América hispanófono – contribuiu para a formação de um acervo iconográfico frequentemente relacionado às várias formas da alteridade étnica, racial e social da região (CURIEL MÉNDEZ, GONZÁLEZ MELLO, GUTIÉRREZ HACES, 1994; ÁLVAREZ DE ARAYA CID, 2009; AMBRIZZI, 2011; BARROS, 2011; GIORDANO, 2009; PENHOS, 2012; SÁNCHEZ, 2014; 2017 e 2018; VILLEGAS, 2001). Na maioria dos casos, trata-se de trabalhos que, oriundos do campo acadêmico da história da arte, se debruçam sobre os mais variados aspectos estéticos, compositivos, técnicos das pinturas e das outras produções visuais. Nesse contexto, a proximidade do campo da história da arte com outros campos historiográficos tem também proporcionado uma certa ênfase na reconstrução das trajetórias dos artistas. Direta ou indiretamente, alguns desses estudos remete para o papel de mediadores culturais desses atores sociais, sobretudo quando as temáticas escolhidas, os contextos biográficos e institucionais de atuação e os canais de difusão das obras têm lidado com as diversas dimensões da alteridade, do exotismo à documentação.

Entretanto, parece-me que também é necessário considerar outros elementos para delinear, de forma mais completa, os mecanismos que levaram os artistas a construir o seu olhar sobre a cultura e a sociedade na América Latina e nos países que conheceram – e que ajudaram a reconhecer, em alguns casos. Mais ainda, é esse próprio olhar que, ao se tornar o tema principal desta proposta, precisa ser considerado em sua totalidade. Em outras palavras, se propõe aqui articular (ou seja, levantar, descrever e analisar, inclusive em perspectiva comparada, se e quando necessário) os múltiplos aspectos que, em volta das decisões propriamente estéticas (temas, técnicas, sujeitos, estilos), também propiciaram a

produção de outras *obras* – cartas, diários, cadernos de campo, relatos, relatórios, ensaios, livros, conferências, manifestos, artigos – que, por sua vez, alimentam e retroalimentam a compreensão das suas produções artísticas. Assim, as atividades artísticas tornam-se uma parcela (ainda que muito frequentemente prioritária) de atividades intelectuais mais amplas que parece agora necessário investigar, incluindo no alcance do gesto interpretativo aspectos às vezes negligenciados. Nessa perspectiva, não poderá ser desprezada a diferença de destinação das produções: sendo muito frequentemente as obras visuais voltadas para o “mercado” (incluindo as encomendas) (FERREIRA-ALVES, 2010) e os textos escritos limitados, às vezes, aos âmbitos privados e/ou familiares.

Funcionando como uma dobradiça epistemológica, essa inclusão de materiais a princípio “não estéticos”, mas nem por isso menos dotados de possibilidades interpretativas, deverá permitir esclarecer, inclusive (caso a caso e, em determinadas circunstâncias, também para grupos, círculos, instituições, onde cabível), as condições de produção e de recepção tanto das obras artísticas como desses *olhares*, materializados nos textos escritos. As intenções desta proposta dirigem-se para um emaranhado de debates, disputas e discursos. Pertencem a esse conjunto de materiais e elementos, em muitos casos, as reflexões sobre a nacionalidade, sobre a formação social, cultural, étnico-racial e mesmo econômica das comunidades às quais as e os artistas (inclusive imigrantes) pertencem ou sentem ou declaram ou optam por pertencer. Nesse sentido, defendo aqui a necessidade e a conveniência de se ambicionar a verificação das condições nas quais é possível incorporar essa produção aos acervos nacionais e latino-americano do pensamento social (político, geográfico, historiográfico e antropológico), forçando-lhes as fronteiras disciplinares que lhes foram impostas pelos dispositivos definidores das ciências sociais institucionalizadas.

Nesse contexto, parece-me necessário confrontar os materiais coletados ao longo das pesquisas concentradas na produção artística

(sobretudo quando inseridas em contextos metodológicos ou institucionais reconhecíveis como sendo da “história da arte”) com os resultados obtidos em investigações levadas a cabo, na América Latina, sobre o ensaísmo latino-americano, para que se possa verificar a hipótese da existência de laços (simbólicos, epistemológicos e/ou temáticos) de parentesco entre essas duas modalidades de produções, quando se debruçam, ambas, sobre aspectos decisivos das configurações sociais e culturais do continente.

2. Possibilidades pouco exploradas

Se, como veremos, experimentarmos uma abordagem alinhada com as propostas aqui apresentadas, creio que várias vantagens podem ser obtidas. Vantagens que se concretizariam graças a possibilidades que me parecem ainda pouco exploradas na literatura científica na América Latina, sobretudo na dimensão dos estudos sobre o pensamento social.

Uma delas, talvez a principal, permitiria levantar e formar um corpus de textos produzidos por artistas visuais para inseri-los no acervo mais geral do pensamento social produzido na América Latina no século XIX. Mas, também, creio que outras contribuições procederiam dessa proposta, como a compreensão dos nexos entre processos sociais e formas estéticas na América Latina, ou a visualização mais abrangente da produção de textos escritos por artistas visuais oitocentistas na região e, em perspectiva ainda mais ampla, a viabilidade de incorporar a produção (estética e textual) de artistas visuais na documentação do ensaísmo latino-americano no século XIX.

A pintura e a fotografia, desde meados do século XIX, também se configuraram, na América Ibérica, como setores em que práticas significativas reconduzíveis a diversos campos se entrecruzaram e constituíram outros tantos nexos com a vida econômica e social. No retrato, na paisagem, na pintura histórica e de costumes, nas charges, nos registros fotográficos, e, adentrando no século XX, também nas entrelinhas e

tessituras das vanguardas, foi necessário negociar significados e juízos, descrições e imaginários, inclusive através de mecanismos que viabilizassem a relação com o público e com o mercado, entidades que, por sua vez, também começaram a se conformar e se desenvolveram ao longo do período aqui considerado. Mas o olhar que aqui se pretende, ao mesmo tempo, antropológico, historiográfico e estético, não pode desconsiderar o “aparato social total” constituído não só pelas obras artísticas (numa palavra – as *imagens*), mas também pela produção textual (numa outra palavra – os *textos*) que essa categoria social se empenhou em produzir e, em alguns casos, divulgar. Imagens e textos não se contrapõem, mas, antes, se justapõem para a formação do que chamo, então, *aparato*² das e dos artistas visuais. Ele é composto pelo conjunto da sua obra “artística” e pela *re-união* dos seus escritos que possam se relacionar, direta ou indiretamente, com aquela obra. Desta maneira, repõe-se aqui o nexo entre formas estéticas e formas sociais (SCHWARZ, 1977), a relação dialética entre as formas (*todas* as formas produzidas pelas e pelos artistas, com imagens e com palavras) e a lógica dessas formas, no chão dos processos sociais reais. Nesse nexo, então, busco recuperar a dimensão etnográfica da atividade intelectual desses artistas.

Finalmente, também entendo essa reunião e a investigação sobre ela como a realização de um conhecido desafio que nos lançou há quase cinquenta anos Roland Barthes (1972: 3): “A interdisciplinaridade consiste em criar um objeto novo que não pertença a ninguém”. Assim sendo, represento-me esse novo “objeto” como algo que, achado na rua, alguém pode apanhar para experimentar-se com e em volta dele, para verificar se vale realmente a pena continuar com ele. Mas ele, não pertencendo a ninguém, também está disponível para qualquer operação intelectual (epistemológica enquanto investigativa). Assim, imagino uma *sintopia*³

² Para desviar de possíveis equívocos, esclareço que aproveito a definição (menos corrente, no cotidiano), de aparato como “conjunto de instrumentos, equipamentos ou elementos necessários à realização de determinados objetivos”.

³ Aqui exploro a possibilidade aparentemente infinita de acoplar prefixos gregos ao termo, também helênico, que indica “lugar”. Assim como há e houve utopias, distopias etc, penso na *sintopia* como lugar de compartilhamento

disciplinar, um lugar que, sem se pretender interdisciplinar, também não está imune a contaminações.

3. Sugestões metodológicas

O problema metodológico desta pesquisa desdobra-se, principalmente, em duas questões, ambas relacionadas ao meu pressuposto, sintetizado na noção de *aparato*, sinteticamente apresentado acima.

Em primeiro lugar, a existência e a disponibilidade de *textos* escritos por artistas cuja fama (ou mesmo, apenas, presença nas histórias estéticas e sociais da América Latina) se deve às suas obras visuais (pintura, gravura, fotografia etc.). Em segundo lugar, o marco cronológico aqui assumido deriva diretamente da incorporação da noção de “longo século XIX” (HOBSBAWM, 2015) que, em termos de América Latina, implica em incluir no *corpus* possível as trajetórias e as produções de artistas (latino-americanos e não) que circularam tanto na América “hispanica” antes dos processos políticos que levariam, em algumas décadas, à formação dos estados nacionais (e que, portanto, poderão ter se envolvido nesses processos, em posições diversas, tanto estética quanto politicamente) quanto, justamente, nas “nações” surgidas daqueles processos, testemunhando (e/ou documentando, no sentido que mobilizariam os *aparatos*) nos seus materiais as alteridades produzidas e determinadas pelos processos sociais mais amplos da região, até as vésperas do surgimento das vanguardas mais significativas.

Desse modo, as escolhas pessoais, que podem e devem determinar o âmbito onde realizar os primeiros recortes de obras e textos, terão que ser voltadas à identificação de trajetórias relevantes, mas que possam se acomodar aos objetivos de um projeto dessa natureza, dentro desses marcos cronológicos.

de perspectivas disciplinares, disponíveis para uma gama ampla de modulações, articulações e mutações relacionais.

Ultrapassados esses dilemas e cumprida essa etapa, caberá então a construção de uma lista de artistas, acompanhada das obras disponíveis em arquivos digitalizados, para que se possa iniciar a etapa sucessiva, dedicada ao estabelecimento de tipologias que permitam levar em conta as possíveis formatações reais, com as modalidades de encontro e articulação entre obras visuais e obras textuais, para que se possa gerar uma nova lista, de *aparatos*, a serem finalmente analisadas em leitura cruzada e dialética das respectivas trajetórias biográficas, intelectuais e estéticas de cada artista.

Assim sendo, a título de exemplo e de provocação⁴, uma primeira lista que pode ser apresentada poderia ser composta por esses nomes, apresentados em ordem cronológica de nascimento:

NOME	NASCEU -MORREU	NASCEU / ATUOU
Hércules Florence	1804 - 1879	FRANÇA / Brasil
Alejandro Ciccarelli Manzoni	1808 - 1879	ITÁLIA / Brasil ; Chile
Léonce Angrand	1808 - 1886	FRANÇA / Peru
Eugenio Landesio	1810 - 1879	ITÁLIA / México
Ernest Charton	1816 - 1877	FRANÇA / Chile ; Argentina
José María Figueroa Oreamuno	1820 - 1900	COSTA RICA
Prilidiano Pueyrredón	1823 - 1870	ARGENTINA, Espanha
Désiré Charnay	1828 - 1915	FRANÇA / México
Giovanni Mochi	1831 - 1892	ITÁLIA / Chile
Franz Keller-Leuzinger	1835 - 1890	ALEMANHA / Brasil
William James	1842 - 1910	ESTADOS UNIDOS / Brasil
Tomás Povedano	1847 - 1943	ESPANHA / Costa Rica
Eduardo Sívori	1847 - 1918	ARGENTINA
Modesto Brocos	1852 - 1936	GALÍCIA / Brasil
Benedito Calixto	1853 - 1927	BRASIL
Augusto Ballerini	1857 - 1902	ARGENTINA
Guido Boggiani	1861 - 1901	ITÁLIA / Paraguai
Ricardo Richon Brunet	1866 - 1946	FRANÇA / Chile

Vale acrescentar que uma pesquisa apoiada nesta proposta deveria pretender, na sua primeira fase, proceder à seleção de alguns artistas, com

⁴ No sentido dicionarizado de “ato ou processo de tentar causar uma reação; estimulação, incitamento, tentação” e não, evidentemente, de “ato, fala ou atitude de desrespeito; insulto, afronta, ofensa”.

base na disponibilidade de *aparatos* que permitam esclarecer, entre outros aspectos, as suas relações com as elites liberais da região, o alcance e as formas dos seus discursos racionalizadores a respeito tanto da arte como da nação e/ou da “sociedade” – e dos espaços que as conformam e/ou moldam. A possibilidade de articular as dimensões simbólicas das obras (visuais e textuais) passa, na perspectiva desta proposta, pela compreensão paralela das expressões dos artistas, nelas incluindo tanto as tecnologias de representação (narrativas, descritivas, cromáticas, plásticas, retóricas) empregadas, quanto as posições assumidas nos cenários sociais e intelectuais das suas épocas e dos seus lugares.

Finalmente, é necessário indicar que um momento importante da pesquisa terá a tarefa de verificar a consistência de uma hipótese pela qual será nos seguidores e praticantes (declarados ou não) dos *costumbrismos* hispano-americanos, sobretudo através da sua valorização do “folclore” e do “popular” (ORTIZ, 1992) que se encontrarão, principalmente, figuras selecionáveis. A verificação dessa hipótese parece facilitada, a priori, pela possibilidade de correlatar essa tendência – nas artes plásticas – com movimentos literários como o romantismo, o realismo e o naturalismo, cuja dimensão discursiva e literária poderá ser incorporada e explorada sempre que relacionável a trajetórias de artistas visuais.

4. O que ganharíamos com isso?

Como foi dito anteriormente, esta proposta apresenta o desafio de tentar incorporar o *pensamento* de determinados artistas (nas coordenadas temporais e nas situações sociais indicadas) no acervo mais amplo e geral do *pensamento* latino-americano que, a partir de perspectivas diferentes (epistemológicas, de campo, teóricas, políticas, de gênero textual etc.) se debruçaram sobre aspectos relevantes da realidade da América Latina, nomeadamente as suas *diferenças* sociais, étnicas, culturais – abordadas ou não como *alteridades*. Não é necessário acrescentar que considero

pertencer a esse acervo mais geral a rica contribuição constituída por numerosas dimensões do *pensamento geográfico*, também empenhadas na descrição, no estudo, na interpretação e, muitas vezes no questionamento, dos imbricamentos entre processos sociais e processos socioespaciais (MACHADO, 2000; LEITE, 2020).

Esse pensamento, incluído e registrado tanto nas suas obras artísticas quanto nos seus textos escritos, embora evidentemente em modalidades dotadas de peculiaridades e autonomia, pode ser incorporado aos acervos já abundantes (ALTAMIRANO, 2008; SCHWARCZ, 1993; PIZARRO, 2013; PAREJA, 2014; MARTÍNEZ PINZÓN, 2016; CIACCHI, 2019; LÓPEZ RODRÍGUEZ, 2019) que abordam, também em perspectivas teóricas e metodológicas distintas, as multifacetadas da reflexão oitocentista sobre os dilemas latino-americanos. Assim, esse desafio inclui a tentativa de localizar na produção que será estudada os antecedentes daquilo que Antonio Candido (1967: 153) descreveria, em trecho famoso de *Literatura e Sociedade*, para as primeiras décadas do século XX: “esta linha de ensaio, em que se combinam com felicidade maior ou menor a imaginação e a observação, a ciência e a arte constitui o traço mais característico e original do nosso pensamento”. Embora resultado de um olhar geral que se concentra sobretudo nas relações entre literatura e ensaio e ao caso brasileiro, o nosso mestre registra que esta tendência “[...] esboçada no século XIX, [...] se desenvolve principalmente no atual, onde funciona como elemento de ligação entre a pesquisa puramente científica e a criação literária, dando, graças ao seu caráter sincrético, uma certa unidade ao panorama da nossa cultura” (*Ibidem*). Com isso, porém, não entendo aqui enveredar para um levantamento ou uma abordagem de objetos anacrônicos como “ensaios visuais”. Os objetivos desta proposta voltam-se, muito claramente, para os *aparatos* que reúnem obras visuais e obras textuais – cuja coleta se deseja sugerir.

Assim sendo, para além do escoamento tradicional dos resultados da pesquisa em artigos científicos, parece-me necessário planejar a

organização de antologias de escritos de artistas, que configurariam uma novidade, ao menos no panorama editorial brasileiro. Se, neste quadrante do século XXI no qual, entre outros desafios, temos que reinventar epistemologias que permitam deixar para trás heranças que descobrimos incompletas e insuficientes⁵ – para dizer o mínimo –, viabilizar releituras de dimensões ainda pouco exploradas das contribuições oitocentistas pode ser uma vantagem adicional desta proposta. No caso específico do Brasil, uma certa hegemonia das ciências sociais institucionalizadas (nomeadamente a sociologia, a antropologia e a ciência política) sobre aquilo que elas mesmas têm definido como “pensamento social” tem dificultado a incorporação de outras dimensões, entre as quais a estética. Com algumas notáveis exceções (CANDIDO, 1981 [1959]; PONTES, 2011), que, porém, focam manifestações e fenômenos estéticos localizados nos campos da literatura e do teatro, respectivamente, contaminações entre ciência social e arte são muito raros, ainda que alcançando níveis de excelência, incluindo no panorama outros países latino-americanos (MICELI, 2003; GUTIÉRREZ VIÑALES, 2003; CURIEL MÉNDEZ, GONZÁLEZ MELLO, GUTIÉRREZ HACES, 1994; MALOSETTI COSTA, 2001). Seria paradoxal se, justamente em nome da derrocada desejada e possível de discursos competentes (CHAUÍ, 1981) cujo potencial de ocultamento é consistente com as estruturas, inclusive hierárquicas, dos campos acadêmicos contemporâneos, renunciássemos a explorar vias inéditas ou pouco frequentadas para a democratização horizontalizadora dos saberes e das práticas disciplinares. A justa crítica à circulação e à recepção passivas (e/ou ideologizadas) dos saberes “eurocentrados” não pode deixar passar ou mesmo fortalecer um saber unicamente “sócio-centrado”, ou, pior, “epístemo-centrado” que não aceite a incorporação dos saberes e das disciplinas inclinadas para a produção estética.

⁵ A minha proposta e o meu ponto de vista não se originam dos debates oriundos das viradas descoloniais e das suas repercussões e desdobramentos, mas as levam em conta, indiretamente.

5. Bom para pensar (e para concluir): Guido Boggiani

A título de exemplo, para que se possa visualizar melhor o tamanho do campo que se encontra aberto e disponível, convoco um meu compatriota, Guido Boggiani (1861-1902). Saído da Itália como pintor, um paisagista relativamente conhecido que circulava por vários ambientes acadêmicos, sobretudo em Roma, ele veio à América do Sul, pela primeira vez, em 1887, ficando na Argentina, antes e no Paraguai, no ano sucessivo. Concentrando suas viagens sobretudo no Chaco, em 1893 regressou à Itália, levando numerosos objetos indígenas, a maioria dos quais se encontra hoje no Museu de História Natural da Universidade de Florença (BIGONI, 2014), além de desenhos e esboços, sobretudo dedicados ao grafismo indígena da etnia Kadiwéu. Três anos depois voltou ao Paraguai, agora levando um equipamento fotográfico completo. Nesta segunda viagem, portanto, acrescentou um instrumento expressivo e descritivo novo, mesmo continuando a pintar e desenhar, cada vez mais interessado na vida e nas representações corporais das populações indígenas. Logo se tornaria um nome reconhecido, tanto na Europa como na América, como colecionador, artista e etnógrafo, inclusive graças às numerosas publicações que ele dedica aos temas do seu interesse, entre os quais também se inclui o estudo das línguas indígenas⁶.

Boa parte da sua fama, como se sabe, está ligada ao aproveitamento que das suas viagens, desenhos e publicações fez Claude Lévi-Strauss, que esteve entre os Kadiwéu na sua primeira viagem etnográfica, quando era professor de Sociologia na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, entre 1935 e 1936, e que escreveu sobre eles no quinto capítulo de *Tristes Tropiques*, publicado na França em 1955:

⁶ Entre 1894 ("Notizie etnografiche sulla tribù dei Ciamacoco". *Atti della Società Romana di Antropologia*. vol. 2, Roma, Società Romana per l'Antropologia) até 1900 (*Compendio de etnografia Paraguaya moderna*. Revista del Instituto Paraguayo, Asunción, v. 3, 1900), Boggiani publicaria cerca de vinte trabalhos, incluindo livros, vocabulários, e artigos em revistas italianas, paraguaias e argentinas. Cf. também MELIÁ (1997).

“[...]nesse miserável lugarejo de que parecia ter desaparecido até a lembrança da prosperidade que aí encontrara, 40 anos antes, o pintor e explorador Guido Boggiani, que nela parou por duas vezes, em 1892 e em 1897, deixando dessas viagens importantes documentos etnográficos [...], e um agradável diário de viagem” (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 181).

O “diário de viagem” é o volume *Viaggi d'un artista nell'America Meridionale. I Caduvei (Mbayá o Guaycurú)*, com 112 ilustrações, publicado em 1895 com a participação da “Società Geografica Italiana”. Traduzido tanto em português (BOGGIANI, 1945)⁷ quanto em espanhol (BOGGIANI, 2014), e tendo exercitado uma grande influência no meio etnoantropológico latino-americano⁸, e também na Europa⁹, inclusive, em época contemporânea, graças à repercussão da obra do mestre francês, tem tido uma fortuna crítica que nos servirá para o esclarecimento desta proposta. Uma consulta simples, realizada em duas das principais bases de dados com registros latino-americanos (Redalyc e Scielo), nas quais foram buscadas ocorrências em que o nome de Guido Boggiani aparecesse nos resumos ou nas palavras-chave de artigos científicos, deu resultados discretos: 5 (cinco) textos (GIORDANO, 2004; GIORDANO e REYERO, 2010; REYERO, 2012; KOKRHANEKLLI, BOSSERT E BRAUNSTEIN, 2015; DÁVILA, 2020). Já no “Google Scholar”, que não permite a utilização desses filtros, circunscrevendo a busca apenas ao critério linguístico, aparecem 396 resultados em português ou espanhol, entre os quais porém apenas cinco

⁷ Vale informar que essa edição brasileira contém Introdução e Notas de Herbert Baldus (1899-1970), etnólogo de origem alemã que foi um dos protagonistas da institucionalização da antropologia brasileira, a partir da época de 1930, além de incluir a tradução em português do “Estudo histórico e etnográfico” que havia aparecido na edição italiana de 1895, assinado por Giuseppe Angelo Colini (1857-1918), especialista em arqueologia pré-histórica, que trabalhou muitos anos no Museu Pígorini de Roma, que também conserva um rico acervo de objetos etnográficos coletados por Boggiani.

⁸ Darcy Ribeiro (2002, p. 162-163) narra um episódio que acabaria sendo uma espécie de “mito de fundação” da sua própria formação antropológica. Vale a transcrição, ainda que longa: “A primeira tribo com que trabalhei longamente foi a dos Kadiwéu [...]. Com os Kadiwéu foi que, de fato, aprendi a ser etnólogo, porque tanto eu os estudava a eles, como eles estudavam a mim e, por meu intermédio, à minha gente. Essa interação fecunda — a mais rica que tive — se viabilizou devido a um episódio eventual. Logo depois de chegar a suas aldeias, os índios, vendo-me com um livro de Guido Boggiani nas mãos, se interessaram, vivissimamente, por suas próprias pinturas e desenhos ali reproduzidos. Como para eles não cabia a informação de que era apenas um livro, comprável numa livreria, eu passei a ser o senhor daqueles vetustos papéis. Acresce que, nas nossas conversas, eles acabaram por recordar-se de Boggiani como um homem que tinha vivido muito tempo entre eles. [...] Pude verificar isso muito bem quando vi a reação emocionadíssima deles à notícia de que, ao sair de suas aldeias, ele havia sido assassinado pelos índios Xamakoko. Desde então, eu não era só o senhor daqueles papéis, com seus desenhos arcaicos: era o novo Bet'rra que voltava a eles. Vale dizer, era quase um membro da tribo, ignorante de tudo, mas com plenos direitos de se assenhorear do seu saber, perguntando sobre o que eu bem quisesse”.

⁹ Sobre a complexa circulação dos manuscritos de Boggiani, cf. Kokrhaneekli, Bossert e Braunstein (2015), que publicam inclusive trechos do diário inédito da primeira viagem de Boggiani à América do Sul, cuja edição completa aparecerá em 2019 (BOGGIANI, 2019).

(PECHINCHA, 2000; CONDE, 2002; COURTHÈS, 2014 e 2017; POBLETE, 2018) são de fato textos em que a figura e/ou a obra de Boggiani são o tema principal do paper¹⁰. O que eu quero sublinhar não é escassez (até porque considero que se trata de um acervo relativamente numeroso de trabalhos), mas as características dessas abordagens. Sem que se possa proceder, aqui, a um aprofundamento que categorize mais minuciosamente essas propostas, é possível dizer, entretanto, que se trata de trabalhos que consideram, separadamente na maior parte dos casos, três ordens de questões e de temas: 1) aspectos histórico-filológicos (incluindo informações sobre a circulação dos objetos, das imagens e dos textos, e registros biográficos); 2) aspectos iconográficos; 3) aspectos etnográficos.

A situação modifica-se substancialmente, salvo descuido da minha parte, apenas com a publicação na Argentina, em 2019, do diário da primeira viagem de Boggiani, precedido por um ensaio (BOSSERT e FRANCESCHI, 2019) que, justamente pela primeira vez, reúne essas três ordens, acrescentando, porém, um conjunto de observações que dão conta do que aqui se defende: ou seja, que a definição, a visualização e a análise do *aparato total* de Boggiani permite destacar, por um lado, o imenso valor documental do seu trabalho, que os autores definem “una crónica de la colonización” (p. 38) – ou seja, não só uma documentação etnográfica – mas, também, por outro, um projeto de *compreensão da realidade* que eu gostaria de chamar *ensaio*, incluindo expressões de emoção, indignação, entusiasmo, desagrado, comoção, pena. Não é raro encontrar formas semelhantes, em outras expressões tanto do ensaísmo latino-americano oitocentista quanto em narrativas de viagem do mesmo período, nas quais se articulam registros sociais, etnográficos, políticos, historiográficos, na maioria dos casos em perspectivas onde se destacam acentos subjetivos, justamente por não existir (ou não existir exclusivamente) a preocupação

¹⁰ Não é possível nem relevante para o tipo de argumento que pretendo utilizar aqui, realizar um levantamento em outros tipos de produções bibliográficas latino-americanas, como sobretudo capítulos de livros e teses e dissertações, onde há numerosas abordagens à obra de Boggiani.

com uma objetividade ou mesmo neutralidade científica. Muito significativa, nesse sentido, me parece a observação de Alfred Metraux (1930, p. 497), quando observa que “al tomar sus notas, Boggiani no perseguía un fin científico, y él mismo se habría sorprendido, tal vez, si entonces se le hubiera dicho que las observaciones que consignaba determinarían su carrera científica y contribuirían a colocarlo entre los mejores etnógrafos de Sudamérica” – localizando e sinalizando, dessa forma, a viabilidade de um conjunto expressivo (descritivo, iconográfico e emocional) para a sua inclusão em âmbitos e dimensões que hoje, “nós”, mesmo em contextos dominados pela epistemologia e pela busca da objetividade, podemos incorporar aos nossos acervos documentais. além disso, Bossert e Franceschi (2019, p. 53 e sg.) adentram em aspectos antes negligenciados nos estudos sobre Boggiani, apontando os débitos que o seu pensamento mantém com a “peculiar lógica de la colonización” (*Ibidem*, p. 53), incluindo com as práticas escravistas, corriqueiras naquelas regiões. Nesse conjunto “híbrido”, acrescenta-se (mas só no caso de Boggiani, não valendo para os demais artistas possivelmente convocáveis nesses estudos que aqui proponho) o fato de ele ter sido, também, um homem que, no seu perfil de burguês europeu, buscava “fortuna” na América do Sul, tentando se inserir em empreendimentos econômicos consistentes com a fronteira extrativista pela qual circulou, o que também colaborou para que “la imagen del indígena en la obra de Boggiani oscilo efectivamente entre dos polos: por un lado aquella apología descarnada de la dominación colonial, y por el otro una suerte de noción del buen salvaje” (*Ibidem*, p. 60).

Dessa forma, o conjunto da obra de Boggiani (ou seja: não só a produção iconográfica nem só a textual), justamente pela possibilidade de ser apreendida *em conjunto*, não permite apenas (como permitiu aos colegas que cuidaram dessa edição) desdobramentos analíticos e de pesquisa para a realocização dele mesmo no panorama do pensamento social latino-americano, mas pode também funcionar como um exemplo

replicável para outros artistas que apresentam *aparatos* semelhantes ou assemelhados.

É nesta perspectiva que, de forma talvez pouco comum nos artigos científicos, o que me interessou aqui, sobretudo por estar acolhido nas páginas de um periódico que se situa no meio de um ambiente caracterizado por interesses multidisciplinares envolvendo os diversos âmbitos da sociedade latino-americana, é lançar uma proposta que espero que poderá atrair para essas discussões os cultores das dimensões estéticas da vida cultural e, ao mesmo tempo, atrair para essas dimensões os especialistas nas ciências sociais e políticas. Creio que os ganhos epistemológicos serão mais significativos do que as eventuais perdas de identidades disciplinares. O que foi aqui apresentado não é nem um estudo de caso nem um informe sobre um projeto em fase inicial de desenvolvimento nem uma hipótese. É uma *proposta*, ao mesmo tempo mais modesta e mais pretensiosa, de desdobramentos possíveis, dirigida a uma esfera potencialmente extensa e indefinida de colegas, que poderão, sim, formular projetos e hipóteses, abrangendo sujeitos, aparatos, temporalidades e espaços mais ou menos numerosos e amplos. A listagem apresentada acima pretende, então, apenas exemplificar possibilidades e atizar curiosidades. Parece-me perfeitamente viável vislumbrar um cenário futuro, em que grupos de pesquisadoras e pesquisadores, de vários países e diferentes áreas do conhecimento, gerem e disponibilizem, nas formas e com as possibilidades que cada acervo consentir, um conjunto variado, mas consistente, de estudos capazes de acrescentar muito mais que pinceladas: perspectivas novas e renovadas na compreensão dos dilemas sociais e intelectuais do século XIX latino-americano. É certo que estudos dessa índole precisam também se deparar com e se posicionar com respeito a aspectos direta e indiretamente relacionados às estéticas europeias em contextos coloniais, às persistências e às mudanças e, evidentemente, também, com a diversidade com que esses elementos se apresentaram, se manifestaram (e/ou se ocultaram) e, por vezes,

desapareceram, em cada contexto nacional ou sub-regional da América Latina. Nessa perspectiva, é necessário também incorporar parcelas biográficas de cada trajetória individual (a eventual existência e localização, por exemplo, de estudos acadêmicos e a duração deles) à dimensão geral na qual se inserem e se tornam significativos os vários *aparatos*.

Por isso, finalmente, considero esse como um desafio para longa duração, que proporcione um retorno às pegadas ensaísticas que tanto têm contribuído, mais no nosso passado intelectual do que recentemente, à delimitação de coordenadas amplas e não parcelizadas da compreensão de realidades latino-americanas.

6. Referências

ALTAMIRANO, Carlos (dir.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. 2 vols. Buenos Aires: Katz, 2008.

ÁLVAREZ DE ARAYA CID, Guadalupe. Algunas fuentes compositivas de la pintura de costumbres en América Latina. **Aisthesis**, Santiago de Chile, n. 45, 2009, p. 137-153. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/pdf/aisthesis/n45/art09.pdf>. Acesso em: 19 fevereiro 2021.

AMBRIZZI, Miguel Luiz. O olhar distante e o próximo - a produção dos artistas-viajantes. **19&20**, Rio de Janeiro, v. VI, n. 1, jan./mar. 2011. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/artistas/viajantes_mla2.htm. Acesso em 12 fevereiro 2020.

BARROS, José D'Assunção. A arte moderna e as apropriações da arte da América nativa. **19&20**, Rio de Janeiro, v. VI, n. 2, abr./jun. 2011. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/nativismo_jca.htm. Acesso em 9 abril 2020.

BARTHES, Roland. Jeunes chercheurs. **Communications**, Paris, n. 19, 1972, p. 1-5. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1972_num_19_1_1276. Acesso em 9 abril 2020.

BIGONI, Francesca. Guido Boggiani: intersezioni fra Etnologia e Arte. In: CECCHI, Jacopo Moggi; STANYON Roscoe (a cura di). **Il Museo di Storia Naturale dell'Università degli Studi di Firenze. Le collezioni antropologiche ed etnologiche**. Firenze: Firenze University Press, 2014, p. 169-175.

BOGGIANI, Guido. **Viaggi d'un artista nell'America Meridionale. I Caduvei**. Roma: Loescher, 1895.

BOGGIANI, Guido. **Os Caduveo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.

BOGGIANI, Guido. **Los Caduveos**. *Diario de Viaje*. Asunción: CEADUC, 2014.

BOGGIANI, Guido. **Un artista en la América meridional: Diario de los viajes por Argentina, Paraguay y Brasil (1887-1892)**. Editado por Federico Bossert; Zeldá Alice Franceschi; José Alberto Braunstein. Buenos Aires: Asociación Civil Rumbo Sur, 2019.

BOSSERT, Federico; FRANCESCHI, Zeldá A. El diario perdido de Guido Boggiani. In: BOGGIANI, Guido. **Un artista en la América meridional: Diario de los viajes por Argentina, Paraguay y Brasil (1887-1892)**. Editado por Federico Bossert; Zeldá Alice Franceschi; José Alberto Braunstein. Buenos Aires: Asociación Civil Rumbo Sur, 2019, p. 13-86.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981 [1959].

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Moderna, 1981.

CIACCHI, Andrea. Ensinar (História da) Antropologia no Brasil: um ensaio bibliográfico latino-americano. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Brasília, v. 13, n. 2, 2019. p. 351-376. DOI: <https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv13n2.2019.23912>.

CONDE, Nayara. Las expediciones científicas y los indios de Brasil. **Aisthesis: Revista chilena de investigaciones estéticas**, Santiago de Chile, nº. 35, 2002, pp. 57-61. Disponível em: <http://revistaaisthesis.uc.cl/index.php/RAIT/article/view/4482/4152>. Acesso em 19 fevereiro 2021.

COURTHÈS, Eric. Amado Bonpland y Guido Boggiani: eslabones perdidos del americanismo. **Amerika**, Rennes, n. 10, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/amerika.4784>.

COURTHÈS, Eric. Guido Boggiani: el amante anti racialista del otro indígena. **Amerika**, Rennes, n. 17, 2017. DOI: <https://doi.org/10.4000/amerika.8320>.

CURIEL MÉNDEZ, Gustavo; GONZÁLEZ MELLO, Renato; GUTIÉRREZ HACES, Juana. (coords.). **Arte, Historia e Identidad en América. Visiones comparativas**, XVII Coloquio Internacional de Historia del Arte, 4 tomos. México: UNAM, 1994. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=375783>. Acesso em 9 abril 2020.

DÁVILA, Lena. Un legado en disputa. La Colección Boggiani y el litigio Robert Lehmann-Nitsche-Vojtěch Frič. **Runa**, Buenos Aires, vol. 41, núm. 2, 2020, Abril/Oct. , pp. 279-299. DOI: <https://doi.org/10.34096/runa.v41i2.8286>.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (org.). **A Encomenda. O Artista. A Obra**. Porto: CEPESE - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2010.

GIORDANO, Mariana. De Boggiani a Métraux. Ciencia antropológica y fotografía en el Gran Chaco. **Revista Chilena de Antropología Visual**, Santiago de Chile, n. 4, julho 2004, p. 365-390. Disponível em: <http://www.rchav.cl/americanistas3/De%20Boggiani%20a%20Metraux.htm>. Acesso em: 19 fevereiro 2021.

GIORDANO, Mariana. Nación e identidad en los imaginarios visuales de la Argentina. Siglos XIX y XX. **Arbor**, Madrid, v. 185, n. 740, 2009, p. 1283-1298. Disponível em: <http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/395>. Acesso em: 8 março 2020.

GIORDANO, Mariana; REYERO, Alejandra. La representación fotográfica de la sonrisa en las imágenes etnográficas chaqueñas de Guido Boggiani y Grete Stern. **Argos**, Caracas, v. 27, n. 53, 2010, p. 59-90. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0254-16372010000200004&lng=es&nrm=iso&tlng=es. Acesso em 19 fevereiro 2021.

GUTIÉRREZ VIÑALES, Rodrigo. El papel de las artes en la construcción de las identidades nacionales en Iberoamérica. **Historia Mexicana**, México, v. LIII, n. 2, p. 341-390, 2003. Disponível em: <https://historiamexicana.colmex.mx/index.php/RHM/article/view/1461>. Acesso em 19 fevereiro 2021.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos Impérios 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

KOKRHANEKLLI, María V; BOSSERT, Federico; BRAUNSTEIN, José A. Río arriba: el viaje iniciático de Guido Boggiani. **Folia Histórica del Nordeste**, Corrientes, n. 23, 2015, p. 265-303. Disponível em: <https://revistas.unne.edu.ar/index.php/fhn/article/view/43>. Acesso em 19 fevereiro 2021.

LEITE, Thomaz Menezes. As críticas do estudo do passado na Geografia. **Terra Brasilis**. São Paulo, v. 13, 2020, p. 1-20. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.6283>.

LÓPEZ RODRÍGUEZ, Mercedes. **Blancura y otras ficciones raciales en los Andes colombianos del siglo XIX**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2019.

MACHADO, Lia Osório. As idéias no lugar. O desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX. **Terra Brasilis**. São Paulo, v. 2, 2000, p. 1-15. DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.298>.

MALOSSETTI COSTA, Laura. **Los primeros modernos. Arte y sociedad en Buenos Aires a fines del siglo XIX**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

MARTÍNEZ PINZÓN, Felipe. **Una cultura de invernadero: trópico y civilización en Colombia (1808-1928)**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2016.

MELIÁ, Bartomeu. Antropólogos y antropología en el Paraguay. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, v. 3, n. 7, p. 24-35, Nov. 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831997000300024. Acesso em 26 janeiro 2021.

MÉTRAUX, Alfred. Introducción. In: **Revista del Instituto de Etnología**, Tucumán, Instituto de Etnología, Vol. 1, 1930, p. 495-500.

MICELI, Sergio. **Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

ORTIZ, Renato. **Cultura popular: românticos e folcloristas**. São Paulo: Olho D'Água. 1992.

PAREJA, Roberto. **Entre caudillos y multitudes: modernidad estética y esfera pública en Bolivia, siglos XIX y XX**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2014.

PECHINCHA, Mônica Thereza Soares. Memória e história entre índios brasileiros: os Kadiwéu e seus etnógrafos Darcy Ribeiro e Guido Boggiani. **História Revista**, Goiânia, v. 5, n. 1/2, p. 151-163, jan./dez. 2000. DOI: <https://doi.org/10.5216/hr.v5i1.10594>.

PENHOS, Marta. Viajes, viajeros e imágenes: una relación necesaria. In: BALDASARRE, María Isabel; DOLINKO, Silvia (eds.), **Travesías de la imagen. Historias del arte en la Argentina**. Buenos Aires: Centro Argentino de Investigadores de Arte/ EDUNTREF, Archivos del CAIA IV, Tomo II, 2012. Disponível em: https://issuu.com/lucianarodriguezc/docs/marta_penhos_-_viajes_viajeros_e_im. Acesso em 19 fevereiro 2021.

PIZARRO, Ana (ed.). **América Latina: palabra, literatura y cultura**. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2013.

POBLETE, Emilio Vargas. Guido Boggiani y la Historia del Arte: la labor fotográfica y pictórica del etnógrafo italiano. **Círculo Cromático**, Santiago de Chile, n. 1, 2018, p. 65078. Disponível em: <https://revistacirculocromatico.files.wordpress.com/2018/10/08-emilio-vargas-boggiani.pdf>. Acesso em: 19 fevereiro 2021.

PONTES, Heloísa. **Intérpretes da Metrópole: História Social e relações de gênero no teatro e no campo intelectual, 1940-1968**. São Paulo: EDUSP, 2011.

REYERO, Alejandra. Imagen, objeto y arte: la fotografía de Guido Boggiani. **Iconos. Revista de Ciencias Sociales**, Quito, n. 42, 2012, pp. 33-49. DOI: <https://doi.org/10.17141/iconos.42.2012.362>.

RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 590 p.

SÁNCHEZ, Fernando M. Imagen, poder y verdad. Indagaciones antropohistóricas en torno a la producción visual de la alteridad. Ponencia. In: **XI Congreso Argentino de Antropología Social**. Rosario: UNR, 2014. Disponible em: https://www.academia.edu/37516566/Imagen_poder_y_verdad._Indagaciones_antropohist%C3%B3ricas_en_torno_a_la_producci%C3%B3n_visual_de_la_alteridad. Acesso em 9 abril 2020.

SÁNCHEZ, Fernando M. La construcción visual de la nación y sus otros. Imágenes y alteridades en la Patagonia argentina. **Memoria y Sociedad**, Bogotá, vol. 21, n. 43, 2017, pp. 86-103. Disponible em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0122-51972017000200086. Acesso em: 19 fevereiro 2021.

SÁNCHEZ, Fernando M. Imágenes de vidas extrañas. Derivas históricas de la construcción visual de las diferencias. **(En)clave Comahue**, Neuquén, n. 24, 2018, pp. 121-142. Disponible em: <http://revela.uncoma.edu.ar/htdoc/revele/index.php/revistadelafacultad/article/view/2110>. Acesso em 19 fevereiro 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

VILLEGAS, Fernando. El costumbrismo americano ilustrado. El caso peruano. Imágenes originales en la era de la reproducción técnica. **Anales del Museo de América**, Madrid, v. XIX, 2001, pp. 7-67. Disponible em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4149969>. Acesso em 9 fevereiro 2021.



HACIA UNA DESCOLONIZACIÓN DE LA PSICOLOGÍA LATINOAMERICANA: CONDICIÓN POSCOLONIAL, GIRO DECOLONIAL Y LUCHA ANTICOLONIAL

*RUMO A UMA DESCOLONIZAÇÃO DA PSICOLOGIA LATINO-AMERICANA:
CONDIÇÃO PÓS-COLONIAL, VIRADA DECOLONIAL E LUTA ANTICOLONIAL*

*TOWARDS A DECOLONIZATION OF LATIN AMERICAN PSYCHOLOGY:
POSTCOLONIAL CONDITION, DECOLONIAL TURN
AND ANTI-COLONIAL STRUGGLE*

David Pavón-Cuéllar¹ 

Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México

Resumen: El objetivo del presente artículo es revisar, analizar y discutir algunas de las opciones que se ofrecen a quienes orientan su trabajo hacia la descolonización de la psicología latinoamericana. Esta orientación emergente está actualmente dominada por el pensamiento decolonial. Sin embargo, aunque la decolonialidad permita cuestionar y quizás revertir operaciones coloniales dentro y fuera de la esfera psicológica, todavía no ha dado lugar a un retorno reflexivo de lo decolonial sobre sí mismo para examinar sus propios límites y puntos ciegos. En el campo de la psicología, tal reflexión deberá considerar temas como los que aquí se abordan, entre ellos el carácter irremediablemente europeo de la concepción psicológica del sujeto, el hibridismo de las actuales subjetividades y su escisión por causa de la contradicción y la mutua exclusión entre las tradiciones culturales coexistentes en la esfera subjetiva. Se mostrará cómo ciertas consecuencias y formas de persistencia del colonialismo justifican la descolonización de la psicología, pero también pueden obstaculizarla, complicarla e incluso comprometerla. Esto hace necesario que los psicólogos consideren seriamente la relación del giro decolonial con la condición poscolonial y con la lucha anticolonial.

Palabras clave: Psicología; Descolonización; Colonialismo; Decolonialidad; Poscolonialidad

¹ Doctor en Filosofía por la Universidad de Rouen. Doctor en Psicología por la Universidad de Santiago de Compostela. Profesor Investigador en la Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo. Email: davidpavoncuellar@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é revisar, analisar e discutir algumas das opções oferecidas a quem orienta seu trabalho para a descolonização da psicologia latino-americana. Essa orientação emergente é atualmente dominada pelo pensamento decolonial. No entanto, embora a decolonialidade permita questionar e talvez reverter as operações coloniais dentro e fora da esfera psicológica, ela ainda não levou a um retorno reflexivo do decolonial sobre si mesmo para examinar seus próprios limites e pontos cegos. No campo da psicologia, tal reflexão deve considerar questões como as aqui discutidas, entre elas o caráter irremediavelmente europeu da concepção psicológica do sujeito, o hibridismo das subjetividades atuais e sua cisão por contradição e exclusão mútua entre tradições culturais coexistentes na esfera subjetiva. Será mostrado como certas consequências e formas de persistência do colonialismo justificam a descolonização da psicologia, mas também podem complicá-la e até mesmo comprometê-la. Isso torna necessário que os psicólogos considerem seriamente a relação da virada decolonial com a condição pós-colonial e com a luta anticolonial.

Palavras-chave: Psicologia, Descolonização; Colonialismo; Decolonialidade; Pós-colonialidade

Abstract: The purpose of this article is to review, analyze and discuss some of the options offered to those who orient their work towards the decolonization of Latin American psychology. This emerging orientation is currently dominated by decolonial thinking. However, while decoloniality allows questioning and perhaps reversing colonial operations within and outside the psychological sphere, it has not yet led to a reflective return of the decolonial on itself to examine its own limits and blind spots. In the field of psychology, such reflection should consider issues such as those discussed here, among them the irredeemably European character of the psychological conception of the subject, the hybridism of current subjectivities and their split due to contradiction and mutual exclusion between coexisting cultural traditions in the subjective sphere. It will be shown how certain consequences and forms of persistence of colonialism justify the decolonization of psychology, but can also hinder, complicate and even compromise it. This makes it necessary for psychologists to seriously consider the relationship of the decolonial turn to the postcolonial condition and to the anti-colonial struggle.

Keywords: Psychology; Decolonization; Colonialism; Decolonialism; Postcolonialism

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.182217](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.182217)

*Recebido em: 07/01/2020
Aprovado em: 28/06/2021
Publicado em: 01/07/2021*

1. Introducción

Las referencias a la colonialidad empiezan a proliferar en el campo de la psicología. Muchas de ellas adoptan una perspectiva decolonial que era prácticamente desconocida entre los psicólogos en las décadas anteriores. Aunque haya precedentes en los temas que se tratan y en las actitudes ante ellos, estamos ante algo nuevo que podría marcar y reorientar la historia de la psicología, especialmente en las regiones asiáticas, africanas y latinoamericanas más lesionadas por el colonialismo.

Lo nuevo es que haya un programa colectivo internacional que apunte abiertamente a la descolonización de la psicología (ADAMS et al., 2015; PAVÓN-CUÉLLAR, 2020a) y a la construcción de una opción psicológica decolonial (KESSI, 2019). Como era de esperarse, este programa se ha desarrollado sobre todo en corrientes favorables al trabajo reflexivo, situado y politizado, como la psicología política (ALVES; DELMONDEZ, 2015), la social de la liberación (v.g. ORELLANO; GONZÁLEZ, 2015), la comunitaria (v.g. DUTTA, 2018), la social comunitaria (v.g. ROZAS OSSANDÓN, 2018) y la feminista (v.g. KESSI; BOONZAIER, 2018). Sin embargo, el mismo programa también ha irrumpido en tradiciones en las que difícilmente habiéramos esperado encontrarlo, como la fenomenológica-existencial (SANTOS, 2017) y la psicoanalítica (AYOUCHE, 2018; BESHARA, 2019).

El programa decolonial también ha confluído lógicamente con el de los psicólogos críticos. Ha permitido problematizar conceptos clave de la psicología, como el desarrollo humano (BOTERO GÓMEZ, 2015), e incluso cuestionar las fronteras de la especialidad psicológica y su obsesión con el método, proponiendo en cambio un enfoque transdisciplinario y una mayor atención hacia la actitud (MALDONADO TORRES, 2017). El giro decolonial ha inspirado ya trabajos en los que se trasciende el campo de la psicología, por ejemplo al mostrar convincentemente que las mentalidades

individualistas son fuente y no solución de la desigualdad global (ADAMS; ESTRADA VILLALTA, 2017).

Ha quedado claro que la decolonialidad tiene un gran potencial para cuestionar y quizás revertir operaciones coloniales en la psicología. Lo que falta es un retorno reflexivo de lo decolonial sobre sí mismo en el que se consideren temas como los que aquí se abordan, entre ellos el carácter irremediablemente europeo de la concepción psicológica del sujeto, el hibridismo de las actuales subjetividades y su escisión por causa de la contradicción y la mutua exclusión entre las tradiciones culturales coexistentes en la esfera subjetiva. Como lo veremos, estas consecuencias y formas de persistencia del colonialismo, aunque ciertamente justifiquen la descolonización de la psicología, también pueden obstaculizarla, complicarla e incluso comprometerla, obligándonos así a luchar contra ellas. Necesitamos, pues, considerar seriamente la relación del giro decolonial con nuestra condición poscolonial y con una lucha anticolonial. Es lo que haremos en las siguientes páginas.

2. Subjetividad poscolonial: europeización, objetivación, hibridación

Es comprensible que no alcancemos a discernir algo que tiñe todo a nuestro alrededor. Estando en todo, se confunde con todo y es como si no existiera. Es lo que les ocurre con la herencia colonial a los académicos y profesionales de la psicología en América Latina. Esta herencia les pasa desapercibida porque está presente en todo lo que estudian, estructurándolo, moldeándolo y coloreándolo. En el contexto latinoamericano, en efecto, la esfera subjetiva tiene toda ella un carácter *poscolonial*, previamente colonizado, antecedido por el colonialismo, constituido y predeterminado por él.

Que la subjetividad que abordamos haya sido previamente colonizada quiere decir que es una subjetividad originariamente europea o

europizada. Esto implica, entre otras cosas, que sea una subjetividad como la que encontramos en Europa: una subjetividad psicológica, psicológicamente objetivable, separable del sujeto que la estudia, pero también de todo lo demás. Es una subjetividad confinada en un mundo interno individual, en un alma o entidad consciente, mental o cognitiva, que se abstrae lo mismo de la corporeidad que de la comunidad. Esta abstracción típicamente europea, grecorromana y judeocristiana está en el fundamento de la psicología.

La psicologización fue posibilitada por la evangelización y por otras formas de europeización de las poblaciones originarias americanas, pero también por la inmigración de europeos y por el mestizaje entre los inmigrantes y los nativos. El resultado fue la subjetividad poscolonial de América Latina, una subjetividad ya europeizada, que por ello puede ser objetivada por la psicología. Ahora bien, aunque los latinoamericanos tengan uno de sus orígenes en Europa, aunque puedan ser de algún modo como los europeos, no son europeos y no sólo se han originado en Europa. Son algo diferente y su origen también está en otros lugares, muchos de ellos en el continente africano y especialmente en el americano, en América antes de América, en el *Mayab* de los mayas, el *Ixachitlan* de los nahuas, el *Apeika* de los guaraníes y todos los demás espacios ancestrales ahora englobados por el nombre "*Abya Yala*" del pueblo guna. Tenemos aquí otros afluentes que vienen a confluir con el europeo en la subjetividad latinoamericana, una subjetividad mestiza, compleja, polifacética, plural, diversa y difusa en la que se conectan y condensan múltiples tradiciones culturales diferentes y distantes entre sí.

Con sus innumerables expresiones, la subjetividad latinoamericana es un buen ejemplo del sujeto poscolonial que Stuart Hall (1990) define por su "hibridismo", su "heterogeneidad y diversidad", su experiencia de la "diáspora" y su identidad constituida "a través y no a pesar de la diferencia" (p. 235). Estos rasgos característicos reflejan para Hall (1996) una herencia

colonial hecha de “relación, interconexión y discontinuidad”, así como “diseminación y condensación” (p. 136). Tenemos aquí aspectos fundamentales que nos constituyen como latinoamericanos y para los que no suele haber categorías de análisis ni en el conductismo ni en el cognitivismo, ni en el humanismo ni en el psicoanálisis, ni en el modelo sistémico ni en las demás corrientes psicológicas europeas y estadounidenses que seguimos en América Latina.

3. Conocimiento psicológico de lo poscolonial: reducción, alienación, degradación

La psicología latinoamericana es importada. Busca en su objeto lo que la inspiró en su origen, lo que la fundó y justificó, y sin duda lo encuentra, pues alguien de América Latina es también de Europa. Somos de allá por nuestra lengua española o portuguesa, por nuestra fe o complejión cristiana, por nuestra moral burguesa, por nuestra individualidad moderna, por nuestra objetividad psicológica y por otros vectores de nuestra personalidad. Todo esto permite verificar las hipótesis de la psicología que se nos aplica.

Los psicólogos respiran aliviados al confirmar que aquel de quienes se ocupan es *como* las ideas con las que lo piensan. Es *como* europeo y *como* estadounidense. Es casi como si lo fuera. En las palabras de Homi Bhabha (1984), es “casi el mismo, aunque no del todo” (p. 126). No somos totalmente lo que son los europeos o estadounidenses. Tan sólo somos una suerte de indicio, de muestra de eso, una muestra bastante significativa que sin duda sirve para confirmarlo. ¿Acaso no lo somos? Lo somos, pero tan sólo en parte. Como también lo dice Bhabha, somos una “presencia parcial” (p. 127). Tan sólo somos una parte, un fragmento, un pedazo de lo estudiado por los profesionales de la psicología.

Los psicólogos comprueban aliviados que somos lo que estudian, pero también descubren atónitos que no lo somos del todo, sino sólo en parte. Puede ocurrir, entonces, que nos hagan menos, reduciéndonos a una fracción de lo reconocible, o que nos conciban como seres erráticos o patológicos. Tal vez, en el mejor de los casos, nos vean como lo que somos, como seres dobles, híbridos, tan europeos como no-europeos. Sin embargo, aun en este caso, quizás lo no-europeo se presente como otro, como exótico en el sentido orientalista de Edward Said (1978). El riesgo aquí es que la psicología europea, difundida entre nosotros con su divulgación o con su propagación cultural o con sus aplicaciones psicoterapéuticas, nos haga identificarnos con sus representaciones y desconocernos en todo lo no-europeo que somos y que no corresponde a esas representaciones.

Existe el riesgo de que la psicología importada opere en la sociedad latinoamericana como uno de aquellos regímenes de representación en los cuales, como lo ha notado Stuart Hall (1990), nos “experimentamos a nosotros mismos como otros” (p. 225). Esta experiencia de una otredad alienante reviste diversas formas. Lo no-europeo de nosotros puede aparecer como extraño e irreconocible, como absurdo e incomprensible, como psicopatológico, anormal, indebido, extravagante, folclórico, incluso cómico, ridículo, vergonzoso. Esta otredad acaba convergiendo a menudo con sus degradantes reflejos caricaturescos en la industria cultural, como ha sido el caso, en México, de personajes clásicos del cine y la televisión como Cantinflas, Madaleno, la India María o Chano y Chon.

4. Psicología poscolonial: compromiso, mestizaje, selección

Lo risible de nosotros mismos, lo subjetivo inconcebible para las ideas psicológicas europeas-estadounidenses, puede vislumbrarse también en la versión latinoamericana de estas ideas. Si fuéramos tan despreciativos hacia los hombres de ciencia como lo somos hacia el pueblo, nos

burlaríamos de los investigadores de la psicología mexicana, que se muestran en muchas producciones académicas tan cándidos y disparatados como Chano, tan polifacéticos y desenfadados como la India María, tan empecinados en su arbitrariedad y su incoherencia como el indio tepuja Madaleno, y tan elípticos y enredados como Cantinflas. Desde luego que aplicar esta caracterización a los honorables psicólogos académicos de México es tan injusto como aplicársela a la gente humilde, pero nos permite caer en la cuenta de que la otredad que así nos representamos de manera degradante y desconsiderada opera lo mismo en la psicología que en la subjetividad.

Lo otro no-europeo, irreconocible e incomprensible, reside y aparece no sólo en lo subjetivo latinoamericano, sino también en las ciencias humanas que intentan aprehenderlo. Como lo diría Gayatri Chakravorty Spivak (1985), “el instrumento de estudio participa de la naturaleza de su objeto”, ya que la “cadena semiótica” poscolonial engloba también la “conciencia” del estudioso, poniéndole en una posición de “compromiso irreductible” (p. 35). Debemos comprometernos con la poscolonialidad, pero de cualquier modo, lo queramos o no, ya estamos comprometidos con ella.

La psicología latinoamericana es tan poscolonial como su objeto y debe asumirse como tal. Asumir la poscolonialidad no puede consistir sólo en que los psicólogos latinoamericanos aceptemos nuestro lado cantinflasco y quizás hagamos bromas con él de modo indulgente y autocomplaciente. De lo que se trata es más bien de reconstruir aquello que se descubre tanto como se desfigura cuando pareciera que estamos *cantinfleando*. Quizás consigamos así desentrañar mucho de lo que Stuart Hall (1996) considera propio de lo poscolonial, como las “dobles inscripciones”, los elementos “dialógico” y “diaspórico”, las “condensaciones y elipses”, y las temporalidades múltiples, diferentes, “suturadas y sobredeterminadas” (p. 134). Todo esto puede conocerse y asumirse reflexivamente en la psicología latinoamericana. Puede también emplearse metódicamente al abordar la subjetividad en América Latina, estudiándola en sus propios términos,

haciéndole así justicia, estando a su altura, considerándola en su totalidad y no sólo en parte.

Nuestra poscolonialidad subjetiva requiere una psicología que asuma de modo reflexivo su propia condición poscolonial. Esto le exige al saber psicológico recrearse a sí mismo, dejar de sólo importarse, y atreverse a contradecirse y complicarse al mestizarse, al ser otro y no solamente uno, indígena y no únicamente europeo-estadounidense. Aquí hay que entender bien que una psicología reflexivamente poscolonial no es la que se priva de lo proveniente de Europa y Estados Unidos. Por el contrario, es la que lo asimila como parte de su herencia poscolonial, pero a través de una asimilación activa, crítica y selectiva, como la que encontramos, por ejemplo, en el trabajo realizado por Derek Hook (2012) en el contexto sudafricano.

Lo que asimilemos debe ser elegido al sopesar múltiples factores, entre ellos los que tal vez nos hagan rechazarlo, como su eurocentrismo, sus pretensiones universalistas o su exclusión de nuestra otredad. Un buen ejemplo de esta elección avisada se encuentra en la decisión de Spivak (1988) de rechazar a Michel Foucault por considerar, en primer lugar, que sólo piensa en la dominación dentro de la sociedad, quizás para no pensar en la explotación de unas sociedades por otras, y por lo mismo, en segundo lugar, que ignora la división internacional del trabajo, ofreciendo tan sólo una “miniatura” del imperialismo donde sólo hay periferias para locos, prisioneros y niños (pp. 84-87). Todo esto, para Spivak, es lo que uno compra al comprar a Foucault. Se trata de algo, por cierto, que no ha sido meditado en la psicología latinoamericana, especialmente en su corriente social, en la que hay cierto interés por los planteamientos foucaultianos (por ejemplo, HUNING; SCISLESKI, 2018; GONÇALVEZ, 1999).

5. Poscolonialidad como imposibilidad: contradicción, tensión y devastación

Si conviene pensar dos veces antes de servirse de ciertos conceptos de un pensador crítico tan intachable como Foucault, ¿qué actitud adoptar ante la psicología europea-estadounidense? La mayor parte de sus modelos y conceptos merecen las acusaciones que Aimé Césaire dirigió a ciertas corrientes psicológicas de su época por su complicidad con el colonialismo. Al igual que en esas corrientes, lo que sigue prevaleciendo en la psicología es lo que Césaire (1955) describe como “investigaciones dirigidas, generalizaciones interesadas, especulaciones tendenciosas”, diversas formas de puesta “en margen, aparte, de lo no-blanco”, así como “lugares comunes renovados” y “prejuicios explicados y legitimados” (pp. 40-51).

Si la psicología sigue siendo como Césaire la presenta, entonces ofrece poco recuperable para una propuesta psicológica latinoamericana que asuma reflexivamente su poscolonialidad. Esta propuesta debería afirmar una otredad negada prácticamente por todas las corrientes de la psicología europea-estadounidense. El problema es que la perspectiva poscolonial impide simplemente dejar atrás esas negaciones coloniales de nuestra otredad, entre ellas las de la psicología, ya que forman parte de la herencia poscolonial que nos constituye y que es tanto del colonizador como del colonizado.

En otras palabras, la psicología existente es algo que ya somos y de lo que no podemos deshacernos, pero que tampoco podemos aceptar, dado que tiene un carácter intrínsecamente colonial, etnocéntrico y universalista, imperialista y racista, que niega la otredad que igualmente somos. Esta doble imposibilidad hace que la condición poscolonial sea no sólo desgarradora, sino sencillamente insostenible. No puede sostenerse porque lo híbrido en lo que se funda tampoco puede sostenerse, porque es lógicamente contradictorio, porque no hay síntesis posible entre nuestra

negación y nuestra afirmación, entre el universalismo europeo y la particularidad no-europea.

Lo que hay en la condición poscolonial es tensión y conflicto entre dos polos irreconciliables, mutuamente excluyentes, así como dominación, explotación y aniquilación del uno por el otro. Es por esto último que Bonfil Batalla (1987) rechazó el concepto de “mestizaje” y prefirió hablar sin ambages de “etnocidio” y “desindianización” para designar lo que ocurre en tierras mexicanas desde el siglo XVI (pp. 42-43). Al igual que México, toda Latinoamérica es el escenario de una permanente devastación etnocida. Esta devastación colonial es el meollo insostenible de la condición poscolonial de la subjetividad y debe ser el centro de atención de una propuesta psicológica en la que se adopte la perspectiva de la poscolonialidad.

6. Continuación de lo colonial: huellas, heridas, estructuras

El concepto de lo “poscolonial” es necesario para designar la herencia del colonialismo, pero puede producir dos ilusiones contra las que nos alerta Ella Shohat (1992): una es la que hace “glorificar el hibridismo”, olvidando la devastación colonial, y la otra es la que hace ignorar la persistencia de la devastación, imaginando que “lo colonial es ahora una cuestión del pasado”, como parece insinuarse con el prefijo “pos” del concepto de “poscolonial” (pp. 111, 116). Si no queremos desechar el concepto como lo hace comprensiblemente Shohat, entonces conviene que le demos un sentido muy preciso, el de algo deplorable y no glorificable, algo aún presente y no ya pasado, una herencia viva de muerte, un momento posterior que nos mantiene atrapados en el anterior. La poscolonialidad, en efecto, es la continuación objetiva y subjetiva de la devastadora lógica de lo colonial después del colonialismo en sentido estricto.

La colonialidad prosigue objetivamente a través de lo que la misma Shohat (1992) ha descrito como “deformadoras huellas económicas, políticas y culturales que el colonialismo ha dejado en el presente” (p. 111). Las huellas coloniales, de hecho, constituyen estructuras objetivas, ya denunciadas por Frantz Fanon (1961), donde las antiguas colonias permanecen dominadas mediante “préstamos y dones, exigencias, concesiones y garantías” (p. 161), influencia de “burguesías locales” con vocación colonizada (p. 167) y transacciones comerciales “bajo el control” de las potencias económicas mundiales (p. 169). Todo esto permite que se continúe con el saqueo y la explotación económica de los pueblos anteriormente colonizados (BOND, 2006; CECEÑA, 2009), que estos pueblos no dejen de trabajar para desarrollar a los países desarrollados (KAR; SCHJELDERUP, 2016; HICKEL, 2017), y que así, globalmente, los centros opulentos puedan seguir enriqueciéndose a costa de las periferias pobres, empobreciéndolas y manteniéndolas en la pobreza (LAPLANTE HILLALI, 2018). Los países africanos, latinoamericanos y del sudeste asiático siguen siendo así objetivamente devastados por la colonialidad.

Además de perpetuarse de forma objetiva, la devastación colonial se continúa subjetivamente a través de aquellas heridas que dejan en el sujeto y que pueden llegar a discernirse y atenderse en una psicología con sensibilidad poscolonial (HOOK, 2012). Estas heridas, lo mismo que las huellas objetivas, tienen efectos deformadores que estructuran y constituyen interiormente la subjetividad. Lo que los sujetos son y pueden ser en un contexto de poscolonialidad obedece en gran parte a lo que el colonialismo les ha hecho y sigue haciéndoles (PAVÓN-CUÉLLAR, 2020b).

¿Qué nos hace el colonialismo? Para Césaire (1955), nos “inculca el miedo, la desesperación, el complejo de inferioridad” (p. 24). Para Fanon (1952), nos convence de ser inferiores, nos “inferioriza” para “superiorizar” a nuestro colonizador, nos hace “interiorizar” y “epidermizar” la inferioridad (pp. 8, 75), nos “mutila”, nos “deshumaniza”, nos “animaliza” (1961, pp. 44-45, 146). El colonialismo, además, nos impone una forma violenta de existencia, nos

compele a volvernos unos contra otros y contra nosotros mismos, nos enajena y nos divide, nos hace identificarnos al mismo tiempo con el agresor europeo y con su víctima indígena, condenándonos así a ser culpables y víctimas, verdugos y mártires (PAVÓN-CUÉLLAR, 2020b).

El colonialismo nos convierte en nuestro peor enemigo, nos hace odiarnos o despreciarnos, recelar o avergonzarnos de lo que somos. Nos vuelve, de manera única en cada caso, inseguros, temerosos, desconfiados, agresivos o sumisos en las relaciones que establecemos con los otros, entre nosotros y cada uno consigo mismo. Nos habitúa poco a poco a la subordinación, la servidumbre, el despotismo, el abuso, el robo, la impunidad, la injusticia, la envidia, el resentimiento, la impotencia, la dependencia, la pasividad, el mimetismo.

Entre las modalidades subjetivas que perpetúan la colonialidad, hay algunas que nos interesan especialmente porque afectan a la psicología y no sólo a la subjetividad. Tal es el caso del mimetismo, que hace “adoptar de modo irreflexivo” todo lo proveniente de Europa y Estados Unidos, incluso el racismo (FANON, 1961, p. 157). El gesto mimético parece descansar en una actitud aún más elemental, aún más irreflexiva, como la que ilustra Kwame Nkrumah (1966) al referirse a los paradójicos “aplausos de la audiencia africana ante las matanzas de asiáticos o pieles rojas” en películas de Hollywood (p. 246). Se empieza por admirar y celebrar lo que se termina imitando. Es exactamente lo que ocurre con la psicología latinoamericana en la que primero se venera la psicología europea-estadounidense que luego se busca repetir irreflexivamente. Ignacio Martín-Baró (1998 [1986]) criticó ya este “mimetismo que nos lleva a aceptar los sucesivos modelos vigentes en Estados Unidos”, aceptándolos por lo general de modo “acrítico”, lo que implica negar los “fundamentos mismos de la ciencia” (p. 289). El trabajo científico, en efecto, implica forzosamente un distanciamiento crítico, indisociable de la actitud

reflexiva, que falta en el reflejo mimético ciego y maquinal que aún reina entre los psicólogos de América Latina.

7. Neocolonialismo: repetición, diferencia, hegemonía

El mimetismo no es más que una de las manifestaciones de lo que Martín-Baró (1998 [1986]) ha descrito como “la miseria de la psicología latinoamericana” (pp. 286-287). Las raíces de esta miseria, para el jesuita español-salvadoreño, deberían buscarse no tanto en el colonialismo hispano-portugués, sino más bien en “el neocolonialismo del ‘garrote y la zanahoria’ que se nos ha impuesto desde hace un siglo” (p. 287). A cambio de la zanahoria de la tecnología, la modernidad y el desarrollo, se aceptaría un garrotazo cultural-ideológico neocolonial del que finalmente formaría parte la psicología latinoamericana.

El dispositivo psicológico es poscolonial por ser heredero del colonialismo, pero simultáneamente se inserta en una lógica neocolonial. Esta lógica, tal como fue definida por Sartre (1964), le permite al colonialismo “arreglarse” o “reformarse” y así perpetuarse después de suprimirse, manteniéndose en los tiempos de la poscolonialidad, posteriormente a las independencias de las antiguas colonias (pp. 25-48). Tras la descolonización, el colonialismo se reconstituye bajo una forma nueva con la que logra sobrevivir a su final.

El neocolonialismo es un colonialismo rehabilitado, pero también renovado, reformado, rectificado para ser tolerable al resultar irreconocible. Es así, en los términos de Shohat (1992), una “repetición con diferencia”, una “regeneración del colonialismo por otros medios” (p. 113). Estos otros medios son los que permiten la regeneración. Como ya se comprendiera en el Congreso de Pueblos Africanos de 1961, la reaparición poscolonial del colonialismo requiere necesariamente de una lógica neocolonial consistente en una “forma sutil e indirecta de dominación por medios

políticos, económicos, sociales, militares o técnicos” (ALL-AFRICAN PEOPLES’ CONFERENCE, 1961, párr. 2). Hay que agregar aquí los medios culturales, ideológicos y científicos, entre ellos la psicología.

Lo psicológico es crucial para lo que Shohat (1992) ha identificado en clave gramsciana como una forma neocolonial de “hegemonía” en lugar de la “dominación colonial directa” (pp. 111-112). No pudiendo ya ejercerse directa y abiertamente *sobre* el sujeto, el poder neocolonial se ejerce de modo indirecto y soterrado *a través* del sujeto, en el ámbito mismo estudiado por la psicología. En el poder neocolonial, como lo ha observado Germán Rozas Ossandón (2018), “el enemigo se ha internalizado, está en nuestro interior, en nuestra forma de pensar, en nuestra forma de ver el mundo, habiéndose desarrollado como parte de nosotros mismos” (p. 63). La subjetividad y la psicología pasan así a un primer plano cuando nos desplazamos del colonialismo al neocolonialismo, o bien, si se prefiere, en los términos de Aníbal Quijano (1992), del “colonialismo” exterior a la “colonialidad” interior, de la “represión” a la “seducción”, de la imposición de lo europeo a la “europeización como aspiración” (pp. 12-14). El neocolonialismo es un colonialismo aceptado e incluso deseado por el colonizado, lo que nos exige avasallar internamente al sujeto al persuadirlo, al sugestionarlo, al cautivarlo, al manipularlo, al disciplinarlo, al adaptarlo y al hacerle todo lo demás que se hace en la psicología.

La importancia de lo psicológico no debe hacernos creer que la economía desempeña un papel secundario en la lógica neocolonial. Esta lógica es fundamentalmente económica. Ahora como en tiempos de Fanon (1961), la “estructura neocolonial” forma parte del sistema capitalista (pp. 148-161). Es en el capitalismo donde ciertos países tienen que desarrollarse de manera subdesarrollada, subordinada o dependiente, colonial y ahora neocolonial (NKRUMAH, 1966), avanzando por los caminos laberínticos del neocolonialismo, extraviándose cada vez más, pero sin avanzar en absoluto, volviendo siempre al punto de partida (ver HAAG, 2011;

LANGAN, 2018). Todo esto es economía, pero una economía que necesita del consenso en la sociedad, de la persuasión de los sujetos, de la hegemonía en la cultura, de la ideología y la psicología. El factor subjetivo está en el centro del proceso económico neocolonial.

8. Giro decolonial en psicología: descolonización, relocalización, pluriversalización

En el neocolonialismo denunciado por Sartre, Fanon, Nkrumah y Shohat, como en la colonialidad a la que se refiere Quijano, tenemos la continuación poscolonial de lo colonial bajo una forma renovada que le permite sobreponerse a las independencias nacionales de las antiguas colonias. Las independencias no suprimen el orden colonial, sino sólo sus formas anteriores. El colonialismo se transforma, pero permanece, lo que justifica el giro decolonial en el que se concibe la descolonización como un asunto pendiente, como un “proyecto inacabado” (MALDONADO-TORRES, 2008, pp. 70-71). Este proyecto descolonizador es el que sigue orientando a los pensadores decoloniales.

Quijano (1992) ya vislumbra, como primera tarea para la “destrucción de la colonialidad”, una “descolonización epistemológica para dar paso a una nueva comunicación intercultural” (p. 19). El nivel de la epistemología y de la comunicación, del saber y del discurso, es aquel en el que ha quedado confinada la descolonización emprendida por los pensadores decoloniales. Es en este nivel donde se ubica Walter Mignolo cuando se propone “desmontar construcciones imaginarias” como las que oponen el Centro y la Periferia, el Primer y el Tercer Mundo (1995, p. 39), así como “limpiarse de la colonialidad del ser y del saber” o “desprenderse de la retórica de la modernidad” (2007, pp. 29-30). Es en el mismo nivel en el que Nelson Maldonado-Torres (2008) propone su “postura crítica” y su “cambio radical” ante la “colonización en el ser, el poder y el conocimiento” (p. 66). Aunque ciertamente se piense en el ser y el poder y no sólo en el saber y el

conocimiento, se trata básicamente de pensar, de pensar decolonialmente, de una descolonización en la forma de pensar.

El pensamiento decolonial es un ejercicio predominantemente intelectual, especulativo y académico, centrado en cuestiones epistemológicas y discursivas o comunicacionales. De estas cuestiones, quizás la más relevante para la psicología latinoamericana sea la del universalismo, en la que radica el meollo del problema del funcionamiento colonial de las ideas psicológicas europeas-estadounidenses. No es tan sólo que estas ideas tengan que revestirse de universalidad para operar colonialmente, sino que ha sido la colonización de los pueblos asiáticos, africanos y americanos la que ha permitido la universalización de las mismas ideas.

El carácter universal de la psicología puede concebirse, en los términos de Quijano (1992), como una “pretensión irracional” de las creencias de la “etnia particular europea occidental” (pp. 19-20). Esta etnia cree poder sobrepasar el horizonte cultural de sus ideas, entre ellas las psicológicas, descontextualizándolas y presentándolas como aplicables a cualquier cultura, como no circunscritas al espacio cultural del que provienen, como provenientes de ninguna parte. Es así como la etnia europea noroccidental incurre en lo que Santiago Castro-Gómez (2005) ha denominado “la *hybris* del punto cero”, describiéndola como la “arrogancia y desmesura” de ignorar nuestro “lugar de enunciación” (p. 19), nuestro punto “étnico y cultural de observación”, disimulándolo para “convertirlo en un lugar sin lugar” (pp. 60-61). Castro-Gómez ve operar esta *hybris* en las ciencias humanas y sociales que se atribuyen una observación “imparcial y aséptica” (p. 42) y que separan el sujeto y el objeto de conocimiento “para ubicarse en un lugar epistémico incontaminado” (p. 307). Todo esto es patente en las corrientes psicológicas dominantes obnubiladas por sus obsesiones de cientificidad, objetividad y replicabilidad, correlativas de su pretensión colonial de universalidad.

Para imprimir un giro decolonial a la psicología, será preciso volver sobre su historia y resituarla en su contexto particular europeo-estadounidense. Esta relocalización habrá de permitirnos revertir en el campo psicológico la “deslocalización” de la que habla Mignolo (2007, p. 33). Una vez que hayamos relocalizado lo proveniente de Europa y Estados Unidos, habrá que realizar una tarea que no dejamos de proyectar y postergar: la de construir psicología desde nuestros pueblos, psicología que no sólo se asuma como poscolonial, como involuntariamente heredera del colonialismo, sino que se posicione como decolonial, trabajando voluntariamente para desprenderse del universalismo y otras expresiones de la colonialidad.

La sensibilidad poscolonial y decolonial hará que los psicólogos latinoamericanos nos enorgullezcamos de lo que ahora nos avergüenza: que nuestras ideas no se exporten, que no se apliquen en otras latitudes, que no trascendamos al exterior de nuestro contexto. Mejor será que nuestras ideas psicológicas permanezcan humildemente localizadas, situadas aquí en América Latina, sin dejarse llevar por la megalomanía del universalismo. Su mayor aspiración tendría que ser la de integrarse en la “pluriversidad decolonial” a la que se refiere Mignolo (2007, p. 31) y que Ramón Grosfoguel (2007) define como un “pluriverso horizontal y democrático”, en contraste con un “universo vertical y autoritario” como el impuesto por Europa y Estados Unidos (p. 72). En lugar de una psicología universal, deberíamos aspirar a una *pluriversidad* de opciones psicológicas. Habría que tener tantas psicologías diferentes como distintas culturas haya en el mundo. Es el ideal rector de las psicologías indígenas (v. g. KIM; BERRY, 1993; PAREDES CANILAO et al, 2015).

9. Límites de una psicología decolonial: dualidad, individualidad, irreversibilidad

El problema con las psicologías indígenas es que su condición de psicologías podría impedir que sean verdaderamente indígenas. El problema, en otras palabras, es el riesgo de que lo indígena se pierda al intentar asimilarse al ámbito psicológico de reflexión, investigación, enseñanza y ejercicio profesional. Después de todo, las psicologías dominantes e incluso las alternativas y críticas no dejan de ser eurocéntricas en sus objetos y recursos teóricos (PAINTER, 2015), formando parte del orden disciplinario de un conocimiento occidental que ha implicado la destrucción o distorsión de los saberes no europeos ni estadounidenses (STAEUBLE, 2006).

La idea misma de lo psicológico podría ser una idea europea-estadounidense irreconciliable con otras culturas. He intentado mostrar en otros lugares que los pueblos originarios de América Latina tienen concepciones de la subjetividad sustancialmente diferentes de la psicología, irreductibles a ella e incompatibles con ella (PAVÓN-CUÉLLAR, 2021; PAVÓN-CUÉLLAR y MENTINIS, 2020), y que la importación de lo psicológico al contexto latinoamericano ha sido un mecanismo fundamental del proceso colonizador (PAVÓN-CUÉLLAR, 2016). La colonización ha implicado una psicologización, un doble gesto solipsista-dualista de encerramiento del sujeto en su individualidad y de escisión entre su expresión como objeto de la psicología y todo lo demás, de tal modo que el desarrollo decolonial de psicologías indígenas puede saldarse con un efecto colonial inesperado, el de la recuperación y neutralización de otras formas de concebir al sujeto en las que su mente, cognición, conciencia, conducta o personalidad no se disocian de su comunidad ni del universo (PAVÓN-CUÉLLAR, 2021).

El dualismo y el solipsismo de la psicología están en la esencia misma de la civilización europea-estadounidense y de sus inclinaciones coloniales

eurocéntricas, universalistas e imperialistas. Esto es algo que Grosfoguel (2007) ha puesto de manifiesto al abordar la filosofía cartesiana y al denunciar, por un lado, cómo el monólogo solipsista mantiene el mito de una Europa aislada que se genera y desarrolla por sí misma, “sin dependencia de nadie en el mundo”, y, por otro lado, cómo la división dualista entre cuerpo y alma, entre lo extenso y lo pensante, permite universalizar al yo que piensa al situarlo en un “no-lugar” y un “no-tiempo” que le habilitan para hacer un reclamo imperialista “más allá de todo límite espacio-temporal” (pp. 63-64). El imperialismo implica la abstracción de un alma descarnada universalizable y además autosuficiente, auto-centrada, eurocéntrica. El objeto de la psicología es el sujeto del colonialismo.

Si procedemos de modo materialista y ponemos a Grosfoguel sobre sus pies, comprendemos que el colonialismo imperial del *yo conquistador*, del “*ego conquiro*”, está en la base misma del dualismo del “*ego cogito*”, como bien lo ha notado Enrique Dussel (1994, p. 47). El mismo colonialismo también parece constituir el fundamento histórico y socioeconómico del universalismo y del solipsismo eurocéntrico. Las raíces filosóficas del *homo psychologicus* están así arraigadas a su vez en el sistema colonial y ahora neocolonial.

Quizás una propuesta psicológica decolonial debiera empezar por desistir de la psicología misma, comprendiendo que la psicología es parte del problema, parte de la colonialidad. Sin embargo, aun comprendiéndolo, no es posible actuar en consecuencia. No podemos desprendernos del elemento psicológico solipsista y dualista porque se trata de un elemento esencial no sólo de nuestra concepción de nosotros mismos, sino de nuestra propia constitución, de nuestra forma de ser y actuar.

El caso es que hemos sido psicologizados al ser colonizados. Nuestra condición poscolonial hace que seamos también lo que nos ha colonizado: lo psicológico y lo demás de lo que no podemos desprendernos sin desprendernos de nosotros mismos. Llegamos aquí a un límite

infranqueable del pensamiento decolonial. Digamos que no hay decolonialidad que pueda liberarse ni de la herencia colonial ni de su persistencia neocolonial.

Si no hemos conseguido liberarnos de la colonialidad, mucho menos podremos revertirla. Estamos condenados a nuestra condición poscolonial y por ende también a lo psicológico. Por más decolonial que sea, nuestra psicología seguirá siendo psicología y continuará estando marcada por la colonialidad. No podemos descolonizarnos hasta el punto de volver atrás y disolver la psicología en las concepciones indígenas de la subjetividad. Como bien lo ha señalado Hall (1990), lo original “ya no está aquí, se ha transformado”, pues “la historia es irreversible” (p. 231). Spivak (1985) tiene razón al referirse a una conciencia “irrecuperable” que sólo puede ser una “ficción teórica”, un “índice del futuro”, una “metalepsis” en la que “el efecto aparece como causa” (pp. 43-44). Esa conciencia no deja por ello de ser nuestra causa, el ideal que nos mueve, el motor de la descolonización. Así es como podemos resignificar las concepciones indígenas de la subjetividad hacia las que nos reorienta la decolonialidad en el campo psicológico (PAVÓN-CUÉLLAR, 2020a).

10. Lucha anticolonial: estrategia, memoria, porvenir

La psicología decolonial tan sólo podrá partir de su pasado al tender al futuro. Digamos que no está en condiciones de renegar de su carácter poscolonial. Está obligada a buscar un equilibrio entre su poscolonialidad y su decolonialidad.

La psicología decolonial tendrá que aliar su binarismo decolonial con el hibridismo poscolonial que Hall (1996) asocia con el registro complejo de “condensación y diseminación, sobredeterminación y diferencia”, donde el purismo o “absolutismo étnico” resulta insostenible (pp. 131-133). Sin embargo, como lo advierte Shohat (1992), no habría que sostener tampoco

la “glorificación poscolonial del hibridismo”, ya que la afirmación de lo original irrecuperable forma parte de una “lucha” presente contra el neocolonialismo (p. 116). Esta lucha tiene derecho a servirse del absolutismo étnico, del binarismo, del esencialismo, aunque sea tan sólo “estratégicamente”, como lo proponía Spivak (1985, pp. 45-47). El famoso esencialismo estratégico de Spivak puede ser un medio efectivo para mantener el giro decolonial y su horizonte indígena en una psicología advertida, no ingenua, que se asuma reflexivamente como poscolonial en su lucha anticolonial.

Ser estratégicamente esencialistas no supone vaciar de contenido lo propio, lo indígena y latinoamericano, ya sea reduciéndolo a un simple medio estratégico o relegándolo al porvenir del fin de nuestra estrategia. Ciertamente nuestra verdad se realiza en el futuro, pero este futuro tiene su historia, se ha ido preparando y espera desde hace mucho tiempo en lo que Martín-Baró (1998 [1974]) describía como lo “bloqueado, oprimido y aplastado”, lo que sólo puede liberarse a través de “una clarividente memoria histórica” (p. 135). Lo recordado no es todavía nuestro fin, pero tampoco es un simple medio, pues constituye nuestra causa y nuestro propio ser, aunque un ser aún sólo posible.

Es como si primero fuera preciso recordar lo que luego podemos llegar a ser. Esta memoria, también para Martín-Baró (1998 [1986]), puede servirles a los pueblos para “abrir un horizonte hacia su liberación y realización” (p. 301). Los pueblos toman conciencia de sus posibilidades al hacer memoria sobre sus realidades. Es tan sólo a través de su historia que pueden llegar a su destino. Tan sólo pueden recobrase al sobreponerse a lo que Glenn Adams y sus colaboradores (2015) han descrito acertadamente como “formas de violencia epistémica asociadas a la represión de las representaciones locales de la historia y la identidad y su reemplazo por la imposición de entendimientos colonizadores” (p. 217). Enfrentar estas formas de violencia epistémica puede ser una tarea crucial de los psicólogos decoloniales en relación con la subjetividad, con la sociedad y la

cultura, pero también en relación con la propia psicología como campo académico y profesional.

La descolonización de la psicología latinoamericana, que tal vez conlleve su desaparición como psicología, nos exige indigenizarla, recuperar lo indígena, recuperarlo como nuestra causa (PAVÓN-CUÉLLAR, 2020a). El problema fundamental de esta recuperación, discernido lúcidamente por Luis Villoro (1950), es que se hace habitualmente mediante un “movimiento reflexivo de raigambre occidental”, un movimiento en el que lo indígena permanece callado, pues al expresarse “tiene que hacerlo a través de la reflexión y, por tanto, a través de los conceptos, temas y palabras que vienen del Occidente” (pp. 272-273). Es así como la reflexión fracasa en su objetivo de indigenización.

Indigenizar la psicología requiere ir más allá de la simple reflexividad. Villoro (1950) nos ofrece aquí dos vías: una es la acción, la praxis aliada con los pueblos originarios, y la otra es el “impulso amoroso hacia lo indígena”, respetando su “enigma” (pp. 275-284). Las dos vías tan sólo pueden converger en luchas anticoloniales que adoptarán inevitablemente una forma política.

Es tan sólo políticamente como la psicología puede indigenizarse por el gesto mismo por el que participa en ciertas luchas anticoloniales. Al tomar parte en estas luchas, la psicología politizada se transforma a sí misma y de algún modo se arriesga, pudiendo llegar a disolverse al transformarse, pero también opera tan estratégicamente como el esencialismo indígena, empleándose como un arma para enfrentarse a la colonialidad. Llegamos así a lo que Derek Hook (2005) ha llamado “*psicopolítica*” para designar el uso que Frantz Fanon y Steve Biko hicieron de la psicología en sus respectivas luchas anticoloniales. Estas luchas no prescindieron del arma psicológica, pero la emplearon de modo sólo estratégico y además la hicieron ir más allá de sí misma, transformándose e indigenizándose. De igual modo, las mismas luchas no excluyeron las reflexiones poscoloniales y

decoloniales, pero sí las acotaron, reconociendo sus límites para afrontar algo real, concreto y material, que no puede sólo resolverse de modo reflexivo, ni a través del hibridismo ni en el purismo absolutista.

11. Conclusión

Rechazando la celebración poscolonial de lo híbrido, nuestra lucha anticolonial enfatizará la falta de síntesis entre lo colonizado y lo colonizador, el conflicto irreductible entre lo indígena y lo europeo-estadounidense, la necesaria toma de partido por lo uno o por lo otro y la resultante acción a favor o en contra de la colonialidad y el neocolonialismo. No se trata de negar algo tan evidente como el mestizaje, pero sí es preciso entenderlo de otro modo, como coexistencia en la diferencia, como tensión y contradicción. Todo esto y más ha sido sintetizado por Silvia Rivera Cusicanqui (2014) en el concepto aymara *ch'ixi*, el cual, designando un gris compuesto de puntos o manchas de colores opuestos y yuxtapuestos, permite describir la condición en la que lo indígena y lo europeo subsisten y “no se funden, sino que se antagonizan o se complementan” (pp. 75-76).

El *ch'ixi* abre un espacio donde podemos continuar luchando contra la colonialidad al renunciar al ideal poscolonial de lo híbrido. Simultáneamente, renunciando al ideal decolonial de lo puro y absoluto, nuestra misma lucha anticolonial tiene que asumir la imposibilidad de simplemente desprendernos de aquello europeo de lo que también formamos parte y en lo que sólo podemos debatirnos cuando luchamos contra sus expresiones coloniales y neocoloniales. Nuestra lucha es, además, demasiado importante como para obstinarnos en privarla de poderosos recursos occidentales, entre ellos ideas y alianzas en frentes radicales a los que de cualquier modo pertenecemos, nos guste o no.

Aunque luchemos contra la colonialidad, necesitamos de nuestras posiciones, trincheras y armas europeas-estadounidenses para luchar efectivamente contra ella. No podemos darnos el lujo, como lo hace Mignolo (2007), ni de pretender que nuestra lucha “ya no es de izquierda” ni de intentar deslindarla del comunismo y de la tradición que va “de Las Casas a Marx” (pp. 30-33). Tampoco es conveniente desperdiciar dispositivos críticos tan potentes como el marxismo y el psicoanálisis bajo el pretexto de que siguen produciendo “conocimiento desde el punto cero”, como dice Grosfoguel (2007, p. 65). Más que arrebatarnos lo europeo-estadounidense, tendríamos que seguir haciendo con él eso que siempre hemos hecho tan bien al resistir, enriqueciéndonos y fortaleciéndonos al asimilarlo, al devorarlo como en la antropofagia de Oswald de Andrade (1928) o al fagocitarlo como en el pensamiento de Rodolfo Kusch (1962).

No hay razón para despojarnos de una civilización occidental que también nosotros hemos contribuido a construir. Nos pertenece tanto como a los europeos y a los estadounidenses. La hemos pagado no sólo con lo que se nos ha robado, sino también con lo que hemos dado voluntariamente. Sin embargo, aun si no la hubiéramos pagado, nada nos impide utilizarla. Así como los indígenas disparaban rifles europeos contra los colonos, así nosotros podemos ahora dirigir dispositivos críticos occidentales contra el neocolonialismo de la psicología dominante.

Necesitamos del marxismo y de otros dispositivos análogos que se han forjado para combatir las diversas formas de opresión, explotación, enajenación e ideologización en el capitalismo, entre ellas las coloniales y neocoloniales. De cualquier modo nuestra lucha anticolonial será, por necesidad, anticapitalista, como lo es nuestra otra cultura, la indígena, intrínsecamente “anticapitalista” y no sólo “precapitalista”, como bien lo entendió Césaire (1955, p. 25). No estamos antes ni podemos estar fuera del capitalismo y de su psicología.

Debemos permanecer aquí y ahora, en el mundo capitalista, debatiéndonos contra lo colonial de lo que no podemos desprendernos. Esto es algo que se les olvida frecuentemente a los académicos decoloniales, pero que siempre se ha entendido muy bien en el contexto latinoamericano. Como lo recuerda Cusicanqui (2019), “desde tiempos coloniales se han dado procesos de lucha anticolonial”, mientras que “lo decolonial es una moda muy reciente que, de algún modo, usufructúa y reinterpreta esos procesos de lucha, pero también los despolitiza” (párr. 4). Despolitizándolos, acaba con ellos. Les quita su radicalidad y los convierte en otra cosa: en reflexión académica, apolítica, despolitizada paradójicamente por su posición política de poder y privilegio en una estructura legada por el colonialismo. Todo esto ha empezado a ser comprendido entre psicólogos cuya conciencia de la colonialidad los vuelve particularmente autoconscientes de sus “ubicaciones políticas” en la academia (MACLEOD, BHATIA y KESSI, 2017, p. 309)

La despolitización y academización tan sólo pueden comprometer una descolonización como la que ansiamos para la psicología latinoamericana. Esta descolonización será política o no será. Por más que se inspire de los pensamientos poscolonial y decolonial, tendrá que imprimirles un elemento de lucha anticolonial.

Es preciso repolitizar el giro decolonial en el campo psicológico. Esta repolitización es ella misma ya de cierto modo una descolonización. Es un movimiento con el que se hace retroceder la psicología colonial que despolitiza todo lo que toca. Si la colonización implicó una psicologización, esta psicologización fue también una despolitización, una privatización y personalización de lo político.

12. Referencias

ADAMS, Glenn, DOBLES, Ignacio, GÓMEZ, Luis, KURTIS, Tuğçe, & MOLINA, Ludwin. Decolonizing psychological science: Introduction to the special

thematic section. **Journal of Social and Political Psychology**, v. 3, n. 1, p. 213–238, 2015. Disponible en: <https://doi.org/10.5964/jspp.v3i1.564> Accedido en: 2 diciembre 2020.

ADAMS, Glenn; ESTRADA VILLALTA, Sara. Theory from the South: A decolonial approach to the psychology of global inequality. **Current Opinion in Psychology**, v. 18, p. 37-42, 2017. Disponible en: <https://doi.org/10.1016/j.copsy.2017.07.031> Acceso en: 13 diciembre 2020.

ALL-AFRICAN PEOPLES' CONFERENCE. **Statement on Neocolonialism**. 1961. Disponible en: <https://www.pambazuka.org/global-south/africa-all-african-peoples-conference-statement-neocolonialism>. Accedido en: 4 junio 2020.

ALVES, Cândida Beatriz, & DELMONDEZ, Polianne. Contribuições do pensamento decolonial à psicologia política. **Revista Psicologia Política**, v. 15, n. 34, p. 647-661, 2015. Disponible en: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v15n34/v15n34a12.pdf> Accedido en: 2 diciembre 2020.

ANDRADE, Oswald de. Manifiesto Antropófago. In: J. Schwartz (comp.), **Las vanguardias latinoamericanas**. México: FCE, 1928, p. 171-180.

AYOUCHE, Thamy. **Psychanalyse et hybridité. Genre, colonialité, subjectivations**. Lovaina: Leuven University Press, 2018.

BESHARA, Robert. **Decolonial psychoanalysis: Towards critical islamophobia studies**. Londres: Routledge, 2019.

BHABHA, Homi. **Of Mimicry and Man: The Ambivalence of Colonial Discourse**. Octubre 28 1984, p. 125-133.

BOND, Patrick. **Looting Africa: The economics of exploitation**. Londres: Zed Books, 2006.

BONFIL BATALLA, Guillermo. **México profundo. Una civilización negada**. México: Ed. Grijalbo S. A., 1987.

BOTERO GÓMEZ, Patricia. Subjetividades colectivas y prácticas de paz en contextos de guerra: Una perspectiva desde la psicología política decolonial. **Prospectiva: Revista de Trabajo Social e Intervención Social**,

v. 20, p. 71-90, 2015. Disponible en: <https://doi.org/10.25100/prts.v0i20.934>
Accedido en: 2 diciembre 2020.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CECEÑA, Ana Esther. Caminos y agentes del saqueo en América Latina. **Observatorio Latinoamericano de Geopolítica**, 2009. Disponible en: <http://geopolitica.iiec.unam.mx/index.php/node/147> Accedido en: 27 noviembre 2020.

CÉSAIRE, Aimé. **Discours sur le colonialisme**. París: Présence Africaine, 1955.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Hambre de huelga y otros textos**. Querétaro: La Mirada Salvaje, 2014.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. Tenemos que producir pensamiento a partir de lo cotidiano. **El Salto Diario**, 2019. Disponible en: <https://www.elsaltodiario.com/feminismo-poscolonial/silvia-rivera-cusicanqui-producir-pensamiento-cotidiano-pensamiento-indigena>. Accedido en: 2 diciembre 2020.

DUSSEL, Enrique. **1492. El encubrimiento del otro. Hacia el origen del mito de la modernidad**. La Paz: Plural, 1994.

DUTTA, Urmitapa. Decolonizing “community” in community psychology. **American Journal of Community Psychology**, v. 62, n. 3-4, p. 272-282, 2018. Disponible en: <https://doi.org/10.1002/ajcp.12281> Accedido en: 27 noviembre 2020.

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs**. París: Seuil, 1952.

FANON, Frantz. **Les damnés de la terre**. París: La Découverte, 1961.

GONÇALVEZ, Luis. La metodología genealógica y arqueológica de Michel Foucault en la investigación en psicología social. In: **Arqueología del cuerpo: ensayo para una clínica de la multiplicidad**. Montevideo: CEUP, 1999, p. 167-176. Disponible en: <http://www.fadu.edu.uy/estetica-diseno-ii/files/2015/06/transitos-de-una-psi>

ciencia-social-genealogía-y-arqueología.pdf. Accedido en: 27 noviembre 2020.

GROSGOUEL, Ramón. Descolonizando los universalismos occidentales. In: **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007, p. 63-77.

HALL, Stuart. Cultural Identity and Diaspora. In: **Identity: Community, Culture, Difference**. Londres: Lawrence & Wishart, 1990, p. 222-237.

HALL, Stuart. ¿Cuándo fue lo postcolonial? Pensar el límite. In: **Estudios postcoloniales. Ensayos fundamentales**. Madrid: Traficantes de Sueños, 1996, p. 121-144.

HAAG, Diana. **Mechanisms of Neocolonialism: Current French and British in Cameroon and Ghana**. Barcelona: Institut Català Internacional Per la Pau, 2011.

HICKEL, Jason. Aid in reverse: how poor countries develop rich countries. **The Guardian**. 14 Enero 2017. Disponible en: <https://www.theguardian.com/global-development-professionals-network/2017/jan/14/aid-in-reverse-how-poor-countries-develop-rich-countries> Accedido en: 25 noviembre 2020.

HOOK, Derek. **A critical psychology of the postcolonial: The mind of apartheid**. Londres: Routledge, 2012.

HOOK, Derek. A critical psychology of the postcolonial. **Theory & Psychology**, vol 15, n. 4, 2005, p. 475-503. Disponible en: <https://doi.org/10.1177/0959354305054748>. Accedido en: 25 noviembre 2020.

HUNING, Simone Maria; SCISLESKI, Andrea Cristina Coelho. Ressonâncias de uma epistemologia foucaultiana em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, e170632, 2018. Disponible en: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30170632>. Accedido en: 28 noviembre 2020.

KAR, Dev; SCHJELDERUP, Guttorm. New Report on Unrecorded Capital Flight Finds Developing Countries are Net-Creditors to the Rest of the World. **Global Financial Integrity**. 2016. Disponible en:

<https://gfintegrity.org/press-release/new-report-on-unrecorded-capital-flight-finds-developing-countries-are-net-creditors-to-the-rest-of-the-world/>
Accedido en: 25 noviembre 2020.

KESSI, Shose & BOONZAIR, Floretta. Centre/ing decolonial feminist psychology in Africa. **South African Journal of Psychology**. v. 48, n. 3, p. 299-309, 2018. Disponible en: <https://doi.org/10.1177/0081246318784507>
Accedido en: 25 noviembre 2020.

KESSI, Shose. Towards a Decolonial Psychology: Defining and Confining Symbols of the Past. **Museum International**, v. 71, n. 2, p. 80-87, 2019. <https://doi.org/10.1080/13500775.2019.1638032> Accedido en: 25 noviembre 2020.

KIM, Uichol; BERRY, John. **Indigenous psychologies: Research and experience in cultural context**. Londres: Sage, 1993.

KUSCH, Rodolfo. América profunda. In: **Obras Completas Tomo II**. Buenos Aires: Fundación Ross, 1962, p. 1-254.

LANGAN, Mark. **Neo-colonialism and the poverty of 'development' in Africa**. Londres: Palgrave Macmillan, 2018.

LAPLANTE, Marc; HILLALI, Mimoun. **Le pillage du monde par l'Occident: la face cachée du capitalisme**. Paris: L'Harmattan, 2018.

MACLEOD, Catriona; BHATIA, Sunil; Shose KESSI, Postcolonialism and psychology: Growing interest and promising potential. In: **The SAGE handbook of qualitative research in psychology**. Londres: Sage, 2017, p. 306-317.

MALDONADO-TORRES, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula Rasa** v. 9, p. 61-72, 2008. Disponible en: <https://revistas.unicolmayor.edu.co/index.php/tabularasa/article/view/1502>
Accedido en: 25 de noviembre 2020.

MALDONADO-TORRES Nelson. Frantz Fanon and the decolonial turn in psychology. **South African Journal of Psychology** v. 47, n. 4, p. 432-441, 2017. Disponible en: <https://doi.org/10.1177/0081246317737918> Accedido en: 28 noviembre 2020.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Concientización y currículos universitarios. In: **Psicología de la liberación**. Madrid: Trotta, 1998 [1974], p. 131-160.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Hacia una psicología de la liberación. In: **Psicología de la liberación**. Madrid: Trotta, 1998 [1986], p. 283-302.

MIGNOLO, Walter. Occidentalización, imperialismo, globalización: herencias coloniales y teorías postcoloniales. **Revista iberoamericana**, v. 61, n. 170, p. 27-40, 1995. Disponible en: <https://doi.org/10.5195/reviberoamer.1995.6392> Accedido en: 28 noviembre 2020.

MIGNOLO, Walter. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. In: **El giro decolonial**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007, p. 25-46.

NKRUMAH, Kwame. **Neo-colonialism: The last stage of imperialism**. Nueva York: International Publishers, 1966.

ORELLANO, Claudia Marcela; GONZÁLEZ, Sergio Gabriel. Acerca de la opción decolonial en el ámbito de la psicología. **Perspectivas en Psicología**, 12(2), p. 1-8, 2015. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483547667001> Accedido en: 28 noviembre 2020.

PAINTER, Desmond. Postcolonial theory: Towards a worlding of critical psychology. In: **Handbook of Critical Psychology**. Londres: Routledge, 2015, p. 366-375.

PAREDES CANILAO, Narcisa, BABARAN-DIAZ, Maria Ana, FLORENDO, Maria Nancy., SALINAS-RAMOS, Tala. Indigenous psychologies and critical-emancipatory psychology. In: **Handbook of Critical Psychology**. Londres: Routledge, 2015, p. 356-365.

PAVÓN-CUÉLLAR, David. Marx's Destruction of the Inner World: from the Colonial Internalisation of the Psyche to the Critique of the Psychological Roots of Political Economy. **Crisis and Critique**, v. 3, n. 3, 286-309, 2016. Disponible en: <http://doi.org/10.5281/zenodo.268672> Accedido en: 28 noviembre 2020.

PAVÓN-CUÉLLAR, David. Descolonizar e indigenizar: dos tareas urgentes en el proceso de liberación de la psicología latinoamericana. In: **Psicología y Praxis Transformadoras**. Bogotá: Cátedra Libre, 2020a, p. 329-348.

PAVÓN-CUÉLLAR, David. Violencia colonial y daño subjetivo en el presente latinoamericano. In: **Sujetos y contextos de las violencias en América Latina**. Ciudad de México: Grañén Porrúa, 2020b, p. 27-53.

PAVÓN-CUÉLLAR, David. **Más allá de la psicología indígena: concepciones mesoamericanas de la subjetividad**. Ciudad de México: Porrúa, 2021.

PAVÓN-CUÉLLAR, David; MENTINIS, Mihalis. **Zapatismo y subjetividad: más allá de la psicología**. Bogotá y Morelia: Cátedra Libre, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad/Racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponible: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf> Accedido en: 28 noviembre 2020.

ROZAS OSSANDÓN, Germán. **Decolonialidad, desde la psicología social comunitaria**. Santiago: Universidad Austral de Chile, 2018.

SAID, Edward. **Orientalismo**. Madrid: Libertarias, 1978.

SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira. Psicología Fenomenológico-Existencial y Pensamiento Decolonial: un diálogo necesario. **Revista do NUFEN**, v. 9, n. 3, p. 93-109, 2017. Disponible en: <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol09.n03artigo16>. Accedido en: 17 noviembre 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **Situations V. Colonialisme et Néo-colonialisme**. Paris: Gallimard, 1964.

SHOHAT, Ella. Notas sobre lo postcolonial. In: **Estudios postcoloniales. Ensayos fundamentales**. Madrid: Traficantes de Sueños, 1992, p. 103-121.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Estudios de la subalternidad. In: **Estudios postcoloniales. Ensayos fundamentales**. Madrid: Traficantes de Sueños, 1985, p. 33-68.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak? In: **Colonial Discourse and Postcolonial Theory**. Nueva York: Columbia University Press, 1988, p. 66-107.

STAEUBLE, Irmgard. Psychology in the Eurocentric order of the social sciences: Colonial constitution, cultural imperialist expansion, postcolonial critique. In: **Internationalizing the history of psychology**. Nueva York: New York University Press, 2006, p. 183-207.

VILLORO, Luis. **Los grandes momentos del indigenismo**. Ciudad de México: FCE, 1950.



COMPLEXIDADE NARRATIVA E DEPENDÊNCIA EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS DE GUIMARÃES ROSA E PEDRO PÁRAMO DE JUAN RULFO

*COMPLEXIDAD NARRATIVA Y DEPENDENCIA EN GRANDE SERTÃO:
VEREDAS DE GUIMARÃES ROSA Y PEDRO PÁRAMO DE JUAN RULFO*

*NARRATIVE COMPLEXITY AND DEPENDENCY IN GRANDE SERTÃO:
VEREDAS BY GUIMARÃES ROSA AND PEDRO PÁRAMO BY JUAN RULFO*

Gabriel dos Santos Lima¹ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: O presente artigo tem por objetivo realizar uma análise comparativa dos romances *Pedro Páramo* de Juan Rulfo e *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa à luz dos problemas da dependência e do subdesenvolvimento. Buscaremos, portanto, discutir aspectos das representações miméticas nos romances, associando-as a enfoques socioeconômicos da realidade latino-americana, também vinculados aos respectivos processos históricos vividos por México e Brasil ao longo do século XX. Desse modo, argumentaremos que a linguagem lacônica de Rulfo e sua prosa concisa e melancólica se ligam a uma frustração de expectativas em relação à Revolução Mexicana. Já no caso de Rosa, discutiremos como determinados personagens seus, bem como certo tom profético assumido por seu narrador, configuram uma inserção no debate sobre o desenvolvimentismo brasileiro. Nesse sentido, argumentaremos que as formas de ambas as obras, guardadas as devidas especificidades, se ligam à tentativa de apreender esteticamente universos socialmente convulsionados, cujos aspectos problemáticos permanecem atuais.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Juan Rulfo; Dependência; Romance Latino-americano; Modernismo

¹ Mestre e Doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, com estágio de doutorado-sanduiche na Yale University. Email: gabriel.cordeiro.lima@usp.br.

O presente artigo é resultado de pesquisa de doutorado em andamento, realizada no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo sob orientação do Professor Jorge Mattos Brito de Almeida.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo realizar un análisis comparativo de las novelas *Pedro Páramo* de Juan Rulfo y *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa a la luz de los problemas de la dependencia y el subdesarrollo. Buscaremos, por lo tanto, discutir aspectos de las representaciones miméticas en las novelas, asociándolos a perspectivas socioeconómicas de la realidad latinoamericana, vinculadas también a los respectivos procesos históricos vividos por México y Brasil a lo largo del siglo XX. De esta manera, se argumenta que el lenguaje lacónico de Rulfo y su prosa concisa y melancólica están vinculados a una frustración de expectativas con respecto a la Revolución Mexicana. En el caso de Rosa, discutiremos cómo algunos de sus personajes, así como cierto tono profético asumido por su narrador, configuran una inserción en el debate sobre el desarrollismo brasileño. En este sentido, argumentamos que las formas de ambas obras, con el debido respeto a las especificidades, están vinculadas al intento de aprehender estéticamente universos socialmente convulsionados, cuyos aspectos problemáticos siguen siendo actuales.

Palabras-clave: Guimarães Rosa; Juan Rulfo; Dependencia; Novela latinoamericana; Modernismo

Abstract: This article aims to carry out a comparative analysis of the novels *Pedro Páramo* by Juan Rulfo and *Grande Sertão: Veredas* by Guimarães Rosa in the light of the problems of dependency and underdevelopment. We will therefore seek to discuss aspects of mimetic representations in the novels, associating them with socioeconomic aspects of Latin American reality, also linked to the respective historical processes experienced by Mexico and Brazil throughout the 20th century. In this way, it will be argued that Rulfo's laconic language and his concise and melancholy prose are linked to a frustration of expectations regarding the Mexican Revolution. In Rosa's case, we will discuss how certain aspects of his characters, as well as a certain prophetic tone assumed by his narrator, configure an insertion in the debate about Brazilian developmentalism. In this sense, we will argue that the forms of both works, considering their specificities, are linked to the attempt to aesthetically apprehend socially convulsed universes, which problematic aspects remain current.

Key-Words: Guimarães Rosa; Juan Rulfo; Dependency; Latina-American Novel; Modernism

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.170823](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.170823)

Recebido em: 08/05/2020

Aprovado em: 28/06/2021

Publicado em: 01/07/2021

1. Introdução

Além da proximidade das datas de publicação, é bastante evidente a similitude temática entre *Grande Sertão: Veredas* e *Pedro Páramo*: ambos tratam da vida de proprietários rurais – no primeiro caso, o ex-jagunço Riobaldo; no segundo, o terratenente cujo nome batiza o livro. É até possível apontar certa correspondência na trajetória dos personagens: o protagonista de Guimarães Rosa nasce filho da pobre mulher Bigrú, é apadrinhado pelo fazendeiro Selorico Mendes, vaga pelo interior brasileiro junto a bandos armados, participa de batalhas e termina herdando dois ranchos do padrinho. Já o homônimo do romance de Rulfo nasce filho do fazendeiro Lucas Páramo, recebe as terras do mesmo e angaria outras através de falcatruas mil, até possuir todo o município de Comala. Da orfandade ao pleno estabelecimento, ambas histórias giram em torno de tipos sociais representativos dos grotões latino-americanos.

Mas nem só de proximidades se sustenta a comparação. Se bem abordam o assunto regional, *Grande Sertão: Veredas* e *Pedro Páramo* se diferenciam estruturalmente em aspectos variados, chegando mesmo a se opor em alguns deles. Aqui, o primeiro fator a observar é, evidentemente, a linguagem: como se sabe, a obra de Rosa é plena em experimentos linguísticos, esbanjando neologismos e malabarismos de sintaxe em longos períodos nos quais busca mimetizar a prosódia sertaneja. Logo de início, seu narrador nos surpreende com um vocábulo inventado: “*Nonada*” (1994, p. 3). Nesse sentido, sua expressão é exuberante e flui caudalosamente como o Rio São Francisco que atravessa as Minas Gerais².

² Diria Davi Arriguicci, em seu estudo sobre o *Grande Sertão* (...): “O fato é que encontramos, na base da linguagem, o falar regional do Norte de Minas, certamente muito estilizado, de combinação com latinismos; arcaísmos tomados ao português medieval — “esse magnífico idioma já quase esquecido: o antigo português dos sábios e poetas daquela época dos escolásticos da Idade Média, tal como se falava, por exemplo, em Coimbra”; indianismos; neologismos; termos aproveitados e adaptados de múltiplos idiomas (do inglês, do alemão, do francês, do árabe etc.); vocábulos cultos e raros, bebidos nos clássicos portugueses; elementos da linguagem das ciências, e sabe-se lá de que fontes mais. Enfim, as virtualidades da língua atualizadas e manipuladas na direção de uma mescla única, difícil de definir e de entender num primeiro momento, que estranha e surpreende e vai, entretanto, se apoderando do leitor, à medida que se entrega ao fluxo rítmico da

Já a obra de Rulfo, ao contrário, fala de maneira concisa e sóbria, quase pragmática. Seu estilo é seco, como o deserto de Jalisco. Daí que, no princípio, o narrador Juan Preciado, filho do protagonista que dá nome à obra, nos diga: “*Vine a Comala porque me dijeron que acá vivía mi padre, un tal Pedro Páramo. Mi madre me lo dijo*” (1991, p. 7): um encadeamento sintático padrão, tão inimaginável na glosa rosiana quanto um “*Nonada*” na boca de Preciado³.

Assim também as vozes narrativas, enquanto personagens, ocupam posições diferentes, quase avessas. *Grande Sertão: Veredas* tem por liame a conversa entre um provincianíssimo Riobaldo e um letrado anônimo que nunca se manifesta. A palavra é toda dada ao jagunço, que se derrama. Na prática, trata-se de uma incursão da perspectiva culta, urbana, às profundezas brasileiras; pois o interlocutor do ex-pistoleiro, “*com toda leitura e suma doutoração*” (1994, p. 13) segundo o próprio, vem “*devassar a raso esse mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe*” (1994, p. 28). Seja um acadêmico ou um escritor – em ambos os casos, um alter-ego do próprio Guimarães Rosa –, joga-se com o lugar de quem lê. O alfabetizado, receptor, se vê silenciado, envolto no emaranhado do pensamento regional, este produto de um mundo que lhe é estranho⁴.

Mas se aqui temos um narrador rural, que recebe a cidade, em Pedro Páramo é testada a perspectiva contrária. De início - já sabemos -, quem conta sua história é Juan Preciado, enviado a Comala pela finada mãe Dolores com o intuito de cobrar do pai o que este “*estuvo obrigado*” (1991, p. 7) a dar-lhes e nunca lhes deu. Não se trata propriamente de um bacharel,

narrativa também misturada. É quase um idioleto próprio do escritor, chamando a atenção sobre si todo o tempo, pelo inusitado da invenção, os achados constantes, a graça verbal, a forte ênfase” (ARRIGUCCI, 1994, p. 13).

³ Comentando o romance de Rulfo em outro ensaio, Arrigucci o descreve em termos que contrastam antinomicamente com aqueles empregados em sua análise do *Grande Sertão* (...). Para o crítico, em *Pedro Páramo* há uma vasta matéria ficcional, grande mar da memória (individual, histórica, arcaica), concentrando-se em volta de um reduzido centro, seco e concreto, da fala. Sua linguagem, então, se resguarda conforme uma ética do despojamento e se faz dura, de pedra, à maneira da paisagem física e humana que parece, de algum modo, imitar (ARRIGUCCI, 1987, p. 168).

⁴ Roberto Schwarz trabalhou a questão em seu ensaio “Grande Sertão: a Fala”, chamando a forma do romance de “monólogo *inserto* em situação dialógica”. Nas palavras do crítico: “‘O Senhor ri certas risadas...’ diz Riobaldo a seu interlocutor, que usa óculos, toma notas, homem de muita instrução. E fica estabelecido o contexto de tudo o mais que o livro traz; o jagunço, em face do homem da cidade, passa em revista o seu passado, seu mundo, suas crenças. Esta revisão é a essência do livro” (SCHWARZ, 1981 [1965], p. 24).

mas, em todo caso, de alguém que desce aos recônditos. Se em *Grande Sertão: Veredas*, a voz narrativa matuta se dirige ao leitor cosmopolita, na obra de Rulfo ela vai à província conhecer a vida rústica. Daí que Riobaldo chame seu interlocutor de “*senhor*” (1994, p. 3) a todo instante, enquanto, em Pedro Páramo, é Juan Preciado quem é chamado de “*senhor*” (1991, p. 8) pelo habitante do deserto: prismas reversos, que parecem formar juntos um curioso palíndromo latino-americano.

Outra diferença: a estrutura das tramas. Riobaldo divaga já estabelecido como posseiro, enfeitado e arrependido. Ao recontar a própria vida, então, vai tecendo o fio de seu percurso da pobreza à propriedade, recordando de modo cronologicamente desconexo um sem-número de peripécias. Realinhando: tudo começa com seu apadrinhamento por Selorico, que lhe proporciona uma instrução básica no município de Curalinho. Uma vez educado, Riobaldo volta à roça onde nascera, mas logo se junta ao legalista Zé Bebêlo e sai pelo Sertão a caçar jagunços. Nisso, se torna um expert na geografia brasileira, conhecendo do sudeste de Goiás ao Sul da Bahia. Identificado aos bandidos, porém, acaba deserdando de Bebêlo e se juntando ao bando de Joca Ramiro, graças à ação do valente Diadorim, que conhecia desde a infância e com quem passará a desenvolver uma relação de afeto quase carnal (“*um máu amor oculto*” (1994, p. 107)).

Riobaldo então toma parte na primeira guerra do Sertão, travada entre os fora-da-lei Ramiro, Hermógenes e Ricardão contra o próprio Zé Bebêlo. O narrador chega a ter esse último sob a mira de sua arma em uma batalha, mas (compadecido do antigo parceiro) inventa que era preciso mantê-lo vivo para dar-lhe julgamento justo. O prisioneiro termina condenado ao exílio em Goiás, o que revolta “*os hermógenes*” (1994, p. 72) que o queriam morto e, por isso, tramam e executam o assassinato de Ramiro.

Em seguida, o narrador se incorpora ao bando de Medeiro Vaz (“*o Rei dos Gerais*” (1994, p. 84)) para vingar a morte de seu ex-líder. Inicia-se,

então, uma segunda guerra - que no encadear embaralhado da obra, é narrada como um dos primeiros episódios. O resultado desta é desfavorável à divisão de Riobaldo, que sucumbe na tentativa de atravessar o Liso do Sussuarão, perdendo Medeiro Vaz. Mas o grupo ganha novo fôlego com a volta de... Zé Bebêlo, que busca vingança contra os jagunços que lhe haviam banido.

A esta altura dos fatos, o protagonista começa a se mostrar obcecado com o boato de que a dificuldade em vencer Hermógenes se devia a um pacto do mesmo com o demônio. De fato, o sertanejo era habituê de crueldades inomináveis e costumava passar por vilarejos *“baleando, esfaqueando, estripando, furando os olhos, cortando línguas e orelhas, não economizando as crianças pequenas, atirando na inocência do gado, queimando pessoas ainda meio vivas”* (1994, p. 61). Daí sua aura luciferina.

O conflito com o endiabrado e seu bando chega, então, ao ápice, quando este e o exército de Riobaldo e Bebêlo se enfrentam no episódio da Fazenda dos Tucanos. A cena é exaustiva, narrada com uma abundância linguística e uma profusão de disparos, mortes e acontecimentos confusos; mas, a certo ponto, chega-se a uma trégua. É aí que, convicto de que só um poder sobrenatural venceria Hermógenes, Riobaldo se encaminha às Veredas Mortas, onde firma (ou pensa firmar) um pacto com o *“Coisa-Ruim”* (1994, p. 48). Doravante seu comportamento muda para comandar como líder o duelo fatídico contra seu rival pactário, no qual este é morto por Diadorim, por sua vez também abatido. Profundamente comovido pela perda do companheiro (e descobrindo que este, na verdade, era uma mulher disfarçada), o narrador termina desistindo da vida belicosa e herdando as propriedades de Selorico, se casando, aceitando o catecismo moral-espiritual de seu compadre Quelemém e abraçando a existência semi-pacata a partir da qual descreverá seu passado.

Uma história epopeica, cheia de batalhas e feitos notáveis, com ampla ação, expectativa, tensão e reviravoltas. Enfim, uma obra nada afeita

à rarefação da intriga que pauta obras várias do século XX e traduz o tédio da vida burguesa. Dito de outro modo: se, como observaria Augusto de Campos, há um tanto de James Joyce na técnica do monólogo rosiano⁵, não há comparação entre o percurso aventureiro de Riobaldo e a existência trivial de Leopold Bloom em *Ulisses* [1922]. Considerando a trama, *Grande Sertão (...)* tem mesmo mais que ver com o próprio Ulisses de Homero.

Não poderíamos, todavia, dizer algo assim de *Pedro Páramo*. Obra melancólica, começa narrada por um lacônico Juan Preciado, que não se emociona nem diante da morte de sua mãe. Quando este chega a Comala, tampouco se lhe apresentam aventuras. Na verdade, toda a cidade está deserta e o personagem consegue apenas conversar com os fantasmas da senhora Eduviges e da doida Dorotea. Todos os habitantes do local estão já mortos e não oferecem ao narrador nada mais do que a possibilidade de se conformar com sua morte iminente, enquanto delira em razão do calor.

O fim, então, finalmente chega para Preciado. Mas não tem nada de grandioso como a morte de Diadorim. Pelo contrário, o personagem se vai por causas desconhecidas e de maneira a tal ponto passiva que o leitor mal percebe o que lhe passa. Lemos: “*Tuve que sorber el mismo aire que salía de mi boca, deteniéndolo con las manos antes de que se fuera. Lo sentía ir y venir, cada vez menos; hasta que se hizo tan delgado que se filtró entre mis dedos para siempre*” (1991, p. 49).

Depois de expirar, o personagem é enterrado com Dorotea, mas seus cadáveres seguem conversando sobre as histórias de Comala, com o romance assumindo gradualmente uma perspectiva em terceira pessoa, cedendo vozes a outras figuras. Conhecemos a história do Padre Rentería, que pecara em consentir com as barbaridades de Páramo e por isso fora

⁵ Augusto de Campos abre seu ensaio “Um Lance de ‘Dês’ do *Grande Sertão*” (1959) com as seguintes palavras: “O verdadeiro romance se passa entre Joyce e a linguagem”, escreveu o crítico Harry Levin a propósito de *Finnegan’s Wake*. Cremos que se poderia aplicar a mesma observação a *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Não se quer com isso minimizar a ‘mensagem’ de tais obras. Mas acentuar que os grandes conteúdos do *Grande Sertão*, como os de Joyce, se resolvem não só através da, mas na linguagem. Esta não é mais um animal doméstico atrelado ao veículo da ‘estória’, indiferente aos seus conteúdos. Identifica-se, isomorficamente, às cargas de conteúdo que carrega, e passa a valer, ao mesmo tempo, como texto e como pretexto, em si mesma, para a invenção estética, assumindo a iniciativa dos procedimentos narrativos” (CAMPOS, 2015 [1959], p. 15).

impedido pela Igreja de ministrar os sacramentos aos hereges, cujas almas ficavam condenadas a vagas entre os vivos. Somos também apresentados ao filho de Don Pedro, Miguel, que tinha um ímpeto violento e acaba morto em um acidente de cavalo. Assim também, sabemos da história de Susana San Juan, que sai de Comala para se casar, mas é requisitada como esposa por Páramo e volta ao povoado doente, com uma febre incurável e tomada por alucinações.

Lentamente, vamos rearmando também a história do próprio senhor de Comala, que administrou suas posses com mão de ferro, mas decaiu ao ter parte de suas terras tomadas por camponeses insurretos durante a Revolução Mexicana, se rendendo ao desgosto após a morte de sua mulher. Ao fim, o protagonista é apunhalado por um de seus filhos bastardos, o devasso Abundio Martínez, que se embriagara depois de também ver falecer a sua própria amada, Refugia. O romance então acaba com o desmoronamento de Páramo, que alegoriza a decadência do lugarejo que Juan Preciado irá conhecer e cuja história vai começar a narrar.

Há, nesse âmbito da trama, pouca correspondência entre Juan Rulfo e Guimarães Rosa. O Sertão é vasto - um amplo leque de possibilidades que convida à ação. Já o deserto mexicano é rarefeito, estéril e convida à morte. Um é entusiasmado, o outro é sorumbático; um é grandiloquente, o outro é contido; um é pleno de vida, o outro é fantasmagórico. Um é Eros, o outro é Tânatos. De onde viria essa diferença?

É tentador pensá-la à luz da distinção entre memória e consciente, proposta por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920). Segundo o próprio, o consciente se caracteriza por uma particularidade: “o processo estimulador não deixa nele qualquer modificação duradoura de seus elementos, como acontece em todos os outros sistemas psíquicos, porém como que se esfumaça no fenômeno da conscientização”. Já os resquícios mnemônicos “são mais intensos e duradouros, se o processo que os

imprime jamais chega ao consciente" (apud BENJAMIN, 2012 [1969], p. 272). Walter Benjamin, em famoso texto sobre Baudelaire e Proust, traria à tona essa oposição para associar essa última "mémoire", mais proustiana, ao que chamou de experiência ("*Erfahrung*"); atribuindo a lembrança consciente a algo próximo, porém diferente e mais baudelaireano: a vivência ("*Erlebnis*"). Isto é, a memória, involuntária, pertence ao âmbito do que se experienciou e pode ser recordado de maneira epifânica e integral, como faz o narrador Combray em *À la Recherche du Temps Perdu* [1913] ao comer uma Madeleine. Já a lembrança faz parte do que se tem vivência, podendo ser evocada de maneira consciente, mas "esfumaçada" – como faria Baudelaire em relação aos episódios da Revolução e da modernidade francesas nas *Les Fleurs du Mal* [1857].

Ora bem, algo assim se aplica a *Grande Sertão: Veredas* e *Pedro Páramo*. No primeiro caso, tem-se um jagunço de facto, que passou pelas lutas dos lugares remotos do Brasil e reconstituiu sua experiência em um fôlego só, transmitindo-a ao letrado. Uma história que faz parte de sua biografia e, por isso mesmo, pode ser rememorada. Já no caso de Juan Preciado, trata-se de um filho, um produto daquela realidade de bestialidade e miséria que descreve - mas que contudo não sentiu na pele, podendo apenas lembrá-la racionalmente, através do que aprende com as outras personagens. Daí a estrutura do relato ser etérea (uma "*sobriedade fantasmal*" (2011, p. 195), diria Antonio Candido). Uma narrativa é épica e total – a reconstrução de uma existência inteira. A outra é dramática e fragmentária – uma tentativa precária de rearmar alguma coisa contável a partir de vários fiapos de histórias alheias.

Claro que essa divergência pode ser atribuída a opções estéticas voluntárias dos autores, bem como a características psicológicas individuais, de ordem pessoal e assim por diante. Entretanto, gostaríamos aqui de arriscar uma interpretação diversa, vinculada aos diferentes processos históricos vividos pelo Brasil e pelo México quando da publicação dos dois romances. Pois se ambos os países compartilharam a experiência

do subdesenvolvimento, também é fato que passaram por esta com peculiaridades no que diz respeito à organização econômica e, sobretudo, à luta de classes.

Por isso, no *Grande Sertão* (...), temos algo que, à altura de seu lançamento, permanecia pulsante – algo de que a trajetória de Riobaldo seria parte. Antagonicamente, em Rulfo, há algo que não se viveu, mas resultou em objeto perdido que o autor busca repor conscientemente. Parecem processos de formalização adequados, no primeiro caso, à luta brasileira pelo desenvolvimento e, no segundo, à institucionalização de uma Revolução Mexicana que Juan Rulfo não presenciou e que terminou no governo do Partido Revolucionário Institucional.

2. Desenvolvimentismo e Revolução

Começemos por Guimarães Rosa. Quando sua obra é publicada, em 1956, o Brasil havia acabado de passar pelo mandato democrático de Getúlio Vargas. O histórico caudilho havia iniciado, com a Revolução Militar de 1930 e com seu regime totalitário do Estado Novo de 1937 a 1945, um dos mais impressionantes processos de modernização infraestrutural de um país na história do século XX. De uma economia predominantemente agrária, o Brasil desenvolvera uma indústria de base, urbanizara freneticamente suas principais capitais e ganhara leis de proteção trabalhistas. Já eleito pelo sufrágio em 1951, Vargas encabeçaria também um plano de criação de bancos públicos (como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico [BNDE] e o Banco do Nordeste), abertura de estradas (como a Rodovia Fernão Dias, que ligava São Paulo a Belo Horizonte) e proteção das commodities locais através da criação da estatal Petrobrás. Com o slogan “o petróleo é nosso”, impulsionava-se o instinto anti-imperialista de soberania, inclusive com apoio da esquerda subordinada à Terceira Internacional, representada pelo Partido Comunista Brasileiro, outrora perseguido pelo mesmo Vargas.

Consumido por intrigas políticas que não cabe discutir aqui, o governo do presidente seria encerrado com seu fatídico suicídio, mas o arranque desenvolvimentista seguiria firme no governo seguinte, do civil Juscelino Kubitschek. Não por acaso Celso Furtado, em seu clássico *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, identificaria no período 1955-1960 o que ele chamaria de “*superação da estrutura colonial brasileira*” (2009, p. 213), dada a suplantação da sina agro-exportadora por uma política de produção industrial. Seria esse espírito de modernização, inclusive, que a construção de Brasília, nova capital do país, viria a simbolizar. Edificada no deserto do planalto central, com plano piloto do modernista Lúcia Costa e projetos de Oscar Niemeyer, a cidade encarnava a utopia de um Brasil grande e futurista, com seu território unificado e sua inserção definitiva no rol das nações autossuficientes e civilizadas⁶.

Ora bem, esse impulso grandioso tem também algo que ver com Grande Sertão: Veredas, a começar pelo seu título de vogais abertas, substantivo no aumentativo e adjetivo escolhido a propósito. Assim também, a obsessão de integrar as jurisdições estaduais a partir de um núcleo se liga ao cenário percorrido por Riobaldo, que vaga pelo âmago geográfico nacional, passando pelo Centro-Oeste e por Minas até chegar nos limites nordestinos⁷. O Sertão surge mesmo, mais do que um espaço, como um estado de espírito insinuosamente universal. Diz o narrador rosiano: “*o sertão está em toda a parte*” (1994, p. 4), “*o sertão é do tamanho do mundo*” (1994, p. 96). Para além de bioma, trata-se de uma promessa de desprovincianização, de integração ao globo⁸.

⁶ Diz Furtado: “A superação da estrutura colonial pode ser observada de dois ângulos: o do deslocamento do centro dinâmico para o setor industrial e o da mudança dos centros de decisão. O deslocamento do centro dinâmico para as indústrias firmou-se na década de 1930, conforme observamos. Contudo, o setor exportador continuou desempenhando um papel estratégico básico, pois a formação de capital estava atada à capacidade para importar. Na década de 1950 o setor industrial deu novo passo fundamental adiante, com a ampliação e diversificação das indústrias de bens de produção. Esse segundo passo viria permitir ao setor industrial, que lidera o desenvolvimento do país, apoiar-se em si próprio para crescer. Com efeito, entre 1955 e 1960 foi possível manter uma taxa média de crescimento anual da produção industrial da ordem de 10%, não obstante as importações de equipamentos industriais se mantivessem estacionárias” (2009, p. 213-214).

⁷ Nas palavras de Willi Bolle, Rosa convida o leitor a redescobrir “o centro do país que, tanto pelo seu papel histórico quanto pela originalidade étnica de seus habitantes, mas sobretudo pela qualidade da representação literária, transborda seus horizontes em direção à Amazônia e às metrópoles do Sudeste para tornar-se um retrato alegórico do Brasil” (2004, p. 48).

⁸ Diria Antonio Candido, em seu ensaio “O Homem dos Avelhos” [1957]: “A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar

Não obstante, a ideologia desenvolvimentista é vista na boca dos próprios personagens do romance. Riobaldo sentencia: “*Ah, vai vir um tempo, em que não se usa mais matar gente*” (1994, p. 24) – ou seja, em que as “*Malícias maluqueiras, e perversidades*” (1994, p. 25) serão superadas pela ilustração. Zé Bebêlo, a encarnação dessa expectativa, pretende entrar na política, pois “considerava o progresso de todos – como se mais esse todo Brasil, territórios” (1994, p. 101). Diz-se dele que gostava de “*falar muito nacional*” (1994, p. 182) e que “*deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza, estreando mil escolas*” (1994, p. 178). O que é isso senão a ideologia da Era Vargas e do governo Kubitschek tornada personagem?

Seguramente, como veremos adiante, a integridade desse progressismo precisará ser matizada pela sutil ironia do narrador, bem como por outros aspectos mais que compõem a “consciência catastrófica” de Rosa. De qualquer modo, o fato de o autor ter vivido um período de industrialização e mobilização nacional por soberania, inclusive servindo como diplomata a diferentes presidentes, lhe permite que a memória do processo seja calcada na experiência, e que a narrativa surja como um épico na voz de Riobaldo (que também se bateu contra a barbárie pessoalizada em Hermógenes em nome do avanço). Por isso a forma de *Grande Sertão: Veredas* é permeada por um tom de profecia, dirigido ao amanhã - essa época em que não se “vai mais matar gente”: suas preocupações indicam problemas a superar no futuro, denotando uma inserção no amplo debate sobre a formação do país, onde acompanha clássicos ensaios de interpretação socioeconômica⁹.

na psicologia do rústico, – tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares-comuns sem os quais a arte não sobrevive: dor, amor, morte, – para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que, na verdade, o sertão é o mundo” (1983 [1957], p. 295).

⁹ Diria Willi Bolle: “A denominação do gênero retrato do Brasil, que se aplica basicamente a ensaios de história e ciências sociais, é derivada do livro homônimo publicado em 1928 por Paulo Prado. Os retratos do Brasil escritos no século XX estendem-se desde o livro fundador *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, até os últimos estudos de Darcy Ribeiro, passando pelas obras já clássicas de Gilberto Freyre (1933), Sérgio Buarque de Holanda (1936) e Caio Prado Jr., cuja *Formação do Brasil contemporâneo* (1942) foi seguida de uma série de ‘ensaios de formação’, da autoria de Raymundo Faoro (1958), Celso Furtado (1958), Antonio Candido (1959) e, mais recentemente, Darcy

Algo bem diferente acontece em Juan Rulfo. Diegeticamente falando, o pano de fundo político de seu romance é a Revolução Mexicana, figurada nos camponeses villistas (isto é, seguidores do bandoleiro Pancho Villa) que combatem a concentração de terras por Pedro Páramo. Na vida real, tratou-se de um processo monumental, de demanda pela reforma agrária e exercício da soberania popular em níveis sem precedentes na história da América Latina – culminando, inclusive, na redação da constituição nacional de 1917, que universalizaria direitos e inspiraria o próprio desenvolvimentismo varguista.

Contudo, o processo revolucionário em si atravessa as décadas de 1910 e 1920 – ou seja, precede a escrita e publicação de Pedro Páramo nos anos 1950. Em palavras freudianas, à diferença de Guimarães Rosa, Rulfo não experienciou propriamente o fenômeno que repõe esteticamente. Sua vivência está muito mais ligada ao governo do Partido Revolucionário Institucional (PRI), que emergiu da convulsão social para comandar o México de 1929 a 2000. Quando o romance vem a público, o país meso-americano se encontra governado pelo presidente Adolfo Ruiz Cortines, o sétimo presidente do “PRI”.

É uma época, ainda, de intenso desenvolvimento, com o funcionamento a todo vapor de empresas como Altos Hornos de México (siderurgia), Industria Eléctrica de México (eletricidade), Guanos y Fertilizantes (agrícola), Cements Guadalajara (construção civil) – todas turbinadas por empréstimos do banco público Nacional Financiera (NAFINSA), criado nos anos de nacionalização do sistema bancário posteriores à sublevação política. Mas se bem estamos falando de um momento de arranque modernizador, também é verdade que o PRI foi a solução conciliatória encontrada pelas classes dominantes mexicanas para conter a instabilidade e frear as energias liberadas pelo levante popular, que aliás sofrera violenta repressão policial, incluídos aí os assassinatos à bala de seus líderes Villa e Zapata. Conforme o historiador Alan Knight, a

Ribeiro (1995), respectivamente sobre a política, a economia, a cultura literária e a etnologia do país” (BOLLE, 2004, p. 24).

legenda era de coalizão, reunindo em seu seio “os caciques locais e os *caudillos* regionais (muitos deles mas não todos de origem nova e revolucionária), o agrarismo radical (...) e os proprietários de terra conservadores, (...) o anticlericalismo revolucionário e a ação social católica (sem falar do clericalismo conservador católico), um pretorianismo agressivo e ambicioso e uma incipiente tecnocracia civil” (KNIGHT, 2015, p. 20). Como o investimento narrativo de Rulfo não está dirigido a nada disso, mas à Revolução em si, a figuração desta na Era Cortines não pode se dar senão de maneira melancólica, como uma lembrança consciente e – diria Freud – “esfumaçada”.

Tratemos, para ilustrar, da emblemática cena de Pedro Páramo na qual um grupo de camponeses armados vai ter com o dono de Comala. Nela, três figuras se opõem em uma conversa: o líder anônimo do bando, o pequeno agricultor Perseverancio e o fazendeiro. Quando este último pergunta a razão do levante, ouve do chefe camponês a seguinte resposta: “—*Pos porque otros lo han hecho también. ¿No lo sabe usted? Aguárdenos tantito a que nos lleguen instrucciones y entonces le averiguaremos la causa. Por lo pronto ya estamos aquí*” (1991, p. 80).

Trata-se da conflagração, se espalhando pelos distritos. Muito mais radicalizado, Perseverancio chega a acrescentar:

—Yo sé la causa (...). Y si quiere se la entero. Nos hemos rebelado contra el gobierno y contra ustedes porque ya estamos aburridos de soportarlos. Al gobierno por rastrero y a ustedes porque no son más que unos móndrigos bandidos y mantecosos ladrones. Y del señor gobierno ya no digo nada porque le vamos a decir a balazos lo que le queremos decir (1991, p. 80).

Esse é o ponto de fuga moral de toda obra: a única voz que se opõe aos mandos e desmandos do latifundiário onipotente que sujeitou uma comunidade inteira. Mais do que o neurastênico Juan Preciado, o prostrado Padre Rentería ou o bêbado Martínez, Perseverancio é o antagonista efetivo de Pedro Páramo: um representante legítimo do

processo revolucionário que contestou o status quo agrário nos anos 1910 e 1920.

No entanto, a fala não vai adiante, sendo contida pela liderança camponesa, muito mais cuidadosa. Quando o fazendeiro interpela o insubordinado lhe perguntando quanto dinheiro o grupo quer, ouve de seu chefe a seguinte resposta: “- *Dice bien aquí el señor, Perseverancio. No se te debía soltar la lengua. Necesitamos agenciarnos un rico pa que nos habilite, y qué mejor que el señor aquí presente*” (1991, p. 80).

A conversa termina com um acordo, em que Páramo oferece “*cien mil pesos*” a seus inimigos, além de trezentos mil homens armados para “*ayudarlos*” (1991, p. 80). Logicamente, trata-se de um plano para infiltrar jagunços entre os villistas e acabar com eles. O desfecho da negociação então suscita perguntas: seria essa uma metáfora do modus operandi do Partido Revolucionário Institucional, com seu funcionamento interno tentando equilibrar as motivações de classe mais diversas? Seria o plano draconiano de Páramo um sinal da visão negativa que o próprio Rulfo fazia dessa tentativa de pacto? Estaria o autor sugerindo que a busca de sua sociedade pela conciliação redundava no atendimento dos interesses das classes dominantes?

É possível que sim, já que a interpretação do processo social pelo escritor assinala uma complexidade que ultrapassa qualquer maniqueísmo. Não se trata de tomar um lado, contra ou a favor da Revolução Mexicana - erro em que frequentemente se incorre, seja para dar caráter didático a *Pedro Páramo* ou para lhe negar o tom político (o que, em ambos os casos, resulta absurdo). O que a obra logra é algo mais inteligente: mimetizar, nos anos 1950, aspectos da absorção da insurreição histórica da década de 1910 por esse singular amortecedor do conflito social chamado PRI.

Certamente há nas ciências humanas uma longa controvérsia sobre o caráter do governo Cortines e de outros que o sucedem. Não é necessário

retomá-la aqui, pois a própria extensão desse debate é já um indicativo do quiproquó que Rulfo anota: em seu tempo, afinal, a revolta de Zapata e Villa vivia ou morria? A despeito do desenvolvimento, seria o PRI um partido de transformação ou conservação?

O fato de que ambas as dimensões estejam presentes na consigna “Revolucionário Institucional” – adequada a uma organização que tentava balancear grupos os mais diversos – simboliza quase que caricatamente o tamanho do impasse histórico, alegorizado em Pedro Páramo no caráter intersticial que marca todas suas categorias narrativas. Não se sabe, por exemplo, se os personagens de Comala estão vivos ou mortos. Juan Preciado fala de dentro de um túmulo e parece mesmo ter sido sepultado antes da hora. O microcosmos dramático não faz senão espelhar o México que se tornara o cemitério da revolta castrada, mas que não deixava de seguir em marcha através de um acerto desenvolvimentista. Estaria a própria Revolução enterrada viva, como o narrador do romance¹⁰.

Também por isso, Rulfo não conta uma sucessão de episódios que compõem uma existência inteira, como faz Guimarães Rosa no *Grande Sertão* (...). Neste último, tem-se a recriação de um processo que permaneceria pulsando nos anos de Kubitscheck. Já em *Pedro Páramo*, tem-se a apresentação de um relato sobre uma história fragmentária, com alto grau de contradição interna – o que só poderia se expressar em uma estrutura narrativa alquebrada. Isto é: em Riobaldo, trata-se de dar anima a um estado de espírito que se traduziria em um governo futuro; em Juan

¹⁰ Diria o poeta e crítico mexicano Hugo Gutiérrez Vega: “Melhor será não voltar ao pueblo, ao éden subvertido que se cala na mutilação da metralha, dizia, em pleno conflito revolucionário, Ramón López Velarde. Essa nostalgia do ‘éden subvertido’ tem em Rulfo uma entonação trágica. As palavras recuperam, através da estética, esse passado perdido e identificam aquilo que na vida de uma coletividade tem um caráter permanente. Por essa razão a prosa de Rulfo tem a enorme virtude de fixar no tempo e no espaço a atmosfera espiritual de um país em um momento de sua história e, simultaneamente, logra, por meio de sua essência lírica, garantir a intemporalidade, a validade permanente dessas formas de expressão e dessas criaturas de ficção essencialmente subjetivas e nem por isso menos capazes de refletir os dados objetivos da realidade” (GUTIÉRREZ VEGA, 1985, p. 81-82). Tradução própria de: “Mejor será no regresar al pueblo, al edén subvertido que se calla en la mutilación de la metralha”, decía, en pleno conflicto revolucionario, Ramón López Velarde. Esta nostalgia del “edén subvertido” tiene en Rulfo una entonación trágica. Las palabras recuperan, a través de la estética, ese pasado perdido e identifican aquello que en la vida de una colectividad tiene un carácter permanente. Por esta razón la prosa de Rulfo tiene la enorme virtud de fijar en el tiempo y en el espacio la atmósfera espiritual de un país en un momento de su historia y, simultáneamente, logra, por medio de su esencia lírica, garantizar la intemporalidad, la validez permanente de esas formas de expresión y de esas criaturas de ficción eminentemente subjetivas y no por eso menos capaces de reflejar los datos objetivos de la realidad”.

Preciado, trata-se de conferir forma literária a um governo presente cujo caráter era paradoxal.

3. Figurações da Dependência

Não obstante, se buscarmos em ambos os escritores diagnósticos sobre a situação de dependência genericamente falando, veremos que tanto Rosa quanto Rulfo tomaram nota, em suas obras, de fatores da calamidade social latino-americana que marcaria os anos 1970 em diante. Nesse sentido, às suas maneiras, demonstraram bastante ceticismo em relação ao desenvolvimentismo que, de modo discrepante, lograram figurar.

Vide, a propósito, as afinidades terríveis nas formas pelas quais Riobaldo e Pedro Páramo exercem seus poderes: o primeiro distribui alqueires para seus chegados e diz de um meeiro: “é meu” (1994, p. 26). Com isso, engendra uma verdadeira reserva militar informal para se garantir, descrevendo assim o esquema: “*Deixo terra com eles, deles o que é meu é, fechamos que nem irmãos. (...) Estão aí, de armas areiadas. Inimigo vier, a gente cruza chamado, ajuntamos: é hora dum bom tiroteamento*” (1994, p. 26). A reincidência do pronome possessivo de primeira pessoa (“meu”) evidencia a confiança do fazendeiro que viveu a guerra, aprendendo a manejar a brutalidade e as relações pessoais a fim de preservar o que lhe pertence.

Mais ou menos assim também opera Pedro Páramo: a prática de trocar posses por proteção lhe é absolutamente familiar, como se vê quando oferece ao capanga Damasio uma boa estância para que este se infiltre no já mencionado grupo de camponeses que reivindicam terras e dê cabo de todos. Diz Páramo: “*te gustaría el ranchito de la Puerta de Piedra? Bueno, pues es tuyo desde ahorita*” (1991, p. 81).

O que mantém e governa a propriedade dos personagens é, portanto, a regra de ferro da oligarquia violenta, que oferta glebas e

manipula a legislação a seu bel-prazer. O advogado da narrativa de Rulfo, Gerardo Trujillo, bem tenta se mudar para outra cidade após passar anos avalizando os negócios escusos da família Páramo, mas desiste ao ver que Don Pedro não lhe oferece nenhuma ajuda financeira. Assim, se conforma e aceita seguir cuidando de seus “assuntos”. Por isso, quando ouve do fazendeiro a pergunta: “*Quien me puede discutir la propiedad de lo que tengo?*”, responde maquinalmente: “*Indudablemente nadie, Don Pedro. Nadie*” (1991, p. 84).

É ainda mais emblemático o caso de Zé Bebêlo, a encarnação legalista do *Grande Sertão* (...): interessado em estudar direito, o caçador de jagunços tem o hábito de comemorar suas vitórias contra outros bandos chacinando seus adversários, enquanto grita “*Viva a Lei!*”. Em uma cena tragicômica, um civil inocente lhe diz: “*não faz vivalei em mim não, môr-de-Deus, seu Zebebel*” (1994, p. 101). Mais tarde, descobrimos que o progressista não pretendia usar a política senão para enricar.

Personagens como estes corporificam a jurisdição *sui generis* da América Latina, sempre ajustável às conveniências, sobretudo subordinada ao poder de fogo. Não por acaso, enquanto Riobaldo sentencia que “*sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias*” (1994, p. 19), Pedro Páramo diz a um de seus homens: “*La ley de ahora en adelante la vamos a hacer nosotros*” (1991, p. 36).

A essa inusitada superestrutura legal, corresponde, por sua vez, um mundo econômico muito particular. Se bem é possível identificar nos universos de Guimarães Rosa e Rulfo algo similar a uma burguesia agrária, não é menos importante que o regime acumulativo desta movimente um amplo leque de práticas pré-modernas. Os jagunços Ricardão e Joca Ramiro, do grande sertão, vivem “passando bem em casas de grandes fazendeiros e políticos” (1994, p. 244), demonstrando a promiscuidade do Estado e, sobretudo, dos senhores rurais na hora de se apoderar dos meios de produção (no caso, a terra). Assim também, na *llanura* mexicana, o

capataz Fulgor Seldano ajuda Páramo a concentrar hectares eliminando o vizinho concorrente Toribio Alderete e quem sabe quantos mais¹¹. Isso para não falar da artilosidade de Pedro em se casar com a herdeira Dolores - mãe de Preciado - e, com o matrimônio, lhe arrebatou todos os dotes para depois abandoná-la.

O resultado é que a economia parece girar em torno da acumulação primitiva. Na história da literatura, esse processo de expropriação direta de terrenos já aparecera em romances europeus – como o célebre *Waverley* [1814] de Walter Scott, onde é figurado o holocausto dos clãs tradicionais das *highlands* escocesas. A questão é que, lá, estamos em uma revolução burguesa no século XIX. Nos romances aqui estudados, estamos em pleno século XX, não em uma situação revolucionária, mas em um *establishment* rural que faz da violência seu nexos permanente. Tampouco se trata, nos latino-americanos, de fundar uma prática agrícola concorrencial (como na Europa), mas sim de um crescente processo de monopolização.

É ainda bastante relevante, nesse sentido, que a maioria dos personagens de *Grande Sertão (...)* e *Pedro Páramo* não se enxergue enquanto classe. Riobaldo suspira: “*ah, o bom costume jagunço. Assim que é vida soprada, vivida por cima. Um jagunçando, nem vê, nem repara na pobreza dos outros (...)*” (1994, p. 93). De maneira parecida, mas em perspectiva inversa, os pobres de Comala não se consideram parte da Revolução Mexicana. Diz Abundio: “*A nosotros qué nos importa eso, madre Villa. Ni nos va ni nos viene*” (1991, p. 98). É um erro ver aqui um apolitismo dos escritores: muito pelo contrário, ambos percebem sociologicamente que suas figuras narrativas não formam estratos sociais sólidos, como se pairassem acima (ou abaixo) do proletariado e da burguesia. Como resultado, desenham um mundo em que o esfacelamento econômico e

¹¹ Alguns anos antes de publicar “Literatura e Subdesenvolvimento”, Antonio Candido discutiria esse funcionamento social no ensaio “Jagunços Mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa” (1966). Diria o crítico: “depreendemos que o nome de jagunço pode ser dado tanto ao valentão assalariado e ao camarada em armas, quanto ao próprio mandante que os utiliza para fins de transgressão consciente, ou para impor a ordem privada que faz as vezes de ordem pública” (2017, p. 107).

social produz sujeitos sem distinção clara, submetidos – para o bem ou para o mal – ao arbítrio e à pobreza.

Por isso, também, os ruralistas de Rosa e Rulfo não parecem muito interessados em otimizar sua produtividade. Formas primitivas de trabalho aparecem na fazenda do brasileiro Seô Habão, que possui escravos e transforma jagunços em servos. Pedro Páramo se dá mesmo ao luxo de parar todas as atividades de seu latifúndio só para ver morrer de fome os habitantes de Comala que celebravam a morte de sua última esposa, Susana. Não há, aqui, mais-valia relativa (conforme Marx, a ampliação da margem de lucro por aumento da produção¹²). O que há, antes, é um sistema assentado na força bruta e na exploração desumana, cujo funcionamento se rege mais pela crueldade do que pela eficácia econômica. Riobaldo, que não é nenhum escravocrata, entrega essa verdade ao perguntar: “*Para que eu quero ajuntar riqueza?*” (1994, p. 26).

Frente a essa capacidade de figuração social, os elementos pitorescos e documentais do regionalismo tradicional retrocedem. Com uma visão muito mais ampla, os escritores parecem inventariar aspectos da realidade continental que seriam mais tarde elaborados pela própria sociologia. Florestan Fernandes, por exemplo, diria nos anos 1960 que a luta de classes no capitalismo dependente, de assalariamento escasso, não era travada entre capital e trabalho, mas sim entre “*possuidores*” e “*não possuidores*” (2008, p. 40), razão pela qual não seria ela um mecanismo regulador do valor mas simplesmente um moinho sanguinário¹³.

¹² Marx assim define o conceito no volume I *d'O Capital*: “a característica mais essencial do modo de produção capitalista não é a criação de mais-valia absoluta, porém de mais-valia *relativa*. Esta resulta do acúmulo de inovações técnicas, que elevam a produtividade social do trabalho e acabam por diminuir o valor dos bens de consumo nos quais se traduz o valor da força de trabalho, exigindo menor tempo de trabalho para a reprodução desta última” (MARX, 1996, p. 41).

¹³ As particularidades das relações de trabalho rural nas economias latino-americanas dependentes seriam mais amplamente discutidas por Florestan Fernandes. Diria o sociólogo: “Dados a abundância relativa de terras mais ou menos férteis, a facilidade de usos econômicos alternativos dos recursos naturais, a pressão de populações volumosas em busca de mera subsistência através do trabalho etc., e o padrão de articulação dos dois polos internos de uma economia capitalista dependente, é natural que o subdesenvolvimento restrinja o interesse dos agentes econômicos privilegiados e das elites econômicas por formas de produção agrária puramente capitalistas” (FERNANDES, 2008, p. 179).

É precisamente esse sistema, simultaneamente moderno e arcaico, que nos romances rebaixa e tritura não só a rábula diretamente subjugada, mas também quem vive em situação de anomia. Uma das famílias conhecidas por Juan Preciado, chega ao cúmulo de andar nua. Assim também, na narrativa de Guimarães Rosa, é contada por Riobaldo a história de um homem paupérrimo que vagava sem roupas e, confundido com um macaco, acabou canibalizado pelos jagunços. A privação e a incivilidade, são temas constantes de ambas as obras, revelando a outra face do brutalismo latifundista.

Mas não se trata de um resíduo arcaico. Ao contrário, devemos mesmo nos perguntar se os problemas surgidos em Comala ou no Sertão brasileiro, visualizados nos anos 1950 e guardadas suas especificidades, não eram já questões do porvir. Não haveria, afinal, alguma correspondência entre as atuais sociedades latino-americanas e esses mundos de miséria, com poucos poderosos imbricados nas instituições públicas e no submundo da violência dirigida? O grau de universalidade desses romances não estaria, a despeito de seu temário rural e de sua percepção dos problemas que lhe eram contemporâneos, na capacidade de mimetizar certos traços da vida social atual?

Foi algo assim que Willi Bolle sugeriu em seu estudo sobre o *Grande Sertão (...)*:

Ao fundamentar seu retrato do Brasil numa encenação do sistema jagunço – instituição no limiar entre a lei e a ilegalidade, onde a transgressão é a regra e a guerra é permanente – Guimarães Rosa representa o funcionamento das estruturas de poder no país. Visionariamente, ele retrata uma sociedade que está se criminalizando em ampla escala e em que virtualmente todos são cooptados” (BOLLE, 2004, p. 138).

É desnecessário, a essa altura, dizer que o mesmo se aplica à obra de Rulfo, ou que esse retrato se ajusta perfeitamente às atuais realidades brasileira e mexicana, consideradas as devidas sutilezas. Tampouco seria preciso dizer que relações de trabalho ilegais, desigualdade fundiária,

carência generalizada e artimanhas jurídicas permanecem existindo aos montes nesses países.

Não obstante, justo esse caráter futurista engendra a estrutura. Em se tratando de sociedades com dramas hodiernos, seria também impossível compreendê-las nos termos do atraso latino-americano que pautava o regionalismo *stricto sensu*, da *Novela de la Tierra*, de certo regionalismo de 1930, entre outros. Somente uma forma modernista, capaz de traduzir o sentido desagregado desses mundos e de sondar seus efeitos profundos na alma de seus personagens, poderia dar conta do diagnóstico catastrófico que se colocava. É verdade, portanto, que tanto *Pedro Páramo* quanto *Grande Sertão: Veredas* podem ser lidos em interlocução com romances regionais das primeiras décadas do século XX, cujas temáticas conservam. Mas não por acaso a ruptura formal em relação a estes é de proporções enormes.

Note-se: enquanto a obra de Guimarães Rosa dialoga com *Os Sertões* [1902] de Euclides da Cunha, pelo assunto interiorano e pela tentativa de, através dele, interpretar o Brasil; Rulfo evoca a célebre *Novela de la Tierra* mexicana *El Águila y la Serpiente* [1928], de Martín Luis Guzmán, por sua abordagem das desproporções sociais rurais e do imaginário católico. Mas se essas obras tratavam dos problemas desde um ponto de vista externo, descrevendo em terceira pessoa acontecimentos verídicos com intenção documental – no caso de Euclides, a Guerra de Canudos; no caso de Guzmán, as insurreições populares lideradas por Villa –, *Grande Sertão: Veredas* e *Pedro Páramo* convertem a situação de subdesenvolvimento em contextura.

Em sua torrente mental, o narrador Riobaldo produz aquilo que Antonio Candido chamaria mais tarde de “*monólogo infinito*” (2011, p. 251) – um fluxo contínuo de sentimentos pessoais, narrativas várias, sustos de consciência e inquietações. Novamente, não seria errado dizer que esta forma recorda estratégias joycianas, mas devemos entendê-la como um

requisito da própria matéria periférica: Riobaldo é um personagem subjetivamente cindido entre o padrinho fazendeiro e a mãe pobre, entre a humildade provinciana e os sonhos de ascensão, entre a cordialidade e a vida bárbara, entre o cristianismo e a maldade mefistofélica, entre a rispidez jagunça e o amor por Diadorim. Enfim, entre o que entende por bem e por mal, que se lhe apresentam como a natureza dual da vida no sertão¹⁴. Reposto na forma de um narrador externo e onisciente, todo esse enorme conflito - que bebe, enquanto projeção psicológica, em aspectos inerentes à realidade brasileira - se perderia por completo. Simplesmente não é possível figurar um objeto a tal ponto tormentoso com uma perspectiva unívoca.

O mesmo se aplica a Pedro Páramo. Também o terratenente se bifurca entre a frieza sanguinolenta com que toca seus negócios e o amor honesto que sente por Susana. Além disso, o vasto mosaico humano que compõe Comala é apenas apreensível pelo fracionamento da narrativa, que dá voz ao atormentado Juan Preciado, à transtornada mulher do patriarca, ao próprio Pedro e ao Padre Rentería, além de mobilizar um narrador em terceira pessoa. O ponto de vista, ao se multiplicar em diferentes prismas, perde em descrição analítica, mas ganha em capacidade de sondagem, figurando o impacto da dependência na subjetividade de tipos diversos, formalizando também a convulsão dessa sociedade estilhaçada¹⁵.

Seria o caso, em suma, de observar que os romances ultrapassam seus próprios contextos históricos de desenvolvimento, atirando prolongamentos para a situação funesta que marcaria os anos 1970. Objetos literários que, por essas vias, permanecem contemporâneos em

¹⁴ Antonio Candido discute fartamente essa estrutura de reviravoltas e contrários que permeia o romance no ensaio "O homem dos avessos" (CANDIDO, 2017, pp.119-129).

¹⁵ Diria Davi Arrigucci, em "Juan Rulfo: Pedra e Silêncio" [1986]: "Armado com a nova técnica, que ele, por sua vez, reelabora num sentido pessoal e com grande originalidade, Rulfo transforma radicalmente a herança realista recebida da tradição no sentido de uma espécie de realismo de essência, que se distancia, pela visão interna e subjetiva, dos dados objetivos da realidade empírica, para sondar um real mais fundo, sob a face de um mundo fantasmagórico e desolado, onde eram homens desgarrados de si mesmos e dos demais" (ARRIGUCCI, 1987, p. 171).

suas “*consciências catastróficas*”¹⁶, responsáveis pelo acabamento de vanguarda cuja atualidade não é menor.

4. Referências

ARRIGUCCI, Davi. “Juan Rulfo: Pedra e Silêncio”. In: **Enigma e Comentário: Ensaaios Sobre Literatura e Experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 [1986].

ARRIGUCCI, Davi. “O Mundo Misturado: Romance e Experiência em Guimarães Rosa”. In: **Novos Estudos CEBRAP**. N° 40. São Paulo: Novembro, 1994. Disponível em: <http://novosestudos.com.br/?s=o+mundo+misturado#59154c7296baa>.

Acesso em: 18 fev. 2021.

BENJAMIN, Walter. “Alguns temas em Baudelaire”. In: **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Volume III. 8ª Edição. Tradução: José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2012 [1969].

BOLLE, Willi. **GrandeSertão.br**. São Paulo: Editora 34, 2004.

CAMPOS, Augusto de. “Um Lance de 'Dês' do Grande Sertão”. In: **Poesia Antipoesia - Antropofagia e Cia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [1959].

CANDIDO, Antonio. “Jagunços Mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”. In: **Vários Escritos**. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017 [1966].

CANDIDO, Antonio. **A Educação Pela Noite**. 6ª Edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011 [1970].

¹⁶ O termo é de Antonio Candido que, no texto “Literatura e Subdesenvolvimento” se refere a uma “consciência catastrófica do atraso” na narrativa latino-americana dos anos 1960 (2011, p. 172).

CANDIDO, Antonio. “O homem dos Aessos”. In: **Tese e Antítese**. 3ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983 [1957], pp.119-129.

FERNANDES, Florestan. **Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento**. 5ª Edição. São Paulo: Global Editora, 2008 [1968].

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. São Paulo: Contraponto, 2009 [1961].

GUTIÉRREZ VEGA, Hugo. “Las palabras, los murmullos, el silencio”. **Cuadernos Hispanoamericanos**. n. 421-423, p.75-82, jul/set. 1985. Disponível em:

<http://www.cervantesvirtual.com/downloadPdf/las-palabras-los-murmullos-e-l-silencio/> Acesso: em 30 março 2021.

KNIGHT, ALAN. “México, c. 1930-1946, 2015”. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina**. Volume IX. São Paulo: EDUSP, 2015.

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política**. Tradução: Regis Barbosa e Flávio Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

RULFO, Juan. **Pedro Páramo y El Llano en Llamas**. 2ª Edição. Buenos Aires: Talleres Gráficos, 1991.

SCHWARZ, Roberto. “Grande Sertão: a Fala”. In: **A Sereia e o Desconfiado**. São Paulo: Paz e Terra, 1981 [1965].



RACISMO EN CUBA: UN ANÁLISIS DESDE EL NÚMERO 2/2017 DE LA REVISTA *EL MAR Y LA MONTAÑA*, EN GUANTÁNAMO

*RACISMO EM CUBA: UMA ANÁLISE DO NÚMERO 2/2017 DA REVISTA EL
MAR Y LA MONTAÑA, EM GUANTÁNAMO*

*RACISM IN CUBA: AN ANALYSIS OF ISSUE 2/2017 OF THE MAGAZINE EL
MAR Y LA MONTAÑA, IN GUANTÁNAMO*

Mariurka Maturell Ruiz¹ 

Lisandro René Duvergel Smith² 

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Resumen: Analizar las narrativas de las publicaciones sobre racismos y discriminación racial en el número 2/2017 de la Revista *El Mar y la Montaña* de Guantánamo desvenda la pertinencia y actualidad de estos debates en Cuba. De igual manera, las publicaciones en la revista nos aproximan a las brechas ocultas y/o poco exploradas del tema racial en la realidad social cubana, a través de los temas: la subversión anticubana; el pensamiento y discurso afrofeminista; el debate en torno al término afrocubano/a; la presencia africana; las cuestiones raciales en la cultura Rastafari y los avances y retrocesos en la lucha antirracista. El tema racial, en Cuba, aún causa inconvenientes y provoca posicionamiento acalorados, como consecuencia de la invisibilidad que se creó, por décadas, alrededor de este. Esto se debe, entre otras razones, a un idealismo revolucionario que dio por resuelto “el problema racial”, al concebirse una política de igualdad social que desde el punto de vista clasista otorgaba los mismo derechos y deberes sin distinción de raza o género a todas las personas. Partiendo de estas cuestiones se indaga en las categorías racismo y discriminación racial, a través, del análisis de las publicaciones del número 2/2017 de la Revista *El Mar y la Montaña*. Para ello se utilizó el método Análisis de Contenidos.

Palabras clave: Publicaciones locales; Debates raciales; Racismo; Discriminación; Afrocubano/a.

Resumo: As análises das narrativas das publicações sobre racismos e discriminação racial no número 2/2017 da Revista *El Mar y la Montaña* de

¹ Doctorante del Programa de Posgraduación en Historia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: mariurkamaturell@gmail.com.

² Maestrante del Programa de Posgraduación en Historia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Guantánamo desvenda a pertinência e atualidade desses debates em Cuba. Da mesma forma as publicações aproximam as lacunas ocultas e poucas exploradas do tema racial na realidade social cubana, através dos tópicos tratados: subversão anticubana, pensamento e discurso afro-feminista, debate em torno do termo afro-cubano/a, presença africana, questões raciais na cultura Rastafari e avanços e retrocessos na luta antirracista. A temática racial em Cuba ainda causa incômodos e provoca posicionamentos acalorados, como consequência da invisibilidade que se criou, por décadas, ao redor desta temática. Isto se deve, entre outras razões, ao idealismo revolucionário, que considerou "o problema racial" resolvido, ao conceber-se uma política de igualdade social, que do ponto de vista classista outorgava os mesmos direitos e deveres sem distinção de raça ou gênero a todas as pessoas. A partir dessas questões, são interrogadas as categorias racismo e discriminação racial, desde a análise das publicações de número 2/2017 da Revista *El Mar y la Montaña*. Para conseguir isso, usamos o método Análise de Conteúdo.

Palavras chave: Publicações locais; Debates raciais; Racismo; Discriminação; Afro-cubano/a.

Abstract: Analyzing the narratives of the publications on racism and racial discrimination in issue 2/2017 of the Magazine *El Mar y la Montaña de Guantánamo* exposes the relevance and actuality of these debates in Cuba. In the same way, the publications in the magazine bring us closer to the hidden and / or little explored gaps of the racial issue in the Cuban social reality, through the topics: anti-Cuban subversion; Afro-feminist thought and discourse; the debate around the term Afro-Cuban; the African presence; racial issues in Rastafarian culture and advances and setbacks in the fight against racism. The racial issue, in Cuba, still causes inconveniences and causes heated positioning, because of the invisibility that was created, for decades, around it. This is due, among other reasons, to a revolutionary idealism that considered "the racial problem" resolved, by conceiving a policy of social equality that from the class point of view granted the same rights and duties without distinction of race or gender to all people. Starting from these questions, the categories racism and racial discrimination are investigated, through the analysis of the publications of number 2/2017 of the Magazine *El Mar y la Montaña*. For this, the Content Analysis method was used.

Keywords: Local publication; Racial debates; Racism; Discrimination; Afro-Cuban.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.174315](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.174315)

Recebido em: 30/08/2020
Aprovado em: 30/06/2021
Publicado em: 01/07/2021

1. Para una presentación oportuna

En 2017, el crítico literario nacido en Guantánamo (Cuba), Rissell Parra Fontanilles escribió el artículo: *La editorial Revista El Mar y la Montaña. Los tiempos del Génesis* para celebrar los 30 años de la *Editorial El Mar y la Montaña*, de Guantánamo. En el artículo hizo referencia a la dimensión del trabajo realizado por los/as especialistas que como él participan y han participado de la edición de la revista que lleva el mismo nombre que la editorial, *El Mar y la Montaña*. Al mismo tiempo, dejó escapar la fuerte carga simbólica que habita en cada ejemplar de la revista que circula entre los lectores desde hace tres décadas. Para Parra (2017) “*todo hecho cultural es el resultado de un largo proceso de búsqueda y sedimentación, de escalones que ascienden y descienden de rellanos y zigzags, de retrocesos y estancamientos, es un quehacer que en general representa una continuación de ideas, instituciones y costumbres en la vida de los pueblos*” (p. 27).

La revista *El Mar y la Montaña* emerge en el año 1987, junto al suplemento informativo *Debate* del *Periódico Venceremos* y a la revista *Señales*, publicaciones de amplias proyecciones artísticas que sirvieron de detonador para la visualización del quehacer cultural en el territorio. Es importante resaltar que para la década de los ochenta de cada uno de estos medios le confirió al contexto guantanamero la fisonomía de una época fructífera, mientras circulaban. En este escenario la revista responde a la demanda, de los/as autores/as, creadores/as y demás actores/actrices socioculturales, de tener un medio para divulgar sus producciones. Ante lo que significa la revista el artista plástico y diseñador George Pérez³, nos dice en la entrevista que dio para José Raúl Fraguela⁴ (2017b, p. 27): “[...] *si no es ella ¿quién nos publicaría?, ¿Quién reseñaría nuestro trabajo?*

³ Artista de la vanguardia guantanamera de reconocido prestigio nacional e internacional. Formó parte, como diseñador, del grupo que creó la revista.

⁴ Poeta, escritor para niños, crítico literario y editor de la revista *El Mar y la Montaña*.

¿Quién escribiría sobre el desarrollo de nuestra vasta y polifacética cultura? He ahí su importancia, lo que valida su existencia.”

Su existencia está marcada por varias etapas en que circuló con sistematicidad, a pesar de las dificultades financieras y la ausencia de personas especializadas que se ocuparan de su edición, diseño e impresión. Tuvo una primera época que abarcó desde febrero de 1987- 1989; la segunda entre 1991 y 1992; la tercera de 1997 hasta el 2001 y una última que comenzó desde el 2002 hasta la actualidad (MATURELL, 2016). Impresa por primera vez en el Combinado Poligráfico Juan Marinello de la ciudad de Guantánamo, de la mano de un pequeño equipo de trabajo que pretendía con un estilo simple hacer realidad la idea de *“contar con una publicación en la provincia, donde los creadores en su mayoría escritores y también artistas plásticos pudieran mostrar su obra además de servir de puente divulgativo del acontecer cultural del territorio”*, como argumenta George Pérez en la entrevista para Fraguera (2017b, p. 30).

Es a partir del año 2002, que su publicación consigue tener una periodicidad estable, con la llegada de las editoriales territoriales y la confluencia de una nueva generación de especialistas preparados para enfrentarse a las nuevas exigencias. Cabe destacar que en el año 2000, después de una reunión del Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz con directivos de Cultura y del Instituto Cubano del Libro, se decide organizar en cada provincia, las llamadas Ediciones Territoriales o Editoriales Provinciales⁵, como más se conocen, para impulsar en los municipios las experiencias que propician la preservación de los signos de identidad, la protección de los valores patrimoniales y la promoción de los talentos artísticos y literarios locales, porque *“estamos en condiciones de librar una guerra de todo el pueblo por la cultura”* (CASTRO, 1999, p. 1). En la actualidad, todas las provincias cuentan con editoriales capaces de facilitar las publicaciones de cada territorio.

⁵ En las editoriales provinciales se producen y potencian conocimientos derivados de los saberes locales y por consiguiente se presta mayor atención a la visualización de autores/as desconocidos o con escasas posibilidades de publicación y a la generación de nuevos lectores.

Ahora bien, los festejos por los 30 años de existencia de la revista fueron un espacio oportuno para mostrar nuevas facetas del acontecer cultural en el territorio y su vínculo con otras geografías culturales. En este sentido, el segundo número de la revista en el año 2017 se convierte en el canal idóneo para la confluencia de diversas narrativas sobre la problemática racial en Cuba y en Guantánamo y en la fuente principal de este artículo. Para Fraguela (2017a), en las publicaciones del número 2/2017 de la revista, objeto del estudio del artículo que aquí se presenta, se encuentran opiniones divergentes o al menos con muy diversos matices que se han generado en torno al tema racial.

De ahí que, para los autores de este artículo sea vital, como guantanameros, aportar a la socialización de los conocimientos que sobre la temática son generados en las localidades. Por ello se pretenden analizar los contenidos que subyacen en las publicaciones sobre racismos y discriminación racial en el número 2/2017 de la Revista de arte y literatura *El Mar y la Montaña* de Guantánamo, Cuba, como objetivo general. Para concretar este objetivo, se escudriña, con base en el método Análisis de Contenidos, en los artículos publicados con los temas siguientes: subversión anticubana; pensamiento y discurso afrofeminista; debate en torno al término afrocubano/a; presencia africana; cuestiones raciales en la cultura Rastafari; y avances y retrocesos en la lucha antirracista en el contexto cubano.

En este sentido, se seleccionaron las categorías de análisis y por consiguiente las subcategorías a partir de la organización de las narrativas de las publicaciones. Las mismas responden al interés de la investigación y se apoyan teóricamente en la combinación de criterios que sugieren Laurence Bardin (2004) y Jorge Ruiz Ruiz (2009). De manera que Laurence Bardin (2004) permite profundizar en el procedimiento del análisis del contenido de las publicaciones para un mejor entendimiento de los significados latentes y de la verificación de relaciones teóricas. Dentro de

este orden de idea Ruiz (2009) hace notar que *“la selección de los tópicos pertinentes, el orden de su aparición, el tiempo dedicado a cada uno de ellos, las relaciones que se establecen entre los distintos temas o su modo de aparición (espontánea o sugerida), son cuestiones muy importantes para la caracterización de los discursos”* (p. 7). De ahí que el análisis de los contenidos que subyacen en las publicaciones sobre racismo y discriminación racial en el número 2/2017 fue organizado por fases. Primera fase: Organización del material objeto de análisis; Segunda fase: Selección de las categorías, los indicadores y de las unidades de análisis; Tercera fase: Análisis de los materiales y Cuarta fase: Presentación de los resultados.

De igual modo, el estudio que aquí se presenta se apoyó en la consulta de documentos bibliográficos que son de obligatoria consulta para abordar el tema del racismo y la discriminación en Cuba. Es importante acotar que la problemática racial en Cuba ha sido motivo de discusión de intelectuales, académicos/as, investigadores/as y activistas residentes en el país, de cubanos/as, en el exterior y de extranjeros/as que se interesan por los asuntos de la realidad social cubana. Entre los/as que se destacan: Cecilia Bobes (1996); Pablo Rodríguez Ruiz e Rodrigo Espina Prieto (2006); Tomás Fernández Robaina (2014, 2017); Alejandro de la Fuente (2001); Nancy Morejón (2014); Esteban Morales Domínguez (2015; 2017a; 2017b); Roberto Zurbano (2015, 2019); entre otros/as.

Como se constató en la revisión bibliográfica y en concordancia con lo acotado por Fernández Robaina (2014) el tema racial en Cuba continúa demandando una mayor apertura y diversificación de los debates públicos, en todos los niveles de enseñanza y sobre todo en los medios de comunicación masiva, que son los que reflejan la realidad circundante. Esta afirmación cobra total sentido y pertinencia entre los argumentos del intelectual antirracista Roberto Zurbano (2015, p. 17), cuando expone que,

[...] La ausencia de un debate público que involucre diversas instancias (sociales, científicas, políticas) que expliquen, asuman críticamente y propongan soluciones al racismo, que nunca desapareció del todo, oculto entre los pliegues de un silencio disciplinario, fortaleció y propició la mutación de viejas ideas

racistas que hoy encuentran el momento adecuado para reinsertarse cómodamente en la sociedad, engendrando un nuevo racismo en una nueva sociedad.

En función de situar la aseveración de Zurbano (2015), se hace importante destacar que el racismo y la discriminación racial, en Cuba, tienen su génesis en la esclavitud del negro/a como en el resto de los territorios de las Américas. Durante muchos años las personas negras y su descendencia ocupaban la posición más baja y deprimente en las sociedades colonial y republicana. En esos contextos ser negro/a y africano/a era sinónimo de pobreza, sumisión y subordinación. Sin embargo, después de 1959 esta situación adquirió nuevos matices, que le confirieron otras condicionantes al racismo y a la discriminación, y por consiguiente connotaciones diferentes a las que tiene en otras geografías. Este fenómeno social coexistió dentro de un proyecto social y económico socialista,⁶ construido desde la idea de una única nación, con base en la igualdad para todos, para dar continuidad al pensamiento de José Martí y de Antonio Maceo sobre la unión de todos los cubanos para lograr la independencia.⁷

Una nación homogénea tanto en lo político como en lo cultural, que dio fin a la discriminación racial cuando facilitó oportunidades de trabajo para todos/as los/as cubanos/as, sin discriminación de razas o de sexo. La misma, que se adhirió a la convocatoria del líder de la Revolución, Fidel Castro, para cesar con la discriminación racial en los centros de trabajo, y que blancos y negros se pusieran todos de acuerdo para juntarse en un mismo objetivo: poner fin a la odiosa discriminación racial⁸. A pesar de ello,

⁶ Para profundizar véase: Partido Comunista de Cuba (2011; 2017).

⁷ Entre las ideas de lograr la independencia de José Martí sobre la unión de todos los cubanos, se destacan su pensamiento dirigido a evitar el "miedo a los negros", basado en el hecho de que ser cubano es más que ser blanco o que ser negro. Igualmente, Antonio Maceo defendió la idea de no pedir nada a los negros porque todos los cubanos tenemos sólidas razones para que cubanos de buena voluntad, blancos y negros, creen que la única forma de solucionar los problemas sociales negros se puede lograr con una revolución.

⁸ Con el Triunfo de la Revolución las personas en Cuba se dictaron un conjunto de medidas que garantizarían la igualdad de derechos y deberes a todos/as sin distinción de raza o género, entre ellas se destacan: la eliminación de los exclusivismos raciales existente en clubes y asociaciones, lo que vino anunciado con el proceso de nacionalización en 1961; la Ley de Reforma Urbana en 1960, protegía al usufructuario, le concedía la propiedad de la vivienda y permitía la ejecución de diversos programas de construcción de vivienda para los trabajadores; la Ley de Reforma Agraria en 1959, que hizo propietario de la tierra a campesinos y arrendatarios, beneficiando a trabajadores rurales negros y mestizos que hasta el momento eran excluidos del derecho a poseer la propiedad

las proclamas para la desaparición del racismo como portavoz de la igualdad de todos los cubanos y cubanas como se verá en este estudio, no fueron suficientes para erradicarlo. En consecuencia,

[...] en el debate público el tema estaba fuera de lugar y la sentencia fue legitimada por la ciencia a través de trabajos que informaron un problema superado. "La discriminación racial en Cuba nunca volverá" (Felipe José Cameado, 1962). "Un mal pasado, aspecto de la discriminación racial" (Juan Sanchés, 1972). En la revista Bohemia de Juan René Betancout (1973) "El ciudadano negro del futuro" y de Pedro Servait (1986) "El problema negro en Cuba y su solución definitiva". Todos estos trabajos destacaron el papel de la Revolución en la superación de las desigualdades debidas a la raza." (ALMEIDA JUNCO, 2011, p. 141)

En este sentido, el racismo⁹ se vio contestado por la estructuración de un discurso sociopolítico que proclamó la igualdad y estigmatizó todas las formas de exclusión, incluidas las raciales (ESPINA PRIETO; RODRÍGUEZ RUIZ, 2006), además de parcializar las respuestas a la pregunta: ¿Existe racismo en Cuba? Para los defensores a ultranza de la Revolución y sus conquistas, la negación del problema racial era la respuesta. Aunque reconocían su existencia, preferían silenciar el racismo, porque era solo un asunto de personas prejuiciosas, del otro/a, del espacio privado, no de la Revolución. Sin embargo, con los cambios ocurridos en la sociedad cubana tras la caída del campo socialista a finales de los 80, e iniciada la crisis a principio de los 90, el tema racial gana en visibilidad. En otras palabras, la crisis económica que colapsó al país, luego del colapso del campo socialista (1989), acentuó las desigualdades sociales y, en consecuencia, las raciales.¹⁰

de la tierra en que laboraban; el proceso de alfabetización de la población en 1961, junto a la universalidad de la enseñanza gratuita y obligatoria para todos/as; la extensión de los servicios de salud gratuitos para toda la población; etc. Dichas medidas ratificaban el carácter popular del proceso y redujo al mínimo la desigualdad social.

⁹ "O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagem ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo ao qual pertencem" (ALMEIDA, 2019, p. 32). De esta definición se interpreta que cualquier individuo puede ser discriminado por su raza, entendiéndose raza como una construcción social y política que opera a través de lo biológico y lo cultural para atribuirles a los individuos características diferenciadoras que denotan la superioridad de unos con relación a otros, apoyado, por un lado, en rasgos físicos como el color de la piel y por otro en origen, religión, hábitos, etc. Para un mayor acercamiento al análisis del término ver: ALMEIDA (2019); MOORE (2007); NARANJO OROVIO et al. (2020). De igual manera existen otras fuentes bibliográficas que muestran cómo opera el racismo, entre ellas: DAVIS (2016); MOREIRA (2019); RIBEIRO (2018), por solo citar algunas.

¹⁰ Cuba finaliza la década del 80 e inicia la del 90 bajo un modelo de economía centralizado basado en un patrón de inserción internacional dependiente y concentrado en las fuentes que provenían de la Unión Soviética. Por tanto, el derrumbe o colapso del campo socialista, en 1989, puso al país frente a una crisis económica sin precedentes en la historia de la Revolución, dando paso al llamado "Periodo Especial". "El colapso socialista, precedido en Cuba por la recesión que causó el giro anti mercado del Proceso de Rectificación (1986-1990), así

No obstante, aun cuando en otras latitudes (como en Brasil o en EE. UU., por ejemplo) el racismo es estructural, o sea, está presente en la organización económica y política de la sociedad (ALMEIDA, 2019), en Cuba se manifiesta a través de las instituciones. Según Rolando Rensoli (2015),

[...] El empoderamiento en cargos de dirección de una persona con prejuicios raciales, puestos decisores, sistema judicial, plazas de atención a clientes o usuarios o en el proceso docente- educativo, puede provocar exclusiones y discriminaciones. De hecho, se ha constatado su ocurrencia. Incluso aunque en la filosofía de una entidad pública no esté prevista la discriminación esa posibilidad se concreta al ejercer el poder de una persona prejuiciosa y de ahí que puede el racismo tornarse con ropas institucional aun cuando el proceso revolucionario sea diametralmente opuesto a toda discriminación en sus principios. (p. 16)

Dentro de este marco, a toda la problemática racial se le une la persistencia de los prejuicios, anclados en la subjetividad de las personas. De manera que con todo lo expuesto hasta aquí, concordamos con el profesor y abogado brasileño Silvio Almeida (2019), cuando esclarece que el racismo se articula con la segregación racial, es decir, con la división espacial de las razas en localidades específicas (barrios, guetos, periferias, etc.), al mismo tiempo que se concibe desde su relación con la subjetividad, el Estado y la economía. Dicho de otro modo, en la medida que conocemos de la existencia y materialización de actos constantes y sistemáticos de discriminación racial, confirmamos que aquella ideología de supremacía racial colonial vestida de racismo sigue en presente continuo, porque ha subsistido a través del tiempo, anclado en prácticas sociales concretas.

En este sentido, las personas negras, en Cuba, ocupan en determinados sectores de la sociedad posiciones de desigualdad que las colocan en desventaja con relación a otros grupos. Por ejemplo, en el sector

como la incapacidad del modelo cubano para generar crecimiento económico sostenible, expandir y diversificar las exportaciones y lograr una sustitución de importaciones, provocaron una severa crisis que tocó fondo en 1993. Debido a eso y a pesar de los esfuerzos del gobierno, virtualmente todos los indicadores sociales se deterioraron" (MESA-LAGO, 2005, p. 184) y como consecuencia se incrementaron las desigualdades y el resurgimiento del problema de la pobreza. Cf. Artículo *Problemas sociales y económicos en Cuba durante la crisis y la recuperación* de Carmelo Mesa-Lago

emergente de la economía, como el sector turístico¹¹, a decir de Rodrigo Espina Pietro y Pablo Rodríguez Ruiz (2006), la proporción de personas negras y mestizas entre los dirigentes es baja. Según estos investigadores, existe una desproporción de profesionales y técnicos negros y mestizos que no está sujeta a la calificación de estos, sino a la adición de premisas o elementos de juicio, que se añaden de la existencia de barreras u obstáculos para la población negra ante determinadas condiciones sociales que han permitido su configuración

2. análisis de las publicaciones del número 2/2017 de la revista El mar y la montaña

En Cuba los asuntos que contornan la problemática racial, en las localidades que están geográficamente distante de la capital del país, han alcanzado notoriedad dentro de las políticas editoriales a nivel nacional, en correspondencia con las exigencias de las transformaciones de la sociedad cubana contemporánea. De esta forma lo *“local se sintoniza con las luchas identitarias y los movimientos sociales que se legitiman en su condición local y simultáneamente en su ubicación global”* (ZURBANO, 2015, p. 36).¹² En este contexto los temas más apremiantes de la realidad social son expuestos por los intelectuales e investigadores locales, como en el caso de Guantánamo, a través de sus vínculos con los referentes nacionales e internacionales. La influencia de sus voces de intelectuales e investigadores guantanameros en los lectores de la localidad los acerca a los vórtices de las polémicas y las complejidades de las publicaciones de la revista El Mar y la Montaña, tal y como se ilustra en esta investigación.

Dentro de este universo particular la revista *El Mar y la Montaña* tiene la pretensión de que en sus páginas *“los lectores hallen motivación*

¹¹ Este sector es uno de los sectores que más aporta al Producto Interno Bruto (PIB) del país.

¹² Se hace necesario acotar que la Comisión Aponte de la UNEAC en Guantánamo; la Cátedra Nelson Mandela de la Región Oriente; la Cátedra de Estudios Afrocaribeños (CEA) de la Universidad de Guantánamo, Cofradía de la Negritud, por la Unión Legal de Juristas, la Red Barrial de Afrocubanas, por el comité de ciudadanos por la Integración Racial, entre otras instituciones y proyectos realizan acciones que refuerzan la lucha antirracista.

para reflexionar, convertir o disentir con lo que sus autores expresan; para pensar en definitiva cómo hacer mejor, desde el reforzamiento y defensa de lo más verdadero de nuestra cultura la sociedad en que vivimos". (FRAGUELA, 2017b, p. 2). Desde estas pretensiones el número 2 del 2017 revela el tratamiento de los asuntos raciales presentados en los artículos: *El tema racial y la subversión anticubana: una actualización*, por Esteban Morales Domínguez; *Afrofeminismo: pensamiento y discurso afrofeminista cubano*, por Daisy Rubiera Castillo; *Apuntes para una cartografía en torno al debate del término afrocubano/a*, por Alberto Abreu Arcia; *478 años de presencia africana en Guantánamo*, por Ismael Alonso Coma; *Cuestiones raciales en la cultura rastafari. Entrevista a King Mayún*, por Ana Iris Aranda; *¿Avanzamos o retrocedemos en la lucha contra el racismo hoy en Cuba?*, por Tomás Fernández Robaina.

El abordaje de estos tópicos no es casual. La revista se edita en Guantánamo, provincia donde existe un índice significativo de personas negras. Según los datos del censo de 2012 (ONEI, 2012)¹³, la provincia es la tercera del país con la mayor población negra, con un 12,8%, después de Santiago de Cuba, con un 14,2% y La Habana, con 15,2%. Es importante significar que en el 2012 la población era de 515.428 personas y para el 2019¹⁴ de 505.854, lo que indica una disminución que puede estar sustentada, según se recoge en el censo de 2012, en los procesos de movilidad y mortalidad que hasta la fecha han ocurrido y que a nuestro juicio no altera, de manera significativa, el índice de personas negras que habitan en la localidad, aun cuando exista un relativo éxodo motivado por la pretensión de mejorar la calidad de vida.¹⁵

¹³ En Cuba se han realizado de 1959 hasta la fecha tres Censos en 1981, 2000 y 2012. En la actualidad aún se procesan los datos de un cuarto censo realizado en 2018 que debe ser publicado por la Oficina Nacional de Estadística e Información (ONEI) de la República de Cuba. Se debe especificar también que la información sobre color de la piel que se utiliza está registrada sobre el criterio de autodeclaración. Según se expone en el informe del Censo (2012), "la recogida de información es por declaración, atendiendo únicamente a las características y significaciones que comúnmente entiende la población. Se trata del color de la piel declarado por la persona entrevistada" (ONEI, 2012, p. 57).

¹⁴ Datos extraídos del documento: Indicadores seleccionados sobre variables demográficas cierre de 2019 (CENTRO DE INFORMAÇÕES, 2019).

¹⁵ Cf. Documento *Indicadores seleccionados sobre variables demográficas cierre de 2019* del CENTRO DE INFORMAÇÕES, Gobierno Provincial del Poder Popular Guantánamo.

En principio, estos datos estadísticos sugieren una distorsión de la información por considerar que el criterio *autodeclaración* incide en su falseamiento, como consecuencia del alto nivel de subjetividad involucrado. En este punto, el *color de la piel* es un indicador para tener en cuenta cuando se mira hacia los sistemas de opresión que impactan sobre los sujetos. Desconsiderar estos sistemas de opresión sería negar la historia que viven las personas negras, que aún sufren los efectos del racismo. Lo que nos lleva a afirmar que “*los problemas relativos al blanqueamiento continúan presentes dentro de nuestra realidad social. De lo contrario, cómo explicar que tantas personas que no son blancas, se resistan a asumirse como tales.*” (MORALES DOMÍNGUEZ, 2015, p. 322). No obstante, con las argumentaciones expuestas aquí no se pasa desapercibido el derecho que tienen las personas negras de autoidentificarse¹⁶ como un acto de resistencia ante el silenciamiento, la invisibilidad y la opresión vivida. En este caso se hace notar cómo el racismo, también, afecta la subjetividad de las personas.

En suma, los datos censales son útiles para pensar en la cantidad de personas negras que son representadas a través de los números, lo que continúa siendo un referente para el estudio y un importante punto de partida para el análisis. Así pues,

[...] el color de la piel es una variable histórica de diferenciación social entre los cubanos, los puntos de partida de los negros, blancos y mestizos para ser uso de las oportunidades que la Revolución ponía frente a ellos no eran los mismos. Se olvidó que el negro, además de ser pobre, es negro, lo que representa una desventaja adicional, aun dentro de la sociedad cubana actual. (MORALES DOMÍNGUEZ, 2017b, p. 122)

Justamente es el *color de la piel*, el marcador social, que enuncia el tema que será tratado del número 2/2017 de la revista. Desde la portada, a través del rostro que se presenta (FIGURA 1), se consigue pensar en los efectos que la problemática racial tiene en las personas negras.

¹⁶ Cf. Serie de seminarios y conferencias. *Censos 2010 y la inclusión del enfoque étnico: hacia una construcción participativa con pueblos indígenas y afrodescendientes de América Latina* de la CEPAL. (POPOLO, 2009)

Figura 1- Potada de la revista



Fuente: (EL MAR Y LA MONTAÑA, 2017)

Su mirada nos conduce a uno de los trechos del texto *Piel Negra, Máscaras Blancas* de Franz Fanon (1973, p 90):

¡Cochino negro!" o simplemente, "¡ Mira, ¡un negro!" Yo llegaba al mundo ansioso de encontrar un sentido a las cosas, mi alma henchida del deseo de estar en el origen del mundo, y hete aquí que yo me descubría objeto en medio de otros objetos. Encerrado en esta objetividad aplastante, imploré otro. Su mirada liberadora, resbalando sobre mi cuerpo repentinamente sin asperezas, me devolvió una ligereza que yo creía perdida y, ausentándome del mundo, me restituyó al mundo [...]

Son esos sentimientos que se agolpan en nuestros pensamientos cuando se escudriña a través de este rostro que nos interpele con una mirada penetrante, perdida, confusa y enajenada que descubre su negritud ante un acto prejuicioso, discriminatorio y racista en un país donde el Gobierno revolucionario promulgó los mismos derechos y deberes para todas las personas sin distinción de raza o género. Así somos objetos descubiertos en medio de otros objetos, como refiere Fanon (1973). En la imagen, la persona es colocada frente al otro que la construye negro/a, se liberta, se yergue, se descubre: ¡Negra!; Soy ¡Negra! Soy y qué. Pero sobre todo se presenta innegable para pensar su situación racial en la

realidad social donde coexiste. La imagen interroga vivencias y se cuestiona al mismo tiempo que lapida en la memoria, que no importa el tiempo y/o el espacio en que cohabitamos, las personas de piel negra se deparan con la discriminación y los prejuicios como formas elementales asociadas al racismo.

En este sentido, el análisis de las narrativas de las publicaciones del número 2/2017 de la revista se inicia desde la precepción de la imagen del negro que se repite, desde la portada hasta en la presentación visual de algunos artículos, para reforzar el ritmo de las narrativas para llamar la atención hacia el protagonismo de las personas negras, por ejemplo, como en el primer y quinto artículo (FIGURAS 2 y 6). Transitando de un tópico general a uno más específico e individual dentro de las cuestiones raciales, en los otros artículos el peso visual está en las palabras y los símbolos (FIGURAS 3, 4, 5 y 7).

Figura 2 - Página de presentación. Artículo 1



Fuente: (EL MAR Y LA MONTAÑA, 2017, p. 3)

Figura 3 - Página de presentación. Artículo 2



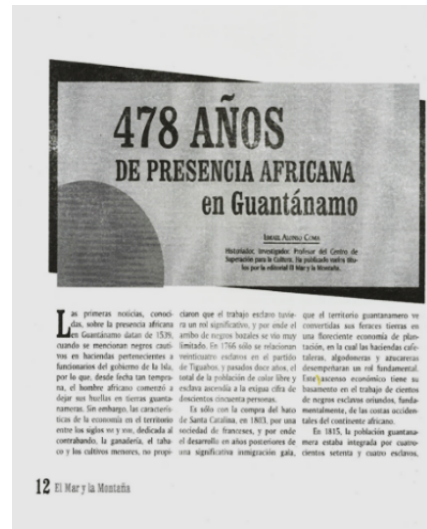
Fuente: (EL MAR Y LA MONTAÑA, 2017, p. 7)

Figura 4 - Página de presentación. Artículo 3



Fuente: (EL MAR Y LA MONTAÑA, 2017, p. 10)

Figura 5 - Página de presentación. Artículo 4



Fuente: (EL MAR Y LA MONTAÑA, 2017, p. 12)

Figura 6 - Página de presentación. Artículo 5



Fuente: (EL MAR Y LA MONTAÑA, 2017, p. 14)

Figura 7 - Página de presentación. Artículo 6



Fuente: (EL MAR Y LA MONTAÑA, 2017, p. 17)

Luego de ser presentado, el número 2/2017 de la revista y los artículos desde la percepción visual de la imagen que proponen pasamos a analizar los contenidos que subyacen en las publicaciones. Se parte de reconocer que los objetivos general y específicos son de naturaleza descriptiva y responden al análisis del contenido que se divide para su mejor comprensión por fases. Primera fase: Organización del material objeto de

análisis; Segunda fase: Selección de las categorías, los indicadores o subcategorías y de las unidades de análisis; Tercera fase: Análisis de los materiales; y Cuarta fase: Presentación de los resultados.

Por otro lado, el objetivo general será: identificar los aspectos que particularizan el tema racial en Cuba entre los contenidos que subyacen en las publicaciones sobre racismos y discriminación racial en el número 2/2017 de la Revista de arte y literatura El Mar y la Montaña de Guantánamo; y los específicos: delimitar los subtemas tratados por los/as autores/as en los artículos presentados en el número 2/2017 de la revista; identificar los principales aspectos y argumentos presentados por los/as autores/as sobre el racismo y la discriminación racial; determinar los vínculos del tema del racismo con otros que son abordados en la temática racial.

Ahora bien, con la pretensión de concretar los objetivos específicos y por consiguiente objetivo general se enuncia la correspondencia de estos con las fases. La primera fase está destinada a delimitar los subtemas tratados por los/as autores/as en los artículos presentados en el número 2/2017 de la revista; la segunda y tercera fase para identificar los principales aspectos y argumentos presentados por los/as autores/as sobre el racismo y la discriminación racial y para determinar los vínculos del tema del racismo con otros que son abordados en la temática racial; la cuarta fase será, entonces, el espacio para la concreción del objetivo general del análisis.

2.1. Primera fase: Organización del material objeto de análisis

Para una mejor organización de las publicaciones se le otorgo códigos que permite hacer referencia a ellos sin necesidad de colocar el nombre del autor o de la autora y/o el título del artículo, de esta manera (TABLA 1):

Tabla 1- Códigos de organización

No.	Autor/a	Título	Código
1	Esteban Morales Domínguez	El tema racial y la subversión anticubana: una actualización	A1
2	Daisy Rubiera C.	Afrofeminismo: pensamiento y discurso afrofeminista cubano	A2
3	Alberto Abreu M.	Apuntes para una cartografía en torno al debate del término afrocubano/a	A3
4	Ismael Alonso C.	478 años de presencia africana en Guantánamo	A4
5	Ana Iris Aranda	Cuestiones raciales en la cultura rastafari. Entrevista a King Mayún	A5
6	Tomás Fernández R.	¿Avanzamos o retrocedemos en la lucha contra el racismo hoy en Cuba?	A6

Fuente: elaboración propia

Debe apuntarse que en el número 2/2017 de la revista además de los siete artículos publicados sobre racismo y discriminación racial se dedicó un espacio a otras materias, entre las que se destacan: *A 30 años de nacimiento de la UNEAC en Guantánamo; La editorial El Mar y la Montaña. Los tiempos del génesis; Sello y prestancia. George Pérez y los 30 años de la revista El Mar y la Montaña; Desde la diáspora. Un encuentro con sus raíces; Una emisora cubana a pocos metros de la base naval yanqui; El eco cercano de una jornada. Concurso Regino Boti en su XXXIX edición; Acercamiento a Médula; Premios de la crítica literaria UNEAC 2017; Suerte de Luz y Un brujo de corazón quevediano*, los que no son analizados aquí, pero merecen igualmente de reconocimiento.

El conocimiento de la totalidad de artículos publicados en el número 2/2017 de la revista permite hacer de manera visible la selección de la muestra. De un total de 16 artículos, que representa el 100 % de las publicaciones se seleccionaron los 6 que abordan el tema racial, para un 37, 5 %. De manera que solo se estará utilizando el 37, 5 % de toda la publicación de la revista. Igualmente, se percibe con la lectura de los artículos que pueden agruparse en 4 ejes fundamentales: política e historia social (A1 y A6); género y afrofeminismo (A2 y A3); identidad racial (A5) e historia africana (A4).

Los autores escogidos para publicar sus investigaciones son negros/as y mestizos/as, de ellos 2 son mujeres lo que representa el 33,3 %. Lo que muestra que aún debe pensarse de manera más intencionada la presencia de las mujeres negras, en grados de igual proporción, en los espacios que ocupan, tanto entre los hombres negros y blancos. Igualmente, de los artículos publicados 4 ya habían sido objeto de publicación en otros medios como: A1; A2; A3; A6 .

2.2. Segunda fase: Selección de las categorías, los indicadores o subcategorías y de las unidades de análisis

Para conseguir identificar los principales puntos y argumentos presentados por los/as autores/as sobre el racismo y la discriminación racial y determinar los vínculos del tema del racismo con otros que son abordados en la temática racial se establecieron las siguientes categorías, subcategorías y unidades de análisis (TABLA 2).

Tabla 2- Categorías, subcategorías y unidades de análisis

Categorías	Subcategorías	Unidades de análisis
Estructura narrativa	Principales temas Disposición de los subtemas	Tratamiento del tema del racismo y la discriminación racial
Producción de contenido	Principales aspectos tratados Argumentos presentados	Vinculación con otros temas

Fuente: elaboración propia

2.3. Tercera fase: Análisis de los materiales

En esta fase se presentan e interpretan los datos extraídos de con la aplicación de la metodología de análisis (TABLA 3 y 4).

Tabla 3- Análisis de la Estructura narrativa

Artículos (códigos de org.)	Categoría: Estructura narrativa		Unidades de análisis
	Principales temas	Disposición de los principales subtemas	Tratamiento del tema del racismo y la discriminación racial
A1	La subversión anticubana. El conflicto entre Cuba y EE. UU.	1. La subversión anticubana 2. El tema racial como parte de la estrategia política subversiva de EE. UU. contra Cuba	Reconocimiento de que la lucha contra el racismo y la discriminación racial que se esgrime desde la subversión anticubana no tiene nada que ver con la verdadera lucha anti racial en el contexto de la nación cubana. La batalla de las personas negras y mestizas en Cuba para continuar compartiendo el poder con las personas blancas en igualdad de condiciones.
A2	Afrofeminismo y al pensamiento y discurso feminista	1. Estudios sobre la historia de las mujeres negras en Cuba 2. Pensamiento y discurso feminista	A partir del debate sobre racismo para poner de manifiesto la necesidad de adoptar nuevas formas de convivencia frente al mismo y a la discriminación racial.
A3	Debate sobre el término afrocubano/a	1. Encrucijadas del término afrocubano/a en los espacios culturales, intelectuales y académicos 2. Polémica y contradicción en el uso del término afrocubano/a	Reconocimiento de instituciones, proyectos socioculturales e intelectuales que realizan acciones para combatir el racismo y la discriminación racial.
A4	Presencia africana en Guantánamo	1. Los africanos en Guantánamo 2. Estudio demográfico sobre la población africana	La necesidad de investigar las raíces africanas para entender la formación de la cultura y reconocer los aportes para la identidad nacional.
A5	Cuestiones raciales en la cultura rastafari en Baracoa. Entrevista a King Mayún	1. Racismo y discriminación racial 2. Prejuicios sobre la cultura rastafari	Exposición de experiencias negativas y acciones institucionales a través de las cuales se vivencia el racismo recreativo e institucional, la discriminación y los prejuicios raciales. Además de la discriminación y la censura de la música reggae y otros géneros alternativos.
A6	Avances y retrocesos en la lucha contra el racismo	1. Acercamiento a la cuestión racial 2. La lucha contra el racismo en la sociedad cubana	Observancia del número creciente de activistas comunitarios que batallan en contra de todas las discriminaciones heredadas de los códigos sexuales, machistas, homofóbicos, religiosos, etc.

Fuente: elaboración propia

Tabla 4- Análisis de la Producción del contenido

Artículos (códigos de org.)	Categoría: Producción de contenido		Unidades de análisis
	Principales aspectos tratados	Argumentos presentados	Vinculación con otros temas
A1	Comprensión del fenómeno	Hace referencia a los documentos de la transición que se han propuesto ofrecer la peor imagen de Cuba a través de la política norteamericana, usados como instrumento por ciertos grupos, supuestamente académicos que siguen a la administración de EE. UU. en la actual política contra Cuba.	La política exterior Historia política Relaciones de Cuba con EE. UU. Gobernabilidad
	Estrategia política subversiva de EE. UU. contra Cuba	Discute como la política de la administración norteamericana contra Cuba trata de situar a los negros y mestizos de Cuba como víctimas del Estado, Gobierno y Partido Comunista de Cuba. Explica cómo la política social desplegada por la	
	Atención al tema racial	Revolución reconoció a todos, los derechos a la educación salud, seguridad social y acceso al empleo, lo cual beneficio a ciudadanos pobres, negros y mestizos por igual como la gran mayoría de ellos.	
A2	Estudios sobre la historia de las mujeres negras en Cuba	Expresa que los estudios sobre la historia de las mujeres negras son escasos, al mismo tiempo que argumenta que la historia del movimiento feminista en Cuba que más se conoce está protagonizada por las mujeres blancas.	Afrofeminismo Género y diversidad racial Desigualdad social
	Movimiento, pensamiento y discurso feminista	Relaciona nombres de las precursoras del pensamiento femenino negro cubano. Abre un espacio para exponer el por qué cuando hablamos de feminismo o feminismo negro, tenemos que referirnos al surgimiento de este como movimiento en otras latitudes, al mismo tiempo que relaciona los aportes del pensamiento feminista para comprender las interpretaciones de la realidad de las mujeres negras hechas por mujeres negras.	
	Beneficios de los diferentes proyectos y acciones del Gobierno revolucionario para todas las mujeres	Muestra como luego del triunfo de la Revolución independientemente de todos los beneficios de los diferentes proyectos y acciones que puso el gobierno revolucionario, apremiaba una nueva forma de conciencia intelectual que rompiera el silencio que sobre las mujeres negras que se había mantenido históricamente en la historiografía cubana.	
A3	Análisis del término afrocubano/a	Análisis de las discusiones sobre el término en el campo cultural cubano presupone que la historia, la evolución e itinerarios que describe este término en su tránsito por el campo intelectual cubano del siglo XX y XXI, examina aquellos momentos en que el término ha servido como mecanismo explicativo de los procesos históricos-culturales.	Afrofeminismo Género y diversidad racial Desigualdad social Diáspora afrocubana

	Encrucijadas del término afrocubano/a en los espacios culturales, intelectuales y académicos.	Término afrocubano colocado como un lugar común en diferentes intervenciones de intelectuales en la Isla. Al mismo tiempo que declara que los intentos por descalificar el término provienen casi siempre del ámbito académico institucional. Detractores que trascienden la dimensión terminológica, y vehiculan un grupo de cuestiones relativas a la preservación de la identidad nacional, la historia de la nación y la unidad de la Revolución Cubana.	
	Polémica y contradicción en el uso del término afrocubano/a	El término afrocubano/a se presenta como peyorativo que erosiona la identidad nacional, dicho rótulo se coloca como el lugar teórico que describe y donde se dilucidan un grupo de fricciones entre las viejas y las nuevas epistemologías raciales.	
A4	Llegada de los africanos.	Presencia africana en Guantánamo datan de 1539 cuando se mencionan negros cautivos en haciendas pertenecientes a funcionarios del Gobierno de la isla.	Identidad Nacional Diáspora africana
	Estudio demográfico sobre la población africana.	Estudio demográfico que transita desde 1539 hasta 1879 para referenciar el número en creciente de africanos y sus descendientes en Guantánamo y los compara con la cantidad de blanco.	
	Ocupaciones laborales.	Estudio padrón de los habitantes del pueblo en los que se revelan las ocupaciones laborales de muchas de estas personas: tabaqueros, sastres, alfarero, herrero, labrador, músico, lavandera, etcétera. Trabajos poco calificados en su mayoría y de bajo nivel adquisitivo.	
	Procedencia de los africanos esclavizados	Los africanos provenían de las costas de Angola, Nigeria y Congo.	
A5	Racismo y discriminación racial	Experiencias negativas con respecto a la discriminación racial, sobre todo con algunos funcionarios del gobierno y de las instituciones culturales que aún discriminan y censuran la música reggae y otros géneros alternativos.	Identidad racial Ciudadanía Desigualdad social
	Prejuicios sobre la cultura rastafari	Prejuicios sobre esta cultura están en el imaginario de las personas que solo miran el exterior de los seres humanos y hacen falsas propaganda y juicios apresurados sobre Rasta. La cultura rasta se ha transformado en una moda, las vestimentas, los <i>dreadlocks</i> son usados para hacer un elemento de atracción frente a la avalancha de turistas que cada año llegan al Caribe. El hecho de ser negro ya es mal mirado qué decir de los que visten e imitan para atraer turistas.	

A6	Acercamiento a la cuestión racial	Aspectos que ilustran los momentos que marcan la problemática racial en la sociedad cubana, y del reconocimiento de que falta mucho para combatir el racismo y sus históricas proyecciones, discriminatorias y prejuiciosas, en contra de la población de origen africano desde la colonia hasta hoy.	Política interna Políticas públicas
	Ejemplos sobre la lucha contra el racismo en la sociedad cubana	Acciones generadas por la Cofradía de la Negritud, por la Unión Legal de Juristas, la Red Barrial de Afrocubanas, por el comité de ciudadanos por la Integración Racial entre otras expresiones fehacientes de que hay un movimiento antirracista, antidiscriminación encabezada por líderes y lideresas, activistas comunitarios o académicos.	

Fuente: elaboración propia

2.1. Cuarta fase: Presentación de los resultados

Estos estudios raciales vienen a enriquecer la historiografía cubana escrita sobre la temática, a través de investigaciones que descubren variados aspectos que han constituido brechas ocultas y/o poco exploradas, presentadas por mucho tiempo desde una perspectiva institucional parcializada y desde el poder. Estos, también, revelan la existencia de una gran pluralidad teórica, y de una diferenciación de enfoques que se apoyan en las herramientas teóricas y metodológicas provenientes de la Historia Social, la Sociología y los Estudios Culturales, fundamentalmente.

El tratamiento del tema del racismo y la discriminación racial pasa por el prisma del reconocimiento de que la lucha que se esgrime contra el racismo y la discriminación racial desde la subversión anticubana no tiene nada que ver con la verdadera lucha anti racial en el contexto de la nación cubana; la batalla de las personas negras y mestizas en Cuba es de continuar compartiendo el poder en igualdad de condiciones; la necesidad de adoptar nuevas formas de convivencia frente al racismo y a la discriminación racial que se vivencia; además de la urgencia de que incremente el activismos comunitario, las instituciones, proyectos socioculturales e intelectuales que realizan acciones para combatir el racismo y la discriminación racial, junto con exposición de experiencias

negativas y acciones institucionales a través de las cuales se vivencia el racismo recreativo e institucional, la discriminación y los prejuicios raciales.

Los subtemas presentados están dispuestos según el orden de aparición de los argumentos presentados. De manera que se observa una amplia variedad de aspectos raciales que son transversalizados por el legado africano (africanidad); la transculturación (mestizaje y cubanidad); las relaciones de poder en los niveles económicos, sociales y oficiales; la desigualdad social; la reproducción de estereotipos y prejuicios raciales; la situación de desigualdad y diferenciación social que vive la población negra. Simultáneamente se vincula a temas como: Política exterior; Historia política; Relaciones de Cuba con EE. UU.; Afrofeminismo; Género y diversidad racial; Desigualdad social; Género y diversidad racial; Diáspora afrocubana; Identidad Nacional; Diáspora africana; Identidad racial; Ciudadanía; Política interna y Políticas públicas.

En algunas de las narrativas discursivas, sobre todo en aquellas escritas por hombres, se revela la existencia de un marcado uso del término negro para hacer alusión a las personas negras, lo que desconsidera la presencia de las mujeres negras en dichos discursos y limita la posibilidad de percibir un enfoque de género. De igual modo se reconoce la existencia de un discurso racial que se materializa en lo oficial, social y académico, como niveles discursivos que dotan de corporeidad a la problemática racial en la sociedad cubana.¹⁷ Lo que confirma que en este proceso la negritud y la conciencia de lo negro se construyó entre dos vertientes, por un lado, la representación de la negritud que resurge del discurso oficial de la homogeneidad que deviene del proyecto político y por otro, entre lo social y lo académico donde la conciencia de lo negro lleva a la comprensión de la afirmación de la negritud de cara a su otredad “lo blanco” en una lógica de dominación (ABREU, 2012). Dicho en otras palabras, en las publicaciones

¹⁷ En este sentido el análisis de la negritud y la conciencia de lo negro se construye entre dos vertientes, por un lado, la representación de la negritud que resurge del discurso oficial de la homogeneidad que deviene del proyecto político y por otro, entre lo social y lo académico donde la conciencia de lo negro lleva a la comprensión de la afirmación de la negritud de cara a su otredad “lo blanco” en una lógica de dominación (ABREU, 2012).

se vislumbran las dimensiones multifacéticas de la raza en la cultura y vida diaria cubanas, que hacen resaltar la importancia de esta discusión.

3. Ideas (in)conclusas

A partir de la consulta de los referentes bibliográficos que constituyen antecedentes para el estudio que se realizó, y tomando en consideración los resultados del análisis de los contenidos de las publicaciones sobre el tema racial de la revista *El Mar y la Montaña* aquí presentadas, se levantaron algunas cuestiones, que son concebidas como un ruterio para próximas indagaciones:

- Desde las Editoriales Provinciales se contribuye con publicaciones donde los lectores encuentran voces polémicas y diversas que dialogan sobre las cuestiones que matizan el tema racial en Cuba.
- La problemática racial en la sociedad cubana contemporánea forma parte de los debates públicos y se refleja también en los discursos (académicos, sociales y oficiales). Sin embargo, las voces que indagan en las brechas del tema racial y deconstruyen concepciones sobre la raza, demandan la urgencia de mayor apertura en los espacios de discusiones a nivel nacional y local.
- Muchos estudiosos/as, creadores/as, actores sociales, etc. desempeñan papeles decisivos como protagonistas de la realidad social, desde lo académico, lo político, lo cultural y el activismo, reivindican posturas oficiales sobre las identidades nacionales y raciales cubanas.
- Las interpretaciones históricas, el análisis sociocultural y político presente en estas publicaciones acentúan las aspiraciones de justicia social y logros singulares del proyecto social cubano. De modo que sugieren la apertura de un mayor espacio de discusión con una

agenda antirracista que exprese nuevas demandas emancipatorias y ciudadanas.

4. Referencias

ABREU ARCIA; Alberto, Apuntes para una cartografía en torno al debate del término afrocubano/a, En: **Revista El Mar y la Montaña**, Guantánamo, Cuba, n. 2, p. 10-12, ago. 2017.

ABREU MORALES, Reynier. **La cuestión del negro como dimensión identitaria: Cuba 1990-2011**, 2012. p.124. Tesis de Maestría en Ciencias Sociales. México, D. F., 2012.

ALMEIDA JUNCO, Yulexis «Género y racialidad: Una reflexión obligada en la Cuba de hoy». In: RUBIERA CASTILLO, Daysi y MARTIATU TERRY, Inés María (comp.). **Afrocubanas: historia, pensamiento y prácticas culturales**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, p.133-149, 2011.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento. 2019.

ALONSO COMA; Ismael. 478 años de presencia africana en Guantánamo. **Revista El Mar y la Montaña**, n. 2, p. 12-14, ago. 2017.

ARANDA; Ana Iris. Cuestiones raciales en la cultura rastafari. Entrevista a King Mayún. **Revista El Mar y la Montaña**, n. 2, p. 14-17, ago. 2017.

BARDIN, Laurence. **A análise de conteúdo**. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BOBES, Cecilia. Cuba y la cuestión racial. **Perfiles Latinoamericanos**, n. 8, pp. 115-139. ene/jun, 1996

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE LA FUENTE, Alejandro. **A Nation for All: Race, inequality, and politics in Twentieth Century Cuba**. Chapel Hill (N.C): The University of North Carolina Press, 2001.

CASTRO Ruz, Fidel. Estamos en condiciones de librar una guerra de todo el pueblo para la cultura. **Periódico Granma**, La Habana. Primera Edición.1999. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7246136.pdf> . Accedido en 12 agosto 2020.

CENTRO DE INFORMACIÓN. **Indicadores seleccionados sobre variables demográficas a cierre de 2019**. Guantánamo: Gobierno Provincial del Poder Popular Guantánamo, 2019.

CUBA. **Acuerdo VIII-75, de 15 nov, 2017**. Asamblea Nacional del Poder Popular. Conceptualización del modelo económico y social cubano de desarrollo socialista, La Habana. Disponible en <https://www.gacetaoficial.gob.cu/es/acuerdo-viii-75-de-2017-de-asamblea-nacional-del-poder-popular>. Accedido en 18 marzo 2021.

EARLY, James. Prólogo. Identidad racial, democracia participativa y Revolución en la Cuba del siglo XXI. Desafíos de la problemática racial en Cuba. In: GUILLARÓN CARRILLO, Paula. **Raza y Racismo en Cuba. Recuentos para un debate desde Temas. Cuba**. Ed. Temas. p.8. 2015.

ESPINA PRIETO, Rodrigo; RODRÍGUEZ RUIZ, Pablo. Raza y desigualdad en la Cuba actual. **Revista Temas**, v. 45, n. 3, p. 45, ene/feb. 2006. Disponible en: <http://www.afrocubaweb.com/Razas-racismo-Cuba-Colectivo.pdf> . Accedido en 10 sept. 2020.

FANON, Frantz, **Piel Negra, Máscaras Blancas**, Editorial Abraxas. Buenos Aires, 1973. Disponible en: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1579/6739688-Frantz-Fanon-Piel-Negra-Mascaras-Blancas.pdf?sequence=1> . Accedido en 11 agosto 2020.

FERNÁNDEZ ROBAINA, Tomás. ¿Avanzamos o retrocedemos en la lucha contra el racismo hoy en Cuba? **Revista El Mar y la Montaña**, n. 2, p. 17-20, ago. 2017

FERNÁNDEZ ROBAINA, Tomás. La batalla contra el racismo en la Cuba de hoy. **América sin nombre**, n. 19, p. 121-125, 2014. Disponible en: <http://www.cervantesvirtual.com/research/num-19-diciembre-de-2014/7464470e-3ced-4377-83c3-3a37453f19ec.pdf> . Accedido en 12 abril 2020.

FRAGUELA, José Raúl. Nota del Editor. **Revista El Mar y la Montaña**, n. 2, p. 2 ago. 2017a.

FRAGUELA, José Raúl. Sello y presencia. George Pérez y los 30 años de la revista El Mar y la Montaña. **Revista El Mar y la Montaña**, n. 2, p. 29-31, ago. 2017b.

MATURELL RUIZ, Mariurka: “La Historiografía de las Migraciones. Un análisis a los textos publicados por la Editorial El Mar y la Montaña en Guantánamo”, **Revista Caribeña de Ciencias Sociales**, oct. 2016. Disponible en <http://www.eumed.net/rev/caribe/2016/10/migraciones.html>. Accedido 21 agosto 2020.

MESA-LAGO, Carmelo. Problemas sociales y económicos en Cuba durante la crisis y la recuperación. **Revista de la CEPAL**. n. 86, p. 183-205, ago. 2005.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007

MORALES DOMÍNGUEZ, Esteban. Desafíos de la problemática racial en Cuba. **Raza y Racismo en Cuba. Recuentos para un debate desde Temas**, La Habana. Fundación Fernando Ortiz. p.312, 2015.

MORALES DOMÍNGUEZ, Esteban. Desafíos de la problemática racial en Cuba. **Raza y racismo: antología de caminos**. La Habana: Editorial Caminos, p. 119-129, 2017a.

MORALES DOMÍNGUEZ, Esteban. El tema racial y la subversión anticubana: una actualización. **Revista El Mar y la Montaña**, n. 2, p. 3-6, ago. 2017b.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pólem, 2019.

MOREJÓN, Nancy. Mujer negra, Negro. América Sin Nombre. **Boletín de la Unidad de Investigación de la Universidad de Alicante: «Recuperaciones del mundo precolombino y colonial en el siglo XX hispanoamericano»** n. 19, diciembre 2014. Disponible en: <http://www.cervantesvirtual.com/research/num-19-diciembre-de-2014/7464470e-3ced-4377-83c3-3a37453f19ec.pdf> . Accedido en 12 abril 2020.

NARANJO OROVIO, Consuelo; GONZÁLEZ-RIPOLL NAVARRO, María Dolores; RUIZ DEL ÁRBOL MORO, María (Ed.). Racismo ayer y hoy. In: **El Caribe origen del mundo moderno**. España: UNESCO/Connected Worlds. s/d. Disponible en: https://docecalles.com/wp-content/uploads/2020/03/El_Caribe_Origen_del_mundo_moderno.pdf Accedido en 11 jun. 2020.

ONEI (OFICINA NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMACIÓN). **Informe Nacional. Censo de Población y Viviendas**. 2012. Disponible en: http://www.onei.gob.cu/sites/default/files/informe_nacional_censo_0.pdf. Accedido en 21 agosto 2020.

PARRA FONTANILLES, Rissell. La editorial Revista El Mar y la Montaña. Los tiempos del Génesis. **Revista El Mar y la Montaña**, n. 2, p. 27-28, ago. 2017.

PARTIDO COMUNISTA DE CUBA. **Lineamientos de la Política Económica y Social del Partido y la Revolución**, La Habana, 2011

PÉREZ, Esther; LUEIRO, Marcel. **Raza y racismo: antología de caminos**. La Habana: Editorial Caminos, p.388, 2017.

POPOLO, Fabiana del. **Censos 2010 y la inclusión del enfoque étnico: hacia una construcción participativa con pueblos indígenas y afrodescendientes de América Latina**. (Serie Seminarios y conferencias).

CEPAL - No. 57 C. Santiago de Chile, 2009. Disponible en <https://core.ac.uk/download/pdf/38673133.pdf> . Accedido en 12 agosto 2020.

RENSOLI Medina, Rolando. Racialidad y racismo en Cuba: discriminación y prejuicios; prevención y enfrentamiento. Comisión José A. Aponte. **Boletín no. 36**, Unión de Artistas y Escritores de Cuba (UNEAC), marzo 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RUBIERA Castillo, Daisy. Afro feminismo: pensamiento y discurso afro feminista cubano, En: **Revista El Mar y la Montaña**, Nro. 2, p. 7-10, ago. 2017.

RUIZ RUIZ, Jorge. Sociological Discourse Analysis: Methods and Logic. **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, v. 10, n. 2, mayo 2009. ISSN 1438-5627. Disponible en: <https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1298/2776>. Accedido en 29 Agosto 2020. doi: <http://dx.doi.org/10.17169/fqs-10.2.1298> .

ZURBANO, Roberto. Racismo vs. socialismo en Cuba: un conflicto fuera de lugar (apuntes sobre/contra el colonialismo interno). **MERIDIONAL Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos** n.4 abr. 2015.



POBREZA Y CRIMINALIZACIÓN DE LA INFANCIA EN CUBA (1857-1936). REFORMATORIOS PARA MENORES DELINCUENTES Y ESTRATEGIAS BIOPOLÍTICAS

*POBREZA E CRIMINALIZAÇÃO DE CRIANÇAS EM CUBA (1857-1936).
REFORMATÓRIOS PARA MENORES DELINQUENTES E ESTRATÉGIAS
BIOPOLÍTICAS*

*POVERTY AND CRIMINALIZATION OF CHILDREN IN CUBA (1857-1936).
REFORMATORIES FOR JUVENILE OFFENDERS AND BIOPOLITICAL
STRATEGIES*

Javier Ladrón de Guevara Marzá¹ 
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Fernanda Martinhago² 
Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis, France
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Sandra Caponi³ 
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Resumen: En el siglo XIX Cuba se convirtió en una importante potencia económica, aunque siguió dependiendo de España. Al mismo tiempo que se producían una serie de transformaciones sociales, la delincuencia aumentaba. Es así como, como parte de una estrategia biopolítica, se introdujeron mecanismos de intervención para esa población de indigentes, deambulantes, huérfanos pobres y enfermos mentales, colocados en el imaginario social y en el discurso político e intelectual como responsables de una situación de insalubridad y peligrosidad. Un sector objetivo de esa estrategia fue la infancia pobre, para las que, desde un discurso caritativo, se crearon una serie de instituciones reformatorias. En este artículo analizamos, desde una perspectiva foucaultiana, el funcionamiento de dos de estos espacios: el Asilo San José, que había funcionado hasta el final de la etapa colonial y la Escuela Correccional para varones, creada para reemplazar al anterior, pero con un desempeño similar.

¹ Estudiante de doctorado del Programa Interdisciplinario en *Ciencias Humanas de la Universidade Federal de Santa Catarina*. E-mail: javierladronquevara@gmail.com

² Doctora en Antropología Médica por la *Universitat Rovira i Virgili* (España) y doctora en *Ciencia Humanas* por la *Universidade Federal de Santa Catarina* (Brasil). Post-doctorante en la *Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis* (Francia) y en la *Universidade Federal de Santa Catarina*. E-mail: martinhagofernanda@gmail.com

³ Doctora en Filosofía. Profesora del *Departamento de Sociologia e Ciências Políticas* y del *Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas* de la *Universidade Federal de Santa Catarina* (Brasil). E-mail: sandracaponi@gmail.com

Palabras claves: Cuba; Infancia; Criminalización; Reformatorios; Biopolítica.

Resumo: No século XIX, Cuba se transformava numa importante potência econômica, mesmo que continuasse dependendo da Espanha. Ao tempo que ocorriam uma série de transformações sociais, a criminalidade alterava o funcionamento da cidade. É assim que, como parte de uma estratégia biopolítica começam a introduzir-se mecanismos específicos de intervenções sobre aquela população de desamparados, de ambulantes, órfãos pobres e doentes mentais, colocados no imaginário social e no discurso político e intelectual como responsáveis de uma situação de insalubridade e periculosidade. Um setor alvo dessa estratégia biopolítica foi a infância pobre. Desde então, amparadas em um discurso caritativo, se criaram uma série de instituições reformatórias para crianças consideradas perigosas. Neste artigo, analisamos desde uma perspectiva foucaultiana o funcionamento de dois destes espaços: o *Asilo San José*, que funcionara até o fim da etapa colonial e a *Escuela Correccional para varones*, criada para substituir a anterior, mas com um desempenho similar.

Palavras-chave: Cuba; Infância; Criminalização; Reformatórios; Biopolítica.

Abstract In the nineteenth century, Cuba became an important economic power, although it continued to depend on Spain. At the same time as a series of social transformations were taking place, crime was increasing. Thus, as part of a biopolitical strategy, intervention mechanisms were introduced for this population of indigent, homeless, poor orphans and mentally ill, placed in the social imagination and political and intellectual discourse as responsible for a situation unhealthy and dangerous. A target sector of this strategy was poor children, for whom, through a charitable discourse, a number of reformatory institutions were created. In this article we analyze, from a foucaultian perspective, the functioning of two of these spaces: The San Jose Asylum, which had functioned until the end of the colonial period and the Correctional School for Boys, created to replace the previous one, but with a similar performance.

Keywords: Cuba; Childhood; Criminalization; Reformatories; Biopolitics.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.174187](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.174187)

Recebido em: 27/08/2020
Aprovado em: 30/07/2021
Publicado em: 01/07/2021

1. Introducción

En América Latina colonial los fundamentos socio-jurídicos de las estructuras punitivas de adultos y menores fueron los mismos que en

Europa. A partir del siglo XIX las teorías criminológicas se ampararon en el carácter de científicidad que les otorgaban el positivismo y las ideas de defensa social (MÉNDEZ, 1994). Además, había gran influencia del moralismo religioso, del modelo familiar burgués y del modelo capitalista de producción, que priorizan la laboriosidad como valor supremo y por tanto la acumulación de capital. Así, el desempleo y la vagancia, asociados a la pobreza, fueron cobrando más fuerza como antivalores y como comportamientos pasibles de punición, pero también de beneficencia.

Se creó así un modelo de gestión de la población desamparada, sustentado en un ideal de asistencia caritativa, realizada a través de una serie de instituciones como iglesias, casas de beneficencia, casas de socorro y orfanatos que combinaban la labor benéfica con la corrección física y moral; donde los menores comenzaron a ser un objeto prioritario (ANDRÉS-CANDELAS, 2016). Sabemos por Foucault (1999) que, por detrás del disfraz filantrópico se ejecutaba una función de vigilancia y control de las clases menos favorecidas, señaladas como “peligro social”. Pero ese modelo de gestión no era exclusivo de Europa, sino que, como parte del dominio colonial fue importado a diferentes países latinoamericanos como Brasil, Colombia, Argentina, Uruguay, Chile y México.

En 1874, en Brasil en la ciudad de Río de Janeiro, a través del Decreto 5.532 se crearon diez escuelas para la instrucción primaria, una de ellas, la Casa de Asilo de los Niños desvalidos para albergar a menores abandonados de 12 años. Posteriormente, en 1883, por el Decreto 8.910 se permitió albergar a los menores pobres que no eran huérfanos, estableciéndose, además, la edad de 8 años para poder trabajar en la institución. La Casa Asilo siguió el modelo de las instituciones europeas, cuya idea de eliminación de la indigencia era por medio de la instrucción y del trabajo. En 1890, Deodoro da Fonseca, jefe del gobierno provisional, creó la asistencia a la infancia desvalida, por el Decreto 439, que define que el destino del Asilo de Niños Desvalidos era la recepción, el mantenimiento y la educación de menores desvalidos (ZANELLA, 2019). La noción de infancia en Brasil se asociaba a las clases sociales, siendo los niños pobres

considerados como menores. “O menor é o pobre e o risco em criação, representa o criminoso e o doente em formação”⁴ (GONZAGA, 2018, p.185).

La investigación de Carrero (2012) presenta las tensiones entre los derechos de la infancia y los contextos de desigualdades y exclusión de la ciudad de Bogotá (Colombia). Los niños huérfanos menores de doce años, “los expósitos”, tomados como transgresores del orden, del espacio escolar y familiar, fueron considerados como potencialmente anormales, como criminales en potencia. Los hijos de la pobreza, del vicio, de las relaciones prohibidas fueron considerados como niños ociosos, mendigos que representaban una amenaza social. Por eso, fueron recluidos en instituciones como el Hospicio o la Casa Refugio, la Quinta Camargo o el Asilo de la Infancia Desamparada, en la ciudad de Bogotá. Para esta población infantil se diseñaron prácticas de corrección o reforma de las costumbres supuestamente heredadas por su origen o por la condición social.

Otros países de América Latina también establecieron leyes, tribunales, instituciones dirigidas a la infancia marginalizada. En Argentina, en 1919, fue promulgada la Ley del Patronato o Azote, instaurando el *menorismo*, consolidando la idea de punición y creando un juzgado específico para menores. En 1939 se creó el primer Tribunal de Menores, en la provincia de Buenos Aires (STAGNO, 2008 apud ZANELLA, 2019).

En Uruguay, los casos de pérdida y restitución de la custodia, retirada de la guardia de menores, la corrección de niños infractores y la creación del Consejo de Protección de Menores quedaron definidas en el Código Civil, de acuerdo con la Ley 3.738 promulgada en 1911 (ZANELLA, 2019). Vale resaltar que, la primera casa para niños huérfanos fue creada en Montevideo (Uruguay) en 1818 y se llamó “La Inclusa”. Esta institución presentaba una elevada tasa de mortalidad infantil debido a sus pésimas condiciones. “La Inclusa” pasó a llamarse Asilo de Expósitos y Huérfanos y,

⁴ El menor es el pobre y el riesgo en creación, representa el criminal y el enfermo en formación (GONZAGA, 2018, p.185, traducción personal)

posteriormente, en 1911, fue denominada “Asilo Dámaso Larrañaga” y después, en 1943 “Institución Larrañaga” (VÁZQUEZ, 2016).

Castillo Gallardo (2015) nos cuenta que, en Chile, muchos niños y niñas fueron esclavizados, transformados en siervos ilegítimos, colocados como vagos y delincuentes y, en la modernidad, pasaron a ser trabajadores y trabajadoras explotados, para posteriormente ser escolarizados. El autor agrega que, actualmente, esta historia no es muy conocida por muchos niños, pues sus padres y abuelos ni siquiera se reconocen como parte de ella. En Chile, el primer Código Civil fue creado en 1855, definiendo que aquellos que cumplieran los 18 años como mayor de edad y aquellos que no, como menores. En 1928, por la Ley 4.447, se crearon los Juzgados de Menores y las Casas de Menores, con exámenes médicos y psicológicos para la observación y clasificación de los menores (ZANELLA, 2019).

Padilla (1998) presenta en su investigación las especificidades de las escuelas especiales en México, durante el siglo XIX. Esas instituciones buscaban nuevas formas de control social sobre los niños con características físicas, sociales, morales y económicas, las cuales necesitaban una educación especial. México tuvo su primer Tribunal de Menores en San Luis de Potosí y su Código Civil continuó utilizando el término menor en oposición al de mayor de edad. Los menores fueron incluidos en el sistema penal mexicano en 1929 con el Código Penal (ZANELLA, 2019).

Existen numerosos estudios que dan cuenta de la temática de la pobreza y la criminalización de la infancia en América Latina, no obstante, en esta investigación, nos dedicaremos a las particularidades de ese fenómeno en Cuba.

En el siglo XIX la Isla de Cuba se transformaba en una importante potencia económica, aun cuando continuase dependiendo económicamente de la metrópoli española (LÓPEZ, 2010). A la par del desarrollo económico de la isla colonizada, ocurrirían transformaciones sociales significativas, creando además espacios urbanos diversos. Al respecto, Apaolaza-Llorente (2018, p. 65) afirma que: “El poder no sólo debía

mostrarse en grandes edificios con bellos diseños y materiales nobles, la ciudad es un ente orgánico que debía ser transformada en todos sus aspectos, tanto arquitectónicos y urbanísticos, como de comportamiento de sus habitantes”.

La evolución de Cuba en la mayoría de los aspectos tendría su origen en las ideas de renovación que llegaban de Europa y a través de las que se pretendía hacía tiempo transformar a su capital, La Habana en una “ciudad moderna”. A partir de ese momento, las autoridades coloniales, apoyadas por la burguesía cubana, establecerían una serie de medidas dirigidas a la modernización del país y la optimización de la vida cotidiana de sus habitantes. Esas disposiciones, instauradas bajo el ideal de la modernidad representaban una forma de biopolítica, toda vez que tenían como objeto de intervención el “*funcionamiento de la ciudad*”, específicamente aquellos fenómenos como los “*da natalidade, da morbidade, das incapacidades biológicas diversas, dos efeitos do meio...*”, que conforman aquel conjunto social llamado “*população*” (FOUCAULT, 2018, p. 206).

En la Cuba colonial, uno de los fenómenos que más alteraban el funcionamiento ideal de la ciudad y que provocaba altos índices de mortalidad era la criminalidad, la cual los sectores privilegiados asociaban a los grupos más pobres y marginados de la sociedad. De ese modo, comenzaron a introducirse mecanismos específicos de intervención sobre aquella población de desamparados, deambulantes, enfermos mentales y niños pobres, colocados en el imaginario social y en el discurso político e intelectual como responsables de una situación de insalubridad, pero también de peligrosidad (MORENO, 2017).

En este artículo pretendemos analizar los discursos sobre la criminalización de la infancia pobre en Cuba a finales del período colonial español y a comienzos de la etapa republicana, momentos en que comienza a estructurarse una estrategia biopolítica para el control y la normalización de esa población marginada. Dicha estrategia tendría como uno de sus espacios de ejecución a dos reformatorios para niños pobres

ubicados en la capital del país: el Asilo San José, que funcionó hasta el final del siglo XIX y la Escuela Correccional para Varones, creada en los inicios del siglo XX.

Como punto de partida y fuente documental seleccionamos algunos textos (disposiciones legales, artículos de prensa, comunicaciones oficiales de eventos, etc.), producidos por figuras públicas relevantes de la época que versaran sobre la situación de la infancia pobre en Cuba, así como sobre las medidas interventoras del gobierno sobre ese asunto. Esas fuentes conforman los discursos sociológico, político, médico y jurídico sobre la infancia pobre considerada peligrosa en la Cuba de esos años, dentro de la cual autores como el destacado sociólogo y periodista José Antonio Saco (1797-1879), los gobernadores generales Miguel Tacón y Rosique (1834-1838) y Gerónimo Valdés (1784-1855), los médicos higienistas Manuel Delfín Zamora (1849-1921), Juan Bautista Valdés (18--? -19--?) y Matías Duque Perdomo (1869-1941), el jurista J. M. Peña (18--? -19--?) estuvieron entre sus principales representantes. Para llevar a cabo nuestro análisis nos apoyamos en los estudios de Michel Foucault (1980, 1999, 2003, 2008, 2018) y de Roberto Castel (2011) sobre biopolítica, dispositivos disciplinares y de normalización, discursos sobre riesgos y gobierno de la infancia. También en las contribuciones de autoras latinoamericanas que abordan tales temáticas como Sandra Caponi (2004, 2013) y Myriam Mitjavila (2002).

2. Criminalidad y pobreza en los discursos intelectual y político cubano del siglo XIX

En el caso de Cuba, la gestión de la población marginal y la infancia desamparada no fue esencialmente distinta a la de los otros países latinoamericanos. Así, quizás la imagen de niños y niñas ociosos y abandonados por las calles de la isla caribeña despertara entre las clases privilegiadas sentimientos contradictorios de compasión y rechazo, pero lo cierto es que tal situación provocó un movimiento creciente de demandas

al gobierno para transformarla. Uno de los portavoces de ese “malestar social” sería el destacado sociólogo cubano José Antonio Saco, quien publicaría en 1830 un texto titulado *La vagancia en Cuba*, el cual, junto a *Memoria sobre caminos*, publicado en la misma época, le harían ganar a su autor dos medallas de oro en concursos de la Real Sociedad Patriótica de Cuba⁵ (SACO, 1946).

Es probable que uno de los motivos que hiciera a “La vagancia en Cuba” un texto exitoso fuera que su autor trataba abiertamente la grave situación de desempleo en la cual se encontraban los cubanos en aquel momento. Pero esa cuestión no solo era abordada por los intelectuales, sino que esta ocupaba un lugar prioritario en el discurso político. En ese sentido, el gobernador de Cuba en aquel momento, Miguel Tacón y Rosique, afirmaba que, al momento de asumir su mandato, la isla se encontraba a en un cuadro de “*desmoralización*”, describiéndolo de la siguiente manera:

un número crecido de asesinos, ladrones y rateros, circulaba por las calles de la capital, matando, hiriendo y robando, no solo durante la noche, sino en medio del día, y en las calles más centrales y frecuentadas. (...). No bajaban quizás de doce mil las personas que sin bienes ni ocupación honesta, se mantenían en la capital de las casas públicas de juego, así de blancos como de individuos de color libres y esclavos. Los vagos eran innumerables, y no pocos los que encontraban medio de subsistencia en las estafas de todas especies, y hasta en el mismo foro, ejerciendo unas veces las funciones de testigos falsos, y otras las de alterar la paz de las familias, atacando a ciudadanos pacíficos, que, por no verse envueltos en los males inseparables de un pleito destructor, compraban de los agresores la tranquilidad a un gran precio. Todos estos elementos tenían entre sí una necesaria conexión, porque el juego y la vagancia formaban los criminales de mayor categoría, y todos estaban conjurados contra el orden público. (GOBIERNO Y CAPITANÍA GENERAL DE CUBA, 1838, p. 4).

Tanto para el intelectual José A. Saco como para el gobernador Miguel Tacón, la vagancia y la criminalidad tenían una relación bastante estrecha, de causa-efecto. No obstante, en el texto sobre la vagancia en Cuba, Saco va un poco más allá de una simple descripción de la situación

⁵ La Real Sociedad Patriótica de Cuba fue una organización creada en 1792 con la finalidad de apoyar el desarrollo económico, educacional, cultural y social, reuniendo a los más importantes intelectuales cubanos de la época colonial.

de inseguridad de Cuba, dedicándose a explicar las que él consideraba sus causas. Para Saco, resultaba evidente la existencia de una propensión en los seres humanos a obtener el sustento económico sin mucho esfuerzo y, para fundamentar su teoría coloca como mejor ejemplo de la vagancia a las mujeres pobres, a las que era común encontrar en las calles mendigando. Esas escenas le hacían afirmar que, el dinero que esas mujeres obtenían no tenía otro fin que el de mantener a sus maridos y sus hijos desempleados, a quienes llamaba despectivamente “*holgazán*” y “*perdulario*” (SACO, 1946, p. 58). Este argumento, además de mostrar la posición abiertamente misógina del autor, ya que deposita en las mujeres una culpabilidad por aquello que él considera un acto violatorio de las normas sociales, contribuye a reformar un discurso de rechazo y criminalización de la población pobre, colocada igualmente como responsable de no tener empleos. Pero el texto del sociólogo Saco no termina con su caracterización singular de la pobreza, sino que irá un poco más lejos y propondrá a las autoridades una serie de medidas para contrarrestarla. Entre esas medidas estaba aumentar los espacios de acogida para pobres, pero introduciendo un cambio radical en su concepción, los cuales pasarían de ser simples instituciones benéficas a centros especializados aislamiento de la población considerada peligrosa. De esa forma, según este nuevo esquema, esas instituciones “*no solo servirán de asilo a la humanidad desvalida, sino de freno para contener los desórdenes que bajo el manto de la pobreza se cometen diariamente entre nosotros*” (SACO, 1946, p. 58).

Otro elemento esencial en el proyecto de este intelectual sería la concepción del trabajo físico como transformador de las conductas consideradas peligrosas. Saco sugería que, además del encierro establecido, en las cárceles se aumentase el rigor disciplinar y se estableciera la obligatoriedad del trabajo forzado, debido a que la inactividad podría transformar a los presos en peores criminales. De esa forma, el trabajo físico no solo serviría como herramienta de punición, sino que se presentaba como una actividad de la cual se podría obtener algún

beneficio económico para el país. El propio gobernador Miguel Tacón se referiría a esa supuesta ventaja:

Jamás se había tratado de sacar partido de los confinados en el presidio de la Cabaña, ni de los sentenciados a obras públicas (...) Mandé entretanto construir en prolongación de la Nueva Cárcel, y dentro de la extensión de las 140 varas de fondo, dos cuarteles, capaz cada uno de ellos de recibir cómodamente 400 presidiarios. Dedicué el uno para los destinados a los trabajos de la ciudad, y el otro para los de extramuros (...) De esta manera, la sociedad a quien ofendieron los presidiarios saca de ellos el partido de que son susceptibles en las obras públicas de necesidad, utilidad y ornato, y tal vez se consigue que al fin de sus condenas, vuelvan aquellos desgraciados a ser miembros útiles, después de habituarse al trabajo, haber aprendido oficio y de haber sufrido su pena correccional (GOBIERNO Y CAPITANÍA GENERAL DE CUBA, 1838, p. 4).

Podemos comprender cómo el desempleo, tanto para el discurso intelectual como para el político, lejos de constituir una problemática a resolver por el gobierno colonial, se colocaba como una característica propia de la criminalidad. En ese mismo sentido, el trabajo no se tomaba como solución posible al desempleo, sino que, se aprovechaba como forma de castigo a las conductas reprobadas socialmente y como un modo de transformar en utilitarios a los sujetos marginados. Tanto el desempleo como la criminalidad constituían dos factores que influían directamente en la economía y en la mortalidad, alterando de esa forma el funcionamiento ideal de la ciudad y por tanto se tomaban como objetos de control de estrategias biopolíticas (FOUCAULT, 2018).

3. Niños pobres, ¿Delincuentes?

Continuando con el intelectual cubano José A. Saco (1945), encontramos en su texto una marcada referencia a los niños pobres, apuntados como un factor decisivo en la situación de criminalidad y desempleo por la que atravesaba Cuba en aquellos momentos. Aunque Saco hacía un llamado a las autoridades para que dirigieran la mirada a la situación deplorable de esos niños, en realidad su discurso mostraba otra intención, pues lejos de responder a un acto humanitario, exigía que se

tomaran medidas coercitivas un poco más radicales contra los pobres y marginados, incluidos los menores de edad. Además, en su propuesta, los niños pobres tendrían un lugar prioritario como objeto de las acciones correctivas, basado en la idea de que la severidad frente a las conductas marginales precoces serviría para prevenir la futura criminalidad. En ese sentido, afirma Mitjavila (2002), la creencia en la posibilidad de un riesgo futuro sirve de fundamento para la aplicación de cualquier medida que parezca eficaz para enfrentarlo.

Podemos preguntarnos entonces, ¿por qué la infancia era objeto de interés especial en el discurso de los académicos cubanos de los cuales José A. Saco formaba parte? La conducta de los niños, en la medida que presentase ciertas señales de desvío de la norma, se transformaba en un indicador de riesgo, y en el caso de la infancia pobre y marginada se asociaba automáticamente a la posibilidad de un futuro desempleado y criminal. Esa situación se presentaba como una especie de amenaza externa para las clases privilegiadas, las que, obviamente se desmarcaban de los grupos sociales menos favorecidos. En ese sentido, Robert Castel afirma que *"la cuestión del vagabundeo fue la gran preocupación social"* (CASTEL, 2011, p. 18) en las sociedades preindustriales europeas, pero como podemos ver también en las colonias americanas como Cuba. Según Castel, la existencia de esos grupos de desempleados "movilizó una cantidad extraordinaria de medidas de carácter predominantemente represivo para intentar erradicar -por otra parte, en vano- esa amenaza de subversión interna y de inseguridad cotidiana que supuestamente representaban los vagabundos".

Y en el caso de la infancia pobre las cosas no debían ser muy diferentes. En Cuba la figura del "niño vagabundo", la supuesta amenaza que representaba aparecía en dos dimensiones, la económica y la moral. En la dimensión económica, el niño vagabundo formaba parte de ese grupo que Castel caracteriza como *"riesgo social"*, a partir de su posición como *"incapaz de gobernar su existencia a partir de sus propios recursos"* y que por tanto dependería de la asistencia social para sobrevivir (CASTEL,

2011, p. 35). Obviamente la inexistencia de recursos les venía a esos niños a partir del desamparo económico en que también se hallaban los adultos a cargo de ellos. En cuanto a la dimensión moral y esta sería la más importante en cuanto a la estrategia de prevención, el niño, en plena formación de su subjetividad, es tomado como alguien que podría ser moldeado en función de determinados intereses de la sociedad. Al respecto Foucault (1980) afirma que la infancia se convierte, a partir del siglo XVIII en un objeto privilegiado de las estrategias de control del gobierno, toda vez que cualquier inversión en el desarrollo del niño, un manejo "adecuado" de esta etapa vital podría garantizar adultos útiles socialmente, y también económicamente productivos. Por consiguiente, lo que los discursos académicos y políticos proponían era que el control y la normalización de la infancia pobre además de garantizar su utilidad económica, evitaría que se presentasen en un futuro conductas desviadas o criminales. De ahí que Saco celebraría como un acierto del gobierno la existencia, dentro de la Casa de Beneficencia de La Habana⁶, de un departamento dedicado exclusivamente a internar niños y niñas huérfanos y desamparados, con la finalidad de "preservarlos" de ciertos "males" como el "ocio" o "la perdición" (SACO, 1945, p. 59).

Siendo José A. Saco un intelectual reconocido en la época, no debe extrañar que sus ideas tuvieran una buena recepción dentro del gobierno y las clases privilegiadas. De acuerdo con el historiador Reinier Borrego Moreno (2017), la construcción de la Real Cárcel de La Habana en 1834 (a sólo tres años de publicado el libro "La vagancia en Cuba"), demostró que se venía estructurando una nueva estrategia de represión a la criminalidad, amparada en el discurso sobre la peligrosidad de la población marginada. Según este autor, otra medida de importancia adoptada en ese sentido fue la creación de un dispositivo de control singular, desde donde, la prefectura de La Habana, junto a la policía y algunas instituciones caritativas,

⁶ Institución benéfica creada en la Ciudad de La Habana con el fin de acoger a niños y niñas abandonados, aunque también fueron recluidas allí mujeres diagnosticadas como dementes. Esta institución se mantendría en funcionamiento entre los años 1794 y 1961.

cumplían con la misión de retirar sistemáticamente a los desamparados, a los vagos y a los alcohólicos que deambulaban por las calles de la ciudad. Pero la única idea de José Antonio Saco que tuvo aceptación no fue la de habilitar espacios de reclusión para pobres, también la cuestión del trabajo forzado como tecnología disciplinar sería usada, incluso en los niños considerados peligrosos, como se verá posteriormente.

En consecuencia, algunos años después, en 1842, queda establecido por ley, específicamente en el artículo 36 del Bando de Gobernación y Policía de la Isla de Cuba emitido por el gobernador Gerónimo Valdés, un mandato de prisión para niños y niñas deambulantes menores de 12 años y que no tuvieran amparo filial. Esa nueva norma no sería de difícil aplicación para las autoridades y dejaba delimitado a qué público específico se dirigía pues eran precisamente los niños pobres los únicos deambulantes, lo que vino a reforzar el ya ganado estigma de peligrosidad. Según esa ley, los menores detenidos deberían permanecer encerrados en las cárceles de la ciudad por un periodo de 48 horas y si no eran reclamados por ningún adulto, podrían ser enviados automáticamente a la Casa de Beneficencia. Ya en el caso de los niños y niñas con edades entre 12 y 17 años, en vez de ir a la Casa de Beneficencia, les esperaba el trabajo en la agricultura o en oficios similares, que requerían un esfuerzo físico superior a lo que permitía su edad (VALDÉS, 1842).

4. El “mataperro”, ese incorregible

Dentro del grupo de niños desamparados había algunos que llamaban particularmente la atención, tanto de los pobladores como de las autoridades, por ser considerados extremadamente peligrosos. Se trataba de los “mataperros”. Según relata el escritor José Joaquín Hernández (1958), el mataperro era un niño de entre 8 y 16 años, la mayoría de las veces de piel negra o mestiza, el cual no había recibido ningún tipo de educación, ni en la escuela ni en la familia y se caracterizaban por un rechazo abierto a toda institución escolar, pero también por una posición desafiante frente a

toda norma social. El mataperro, según se afirmaba, "*siempre anda sucio y mal vestido y a veces descalzo y sin sombrero*" y le gustaba además andar solo por las calles, desafiando cualquier límite o norma social (HERNÁNDEZ, 1958, p.162). Había una diferencia entre este y los otros niños pobres ya que, el niño pobre siempre podía contar con la ayuda de algún pariente que lo representase frente a cualquier problema, incluso que se preocupase por su educación y su desarrollo, pero eso, desgraciadamente no ocurría con el mataperro, quien encarnaba al verdadero desamparado.

Además de esa diferencia, el mataperro asumía una postura de desafío constante frente a cualquier autoridad. En ese sentido, Hernández (1958) afirmaba que, cuando el mataperro era detenido por la policía, si no conseguía escapar -cosa bastante improbable-, era bien capaz de convencer a su captor de su inocencia. Este autor describe la escena de la captura de un mataperro de la siguiente forma: cuando es sorprendido "se disculpa a las mil maravillas y queda como inocente", volviendo seguidamente a cometer una de sus travesuras preferidas, la de perseguir cualquier animal que se le atravesase en su camino, pero sobre todo perros, hacia los que sentía predilección por golpearlos. Es justamente de ahí que le viene el mote de "mataperros". Agrega Hernández (1958) que los golpes que a veces recibía el mataperro por parte de los dueños de los animales para nada le afectaban, pues la mayoría de las veces conseguía esquivarlos con maestría singular. Pero lo que más incomodaba tanto a los pobladores como a las autoridades era la actitud desafiante del mataperros, lo que lo situaba en una categoría de peligrosidad diferente, la de "incorregible".

Es justamente ese individuo incorregible del cual hablaba Foucault (2018) en su curso *Os Anormais*, el cual se ubicaba en ese espacio conflictivo donde se entrelazan figuras de autoridad como la familia, la escuela, la iglesia, el barrio, la calle, la policía, etc. Lo que resultaba perturbador para la sociedad en el caso de la infancia "peligrosa" y del mataperro era no solo la ausencia de una estructura familiar acogedora y de un vínculo con otras instituciones normalizadoras, como la escuela o la

iglesia, sino que estos niños parecían cargar con el estigma de un destino nefasto y de la inutilidad social. Foucault, en ese mismo curso dirá que ese individuo se presenta ante la sociedad como “incorregible”, debido a que “*fracassaram todas as técnicas, todos os procedimentos, todos os investimentos familiares e corriqueiros de educação, pelos quais se pode ter intentado corrigi-lo*”⁷. Por tanto, continúa Foucault, el ser incorregible será la justificación para “*uma nova tecnologia da reeducação, da sobrecorreção*”⁸ (FOUCAULT, 2018, p. 50).

De modo que, la infancia incorregible comenzaba a ser colocada en una condición diferente de aquellas comúnmente atendidas por las instituciones benéficas. Los niños y niñas acogidas por la beneficencia, probablemente se mostraban más dóciles frente a las autoridades y la sociedad, pero los “*menores delincuentes*” (MORENO, 2015), considerados peligrosos, no gozarían de tal “privilegio”. Para ellos será implementado un dispositivo más severo que, si bien no era la cárcel común, tampoco sería un centro tradicional de caridad.

5. El asilo san José

En 1857 se funda el asilo San José, destinado a la corrección de los menores vagos y delincuentes en la capital de Cuba. El asilo se situaba estratégicamente en una zona periférica de la ciudad, conocida popularmente como “extramuros” y reservada a las poblaciones más pobres de la capital. Teniendo como vecinos próximos el cementerio principal de la ciudad, el leprosorio, el asilo para dementes y una cantera a donde eran llevados los prisioneros para realizar trabajos forzados, era evidente que la intención de las autoridades era mantener separados a estos niños del resto de los habitantes, como forma de prevenir el supuesto riesgo que representaban. Además, seguramente el paisaje de esta zona

⁷ “Fracasaron todas las técnicas, todos los procedimientos, todas las inversiones familiares y comunes de educación, a través de las cuales se puede haber intentado corregirlo” (FOUCAULT, 2018, p.50, traducción personal).

⁸ “Una nueva tecnología de la reeducación, de la sobrecorrección” (FOUCAULT, 2018, p.50, traducción personal)

apartada, enriquecida con la imagen de leprosos, dementes y prisioneros trabajando duramente bajo pésimas condiciones, serviría como un espejo donde el niño delincuente debía mirar su futuro si no se convertía en sujeto dócil. Enrique (2010) describe esa parte de la ciudad extramuros de la siguiente forma:

en aquella época, esta era una zona deprimida y mustia en extramuros, en principio muy alejada del centro, lejos de las miradas de los viajeros, territorio relegado al encuentro con la enfermedad, la locura, la pobreza y la muerte, tal y como delatan los edificios e infraestructuras que se levantaron en esos términos (p. 196).

Es así cómo, el asilo San José, institución alternativa a la Casa de Beneficencia y a las cárceles de adultos marcaría el nacimiento de una nueva tecnología biopolítica en la Cuba decimonónica, de esta vez dirigida a los “menores delincuentes”. Se trataba de intervenir a un nivel más sofisticado sobre aquella población de niños pobres considerados una amenaza a un funcionamiento equilibrado de la ciudad. A partir de ese momento, y durante toda la etapa colonial, serían enviados indistintamente para esa especie de cárcel infantil a los menores deambulantes, los vagos y aquellos condenados judicialmente. Obviamente ninguno de esos niños pertenecía a las clases privilegiadas, lo que demuestra que las formas de punición de las conductas desviadas eran claramente selectivas, reservándose la mayor severidad a los menos favorecidos económica y socialmente.

Según afirma Moreno (2017), en la década de 1870, a causa de la insurgencia anticolonial conocida como la Guerra de los Diez Años⁹, el asilo San José sería utilizado como cárcel para adultos, específicamente para esclavos cimarrones capturados y para emancipados que cometieran algún tipo de delito, sobre todo relacionados con la insurrección. Tal situación contribuía a reforzar la configuración de cárcel que tenía este asilo, más que de institución benéfica o pedagógica. Además de ello, no existía una división clara entre la población carcelaria y la infantil, lo que

⁹ La Guerra de los Diez Años comenzó en octubre de 1868 y terminó en febrero de 1878. Sería la primera de tres guerras de independencia llevada a cabo por los cubanos contra el dominio colonial español.

vendría a complicar más la situación de los niños, sobre todo porque se les reprimía por igual a cada uno de estos grupos. No obstante, afirma este autor, a partir de 1874, el nuevo alcalde corregidor de La Habana, llamado Julián Zulueta, establecería un nuevo régimen disciplinar dentro asilo, lo que en la práctica se traduciría en el aumento de los abusos ya cometidos por los guardias tanto sobre los niños como sobre los presos. El nuevo reglamento consistía en un régimen estricto de control, con vigilancia permanente tanto de los horarios de los internos, además de la introducción del trabajo forzado, con el fin de garantizar la corrección de las conductas, sobre todo de los menores delincuentes.

El uso correccional del trabajo hacía tiempo era una práctica común en las cárceles de la ciudad y como ya habíamos visto, era defendido en los discursos políticos e intelectuales de la época. Según Martínez (2012), en el sistema carcelario cubano tanto los presos por delitos comunes como los vagos, fueron utilizados como mano de obra barata en diferentes labores y, sobre todo, en las construcciones de fortificaciones militares. Así, muchos fueron empleados como "*constructores, carpinteros, herreros, chapeadores, piqueros, canteros*" a cambio solo de alguna ropa, calzado y raciones de comida (p. 132). Desde esta concepción, la corrección ocurría a través del aprendizaje obligatorio de diferentes oficios como la zapatería, la talabartería y la tabaquería. Ese principio correccional, en sus dos dimensiones, disciplinar y laboral venía siendo aplicado hacía tiempo en las llamadas Casas Correccionales¹⁰ para menores en la propia metrópoli española (SIERRA, 1999, p. 95), por lo que no sería muy difícil que fuera aplicado en el correccional cubano.

En efecto, el trabajo de tipo mecánico mediante el entrenamiento del cuerpo en labores que requerían de repetición monótona respondía a una concepción de la disciplina como forma eficaz de dominación, que, según Foucault (2003) venía desarrollándose en el transcurso de los siglos XVII y XVIII en Europa. Para este teórico francés la disciplina, aplicada mediante el

¹⁰ En el siglo XIX fueron creadas en España dos instituciones de ese tipo, la Casa de Corrección de Barcelona (1836) y la Casa de Corrección de Madrid (1840) (SIERRA, 1999).

ejercicio físico se basaba en una serie de “*métodos que permiten o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade*”¹¹ (FOUCAULT, 2003, p. 118). Así, se aspiraba a que los oficios que esos niños “menores delincuentes” aprendían obligatoriamente, los transformarían en sujetos dóciles, pero también económicamente útiles. En ese sentido, subraya Foucault (2003, p. 119): “*a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos económicos e de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos e de obediência)*”¹².

6. La corrección de la “niñez delincuente” en la etapa republicana

En los inicios del siglo XX terminaba el período colonial en Cuba y comenzaba un nuevo ciclo que implicó cambios tanto económicos, políticos y sociales. Al tiempo que Cuba se tornaba independiente de España se produjo la primera intervención oficial norteamericana en el país, marcando el inicio del período republicano (1902-1959), como se conoce en la historiografía cubana (GARCÍA, 2000). Ese fue el período de mayor influencia estadounidense en todos los ámbitos de la sociedad cubana, interrumpido solamente en la década de 1960 con la llegada al poder de Fidel Castro y el comienzo de la revolución cubana. Es así como, en la República y después de la última guerra de independencia (1895-1898), la nación quedó sumergida en una importante crisis económica, provocando que muchos habitantes quedaran en una situación de miseria absoluta. Unido a ello, crecieron cada vez más las diferencias de clases, la discriminación racial y el rechazo a la población pobre. Como consecuencia, aumentaría la criminalidad, pero también la mendicidad, sobre todo entre niños y jóvenes, muchos de ellos huérfanos a causa de la guerra reciente (MORENO, 2015).

¹¹ “Métodos que permiten el control minucioso de las operaciones del cuerpo, que realizan la sujeción constante de sus fuerzas y les imponen una relación de docilidad-utilidad” (FOUCAULT, 2003, p. 118, traducción personal).

¹² “La disciplina aumenta las fuerzas del cuerpo (en términos económicos y de utilidad) y disminuye esas mismas fuerzas (en términos políticos y de obediencia)” (FOUCAULT, 2003, p. 119, traducción personal).

Para resolver los problemas sociales, el nuevo estado republicano intentaría realizar una serie de reformas en dos ámbitos medulares: la salud y la educación. Para ello, se apoyó en el modelo norteamericano. En el caso de la salud, se intentaría fortalecer las políticas sanitarias y las medidas de higiene pública, ya que, junto a la situación de miseria de la población había crecido el número de las enfermedades contagiosas y las epidemias. A partir de ahí, se crearon algunas instituciones dirigidas al control sanitario y epidemiológico, las que intervendrían directamente sobre asuntos como la natalidad y la mortalidad de la población, buscando modificar la situación precaria de los hospitales, los asilos, las escuelas, los talleres, pero también de los cementerios y los mataderos (CHAPLE, 2014). Según lo planteado por Foucault (2018), podemos comprender cómo esas instituciones recién creadas suponían la continuidad de una estrategia biopolítica iniciada en el período colonial, donde no solo se trataba del dominio de las poblaciones, sino que implicaba formas de ejercicio del poder particulares que irán actualizándose en los diferentes momentos históricos (CAPONI, 2013). De esta vez, con el gobierno republicano y la influencia directa de los Estados Unidos, la estrategia biopolítica se tornaría más sofisticada.

Ya en el caso de la educación ocurriría de modo similar al de la salud. Como primera medida, el gobierno cubano priorizaría la construcción de varias escuelas públicas, introduciendo en ellas el patrón cultural norteamericano, lo que implicaba el estudio obligatorio del idioma inglés y de los valores cívico-morales de aquella sociedad (RAMÍREZ, 2009). En el punto de articulación entre las acciones sanitarias y las educativas del gobierno, encontraremos a las instituciones benéficas, surgidas en la etapa colonial, pero adquiriendo cada vez más importancia en este nuevo período. Esos espacios de acogida de la población pobre cumplirán una doble función en la política higienista del Estado: la primera, continuar sirviendo como depósito de niños y niñas desamparados que deambulaban por la ciudad y, la segunda, funcionar como centros de reeducación y corrección de conductas desviadas de las normas sociales.

De tal manera, Moreno (2015) afirma que, en los comienzos del siglo XX se percibe un cambio en las formas de atención y control de la pobreza, traducido en una demanda cada vez más fuerte al Estado para que interviniese sobre ese fenómeno. Uno de los objetivos de esas intervenciones continuaba siendo la población de niños y niñas pobres desamparados, clasificados en muchos casos como delincuentes. Es importante destacar que, en la época colonial el control sobre la población de niños “peligrosos” era más simple, pues la responsabilidad por su evaluación recaía exclusivamente en jueces o policías, y en dependencia del nivel de riesgo determinado se les enviaba a la Casa de Beneficencia o al asilo San José.¹³ Desde el punto de vista del sistema jurídico, que funcionaba desde la lógica infracción-punición, la categoría de menor delincuente dependía de dos elementos clasificatorios. El primero era ser un “vago de oficio”, lo que significaba andar regularmente por las calles, deambulando sin ninguna ocupación. Como habíamos visto anteriormente, la vagancia era un fenómeno bastante común desde la etapa colonial y los niños eran particularmente vulnerables a ello por causa de la pobreza, el abandono y la orfandad. Esa situación los empujaba a deambular por las calles en la búsqueda de algún tipo de sustento alimenticio, pero también a pedir limosnas en vez de asistir a alguna escuela o poder quedarse en la seguridad de un hogar. Pero también el dispositivo judicial contaba con otro recurso clasificatorio: la educación moral, desde el cual se evaluaba que esta no fuera *“tan atrasada que exista el peligro de que dicho menor se convierta un día en criminal”* (PEÑA, 1904, p. 220). Evidentemente, la prioridad no era el nivel educacional del niño, sino el seguimiento de determinados patrones morales impuestos sobre todo por la iglesia y las clases privilegiadas. Pero en esta nueva etapa, además de la existencia del aparato jurídico, se introducen los discursos pedagógicos y médicos sobre la infancia marginal y peligrosa, lo que vendría a complejizar la estrategia biopolítica, de esta vez apoyados en las

¹³ Históricamente la beneficencia en Cuba se organizaba a partir de las siguientes entidades: “Casas de expósitos y maternidad, asilos para mendigos, hospitales y manicomios” (MORENO, 2015, p. 57).

ideas higienistas. Desde esa perspectiva, tanto en la pedagogía como en la medicina, el cuerpo del niño se tornaría el principal objeto de intervención, procurando así formar "*una ciudadanía apta intelectual y físicamente*" (NUÑEZ, 2012, p. 98).

Para alcanzar una mejor organización en ese sentido, comenzaron a realizarse en el país una serie de encuentros anuales bajo el nombre de Conferencia Nacional de Beneficencia y Corrección de la Isla de Cuba. Este evento, se realizaba en provincias diferentes del país y reunía a destacados intelectuales y profesionales cubanos, así como a invitados norteamericanos, de diferentes campos del saber, como la medicina, el derecho, la antropología y la pedagogía (FERNÁNDEZ, 1998). Dichos asistentes fungían como representantes de las instituciones privadas y estatales encargadas de las acciones de caridad en los respectivos países. En cada uno de estos encuentros, los debates giraban en torno de la labor benéfica a los desvalidos y las medidas de corrección de la criminalidad realizados bajo la consigna de la atención "*del débil, desamparado, enfermo o moralmente desviado*" (CONFERENCIAS DE BENEFICENCIA Y CORRECCIÓN, 1904, p.11). Al respecto, afirma Rodríguez (2018) que, si bien estas conferencias no consiguieron solucionar todos los problemas que preocupaban a la sociedad en aquella época, su intervención fue decisiva al otorgar un carácter científico a las explicaciones sobre el fenómeno de la marginalidad y a las propuestas de soluciones.

7. La escuela correccional para varones de Cuba

Finalmente, para la corrección de la infancia "peligrosa" se crearían dos instituciones: la Escuela Correccional para párvulas de Cuba y la Escuela Correccional para varones de Cuba, que no era otra que una versión actualizada del antiguo asilo San José. En la Escuela para párvulas, se recluía a niñas y adolescentes desamparadas acusadas de cometer diferentes delitos, pero sobre todo de dedicarse a la prostitución. El médico

higienista cubano Matías Duque, en su libro *La prostitución, sus causas, sus males, su higiene* (1914) describía a esa escuela como:

un asilo donde debían ser recluidas, para su reforma moral, las menores delincuentes, pero la Administración cubana (...) entendió por delincuentes también a las menores prostitutas, y así como confundió estos términos, confundió en el mismo asilo a aquellas y a las niñas prostitutas. (DUQUE, 1914, p. 149)

Por otro lado, la Escuela para varones seguía funcionando tal cual lo hacía en la época colonial, como centro de internamiento para niños pobres de entre 10 y 16 años, condenados por la comisión de delitos o apresados por la policía por considerarlos un riesgo social. Dentro de la institución funcionaba un aparato de reformatión sobre dos ejes fundamentales: la modificación de las conductas mediante un sistema de premios y castigos, y la sustitución de las actividades libres por el trabajo físico. En el primer eje, el niño recibía algún premio siempre que su conducta fuera la esperada por sus encargados, pero si su comportamiento les parecía inadecuado, lo que recibían era el castigo. Desde ese esquema positivista, orientado desde la psicología conductual norteamericana, se buscaba conseguir la “*regeneración moral*” de los niños delincuentes internados allí (PEÑA, 1904, p. 221). El premio por la conducta esperada consistía en una reducción de la sanción hasta dos años, lo cual indicaba además que ya el niño se encontraba “reformado” y, por tanto, listo para una libertad condicional. El castigo, por su parte, podía ser el traslado o el retorno del niño a la cárcel común, bajo la premisa de que ya no había forma posible de reformar su comportamiento, ocurriendo sobre todo en los casos de los menores señalados como líderes negativos.

Así, el trabajo del reformatorio se consideraba exitoso cuando el menor delincuente había adquirido los “*hábitos de trabajo, obediencia y buena conducta*”, o sea, que volviese a un estado ideal de normalidad (PEÑA, 1904, p. 221). En ese sentido, Foucault (2008) apuntaba a ese ideal de normalidad como esencial a los dispositivos disciplinares. Es decir, el objetivo de los mecanismos normalizadores va a ser lograr que los

individuos ingresen en un sistema de entrenamiento gradual y control interrumpido, para transformarlos en modelos de sujetos dóciles y adaptables a ciertos patrones sociales (FOUCAULT, 2008). La docilidad entraba en sintonía con un nuevo modelo de ciudadano pretendido por las autoridades cubanas. Según afirma Núñez (2012), después de conquistada la independencia de España y en el comienzo de la República cubana, se esperaba poder formar un nuevo tipo de ciudadano, gobernable por el Estado y comprometido ya no con la cuestión emancipadora, sino con la construcción de una sociedad republicana. Por tanto, serían esos niños reformados, convertidos en ciudadanos y trabajadores dóciles los que se esperaba encontrar luego de su paso por el reformatorio.

Es por esa razón por la que se priorizaba el trabajo físico en la institución, siendo este el segundo eje del aparato de normalización. Al respecto, el pediatra e higienista cubano Manuel Delfín Zamora afirmaba que *"Cuba demanda hombres que labren la tierra (...); cubanos que no se marchiten en las sombras de nuestras poblaciones, envilecidas por el vicio y por los crímenes"* (ZAMORA, 1904, p.47). El también médico higienista Juan B. Valdés, definía el objetivo de los reformatorios de menores delincuentes de la siguiente forma: *"de niños débiles tratar de conseguir hombres sanos y robustos, de niños ignorantes, instruidos y educados; de niños holgazanes, activos y laboriosos, de niños de mal comportamiento y malas costumbres, sumisos y morigerados"* (VALDÉS, 1904, p. 39).

Así, como habíamos visto anteriormente, si desde esta concepción el entrenamiento del cuerpo produciría docilidad y a la vez utilidad (FOUCAULT, 2003) la actividad principal a la que serían sometidos los niños del correccional iba a ser el trabajo físico. Esos niños debían trabajar directamente en labores agrícolas no sólo como aprendizaje del oficio, sino como una forma de autoabastecerse de alimentos al propio correccional y así, atenuar los gastos del Estado¹⁴; también podían aprender la carpintería, la herrería, la zapatería, la albañilería, la sastrería, la pintura de inmuebles

¹⁴ La producción agrícola de los niños del reformatorio se usaba también para la alimentación de las niñas recluidas en la Escuela Correccional para Párvulas de Cuba (MORENO, 2015).

(MORENO, 2015). Ese entrenamiento sistemático y automático de los cuerpos, además de la función utilitarista demostraba su intención normalizadora.

Por otra parte, el aprendizaje de esos oficios y el trabajo físico como forma de educación de la infancia se amparaba en un discurso asistencialista, que partiendo de la suposición de que, con esos saberes, el futuro laboral de esos niños estaría garantizado y, por tanto, no serían una carga para el Estado y la sociedad. De ese modo, se suponía que la supuesta peligrosidad de los menores desamparados dejaría de ser un problema en el futuro, toda vez que, al tener un oficio, no tendrían necesidad de dedicarse a la vagancia o a la comisión de delitos. Al respecto, Sandra Caponi sostiene que *“essas estratégias mudas e coercivas que se exercem sobre os corpos (pensemos na medicalização e hospitalização dos ‘loucos’ ou dependentes) insistem e apresentar-se como formas compassivas e piedosas de socorro e assistência”*¹⁵ (CAPONI, 2004, p.41). Es así como, a través del sistema de premios y castigos por conductas, y con el trabajo físico como fórmulas correctivas en la infancia, se mantendría funcionando por varios años la Escuela Correccional para varones de Cuba. No obstante, la efectividad de ese método resultaba dudosa, ya que, según plantea Moreno (2015), el destino de la mayoría de esos niños reclusos allí acababa siendo la cárcel, una vez que cumplían la mayoría de edad penal. Unido a ello, se registraron con bastante frecuencia fallecimientos tanto por enfermedades como por situaciones de violencia extrema. Varios años más tarde, en 1936, aparecería una nueva ley, el Código de Defensa Social, la cual modificaría algunas de las normas referentes al tratamiento punitivo de los menores. Entre las modificaciones se encontraba el aumento de la edad penal para doce años y la introducción de un atenuante para las edades entre doce y dieciocho años. Además, se incorporaron medidas tutelares como la prisión domiciliar, la hospitalaria y la tutoría escolar

¹⁵ “Esas estrategias mudas y coercitivas que se ejercen sobre los cuerpos (pensemos en la medicalización y hospitalización de los ‘locos’ o dependientes) insisten y se presentan como formas compasivas y piadosas de socorro y asistencia” (CAPONI, 2004, p.41, traducción personal).

(ORTIZ, 2011). Sin embargo, lo más significativo de esa ley era que ordenaba la eliminación del modelo de “escuela correccional”, disponiendo el traslado de los menores reclusos para una nueva institución, con la promesa de garantizar reglas más flexibles y mejores condiciones de vida. A pesar de ese cambio, todavía hoy existen en Cuba instituciones que, bajo otros nombres, continúan con la misión de reformar a la infancia peligrosa, mediante el uso de métodos similares.

8. Consideraciones finales

El desempleo, asociado a los altos niveles de criminalidad que existían en Cuba durante el siglo XIX contribuyeron a la consolidación de un discurso de riesgo sobre la población pobre y marginada. Así, esa población se transformó en el objeto priorizado de una estrategia biopolítica del gobierno colonial español, que procuraba mantener el funcionamiento del país y la optimización de la vida de los habitantes. Dicha estrategia buscaba, además, colocar a Cuba dentro del estándar europeo, influenciado sobre todo por el movimiento de la Ilustración. En ese primer momento, correspondiente a la etapa colonial, las clases privilegiadas, junto al discurso intelectual y político, colocaban a la pobreza como telón de fondo de la peligrosidad social. Desde esos lugares se establecieron demandas concretas al gobierno para la ejecución de medidas preventivas y punitivas, las que supuestamente vendrían a resolver la cuestión de la criminalidad y traer un equilibrio social. A partir de ahí se introdujeron una serie de mecanismos para intervenir sobre esa población identificada como la causa principal de los problemas sanitarios y de seguridad en el país. La infancia pobre sería, dentro de los desamparados, uno de los sectores sobre los cuales se intervendría más.

Es así como el discurso sobre la prevención de los riesgos serviría de base para la aplicación de acciones correctivas sobre niños y niñas clasificados como incorregibles, siendo una de las más importantes la creación de asilos y escuelas reformatorios. En este trabajo, por motivo de

espacio, pero también por las diferencias notables entre las instituciones, nos dedicamos exclusivamente al análisis de los establecimientos para niños, especialmente el asilo San José y la Escuela Correccional para Varones. El asilo San José, sería localizado de manera expresa en la periferia de la ciudad, como forma de establecer una división entre esa población infantil considerada peligrosa y el resto de los habitantes de la ciudad. Con un funcionamiento algo rústico comparado con instituciones posteriores, la función principal de este asilo fue la reclusión de los niños llamados delincuentes, utilizando tanto castigos corporales como el trabajo físico sobre un estricto régimen disciplinar semejante a la cárcel para adultos. No obstante, aunque predominasen la internación y el castigo como medios de corrección de conductas, la cuestión del trabajo físico aparece como otra fórmula aplicable. La técnica de tornar a la peligrosidad en algo útil a través del trabajo forzado va a ser el elemento que se mantuvo como una constante cuando el asilo pasó a ser una escuela correccional. En ese cambio de nomenclatura, de “asilo” a “correccional” para menores, encontramos el indicador de una sofisticación del discurso sobre el riesgo, que pasó de apoyarse en una simple cuestión de punición, para usar, además de eso, los saberes médicos y pedagógicos, orientados desde el higienismo.

Posteriormente, con el advenimiento de la República y la intervención norteamericana en Cuba, el modelo de corrección de la infancia peligrosa se tornaría más complejo y especializado. La aparición de nuevos saberes, sobre todo los de la medicina higienista, tuvieron una enorme influencia en esa transformación. La nueva clasificación de escuela correccional ilustra muy bien que se trataba de una nueva forma de gobierno de esos niños “peligrosos”, desmarcándose del modelo asilar, para mostrarse un poco más humanitario. De cualquier forma, esa nueva estrategia no abandonaba el matiz biopolítico de la gestión de la infancia marginada considerada de riesgo, pues la labor de la escuela correccional continuaba existiendo sobre el principio de transformar la pobreza

considerada peligrosa en una fuerza de trabajo utilitaria. Después de la desaparición de la Escuela Correccional para Varones en 1936, aparecieron otras formas de gestión de esa población y surge la cuestión de saber si esos nuevos esquemas responderían a nuevas formas de biopolítica.

9. Agradecimientos

Esta investigación fue realizada con el apoyo de CAPES a través del Programa de Estudiantes Convenio de Posgraduación (PEC-PG).

10. Referencias

ANDRÉS-CANDELAS, Mario. La construcción socio-histórica de la “infancia peligrosa” en España. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 4, n. 1, p. 95-106, 2016. DOI 10.11600/1692715x.1415220615. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5382020>. Acceso en: 21 dic. 2020.

APAOLAZA-LLORENTE, D. La Habana ilustrada del siglo XVIII. Sus transformaciones urbanas a través de la mirada de los bandos de buen gobierno. “Cambiano la imagen de poder”. **Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales**, n. ESPECIAL, p. 63-80, 20 feb. 2018.

CAPONI, Sandra. **Da Compaixão à Solidariedade. Uma genealogia da assistência médica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. ISBN 85-85676-88-4

CAPONI, Sandra. Classificar e medicar: A gestão biopolítica dos sofrimentos psíquicos. Separata de: CAPONI, Sandra; VALENCIA, María Fernanda Vásquez; VERDI, Marta; ASSMANN, Selvino José (org.). **A medicalização da vida como estratégia biopolítica**. 1. ed. São Paulo: LiberArs, 2013. p. 103-119. ISBN 978-85-64783-36-2.

CARRERO, Alexandra Mancera. Niños expósitos y menores en Bogotá: 1791-1920. **Nómadas**, n. 36, p. 225-237, 2012. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105124264015>. Accedido en 21 dic. 2020.

CASTEL, Robert. **La inseguridad social**. Buenos Aires: Manantial, 2011. 112 p. ISBN 978-987-500-078-0.

CASTILLO-GALLARDO, Patricia. Desigualdad e infancia: lectura crítica de la Historia de la Infancia en Chile y en América Latina. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 13, n. 1, p. 97-109, 2015. DOI 10.11600/1692715x.1314030214. Disponible en:

<http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v13n1/v13n1a05.pdf>. Accedido en 20 dic. 2020.

CONFERENCIAS DE BENEFICENCIA Y CORRECCIÓN (Cuba). **Memoria oficial de la Segunda Conferencia Nacional de Beneficencia y Corrección de la Isla de Cuba 1903**. 1. ed. La Habana: Imprenta La Moderna Poesía, 1904. 452 p.

CHAPLE, Enrique Beldarraín. Las instituciones y la salud pública en Cuba en la primera mitad del siglo XX. **Diálogos**: Revista Electrónica de Historia, San José, v. 15, n. 1, p. 175-191, 2014. Disponible en: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/dialogos/article/view/8373>. Accedido en: 10 ene. 2020.

DUQUE, Matías. **La prostitución, sus causas, sus males, su higiene**. La Habana: IMPRENTA Y PAPELERÍA DE RAMBLA, B Q | 2 * Y COMPAÑÍA, 1914.

ENRIQUE, Martha Elizabeth Laguna. Vestigios de una necrópolis neoclásica: el Cementerio de Espada. **Anales del Museo de América**, [s. l.], n. 18, p. 192-211, 2010. Disponible en: https://www.researchgate.net/publication/277262261_Vestigios_de_una_necropolis_neoclasica_el_Cementerio_de_Espada. Accedido en: 30 ene. 2020.

FERNÁNDEZ, José Gregorio Cayuela. **Un siglo de España: centenario 1898-1998**. Castilla La Mancha: Universidad de Castilla La Mancha, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Power/knowledge**: Selected Interviews and Other Writings 1972-1977. New York: Pantheon Books, 1980. ISBN 0-394-51357-6.

FOUCAULT, Michel. **Estrategias de poder**: Obras esenciales. 1. ed. Barcelona: Paidós, 1999. 203 p. v. II. ISBN 84-493-0695-7.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 288 p. ISBN 85.326.0508-7.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. 1. ed. São Paulo: Martin Fontes, 2008. 295 p. ISBN 978-85-336-2377-4.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018. 269 p. ISBN 978-85-7827-300-2.

GARCÍA, Antonio Santamaría. El crecimiento económico de Cuba republicana (1902-1959): Una revisión y nuevas estimaciones en perspectiva comparada (población, inmigración golondrina, ingreso no azucarero y producto nacional bruto). **Revista de Indias**, [s. l.], v. LX, n. 219, p. 505-545, 2000. Disponible en: <http://revistadeindias.revistas.csic.es/index.php/revistadeindias/article/view/517>. Accedido en: 10 ene. 2020.

GOBIERNO Y CAPITANÍA GENERAL DE CUBA (Cuba). Miguel Tacón. 1838. **Relación del Gobierno superior y Capitanía General de la Isla de Cuba**, La Habana: Imprenta del Gobierno y Capitanía General, 1838. Disponible en: https://books.google.com.br/books?id=IOuMvf3uU0EC&printsec=frontcover&hl=es&source=gbs_ge_summary_r&cad=0. Accedido en: 13 mayo 2020.

GONZAGA, Arthur Ramos. **A Criança e a Periculosidade: a construção social da penologia infantil no Brasil**. Orientadora: Sandra Caponi. 2018. 212 p. Dissertação de mestrado (Mestre em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponible en: <http://150.162.242.35/bitstream/handle/123456789/194466/PSOP0625-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Accedido: 21 dic. 2020.

HERNÁNDEZ, José Joaquín. El Mataperros. *In*: BUENO, Salvador (org.). **Costumbristas cubanos del siglo XIX**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1958. p. 161-165. ISBN 84-660-0123-9.

LOPEZ, Ricardo. Historia de Cuba. **Historia (Santiago)**, Santiago, v. 43, n. 1, p. 271-282, jun. 2010. Disponible en <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-7194201000100016&lng=es&nrm=iso>. Accedido en 22 agosto 2020. <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-71942010000100016>.

MARTÍNEZ, Yolanda Díaz. De marginados a trabajadores. Usos y destinos de la población penal en La Habana. **Millars**, Castellón de la Plana, v. XXXV, p. 129-149, 2012. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4126645>. Accedido en: 29 jul. 2020.

MÉNDEZ, Emilio García. Derecho de la infancia-adolescencia en América Latina: de la situación irregular a la protección integral. Bogotá: Fórum Pacis, 1994.

MITJAVILA, Myriam. O risco como recurso para a arbitragem social. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 129-145, Oct. 2002. Disponible en: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702002000200007&lng=en&nrm=iso>. Accedido en: 10 agosto 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702002000200007>.

MORENO, Reinier Borrego. La nación desvalida. Pobreza y beneficencia pública en Cuba (1899-1930). **Temas**, La Habana, n. 84, p. 54-62, oct/dic 2015.

MORENO, Reinier Borrego. Mataperros entre esclavos y libres “de color”. **Revista de Historia de las Prisiones**, [s. l.], n. 4, p. 60-91, ene/jul 2017. Disponible en: [www.revistadeprisiones.com > uploads > 2017/05 > 3.mataperros.pdf](http://www.revistadeprisiones.com/uploads/2017/05/3.mataperros.pdf). Accedido en: 15 enero 2020.

NÚÑEZ, Yoel Cordoví. Cuerpo, pedagogía y disciplina escolar en Cuba: dispositivos de control desde los discursos higienistas (1899 - 1958). **TZINTZUN Revista de Estudios Históricos**, Michoacán, n. 56, 2012. Disponible en: <http://www.scielo.org.mx/pdf/tzintzun/n56/n56a3.pdf>. Accedido en: 3 agosto 2020.

ORTIZ, Medardo German Castro. **¿Niños delincuentes? Fundamentos de su punibilidad en el derecho penal moderno**. Orientador: Yisel Boza Cruz. 2011. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura en Derecho) - Universidad Técnica de Cotopaxi, Ecuador, 2011. Disponible en: <http://repositorio.utc.edu.ec/bitstream/27000/923/1/T-UTC-0657.pdf>. Accedido en: 6 feb. 2020.

PADILLA, Antonio Arroyo. Escuelas especiales a finales del siglo XIX. Una mirada a algunos casos en México. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, México, v. 3, n. 5, 1998. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=300279>. Accedido en: 19 dic. 2020.

PEÑA, J.M. La legislación y la escuela correccional para varones. Separata de: CONFERENCIA NACIONAL DE BENEFICENCIA Y CORRECCIÓN DE LA ISLA DE CUBA (La Habana). **Memoria oficial de la Segunda Conferencia Nacional de Beneficencia y Corrección de la Isla de Cuba 1903**. 1. ed. La Habana: Imprenta La Moderna Poesía, 1904. p. 216-226.

RAMÍREZ, Antonio Guzmán. Valoración de la educación en el territorio nororiental de Cuba durante la República (1902-58). **Luz**, Holguín, v. 8, n. 2, 2009. Disponible en: <https://luz.uho.edu.cu/index.php/luz/article/view/432>. Accedido en: 10 ene. 2020.

RODRÍGUEZ, Alicia Conde. **Pensamiento pedagógico cubano 1902-1920: Crítica y conciencia en la República**. 2. ed. La Habana: Ciencias Sociales, 2018. ISBN 978-959-06-2058-4.

SACO, José Antonio. **La vagancia en Cuba**: Vigencia de Saco. ESTENGER, Rafael (ed.). La Habana: Ministerio de Educación, Dirección de Cultura, 1946. 135 p.

SIERRA, Félix Santularia. Las "Casas de Corrección" en el siglo XIX español. (Notas para su estudio). **Historia de la educación**, Salamanca, n. 18, p. 93-109, 1999. Disponible en: https://www.researchgate.net/publication/39148259_Las_casas_de_correccion_en_el_siglo_XIX_espanol_notas_para_su_estudio. Accedido en: 29 jul. 2020.

STAGNO, Leandro. **La minoridad en la Provincia de Buenos Aires, 1930-1943**: ideas punitivas y prácticas judiciales. 2008. Tesis de posgrado. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO). Sede Académica

Argentina. Disponible en:
<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.327/te.327.pdf> . Accedido en:
10 marzo 2021

VALDÉS, Gerónimo. **Bando de gobernación y policía de la isla de Cuba.** [s.l.] Impr. del Gobierno y Capitanía General por SM,1842.

VALDÉS, Juan B. Protección al niño. Separata de: CONFERENCIA NACIONAL DE BENEFICENCIA Y CORRECCIÓN DE LA ISLA DE CUBA (La Habana). **Memoria oficial de la Segunda Conferencia Nacional de Beneficencia y Corrección de la Isla de Cuba 1903.** 1. ed. La Habana: Imprenta La Moderna Poesía, 1904. p. 35-43.

VÁZQUEZ, María Osta. Niños y Niñas, expósitos y huérfanos en Montevideo del siglo XIX. **Rev. Fac. Der.**, Montevideo, Uruguay, n. 41, p. 155-189, dez. 2016. DOI 10.22187/rfd201627. Disponible en: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2301-0665201600200007&lng=es&nrm=iso. Accedido en: 20 dic. 2020.

ZAMORA, M.D. La regeneración del niño por los trabajos agrícolas. Escuelas agrícolas. Separata de: CONFERENCIA NACIONAL DE BENEFICENCIA Y CORRECCIÓN DE LA ISLA DE CUBA. (La Habana). **Memoria oficial de la Segunda Conferencia Nacional de Beneficencia y Corrección de la Isla de Cuba 1903.** 1. ed. La Habana: Imprenta La Moderna Poesía, 1904. p. 45-52.

ZANELLA, Maria Nilvane. A implantação do menorismo na América Latina no início do século XX: tendências jurídicas e políticas para a contenção dos mais pobres. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, n. 3, 2019. DOI 10.21723/riaee.v14iesp.3.12761. Disponible en: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12761>. Accedido en: 19 dic. 2020.



A CIDADE EM FESTA: FRATERNIDADES FOLCLÓRICAS BOLIVIANAS EM SÃO PAULO

*LA CIUDAD EN FIESTA: FRATERNIDADES FOLKLÓRICAS BOLIVIANAS
EN SÃO PAULO*

*THE CITY IN CELEBRATION: BOLIVIAN FOLKLORIC FRATERNITIES
IN SÃO PAULO*

Vinícius Mendes¹ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: O artigo propõe uma virada empírica sobre a presença boliviana em São Paulo, colocando as fraternidades folclóricas, suas danças e personagens, como objeto de pesquisa. Assim, pode-se avançar em relação às investigações que já apontaram a migração boliviana em torno da lógica do trabalho, como o “dispositivo oficina de costura” e o agenciamento de trabalhadores informais na Bolívia. Para atingir este objetivo, o artigo conceitua as fraternidades a partir da descrição dos contextos que elas protagonizam, assim como das relações que são promovidas entre os bolivianos, deles com a cidade e com a própria memória do país que eles deixaram. Assim, é possível encontrar e almejar outras potencialidades de compreensão do fenômeno para além das perspectivas já consagradas na literatura. Em segundo lugar, o artigo demonstra que as fraternidades engendram uma outra territorialidade boliviana em São Paulo – marcada pelo movimento constante de pessoas, mas também de objetos, imagens e capital sobre o mapa da cidade. Utilizando “métodos móveis” de análise, foi possível seguir as fraternidades ao longo de um ano em seus “ciclos de festas”. Ao estar em movimento com elas, descobriu-se toda uma circulação urbana - cujas lógicas vão além das delimitadas pela demanda por trabalho – que se realiza dançando.

Palavras-chave: São Paulo; Migração; Bolivianos; Festa; Mobilidade.

Resumen: Este artículo propone un giro empírico sobre la presencia boliviana en São Paulo, en el cual las fraternidades folclóricas, sus danzas y personajes son el objeto de investigación. Haciéndolo, es posible avanzar

¹ Mestrando do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa Mobilidades, Teorias, Temas e Métodos (MTTM) da mesma universidade. E-mail: vinicius.mendes@usp.br

en relación a investigaciones las lógicas del trabajo, como el “dispositivo taller de costura” y a la contratación informal de trabajadores en Bolivia para los talleres de la ciudad brasileña. Para sustentar esta nueva perspectiva, el artículo define a las fraternidades a partir de la descripción de los contextos que ellas protagonizan, así como de las relaciones que son promovidas entre los bolivianos, de ellos con la ciudad y con la memoria del país que se quedó. De ese modo, es posible encontrar y alcanzar posibles comprensiones del fenómeno, más allá de las consagradas en la literatura. Después, el artículo demuestra que estas fraternidades conllevan a otra territorialidad boliviana – cuya singularidad es el movimiento constante de personas, pero también de objetos, imágenes y dinero – por la ciudad. Mediante los “métodos móviles” de análisis, fue posible acompañar a las fraternidades, por el periodo de un año, en sus “ciclos de fiestas”. Al moverse con ellas, se descubre toda una circulación urbana - cuya lógica sobrepasa a la del trabajo - que se concretiza en las danzas.

Palabras clave: São Paulo; Migración; Bolivianos; Fiesta; Mobilidade.

Summary: This article presents two arguments: firstly, it will demonstrate how Bolivian folkloric fraternities have empirical potential to help one get a better understanding of the way Bolivian migrants live in São Paulo, Brazil – not only focusing on them as sewing-workers. To do so, it describes different contexts in which they operate in the city, the relations between actors (and they with the city) makes a comparison between social dynamics of Bolivian fraternities in La Paz, Bolivia, where they originated, and the specific characteristics of those from São Paulo. Secondly, it explores how Bolivian fraternities are responsible for another Bolivian urban circulation around the city – where people, objects, images, capital and ideas move across the city map. The methodology, in dialogue with “mobile methods”, was to follow them to their traditional parties for one year. This way, I was able to observe urban mobility also in their fraternities, with their dances and Bolivian national symbols, not restricting it to commutes between multiple jobs at “sewing dispositives”, or in and out of the country, as some of them will return to Bolivia after a period of time working at these dispositives, to later return to Brazil for another round of work. This movement takes place where Bolivian migrants in Sao Paulo live and also where they have not lived yet.

Keywords: São Paulo; Migration; Bolivian migrants; Mobility

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.180561](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.180561)

Recebido em: 04/01/2020

Aprovado em: 30/06/2021

Publicado em: 01/07/2021

1. Introdução

Nas últimas décadas, a literatura sobre bolivianos em São Paulo foi enriquecida principalmente com investigações sobre o aumento desses fluxos migratórios em direção à cidade (SOUCHAUD, 2012; FREITAS, 2014), fenômeno que foi lido como uma consequência tanto dos contextos econômicos distintos no Brasil, na Bolívia e na Argentina – que recebeu migrantes daquele país durante boa parte da segunda metade do século XX (GRIMSON, 1997) – como da estruturação de uma rede transnacional de agenciamento de trabalhadores nas principais cidades bolivianas para oficinas de costura na capital paulista (SILVA, 2008; CÔRTEZ, 2013; FREITAS, 2014).

Assim, se no ano 2000 o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostrava a existência de 7.722 bolivianos residentes na capital paulista em um universo de 20.388 vivendo no Brasil (SOUCHAUD, 2012, p. 274), nas vésperas das eleições gerais na Bolívia, em 2019, o Órgão Electoral Plurinacional (OEP), responsável por organizar o sufrágio do país, publicava um relatório afirmando que 45.793 eleitores estavam habilitados a votar em território brasileiro – destes, 32.523 compareceram aos postos de votação² no mês de outubro.

As dinâmicas que tecem a lógica do trabalho permitiram também que certas territorialidades migrantes fossem desenhadas por meio de categorias *imóveis* de análise sociológica, como os locais onde eles moram e trabalham (normalmente o mesmo lugar). Foi assim que alguns estudos conseguiram mapear os pontos com maior concentração de bolivianos em São Paulo, como o de Iara Rolnik (ROLNIK, 2010) na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), dado revisto anos depois por Fabio Pucci (PUCCI, 2017), além do de Gabriela Oliveira (OLIVEIRA, 2016), que coletaram

² Instituto Nacional de Estadística (INE-Bolívia), outubro de 2019. Link: <https://bit.ly/34vAtFC>. Acessado em 10 de dezembro de 2020

números do Censo de 2010 do IBGE para mensurar a chegada de bolivianos a cidades do interior do Estado.

No entanto, um elemento fundamental do fenômeno migratório boliviano em São Paulo, que também chegou para a cidade no início dos anos 2000, ainda não foi totalmente abordado pela literatura: as fraternidades folclóricas³. Por isso, a seguir, pretendo expor brevemente não apenas a discussão sobre o que elas significam – um debate em curso hoje na Bolívia –, como também apresentar os contextos que protagonizam na cidade, as relações que promovem entre os migrantes (e entre eles com a metrópole), as questões que elucidam e as diferenças entre as fraternidades da Bolívia e as de São Paulo. O objetivo, neste primeiro momento, é salientar a importância empírica deste objeto de pesquisa para uma melhor compreensão sociológica do fenômeno. Depois, argumento que as fraternidades folclóricas, com lógicas, fluxos e agências próprias, muitas delas importadas dos seus contextos de origem, dão a tônica de uma outra territorialidade boliviana em São Paulo – só acessível por meio de categorias e métodos *móveis* (BÜSCHER; VELOSO, 2018; FREIRE-MEDEIROS; TELLES; ALLIS, 2018) de compreensão.

Para realizar esta investigação, entrevistei vinte pessoas – de dentro e de fora das fraternidades – em questionários não-estruturados ao longo dos anos 2019 e 2020, na maior parte das vezes em contextos festivos públicos e privados em São Paulo, mas também em conversas gravadas por telefone⁴. No primeiro ano de campo, no entanto, a base metodológica

³ O termo “folclórica” é usado aqui para manter a forma como os atores do estudo o apresentam em seus cotidianos – sem que, contudo, não possa ser questionado: autores como Javier Flores (2017) argumentam que a “folclorização” das festas *cholas* na Bolívia é, na verdade, um dispositivo colonial que funciona para alienar e encapsular o potencial político da festa, apenas em seu contexto particular, festivo, e não como demonstração de um “horizonte de sentido” distinto (FLORES, 2017, p. 74). Por outro lado, Cleverth Cárdenas (2019) defende que tanto o termo “folclore”, como a denominação de “folclorista” para os protagonistas da festa do Gran Poder, em La Paz, não podem ser tomados desta forma, uma vez que eles foram ferramentas dos *cholos paceños* como maneira de inserção na narrativa nacional. O dispositivo apontado por Flores aparece, neste autor, como “folclorismo” – um discurso da elite letrada boliviana sobre as práticas festivas indígenas que ocorrem no ambiente urbano (CÁRDENAS, 2019, p. 55). Neste trabalho, foi privilegiada a leitura de Cárdenas, não apenas por seu marco conceitual como por manter a forma como os atores estudados constroem e apresentam suas próprias identidades.

⁴ As medidas de restrição de circulação impostas pelo governo de São Paulo a partir de março de 2020 fizeram com que as festas bolivianas fossem canceladas ou suspensas entre 2020 e 2021, assim como a Praça Kantuta, tradicional ponto de encontro da “comunidade”, que deixou de acontecer por seis meses durante a pandemia de covid-19. Assim, entrevistas que estavam marcadas para acontecer presencialmente precisaram ser redirecionadas.

do trabalho, seguindo a proposta do paradigma das mobilidades (FREIRE-MEDEIROS; LAGES, 2020) foi estar fisicamente com as fraternidades dentro dos seus ciclos de festas (SILVA, 2002)⁵, acompanhando *in loco* não apenas os diferentes deslocamentos dos seus protagonistas pela cidade, mas também dos objetos (APPADURAI, 1988), das imagens e do capital que se movimentam inevitavelmente junto com eles – como elementos fundamentais das celebrações.

2. As fraternidades folclóricas bolivianas

As fraternidades são conjuntos formados por centenas de pessoas e ao redor de várias danças do folclore boliviano⁶ que ritualizam e articulam práticas andinas pré-colombianas, devoções católicas com manifestações sociais próprias – desde a presença indígena no cenário urbano até a recepção, adaptação e diálogo dessas práticas com outras instituições (o Estado, sobretudo) e com diferentes estratos sociais. Até por isso, danças e fraternidades foram e seguem sendo instrumentos importantes dentro do jogo de forças político, social e econômico na Bolívia e em contextos migratórios – como em Buenos Aires, na Argentina (GAVAZZO, 2006), em Madrid, na Espanha (HINOJOSA, 2009), em Arlington, nos Estados Unidos

⁵ Silva (1997; 2002; 2005) se vale da expressão “ciclo de festas” para se referir ao conjunto de celebrações devocionais organizadas pelos bolivianos em São Paulo ao longo do ano, sempre ao redor da data da independência da Bolívia, no começo de agosto, quando acontece a principal festa da “comunidade” - que hoje acontece no Memorial da América Latina. O ciclo de festas, segundo o autor, segue o calendário de celebrações marianas do país andino (Virgens de Urkupiña, Copacabana e Socavón, entre outras), que, em São Paulo, se insere dentro de um outro ciclo, mais amplo, de festas religiosas organizadas por outros latino-americanos na cidade (considerando aqui a participação da Pastoral do Migrante em cada uma delas). Silva diz que, nas festas bolivianas, o que chama a atenção “é a quantidade de pessoas de diferentes classes sociais, faixas etárias e origens étnicas que elas são capazes de aglutinar. Também é notável a diversidade de tradições, ritmos, sabores e objetos da cultura material veiculados nessas festividades (SILVA, 2005, p. 79).

⁶ O folclore é, de forma sucinta, todo um conjunto de práticas que, envolvidas entre si em um longo processo histórico, marcado pela colonização, mas também pelas resistências a ela, fornecem hoje um estilo de vida para as populações indígenas urbanas – tanto na Bolívia quanto nos contextos migratórios. Nele estão reunidos desde a devoção os rituais às divindades andinas até a devoção católica em seu aspecto popular, desde o desejo e a possibilidade de pertencimento ao discurso nacional (CÁRDENAS, 2019) até os símbolos de indigeneidade – como a língua, as imagens, os deuses, os trajes, as roupas, etc. (FLORES, 2017), enfim, desde as danças como um espetáculo objetificado e ofertado no mercado de trocas capitalistas, como o circuito turístico, até as mesmas danças como sinais inequívocos da presença indígena no contexto urbano. Para os migrantes, o folclore – da forma como é vivido por eles – é ainda a performance definitiva daquela “memória coletiva” (SILVA, 2002) da nação que une todos em torno de uma mesma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008). É parte do que Mabel Moraña (2018) define como propriamente cultura, uma noção que vai da indústria cultural à literatura, da publicidade e do consumo aos esportes, dos movimentos sociais à filosofia, da arte ao folclore (MORAÑA, 2018, p. 98).

(ÁVILA, 2004) e em São Paulo. Elas se apresentam em grandes celebrações devocionais ou cívicas, como a festa do Señor Jesús del Gran Poder, em La Paz, e o Carnaval de Oruro, ambas na Bolívia, mas também encerram relações sociais fora dos contextos festivos, seja em pequenos encontros ou em momentos rituais, como ensaios ou aniversários de fundação e, até por isso, seus protagonistas costumam ter origens regionais, profissionais ou sociais semelhantes. Essas relações chegam ao ponto de forjar interações econômicas próprias, muitas vezes em contraste às teorias clássicas, como mostra Nico Tassi (2010) em seu estudo no bairro do Gran Poder, em La Paz. As origens distintas das danças refletem também as suas potencialidades para além da *performance* em si (FLORES, 2017), o que se vê melhor no caso da *morenada*, cuja existência desempenha papel chave nas reivindicações políticas, sociais e identitárias dos indígenas urbanos no contexto *paceño* há décadas (TASSI, 2010, CÁRDENAS, 2019). No entanto, muitas delas circulam em outros universos, como o estético e, por isso mesmo, mais articulados com a lógica mercantil, como é o caso do *caporal*, dança quase totalmente dominada pela presença de jovens urbanos de classes mais altas.

Hoje, no entanto, a grande maioria das danças apresentadas pelas fraternidades possui também – e principalmente – um forte componente cristão ou de suas origens rituais em torno dos ciclos agrícolas andinos (FLORES, 2017), sem deixarem para trás a função de congregar *fraternos* por meio de divisões profissionais, como é o caso de fraternidades fundadas por açougueiros ou motoristas de ônibus de La Paz, e de proprietários de oficinas de costura em São Paulo.

As danças são divididas em três categorias: as *pesadas* são aquelas cujos desfiles reúnem sempre um grande número de pessoas em trajes volumosos e exclusivos para cada apresentação. A única dança que possui essas características é a *morenada*, em que cada fraternidade possui entre 600 e 1.000 *fraternos*, na Bolívia, e cerca de 500 em São Paulo. Para dançá-la, as mulheres encomendam a grandes oficinas de costura de La

Paz ou Cochabamba *polleras* e *aguayos* ou mantas que podem ser, muitas vezes, utilizadas apenas durante uma única festa. Elas também adornam seus chapéus da marca italiana Borsalino com broches banhados a ouro, mesmo metal precioso que exibem nos dentes (TASSI, 2010), enquanto os homens alugam dos mesmos costureiros especializados fraques, coletes e gravatas que passam dias em trânsito por entre as fronteiras nacionais durante as celebrações mais importantes, indo e voltando entre seus locatários e fornecedores bolivianos. Todo esse movimento se parece com a maneira como Appadurai enxerga a circulação de “bens de luxo” nas sociedades capitalistas modernas⁷, isto é, menos como “necessidade” e mais como “retórica” direcionada ao social (APPADURAI, 1988, p. 38). A segunda categoria é a das danças *livianas*, como *tinkus*, *caporal*, *salay*, *diablada*, entre outras, assim chamadas porque são menores, reunindo, no máximo, 200 *fraternos* no caso de São Paulo e o dobro disso nas festividades bolivianas. Por último, há ainda a categoria de danças *autóctones*, isto é, aquelas cujos membros desfilam também tocando instrumentos musicais, como flautas, *ronrocos*, *charangos*, pandeiros, etc. – é o caso da *saya*, dança de origem africana da região dos Yungas, perto de La Paz, para onde os escravos vindos da África foram levados no período colonial.

As fraternidades complexificam ainda mais esse sistema de categorias de danças ao criarem, executarem e apresentarem seus próprios passos e coreografias, no afã de encerrarem em si mesmas uma certa individualidade da *performance*. Dessa forma, embora seja possível falar de forma abstrata dos movimentos básicos do *caporal* ou do *salay*, por exemplo, cada uma das fraternidades que se dedicam a dançá-los procuram inventar marcações próprias que, aos olhos do público, signifiquem uma particularidade definitiva.

⁷ Arjun Appadurai observa que a circulação de bens de luxo nas sociedades capitalistas modernas tenta dar conta de demandas retórica e social (Appadurai, 1988, p. 38, grifos originais), e não de necessidade de consumo. Eles atuam como símbolos materializados cuja validade só pode ser social. Isso significa dizer, segundo ele, que a necessidade que tais bens precisam satisfazer é de ordem eminentemente política, à medida em que eles são menos uma “classe especial de coisas” e mais um “registro especial de consumo” (idem).

Por fim, há uma terceira e importante divisão interna em cada fraternidade: elas geralmente são constituídas por diferentes *bloques* no caso das *morenadas*, ou de *tropas* e *filas*, no caso dos *caporales*, isto é, grupos menores que possuem trajetórias, celebrações e atores próprios e que só se encontram para formar o *corpus* de suas fraternidades durante as apresentações oficiais – quando esses pequenos conjuntos internos perdem sua heterogeneidade. Outras, porém, têm divisões internas mais frouxas: caso das que dançam *salay* ou *tinkus* – principalmente porque, no caso de São Paulo, não costumam ter uma grande quantidade de *fraternos* para organizar, mas também porque os passos e movimentos das danças que performam são iguais para homens ou mulheres, jovens ou mais velhos, etc., o que não acontece em danças como o *caporal*.

O antropólogo David Guss (2006) rememora a gênese das fraternidades folclóricas em La Paz em um contexto de lutas étnicas e sociais cuja expressão mais concreta era a divisão da cidade em duas partes – uma a leste, onde habitavam famílias euro-bolivianas (*criollos*, profissionais liberais e empresários), e outra a oeste, indígena, onde se assentavam comunidades agrícolas com padrões sociais e econômicos pré-colombianos. Entre elas, o Rio Choqueyapu funcionava como uma separação natural. No início do século 20, as famílias brancas passaram a organizar fraternidades⁸ que, durante o Carnaval, performavam uma tentativa de manter o controle do país, e cujos nomes eram mensagens subliminares (*Terroristas*, *Anarquistas*, *Manos Negras*), ou manifestações explícitas de preconceito (*Durmientes*, em referência à “preguiça” dos índios). Como reação, os indígenas *paceños* também organizaram fraternidades que, se tinham o objetivo inicial de reagir ao discurso euro-boliviano, logo se tornaram meios de reafirmar seu lugar no espaço urbano dividido (GUSS, 2006, p. 303-304). Elas ganhariam outra dimensão

⁸ Tassi sugere que a palavra “fraternidade” tenha sido resgatada das fraternidades espanholas do século XVIII, que promoviam encontros sociais (cultos e atividades de caridade, mas também reuniões esporádicas no tempo livre), mas logo se tornaram importantes células econômicas por causa do alto volume de doações que conseguiam fazer circular. No entanto, muitas vezes o dinheiro ia para “outros gastos que não estavam relacionados ao suposto objetivo religioso, e os fundos iam para fins profanos - festivais, almoços, músicas e outros” (TASSI, 2010, p. 88 e 89)

com a Revolução de 1952, quando muitos indígenas trocaram as áreas rurais pelas grandes cidades da Bolívia e, em paralelo, engrossaram as fileiras das fraternidades de *morenada*, já uma dança comum no Carnaval, mas que se tornava pouco a pouco uma expressão definitiva da devoção à imagem do Señor Jesus del Gran Poder⁹, na ladeira oeste da cidade. Nos anos 1970, o crescimento da celebração religiosa em sua homenagem atingiu seu ápice quando os *fraternos* cruzaram pela primeira vez a antiga divisão colonial, a avenida construída por sobre o rio e dançaram até o centro da cidade (GUSS, 2006; CÁRDENAS, 2019).

A história das fraternidades folclóricas bolivianas é, assim, também a história da reivindicação, por meio do ato de dançar, da ocupação e circulação por lugares diversos – físicos, sociais, étnicos, etc. – protagonizadas por uma população específica, *chola*, perante uma minoria também étnica e social que controlava até pouco tempo todos os espaços da sociedade boliviana (GARCÍA LINERA, 2010). Este parece ser o caso também na metrópole brasileira em estudo.

3. As fraternidades folclóricas bolivianas em São Paulo

Em São Paulo, elas eram poucas até o início dos anos 2000¹⁰, quando o padre e antropólogo Sidney Silva (1997; 2002: 2012) inaugurou os estudos sobre migrantes bolivianos na cidade. Naquele período, as principais festas bolivianas ainda eram organizadas na e pela Pastoral do Migrante, da Paróquia Nossa Senhora da Paz, no Glicério, zona central da cidade, também conhecida como Missão Paz. Além de novenas, batismos, casamentos e *ruthuchas* (eventos em que se corta o cabelo de uma criança pela primeira vez), era ali também que acontecia o principal evento do calendário boliviano na cidade: a celebração que acontece nos primeiros

⁹ Para saber sobre a história da chegada da imagem do Señor Jesus del Gran Poder a La Paz e a posterior devoção a ela na ladeira oeste de La Paz, ver Cárdenas (2019); Flores (2017) e Tassi (2010).

¹⁰ Silva (2006) encontrou cerca de cinco fraternidades em seu trabalho de campo no começo dos anos 2000, sendo a principal delas a Bolívia Central, de *morenada*, que, “fundada em 2002, reúne pelo menos trezentos integrantes, a maior parte deles donos de oficinas de costura” (Silva, 2006, p. 168). À época, o autor as descreveu como conjuntos criados para “animar as festas devocionais” (idem).

finais de semana de agosto e que, apesar de se justificar pela data cívica de independência da Bolívia (6 de agosto), recorre a traços de duas outras grandes festas do país: o Carnaval de Oruro, na cidade de mesmo nome, em fevereiro, e o Gran Poder, em La Paz, entre junho e julho.

A expansão simbólica e material da festa de agosto atesta agora para um novo momento da presença boliviana na cidade: organizada ao longo do primeiro final de semana do mês no Memorial da América Latina, na Barra Funda, zona oeste da cidade, recebe o nome de “Fe y Cultura” e não é mais organizada pela Missão Paz, mas pela Associação Cultural Folclórica Bolívia Brasil (ACFBB)¹¹. Na edição de 2019, a festa paulistana fez circular 40 mil pessoas e quatro mil dançarinos das vinte fraternidades folclóricas que se apresentaram durante o final de semana de desfiles, segundo a entidade. Essa transformação subjetiva e objetiva aconteceu ao longo das duas últimas décadas motivada por vários fenômenos, como a presença crescente de novos migrantes na cidade (engrossando as fileiras das fraternidades, mas também as arquibancadas do evento), a chegada da segunda geração, filha de migrantes bolivianos, à juventude, interessada em recuperar uma memória afetiva (SILVA, 2002) dos seus pais e, enfim, a institucionalização da organização das celebrações por meio de entidades políticas, tais como a ACFBB, que puderam estruturar diálogos mais próximos entre os bolivianos e as autoridades estatais.

Da mesma forma, se eram pequenas e mesmo raras na época em que Silva foi a campo, com apresentações esparsas dentro de um ciclo de festas restrito a comemorações privadas, hoje elas estão presentes em todos os eventos bolivianos em São Paulo, sejam públicos ou privados, grandes ou pequenos, religiosos ou cívicos, formais ou informais – sempre performando alguma das cinco danças mais comuns (*morenada*, *diablada*, *caporal*, *tinkus* e *salay*).

¹¹ Há diversas outras associações de migrantes bolivianos em São Paulo, como a que organiza a feira da Praça Kantuta, aos domingos (Associação Gastronômica, Cultural, Folclórica Boliviana Padre Bento) e duas entidades representativas: a Associação dos Residentes Bolivianos (ADRB) e a Federação dos Residentes e Associações Bolivianas (FRABB).

Ao longo da minha pesquisa de campo, pude observar que, se por um lado elas dividem autonomamente os atores em recortes linguísticos, geracionais, sociais e regionais (herdados do contexto de origem), constituindo fronteiras tensas o suficiente para aproximá-los de uns e distanciá-los de outros na mesma proporção – tanto no cotidiano do trabalho quanto no tempo livre – por outro lado as fraternidades folclóricas são o principal meio pelo qual os bolivianos performatizam uma certa *bolivianidade* (GRIMSON, 1997; SANTOS, 2015) para os habitantes locais, e isso tanto no sentido de uma reivindicação por um lugar na cidade diferente do senso comum, que os observa apenas pela imagem do trabalhador têxtil precário, quanto para ofertar produtos “típicos” na Praça Kantuta, o principal ponto de encontro dos migrantes da Bolívia em São Paulo e cuja feira é voltada, em boa parte, para os “turistas”¹² brasileiros. Também é um meio pelo qual os jovens brasileiros filhos daqueles migrantes chegados no início dos anos 2000 ainda podem estabelecer vínculos mais sólidos com o país dos seus familiares, como ouvi de muitos interlocutores na faixa etária dos 20 anos – e como Santos (2015) também descreveu em seu trabalho sobre as danças bolivianas no contexto paulistano.

As fraternidades folclóricas em São Paulo, no entanto, carregam entre si algumas das divisões originais do cenário boliviano, como os aspectos regionais (a *morenada* é uma dança *paceña*, enquanto o *caporal* é de Cochabamba) ou sociais, que as diferenciam também a partir da posição social dos seus membros. No meu trabalho de campo, notei como a hierarquia das danças e das fraternidades expressa também a hierarquia social dos seus membros (Arteaga, 2017), formando um sistema complexo e

¹² Muitos comerciantes da feira da Praça Kantuta me disseram, durante a pesquisa de campo, que a maior parte dos seus produtos são vendidos para brasileiros que visitam o local aos domingos – e não para os frequentadores bolivianos. Isso se vê mais fortemente em algumas barracas em que a bandeira do Brasil ou outros símbolos nacionais brasileiros são colocados lado a lado com as cores da Bolívia. Na metade de 2019, uma empresa privada resolveu aumentar esse vínculo ao promover uma linha de transporte gratuita ligando alguns pontos turísticos e estações de metrô da cidade à Praça, cujo intuito era aumentar a presença dos “turistas” brasileiros no local.

que se organiza à imagem e semelhança das posições sociais dentro da “comunidade”.

Essa hierarquia se materializa principalmente pelos custos exigidos para ser um *fraterno*, mas também pelos meios de admissão de novos membros. Assim, enquanto fraternidades de *caporal* costumam exigir que postulantes sejam aprovados em espécies de provas físicas, em que eles devem dançar diante de bancas avaliadoras, nas de *morenada* só se entra por meio de um convite vindo de um *fraterno* mais antigo. Nas fraternidades de *salay*, por sua vez, a única exigência para ser aceito é, nas palavras de um interlocutor, “*querer dançar*”. Essas diferenças da ordem do social se justapõem às de ordem econômica: pertencer a uma fraternidade depende também do dispêndio de recursos financeiros para comprar os trajes das festas a cada ano, financiar as suas celebrações e pagar custos envolvidos nos desfiles, como a contratação de bandas e o pagamento da taxa anual cobrada pela ACFBB, quando não da exigência – no caso das *morenadas* – de que seus membros sejam economicamente ativos ao longo de todo o seu ciclo de festas, por meio de doações e patrocínios pontuais das celebrações.

Se um único traje para a dança da *morenada* na Fe y Cultura custa cerca de R\$ 5 mil, as roupas dos *caporales* não sai por menos de R\$ 2 mil, enquanto os vestidos e coletes personalizados que os dançarinos de *salay* usam nas suas apresentações custam cerca de R\$ 550¹³. Da mesma forma, é comum que membros das *morenadas* sejam convidados para ajudar no financiamento das festas internas das fraternidades, servindo como *padrinos*, quando não são escolhidos pelos fundadores para serem eles os patrocinadores principais (*pasantes*¹⁴). Nos *caporales*, ao contrário, tudo

¹³ Valores coletados ao longo do trabalho de campo em 2020.

¹⁴ Os *pasantes* são casais que, de distintas formas, se inserem em um sistema de rodízio temporal que distribui anualmente as responsabilidades e papéis na viabilização econômica das principais festas folclóricas bolivianas. Trata-se sempre um a três casais heterossexuais que, em cada celebração, assumem a função deixada pelos antecessores ou são indicados pelos fundadores da fraternidade de “passar” uma determinada festa adiante ano após ano, metáfora que diz respeito, na verdade, à exigência de financiar a maior parte dos custos envolvidos na sua realização, como a comensalidade, o aluguel do espaço, a distribuição dos presentes, a oferta musical, a lista de convidados e a preparação dos convites, a coordenação das cerimônias dentro das festas e todos os demais elementos que a compõem. Como os custos da função de *pasante* são muito altos, apenas casais com maior poder econômico conseguem assumi-la – e, embora o número de candidatos a tal papel é maior no contexto das

fica a cargo dos dançarinos, que dividem entre si os custos excedentes – com eventos privados, bandas musicais, taxas da associação¹⁵, etc. – das suas fraternidades. A cada ano, esse valor atinge a casa dos R\$ 5 mil – e não é à toa que existam casos como o de uma interlocutora que experimentou, anos atrás, o dilema entre dançar e fazer um curso universitário, ambos exigindo investimentos anuais semelhantes. No caso dos *salays*, enfim, apesar dos valores também serem compartilhados, eles são menores, como explica o fundador de uma das fraternidades paulistanas que a performam:

“Aqui com a gente paga quem quiser e puder. Se um *fraterno* quiser usar o traje um ano, dois, três, o que é importante para a gente é que ele participe. Como tem muitos costureiros, gente que não tem oficina, que não trabalha no comércio, a gente dá essa liberdade.”

É assim que a Fe y Cultura, e mesmo o carnaval boliviano tal como acontece na cidade, *de fora para dentro da “comunidade”* existem como um *reforço* das posições sociais, e não como *inversões* delas (DAMATTA, 1997), como acontece no contexto carnavalesco brasileiro segundo argumentação do antropólogo Roberto DaMatta. Isso porque, como argumenta Arteaga, essas celebrações marcam o momento em que as posições sociais são reestruturadas (ARTEAGA, 2017), e com isso ele quer dizer que a festa, como um acontecimento em paralelo ao mundo do trabalho, é o lugar onde a mobilidade socioeconômica que os migrantes lograram ao longo do tempo na cidade é performada por meio das danças – elas mesmas símbolos compreensíveis aos bolivianos dessas posições. Tudo se passa, desta forma, não para invertê-las ou suspendê-las no tempo da festa, como uma *liminaridade*, mas justamente para reforçá-las por meio do simbolismo incorporado às danças e às fraternidades, que operam então não apenas como lugares de pertencimento, mas também como narrativas sociais.

festas na Bolívia, como a Gran Poder, em La Paz, em São Paulo a falta de casais nessas condições fazia, até um tempo atrás, com que os *pasantes* fossem repetidos.

¹⁵ Para se filiarem à ACFBB, as fraternidades devem pagar uma taxa de inscrição que varia conforme a categoria das danças – uma tabela que também é utilizada para dividir os custos da organização da Fe y Cultura, em agosto.

A *morenada*, por exemplo, é chamada tanto em La Paz como em São Paulo de dança “*pesada*” também por reunir *fraternos* que estão entre a franja mais rica: são empresários têxteis, comerciantes e/ou proprietários de pontos de venda no Brás (ARTEAGA, 2017) que, por meio dos desfiles, performatizam também seu prestígio e *status* (GUAYGUA, 2003). Abaixo dela estão as danças “*livianas*”, como o *caporal* e o *tinkus*, que exigem menos dinheiro tanto para as celebrações rotineiras quanto para a celebração de agosto, e que também atraem outras posições sociais, notadamente jovens profissionais liberais, como veterinários, advogados, fisioterapeutas, ou mesmo estudantes universitários. Nesse sentido, a dinâmica das fraternidades folclóricas em São Paulo é parecida à que se observa no contexto boliviano (GUAYGUA, 2003; GUSS, 2006; ESPINOZA, 2013; CÁRDENAS, 2019). Enfim, é nos *salays* que se encontram a maioria dos costureiros, migrantes recém-chegados ou vendedores ambulantes da região do Brás e do Pari, isto é, trabalhadores precarizados e sujeitos às hierarquias do dispositivo oficina de costura.

No entanto, há muitas particularidades em São Paulo pelo fato de a cidade ser uma sociedade de destino (SAYAD, 1998; BAENINGER, 2012). Para além da importância identitária, social, política e histórica da festa do Gran Poder para os *cholos* (GUSS, 2006; TASSI, 2010; GUAYGUA; HINOJOSA, 2015; REA CAMPOS, 2016; FLORES, 2017; CÁRDENAS, 2019) em La Paz, como já dito, a Fe y Cultura assume outras demandas, se articula com outros atores estatais e privados, se organiza em outros marcos temporais (e, por isso, agrega elementos de várias festas nacionais bolivianas), possui outras devoções além da imagem do *tata* Gran Poder (o evento paulistano é muito mais voltado para a fé mariana) e tem uma escala significativamente menor, apesar do seu crescimento significativo do começo dos anos 2000 para cá.

Também é diferente o calendário anual das fraternidades paulistanas, preenchido por acontecimentos públicos e privados que ora enfatizam o aspecto migratório em si (como festas pátrias ou religiosas

comemoradas tradicionalmente na Bolívia ou ainda eventos cuja referência é a presença de migrantes em São Paulo) ora o próprio ato de dançar (festivais de música ou culturais). Entre os mais jovens, principalmente, mas também entre os mais velhos, as fraternidades folclóricas na cidade também encerram as relações de amizade, amorosas, profissionais e sociais – aspectos que, longe de serem apenas subjetivos, se tornam materialidades quando alçados pelos agentes como elementos de expressão de suas trajetórias e mobilidades. Isso porque, para além da importância religiosa, geracional e cultural, as fraternidades também são a expressão da estrutura social na qual os bolivianos em São Paulo estão inseridos.

4. Uma outra territorialidade boliviana em São Paulo

Pretendo demonstrar a seguir que, como consequência de algumas dinâmicas próprias, para além das lógicas do “dispositivo oficina de costura”, há uma territorialidade boliviana que só se dá por meio das fraternidades com São Paulo (CAGGIANO; SEGURA, 2014). Ela é marcada, sobretudo, pela *movilidade* de pessoas, mas não só – como se vê no caso da demanda por trabalhadores: circulam também objetos, imagens, ideias e dinheiro por sobre aqueles pontos *imóveis* (o local de moradia ou de trabalho ou a Praça Kantuta como espaço de lazer, etc.). Além disso, com um ciclo de festas intenso no tempo e no espaço da cidade, esse *movimento* contínuo impulsionado pelas fraternidades faz com que, em alguns momentos, a presença boliviana em São Paulo chegue a bairros diferentes daqueles em que eles habitualmente moram, vivem e passam o tempo livre na metrópole, expandindo concretamente a forma como experimentam e ocupam os diferentes espaços urbanos – em uma história que se assemelha de alguma forma à superação das divisões coloniais *paceña*.

Ao longo de 2019, em que segui as fraternidades folclóricas paulistanas em seus ciclos de festas, percebi vários momentos em que essa circulação se realiza na cidade e seu entorno: uma delas, mais esporádica e previsível, acontece ao redor das festas privadas que cada fraternidade (ou uniões de fraternidades) organiza em paralelo à ocasião da Fe y Cultura. Enquanto o evento se desenrola, dezenas de celebrações menores acontecem ao mesmo tempo em diferentes bairros da cidade com a justificativa de celebrar, individualmente, o sucesso do desfile na avenida improvisada do Memorial da América Latina. Naquele ano, essas festas aconteceram – paralelamente – em locais como a Armênia e a Vila Guilherme (zona norte), o Belém e a Penha (zona leste) e o Brás e o Pari (zona central), levando com elas *fraternos*, músicos (muitos deles vindos de outros países, como a Argentina e a própria Bolívia, especificamente para tocar nestas celebrações), convidados, “turistas”, mas também objetos como *trajes* e adereços, instrumentos musicais, automóveis, alimentos e bebidas, estandartes e peças devocionais, além do dinheiro flui junto com os outros fluxos para que os sujeitos possam consumi-los, sem esquecer das imagens (fotografias, vídeos, convites, ilustrações e panfletos digitais e físicos) que haviam circulado em diferentes escalas e velocidades e por diferentes meios dias antes – todos eles por causa do ciclo de festas e por meio das fraternidades folclóricas. Esses fluxos são diferentes daqueles regidos pelas escolhas individuais e baseadas na demanda de trabalho (ROLNIK, 2010, p. 157), que atravessam as fronteiras nacionais e, em alguns casos, avançam em direção às periferias (OLIVEIRA, 2016).

Todo esse movimento se vale principalmente dos circuitos urbanos por onde os atores já sabem se mover – porque é onde se fixam na cidade: são nesses mesmos bairros, segundo estudos como os de Rolnik (2010) e mesmo investigações mais recentes, como as de Oliveira (2016) e Pucci (2017), que os bolivianos vivem, trabalham, são atendidos por dispositivos públicos ou passam seu tempo de lazer. É dizer que, seguindo as fraternidades, pude ver que as festas que elas organizam flutuam por entre

as regiões onde há maior concentração de bolivianos. Como o Pari, o Bom Retiro e o Brás (região central), o Belém (zona leste) e a Barra Funda (zona oeste), com presença ainda em locais como Casa Verde, Limão e Vila Maria (zona norte), São Miguel Paulista (zona leste) e no município de Guarulhos¹⁶

Então, o que se vê, ao olhar para o mapa, é que esses pontos *imóveis* já conhecidos pela literatura sobre bolivianos em São Paulo adquirem um novo status, ao serem eles os locais fixos por onde as fraternidades transitam em suas festas com outro caráter, isto é, como *corpos móveis*. Muitas vezes elas desfilam justamente atravessando esses lugares *imóveis*, como oficinas, residências e praças públicas, como se vê no caso das *pré-entradas*, festas preparatórias para a *entrada* do Memorial em que os *fraternos* cruzam bairros inteiros dançando – celebrações essas que, como já dito, dependem não apenas de pessoas, mas dos seus objetos, das suas imagens e de um volume significativo de dinheiro em circulação.

Outra forma de notar esse *movimento* é perceber que os bairros onde há mais bolivianos na cidade nem sempre são os mesmos dos locais das festas. Ainda que poucas, já existem confraternizações privadas e públicas que acontecem em discotecas e bares da região dos Jardins, eventos culturais em cidades da Região Metropolitana, como São Bernardo do Campo e Embu das Artes, festivais de dança em outras cidades do Estado, desfiles que irrompem pela Avenida Paulista, o principal cartão-postal paulistano, e eleições de *reinas*, misses e misters, *ñustas* e *señoras* em teatros de regiões distintas de Guarulhos – todos locais onde há pouca ou nenhuma presença boliviana a partir das categorias *imóveis* (ROLNIK, 2010; OLIVEIRA, 2016; PUCCI, 2017), mas que são alcançados enquanto se dança. Não é à toa que, uma vez organizadas, essas festas são narradas pelos seus protagonistas como “a ocupação de novos espaços da

¹⁶ Pucci e Verás mostram, mensurando a frequência relativa de bolivianos dentre as populações dos bairros de São Paulo, que há maior concentração boliviana na região central de São Paulo, mais especificamente nos bairros do Pari (6,23%), Vila Maria (3,98%), Belém (3,55%), Bom Retiro (3,28%), Brás (2,64%) e Vila Medeiros (2,02%), na zona norte (Pucci, 2017, p. 9).

cidade” ou, no caso da Avenida Paulista, do “orgulho em chegar ao lugar mais importante de São Paulo”.

Essas celebrações, no entanto, respondem também a diferentes padrões sociais próprios da comunidade boliviana em São Paulo: é por isso que elas foram protagonizadas ou por fraternidades de *caporal* e *tinkus*, que reúnem os filhos brasileiros dos migrantes da primeira geração, muitos deles profissionais liberais ou universitários. Ao contrário, o estudo de campo mostra que os *fraternos* de danças como *salay*, por exemplo, tendem a circular menos, geralmente reduzindo suas locomoções à Praça Kantuta, onde ensaiam, e aos eventos que perpassam seu pequeno ciclo de festas.

Fato é que as fraternidades e suas festas podem ser vistas como *redes* que, como define Urry, "produzem conexões complexas e duradouras entre coisas e objetos através do espaço e do tempo" (URRY, 2013, p. 52). Todo esse movimento acontece, porém, dentro de um *regime de mobilidade*, entendendo que há diferentes capacidades de se mover que são, por sua vez, reflexos das estruturas e hierarquias de poder e posição por raça, gênero, idade e classe em cada contexto (HANNAM: SHELLER: URRY, 2006) – no nosso caso, também as desigualdades nas quais grupos migrantes estão inseridos.

1. Conclusão

Este artigo se dividiu em dois argumentos: o primeiro, de caráter mais epistêmico, procurou mostrar como um fenômeno significativamente importante da presença boliviana em São Paulo, as fraternidades folclóricas, cresceu na cidade nos últimos anos, sem contudo entrar nas lentes da literatura¹⁷. Descobertas como essa, por sua vez, permitiram desenhar um mapa *imóvel* dos bolivianos na cidade, utilizando categorias

¹⁷Exceções às dissertações de Mestrado de Eduardo Arteaga Schwartzberg, defendida na Escola de Artes, Ciências e Humanidades em 2017, e de Willians Santos, no departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas em 2015 – ambas foram utilizadas na construção dos argumentos deste artigo.

como local de moradia, de trabalho, espaço do tempo livre ou mesmo atendimento de serviços públicos.

O segundo argumento é que esse mapa ganha movimento quando se analisa a forma como as fraternidades folclóricas fazem circular pessoas, objetos, imagens e dinheiro dentro do ciclo de festas bolivianas por entre as fronteiras dos bairros, mas também dos países, assim como por entre os locais onde os migrantes moram e trabalham, mas também aonde sequer chegaram. Assim, elas permitem observar uma outra territorialidade boliviana em São Paulo, não mais marcada por categorias de *imobilidade*, por abordagens sobre lógicas de trabalho e de produção (têxtil) ou ainda por fluxos apenas de migrantes entre os dois países. Suas dinâmicas internas à “comunidade” à qual fazem parte, suas organizações particulares (de *bloques*, de festas), suas possibilidades de compreender as hierarquias sociais e suas figuras próprias (*pasantes*, *prestes*, *reinas*, *ñustas*, etc) são os motores de um movimento complexo por sobre a metrópole, mas mesmo por sobre as fronteiras continentais – entregando ainda mais relevância para uma presença tão relevante na história recente da cidade.

1. Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APPADURAI, Arjun. **The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

ARTEAGA, Ismael Eduardo Schwartzberg. **Lógicas Ch'ixi de la migración boliviana en São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.100.2017.tde-01122017-112615>

ÁVILA, Leonardo de la Torre. **No llores, prenda, pronto volveré. Migración, movilidad social, herida familiar y desarrollo.** La Paz: Institut Français d'Études Andines, 2004. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.ifea.5303>

BAENINGER, Rosana. O Brasil na rota das migrações latino-americanas. In: BAENINGER, Rosana. **Imigração boliviana no Brasil.** Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp, 2012, p. 195-210

BÜSCHER, Monika; VELOSO, Letícia. Métodos móveis. **Tempo Social**, v. 30, n. 2, 2018, p. 133-155. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.142258>

CAGGIANO, Sergio; SEGURA, Ramiro. Migración, fronteras y desplazamientos en la ciudad. Dinámicas de la alteridad urbana en Buenos Aires. **Revista de Estudios Sociales**, v. 48, 2014, p. 29-42. DOI: <http://dx.doi.org/10.7440/res48.2014.03>

CÁRDENAS, Cleverth Carlos. **El cholo danzante. Las formas de interpelación de la nación boliviana en la fiesta del Gran Poder.** Tese (Doutorado em Estudos Culturais Latino-Americanos), Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador, Área de Letras y Estudios Culturales, Quito, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uasb.edu.ec/handle/10644/6829?mode=full>. Acessado em 16 fevereiro 2021

CÔRTEZ, Tiago Rangel. **Os migrantes da costura em São Paulo: retalhos de trabalho, cidade e Estado.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.8.2013.tde-03022014-112419>

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997

ESPINOZA, Fran. Bolivia, élite sectorial chola y élite política: las ambivalencias de su relación. **Anuario de Acción Humanitaria y Derechos**

Humanos, n. 11, 2013. p. 141-160. DOI: <https://doi.org/10.18543/aahdh-11-2013pp141-160>

FLORES, Javier. **Potencial político de lo festivo: aprendiendo de la descolonización**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Facultad de Artes ASAB, 2017.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Maurício Piatti. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 123, 2020, p. 121-142. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.11193>

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; TELLES, Vera; ALLIS, Thiago. Por uma teoria social *on the move*. **Tempo Social**, v. 30, n. 2, 2018, p. 1-16. DOI: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.142654>

FREITAS, Patrícia Tavares. **Projeto costura: percursos sociais de trabalhadores migrantes, entre a Bolívia e a indústria de confecção das cidades de destino**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281265>. Acessado em 25 de fevereiro de 2021

GARCÍA LINERA, Álvaro. **A potência plebeia – Ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia**. São Paulo: Boitempo, 2010

GAVAZZO, Natalia. Las danzas de Oruro en Buenos Aires: Tradición e innovación en el campo cultural boliviano. **Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales**, Universidad Nacional de Jujuy, n. 31, 2006, p. 79-105. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18503105>. Acessado em 25 de fevereiro de 2021

GRIMSON, Alejandro. Relatos de la diferencia y la igualdad. Los bolivianos en Buenos Aires. **Nueva Sociedad**, n. 147, 1997, p. 96-107. Disponível em:

<https://nuso.org/articulo/relatos-de-la-diferencia-y-la-igualdad-los-bolivianos-en-buenos-aires/>. Acessado em 15 de janeiro de 2021

GUAYGUA, Germán. **La fiesta del Gran Poder: el escenario de construcción de identidades urbanas en la ciudad de La Paz, Bolivia**. La Paz: Temas Sociales, n. 24, 2003, p. 171-184. Disponível em: http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0040-29152003000100012&lng=en&nrm=iso. Acessado em 10 de janeiro de 2021

GUAYGUA, Germán; HINOJOSA, Alfonso. La transnacionalización de la fiesta en el altiplano paceño. **Revista Boliviana de Ciencias Sociales**, n. 37, 2015, p. 153-172. Disponível em: http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1990-7451201500100012&lng=es&nrm=iso. Acessado em 10 de janeiro de 2021

GUSS, David. The Gran Poder and the Reconquest of La Paz. **American Anthropological Association. Journal of Latin American Anthropology**, v. 11, 2006, p. 294-328. DOI: <https://doi.org/10.1525/jlca.2006.11.2.294>

HINOJOSA, Alfonso. **Buscando la vida: familias bolivianas transnacionales en España**. La Paz: CLACSO, 2009

MORAÑA, Mabel. The Cultural Studies Turn. In: POBLETE, Juan. **New approaches to Latin American Studies: culture and power**. Nova York: Routledge, 2012, p. 95-111

OLIVEIRA, Gabriela. Rumo ao interior: bolivianos no Estado de São Paulo. In: **Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas**, São Paulo: Seminário Migrações Internacionais, Refúgios e Políticas, 1. 2016, São Paulo. Nepo-Unicamp. Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/migracoesInternacionais.php>. Acessado em 22 janeiro 2021

PUCCI, Fabio Martínez Serrano; VÉRAS, Maura Bicudo. Bolivianos em São Paulo: territórios e alteridade. **Plural** (Revista do Programa de

Pós-Graduação em Sociologia da USP), v. 24. 2017, p. 276-299. DOI: DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.143006>

REA CAMPOS, Carmen Rosa. Complementando racionalidades: la nueva pequeña burguesía aymara en Bolivia. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 78, n. 3, 2016, p. 375-407. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/rms/v78n3/0188-2503-rms-78-03-00375.pdf> .

Acessado em 30 janeiro 2021

ROLNIK, Iara. **Projeto migratório e espaço: Os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279459>. Acessado em 30 janeiro 2021

SANTOS, Willians de Jesus. **A reinvenção do folclore boliviano em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/320971>. Acessado em 30 janeiro 2021

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp, 1998

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning**, v. 2, n. 38, 2006, p. 207-226. DOI: <https://doi.org/10.1068/a37268>

SILVA, Sidney Antônio da. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados**, n. 57, v. 20, 2006, p. 157-170. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142006000200012>

SILVA, Sidney Antônio da. **Costurando sonhos. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo.** São Paulo: Paulinas, 1997

SILVA, Sidney Antônio da. **Festejando a virgem mãe-terra numa pátria estrangeira: devoções marianas num contexto de permanências e mudanças culturais entre os imigrantes bolivianos em São Paulo.** Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001264080>. Acessado em 20 janeiro 2021

SILVA, Carlos Freire da. **Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DOI: DOI: <https://doi.org/10.11606/D.8.2008.tde-24112009-113627>

SOUCHAUD, Sylvain. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo? In: BAENINGER, Rosana (Ed.) **Imigração boliviana no Brasil.** Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp, 2012, p. 75-92

TASSI, Nico. **Cuando el baile mueve montañas: religión y economía cholo-mestizas en La Paz, Bolivia.** La Paz: Fundación PRAIA, 2010

URRY, John. Sociologia móvel. In: LIMA, Jacob Carlos (Ed.). **Outras sociologias do trabalho: flexibilidades, emoções e mobilidades.** São Carlos: EdUFSCar, 2013, p. 43-72



PLANEJAMENTO URBANO EM AGLOMERAÇÕES TRANSFRONTEIRIÇAS: ANÁLISE DOS SISTEMAS DE PLANEJAMENTO DA AGLOMERAÇÃO DE FOZ DO IGUAÇU (BR), CIUDAD DEL ESTE (PY) E PUERTO IGUAZÚ (AR)

*PLANIFICACIÓN URBANA EN AGLOMERACIONES TRANSFRONTERIZAS:
ANÁLISIS DE LOS SISTEMAS DE PLANIFICACIÓN DE FOZ DO IGUAÇU (BR),
CIUDAD DEL ESTE (PY) Y PUERTO IGUAZÚ (AR)*

*URBAN PLANNING IN TRANSBORDER AGGLOMERATIONS: ANALYSIS OF
THE PLANNING SYSTEMS OF FOZ DO IGUAÇU (BR), CIUDAD DEL ESTE (PY)
AND PUERTO IGUAZÚ (AR)*

André da Soler¹ 

Gislene Pereira² 

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Resumo: Na contemporaneidade, a realidade espacial urbana latino-americana é marcada por conformações territoriais nas quais as relações se dão de modo contínuo, extrapolando contornos administrativos tradicionais, inclusive limites nacionais. Este artigo reflete sobre os desafios do planejamento urbano nestes novos arranjos, focando-se em uma tipologia específica: as aglomerações transfronteiriças. O recorte espacial definido foi a aglomeração de Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (PY) e Puerto Iguazú (AR), conhecida como Tríplice Fronteira. O trabalho objetiva analisar a configuração do planejamento em cada uma das cidades dessa aglomeração, a partir do levantamento das normativas vigentes, em específico daquelas relativas ao uso do solo. Constata-se que o planejamento existente reforça uma lógica de integração em determinados setores e de segregação no restante. Diante disso, o trabalho aponta a necessidade de alternativas de atuação do planejamento nas áreas urbanas transfronteiriças, capazes de responder às particularidades destas tipologias específicas.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: andreasoler@hotmail.com

² Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento, Universidade Federal do Paraná. E-mail: gislenepereira42@gmail.com

Palavras-chave: Aglomeração Transfronteiriça; Planejamento Urbano e Regional; Cidades de Fronteira; Tríplice Fronteira.

Resumen: En la actualidad, la realidad espacial urbana latinoamericana está marcada por conformaciones territoriales en que las relaciones se dan de manera continua, extrapolando los contornos administrativos tradicionales, incluyendo las fronteras nacionales. Este artículo reflexiona sobre los desafíos de la planificación urbana en estos nuevos ordenamientos, centrándose en una tipología específica: las aglomeraciones transfronterizas. El perfil espacial definido fue la aglomeración de Foz do Iguazu (BR), Ciudad del Este (PY) y Puerto Iguazú (AR), conocida como la Triple Frontera. La investigación tiene como objetivo analizar los sistemas de planificación en las ciudades de tal aglomeración, identificando la normativa vigente, en específico las que tratan del uso del suelo. Se observó que la planificación existente refuerza dinámicas de integración en ciertos sectores y de segregación en el resto. Frente a ello, se deben buscar alternativas de planificación en áreas urbanas transfronterizas, capaces de responder a las particularidades de estas tipologías específicas.

Palabras-clave: Aglomeración Transfronteriza; Planeamiento Urbano y Regional; Cidades de Frontera; Triple Frontera.

Abstract: In contemporary times, the Latin American urban spatial reality is marked by territorial conformations in which relations take place in a continuous way, overcoming traditional administrative contours, including national boundaries. This article reflects on the challenges for urban planning in these new arrangements, focusing on a specific typology: cross-border agglomerations. The chosen location was the agglomeration of Foz do Iguazu (BR), Ciudad del Este (PY), and Puerto Iguazú (AR), known as Triple Frontier. The research aims to analyze the planning systems in each of the agglomerated cities, collecting the current planning norms, specifically the land use regulations. It was noticed that the existing planning reinforce an integration dynamic in certain sectors, as well as segregation in others. Thus, it points out the need for alternatives for the urban planning activities in cross-border areas, capable of responding to the particularities of these specific spatial morphologies.

Keywords: Transborder Agglomeration; Urban Planning; Border Cities; Triple Frontier.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.174105](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.174105)

Recebido em: 25/08/2020
Aprovado em: 28/06/2021
Publicado em: 01/07/2021

1. Introdução

A segunda metade do século XX é marcada por processos globais de reestruturação que imprimiram novas estruturas territoriais sobre o espaço. Brenner (2013) descreve que, a partir da crise do fordismo norte-atlântico, estratégias de reorganização das configurações interescares serviram como instrumento para recompor relações de poder e definir novas bases para o desenvolvimento. Desse modo, se antes centrados sobre a escala nacional, os locais estratégicos de acumulação de capital redesenharam-se em arranjos institucionais nos mais diversos níveis espaciais, incluindo o urbano.

Segundo Limonad (2007), a partir destes movimentos de redistribuição das atividades produtivas e pessoas no território surgem novas territorialidades, dando uma nova dimensão ao urbano: as práticas urbanas extravasam os limites físicos das cidades, avançando de maneira fragmentada, configurando núcleos territoriais dispersos em aglomerações únicas.

Estas transformações, ainda que de características globais, são observadas como parte da realidade urbana brasileira e latino-americana. Ao analisar as dinâmicas de urbanização sul-americanas, Moura (2016) expõe uma diversidade de configurações espaciais, que conformam aglomerações e arranjos articulados e densos, difusos e sem limites definidos. Dentre os padrões que a autora identificou como predominantes no sistema urbano sul-americano, destacam-se os agrupamentos de cidades junto dos limites internacionais entre países, onde se desenvolvem aglomerados bi ou trinacionais - as aglomerações transfronteiriças (MOURA, 2016).

Em um contexto de reescalonamento econômico e enfraquecimento da escala nacional, Alfonso (2008) aponta que áreas anteriormente consideradas periféricas foram incorporadas ao sistema produtivo. Assim, estas aglomerações urbanas em torno do limite internacional estabelecem complexas relações socioespaciais, motivadas e baseadas na transposição dessa divisa. As práticas estabelecidas entre as cidades sustentam-se na assimetria existente entre elas, de modo a tirar vantagem de cada lado do limite internacional. Condiciona-se, assim, uma relação de mútua necessidade entre as cidades, na qual uma torna-se imprescindível à outra (ALFONSO, 2008; 2015).

Da mesma maneira, esta interdependência gera uma demanda por meios de governança que abarquem esta realidade múltipla. Contudo, no caso das aglomerações transfronteiriças, existe um desafio ao planejamento e gestão em função do fenômeno espacial se sobrepor às divisas das unidades administrativas existentes. Ao fracionar o espaço em diferentes unidades autônomas, dificulta-se a construção de estratégias de planejamento e gestão conjuntas e que considerem a realidade total da fronteira (MOURA, 2016).

Esta situação é especialmente relevante para o planejamento urbano e os desafios que enfrenta na atualidade. Conforme Netto e Saboya (2010), os padrões espaciais complexos e fragmentados que caracterizam o urbano contemporâneo colocam à prova os instrumentos de controle urbano que se consolidaram no século XX. Ao replicarem uma lógica estática e segregacionista, sem uma visão estratégica global sobre o espaço trabalhado, estes instrumentos tradicionais de planejamento simplificam os processos de produção do espaço, não acompanhando a realidade das dinâmicas espaciais. Estes aspectos reforçam a necessidade de repensar a cidade, assim como a intervenção sobre ela.

Brenner (2013) afirma que o urbano não deve ser encarado apenas como um nível fixo encaixado em uma hierarquia piramidal tradicional,

mas deve ser entendido de modo relacional, como dimensão socialmente produzida e produto de redes interescalares. Estes processos sociais articulam-se em diferentes níveis, seja regional, metropolitano ou local, por exemplo, e estão inseridos em geografias polimórficas - uma determinada forma institucional é, assim, apenas uma das dimensões de sua configuração geográfica.

Para alguns autores, dessa maneira, um planejamento articulado, conjunto e interescalar, representaria a integração dos objetivos e diretrizes, de modo a atingir propósitos comuns. No caso das aglomerações transfronteiriças, Peña (2008) defende a instituição de organismos transnacionais, com poderes legais para tomar decisões unificadas sobre a gestão do espaço construído aglomerado, bem como implementar políticas transfronteiriças de uso do solo. Retomando estudos de caso, porém, Alfonso (2008; 2015) observou uma precariedade nos mecanismos conjuntos de planejamento em áreas fronteiriças latino-americanas, destacando situações em que a interferência estatal nacional acaba por não se focar nas relações locais, até mesmo restringindo-as.

Desse modo, tendo em vista a crescente importância do fenômeno urbano transfronteiriço nas dinâmicas de urbanização latino-americanas, este artigo busca aprofundar-se sobre as especificidades do planejamento urbano e regional em uma destas localidades. Os resultados de pesquisa aqui abordados são derivados de dissertação de mestrado que trata de questões de planejamento urbano e regional frente às novas formas de aglomeração urbana (DA SOLER, 2020). O trabalho objetiva analisar o planejamento em cada uma das cidades dessa aglomeração, de modo a identificar compatibilidades e contradições, visando refletir sobre sua intervenção, assim como verificar eventuais limitações do planejamento fracionado entre diferentes entes administrativos. O recorte espacial definido é o da Tríplice Fronteira (TF), aglomeração transfronteiriça

composta por Ciudad del Este (Paraguai), Foz do Iguazu (Brasil) e Puerto Iguazú (Argentina).

Para construir esta reflexão, estudou-se a configuração dos sistemas de planejamento das cidades, identificando políticas e normativas vigentes. Foram realizados levantamentos junto aos poderes municipais das cidades da TF, além de pesquisas complementares por meio digital, buscando as regulamentações de planejamento e aprofundando a informação sobre as regras de uso e ocupação do solo. Abrangeu-se tanto a escala local, de atuação direta, como os níveis regionais e nacionais, levantando políticas e normas que impactam no urbano desta localidade. Obtendo-se um panorama, procedeu-se à análise sobre como as normas relacionam-se entre si, por meio de sua espacialização, observando-se as compatibilidades ou contradições, o que fundamentou as principais conclusões. A espacialização destas normas de uso do solo resultou em um mapa da regulação urbanística, de modo a destacar os usos propostos e sua inserção no território urbano aglomerado. Este foi produzido a partir da compatibilização dos diferentes tipos de zoneamentos que vigoram na TF. Analisando as funções principais e índices urbanísticos de cada zona, foi possível simular aquelas que se enquadram como de uma mesma categoria de uso. No mapa, então, foi destacado o tipo de zona predominante em cada área, que acaba por determinar as regras de desenho urbano, tipologia de lotes e de construções.

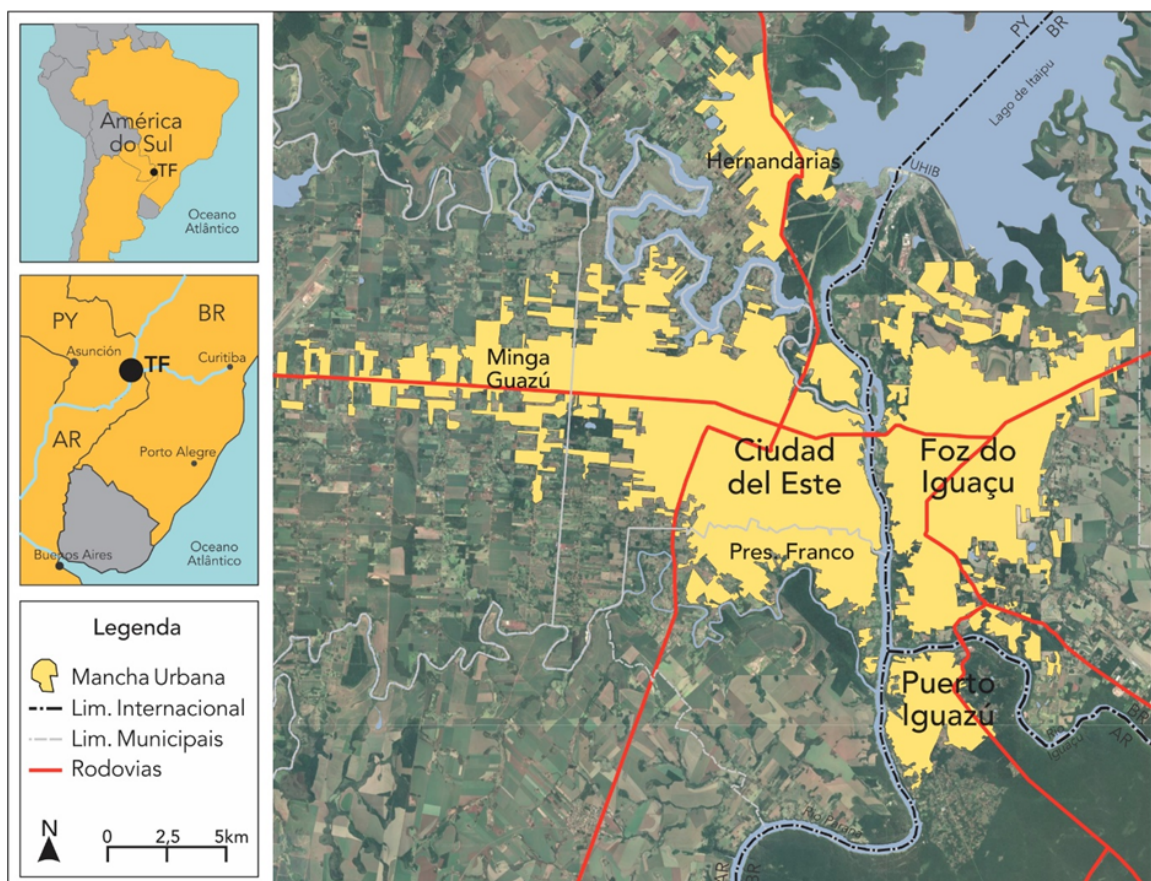
2. O planejamento urbano na tríplice fronteira: compilação das normativas vigentes

A Tríplice Fronteira (FIGURA 1) é um aglomerado urbano de aproximadamente 900 mil habitantes, situado sobre uma divisão internacional tripla em um contexto de intensas relações socioespaciais. Segundo Carneiro (2014), as modificações nos processos geoeconômicos mundiais que ocorreram nas últimas décadas deste século, acompanhadas

de intervenções estatais de diferentes níveis, potencializaram conexões e tensões, transformando os processos socioespaciais que ali se desenvolvem. O comércio de fronteira, o turismo e a agroindústria regional, entre outras múltiplas dinâmicas e fluxos intercidades, configuram uma realidade compartilhada, um espaço transfronteiriço (CARNEIRO, 2014).

Tendo em vistas estes múltiplos processos que produzem esse espaço transfronteiriço da TF, situação representativa das transformações urbanas abordadas inicialmente por Brenner (2013), Limonad (2007) e Alfonso (2008), buscou-se compreender como se dão as atividades e regulações de planejamento urbano nesta aglomeração e como estas afetam as interações socioespaciais.

Figura 1 – Situação da tríplice fronteira



Fonte: da Soler (2020)

2.1. Ciudad del Este (Paraguai):

Foram sintetizadas as principais regulamentações que compõem a política de planejamento e regras de uso do solo na cidade paraguaia. O Quadro 1, a seguir, relaciona as normativas conforme a esfera de sua vigência e a norma específica que a institui.

Quadro 1 – Normativas de planejamento urbano em Ciudad del Este

Esfera	Norma/Plano
Nacional	Constitución de la República/1992
	Ley 3.966/2010 (Municipalidades y funciones)
	Ley 1.909/2002 (Loteamientos)
	Res. 1.750/2018 (Política Nacional de Vivienda y Hábitat)
	Plan Marco Nacional de Desarrollo y Ordenamiento Territorial
	Plan Nacional de Desarrollo Paraguay 2030
Departamental	Plan de Desarrollo Sostenible Departamental
Municipal	Plan de Desarrollo Sustentable
	Ordenanza 4/1976 (Parcelamiento del Suelo)
	Ordenanza 5/1976 (Reglas de Edificación)
	Ordenanza 10/1988 (Reglas para Edificios Centrales)
	Ordenanza 11/1994 (Reglas de Uso do Suelo – Parc. derogada)
	Ordenanza 21/2010 (Perímetro Urbano)

Fonte: da Soler (2020)

No Paraguai, verificou-se que a legislação em nível nacional aborda questões territoriais e urbanas de maneira esparsa, atribuídas como função das municipalidades e sem especificações. A *Ley Nacional 3.966/2010*, que dispõe sobre as municipalidades, estabelece como função dos municípios o urbanismo e o planejamento territorial, apresentando o *Plan de Ordenamiento Urbano y Territorial* (POUT) como instrumento principal, relativo ao uso e ocupação do território. No entanto, estudo elaborado pela *Secretaría Técnica de Planificación* (STP), órgão nacional de assessoria de planejamento, diagnosticou que os municípios não produziram tais planos, nem contam com a estrutura técnica para desenvolvê-los (PARAGUAY, 2017).

Alguns planos de abrangência nacional, como o *Plan Nacional de Desarrollo Paraguay 2030*, reforçam a necessidade de instrumentos de ordenamento territoriais urbanos, além de apontar a integração fronteiriça como estratégia a ser seguida. Para além disso, porém, não se observou a previsão de políticas nesse sentido, ou mesmo um reconhecimento formalizado acerca de aglomerações urbanas e transfronteiriças.

Já no nível departamental, o marco legal sobre planejamento e ordenamento territorial é pouco desenvolvido, não indo além do estabelecido na legislação nacional.

Seguiu-se com a investigação junto à *Municipalidad de Ciudad del Este*. Questionada acerca do POUT previsto em Lei Nacional, a *Dirección de Área Urbana* informou que o Município não conta com Plano Diretor, mas que o trabalho está sendo desenvolvido, estando em etapa de atualização de pesquisa. Em levantamento, foram encontradas normas que definem algumas regras urbanas e de uso e ocupação do solo, listadas no quadro acima e analisadas uma a uma.

Observou-se, assim, que a realidade urbana paraguaia é gerida sem o planejamento e regulamentação mínima exigidos por lei. A situação normativa das questões urbanas no país encontra-se em revisão e reformulação – existe uma iniciativa de produção de um programa de planos nacionais, regionais e locais, mas ainda em estágio inicial. Analisando-se o conjunto de normas locais verificou-se uma regulamentação de uso e ocupação do solo restrita a pequenas porções centrais do território, pouco aprofundadas e já com algumas décadas de vigência – desatualizada em relação a todas as transformações pelas quais a cidade passou.

2.2. Foz do Iguaçu (Brasil)

Procedimento semelhante de coleta foi realizado junto aos órgãos públicos de Foz do Iguaçu e outras instituições brasileiras. O Quadro 2, a seguir, relaciona as principais normativas verificadas, conforme a esfera e a norma-lei que a institui, seguidas de apontamentos.

Quadro 2 – Normativas de planejamento urbano em Foz do Iguaçu

Esfera	Norma/Plano
Nacional	Constituição Federal/1988
	Lei 6.766/1979 (Parcelamento do Solo)
	Lei 10.257/2001 (Estatuto da Cidade)
	Lei 13.089/2015 (Estatuto da Metrópole)
	Decreto 9.810/2019 (Política Nacional de Desenvolvimento Regional)
Estadual	Constituição Estadual/1988
	Lei 15.229/2006 (Política de Desenvolvimento Urbano e Regional)
	Referências para a PDUR (Publicação da SEDU)
Municipal	Lei Orgânica Municipal
	Lei 271/2017 (Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado Sustentável)
	Lei 276/2017 (Zoneamento de Uso e Ocupação do Solo)
	Lei 269/2018 (Perímetro Urbano)
	Lei 285/2018 (Parcelamento do Solo)

Fonte: da Soler (2020)

O planejamento urbano praticado em Foz do Iguaçu segue as diretrizes da política urbana nacional, tratada na Constituição de 1988, que define o poder público municipal como executor da política de desenvolvimento urbano. Especificamente, o Estatuto da Cidade (Lei n. 10.257/00) e o Estatuto da Metrópole (Lei n. 13.089/15) complementam o texto constitucional.

As políticas de fronteira brasileiras deste século passam a ressaltar as áreas urbanas de fronteira como elementos importantes para um desenvolvimento conjunto. Destaca-se a institucionalização da Comissão Permanente para o Desenvolvimento e a Integração (CDIF, 2010) e a aprovação da Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR, 2019), que define como objetivo a coordenação de ações na Faixa de Fronteira,

inclusive com elaboração de planos de desenvolvimento e integração fronteiriços (BRASIL, 2019).

No nível estadual, é reforçado o estabelecido na norma federal, mantendo as atribuições municipais nas questões urbanas. As políticas regionais e metropolitanas, de competência estadual, estão em desenvolvimento. Documento elaborado pela Secretaria Estadual de Desenvolvimento Urbano (SEDU) denominado “Referências para o Desenvolvimento Urbano e Regional do Estado do Paraná” trata das políticas de planejamento urbano-regionais, reconhecendo, dentre as aglomerações urbanas do estado, a aglomeração transfronteiriça de Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú, e indicando a formulação de Planos de Desenvolvimento Urbano Integrado (PDUI) nesta aglomeração (PARANÁ, 2017).

Este reconhecimento é um fato novo e importante. A política urbana nacional e estadual reconhece a Tríplice Fronteira como aglomeração urbana, recomendando que o planejamento deve adaptar-se a esta realidade. Porém, não se verificou a materialização dessa recomendação.

Diversas regras e normas controlam a ocupação territorial e expansão urbana em Foz do Iguaçu. O Plano Diretor é o principal instrumento de planejamento, abrange todo o território municipal e vem orientando o desenvolvimento da cidade desde a década de 1960. O “Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado” (PDDI) e a nova “Lei de Zoneamento de Uso e Ocupação do Solo”, ambos de 2017, são as revisões mais recentes dos instrumentos. Trata-se de material extenso e detalhado, cobrindo a totalidade do município e determinando regras desde a escala urbana até a escala do lote. O zoneamento do uso do solo, que estabelece regras para a ocupação, classifica os setores segundo a função e densidade almejadas.

Estas regulações estão vinculadas a diretrizes e objetivos que compõem uma estratégia global de atuação no espaço urbano, a princípio.

Ela não se relaciona, porém, com as localidades vizinhas que fazem parte da aglomeração e o espaço transfronteiriço compartilhado não é considerado. A condição fronteiriça é mencionada no texto do plano, mas não entra como fator determinante nas diretrizes de ordenamento do solo.

2.3. Puerto Iguazú (Argentina)

Por fim, a análise segue para a cidade argentina, com o Quadro 3 apresentando as principais regulamentações urbanas de Puerto Iguazú, assim como as políticas e planos regionais e nacionais que definem o sistema de planejamento vigente.

Quadro 3 – Normativas de planejamento urbano em Puerto Iguazú

Esfera	Norma/Plano
Nacional	<i>Constitución Nacional/1994</i>
	<i>Plan Estratégico Territorial</i>
	<i>Programa Argentina Urbana</i>
	<i>Lineamientos para la Planificación Territorial</i>
	<i>Guía para Elaboración de Normativa Urbana</i>
Estadual	<i>Constitución de la Provincia</i>
	<i>Ley XV n. 5 (Municipalidades)</i>
	<i>Ley XVI n. 6 (Régimen de Tierras)</i>
	<i>Ley II n. 24 (Cadastró Territorial)</i>
	<i>Decreto 2.880/2007 (Creación de la SOT)</i>
	<i>Decreto 1.628/2004 (Plan de las 600 has)</i>
Municipal	<i>Carta Orgánica de Puerto Iguazú</i>
	<i>Ordenanza 15/1994 (Código de Edificación)</i>
	<i>Ordenanza 51/2005 (Plan de las 600 has.)</i>
	<i>Ordenanza 100/2006 (Plan Regulador Urbano)</i>
	<i>Ordenanza 53/2008 (Zonificación 2000 has.)</i>

Fonte: da Soler (2020)

Em matéria de planejamento e ordenamento do território, a Constituição Nacional de 1994 (ARGENTINA, 1994) não se aprofunda sobre questões de manejo do espaço, em especial o urbano. Ela atribui às províncias e municípios autonomia no tema - descentralização essa que provocou a inexistência de políticas públicas territoriais e urbanas na maioria das províncias (ARGENTINA, 2012).

A política em nível nacional vem sendo complementada por meio de planos territoriais, como o *Plan Estratégico Territorial* (PET) – que reconhece diferentes processos de urbanização contemporâneos e seus impactos na forma das cidades, com a necessidade de adequação nos instrumentos de regulação do uso do solo (ARGENTINA, 2018). Este plano gerou documentos derivados, como o *Lineamientos para la Planificación Territorial*, um trabalho de orientação voltado para os técnicos de planejamento do país e que possui como recomendação a integração regional sul-americana, apresentando a harmonização das políticas de planejamento em zonas fronteiriças como uma das ferramentas para isso (ARGENTINA, 2015). No entanto, ainda que ricos de informações e trazendo modelos de referência, esses documentos não têm caráter impositivo e não necessariamente vêm sendo aplicados.

No caso da província de *Misiones*, onde *Puerto Iguazú* está localizada, existia uma lacuna normativa nas questões territoriais e urbanas, em que a Constituição local atribui ao poder municipal a responsabilidade de adotar planos e regras urbanísticas. Em 2007, entretanto, foi instituída a *Subsecretaria de Ordenamiento Territorial* (SOT), cujo fim é coordenar e acompanhar as ações de ordenamento, propondo a aplicação de planos, políticas e instrumentos.

Levantamento de Cammarata (2008) mostra que as atividades da SOT em *Puerto Iguazú* já geraram algumas ações de planejamento. Neste caso, a província desenvolveu um plano diretor estratégico para a ocupação de um espaço florestado adjacente à mancha urbana principal, voltado para o estabelecimento de empreendimentos hoteleiros e de turismo.

Não fica clara, porém, a competência do planejamento na província, já que a atribuição municipal na matéria se mantém ativa. Nesse sentido, percebe-se uma área cinzenta entre as províncias e municípios sobre questões urbanas. A província chama para si algumas ações, mas,

aparentemente, as municipalidades ainda têm a responsabilidade sobre as normas de uso e ocupação que não são abrangidas pelas iniciativas provinciais.

A *Carta Orgánica del Municipio de Puerto Iguazú* estabelece como função municipal as ações de urbanismo, o estabelecimento de zonas urbanas e a elaboração de planos, definindo o *Plan Regulador* como a política urbanística municipal principal. Este *Plan Regulador*, em sua versão mais recente, de 2006, se limita a um zoneamento, sem analisar a realidade da cidade, sem exposição de objetivos e diretrizes, ou mesmo a situação da cidade enquanto fenômeno de fronteira.

Ainda que se trate de um plano único, observou-se que o plano trata o espaço urbano em três frações: a cidade “original”, com 2400 hectares, referente à área do plano de ocupação urbana original; as “600 Has”, porção adjacente à cidade mencionada; e as “2000 Has”, porção ao sul, uma área do Exército cedida para a expansão da cidade. Estas áreas tiveram iniciativas de planejamento próprias, cada qual com sua lógica, objetivos e regras.

Assim, na cidade de *Puerto Iguazú* verificam-se iniciativas distintas de planejamento que objetivaram ordenar o espaço urbano, mas que se limitaram ao tecido existente, o que ocasionou planejamentos “extras” e individuais para as novas áreas, sem uma estratégia que abordasse toda a realidade urbana. Há uma crítica sobre a falta de um planejamento macro e único, que reconheça a realidade contraditória e desigual da cidade e que busque objetivos urbanos comuns (GONZÁLEZ et al, 2017).

2.4. Espacialização das regulamentações: a concretude do planejamento

A partir das normas e planos analisados foi produzido um mapa da regulação do uso do solo na TF (FIGURA 2), destacando os zoneamentos

propostos para cada área da cidade e sua inserção no território da aglomeração, de modo a verificar a relação entre elas e o todo, assim como compatibilidades e contradições existentes.

Observando a Figura 02, primeiramente, percebe-se o contraste da aplicação ou não de instrumentos de planejamento dentro da aglomeração. De um lado, Ciudad del Este tem um território praticamente sem regulação; a existente refere-se à região central, onde estão as principais atividades econômicas da cidade e também onde se concentra a infraestrutura urbana. Em contraponto, Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú possuem praticamente todo seu território preenchido por um zoneamento de uso do solo, seguindo um padrão similar. Juntas, as duas cidades acumulam mais de 50 zonas distintas, diferenciando funções e setores dentro da cidade e determinando tipologias a partir da regulação de diversos parâmetros construtivos.

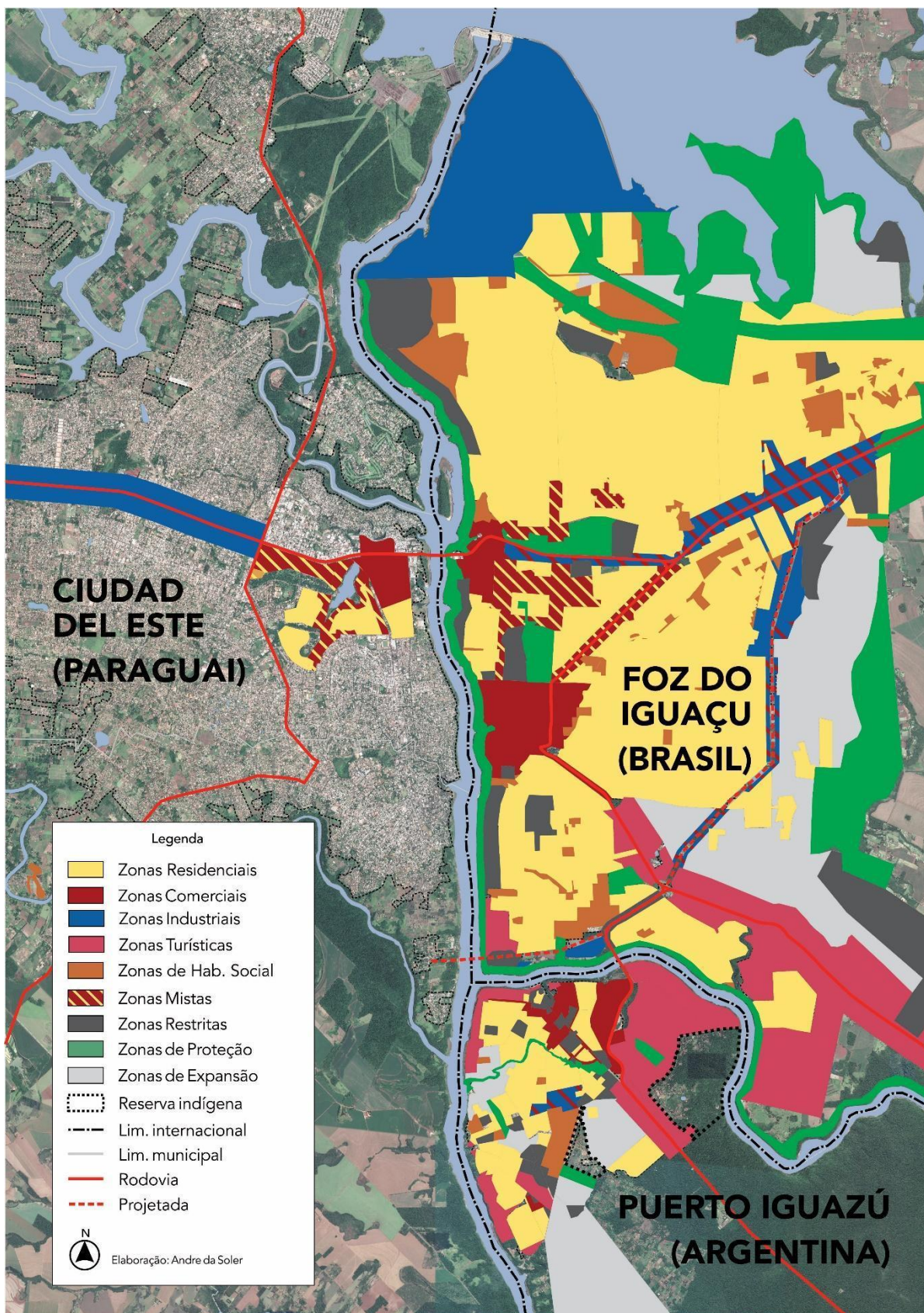
De modo geral, percebe-se que existe uma continuidade e espelhamento de algumas zonas, em especial relativas aos usos econômicos. Os setores comerciais concentram-se em áreas próximas do limite internacional, havendo uma continuidade de tipo de uso no entorno da ponte que conecta o Foz do Iguaçu e Ciudad del Este. Esta continuidade de usos mantém-se ao longo desse eixo rodoviário principal, com a conjugação de zonas voltadas para usos comerciais, industriais e institucionais junto às rodovias, em ambos os lados da fronteira. Situação semelhante ocorre no eixo rodoviário de conexão entre Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú, que também serve como acesso aos Parques Nacionais do Iguaçu/Iguazú, em que zonas de uso turístico voltadas para hotéis e serviços de apoio, concentram-se junto do acesso viário.

Percebe-se, assim, que os eixos rodoviários, que servem como articuladores entre as cidades dentro da aglomeração, também articulam

as principais zonas de atividades econômicas, garantindo acesso fácil e bem posicionado para estes usos.

As áreas reservadas para a expansão residencial localizam-se na porção sul da cidade de Puerto Iguazú, e ao leste e norte de Foz do Iguaçu, ou seja, expandindo o tecido em direção ao interior de seus respectivos países. Em Ciudad del Este, a expansão se dá de maneira mais livre, sem regulação e o processo de interiorização da ocupação se mostra mais espreado. Concomitantemente, áreas mais próximas do limite internacional, nas margens dos rios Paraná e Iguaçu, apresentam zonas de uso restrito ou áreas desocupadas, reservadas para usos turísticos e institucionais. Em Foz do Iguaçu, o zoneamento impede a aproximação da cidade com o rio e o limite internacional, a não ser de maneira pontual. Já a cidade de Puerto Iguazú apresenta um zoneamento com mais forte relação com os rios limítrofes, ainda que reservando as áreas mais próximas das margens para usos turísticos e comerciais.

Figura 2 – Síntese da regulação do uso do solo na tríplice fronteira



Fonte: da Soler (2020)

2.5. Discussão dos Resultados

A partir das considerações levantadas torna-se possível compreender o planejamento praticado nestas cidades de fronteira e sua relação com a aglomeração como um todo. Não foi identificado, pela análise feita até aqui, que exista uma percepção da aglomeração no planejamento da TF, seja em seus planos ou instrumentos. Da maneira como tem ocorrido, o ordenamento urbano na TF funciona individualmente, seguindo cada qual uma lógica própria – seja planejada ou espontânea. Conforme apontado por Moura (2016), no caso da TF observa-se que as instâncias político-administrativas não acompanharam as dinâmicas espaciais, fracionando o planejamento urbano e impedindo estratégias globais sobre a aglomeração.

Não se verificaram instrumentos ou espaços institucionais de comunicação entre os órgãos de planejamento local. Essa falta de articulação se mostra visível nos contrastes do mapa de regulação, nas diferenças das normas de planejamento ou mesmo pelo modo como as políticas tratam como periféricas áreas que estão próximas das outras cidades da aglomeração.

Existem, no entanto, momentos de coesão no planejamento. As áreas econômicas se articulam, em termos de regulação do uso do solo, até mesmo em Ciudad del Este, que não apresenta um planejamento amplo. Assim, mesmo que feitos individualmente, os planos atuam coordenadamente no sentido de efetivar dinâmicas dentro da aglomeração. A prioridade está voltada para setores específicos, como turismo, comércio e serviços industriais.

A existência de um planejamento incentiva a consolidação de setores econômicos nas cidades, priorizando sua potencialização e expansão. Em teoria, também busca um maior controle sobre a expansão urbana e até

mesmo a qualidade do desenho urbano produzido. No entanto, como é mencionado no próprio diagnóstico do PDDI, o planejamento aplicado na TF reforçou uma aglomeração fragmentada e desarticulada, com núcleos residenciais distantes e com tecidos desconectados entre si. Também desincentivou, ou mesmo impediu, a ocupação das áreas fronteiriças, próximas do limite internacional, apesar da pressão pela ocupação destas áreas estratégicas.

Por um lado, portanto, existe uma realidade turística, econômica e de consumo em que a fronteira é apropriada e torna-se elemento integrador em termos de planejamento, mas que não se repete de maneira global. Percebe-se, assim, que o planejamento serve como instrumento em um processo dual, contribuindo na produção de um cenário contraditório de integração e segregação, confirmado também por outros autores que analisaram a realidade da região.

Em muito esta situação retrata a crítica feita por Netto e Saboya (2010) acerca dos instrumentos de planejamento, dentre eles o zoneamento, atuarem apenas como método de controle da ocupação do espaço urbano, de modo a replicar uma lógica segregacionista e funcionalista, atuando de modo genérico e simplista sobre os processos socioespaciais.

Ressalta-se que estas articulações existentes nos setores econômicos reforçadas pelo planejamento urbano local também se inserem em estratégias que seguem interesses de nível nacional e regional. As aglomerações transfronteiriças são áreas de interesses multiescalares, com uma atuação direta de outras esferas do poder público além da local. Assim, muitas das intervenções relacionadas às conexões viárias, criação de zonas francas, políticas de aduana, entre outras medidas ligadas à circulação de pessoas e produtos, são definidas em nível federal/nacional. Alfonso (2008) menciona o Mercosul como exemplo de situação em que os interesses de nível nacional, com políticas voltadas para questões econômicas macro, foram priorizados em detrimento de medidas visando

o fortalecimento de dinâmicas de nível local, inclusive por meio do planejamento.

Observou-se que é através deste nível nacional que estão os canais para discussões políticas conjuntas, com ferramentas para ações de planejamento mais apropriadas para realidades como a da TF, como é o caso dos planos integrados e regionais apontados pelas legislações e planos nacionais levantados. Estas possibilidades institucionais, ainda que compatíveis entre si, se mantêm no plano teórico, não gerando produtos de planejamento. Predomina uma situação de pouca articulação entre os entes administrativos no que se refere às questões urbanas fronteiriças, em favor de um planejamento nacional com articulações e o local individual e fracionado.

3. Considerações finais

A TF, enquanto aglomeração transfronteiriça de importância econômica e geopolítica, é representativa da reconfiguração escalar tratada por Brenner (2013), onde processos reescalonom-se em múltiplos níveis espaciais, desde nações até cidades, resultando em novos arranjos institucionais. As cidades, assim, tornam-se locais estratégicos para a experimentação institucional e regulatória. Na TF, os processos que se desenvolveram a partir do final do século XX são reflexos das reestruturações produtivas e escalares de caráter global, tomando forma a partir das políticas de livre comércio, corredores econômicos e zonas francas ali implementadas e materializando-se em cidades aglomeradas, conectadas, ainda que fragmentadas e segregadas.

O planejamento urbano, nesta situação, conforme se verificou, serve como instrumento para efetivação dos interesses estatais nacionais e de manutenção das situações de segregação, desigualdade e da própria assimetria que Alfonso (2015) aponta como elemento importante para a

articulação e eventual desenvolvimento destas aglomerações dentro do cenário de reescalonamento econômico contemporâneo.

Finaliza-se este estudo, assim, com uma reflexão sobre as próprias limitações do planejamento urbano, tomando como referência o caso da Tríplice Fronteira. Poderia um planejamento integrado (ou mesmo conjunto) resultar em uma aglomeração mais articulada, não apenas em seus usos econômicos, como também nos sociais e culturais? Um planejamento que se aproprie da fronteira como elemento indutor das relações e dinâmicas da própria aglomeração, buscando potencializar as conexões, trocas e transposições que cotidianamente produzem estes locais. Peña (2008) defende este caminho via um planejamento supranacional institucionalizado, nos moldes de casos da União Europeia e das gestões metropolitanas, com poderes locais reais e visando uma integração formal da gestão urbana transfronteiriça.

Não cabe aqui defender um modelo específico, mas, da mesma maneira, entende-se que um modelo tradicional de planejamento fracionado enfrenta grandes desafios frente ao urbano contemporâneo, demandando adaptações. As aglomerações transfronteiriças são um fenômeno de importância recente no debate acadêmico e institucional da América Latina. Elas trazem questões complexas e novas, sobre as quais as atuais estruturas administrativas e de planejamento não permitem uma atuação completa e total. Para tanto, deve-se buscar alternativas que permitam ações cooperativas e com maior integração. Iniciativas nesse sentido surgem pelo mundo, com casos na União Europeia e na América Latina, voltados para um desenvolvimento local comum e compartilhado. A abordagem sobre o espaço urbano transfronteiriço deve apreender os processos multiescalares e multiterritoriais que o produz, no sentido de absorver demandas e dar respostas adequadas às suas particularidades e conectando as diferentes esferas de poder que atuam sobre esse espaço. As ações que dizem respeito ao ordenamento e gestão territorial devem

estar em consonância – sejam elas de diferentes órgãos públicos, diferentes níveis de governo ou mesmo diferentes países.

4. Referências

ALFONSO, Haroldo Dilla. Las ciudades en las fronteras: introducción a un debate. In: ALFONSO, Haroldo Dilla (org.). **Ciudades en la frontera: Aproximaciones críticas a los complejos urbanos transfronterizos**. Santo Domingo: Manatí, 2008. p. 15-30. Disponível em: <https://doi.org/10.21670/ref.2015.31.a01>. Acesso em 20 fev. 2020.

ALFONSO, Haroldo Dilla. Los complejos urbanos transfronterizos en América Latina. **Estudios Fronterizos**, Mexicali, 2015, v.16, n.31, p. 15-38, jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.21670/ref.2015.31.a01>. Acesso em 05 nov. 2020.

ARGENTINA. **Constitución Nacional de la Nación Argentina**. Buenos Aires: Congreso Nacional, 1994.

ARGENTINA. Consejo Federal de Planificación y Ordenamiento Territorial. **Lineamientos para la Planificación Territorial**. Buenos Aires: COFEPLAN, 2015.

ARGENTINA. Subsecretaría de Planificación Territorial de la Inversión Pública. **Estudio sobre el estado actual de la planificación en Argentina**. 2012.

ARGENTINA. Secretaría de Obras Públicas. **Plan Estratégico Territorial**. Buenos Aires: 2018.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Decreto n. 9.810 de 2019. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Regional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2019.

BRASIL. Lei n. 10.257 de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2001.

BRASIL. Lei n. 13.089 de 10 de julho de 2015. Institui o Estatuto da Metrôpole, altera a Lei n. 10.257 e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2015.

BRENNER, Neil Reestruturação, Reescalonamento e a Questão Urbana. **GEOUSP**, São Paulo, n. 33, 2013. 198-220. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2013.74311>. Acesso em 05 nov. 2020.

CAMMARATA, Emilce B. **Estudio Integral del Destino Iguazú-Cataratas: Controversias y Desafíos para el desarrollo Local II**. Posadas: Universidad Nacional de Misiones, 2008. Disponível em: <http://argos.fhyics.unam.edu.ar/handle/123456789/401>. Acesso em 20 fev. 2020.

CARNEIRO, Camilo Pereira. **Fronteiras Irmãs: Transfronteirizações na Bacia do Prata**. Porto Alegre: Ideograf, 2014.

DA SOLER, Andre. **Planejamento urbano e as novas formas de aglomeração urbana: o caso da aglomeração transfronteiriça de Foz do Iguaçu (BR), Ciudad del Este (CE) e Puerto Iguazú (AR)**. 2020. 146 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2020.

FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. Lei n. 276, de 18 de julho de 2017. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento (...). **Diário Oficial**, Foz do Iguaçu, 2017.

FOZ DO IGUAÇU. Lei n. 276, de 6 de novembro de 2017. Dispõe sobre o Zoneamento de Uso e Ocupação do Solo no Município de Foz do Iguaçu. **Diário Oficial**, Foz do Iguaçu, 2017.

FOZ DO IGUAÇU. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado Sustentável**. Volume I, Avaliação Temática e Integrada. Foz do Iguaçu: SMPU, 2016.

FOZ DO IGUAÇU. **Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado Sustentável**. Volume III, Diretrizes e Proposições. Foz do Iguaçu: SMPU, 2016.

GONZÁLEZ, Rebeca Osorio; RAMPELLO, Patricia; GONZÁLEZ DOMINGUEZ, Irais. Impactos socio-territoriales: Puerto Iguazú y Reserva Iriapú, 600 hectáreas. Misiones, Argentina. **Revista El Periplo Sustentable**. Cidade do México: UAEM, n. 33, p. 363-393, jul/dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/eps/n33/1870-9036-eps-33-363.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

LIMONAD, Ester. Urbanização e organização do espaço na era dos fluxos. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3 ed. ed. São Paulo: Lamparina, 2007. p. 145-170.

MOURA, Rosa. Como pensar o urbano na América do Sul? In: FIRKOWSKI, Olga Lúcia, et al. **Estudos urbanos comparados: oportunidades e desafios da pesquisa na América Latina**. San Miguel de Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 2016. p.83-114. Disponível em: <https://docplayer.com.br/58375907-Estudios-urbanos-comparados.html>. Acesso em 20 fev. 2020.

NETTO, Vinicius M, SABOYA, Renato. A Urgência do Planejamento. A revisão dos instrumentos normativos de ocupação urbana. **Arquitextos**, São Paulo, ano 11, n.125.02, Vitruvius, out. 2010. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.125/3624>. Acesso em 20 fev. 2020.

PARAGUAY. Ley n. 3.966, Orgánica Municipal. **Gaceta Oficial de la República del Paraguay**. Assunção, 2010.

PARAGUAY, Secretaría Técnica de Planificación. **Plan Nacional de Desarrollo - Paraguay 2030**. Asunción: STP, 2014.

PARAGUAY, Secretaría Técnica de Planificación. **Consultoría para el Análisis del Contexto Reglamentario al Ordenamiento Territorial en Paraguay**. Asunción: STP, 2017.

PARANÁ, Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano. **Referências para a Política de Desenvolvimento Urbano para o Estado do Paraná**. Curitiba: SEDU, 2017.

PEÑA, Sergio. Ciudades y fronteras: Los retos de la planificación transfronteriza. In: ALFONSO, Haroldo Dilla. **Ciudades en la Frontera: Aproximaciones críticas a los complejos urbanos transfronterizos**. Santo Domingo: Manatí, 2008. p. 263-281. Disponível em: <https://doi.org/10.21670/ref.2015.31.a01>. Acesso em 20 fev. 2020.

PUERTO IGUAZÚ. **Carta Orgánica del Municipio de Puerto Iguazú**. Puerto Iguazú: Concejo Deliberante, 1994.

PUERTO IGUAZÚ. Ordenanza n. 100/06, Plan de Desarrollo Urbano - Anexo I e II. **Boletín Oficial de la Provincia de Misiones**, Posadas, 2007.



COMUNIDAD E IDENTIDAD COLECTIVA. LOS DESAFÍOS DE LA INTEGRACIÓN: EL CASO DE PALMIRA EN GUANTÁNAMO, CUBA

COMUNIDADE E IDENTIDADE COLETIVA. OS DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO:
O CASO DE PALMIRA EM GUANTÁNAMO, CUBA

COMMUNITY AND COLLECTIVE IDENTITY. THE CHALLENGES OF
INTEGRATION: THE CASE OF PALMIRA IN GUANTANAMO, CUBA

David Rubio Mendez¹ 

Universidad de La Habana, Cuba

Resumen: El presente artículo aborda el proceso de formación y consolidación de las *comunidades urbanas no planificadas en la ciudad de Guantánamo, Cuba*. La investigación realizada en la comunidad Palmira, entre los años 2011 y 2019, sostuvo como objetivo: *Analizar el proceso de configuración de la identidad colectiva, y su relación con las estrategias de integración social comunitaria*. Se aplicaron varios métodos y técnicas de investigación empíricas: *encuesta, observación etnográfica, historias de vida, entrevistas en profundidad y análisis del discurso*; como método teórico fundamental se aplicó el *análisis y síntesis de las teorías que abordan la identidad colectiva desde una perspectiva sociológica*. La muestra escogida para el estudio fue de 777 personas (63.5 % de la población estimada hasta 2019). El estudio permitió la descripción y análisis del proceso de reconfiguración identitaria en la comunidad, que transita desde la formación de conglomerados familiares y de lugar de origen, hacia la etapa de consolidación comunitaria y construcción de la identidad colectiva. En este proceso se establecen nuevas formas de relacionamiento social, lo que facilita la integración al amplio y complejo entramado urbano, brindando a los individuos nuevos atributos identificativos en torno a la comunidad como estructura proveedora de integración social.

Palabras clave: Identidad colectiva; Comunidad; Inmigración urbana; Integración social; Estructura social.

Resumo: Este artigo aborda o processo de formação e consolidação de comunidades urbanas não planejadas na cidade de Guantánamo, Cuba. A

¹ Sociólogo. Máster en Desarrollo Cultural Comunitario. Facultad de Filosofía, Historia y Sociología, Universidad de La Habana. E-mail: drubio@ffh.uh.cu; drubiomdz@gmail.com.

pesquisa realizada na comunidade de Palmira, entre 2011 e 2019, teve como objetivo fundamental: analisar o processo de formação da identidade coletiva e sua relação com as estratégias de integração social da comunidade. Vários métodos e técnicas de pesquisa empírica foram aplicados: levantamento, observação etnográfica, histórias de vida, entrevistas em profundidade e análise do discurso; como método teórico fundamental, foi aplicada a análise e síntese de teorias que abordam a identidade coletiva de uma perspectiva sociológica. A amostra escolhida para o estudo foi de 777 pessoas (63,5% da população estimada até 2019). O estudo permitiu a descrição e análise do processo de reconfiguração identitária na comunidade, que avança desde a formação de conglomerados familiares e de origem, até a fase de consolidação comunitária e construção da identidade coletiva. Nesse processo, novas formas de relacionamento social são estabelecidas, o que facilita a integração no amplo e complexo tecido urbano, proporcionando aos indivíduos novos atributos de identificação em torno da comunidade como uma estrutura provedora de integração social.

Palavras-chave: Identidade coletiva; Comunidade; Imigração urbana; Integração social; Estrutura social.

Abstract: The present article is about the process of formation and consolidation of unplanned urban communities in the city of Guantánamo, Cuba. The research carried out in the Palmira community, between 2011 and 2019, held the following objective: Analyze the process of configuration of collective identity, and its relationship with community social integration strategies. Various empirical research methods and techniques were applied: survey, ethnographic observation, life stories, in-depth interviews, and discourse analysis; As a fundamental theoretical method was applied, the analysis and synthesis of theories that address collective identity from a sociological perspective. The sample chosen for the study was 777 people (63.5% of the estimated population until 2019). The study allowed the description and analysis of the identity reconfiguration process in the community, which goes from the formation of family conglomerates and place of origin, towards the stage of community consolidation and collective identity construction. In this process, new forms of social relationship are established, which facilitates integration into the broad and complex urban network, giving people new identifying attributes around the community as a provider structure for social integration.

Keywords: Collective Identity; Community; Urban immigration; Social integration; Social structure.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.174280](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.174280)

Recebido em: 29/08/2020
Aprovado em: 29/02/2021
Publicado em: 01/07/2021

1. Introducción

En la ciudad de Guantánamo, al igual que en otras ciudades cabeceras provinciales cubanas, ha ocurrido en las últimas cuatro décadas un proceso sostenido de formación y expansión de comunidades urbanas no planificadas². Estos asentamientos poblacionales, en sus fases iniciales, se asocian a flujos migratorios intra-provinciales y se localizan fundamentalmente en áreas periféricas urbanas. Los habitantes de estas comunidades se encuentran, como regularidad, en condiciones de vulnerabilidad social, no solo desde el punto de vista medioambiental y socio-estructural, sino también desde lo sociocultural.

La comprensión de las regularidades en la formación de las comunidades urbanas no planificadas aún resulta limitada desde el abordaje de las Ciencias Sociales en Cuba. Además, son escasos los estudios que abordan esta problemática desde la subjetividad, por ello se hace necesario el análisis de las dinámicas de formación y consolidación de estas comunidades, dadas sus consecuencias para el desarrollo a escala territorial, así como para la calidad de vida y la subjetividad de sus habitantes.

Desde estos fundamentos de partida, la presente investigación aborda la realidad de las comunidades urbanas no planificadas en Guantánamo, a partir de un estudio en la comunidad Palmira; lo que

² En el presente estudio se introduce la noción de Comunidad Urbana no Planificada para designar los asentamientos que surgen de manera espontánea en la periferia de la ciudad, aparejados fundamentalmente a procesos de inmigración. Esta misma realidad es clasificada por el Instituto de Planificación Física como barrios precarios. A los efectos, la Dirección de Urbanismo del Instituto de Planificación Física establece que estos pueden agrupar más de 50 viviendas; no se conforman a partir de regulaciones urbanas y arquitectónicas, pues surgen de manera informal; su calidad ambiental resulta marcadamente inferior a la del contexto urbano más próximo, al que no pertenecen, ni se vinculan de manera funcional.

permitió no solo una mirada profunda al interior de sus dinámicas sociales, sino también la comprensión del proceso de consolidación comunitaria desde la construcción de la identidad colectiva como estrategia de integración.

2. El escenario de investigación

La Comunidad Palmira fue escogida como escenario fundamental para la realización de la presente investigación dado que su formación en 1980 y su engrosamiento como espacio residencial informal, durante los últimos 40 años, estuvo asociado a un proceso sostenido de inmigración espontánea no controlada procedente de varios municipios de la provincia, logrando la consolidación de una identidad colectiva-comunitaria, no obstante la diversidad de orígenes residenciales de sus pobladores.

Esta comunidad se encuentra ubicada al norte de la ciudad de Guantánamo, en el Consejo Popular Caribe. Limita al noreste con el río Bano, al noroeste con áreas residenciales (en desarrollo) de la ciudad y al sur con la calle 18 Norte (ver Figura 1). Más de un 45% de sus viviendas están enclavadas en áreas con riesgo de inundación por la proximidad a las márgenes del río Bano.

Figura 1- Imágenes de la comunidad Palmira en la ciudad de Guantánamo. Cuba.³



Fuente: Google. Satélite (2021). Adecuaciones: Rubio Méndez (2021)

El estudio en la comunidad Palmira se llevó a cabo entre los años 2011 y 2019⁴, con la colaboración de los especialistas del Grupo para el Desarrollo Integral de la Ciudad de Guantánamo, así como de profesores y estudiantes de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Guantánamo. Su propósito fundamental consistió en *la comprensión del proceso de formación y consolidación de la comunidad*.

Los primeros resultados de investigación indicaron la existencia, entre los habitantes, de un fuerte sentido de pertenencia hacia la comunidad; lo que no ocurre de manera similar con respecto a la ciudad como entorno más amplio de interacción. A partir de estas observaciones surge la hipótesis que motiva y guía la continuación del estudio: *la identidad es un proyecto que el sujeto construye durante toda su historia personal, asumiendo los atributos identificativos portados por aquellas*

³Las imágenes de la ciudad de Guantánamo y la comunidad Palmira fueron extraídas de Google Maps (imagen de satélite), el 20 de marzo de 2021. Las adecuaciones realizadas a las imágenes y presentadas por el autor de este artículo, fueron realizadas el 25 de marzo de 2021.

⁴ La información contenida en este artículo constituye una actualización del estudio. En 2016 fueron publicados resultados parciales de investigación en Rubio Méndez (2016). En el presente artículo, como se verá, se ofrecen nuevos datos y análisis teóricos.

estructuras que considere adecuadas o efectivas para lograr las metas contenidas en su proyecto de vida. En torno a ello ocurren procesos de reconfiguraciones identitarias que facilitan la inserción a nuevas estructuras protectoras o proveedoras de integración. Cuando los sujetos no encuentran las estructuras adecuadas para satisfacer sus necesidades de integración social aparecen estructuras creadas o reinventadas con la finalidad de que los sujetos legitimen sus acciones y satisfagan sus necesidades de integración.

El acercamiento a esta realidad inició la descripción de la variable *origen de los desplazamientos*, por medio de un cuestionario aplicado a los residentes de la comunidad Palmira. Para ello fue escogida una muestra inicial⁵ de 149 viviendas, de las 242 existentes hasta enero de 2012; caracterizando a 458 personas de los 702 residentes estimados hasta el 2011.

En el segundo muestreo aplicado⁶ en diciembre de 2019, fueron incluidas en la muestra 209 viviendas de las 343 construidas a partir del 2011, caracterizando a 319 personas de las 522 sumadas a la población residente en Palmira a partir del 2011. En total fueron muestreadas 358 viviendas (61.2%) del total registrado hasta diciembre de 2019, y 777 individuos mayores de 18 años, de ambos sexos, significando un 63.5% del total de la población estimada (1224) hasta diciembre de 2019. Entre los años 2012 y 2018, se realizaron 37 entrevistas en profundidad y 10 historias de vida, escogiendo para estos fines a personas fundadoras de la comunidad. Durante todo este período se aplicó de manera intermitente, la observación etnográfica. En el análisis, la variable *origen de los desplazamientos* se definen nueve períodos con intervalos de cinco años, exceptuando los períodos, inicial (1970-1980 -con diez años-) y último (2016-2019) con solo cuatro años.

⁵ Primer momento de medición de las características sociodemográficas en Palmira (enero de 2011).

⁶ Segundo momento de medición de las características sociodemográficas en Palmira (diciembre de 2019).

3. Presupuestos teóricos para el estudio

Desde la segunda mitad del siglo XX, se ha intensificado la producción científica en torno a la Identidad desde diferentes campos de las Ciencias Sociales, no sólo para su comprensión epistémica, sino también para el establecimiento de sus nexos con otros procesos sociales.

En la Psicología social, el análisis de la identidad ha transitado desde la explicación de los procesos de formación de identidades individuales hacia la comprensión de identidades colectivas⁷. "En esta línea se desarrolla la teoría de la identidad social, concibiendo la relación entre grupo y categoría social, como el vínculo psicológico que permite la unión del individuo con el grupo (o comunidad), y la percepción de su pertenencia al mismo". Rubio (2020).

Desde la Antropología se propone una perspectiva macrosocial caracterizada por el enfoque histórico-cultural, con el cual se definen nuevos campos de relaciones conceptuales, como identidades culturales, nacionales, regionales y étnicas; construidas y reproducidas desde la memoria histórica; concediendo sentido de pertenencia a los individuos y las colectividades⁸.

Por su parte la perspectiva sociológica retoma la mirada hacia la dimensión colectiva de la Identidad, planteada anteriormente por la psicología social⁹; pero buscando explicaciones al proceso desde los ejes conceptuales contenidos en la teoría y la práctica sociológica.

⁷ Sobre los aportes a la conceptualización de la Identidad, en el área de la Psicología social, ver: Mercado y Hernández (2010).

⁸ La distinción en los enfoques antropológicos sobre la identidad ha sido la recreación de los conceptos de grupo étnico e identidad étnica, los que no han atravesado el largo camino de su consolidación como conceptos sin francas contradicciones epistémicas entre los principales autores que la abordan. En este enfoque se inscriben destacadas figuras del pensamiento antropológico contemporáneo como Frederick Barth (1978), Clifford Geertz (1996; 2003), Marvin Harris (1989) y Comas D'Argemir y Pujadas Muñoz (1991). Ver también a Rubio (2020).

⁹ En tal sentido la identidad individual se construye desde la identidad colectiva, por la necesidad de pertenencia al grupo, con el propósito de reafirmar la individualidad desde la percepción de semejanzas y diferencias. A partir de esta reflexión puede considerarse que la actual concepción teórica sobre la identidad colectiva tiene como antecedente la visión de Tajfel sobre la identidad social. Ver en Rubio (2020).

En tal sentido la teoría sociológica de la identidad, desarrollada entre los años sesenta y ochenta del pasado siglo, esboza dos dimensiones fundamentales en la comprensión de la Identidad colectiva, basadas en sus funciones sociológicas: a) nómica o integrativa; b) estratégica o interactiva.

¹⁰

La función nómica o integrativa fue desarrollada desde el modelo estructural-funcionalista. La misma indica que la formación de la identidad colectiva está asociada a procesos de internalización de las normas pautadas por la colectividad, brindando estabilidad y bienestar al individuo, al reconocerse y ser reconocido como parte del colectivo, en el entorno de las relaciones sociales del grupo o la comunidad.

Por su parte, la función estratégica o interactiva, concebida desde los referentes teóricos del Interaccionismo simbólico y la Fenomenología, reconoce la Identidad colectiva como un proceso activo de reconfiguración y reivindicación de lo social. Desde esta dimensión analítica, la formación de la identidad colectiva resulta no solo un proceso de internalización de las normas pautadas por el grupo o comunidad, sino un proceso consciente de reconocimiento y de atribución de significados a esas normas, en función de los intereses, necesidades y metas sociales del individuo.¹¹ Esta última dimensión de análisis, constituye la premisa teórica fundamental para la comprensión del objeto de esta investigación: "El proceso de formación y consolidación de las comunidades urbanas no planificadas, y sus nexos con la Identidad colectiva".

¹⁰ Ver Dubet (1989, p. 519).

¹¹ Aunque tanto los interaccionistas simbólicos como los fenomenólogos, al ser continuadores de la Teoría de la Acción de Max Weber no conciben la dimensión colectiva de la Identidad al opinar que esta solo puede entenderse como atributo de un sujeto individual, desde el discurso sociológico actual sí se considera válida, al igual que la dimensión colectiva de la acción social. Dubet (1989).

4. comunidades urbanas no planificadas e inmigración espontánea no controlada: la ciudad de Guantánamo

El panorama en el crecimiento urbano en la ciudad de Guantánamo, en los últimos 50 años, no difiere significativamente del resto de las ciudades cabeceras provinciales del país. Estos han estado asociados, como variable de incidencia fundamental, a las migraciones internas, sean interprovinciales o intermunicipales.

Este proceso de crecimiento urbano sostenido, asociado a los procesos migratorios internos, ha impactado en la distribución espacial de la población urbana y en las características socioestructurales de la misma. Como regularidad se observa una relación directa entre *inmigraciones espontáneas no controladas*¹², procedentes de asentamientos rurales y de poblados o pequeñas ciudades municipales, y la formación de asentamientos poblacionales informales en los límites urbanos. Estos nuevos "barrios", clasificados como "periféricos y precarios", por especialistas del planeamiento físico de la ciudad, y por las autoridades del gobierno municipal, han estado en el centro de la atención de políticos, gestores, especialistas e investigadores sociales, debido a las condiciones de vulnerabilidad social e infraestructural que los caracteriza.

En 2008, los especialistas de la Dirección Provincial de Planificación Física de Guantánamo (DPPF) realizaron un estudio sobre la formación y

¹²Inmigrantes espontáneos no controlados. Esta clasificación responde a una tipología de migrantes cuyas características están condicionadas socio-estructuralmente, pues no poseen los recursos económicos y culturales necesarios para establecer su residencia de manera estable en la ciudad escogida como destino. Entre sus características fundamentales se relacionan: el desplazamiento en grupos familiares y el asentamiento en áreas periféricas de la ciudad donde ya se han establecido grupos con características similares, proceden fundamentalmente de asentamientos rurales y el promedio de escolaridad oscila entre el 6o y el 9o grado regularmente. El término no controlado obedece a que en la mayoría de los casos no coincide la dirección expuesta en su carné de identidad y el registro de OFICODA (Oficina de Control para la Distribución de los Abastecimientos) con la dirección de la residencia actual. Todo ello como consecuencia de que estas personas, al fijar sus residencias en comunidades emergentes, construyen sus viviendas con escasos recursos, al margen de las regulaciones urbanísticas; esto dificulta el proceso de legalización de las mismas y por ende la legalización del cambio de domicilio. Esta clasificación nos permite superar otras denominaciones como la de *illegales*, que han contribuido a la construcción de un etiquetaje social negativo en torno a los migrantes internos, muchas veces expresadas en las prácticas institucionales.

expansión en la ciudad de estos asentamientos informales: "Barrios precarios en la Ciudad de Guantánamo"¹³. El estudio arrojó que, entre los años 1970 y 1990, se establecieron en los límites de la ciudad, unos 20 asentamientos urbanos informales (comunidades urbanas no planificadas); incrementándose de manera sostenida en años posteriores, al tiempo que las ya establecidas crecen en población y viviendas. "Hasta 1993 ya se observaba un incremento de 5 de estos barrios precarios, además de la permanencia y expansión de los asentamientos ya establecidos con anterioridad. Para esta fecha suman en total 25 barrios precarios, distribuidos en todo el límite de la ciudad, y se registra una población de 20.954 habitantes y 5.096 viviendas (DPPF-Guantánamo, 2008).¹⁴. La observación sistemática permitió a los especialistas identificar las regularidades en la dinámica de la formación y expansión de los barrios informales en la ciudad de Guantánamo:

La formación y expansión de barrios informales o precarios (comunidades urbanas no planificadas) en la ciudad de Guantánamo están asociadas, fundamentalmente, a procesos sostenidos de inmigración espontánea no controlada. Por lo general sus habitantes proceden de asentamientos rurales y se desplazan en grupos familiares. Los lugares de atracción para los asentamientos, suelen ser: a) áreas cultivables próximas a los límites de la ciudad, de difícil acceso y con carencia total de infraestructura técnica y servicios básicos; b) comunidades con determinada consolidación y existencia parcial de infraestructuras técnicas y servicios básicos, a partir de vínculos familiares, vecindad y/o amistad, con personas que ya residentes.¹⁵

¹³ "Barrios precarios en la Ciudad de Guantánamo". Estudio realizado por especialistas de la Dirección Provincial de Planificación Física (DPPF) en Guantánamo. 2008. Rubio (2015; 2016).

¹⁴ Apud Rubio (2015; 2016).

¹⁵ En estas comunidades la mayoría de las viviendas fueron construidas con recursos propios sin tener en cuenta las regulaciones técnicas, utilizando incluso materiales de desecho. La disposición espacial de estas viviendas no permite el trazado regular de calles, muchas de las que aún se mantienen sin pavimentar. Se caracterizan además por la carencia de servicios de acueducto y alcantarillado, de electricidad y por deficientes condiciones higiénico-ambientales. En opinión de los especialistas de las direcciones municipal y provincial de Planificación Física, estas comunidades están ubicadas en zonas bajas donde el drenaje superficial es deficiente, con presencia de estructuras de fallas plegadas y la presencia de arcilla expansiva, por la sobresaturación del suelo. Además, se ubican en la franja de protección del río donde predomina el suelo aluvial propio de esas áreas, lo que implica un alto grado de vulnerabilidad a las inundaciones en épocas de intensas lluvias. Ver en Rubio (2015; 2016).

A partir de 1993, se desarrollan diversas acciones gubernamentales para la rehabilitación de estos barrios. Estas acciones estuvieron centradas en servicios de acueducto, electricidad, viales, alcantarillado, telefonía pública y construcción de viviendas, fundamentalmente.

Para el año 2004, ya se observaban los efectos de estas acciones. Este proceso de rehabilitación impactó de manera favorable en las condiciones infraestructurales de estos asentamientos, así como en la calidad de vida de la población residente, aunque debe destacarse que no lograron impactar de manera homogénea en la totalidad de los mismos, ni modificar, en esencia, las condiciones de desventajas socioestructurales de sus residentes. No obstante, como consecuencia de estas acciones, algunos de estos asentamientos fueron desclasificados como barrios precarios.¹⁶

Estos cambios, si bien lograron menguar las condiciones de vulnerabilidad social en que se encontraban los residentes en las comunidades urbanas no planificadas, no frenaron la inmigración espontánea no controlada, definida como la principal contribuyente en la formación de nuevos asentamientos, y la expansión de las comunidades ya constituidas.¹⁷

5. La comunidad Palmira. desde su formación como asentamiento urbano informal, hasta su consolidación como comunidad

Los resultados obtenidos a partir de la aplicación de diferentes métodos y técnicas de investigación social, durante el trabajo de campo en la Comunidad Palmira, permitieron una comprensión más cercana de la problemática de las comunidades urbanas no planificadas y su asociación a los procesos inmigratorios espontáneos no controlados. Como primer resultado se obtiene que, aunque la inmigración espontánea no controlada resulta significativa en la formación inicial de los asentamientos, su expansión no está exclusivamente vinculada a personas que provienen de

¹⁶ En el año 2004, las autoridades de la ciudad decidieron excluir a 9 de estos asentamientos, ya rehabilitados, de la clasificación de barrios precarios, contribuyendo a una disminución considerable de los valores estadísticos referidos a población y vivienda en los barrios precarios. (DPPF-Guantánamo, 2008). Ver Rubio (2015).

¹⁷ Ver Rubio (2015, 2016).

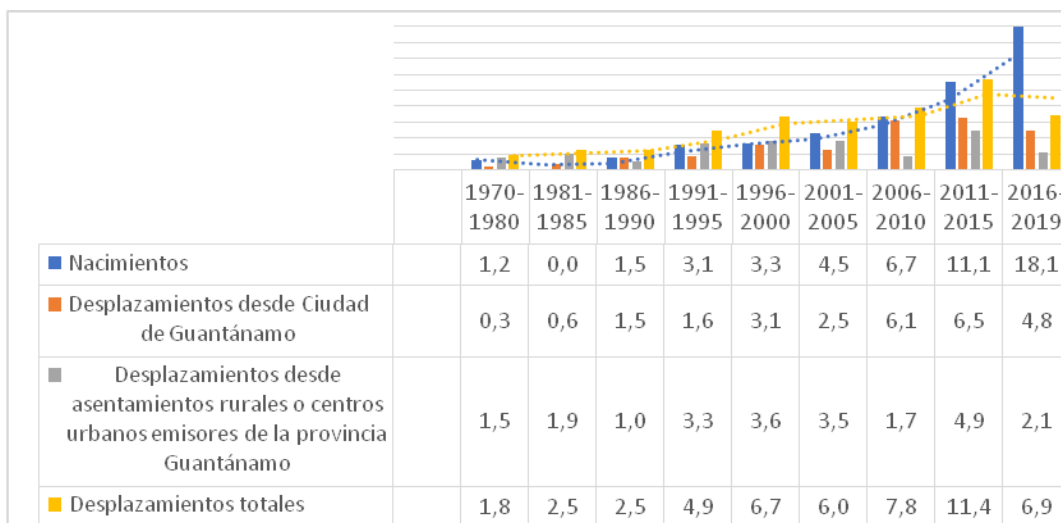
comunidades rurales de otros municipios de la Provincia. La observación de los orígenes de los desplazamientos hacia Palmira, en un período de 49 años, constata que el 50.5% de sus habitantes ingresaron a la comunidad desde diversas procedencias, cuyos desplazamientos comienzan entre los años 1970 y 1980, proceso que se sostiene hasta la fecha.

Los movimientos ocurridos desde la propia Ciudad de Guantánamo constituyen el 27% de sus habitantes; mientras que los desplazamientos procedentes de varios asentamientos rurales y de base urbanos, pertenecientes a otros municipios de la provincia, y que son clasificados como *inmigrantes espontáneos no controlados*, significan el 23.5% (ver Tabla 1).

Al sumar estos dos últimos indicadores, se observa que el 50.5% de la población estimada hasta diciembre de 2019, corresponde a personas que arribaron a la comunidad, ya sea procedentes de asentamientos rurales de varios municipios de la provincia, o los que resultan de los desplazamientos poblacionales ocurridos desde la propia ciudad de Guantánamo hacia la comunidad, en busca de espacios para construir viviendas, sumando 39 orígenes residenciales diferentes¹⁸.

¹⁸ Los datos obtenidos a partir de la aplicación del muestreo en sus dos etapas: (enero de 2012 y diciembre de 2019), indican la coexistencia de personas de orígenes residenciales diferentes, desde 8 municipios de la provincia Guantánamo, más los que refieren proceder de Santiago de Cuba, Holguín, Matanzas y La Habana. Se registra la procedencia desde 26 asentamientos rurales diferentes, 4 asentamientos urbanos (cabeceras municipales) y 9 puntos emisores desde la propia ciudad de Guantánamo.

Tabla. 1 - Crecimiento y distribución poblacional por períodos en la Comunidad Palmira (1970-2019).¹⁹



Fuente: Rubio Méndez (2020).

En algunos de los casos observados se constata la ocurrencia de una dinámica particular de desplazamientos entre asentamientos que responden a similares tipologías de niveles de asentamientos, sea dentro de los límites de la propia Provincia, incluso de la ciudad, sea entre Provincias; llegando a ocurrir desplazamientos múltiples en un corto período de tiempo entre asentamientos de base urbana clasificados como periféricos y precarios.

Una de las personas encuestadas describe una historia de desplazamiento que ilustra ampliamente esta tipología:

[...] antes vivía en Santa Catalina [asentamiento rural antes perteneciente al municipio Guantánamo, ahora perteneciente al municipio Manuel Tames], mi hijo mayor tenía 2 años, cuando conocí a un hombre del Valle [municipio San Antonio del Sur] y me fui con él [1994]. Allí nacieron las dos niñas, una tiene ahora 16 y la otra ya cumplió los 7; al tiempo mi relación no funcionó y regresé hace 6 años para Guantánamo [2004], -para San Pedro, por la autopista- a una casita que me prestaron unos parientes. Luego allí las cosas no iban bien, estaba muy lejos y la casita no era mía, hasta que pude acercarme un poco más. Hace 6 meses que vivo aquí en Palmira (2010), está un poco más cerca de todo y la gente es buena, aunque todavía no tengo los papeles de la casa, ni la dirección, ni la “libreta”, por el momento no pienso en mudarme de nuevo, pero si

¹⁹Muestreo realizado al 63.5 % de la población total de Palmira, registrada hasta diciembre de 2019 (1.224 habitantes)

aparece algo mejor en otro lugar no lo pienso dos veces".
(Información verbal.)²⁰

Esto sugiere que en el proceso migratorio se puede establecer una relación estructural entre niveles de asentamiento de origen y destino. El desplazamiento entre asentamientos de similares jerarquías político-administrativas, con similitudes infraestructurales y socioeconómicas, parece facilitar la adaptación y la inserción de los inmigrantes, pues los que proceden de los asentamientos rurales, trasladan a la comunidad de destino la lógica de posicionamiento y el relacionamiento social propias de las comunidades de origen. Este proceso de relación entre la inmigración y la estratificación social, observada en las primeras etapas del asentamiento en las comunidades de destino, parece limitar las posibilidades de movilidad social ascendente, propósito que subyace en las intenciones de los inmigrantes.

El análisis de la incidencia de la familia, como variable relacionada con los procesos de inmigración, corrobora que el 66.4 % de los inmigrantes encuestados se desplazan con sus familias, con matrimonios ya formados y el 32.3% forman familias luego del desplazamiento; estos últimos resultan puentes de atracción a personas no residentes en la comunidad. Muchas de estas nuevas familias son de procedencias múltiples, incluyendo los nacidos en la comunidad con personas de otros municipios.

De los matrimonios formados antes del desplazamiento, solo el 19.4 % son de procedencias diferentes (matrimonios o familias mixtas), predominando la relación rural-rural, por encima de la ciudad-rural y ciudad-ciudad. De los matrimonios formados luego del desplazamiento, cuando alguno de los cónyuges ya residía en el barrio, el 90.4% son de procedencias diferentes (matrimonios mixtos); estos, en un 59.4%, resultan de segundas nupcias –familias reconstituidas y reensambladas. Así no solo se observa mixtura en cuanto a la procedencia en los matrimonios

²⁰Información proporcionada por María Ramírez en entrevista realizada en el 2014.

formados, sino también en cuanto al tiempo de residencia en la comunidad.

Se constata además la formación de patrones de concentración residencial, en muchos se manifiesta como estructuras poli residenciales contiguas.²¹

[...] esos López-Barriendo eran familias todos, como 13 familias que todos eran parientes e hicieron las casitas pegados unos a otros, otros vinieron de Caridad de Los Indios. Las primeras personas que yo conocí aquí son de la Caridad de Los Indios... lo que bajó de la Caridad de los Indios también fue una explosión.... Aquí hay una familia que ha predominado mucho tiempo, que son los Vicet, son unos cuantos, eso era un chorro lo que había ahí, todos hicieron las casitas juntas también, cuando yo los conocí vivían ya todos juntos, creo que todos vinieron al mismo tiempo. Después crecieron con los hijos, los nietos y lo que han hecho es un familión y están ahí. Ellos son de piel mulata. Los hijos siguieron haciendo las casas cerca, pegadas a las que ya estaban... Del Valle de Caujerí vino otro grupo, esos no vinieron en manada, vinieron poco a poco pero vino una gran cantidad, también eran familia, entre esos está la familia de Raúl Fuentes, está Silvano, que es pariente de Raúl, vivían cerca allá y vinieron a dar aquí juntos, se le agregaron aquí los Gamboa, los Terrero y los González, que también bajaron de esa vuelta, esa mezcla vino de El Valle y todos fueron haciendo sus casitas cerca unos de otros [...] (información verbal).²²

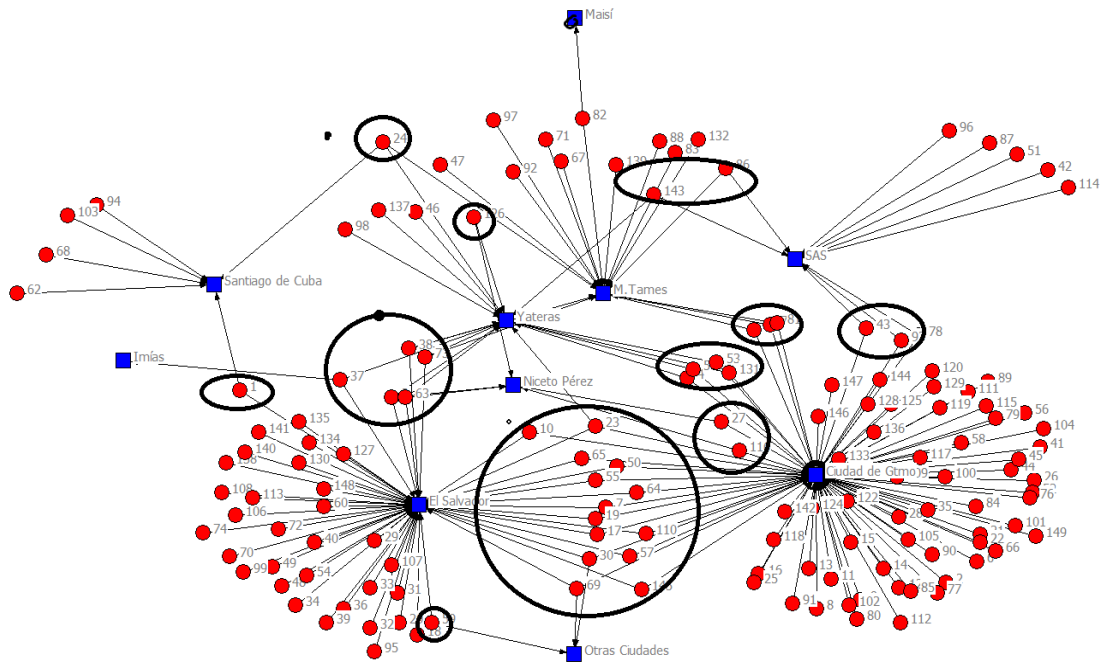
Este proceso de concentración residencial es clasificado operacionalmente, a propósito de la presente investigación, como conglomerados familiares o de paisanaje²³; asociado fundamentalmente a patrones de procedencia común (paisanaje) y de parentesco (ver Figura 2).

²¹ Las estructuras poli residenciales contiguas designan la derivación o desprendimiento residencial a partir de una casa madre, donde los miembros del grupo de parentesco sobreviven como unidades de interdependencia funcional, en diferentes hogares interrelacionados espacialmente; sea a partir de la construcción de nuevas viviendas o por la partición de una vivienda, en forma de habitaciones separadas físicamente, pero funcionalmente unidas.

²² Información proporcionada por Urbano Rojas en entrevista realizada en el 2015.

²³ Conglomerados familiares y de paisanaje; este concepto es aportado por Comas D´Argemir y Pujadas Muñoz (1991), a partir de los estudios realizados en los barrios periféricos de la Ciudad de Tarragona. Designa la fusión de varios grupos domésticos, cuyas estructuras y funciones se asemejan al de las familias extensas, Su dinámica se muestra como una red de parientes que contribuye a solventar las dificultades y las crisis que sufren los inmigrantes durante el proceso de inserción y adaptación al cambio.

Figura. 2- Relación de redes de conglomerados familiares y paisanaje.²⁴



Fuente: Rubio Méndez, D. (2016).

6. La construcción de la identidad colectiva y su relación con la formación de la comunidad

El estudio en Palmira permitió la comprensión del proceso de interacción social y de reconstrucción subjetiva de la realidad comunitaria desde las propias percepciones de sus pobladores, quienes la conciben como espacio de consolidación familiar y social, por su dinámica de tranquilidad, solidaridad y la sociabilidad; asimismo demuestran el fuerte sentido de pertenencia y las relaciones de colaboración, lo que indica un proceso de formación de la identidad colectiva, como sostén de cohesión comunitaria.

[...] los que vinieron de otros municipios eran fundamentalmente personas del campo, usted sabe que las personas del campo son más, como le diría, más nobles, más honestas, más sociables que las personas de la ciudad. Muchas de las personas que viven ahí mismo, en un edificio, no se conocen, a veces son vecinos y no se

²⁴ Datos extraídos de las encuestas sobre los orígenes de los desplazamientos en la Comunidad Palmira.

conocen o casi no se tratan, no conversan. Aquí todo el mundo se conoce unos a otros, eso es característico en Palmira, yo no veo diferencia entre las personas que vienen de un lugar o de otro, ya le digo no importa de dónde haya llegado la gente, ni cuándo llegó, aquí todos somos palmireños y no hay diferencias, y si es porque somos del campo, menos diferencias, porque yo creo que las costumbres de todas las gentes del campo son las mismas, y si no son las mismas se parecen, y tú no notas diferencias... incluso la gente que viene de la ciudad, se adaptan enseguida a la vida del palmireño [...] (información verbal)²⁵

Las dinámicas relacionales y de interacción social contenidas en el proceso de formación de la identidad colectiva (comunitaria), se construyen desde dentro, como protección frente a la dinámica urbana que impone celeridad, individualización y desidentización.

El proceso de formación del sentido de lo comunitario como expresión de identidad colectiva en Palmira transita desde el asentamiento inicial de varias familias de orígenes residenciales diferentes - en una **primera etapa**- y la formación inicial de conglomerados familiares o de parentesco y estructuras poli residenciales contiguas.

En una **segunda etapa**, que puede clasificarse como de expansión o crecimiento, se amplían estos grupos o conglomerados familiares por el efecto llamada a otras personas y familias del propio lugar de origen (relaciones de vecindad o paisanaje), en un proceso de fusión (incorporación). Esta etapa constituye la base para la formación de la comunidad, aunque no significa un momento de consolidación de la identidad comunitaria, pues el sentido de pertenencia se circunscribe a los grupos o conglomerados familiares y paisanaje.

Luego sucede un proceso de fisión²⁶, dando lugar a una **tercera etapa**, crucial en la formación del sentido comunitario, en la que se tornan difusos los límites de los grupos o conglomerados familiares y paisanaje,

²⁵ Información proporcionada por Urbano Rojas en entrevista realizada en el 2015.

²⁶ Los procesos de fusión y fisión son descritos por Comas D'Argemir y Pujadas Muñoz (1991), este último (fisión) ocurre cuando los lazos sociales que se forman como consecuencia de los conglomerados familiares (fusión) comienzan a obstaculizar las aspiraciones de movilidad social de las nuevas familias. En el estudio de la comunidad Palmira, a diferencia de lo que describen Comas y Pujadas (en el caso de Tarragona), esta fisión no ocurre fuera de los límites comunitarios, sino al interior de la propia comunidad.

catalizado por la formación de nuevas familias por matrimonios mixtos – de orígenes diferentes - y los nacimientos.

Por último, en una **cuarta etapa**, definitiva en el reconocimiento de la identidad colectiva, ocurre un nuevo proceso de fusión, mayormente caracterizado por la integración de todos los grupos iniciales y su estructuración como comunidad. En esta etapa, los límites de los grupos o conglomerados familiares y de paisanaje, que distinguían el relacionamiento social en el barrio en sus dos primeras etapas, y se tornaban difusos ya en la tercera etapa, ahora quedan borrados completamente ante la formación de una identidad colectiva, en su dimensión comunitaria.

Debe significarse que la construcción de la identidad colectiva en su dimensión comunitaria, como sentido de pertenencia y cohesión comunitaria, es excluyente e incluyente al mismo tiempo, los nuevos vecinos de la comunidad, independientemente de los lugares de origen, son acogidos como miembros de la comunidad, por asimilación (incorporación), como lo describe el nuevo caserío formado al interior de Palmira, entre el 2012 y el 2016, que fue nombrado por los propios vecinos como *El Tiradero*. Con respecto a estas personas, tanto el líder comunitario como los residentes de la comunidad los consideran como *palmireños*, integrándose a la dinámica y funcionalidad relacional de la comunidad, aun cuando su situación residencial no está legalizada. Sin embargo, los residentes de los edificios construidos por el Estado en terreno ubicado dentro de los límites del barrio no son considerados de la misma forma.

La reconfiguración de las identidades, cuya base en todo caso es el de las crisis de identidades desde lo individual y lo colectivo y desde lo público a lo privado, incluye *per se* la noción de cambio. Esto indica, como un elemento distintivo de la crisis de las identidades colectivas, el desplazamiento desde las *identidades por compromiso y convicción*, hacia las *identidades por conveniencia*. Dubet (1989, p. 531).

Las primeras se construyen en torno a ideales y valores (identidad moral), como es el caso de la fe religiosa, o los movimientos políticos, etc. Las segundas se construyen en torno a intereses individuales y/o colectivos, como estrategia para alcanzar metas.

La función primordial de las *identidades por conveniencia* es servir como recurso para la acción y la integración, lo cual ubica al individuo en determinada relación de autonomía con respecto a las estructuras que lo heterocategorizan, prevaleciendo lo privado ante lo público, lo individual ante lo colectivo.

En el caso de los habitantes de Palmira, sobre todo aquellos que iniciaron el proceso de formación y ampliación de la comunidad, aun siendo de orígenes diferentes, prevalece la construcción de atributos identificativos colectivos. Esta manifestación de *identidad por conveniencia*, o *identidad estratégica*, cumple la función de cohesión ante las crisis identitarias por desarraigo, ante los etiquetajes sociales que los heterocategorizan y ante la inseguridad de integración en la ciudad de destino. El uso de la identidad como estrategia de integración social, puede conducir a la ocurrencia de *etnización*²⁷, aunque estos procesos sean observados, preferentemente, en grupos de inmigrantes internacionales, de diversos orígenes nacionales y culturales, cuyo patrón común radica en las dificultades de integración cultural.

Desde este punto de vista se vislumbra una identidad asociada a la necesidad de integración, desde su dimensión nómica - o función nómica, en tanto implica ordenamiento y legitimación, al decir de Berger y Luckmann (2003).

El individuo necesita de las estructuras protectoras como la familia, los grupos laborales o profesionales, las comunidades y las colectividades

²⁷ Este concepto se deriva de *Etnicidad* aportado por DEBET (1989), este autor refiere al hecho en sí, en el que se forman colectividades a partir de condiciones comunes de vulnerabilidad social y cultural, en cambio utilizamos para este análisis el concepto de *etnización* para referirnos al proceso de formación de las nuevas identidades colectivas.

diversas, entre las que cuenta el Estado, que de alguna forma le proporcionen seguridad de integración a las dinámicas de las relaciones sociales²⁸. Cuando estas estructuras se debilitan, desaparecen o cambian en detrimento de las expectativas e intereses individuales, emergen las crisis –individuales y colectivas- y como consecuencia conllevan a procesos de reconfiguraciones identitarias en torno a nuevas estructuras protectoras o proveedoras de integración; en este contexto aparecen estructuras creadas o reinventadas con la finalidad de que los sujetos legitimen sus acciones y satisfagan sus necesidades de integración, así aparecen las comunidades imaginadas o de sentidos, como indica Bauman (2006).

Desde esta lógica se puede comprender que los individuos y grupos construyen sus identidades individuales, o las historias de sus vidas en función de lograr posiciones nómicas (reinventan sus historias si es necesario), para crear una *imagen de sí*²⁹, favorable a la integración), pero no pueden reinventar la posición que ocupan en el entramado de relaciones sociales. El análisis de la identidad como capacidad estratégica del actor y su relación con el posicionamiento social puede ser comprendida desde la lógica de relación *habitus* y *campo* de Bourdieu (1997), desde el supuesto que las identidades se abren paso desde un posicionamiento social determinado, que, al mismo tiempo, sirve de espacio para la toma de posición, utilizando el *habitus* (identidad) como recurso.³⁰

Desde los presupuestos de Bourdieu (1997) la identidad como estrategia para la acción y la integración social, constituyen *tomas de posición*,

²⁸ Rubio (2020)

²⁹ Esta distinción *sobre concepciones de sí e imagen de sí* es aportada por Ralph H. Turner (apud Giménez, 1996) Las *concepciones de sí* (autocategorías) son regularmente estables, aunque modificables en cuanto a sus aspectos no esenciales; en tanto que las *imágenes de sí* (*heterocategorías*) son esencialmente variables y múltiples. No siempre coinciden la concepción que un individuo tiene de sí mismo y las imágenes que los “otros” construyen *sobre sí*. Lo que no necesariamente implicaría una crisis de identidad en el individuo, siempre que posea las habilidades sociales necesarias para “orientar” la imagen que los otros construyen sobre sí, y en última instancia reconfigurar algunos aspectos de las concepciones *de sí*, en función de minimizar las incongruencias entre ambos componentes de su identidad

³⁰ A cada clase de posición corresponde una clase de *habitus* (o de aficiones.) producidos por los condicionamientos sociales asociados a la condición correspondiente y, a través de estos *habitus* y de sus capacidades generativas, un conjunto sistemático de bienes y de propiedades, unidos entre sí por una afinidad de estilo. (Bourdieu, 1997, p. 11-12).

dependiendo de la posición que ocupen en la estructura del campo, por mediación de las disposiciones constitutivas de su habitus. En este sentido cada individuo reconfigura su identidad, pero desde el espacio de las posibilidades heredadas que le confiere el campo, en función de la percepción de las posibilidades disponibles que le proporcionan las categorías de percepción y de valoración inscritas en su habitus.

7. Conclusiones

A partir de los registros etnográficos logrados en la comunidad Palmira se constata el uso de estrategias de adaptación e inserción al nuevo escenario de interacción a partir de la formación de conglomerados de paisanaje o a partir de relaciones familiares o de parentesco, lo que les permite a los inmigrantes urbanos reproducir sus prácticas en la comunidad de acogida sin grandes riesgos; mientras que interactúan con otras familias, grupos de otros orígenes, con el entorno general de la comunidad y con el entramado de relaciones urbanas que propone la ciudad, y con ello incorporan nuevos atributos identificativos.

La situación del inmigrante espontáneo no controlado, de bajos recursos culturales y económicos, limita las posibilidades de redimensionamiento de la identidad, como recurso estratégico para lograr su integración a la vida urbana; vista esta última como contexto más amplio y dinámico, más allá de lo que ofrece la comunidad como colectividad, o los conglomerados familiares y de paisanaje, formados en la etapa de la llegada a la comunidad de destino, como sub-colectividad. De esta forma las pertenencias que resultan visibles y expresadas en las etapas tempranas del proceso de formación de la comunidad están relacionadas con la familia y los grupos de procedencia común. No obstante, en la etapa de consolidación el proceso transita hacia la reconfiguración de la identidad colectiva comunitaria en la que desaparecen los límites entre los grupos o conglomerados familiares y de paisanaje que distinguían el

relacionamiento social en el barrio en sus primeras etapas, favoreciendo la formación de una identidad colectiva en su dimensión comunitaria.

Estas observaciones logradas en la comunidad Palmira permiten corroborar la premisa que indica la función estratégica o interactiva de la identidad. Desde esta mirada la identidad resulta un proceso activo de reconfiguración y reivindicación de lo social, sea desde lo público o lo privado. En este proceso se impone la acción racional del sujeto, en función de lograr determinadas metas. Las reconfiguraciones identitarias facilitan la integración paulatina de los inmigrantes urbanos de diversos orígenes residenciales al entramado de relaciones sociales, culturales y económicas de la ciudad de acogida. Esto no ocurre de manera directa e inmediata pues con frecuencia estos grupos sociales en situaciones de vulnerabilidad social no encuentran en la ciudad de destino las estructuras adecuadas para satisfacer sus necesidades de integración social; en cambio, de manera estratégica proyectan nuevas estructuras protectoras intermedias, proveedoras de integración, adecuadas y efectivas para lograr las metas contenidas en sus proyecto de vida; las que transitan desde los conglomerados familiares y de paisanaje, hasta la comunidad como totalidad. En este proceso de reconfiguración de la identidad colectiva los individuos logran articular de manera coherente los atributos identificativos que los acompañan desde sus lugares de origen con los atributos incorporados en el proceso de socialización del nuevo escenario de interacción, logrando así legitimar sus acciones y satisfacer sus necesidades de integración social.

8. Referencias

BARTH, Fredrik. **Los grupos étnicos y sus fronteras**. México: Fondo de Cultura Económica, 1978. Disponible en: www.academia.edu/15544557/Barth_Los_grupos_eticos_y_sus_fronteras.
Accedido en 24 febrero 2020

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidad. En busca de seguridad en un mundo hostil.** México: Siglo XXI Editores S. A., 2006. Disponible en: www.academia.edu/15061136/COMUNIDAD_EN_BUSCA_DE_SEGURIDAD_EN_UN_MUNDO_HOSTIL_ZYGMUNT_BAUMAN. Accedido en 15 abril 2020.

BERGER Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **La construcción social de la realidad.** Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2003. Disponible en: zoonpolitikonmx.files.wordpress.com/2014/09/la-construccic3b3n-social-de-la-realidad-berger-luckmann.pdf. Accedido en 15 abril 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Razones prácticas. Sobre la teoría de la acción,** Barcelona: Editorial Anagrama, 1997. Disponible en: epistemh.pbworks.com/f/9.+Bourdieu+Razones+Pr%C3%A1cticas.pdf , Accedido en 12 mayo 2020.

COMAS D'ARGEMIR, Dolors; PUJADAS MUÑOZ, Joan Josep. Familias migrantes: reproducción de la identidad y del sentimiento de pertenencia. **Revista de Sociología**, v. 36, p. 33-56, Enero 1991. ISSN 2013-9004. Disponible en: papers.uab.cat/article/view/v36-comas-pujadas. Accedido en 29 abril 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5565/rev/papers/v36n0.1586>.

DIRECCIÓN PROVINCIAL DE PLANIFICACIÓN FÍSICA. **Barrios precarios en la Ciudad de Guantánamo.** Guantánamo, Cuba, 2008. 102 p.

DUBET, François. De la sociología de la identidad a la sociología del sujeto. **Estudios Sociológicos VII.** n. 21, 1989, p. 519-545. Disponible en: estudiossociologicos.colmex.mx/index.php/es/article/download/1088/1088/. Accedido en 20 agosto 2019.

GEERTZ, Clifford. **Los usos de la diversidad.** Barcelona: Ediciones Paidós. I.C.E. Universidad Autónoma de Barcelona, 1996. Disponible en: monoskop.org/images/3/35/Clifford_Geertz_Los_usos_de_la_diversidad_1996.PDF. Accedido en 24 febrero 2020.

GEERTZ, Clifford. **La interpretación de las culturas.** Barcelona: Editorial Gedisa, 2003. Disponible en: antroporecursos.files.wordpress.com/2009/03/geertz-c-1973-la-interpretacion-de-las-culturas.pdf. Accedido en 22 febrero 2020.

GIMÉNEZ, Gilberto. La identidad social o el retorno del sujeto en Sociología. **III Coloquio Paul Kirchhoff, Identidad.** UNAM, México, 1996, p. 11-24. Disponible en: https://www.academia.edu/1117187/La_identidad_social_o_el_retorno_del_sujeto_en_sociolog%C3%ADa. Accedido en 29 noviembre 2019.

GOOGLE. **Imágenes de la comunidad Palmira en la ciudad de Guantánamo (Cuba)**. Google Maps. Imagen de Satélite, s. f. (escala indefinida). Disponibles en: <https://www.google.com/maps/@20.1470293,-75.2093985,5860m/data=!3m1!1e3;> <https://www.google.com/maps/@20.1674849,-75.2151921,732m/data=!3m1!1e3>. Accedido en 20 marzo 2021.

HARRIS, Marvin. **Teorías sobre la cultura en la era posmoderna**. España: Editorial Crítica, Barcelona, 1989. Disponible en: http://www.proarhep.com.ar/wp-content/uploads/Harris_Teor%C3%ADas-sobre-la-cultura-en-la-era-posmoderna_1989.pdf. Accedido en 20 febrero 2020.

MERCADO MALDONADO, Asael; HERNÁNDEZ OLIVA, Alejandrina V., El proceso de construcción de la identidad colectiva en Convergencia, **Revista de Ciencias Sociales**, n. 53, 2010, pp. 229-251. Universidad Autónoma del Estado de México. Disponible en: https://www.academia.edu/15181059/El_proceso_de_construcci%C3%B3n_de_la_identidad_colectiva. Accedido en 29 enero 2019.

RUBIO MENDEZ, David. Los procesos de inmigración urbana. Impactos en la ciudad de Guantánamo. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales**, junio 2015. Disponible en: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2015/06/inmigracion-urbana.html>. Accedido en 20 agosto 2020.

RUBIO MENDEZ, David. La comunidad emergente. Una aproximación a la realidad de los inmigrantes espontáneos no controlados en la ciudad de Guantánamo. **Revista Estudios del Desarrollo Social: Cuba y América Latina**, Vol. 4, No. 3, julio. 2016, p. 25-40. Disponible en: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2308-01322016000300003. Accedido en 20 agosto 2020.

RUBIO MENDEZ, David. Identidad y Sociología. En busca de una perspectiva de análisis. **Estudios de Doctorados. Proyectos de investigación en la cooperación Sur-Sur-Norte de la HGSS**. Heidelberg, Alemania, 2020, p.217-239. ISBN: 978-3-9822196-0-8. Disponible en: https://www.hggs.uni-heidelberg.de/md/einrichtungen/graduiertenschulen/hggs/archiv/hggs-estudios_de_doctorado.pdf. Accedido en 20 marzo 2021.



HÁBITAT URBANO EN LA SEGUNDA DÉCADA DEL SIGLO XXI: EXPERIENCIA CUBANA

*HABITAT URBANO NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI: EXPERIÊNCIA
CUBANA*

*URBAN HABITAT IN THE SECOND DECADE OF THE 21st CENTURY: CUBAN
EXPERIENCE*

Dania González Couret¹ 

Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba

Resumen: Como alternativa al modelo hegemónico en la región, Cuba aboga por mantener una sociedad inclusiva y justa con la mejor calidad de vida posible para todos, en un difícil contexto político. El artículo pretende una reflexión crítica sobre aportes y limitaciones en realizaciones teóricas y prácticas de la última década, resultado del trabajo continuado de un grupo de investigación que articula ciencia, formación y extensión como respuesta a problemas, objetivos y proyectos, en la construcción de un cuerpo teórico que sirve de base metodológica a la evaluación y propuesta de soluciones innovadoras. Partiendo del marco teórico y los antecedentes desde la segunda mitad del siglo XX, se presentan y discuten algunas experiencias y retos futuros. Se destacan las fortalezas del modelo cubano como el sentido de comunidad, solidaridad, organización social, resiliencia, iniciativa, creatividad, desarrollo humano, capital científico, y la presencia de un Estado que vela por la justicia y equidad. Los retos fundamentales se refieren a la urgente aprobación de la política y la ley que guíe el desarrollo del hábitat urbano bajo la gestión integrada de una institución única, un mejor aprovechamiento del capital científico técnico en ese campo y evitar la estratificación de la ciudad.

Palabras clave: Hábitat urbano; Siglo XXI; Cuba

Resumo: Como alternativa ao modelo hegemônico na região, Cuba defende a manutenção de uma sociedade inclusiva e justa com a melhor qualidade de vida possível para todos, em um contexto político difícil. O artigo busca uma reflexão crítica sobre as contribuições e limitações das conquistas teóricas e práticas da última década, fruto do trabalho contínuo

¹ Arquitecta, 1979, Doctora en Ciencias Técnicas (PhD.), 1994; Doctora en Ciencias, 2007. Profesora Titular (2001), Universidad Tecnológica de La Habana (CUJAE); Miembro Academia de Ciencias de Cuba (2012). E-mail: daniagcouret@gmail.com

de um grupo de pesquisa que articula ciência, formação e extensão como resposta a problemas, objectivos e projectos, na construção de um corpo teórico que serve de base metodológica para a avaliação e proposta de soluções inovadoras. Partindo do referencial teórico e dos antecedentes da segunda metade do século XX, experiências e desafios futuros são apresentados e discutidos. Destacam-se os pontos fortes do modelo cubano, como sentido de comunidade, solidariedade, organização social, resiliência, iniciativa, criatividade, desenvolvimento humano, capital científico e a presença de um Estado que zela pela justiça e equidade. Os desafios fundamentais referem-se à aprovação urgente da política e da Lei que orienta o desenvolvimento do habitat urbano sob a gestão integrada de uma única instituição, um melhor aproveitamento do capital técnico-científico nesta área e evitando a estratificação da cidade.

Palavras-chave: Habitat urbano; Século XXI; Cuba

Abstract: As an alternative to the hegemonic model in the region, Cuba advocates maintaining an inclusive and just society with the best possible quality of life for all, in a difficult political context. The article seeks a critical reflection on contributions and limitations in the theoretical and practical achievements of the last decade, as a result of the continuous work of a research group that articulates science, training and extension in response to problems, objectives and projects, in the construction of a theoretical body that serves as a methodological basis for the evaluation and proposal of innovative solutions. Starting from the theoretical framework and the antecedents from the second half of the 20th century, some experiences and future challenges are presented and discussed. The strengths of the Cuban model stand out, such as the sense of community, solidarity, social organization, resilience, initiative, creativity, human development, scientific capital, and the presence of a state that watches over justice and equity. The fundamental challenges refer to the urgent approval of the policy and the law that guides the development of the urban habitat under the integrated management of a single institution, a better use of technical scientific capital in this field and avoiding the stratification of the city.

Keywords: Urban habitat; XXI Century; Cuba

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.177997](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.177997)

*Recebido em: 09/11/2020
Aprovado em: 30/06/2021
Publicado em: 01/07/2021*

1. Introducción

Cuba representa una alternativa al modelo hegemónico en la región, abogando por mantener una sociedad inclusiva y justa, con la mejor calidad de vida posible para todos, donde el acceso a la vivienda y a la ciudad no estén determinados por las diferencias económicas, sociales, raciales o étnicas. Pero cumplir este objetivo se hace cada vez más difícil en medio de un contexto político, económico, comercial y financiero hostil, signado por el bloqueo impuesto por los Estados Unidos de Norteamérica durante más de 60 años, y agravado por los recientes cambios de la correlación de fuerzas ocurridos en la región latinoamericana, en detrimento de los gobiernos progresistas de izquierda. Correlación que ha comenzado a revertirse.

En este marco, se presentan algunas de las principales realizaciones teóricas y prácticas en el campo del hábitat urbano durante los últimos diez años en Cuba, a partir de una reflexión crítica sobre sus aportes y limitaciones en relación con las circunstancias condicionantes, así como los retos futuros. El abordaje integral del tema requiere de la incursión en diversos campos, cada uno de los cuales podría ser tratado por separado de forma detallada, pero en esta ocasión se integran en un enfoque general y crítico del hábitat urbano.

2. Materiales y métodos

Los resultados que se presentan corresponden a una época muy reciente, que es la última década, es decir, la segunda del Siglo XXI (2010 – 2020), algunos de los cuales no han sido aún publicados. No se trata, por tanto, de una investigación histórica, sino de la valoración crítica de experiencias locales contemporáneas, en relación con el marco teórico general y las circunstancias condicionantes específicas. Para ello se elabora un marco

referencial internacional que caracterizará los antecedentes y las tendencias actuales, a partir de la discusión teórica de la documentación consultada y de la experiencia vivida hasta 2020, lo que incluye la pandemia de Covid-19.

Las circunstancias condicionantes, específicas del caso cubano, se caracterizan como resultado de la investigación histórica de los antecedentes desde 1959 y la valoración crítica de la situación actual, sobre la base de la búsqueda documental y el trabajo empírico en el campo del hábitat, en el cual la autora se ha visto directamente involucrada durante las últimas cinco décadas.

La caracterización y valoración crítica de las realizaciones teórico – prácticas de las últimas décadas en el país incluyen dos tipos de investigación. Una, fundamentalmente empírica, que ha permitido, en unos casos, describir experiencias prácticas en desarrollo a partir de la consulta a la escasa información publicada, y reflexionar sobre las propias vivencias de la autora, tomando como base investigaciones teóricas previas, algunas de las cuales se exponen en el marco teórico. Otra, propositiva, que recopila propuestas teóricas y metodológicas desarrolladas desde la academia en respuesta a los problemas diagnosticados, con diversos grados de aplicación, en cuya elaboración la autora ha estado involucrada.

Las investigaciones teóricas, empíricas y propositivas cuyos resultados se recogen en el presente artículo han sido dirigidas por la autora en el Grupo de Investigación en Vivienda, el Programa de Maestría en Vivienda Social y el Programa de Doctorado en Arquitectura de la Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría” (CUJAE), durante los últimos 20 años.

Sobre esta base, en el artículo se parte de una breve caracterización del marco teórico y los antecedentes que permiten valorar las circunstancias condicionantes, a escala global y local, para luego presentar

una selección de experiencias prácticas y de propuestas académicas desarrolladas en Cuba durante la última década, cuya discusión posterior permite fundamentar sus fortalezas y debilidades, así como los principales retos futuros a enfrentar.

3. Resultados

3.1. Marco teórico. Antecedentes

La segunda mitad del siglo XX estuvo marcada por el proceso de urbanización que generó un desproporcionado crecimiento exponencial de las principales ciudades latinoamericanas, agravado por el hecho de que, de manera general, no ha sido planificado, sino producto de la espontaneidad que ha caracterizado la producción social del hábitat (ORTIZ, 1998), cuyo resultado es la ciudad informal, mayoritaria hoy en la región (CEPAL, 2019).

Este fenómeno ya había sido denunciado en la Conferencia Cumbre del Hábitat, celebrada en Vancouver en 1976 (HÁBITAT, 1976), pero entonces se pensaba que el proceso de urbanización podría detenerse o, al menos, atenuarse, elevando la calidad de vida de la población rural. No obstante, las apreciaciones de John F. Turner (1976) en esa década influyeron en el cambio de visión con respecto a la ciudad informal que se estaba gestando, y que dejó de ser considerada como un problema para transformarse en una oportunidad. Esto resultó de gran utilidad a las tendencias neoliberales para transitar del concepto de “vivienda social” gestionada y subsidiada por el “estado de bienestar” hacia el de “vivienda de interés social”, donde el Estado se transforma en un simple facilitador del proceso de producción social del hábitat, en el cual intervienen numerosos actores, incluido el sector privado.

En la Conferencia Cumbre Hábitat II, celebrada veinte años después en Estambul (THE HABITAT AGENDA, 1996), se reconoció que el proceso de urbanización era inevitable e irreversible, razón por la cual sería necesario el

desarrollo de asentamientos humanos sustentables en un mundo en urbanización, siendo luego reconocido, no sólo el derecho a la vivienda (RED-HABITAT, 2008), sino también a la ciudad (RED-HABITAT, 2009). Sin embargo, la urbanización informal, no planificada, generada de forma progresiva por el proceso de producción social del hábitat, si bien es un resultado legítimo y una respuesta popular al fracaso del modelo urbano moderno, nacido con el concepto de la vivienda social masiva, mantiene la segregación urbana de la “ciudad dual” (TEZANOS, 1999) que genera inseguridad y violencia. En ella se pierde el “urbanismo de comunicación”² y no resulta sustentable, ya que cualquier proceso de este tipo debe ser planeado de forma integral y participativa, y dirigido a un fin. Por tanto, el derecho a la ciudad no debe asociarse con el de su producción informal.

A partir del reconocimiento de las ventajas de la ciudad histórica con respecto a los nuevos asentamientos periféricos y la aplicación de otros principios de la urbanización moderna como el “zoning” y la separación del vehículo y el peatón, desde la década de los años 80 ganó espacio a escala global (y a partir de los 90 en la región) el reconocimiento de las bondades de la urbanización tradicional y, con ello, el interés por la conservación del patrimonio y el rescate de los centros históricos (ROJAS, 2012) que, de manera general, habían sufrido un proceso de abandono y tugurización, por lo cual predominaba en ellos la inseguridad y la violencia.

Pero las operaciones de rescate de los centros históricos, así como los frentes de agua o las antiguas zonas industriales, mediante operaciones inmobiliarias, supuestamente para el disfrute de todos los ciudadanos, han ocasionado, en realidad, el desplazamiento de los habitantes que las habían ido ocupando durante las últimas décadas de abandono y deterioro, y procesos de gentrificación, como resultado del interés por recuperar las plusvalías del suelo urbano (NAVARRETE, 2017).

² Según el arquitecto cubano Ricardo Porro, se refiere al que permite la interacción social y humana al deambular por el espacio urbano

Los Objetivos de Desarrollo Sostenible aprobados en 2015 como reemplazo a los incumplidos Objetivos del Milenio, y la Nueva Agenda Urbana resultante de la Conferencia Cumbre Hábitat III celebrada en Quito en 2016 (HIC-AL, 2016) abogan por el desarrollo de ciudades inclusivas, seguras, resilientes y sostenibles, para lo cual es necesario aprender del pasado y de la naturaleza, en aras de promover soluciones diversas, específicas, participativas y de calidad donde se mezclen variados usos del suelo y estratos sociales en pequeñas unidades autónomas interconectadas que prioricen la movilidad peatonal, aprovechando al máximo los recursos disponibles, preferiblemente reusables, reciclados, reciclables y renovables, a la vez que se minimicen los impactos ambientales. Un importante recurso, prácticamente no renovable, a ser aprovechado es el suelo, para evitar la extensión de la mancha urbana con sus consecuencias negativas, además, en transporte e infraestructura, por lo cual, desde hace varias décadas ha habido consenso en cuanto a que la ciudad sustentable ha de ser compacta (BJUR; GAVATIN, 1997; ORRSKOG, 2002; PORTNEY, 2013)

Para ello se requiere de un adecuado ordenamiento jurídico, financiero y físico, así como de políticas y estrategias integrales, sobre la base de una participación verdadera, que propenda hacia ciudades realmente inteligentes en todos los aspectos de la vida, a lo cual, las tecnologías de la información y la comunicación pueden contribuir, si se usan correctamente.

Por último, la pandemia que sufre el planeta desde finales de 2019 ha puesto aún más al descubierto las consecuencias de la fragmentación urbana, y constituye uno de los principales retos futuros para el hábitat urbano, que ya se debate ampliamente hoy en los medios digitales (ALONSO, 2020; MACHORRO, 2020; GUDAY, 2020). La deficiente habitabilidad en la vivienda de la población de menos recursos dificulta “quedarse en casa” y mantener el aislamiento físico, desarrollando, además

en ella, todas las funciones urbanas que habían sido identificadas y clasificadas por La Carta de Atenas (habitar, trabajar y recrearse). Gran parte de esa población trabaja en el sector informal, por lo cual necesita salir de casa para buscar el sustento de cada día. Aun en los casos en que el teletrabajo fuese posible, cuántas computadoras y conexiones se necesitarían para que los adultos trabajen a la vez que los menores realicen sus labores de aprendizaje, pero, además, cuánto espacio y privacidad requerirían para que todas estas actividades simultáneas no se entorpezcan mutuamente. Por tanto, es evidente que esta “primera epidemia” del siglo XXI influirá en la transformación de las ciudades, como tantas otras antes (BENÉVOLO, 1975), fundamentalmente, en el hábitat de la población de menos recursos, tanto a escala urbana como arquitectónica.

3.2. Circunstancias condicionantes en Cuba

Desde el 1ro de enero de 1959 se inició en Cuba un importante proceso de transformaciones políticas, económicas y sociales, cuyo carácter “socialista” fue declarado en abril de 1961, una vez que ya habían sido promulgadas numerosas leyes que apuntaban en esa dirección, como la reforma agraria, la nacionalización de las empresas norteamericanas y nacionales, así como la enseñanza, y la reforma urbana. En materia de vivienda, desde enero de 1959 se prohibieron los desahucios y se creó el Instituto Nacional de Ahorro y Vivienda (INAV), como antecedente de la Dirección de Viviendas Urbanas del Ministerio de Obras Urbanas (1961). En el propio año 1959 se rebajó en un 50% el valor de los alquileres y en 1960 se promulgó la Ley de Reforma Urbana, mediante la cual se prohibió el arriendo de viviendas y los inquilinos se transformaron en propietarios (SEGRE, 1985).

Entre los ideales de justicia y equidad promovidos desde la década de los 60's se encontraba el afán de reducir las diferencias entre el trabajo manual e intelectual y entre el campo y la ciudad, lo cual se manifestó en el

intercambio de fuertes flujos de población urbana que iba a trabajar al campo, mientras que los hijos de campesinos comenzaban a estudiar en las ciudades. Se estructuró el sistema nacional de asentamientos humanos (FRANCO PARELLADA, 1989), contribuyendo a reducir la migración campo – ciudad, y se priorizó el desarrollo de las zonas rurales (SEGRE, 1989), gracias a lo cual los centros urbanos históricos no fueron transformados y han podido ser conservados durante las últimas décadas (RIGOL, 2012).

Las oportunidades de estudio que se abrieron para todos generaron escasez de fuerza laboral en sectores como la agricultura y la construcción. Esto, unido a la demanda masiva de vivienda, condicionaron la certeza sobre la necesaria industrialización de la construcción, proceso que se inició en los 60's con la búsqueda de soluciones tecnológicas apropiadas a la economía de un país en desarrollo (VEJAR, 1994), continuando con la adopción de sistemas foráneos de alta tecnología a partir de la década del 70, que tuvieron que ser abandonados, por insustentables, durante la crisis económica de los 90's, momento en el que se transitó hacia el empleo de tecnologías alternativas en el llamado “movimiento de viviendas de bajo consumo material y energético”³, pero sin un adecuado conocimiento y transferencia.

Otra forma de contrarrestar la escasez de mano de obra en el sector de la construcción fue la creación de “microbrigadas”, organizadas por centros laborales para la construcción de viviendas, que una vez terminadas eran asignadas por la asamblea de trabajadores a aquellos con más necesidad y méritos. Durante la primera etapa de esta experiencia, en la década del 70, se desarrollaron nuevas áreas residenciales urbanas periféricas a partir de proyectos repetitivos (GONZÁLEZ COURET, 2021), mientras que en la segunda mitad de los años 80's, se construyeron edificios en lotes disponibles dentro de la trama urbana consolidada de la

³ Para poder continuar construyendo viviendas durante la crisis se adoptó la tecnología del bloque machihembrado de suelo-cemento con techos abovedados y se establecieron indicadores de consumo. Pero esa tecnología, inapropiada al clima cubano, era prácticamente desconocida, y no se transfirió adecuadamente, lo cual afectó la durabilidad de las viviendas ejecutadas.

ciudad (GONZÁLEZ COURET, 2019), como resultado, entre otras razones, de la toma de conciencia sobre el valor de la ciudad histórica.

La inclusión de La Habana Vieja y de su sistema de fortificaciones en la Lista del Patrimonio Mundial en 1982, unida a la tendencia internacional dirigida al reconocimiento de la importancia de los centros históricos, sirvieron de base para el inicio de una importante labor de conservación del patrimonio urbano y arquitectónico en Cuba, cuyo desarrollo durante la última década constituye una de las experiencias a abordar en el presente artículo.

Debido al auge y los resultados demostrados en la autoconstrucción de viviendas por “esfuerzo propio de la población”⁴ (MICONS, 1989), la Ley General de la Vivienda (48/84) aprobada en 1984 abogó por la promoción de esta modalidad, en paralelo con la gestión estatal, autorizando, además, el alquiler y la compra – venta de viviendas, en aras de favorecer un mejor aprovechamiento del potencial habitacional disponible. Sin embargo, esta ley fue modificada en 1988 (65/88), limitando las posibilidades de renta, que fueron nuevamente autorizadas en 2010⁵, y de compraventa, admitidas con posterioridad en 2012⁶, mediante documentos modificativos de la Ley 65/88. No obstante, aún hoy, sólo es posible comprar y vender a precio de oferta y demanda en el mercado, viviendas “de segunda mano”, ya que no se construyen nuevos edificios destinado a este fin (ONU-HÁBITAT, 2014), pues el negocio inmobiliario iniciado en los años 90’s como una vía de salida a la crisis económica conocida como “período especial”⁷, decayó en poco tiempo, una vez que su destino fue limitado sólo al alquiler.

⁴ El término “esfuerzo propio” es el que se usa en Cuba para referirse a la autoconstrucción de viviendas.

⁵ Ver Reglamento sobre arrendamiento de viviendas, habitaciones y espacios, publicado en la Gaceta Oficial de Cuba el 8 de octubre de 2010.

⁶ Ver Decreto Ley No 288 de 2012.

⁷ El “período especial” en tiempo de guerra concebía la posibilidad de supervivencia en caso de guerra y bloqueo total a la isla, pero esta condición se presentó en época de paz, a partir de la caída del muro de Berlín, que interrumpió el intercambio comercial con los países de Europa del Este, lo cual se sumó al bloqueo impuesto por los Estados Unidos desde inicios de los 60’s.

A pesar de la llamada “ofensiva revolucionaria” que en 1968 terminó con el pequeño negocio privado, el “trabajo por cuenta propia”⁸ se ha mantenido siempre, sobre todo en el sector de los servicios, como, por ejemplo, costura, barbería, peluquería, reparaciones menores, entre otros. Sin embargo, esta modalidad se ha visto impulsada o limitada, según los cambios operados en las condiciones económicas del país⁹. Lo cierto es que los que laboran en este sector, por lo general, perciben mayores ingresos que los trabajadores estatales¹⁰ a pesar de sus deberes fiscales, pero la mayoría de los profesionales graduados de nivel superior solo pueden ejercer su labor especializada en entidades estatales. Tal es el caso de arquitectos, ingenieros u otros profesionales que tributan a la construcción y el hábitat urbano.

Los cambios de enfoque asumidos en diferentes momentos con respecto a la autoconstrucción, el alquiler y la compra – venta de vivienda, así como al rol del sector no estatal en la esfera productiva y de servicios, responden a la contradicción que estas variables generan entre la necesidad de eliminar algunas de las trabas que limitan la solución del problema, y el afán de evitar el incremento de la estratificación de una sociedad que ha intentado conservar el mayor grado posible de justicia y equidad. Así, la autoconstrucción fue nuevamente impulsada a mediados de la primera década del Siglo XXI, como principal vía para la solución del problema habitacional en Cuba, apoyada por el Programa de Arquitectos de la Comunidad que había sido creado en los 90’s. Sin embargo, esa fórmula, a escala familiar aislada, fomenta la extensión de la mancha urbana, con todos los inconvenientes que eso acarrea y no permite el crecimiento en altura, por lo cual no es aplicable en centros de ciudad (GELABERT, 2014). La apuesta por opciones intermedias que eviten estas

⁸ Término empleado en Cuba para referirse al sector no estatal, ya sea un trabajador individual o un pequeño empresario para el que este trabaje.

⁹ Ver Ley 356 de 2018 del Consejo de Estado.

¹⁰ Otros sectores de la población también perciben mayores ingresos que los trabajadores estatales, como los beneficiados con las propinas en el turismo; los que laboran en empresas mixtas o extranjeras que son estimulados en adición al salario estatal; los que reciben remesas familiares del exterior, e incluso, dentro del propio sector estatal, se diferencian el deporte y la cultura, y más recientemente, el sistema empresarial en perfeccionamiento.

limitaciones es aún demasiado lenta, y se abordará en los resultados de la última década que serán presentados y discutidos en el presente artículo.

La experiencia de la pasada década (2010 – 2019), en la que se inscriben las realizaciones teórico-prácticas que serán discutidas, está signada por la aprobación de documentos rectores que trazan las pautas de hacia dónde se pretende encaminar el desarrollo del país en el futuro mediano. En orden cronológico pueden citarse los “Lineamientos de la Política Económica y Social del Partido y la Revolución”, aprobados en el VI Congreso del Partido Comunista de Cuba (PCC) en abril de 2011, y actualizados para VII Congreso del PCC en 2016, conjuntamente con la “Conceptualización del Modelo Económico y Social Cubano de Desarrollo Socialista”, y las bases del “Plan Nacional de Desarrollo Económico y Social hasta el 2030: Visión de la Nación, Ejes y Sectores Estratégicos”¹¹, a los que se suma la nueva Constitución de la República, sometida a referendo aprobatorio en abril de 2019.

De los Lineamientos aprobados en 2011 se derivaron numerosas políticas y sus respectivas normas jurídicas, que han ido apareciendo paulatinamente, encaminadas a actualizar, ordenar y articular un marco legal que había ido surgiendo y siendo modificado sobre la marcha, a partir de la retroalimentación obtenida de su implementación práctica. Particular importancia revisten aquellas encaminadas a fortalecer el potencial científico y tecnológico del país en aras de mejorar la economía y el bienestar de la población, como las dirigidas a la creación de Parques Científico Tecnológicos y Empresas de Alta Tecnología (DÍAZ-CANEL BERMÚDEZ; NÚÑEZ, 2020). Sin embargo, la política y la ley de la vivienda aun hoy, 10 años después, no han sido aprobadas, aunque en ciertas ocasiones se ha pretendido asumir como tal un programa de construcción, propuesto sobre la base de una visión muy parcializada de ese sector, que es quien dirige esta esfera de la vida nacional.

¹¹ Documentos del 7mo. Congreso del Partido aprobados por el III Pleno del Comité Central del PCC el 18 de mayo de 2017 y respaldados por la Asamblea Nacional del Poder Popular el 1 de junio de 2017. (DOCUMENTOS, 2017).

3.3. Realizaciones teórico – prácticas de la última década

Las circunstancias condicionantes del hábitat urbano en Cuba durante la segunda década del siglo XXI se caracterizan por la ausencia de un único órgano rector del hábitat, así como de políticas o leyes que orienten y regulen el desarrollo habitacional y urbano. No obstante, se presentarán algunas experiencias, tanto prácticas como académicas, que dan cuenta de enfoques que pueden constituir, si bien no alternativas terminadas y probadas, al menos, puntos de vista divergentes con respecto al modelo predominante en la región.

3.3.1. La Nueva Agenda Urbana Cubana (NAUC)

El Instituto de Planificación Física (IPF), que representa a Cuba ante las instancias de ONU – Hábitat, coordinó la realización en 2017 de la Nueva Agenda Urbana Cubana (NAUC), así como de una herramienta para su implementación¹², sobre la base del documento aprobado a escala global y el Plan de Acción Regional, mediante un proceso de talleres participativos que contó con la colaboración de ONU-HABITAT. A partir de los principios declarados, se elaboró un diagnóstico, se trazaron objetivos y se identificaron líneas de trabajo y acciones para contribuir a mejorar la calidad de vida.

Como resultado del diagnóstico se reconoció el alto grado de urbanización (77.8%) con densidad de población urbana promedio de 45 hab/Ha, en un sistema de asentamientos planificado y equilibrado, así como el elevado nivel de desarrollo humano, a pesar de la baja renta per cápita, y se prevé un decrecimiento de la población a partir de 2025. Entre las debilidades detectadas se encuentran la estructura institucional vertical, las dificultades para llevar a la práctica los instrumentos de planificación urbana, el poco uso del concepto de edificabilidad y la no

¹² El documento está disponible en el sitio web del IPF: www.ipf.gob.cu

percepción de las ciudades como motores de la economía, aun con la propiedad pública del suelo.

Sobre esa base, se elaboró una herramienta que incluye 74 acciones contenidas en 24 líneas de trabajo, entre las que se encuentran planificación, legislación, financiación, economía urbana, vivienda, infraestructura técnica, movilidad, riesgos y cambio climático, a partir de lo cual el Consejo de Ministros aprobó el 26 de diciembre de 2019 el Plan del Estado para la NAUC.

3.3.2. La Red de Centros Históricos

La Oficina del Historiador de la Ciudad de La Habana (OHCH), creada en 1938, intensificó desde finales de la década del '70 los trabajos de conservación del principal centro histórico de la ciudad¹³ que, a pesar de su elevado deterioro por décadas de abandono sin mantenimiento, existía gracias a que los cambios políticos, sociales y económicos acaecidos a partir de 1959 abortaron el Plan Piloto desarrollado para La Habana por el urbanista Catalán Jose Luis Sert¹⁴. Esa labor previa resultó decisiva para la inclusión del centro histórico y el sistema de fortificaciones en la lista del patrimonio mundial en 1983, lo cual, a su vez, impulsó la continuidad de su desarrollo.

Esta experiencia, que fue pionera en América Latina y cuyo sistema de gestión y resultados ha sido ampliamente reconocido¹⁵ (RODRÍGUEZ ALOMÁ, 2009), difiere de otras similares de la región, fundamentalmente, en cuanto a su enfoque social, ya que la conservación no solo se dirige al patrimonio arquitectónico y urbano, sino al ambiente social y cultural, de

¹³ Como La Habana toda es considerada una ciudad histórica (Según la tesis de doctorado de Felicia Chateloin, defendida en 2008), La Habana Vieja es sólo uno de sus centros históricos, no el único.

¹⁴ Este plan proponía demoler todo el centro histórico, dejando sólo una hilera de manzanas como testigo de lo que había sido la ciudad.

¹⁵ El éxito de la experiencia de La Habana Vieja ha sido avalado por los resultados estadísticos, el reconocimiento de los ciudadanos, la obtención de más de una decena de premios internacionales (Dubai, 2000; UNESCO, 2001; Stockholm, 2001; Valencia, 2002; Toledo, 2003; Medellín, 2005; UN Habitat, 2007; "Reina Sofía", 2007; Nápoles, 2007; entre otros) y la valoración de múltiples expertos, como los convocados por la UNESCO, para un ejercicio de valoración realizado en el 2004, a partir de la solicitud que la Oficina del Historiador de la Ciudad (OHCH) hiciera a la ORCALC, entre ellos, el Dr. Sylvio Mutal y el Arq. Fernando Carrión (RODRÍGUEZ ALOMÁ, 2009)

manera que una buena parte de los actuales residentes se mantienen habitando el centro, que constituye, por tanto, una ciudad viva y auténtica, y no una escenografía montada para el turismo (MUTAL, 2006; CARRIÓN, 2006).

Esto se logra gracias al rol desempeñado por las entidades estatales y gubernamentales encargadas de la gestión integral, balanceando costos y beneficios, de manera que una buena parte de los ingresos y las plusvalías urbanas que se obtiene se reinvierte en el propio proceso de conservación del centro histórico, dirigido, fundamentalmente, al subsidio cruzado de los programas sociales, entre los cuales se encuentran, la vivienda, la salud, la educación, la tercera edad y otros grupos poblacionales vulnerables (PÉREZ; IGLESIAS, 2014).

A partir de las experiencias obtenidas en la conservación de La Habana Vieja, en la última década se fueron activando las oficinas del conservador en lugares donde ya existían, y se crearon en otros, ya que todas las ciudades cubanas conservan sus centros históricos sin transformar, aunque muy deteriorados por la falta de mantenimiento. De hecho, son cuatro los centros urbanos de Cuba inscritos en la lista del patrimonio mundial: además de La Habana (1983), Trinidad (1988), Cienfuegos (2005) y Camagüey (2008).

El conjunto de Oficinas del Historiador se ha integrado en una red, coordinada por el historiador de La Habana, con vistas a intercambiar conocimientos, experiencias, aprendizajes y buenas prácticas que contribuyan a promover la conservación del patrimonio material e inmaterial en toda la isla.

3.3.3. La resiliencia urbana.

La labor de la Defensa Civil cubana dirigida a la protección de la población y los bienes materiales ante los eventos meteorológicos

extremos también ha sido ampliamente reconocida a escala internacional, sobre todo, porque se minimiza la pérdida de vidas humanas¹⁶. Desde el nivel nacional hasta la escala local, existen planes precisos y la población ha sido capacitada en cuanto a cómo actuar, fundamentalmente ante los eventos hidrometeorológicos como inundaciones, penetraciones del mar y fuertes vientos, que son los más frecuentes, y que acompañan a los huracanes.

Esta práctica se ha ido perfeccionando sobre la base del incremento de la solidaridad y colaboración entre los propios pobladores, de manera que las viviendas menos vulnerables en cuanto a localización y estructura sirven de abrigo temporal en estas situaciones a familias vecinas, con lo cual se evita su traslado a albergues en zonas más distantes. Otros programas puestos en práctica durante la última década promueven el concepto de “núcleo refugio”¹⁷, de manera que cada familia que habite una vivienda vulnerable ante estos eventos pueda protegerse, junto a sus pertenencias más valiosas, al menos en un espacio más seguro de la propia casa, tal y como ocurrió históricamente en la vivienda vernácula rural, que contaba con el “vara en tierra”¹⁸ para tales fines (GONZÁLEZ COURET, 1993).

Por otra parte, la “Tarea Vida”, que es un programa estatal dirigido a enfrentar el cambio climático, ha estado promoviendo durante los últimos años, investigaciones y proyectos comunitarios encaminados a transformar los asentamientos costeros, mayoritarios en la isla, en aras de su adaptación, además de prácticas encaminadas a la mitigación de sus efectos (GONZÁLEZ; OLIVERA, 2018).

¹⁶ En materia de Defensa Civil y Prevención de Riesgos Cuba ha compartido sus experiencias en el Caribe y el Pacífico Sur (HERNÁNDEZ BARRIOS, 2017). También la OPS y la OMS promueven la experiencia cubana frente a emergencia y desastres (BOLETÍN, 2016).

¹⁷ Se refiere a las viviendas con techos ligeros, en cada una de las cuales debe habilitarse, al menos, un espacio con cubierta pesada, menos vulnerable a los fuertes vientos.

¹⁸ Pequeño espacio de sección triangular ubicado al fondo de la vivienda, cuya forma aerodinámica lo hacía invulnerable al viento y, por tanto, apropiado como refugio de la familia en caso de huracanes.

3.3.4. Las unidades de gestión local del hábitat

Se trata de una experiencia teórico – práctica, cuyo origen tuvo lugar en varios trabajos desarrollados con vistas a la defensa de tesis de la Maestría en Vivienda Social y el Doctorado en Arquitectura. La investigación y su aplicación, fueron realizadas en la ciudad de Ciego de Ávila, localizada en el centro de la isla, por funcionarios de la Dirección Provincial Inversionista de la Vivienda, que, a su vez, eran alumnos de los programas de maestría y doctorado de la Universidad Tecnológica de La Habana (GONZÁLEZ COURET et al, 2011). La intención era lograr una gestión integrada y descentralizada del proceso inversionista de la vivienda a escala de barrio o Consejo Popular, que es la estructura básica del sistema de gobierno en Cuba, diferente de la tradicional forma de gestión que dispersaba en varias zonas urbanas los recursos disponibles, según las prioridades de cada sector, con lo cual no era posible lograr un impacto integral visible en la elevación de la calidad del hábitat en una determinada zona. Esta experiencia complementa la descentralización de las decisiones, en cuanto a la asignación de recursos, con la generación endógena.

Para ello se realizó una propuesta, científicamente fundamentada y puesta en práctica, de Unidades Locales para la Gestión del Hábitat (ULGH), cuyo impacto positivo fue demostrado (Figura 1). Esta experiencia, conjuntamente con otras que se exponen en el presente artículo, fue reconocida con el Premio Anual de la Academia de Ciencias de Cuba en 2015 (GONZÁLEZ COURET et al, 2015) y en la Bienal de Arquitectura de Costa Rica en 2018.

Figura 1: Resultados de la acción integral de las Unidades Locales para la Gestión del Hábitat en barrios de la ciudad de Ciego de Ávila.



Fuente: Soluciones para mejorar la calidad de la vivienda en Cuba. Trabajo premiado en la XIV Bienal Internacional de Arquitectura, San José de Costa Rica, 2018.

3.3.5. Los edificios de apartamento en zonas históricas.

Este resultado parte del convencimiento sobre la necesaria rehabilitación integral de los centros urbanos con vistas a conservar, no solo el patrimonio, sino la población residente, y evitar la extensión de las ciudades. Pero también tuvo como base la evaluación de las soluciones arquitectónicas de los edificios de apartamentos construidos por las microbrigadas en los centros urbanos durante los años 80's, cuyas deficientes condiciones de habitabilidad, de manera general, denotaban la urgencia de recomendaciones y regulaciones normativas que orientaran el diseño de nuevos edificios a ejecutar en estos contextos tradicionales compactos.

Así, se investigó durante varios años la tipología volumétrico – espacial de los edificios de apartamentos construidos en diferentes épocas en diversos contextos urbanos consolidados de la ciudad de La Habana, y

su comportamiento ambiental (térmico y visual), con vistas a proponer recomendaciones de diseño para estos casos, que permitieran resolver la contradicción entre el necesario aprovechamiento del suelo urbano y la garantía de un ambiente interior apropiado, por medios pasivos, que contribuyera a reducir la demanda energética. Ambas condiciones constituyen requerimientos contrapuestos de la sustentabilidad urbana.

Como resultado de los levantamientos, cuestionarios, mediciones, simulaciones automatizadas y propuestas de diseño, se elaboraron recomendaciones en cuanto a indicadores arquitectónicos y urbanos de referencia (GONZÁLEZ COURET, 2016), que pudieron ser incluidos en las normas de vivienda, y fueron divulgados y aplicados mediante el programa de maestría en vivienda social en diferentes ciudades del país.

3.3.6. La autoconstrucción en los centros históricos

Esta práctica se vincula con la anterior, a partir de investigaciones desarrolladas para la defensa de tesis de Maestría en Vivienda Social, pero en este caso, en la ciudad de Cienfuegos, donde un maestrante, perteneciente al Programa de Arquitectos de la Comunidad e integrante del Grupo ALBOR, demostró que, aplicando los enfoques teóricos desarrollados anteriormente y manteniendo una estrecha relación arquitecto de la comunidad – cliente, era posible lograr soluciones arquitectónicas de elevada calidad mediante la autoconstrucción en contextos históricos de valor, como el centro de la ciudad de Cienfuegos, incluido en la lista de patrimonio mundial¹⁹.

Aquí también se demuestra que, aunque la tendencia del gusto popular se aleje de la arquitectura “cultura”, siguiendo las recetas ofrecidas por albañiles y contratistas, el diseño participativo favorece el mutuo entendimiento en aras de una mayor calidad habitacional, lo cual es posteriormente reconocido por otros clientes potenciales, quienes

¹⁹ Tesis de Maestría no publicada: González Baute, Carlos M. Recomendaciones de diseño para la intervención en el hábitat urbano compacto de la ciudad de Cienfuegos, 2013.

prefieren seguir estas nuevas pautas de diseño que optimizan la relación economía – calidad (Figura 2). Este resultado práctico aplicado también forma parte del Premio de la ACC (2015) y la Bienal de Arquitectura de Costa Rica (2018).

Figura 2: Proyectos realizados por el grupo ALBOR y ejecutados por autoconstrucción en el centro histórico de la ciudad de Cienfuegos, siguiendo el enfoque teórico – metodológico desarrollado.



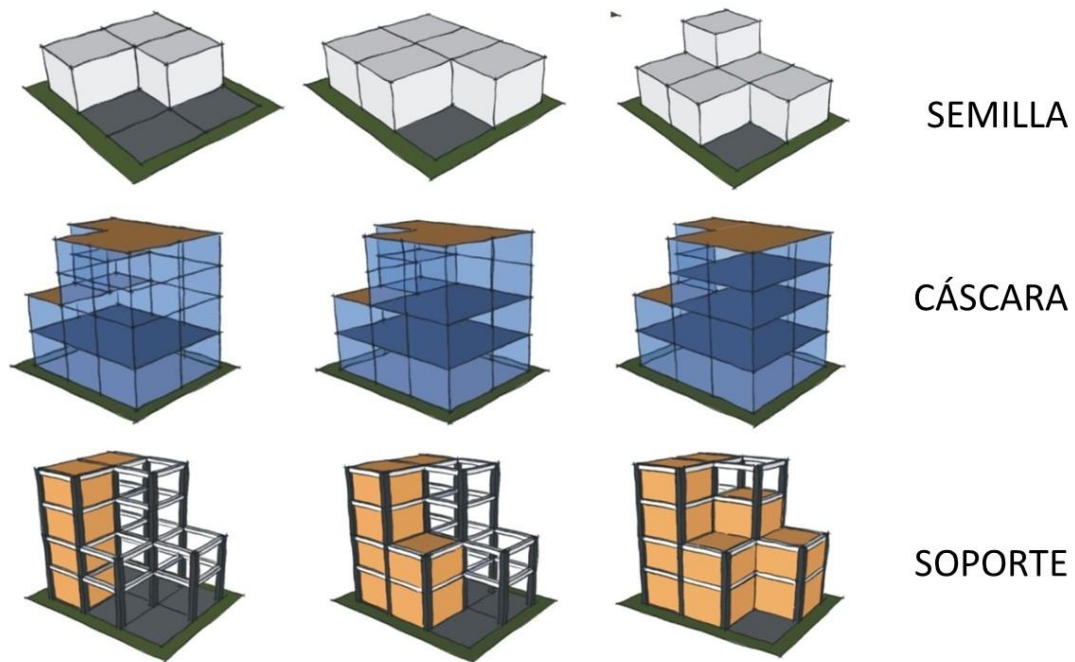
Fuente: Soluciones para mejorar la calidad de la vivienda en Cuba. Trabajo premiado en la XIV Bienal Internacional de Arquitectura, San José de Costa Rica, 2018.

3.3.7. La vivienda progresiva en zonas urbanas centrales

En esta ocasión se refiere al resultado de una investigación académica con la cual su autora defendió el Grado Científico de Doctor en Ciencias Técnicas en el Programa de Doctorado en Arquitectura (GELABERT, 2014). Se parte de reconocer que la vivienda es un proceso continuo, ya que el hogar evoluciona, y tanto sus necesidades como las posibilidades económicas van cambiando, por lo cual, el hábitat debe ir transformándose paulatinamente. Sobre esta base, se identifican y evalúan las diversas modalidades de progresividad en cuanto a potencialidades y limitaciones. La vivienda “semilla”, predominante en la región para los estratos de menos recursos, restringe el crecimiento en altura, y con ello, el aprovechamiento del suelo y la densidad, a la vez que en etapas

intermedias de su desarrollo puede afectar la imagen urbana. La modalidad “cáscara”, por el contrario, garantiza una imagen acabada desde el inicio, pero resulta más cara que la anterior, mientras el tipo “soporte”, más común en países desarrollados y también costosa, requiere una elevada inversión inicial (Figura 3).

Figura 3: Esquema de tipos de vivienda progresiva: semilla, cáscara y soporte.



Fonte: Gelabert (2014)

Es por ello que, como resultado de la referida investigación, se ha propuesto combinar la potencialidad de las empresas constructoras estatales para ejecutar los soportes con la capacidad de las familias para completar y mejorar progresivamente sus viviendas, según necesidades y posibilidades. La presente fórmula permite reducir los costos, tanto la inversión inicial de la empresa, que no se ve precisada a entregar las viviendas terminadas, como los gastos en los que incurre la familia, que no quedan agravados por la infraestructura. A la vez, se acortan los procesos, al menos el de ocupación inicial de la vivienda, que puede adecuarse a las preferencias de sus habitantes, y es posible garantizar la calidad habitacional, tanto hacia el interior como para el espacio urbano (Figura 4).

Figura 4: Proyectos de edificios de vivienda progresiva en diferentes contextos urbanos de La Habana, combinando la acción estatal con la autoconstrucción, realizados por los estudiantes (hoy arquitectos) Anelys Lay, Danessa Urquiola e Irasel Ulacia.



Fuente: Soluciones para mejorar la calidad de la vivienda en Cuba. Trabajo premiado en la XIV Bienal Internacional de Arquitectura, San José de Costa Rica, 2018.

4. Discusión

Las experiencias presentadas combinan realizaciones prácticas promovidas por diversas instituciones y propuestas teóricas, parcialmente aplicadas, desarrolladas a partir de investigaciones académicas, en aras de mostrar las potencialidades que existen y que pueden maximizarse cuando los esfuerzos se combinan y complementan. Una particularidad cubana radica en la economía centralmente planificada, en camino hacia un proceso de descentralización parcial que favorecerá la participación y la sustentabilidad de los procesos locales con un carácter endógeno. Por otro lado, a pesar de que no existe actualmente una política integral de vivienda, ni se ha actualizado la ley modificada en 1986, la clara voluntad del Estado para mantener el equilibrio entre la sociedad y el mercado, así como el proteger a los sectores vulnerables continúan siendo una garantía de justicia social.

Con independencia de las diferencias en los enfoques predominantes en diversos momentos, la presencia del sector no estatal es una realidad ya incuestionable e irreversible en la economía y la sociedad cubana. De lo que se trata es de articularlo de la mejor manera posible con el sector estatal, ambos con mayor autonomía de gestión, aunque la intención de

ralentizar la estratificación social y mantenerla controlada dentro de ciertos límites, siga constituyendo un objetivo esencial. El ámbito del hábitat urbano es uno de los que con mayor urgencia necesita de la integración armónica de ambas formas de gestión económica en aras del progreso social y el aumento de la calidad de vida. En cualquier caso, existen muchos ejemplos que demuestran que también este constituye un sector de la población socialmente comprometido, que dedica parte de sus ganancias a impulsar proyectos comunitarios y de desarrollo local (PÉREZ; IGLESIAS, 2014).

Otra característica de la sociedad cubana contemporánea, que constituye, sin dudas, una fortaleza, es su sentido de comunidad, solidaridad y colaboración, así como su organización social en todos los niveles y esferas²⁰, y la poca dependencia del consumo, una vez que ha estado sometida durante décadas a situaciones de escasez y racionamiento de productos básicos para la subsistencia. Estas condiciones han permitido desarrollar, además, un elevado grado de resiliencia, iniciativa y creatividad, imprescindible para la supervivencia en condiciones difíciles²¹. Por otra parte, la prioridad dada a la educación y la salud en las políticas estatales ha permitido alcanzar elevados índices de desarrollo humano y contar con un importante capital científico técnico que se revierte en beneficio de la propia población, además de las probadas posibilidades de colaboración internacional.

La demostrada resiliencia, el bajo compromiso con la sociedad de consumo, el capital humano generado y la favorable relación entre el índice de Desarrollo Humano y la Huella Ecológica (WWF, 2006) son algunos de

²⁰ Esto ha quedado fehacientemente demostrado en situaciones de emergencia como fenómenos meteorológicos extremos (huracanes), epidemias (Dengue, Covid-19, entre otras), o crisis económicas como el llamado "Período Especial" en los 90.

²¹ La capacidad de la sociedad cubana contemporánea para afrontar impactos, recuperarse y continuar desarrollándose (resiliencia) se basa, en gran medida, en la iniciativa y creatividad de la población, gracias a lo cual, por ejemplo, circulan aun vehículos automotores que superaron con creces su vida útil, y funcionan industrias cuyas piezas de repuesto el bloqueo de Estados Unidos ha impedido adquirir. La "Revolución Energética" de 2005 permitió sustituir equipos electrodomésticos que la población, con su ingenio, había podido mantener funcionando por más de medio siglo o habían logrado crear a partir de componentes reusados o reciclados.

los factores que han hecho que expertos internacionales consideren a Cuba como el país ideal para emprender un nuevo camino hacia el desarrollo sustentable (STRÖMDAHL, 2010).

Aunque se desarrollan investigaciones básicas, la vocación principal de la ciencia cubana va dirigida a su aplicación en la búsqueda de solución a los propios problemas de la sociedad, a la vez que se generan nuevos conocimientos. Algunas de las experiencias académicas mostradas se basan en la articulación de las funciones sustantivas de la universidad (Investigación – formación – extensión), aun cuando los resultados no siempre tengan una aplicación directa e inmediata, debido, fundamentalmente, al desconocimiento, por parte de los propios sectores productivos, de las ventajas que proporciona la innovación, o a su resistencia al cambio. La relación universidad - ciencia – producción es muy cercana en ciertas esferas como la medicina, la industria biotecnológica y farmacéutica, pero aún algo más distante, por ejemplo, en la producción de alimentos, las construcciones, la vivienda y el hábitat urbano.

4.1. Retos

De las experiencias mostradas y la discusión de sus resultados pueden derivarse algunos de los principales retos que el país debe enfrentar en el campo del hábitat urbano para el futuro mediano. El primero es, sin dudas, la conclusión y aprobación de la Política y la Ley de la vivienda, cuestión que ha venido posponiendo por casi diez años, a partir de los lineamientos asumidos para la política económica y social. Pero para que sean realmente efectivas, ambas (la política y la ley), deben partir de un enfoque integral que abarque las dimensiones ambiental, económica y social, aplicable en el ordenamiento físico, desde la escala territorial hasta el ámbito interior del hogar. Para ello será necesario considerar la evolución que ha experimentado la familia cubana durante las últimas décadas y su diversidad, reconocida en la Constitución de la República recientemente aprobada en 2019. Por otra parte, la intención manifiesta de proteger a los

sectores vulnerables de la población deberá incluir, no solo a la tercera edad en una sociedad cada vez más envejecida, sino a los jóvenes que constituyen el relevo, para que puedan construir su proyecto de vida.

El carácter integral en la visión del hábitat urbano tendrá que desterrar, cuanto antes, el enfoque sectorial que ve a la vivienda como “un objeto a construir” más que como espacio de vida, producción y reproducción, además de componente básico de las ciudades, que se encuentran entre lo más valioso de la cultura en cualquier sociedad humana. Para ello es casi imprescindible la unificación de la gestión de la vivienda, la ciudad y el territorio bajo una sola entidad que garantice la articulación armónica entre las tres escalas de trabajo y sus correspondientes problemáticas.

Otro importante reto para elevar la calidad del hábitat urbano es el aprovechamiento del capital humano, específicamente, el personal técnico profesional capacitado en los campos de la arquitectura, el urbanismo, la ingeniería y otras esferas afines, para que aún desde el sector no estatal puedan realizar las labores de alto valor agregado para las que han sido capacitados. El marco legal del “trabajo por cuenta propia” y los oficios y profesiones que podrán desarrollarse por este concepto, se encuentra actualmente en revisión, lo cual ofrece una excelente oportunidad para que algunas labores vitales en el campo del hábitat urbano, puedan ser consideradas y autorizadas. No obstante, esta es una condición necesaria, pero no suficiente, ya que también se requiere de una adecuada coordinación armónica entre los diferentes modelos de gestión (estatal, no estatal y cooperativo) que pueden intervenir en la conformación y transformación del ámbito urbano, de manera que cada cual asuma las funciones para las que esté más capacitado y sus roles se complementen. Pero todo eso deberá ser adecuadamente estructurado y legislado en un futuro mediato.

Por otro lado, será necesario, también, dinamizar la economía local, a partir de un efectivo proceso de descentralización y regulaciones que permitan potenciar las posibles fuentes de financiamiento endógeno, y que aprovechen las fortalezas locales en aras del mejoramiento del hábitat y el ambiente urbano. En todo esto, a su vez, la aplicación de la ciencia juega un rol determinante, mediante la asociación del sector productivo, los gobiernos locales y las propias comunidades con las universidades y centros científicos, a partir de las posibilidades reales de autonomía económica que sirvan de base a la toma de decisiones para la introducción de resultados de investigación, el desarrollo de proyectos innovadores y de experiencias “piloto” demostrativas, cuya aplicación pueda ser posteriormente extendida, de acuerdo con la evaluación en la práctica de sus resultados parciales.

En cuanto a la materialización física del hábitat urbano y su expresión, uno de los principales retos radica en cómo resolver la contradicción entre la necesaria conservación del patrimonio edificado (en tanto elemento esencial de la historia, la cultura y la identidad) y las nuevas demandas de la vida contemporánea y futura, que no siempre se satisfacen con la espacialidad heredada. Esto resulta esencial en una sociedad que, como la cubana, ha podido conservar un patrimonio histórico, altamente valorado, con el cual la calidad arquitectónica y urbana de lo creado durante los últimos más de 60 años, no compite.

Por último, el reto mayor podría ser cómo mantener la inclusión social a escala urbana, que es una demanda global actual, y que ha sido una característica común en el hábitat cubano de la segunda mitad del siglo XX, a pesar de las diferencias heredadas de la sociedad anterior. Algunas transformaciones económicas operadas durante la última década en aras de dinamizar la economía y potenciar los ingresos al país han incrementado la estratificación social (no siempre en relación con el aporte), lo cual afecta el cumplimiento de este objetivo, y, de hecho, sus impactos ya comienzan a apreciarse, al menos en La Habana. Si bien estas

medidas son anteriores a la última década y ya habían generado diferencias en el acceso a bienes de consumo y algunos servicios, éstas han comenzado a apreciarse en el hábitat, después de la autorización de la compra-venta de casas en 2012.

A partir de la autorización del mercado de viviendas de segunda mano, las diferencias de ingresos y de capital acumulado han comenzado a traducirse en una concentración de la población de mayores recursos, comprando en los lugares más apreciados de la ciudad, ya sea por sus valores históricos, sociales, urbanos, ambientales, culturales o su interés para el turismo (en resumen, la franja norte), y un desplazamiento de la población que en estas zonas urbanas habitaba inmuebles de gran calidad y alto grado de deterioro, cuyos escasos ingresos les impedían mantener.

5. Conclusiones

La ciudad informal, surgida como consecuencia del fracaso del modelo urbano moderno asociado a la vivienda social masiva, pasó de ser un problema para convertirse en una oportunidad, que estimuló el cambio de enfoque y el rol del Estado en las corrientes neoliberales, pero no es sustentable, y no debe asociarse el derecho a la ciudad con el de la producción social del hábitat informal.

Las operaciones de rescate de los centros históricos, así como los frentes de aguas o las antiguas zonas industriales mediante operaciones inmobiliarias no deben generar el desplazamiento de la población de menos recursos ni la gentrificación urbana en aras de recuperar plusvalías, lo cual niega los ODS y la nueva agenda urbana.

Las circunstancias condicionantes en Cuba han respondido al ideal de justicia social, y los cambios de enfoque asumidos responden a la contradicción entre la necesidad de eliminar trabas que limitan la solución del problema y el afán de evitar el incremento de la estratificación de una

sociedad que ha intentado conservar el mayor grado posible de justicia y equidad.

La experiencia de la última década está signada por la aprobación de documentos rectores que trazan las pautas de hacia dónde se pretende encaminar el desarrollo del país en el futuro mediato. No obstante, aún no existe un órgano rector único ni una ley y política de vivienda.

Las experiencias presentadas combinan resultados institucionales oficiales con investigación académica en iniciativas teóricas o parcialmente aplicadas y demuestran que las potencialidades se maximizan cuando los esfuerzos se combinan y complementan.

Las fortalezas del modelo cubano se resumen en el sentido de comunidad, solidaridad, colaboración, organización social, resiliencia, iniciativa, creatividad, desarrollo humano y capital científico técnico, así como la presencia de una economía centralmente planificada, que debe ser complementada con una descentralización que estimule la generación endógena y el desarrollo local.

Entre los retos futuros se encuentran la necesaria aprobación de la ley y la política del hábitat urbano con enfoque integral, bajo el liderazgo de una única entidad; la articulación entre las diversas modalidades de gestión en aras de mantener la justicia y equidad, evitando la estratificación urbana, así como el logro de una mayor colaboración entre la universidad y sector productivo en este campo, aprovechando el capital científico – técnico, para combinar la conservación del patrimonio con las nuevas demandas de la vida contemporánea.

6. Referencias

ALONSO ECHEVERRÍA, I. El modelo de vivienda post-covid; resiliente, colaborativo y ecológico. En: **El País**, 20 junio 2020. Disponible en:

https://elpais.com/elpais/2020/06/22/alterconsumismo/1592811834_935369.html. Accedido en: 12 jun. 2021.

BENÉVOLO, L. **Historia de la Arquitectura Moderna. Tomo I.** La Habana: Edición Revolucionaria, 1975.

BJUR, Hans; GAVATIN, Margareta, Research and Development in Spatial Planning and Urban Management. En: **Swedish Planning Towards Sustainable Development.** Gavle: Westlund and Soner , 1997, p.149-154.

BOLETIN (Boletín de la Cooperación Técnica). OPS/OMS. Diciembre 2016. Disponible en: www.paho.org/cub/index.php?option=com_content&view=article&id=665:ops-oms-promueve-experiencia-cubana-frente-a-emergencias-y-desastres&Itemid=528 . Accedido en 12 jun. 2021.

CARRIÓN, Fernando. El futuro está en el ayer: La Habana Vieja, una plataforma de innovación. En: **Una experiencia singular. Valoraciones sobre el modelo de gestión integral de La Habana Vieja, Patrimonio de la Humanidad.** Editado por UNESCO / Oficina del Historiador de la Ciudad de La Habana. La Habana: Editorial Boloña, 2006, p. 173-198.

CEPAL (Comisión Económica para América Latina y el Caribe). **Panorama Social de América Latina.** Santiago: CEPAL, 2019.

DÍAZ-CANEL BERMÚDEZ, Miguel; NÚÑEZ JOVER, Jorge. Gestión gubernamental y ciencia cubana en el enfrentamiento a la COVID-19. **Anales de la Academia de Ciencias de Cuba**, vol. 10, n.2, 2020. Disponible en: <http://www.revistaccuba.cu/index.php/revacc/article/download/881/887> . Accedido en: 12 jun. 2021.

DOCUMENTOS (Documentos del 7mo. Congreso del Partido aprobados por el III Pleno del Comité Central del PCC el 18 de mayo de 2017 y respaldados por la Asamblea Nacional del Poder Popular el 1 de junio de 2017). Disponibles en: <http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/%C3%BAltimo%20PDF%2032>
Accedido en: 1 jun. 2020.

FRANCO PARELLADA, Xiomara. Sistema de asentamientos poblacionales: problemas de la franja inferior. **Planificación Física-Cuba**. s.l., n. 2, p. 22-30, 1989.

GELABERT, D. **Vivienda Progresiva como solución alternativa para la ciudad de La Habana**. Sevilla: Unidad Internacional de Andalucía, 2014.

GONZÁLEZ COURET, Dania. Hábitat rural. Pasado, presente y futuro. **Arquitectura y Urbanismo**. vol. 14, n.2, p. 51-59, 1993.

GONZÁLEZ COURET, Dania; ÁLVAREZ, Norberto; ÁGUILA, Odalia; PÉREZ, Deremis. Unidades locales para la gestión integral del hábitat. Experiencia Cubana. **Revista INVI**, n. 76, p. 167 – 198, 2011.

GONZÁLEZ COURET, Dania et al. Soluciones para mejorar la calidad de la vivienda en Cuba. **Anales de la Academia de Ciencias de Cuba**, vol. 5, n. 3, 2015.

GONZÁLEZ COURET, Dania. Edificios de apartamentos de altura media en La Habana. Evaluación. **Cuadernos de vivienda y urbanismo**. 10, p. 2 – 15, 2016. Doi:10.11144/Javeriana.cvu10-20eaam

GONZÁLEZ COURET, Dania. El regreso a la ciudad tradicional. Vivienda social de los 80's en La Habana. **Revista INVI**, vol. 35, n. 98, p: 45-74. 2019. doi:1010.4067/S0718-835820

GONZÁLEZ COURET, Dania. La industrialización de la vivienda en Cuba. Década del 70. **Arquitectura y Urbanismo**. vol. 42, n.1, p. 34-47, enero – abril 2021. Disponible en: <https://rau.cujae.edu.cu/index.php/revistaau/article/view/604/569> . Accedido en: 12 jun. 2021.

GONZÁLEZ, Gonzalo; OLIVERA, Andrés. Adaptación al cambio climático en la recuperación del huracán Irma. En: **Memorias del Congreso Internacional Medio Ambiente Construido y Desarrollo Sustentable**. CCIA. La Habana: CUJAE, 2018.

GUDAY, Olga. Ciudades después de la pandemia: así cambiarán. **Huellas by Sareb**, 28 oct. 2020. Disponible en: www.huellasbysareb.es/en-primera-persona/ciudades-despues-covid/ Accedido en: 12 jun. 2021.

HABITAT 1976. **Report of habitat: United Nations Conference on Human Settlements**, Vancouver 31 Mayo – 11 Junio 1976, Nueva York, 1976.

HERNÁNDEZ BARRIOS, Manuel Alejandro. La Defensa Civil Cubana un sistema fuerte, energético y previsor. **Mesa Redonda**. [online]. 20 jun. 2017. Disponible en: mesaredonda.cubadebate.cu/mesa-redonda/2017/07/21/la-defensa-civil-cubana-un-sistema-fuerte-energico-y-previsor-video. Accedido en: 12 jun. 2021.

HIC-AL. Coalición Internacional del Hábitat. **Hábitat I, Hábitat II, Hábitat III**. México : HIC-AL, 2016. Disponible en: http://hic-gs.org/content/HIC_Habitat%201976%202016%20ES.pdf. Accedido en 12 jun. 2021.

MACHORRO, Juan Carlos. Modifica COVID-19 al concepto de ciudades inteligentes. **Expok - Comunicación de Sustentabilidad y RSE**, 2 junio 2020. Disponible en: <https://www.expoknews.com/modifica-covid-19-al-concepto-de-ciudades-inteligentes/> Accedido en: 12 jun. 2021.

MICONS. Las construcciones 1959 – 1989. **Informe a la Asamblea Nacional del Poder Popular**. La Habana: Ministerio de la Construcción, 1989.

MUTAL, Sylvio. Valoraciones de los expertos de la UNESCO. En: **Una experiencia singular. Valoraciones sobre el modelo de gestión integral de La Habana Vieja, Patrimonio de la Humanidad**. Capítulo III. La Habana: Editorial Boloña, 2006, p. 125.

NAVARRETE, David. Turismo gentrificador en ciudades patrimoniales. Exclusión y transformaciones urbano-arquitectónicas del patrimonio en Guanajuato, México. **Revista INVI**, vol. 32, n. 89, p. 61-84, 2017. doi:10.4067/S0718-83582017000100061

ONU-Hábitat. **Versión ejecutiva del Perfil de la Vivienda en Cuba**. La Habana, 2014.

ORRSKOG, Lars, Planning After Rio. Some Remarks from a North – Western Corner of the World. En: **Architecture as Politics**. Stockholm: Royal Institute of Technology, 2002, p. 27-32

- ORTIZ FLORES, Enrique. **Notas sobre la producción social de vivienda. Elementos básicos para su conceptualización e impulso.** México, D.F: Casa y Ciudad, 1998.
- PÉREZ, Martha Oneida; IGLESIAS, Maidolys. **Patrimonio y ciudadanía. Experiencias de participación en La Habana Vieja.** La Habana: Ediciones Boloña, 2014.
- PORTNEY, Kent E. **Taking Sustainable Cities Seriously. Economic Development, the Environment and Quality of Life in American Cities.** Second Edition. Massachusetts Institute of Technology, 2013.
- RED- HÁBITAT. **Por el derecho humano a la vivienda.** La Paz: Taller de Proyectos e Investigación del Hábitat urbano-rural, 2008.
- RED HÁBITAT. Carta Mundial por el Derecho a la Ciudad. En: **1er Concurso de Ensayos sobre el Derecho a la Ciudad**, pp. 131 – 136. La Paz: Taller de Proyectos e Investigación del Hábitat urbano-rural, 2009.
- RIGOL, Isabel. La recuperación del patrimonio documental en Cuba desde 1959. En: **Conservación patrimonial: teoría y crítica.** La Habana: Editorial UH, 2012, p. 111-130.
- RODRÍGUEZ ALOMÁ, Patricia. Gestión del desarrollo integral de los centros históricos. **Tesis en opción al grado científico de Doctor en Ciencias Técnicas.** Universidad Tecnológica de La Habana, 2009.
- ROJAS, Ángela. Planeamiento, flexibilidad, valores. En: **Conservación patrimonial. Teoría y crítica**, pp. 53-70. La Habana: Editorial UH, 2012.
- SEGRE, Roberto. **La vivienda en Cuba: República y Revolución.** La Habana: Departamento de Actividades Culturales de la Universidad de La Habana, 1985.
- SEGRE, Roberto. **Arquitectura y urbanismo de la Revolución cubana.** La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.
- STRÖMDAHL, J. **Kubas omställning till ekologisk hållbarhet.** Stockholm: Langholmen, 2010. Disponible en: www.adlibris.com/se/bok/kubas-omstallning-till-ekologisk-hallbarhet-9789174370645. Accedido en: 12 jun. 2021

TEZANOS, J. F. **Tendencias en desigualdad y exclusión social**. Madrid: Editorial Sistema, 1999.

THE HABITAT AGENDA. Agenda. **Goals and Principles, Commitments and Global Plan of Actions**. United Nations Conference on Human Settlements (Habitat II). Istanbul, Turkey, 3 – 14 Junio 1996.

TURNER, John. F. **Housing by People. Towards autonomy in building environments**. London: Marion Boyars. (V. e. usuario, Trad.) Barcelona: Blume, 1976.

VEJAR, Carlos. **Y el perro ladra y la luna enfría. Fernando Salinas: Diseño, ambiente y esperanza**. México: UNAM, 1994.

WWF (World Wildlife Fund). **Informe Planeta Vivo**, 2006. WWF, 2006.

Disponible en:

https://wwf.panda.org/wwf_news/?109443/Informe-Planeta-Vivo-2006.

Accedido en 12 jun. 2021.



REGIONALIZAÇÕES DURANTE O PERÍODO DITATORIAL BRASILEIRO

REGIONALIZACIONES EN LA DICTADURA BRASILEÑA

REGIONALIZATION DURING THE BRAZILIAN DICTATORSHIP

Tainá Siman¹ 

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a aproximação e o afastamento do Brasil de diversas regionalizações durante o período da ditadura, levando em conta a formulação da Política Externa Brasileira como ferramenta para explicar a intensidade de determinadas alianças e instituições existentes no período. Para descrever essas tendências regionais, serão levadas em conta as noções da *Abordagem do Novo Regionalismo*, em que as regiões são construídas, reconstruídas e desconstruídas socialmente pelos autores, discursos, relações e contexto. O artigo se apresentará em três partes: o contexto que antecede o início do período ditatorial, a primeira década de ditadura em ascensão (1964-1974), e a segunda década, que já apresenta sinais de transição democrática (1974-1985). Como resultado, se conclui que o movimento das regionalizações passa por um latino-americanismo que envolve uma América continental, chega ao isolamento e completo alinhamento com os Estados Unidos, e acaba por fim repousando em um regionalismo latino-americano mais focado na construção sub-regional do Cone Sul.

Palavras-chave: América Latina; Política Externa Brasileira; Ditadura Brasileira; Regionalismo; Integração.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la aproximación y alejamiento del Brasil de diversas regionalizaciones durante el período dictatorial, tomando en cuenta la formulación de Política Externa Brasileña como herramienta para explicar la intensidad de determinadas alianzas e instituciones existentes en el período. Para describir estas tendencias regionales, se tendrán en cuenta las nociones del enfoque del *Nuevo Regionalismo* (ANR), en el que las regiones son construidas, reconstruidas y desconstruidas socialmente por los actores, discurso, relaciones y contexto. El artículo presenta tres partes: el contexto que antecede al inicio del período dictatorial; la primera década de la dictadura naciente (1964-1974); y la segunda década, que ya presenta indicios de transición democrática

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGRI-UERJ); e-mail: taina.siman@gmail.com; pesquisadora do Observatório de Regionalismo (REPRI).

(1974-1985). Como resultado, se concluye que el movimiento de regionalización pasa por un latinoamericanismo que involucra a América continental, llega al aislamiento y completo alineamiento con Estados Unidos, y acaba por fin reposando en un regionalismo latinoamericano más enfocado a la construcción subregional del Cono Sur.

Palabras-clave: América Latina; Política Externa Brasileña; Dictadura Brasileña; Regionalismo; Integración.

Abstract: This article aims to analyze Brazil's approach and distance from various regionalizations during the dictatorship period, taking into account Brazilian Foreign Policy as a tool to explain and interpret the intensity of certain alliances and institutions existent during this period. To describe these regional trends, the notion of *New Regionalism Approach* (NRA) will be taken, in which regions are socially constructed, reconstructed and deconstructed by the authors, discourses, relationships and context. This article is presented in three parts: the context that precedes the beginning of the dictatorial period, the first decade of rising dictatorship (1964-1974), and the second decade, which already shows signs of democratic transition (1974-1985). As a result, the movement of regional constructions goes through Latin Americanism that covers all continental America, reaches complete isolations and complete alignment with the United States, and finally ends up relying on a Latin American regionalism more focused on sub-regional construction of the Southern Cone.

Key-words: Latin America; Brazilian Foreign Policy; Brazilian Dictatorship; Regionalism; Integration.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.170226](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.170226)

Recebido em: 29/05/2020

Aprovado em: 30/06/2021

Publicado em: 01/07/2021

1. Introdução

O Regionalismo tem ganhado grande proeminência dentre os estudos das Relações Internacionais no Brasil nas últimas décadas. Grande parte dessa atenção é resultado da formação do Mercosul (Mercado Comum do Sul) e de outras iniciativas de integração regional, tais como a Unasul (União de Nações Sul-Americanas), que se deram a partir da segunda onda² de integração caracterizada pelo neoliberalismo da década

² A segunda onda de regionalismo, também chamado de regionalismo aberto, remete a valores neoliberais, ao Consenso de Washington, e à criação de instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI), e ao Banco Mundial. Em contraste, a primeira onda de regionalismo, também chamado de regionalismo fechado, é marcada pelo protecionismo (SOÖDERBAUM, 2015).

de 90 (SODERBAUM 2015). Compreendemos esses fenômenos como resultados das novas interações entre Brasil e Argentina e pelo processo de redemocratização que esses Estados passavam, bem como sua reaproximação da América Latina como um todo. Mas o que acontecia com o Brasil e suas relações regionais antes disso?

A fim de responder essa pergunta será utilizada a abordagem Novo Regionalismo, que compreende que as regiões são socialmente construídas e desconstruídas, devido à atuação dos atores e condições sistêmicas.

A Abordagem do Novo Regionalismo é bem influente, reivindicando que não existem regiões “naturais”, mas que essas são construídas, reconstruídas, e desconstruídas –intencionalmente ou não intencionalmente- nos processos de transformação global. Desde que as regiões são construções sociais, nenhuma delas é ‘dada’, e não há também interesse regionalista dado, mas sim que os interesses e identidade são moldados nos processos de interação e compreensão intersubjetiva. Comparado com a agenda convencional e racionalista, esse tipo de teorização leva a diferentes respostas e metodologias a respeito de por que e como regiões são formadas e consolidadas, por quem e para qual propósito (SÖDERBAUM, 2016:29-30, tradução nossa³).

A Abordagem Novo Regionalismo (ANR) é desenvolvida no início dos anos 2000 por Hettne e Söderbaum (1999), como tentativa de compreender, de maneira mais ampla, as regiões. Assim, enquanto as teorias regionais até então existentes estavam diretamente conectadas com a União Europeia (UE), por ser conhecida no ocidente como a única integração regional (SÖDERBAUM, 2016), a ANR surge em uma tentativa de criar uma abordagem que permita adaptação, leitura e compreensão das regiões como processos em que cada caso, de maneira individual, seja analisado pelas suas próprias características. O regionalismo deixou de ser fechado, então passam a ser necessárias novas abordagens, abertas e flexíveis, que deem conta dessas novas interpretações, novos atores, e

³ Do inglês original: The New Regionalism Approach (NRA) is quite influential, claiming that there are no 'natural' regions, but these are made, remade and unmade-intentionally or non-intentionally- in the process of global transformation. Since regions are social constructions, none are 'given', and there are no given regionalist interests either, but instead the interests and identities are shaped in the process of interaction and intersubjective understanding. Compared to the mainstream and rationalist agenda, this type of theorizing leads to different answers and methodologies regarding why and how regions are formed and consolidated, by whom and for what purpose.

novas regiões, “Resumindo, o Novo Regionalismo é global e pluralístico, comparado com o velho regionalismo, que era Eurocêntrico e limitado (SÖDERBAUM, 2003: 9, tradução nossa⁴)”.

Afim de abarcar essa pluralidade e adaptação, o Novo Regionalismo se apropria de uma teoria também recente nas Relações Internacionais, o construtivismo. Nela, os processos regionais são construídos socialmente através da interação entre os atores, e são também o resultado dessa interação (SÖDERBAUM, 2016). Nesse âmbito as possibilidades são múltiplas, podendo resultar na priorização de outras agendas para além da econômica, estruturas institucionais formais ou informais, participação maior de setores e atores não estatais, entre outros. Nesse caso, cada processo de construção regional é simplesmente o resultado de interação entre os seus atores, que são agentes de construção desse processo. Assim, cada interação se torna única por responder diretamente aos seus criadores, e além disso, não são modelos estáveis e concretos, podendo mudar de forma ao longo do tempo.

Essa nova interpretação oferece também diversas outras consequências. Uma delas é a possibilidade de que essas regiões e arranjos sejam desconstruídos ou mudados. Como não existem regiões naturais, pré-concebidas, ou dadas, elas são compreendidas como processos que podem ser construídos, reconstruídos (modificados) ou desconstruídos ao longo do tempo (SCHULZ; SÖDERBAUM; ÖJENDAL, 2000). Assim, o esvaziamento ou abandono de determinadas instituições regionais pode acontecer não simplesmente pela falha, mas sim pela reorganização dos atores em optar pela construção de determinados processos em detrimento de outros. Se determinados atores responsáveis por conduzir parte do processo mudam de interesse, ou passam a ter seus interesses voltados para outras vias e processos de construção regional, o processo anterior é mudado ou desconstruído (BORZEL, 2011).

⁴ Do inglês original: In short, the new regionalism is both global and pluralistic, compared to the old regionalism, which was Eurocentric and narrow.

Além disso, cada região tem distintos atores envolvidos em contextos diferentes, que geram interações características. Isso acaba por criar uma regionalização específica que irá responder pelo seu próprio grau de institucionalização (formal e/ou informal), priorização de determinados temas da agenda em detrimento de outros, e valorização de atores estatais ou não-estatais (SÖDERBAUM, 2004). As construções são reflexo dos interesses, ideias e identidades compartilhadas e expressadas pelos atores de forma que esses processos sejam adaptados, customizados e sirvam aos interesses de seus criadores.

Ao levar em conta o contexto, interações e valores dos atores, fazem parte também da leitura do processo de criação e construção dessas regiões uma sensibilidade do contexto histórico e reconhecimento da realidade compartilhada entre esses atores e sua região (em um sentido geográfico) em comum. Mas essas construções não se limitam ao seu entorno geográfico. O nível global é relevante e as regiões não são encapsuladas em seu próprio entorno, dependendo apenas de sua esfera regional em meio ao vácuo, mas sim fazem parte também de um contexto global como interveniente do processo de construção regional no qual estão inseridas. As influências e atores externos também são levados em conta construindo um processo heterogêneo, podendo ter diversas camadas que manifestem diferente graus de institucionalização e aprofundamento em cada nível ou âmbito de regionalização, que podem se complementar ou inclusive competir uns com os outros (SÖDERBAUM, 2004).

Já o conceito de regionalismo aqui é compreendido desde a construção de cooperação através de diálogo não institucionalizado com fins de cooperação, passando por fóruns e órgãos regionais institucionalizados (compreendidos como Organizações Internacionais Regionais), até a formação de integrações regionais (que implicam necessariamente na promoção do livre comércio), desde que essas interações tenham como característica o compartilhamento de um

mesmo espaço geográfico (SÖDERBAUM, 2016). No caso de ausência dessas instituições formais, se torna importante para o período analisado que seja levada em conta a regionalização, conceito caracterizado pelo aumento de fluxos de intercâmbio e interação ao ponto de maior interdependência dos atores dentro de um determinado entorno geográfico (MALAMUD, 2012); (SARAIVA; HERNÁNDEZ, 2019).

Assim, o presente artigo busca mapear como se deu a aproximação e o afastamento do Brasil de diversas regionalizações durante o período da ditadura, levando em conta a formulação da Política Externa Brasileira durante a época, e compreendendo-a como ferramenta para explicar a intensidade de determinadas alianças e instituições existentes no período. O objetivo do artigo estrutura-se assim em volta da seguinte pergunta: Como se dá e quais são as regionalizações construídas e desconstruídas durante o período da ditadura?

O artigo foi estruturado da seguinte forma: a primeira seção conta com o contexto sistêmico e o ponto de partida de como estavam as relações entre o Brasil e sua questão regional nos anos que antecedem o período autoritário. A segunda seção compreende os primeiros dez anos da ditadura, com os governos de Castelo Branco (1964-1967), Costa e Silva (1967-1969) e Médici (1969-1974), fortemente pautados no chamado “interesse nacional”. Já a terceira seção tratará dos outros dez anos, com os governos de Geisel (1974-1979) e Figueiredo (1979-1985) - que comportam pautas energéticas e de recursos naturais -, e tem um foco maior e relevante nas interações com a Argentina.

Essa divisão do período ditatorial pela metade é frequentemente utilizada nos estudos de Política Externa por descreverem uma mudança na questão de interações burocráticas político-militares, mais fortes na primeira década do que na segunda, dividindo seu apogeu e declínio (VIZENTINI, 1998). Foi considerada como importante para a formação de regionalizações a relação do Brasil com os Estados Unidos (caracterizadas

como uma regionalização americano continental), a relação do Brasil com a América Latina (geograficamente mais composto com a América do Sul, sendo levada em conta a relação com a Argentina como estratégica para a caracterização do regionalismo latino-americano), e a relação do Brasil com o contexto Norte/Sul e multilateralismo.

2. O momento pré-ditadura: o universalismo da pei em detrimento do foco regional

O governo de Jânio Quadros e João Goulart tinha como marco de sua estratégia a chamada Política Externa Independente (PEI), que, frente à Guerra Fria e tensões Leste/Oeste, opta por uma atuação independente, tendo cooperado com ambos Estados Unidos e URSS, sendo essa ação guiada por interesses próprios e criando uma terceira via a partir do discurso de “desarmamento, descolonização, desenvolvimento”. Além disso, em meio aos chamados movimentos pan (pan-americanismo, pan-africanismo, pan-arabismo)⁵, a postura brasileira se destaca ao se afirmar defensora dos direitos de autodeterminação e não intervenção (AMADO 1996).

A regionalização no momento pré-ditadura possui características fortemente conectadas à questão sistêmica: a criação da Comunidade Europeia em 1957 inaugura a primeira onda de regionalismo, o chamado regionalismo fechado⁶ (SÖDERBAUM, 2015), que inspira a criação de diversas outras integrações regionais, tais como a Associação Latino-Americana de Comércio (ALALC), que foi uma tentativa de estabelecer uma Área de Livre Comércio na região. Essa primeira tentativa de integração tem também forte influência do desenvolvimentismo da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) (BUENO;

⁵ Movimentos de união política regionais, com forte caráter de defesa de interesses em comum, além da valorização e resgate de fatores filosóficos, políticos, culturais e identitários locais.

⁶ O chamado regionalismo fechado é caracterizado pelo livre comércio intrabloco, e maior detrimento de comércio com países terceiros, marcados temporalmente por iniciativas da década de 50, como a CECA (Comunidade Europeia do Carvão e do Aço), que dá origem à União Europeia, e a ALALC.

RAMANZINI JÚNIOR; VIGEVANI, 2014). Voltadas mais para questões comerciais e abarcando a América Central e o México, essas organizações regionais são motivadas por ideais desenvolvimentistas e um movimento pan-americano que faça frente ao regionalismo hemisférico proposto pelos Estados Unidos a partir da Organização dos Estados Americanos (OEA)⁷ (POLETTO, 1999).

No caso dos Estados Unidos, as relações passam por um determinado ceticismo: o fracasso⁸ da Operação Pan Americana (OPA) não desincentiva o Brasil a assinar a Aliança para o Progresso (1961), que também falha em alcançar os resultados almejados devido ao seu esvaziamento “natural devido às pressões da agenda norte-americana na Eurásia e crises internas à hegemonia, relacionadas nos anos 1960 ao movimento dos direitos civis, o assassinato do Presidente John Fitzgerald Kennedy e ao início da Guerra do Vietnã” (PECEQUILO; ALVES DO CARMO, 2015:13).

A OPA, no entanto, serviu para estreitar as relações especialmente entre Brasil e Argentina, o que culmina nos Acordos de Uruguaiiana⁹. O então chamado “espírito de Uruguaiiana” consistia em uma postura sul americana pautada na cooperação para o desenvolvimento juntamente com determinismo e coordenação de ações e organismos para a projeção da região como conjunto para o meio mundial, que por consequência, era forte o suficiente para superar desavenças inclusive fronteiriças (CORREA

⁷ “Na ordem mundial do segundo pós-guerra, foi prevista na carta da ONU a criação de organismos regionais. Assim, em 1947, foi assinado em Petrópolis o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), que previa mecanismos de manutenção da paz e da segurança hemisférica. A Organização dos Estados Americanos (OEA), criada em 1948 pela IX Conferência Internacional Americana, realizada em Bogotá, é a sucessora da União Pan-Americana criada em 1890 e responsável pelas conferências que se lhe seguiram. Com o TIAR e a OEA, o regionalismo hemisférico integrou-se à ordem mundial do segundo pós-guerra” (BUENO; RAMANZINI JÚNIOR; VIGEVANI, 2014:568)

⁸ A palavra fracasso foi adotada levando em conta os resultados econômicos esperados pelo Brasil e outros países sul americanos em questão de se alcançar, com a ajuda dos Estados Unidos, o chamado desenvolvimento. É reconhecida a importância da OPA em outros sentidos, tais como a reaproximação entre países latino-americanos e seus derivados: a criação da ALALC, do BID (Banco Interamericano do Desenvolvimento) e os acordos de Uruguaiiana.

⁹ Série de acordos firmados entre Brasil e Argentina, com o intuito de estreitar as relações políticas, diplomáticas e comerciais entre os dois países.

DA SILVA, 2005). Esse espírito acaba por ser interrompido pelos golpes militares.

Em fóruns multilaterais, a atuação do Brasil é movida por caráter nacional-desenvolvimentista tal como a UNCTAD e o G77¹⁰, direcionando o Brasil para uma postura mais universal. Essa universalização não acontece necessariamente em detrimento de uma construção regional, mas nesse contexto específico compreendemos que a forte relação entre desenvolvimento, movimentos pan (acima mencionados), e o caráter de independência da política externa acaba por se sobrepor ao desenvolvimento de iniciativas regionais. Compreendemos, no entanto, que essa questão não se dá somente pelo contexto e condições sistêmicas, mas também pelos interesses dos atores.

3. Primeiro momento da ditadura: da aproximação multirregional ao alinhamento isolacionista (1964-1974)

O governo de Castelo Branco, que inaugura o período ditatorial (1964-1985), é caracterizado pela política externa de círculos concêntricos (desenvolvida pelo na época Chefe da Casa Civil, Golbery do Couto e Silva), que por si só já descreve direções em que a questão de inserção regional brasileira vai se direcionar. Em um círculo maior, com nível mais baixo de importância, está a luta contra o comunismo, encadeada pelos Estados Unidos dentro do contexto de Guerra Fria, em que a preocupação estadunidense de manter o restante da América longe da influência comunista irá intermediar as relações do Brasil com os outros países do continente. (MELLO, 1997)

No segundo círculo está o nível médio, o regional, onde se situa a necessidade da política externa em dar importância às relações do Brasil

¹⁰ O UNCTAD e o G77 são importantes iniciativas no marco das Nações Unidas voltados exclusivamente para países em desenvolvimento. A UNCTAD (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento), foi criada como alternativa ao GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio), promovendo o comércio entre países em desenvolvimento. O Grupo dos 77 é um grupo de 77 países como representação do Sul Global.

com os outros países do continente americano. Conforme os aspectos que serão explicitados a seguir sobre o governo Castelo Branco, a teoria dos círculos concêntricos acaba por explicar em grande parte a dinâmica das tentativas de construção regional durante esse momento: as relações sul americanas têm grande importância dentro desse período, sem nunca perder de vista o contexto simultâneo das interações com os Estados Unidos, que dentro do círculo concêntrico acaba por literalmente rodear essas interações (MELLO, 1997).

Apesar do claro interesse a partir das tentativas do Brasil em estabelecer relações próximas com a América Latina, em especial seus países vizinhos, a crescente influência de Fidel Castro no continente faz com que Castelo Branco rompa as relações diplomáticas com Cuba no intuito de diminuir as tensões com os Estados Unidos. Essa retomada de aliança estadunidense tem um caráter centrado na segurança hemisférica e em um segundo plano, em relações comerciais. Os exemplos dessa relação têm foco na criação da Operação Interamericana de Paz criada pela OEA que, tendo o Brasil como líder latino-americano em número de tropas, conduz a intervenção na República Dominicana em 1965.

Em uma tentativa de fortalecer a ALALC, o Brasil vai tentar se aproximar de países fronteiriços, especialmente Argentina, Paraguai e Bolívia. Com a Bolívia, são assinados acordos de transporte terrestre e fluvial. Com o Paraguai, são superados problemas de fronteiras, seguidos da assinatura da Ata de Cataratas, em que *“se iniciava uma verdadeira intervenção cirúrgica no cone sul, de largo alcance político, cimentando uma definitiva aliança com o estado paraguaio”* (GONÇALVES; MIYAMOTO, 1993:218). No entanto, a Ata das Cataratas também pode ser considerada outro evento que marca a rivalidade político-econômica entre Brasil e Argentina, já que a bacia hidrográfica compartilhada entre os três países exigia um acordo multilateral ao invés de bilateral (PECEQUILO; ALVES DO CARMO, 2015).

Com as constantes reformulações de políticas econômicas causadas pela sequência de mudanças de regimes dentro dos países da América Latina, a conjuntura existente no momento não favorecia o desenvolvimento da integração latino-americana, especialmente devido à agravante sensibilidade das relações Brasil-Argentina (países tidos como líderes nessas iniciativas) e sua crescente tensão. Dentro desse contexto, a relação enfrenta algumas apreensões, como a disputa por recursos hídricos que se intensifica em 1967, conforme já mencionado. Outra tentativa que visava o resgate de melhores relações com a Argentina foi a negociação de uma união comercial com o país, plano abandonado já no início da gestão de Costa e Silva. (PECEQUILO, ALVES DO CARMO, 2015). Nessa época se deu também a criação do OPANAL¹¹ (Organismo para Proscrição das Armas Nucleares na América Latina e Caribe), que fiscaliza o Tratado de Tlatelolco, referente à proibição de armas nucleares, essencial para a segurança regional.

Por outro lado, podemos notar a política externa de Castelo Branco em dois movimentos, conforme observado por Pinheiro (2000) e Khalil e Alves (2014) um de alinhamento com os Estados Unidos, perceptível pelos discursos públicos do governo e postura oficial do próprio presidente, e outro, conduzido pelo Itamaraty, de continuação da Política Externa Independente, caracterizado pelas relações com o sul global e aproximação de parceiros não convencionais.

Em alguns casos, ocorreu mesmo o aprofundamento da relação. No governo Castelo Branco, foram assinados, ao todo, 24 atos internacionais com países integrantes do Terceiro Mundo, o que corresponde a 46% do total de atos internacionais assinados pelo Brasil, um grande salto comparado aos governos Quadros e Goulart, com 25%). O aumento absoluto e relativo foi acompanhado de uma pequena, mas importante, diversificação de parceiros. Foram assinados três atos internacionais com países africanos, um com Camarões e dois com Senegal, nos dois casos sobre comércio. Nenhum ato internacional havia sido assinado com países do continente africano nos cinco governos anteriores (KHALIL; ALVES, 2014:695).

¹¹ Criado para a promoção da não-agressão e a favor do desarmamento nuclear entre países da América Latina e Caribe

Assim, o Itamaraty, por ter herdado e institucionalizado parte da PEI, acaba por continuar dentro da mesma linha de atuação, destoando do discurso da política externa presidencial e mais focado em se alinhar de maneira multilateral às ex-colônias da Ásia e da África em fóruns direcionados ao Terceiro Mundo. Essa articulação é institucionalizada a partir de uma construção regional do hemisfério do sul, que irá compor o G77. Outro exemplo é a criação da *UNCTAD* (Conferência das nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento, sem sigla em português), que surge em contrapartida ao *GATT* (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, também sem sigla em português), que atenderia aos interesses do hemisfério norte.

Por fim, na política externa do governo Castelo Branco se destaca a observação de duas tendências regionais: uma regionalização horizontal, marcada pela recente intensificação de relações entre o hemisfério sul, característica herdada pelo caráter de inovação da PEI; e uma regionalização americana vertical de dimensões continentais, caracterizada pelas preocupações relativas à segurança dos Estados Unidos, supervisionando a sub-região do Caribe, da América Central e América do Sul.

Os anos de governo de Costa e Silva (1967 a 1969) indicam o início da chamada ditadura linha-dura, definida por maiores índices de repressão, exemplificado pela dissolução do legislativo através do AI-5 em 1968. A partir de então, ideais de nacionalismo e desenvolvimento também vão adquirir prioridade na agenda nacional. Como a Operação Pan-Americana não rendeu os resultados econômicos esperados de uma cooperação com os Estados Unidos, o Brasil decide por colocar o desenvolvimento como o principal objetivo de governo (GONÇALVES; MIYAMOTO, 1993: 218).

Isso significa adotar uma postura mais distanciada dos Estados Unidos devido ao ceticismo de que esse bilateralismo traria de fato vantagens ao Brasil. A política externa do período é então a chamada

Diplomacia do Interesse Nacional, que busca alianças interestatais multilaterais que tragam ao país desenvolvimento industrial e econômico. Essa postura acaba por ser vista pelos Estados Unidos como um distanciamento, agravado por disputas comerciais: “*Em 1969, termos como “rivalidade emergente”, “o relacionamento perdido” e “conflito administrado” passam a ser aplicados com mais frequência à relação bilateral.*” (PECEQUILO; ALVES DO CARMO, 2015:17).

Tratamento igual é dado ao relacionamento brasileiro com outras regiões. Sendo assim, muito voltado para o ambiente interno, o Brasil não desenvolve com a mesma força nenhuma relação de caráter explicitamente regional, buscando parceiros pontuais que ofereçam ao Brasil oportunidades boas para o desenvolvimento e o chamado *interesse nacional* (GONÇALVES; MIYAMOTO, 1993). Além disso, o distanciamento da PEI e dos movimentos terceiro-mundistas é marcado pelo apoio a Portugal contra as colônias, que foi uma postura adotada ainda no governo Castelo Branco.

Tendo como pano de fundo o “milagre econômico” e mantendo o alto grau de autoritarismo do início da década de 70, o governo Médici pauta a relação entre o desenvolvimento nacional e a política externa em uma dinâmica diferente da observada no governo Costa e Silva. A política externa de Médici, que conectava planos de desenvolvimento nacional à diplomacia, busca utilizar-se do crescimento político-econômico do país como forma de se destacar no cenário mundial, desencadeando a ideia do “Brasil potência” (SARAIVA, 1998).

Nesse movimento, o Brasil busca uma maneira de se desvincular do grupo de países subdesenvolvidos, o que faz com que os resquícios da PEI que antes eram perceptíveis na aproximação com países subdesenvolvidos mudem de lógica: agora o papel do Brasil na relação com esses países se destaca em um sentido de liderança, em que ele seria a voz ativa no nível internacional dos interesses desses países e sua busca pelo

desenvolvimento. Essa postura, no entanto, é recebida com desconfiança e descrença.

Essa mudança de atitude pauta em grande medida como o relacionamento com a América Latina e com os Estados Unidos é conduzido. A eleição de Salvador Allende no Chile propicia até determinado ponto um realinhamento a partir da convergência entre Brasil e EUA, reforçando o interesse dos EUA em posicionar o Brasil como um forte aliado no papel de combater regionalmente o comunismo. Assim, a nova aliança em promover o Brasil como líder regional é vista com precaução pelos demais países da América Latina, especialmente Uruguai e Bolívia, frente à possibilidade de uma intervenção no intuito de prevenir que o comunismo se espalhe pela região. (GONÇALVES; MIYAMOTO, 1993).

O Brasil é então acusado de conduzir e participar em diversas tentativas e apoiar ações intervencionistas, como a Operação 30 Horas no Uruguai, o golpe da Bolívia (em 1971) e o golpe do Chile (em 1973) (CASTILHO, 2014). Com a Argentina, a relação se complica ainda mais nesse período de governo, principalmente em torno do assunto de recursos energéticos da Bacia do Prata (SPEKTOR, 2002). O acordo bilateral, entretanto, acabou por definir a relação, que se manteve cooperativa com o Paraguai, a partir do Tratado de Itaipu.

Entre 1967 e 1973, as relações argentino-brasileiras assistiram a um grau de deterioração raramente visto em sua história. Devido à definição do regime contemporâneo para a utilização do caudal hídrico da Bacia do Prata, o vínculo bilateral foi vítima de um confrontacionismo que se espalhou por ambas as sociedades e terminou turvando os projetos conjuntos de complementação econômica e cooperação técnica que o espírito de Uruguaiana ambicionara. Ao longo desses seis anos, ganhou força uma vertente inédita na diplomacia brasileira contemporânea: a diluição da cordialidade oficial como opção perene nos negócios com o governo argentino. (SPEKTOR, 2002:126)

No cenário multilateral, o Brasil busca novos parceiros comerciais a fim de expandir o mercado a partir da exportação de matérias primas, com foco também nos produtores de petróleo, colocando embaixadas em

diversos países do Oriente Médio. Acordos de cooperação seriam também firmados nessa época com países da África, que teriam um foco comercial, mas também estratégico na questão de segurança energética. (GONÇALVES; MIYAMOTO, 1993).

O posicionamento brasileiro regionalmente é percebido como uma força aliadas aos Estados Unidos e uma extensão do seu braço de interesse do norte para o sul¹², buscando assim uma maneira de se destacar no cenário internacional como um líder sul-americano. Essa regionalização atrelada aos Estados Unidos se opõe à construção da integração regional latino-americana pautada em interesses e problemas sul americanos em comum, que definiam o chamado “espírito de Uruguaiana” presente no início do período ditatorial. As relações com o resto do hemisfério sul, nesse momento, destacadamente Oriente Médio e África, são também fortemente pautadas em aspectos geopolíticos relacionados à segurança (quanto ao poder marítimo e energético, respectivamente).

4. Segundo momento da ditadura: reaproximação regional e abordagem universal

O governo Geisel, que indica o início da chamada segunda fase da ditadura, simbolizada pela crise na questão político-diplomática, apresenta determinado desencanto dos termos nos quais a relação com os Estados Unidos foi construída do período anterior. Não gozando mais do crescimento econômico e já em frente da que seria a crise da dívida externa, o governo Geisel tem sua política externa caracterizada pelo chamado Pragmatismo Responsável¹³.

¹² Aqui, faz-se referência ao chamado “*offshore balancing*”, a estratégia de grande potência de se utilizarem de potências regionais para se afirmarem (e defenderem seus interesses) naquela região (MEARSHEIMER; WALT, 2016)

¹³ Em contexto de Guerra Fria, o Pragmatismo Responsável significa a adoção de um discurso de uma Política Externa “livre de ideologia”, ou seja, marcada pela busca por novos parceiros, se afastando de adotar uma posição ideológica entre Estados Unidos e URSS.

Quando o esforço de construir relações fortes com grandes potências não tem o resultado esperado pelo governo brasileiro, e frente à possibilidade do isolamento internacional, o Brasil prefere pela mudança de estratégia, simbolizada pela retomada das relações com governos em seu entorno latino-americano. No entanto, devido aos acontecimentos durante o governo anterior, essa reaproximação é recebida com certa desconfiança.

A principal dificuldade com que a diplomacia brasileira se defrontava era a referente à carga histórica que pesava sobre essas relações. A fronteira comum com a maioria das nações do continente obrigava a que a mudança de política se desse de maneira mais criteriosa. Sobretudo porque a imagem projetada no decurso dos governos militares era a de um Brasil movido por apetites hegemônicos. A reversão desse quadro de dificuldades dependia tanto da habilidade diplomática em apresentar uma agenda que contemplasse interesses mútuos, como do governo brasileiro em definir objetivamente seus próprios interesses (GONÇALVES; MIYAMOTO, 1993:235).

Porém o diálogo amigável é reestabelecido com a Argentina, e ainda que o principal entrave –a questão da Bacia do Prata e o Itaipu- não seja resolvido nesse período, as intensas negociações e diálogos (dos quais também participa o Paraguai) demonstram progresso e interesse dos dois governos. Dentro da iniciativa latino-americana também é realçada a assinatura do Tratado de Cooperação Amazônica¹⁴, destacando a importância do regionalismo transnacional, trazendo a cooperação regional para a utilização soberana e harmonia entre proteção ecológica e exploração a favor do desenvolvimento (CORREA DA SILVA, 2005).

Além disso, em outro movimento de integração regional vai ser criado em 1975 o Sistema Econômico Latino-Americano e do Caribe¹⁵, a fim de contribuir para a autonomia da região dentro do sistema internacional, em um contexto de crise da dívida externa da Guerra das Malvinas (1982)

¹⁴ Acordo firmado entre Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela, com o objetivo de conjugar, em equilíbrio, o desenvolvimento econômico e preservação do meio ambiente em território amazônico.

¹⁵ Foro para a cooperação e adoção de estratégias econômicas para os países da região

(ESTENSSORO, 1994). As atividades da ALALC também vão retomar o mesmo vigor de antes a partir do final de 1978.

Essa aproximação do Brasil com o entorno latino-americano, dentro da dinâmica da Guerra das Malvinas e a crise da dívida externa, acaba por afastar o país das relações com os Estados Unidos, gerando tensões nos âmbitos econômicos e políticos. Mesmo após o afastamento, a relação entre Brasil-EUA continua demarcada por tensões pela não discordância em assuntos econômicos, fazendo com que esse seja o momento de maior não-alinhamento desde o início da ditadura.

Com o intuito de abandonar o isolamento, essas políticas acabam por aproximar o Brasil de novas parcerias, cenário no qual as relações multilaterais continuam e ganham maior horizontalidade, aproximando mais o Brasil da África (principalmente as ex-colônias) e Ásia (principalmente China e Japão). As relações com a China são assim retomadas, e o país declara apoio às independências de ex-colônias portuguesas como Angola e Guiné Bissau (em 1975 e 1974, respectivamente), o que atende a interesses econômicos e diplomáticos, destacando o Brasil novamente como um dos poderes do hemisfério sul. (GONÇALVES; MIYAMOTO, 1993)

É necessário recordar, no entanto, que a postura brasileira foi possível graças à adoção do pragmatismo, ou seja, a política externa desvinculada de questões ideológicas¹⁶, visando apenas laços de cooperação a favor do desenvolvimento nacional. Dentro desse contexto foi possível afastar-se dos Estados Unidos e reaproximar-se da América Latina exercendo uma postura de liderança no hemisfério sul que é recebida pelos países vizinhos com maior legitimidade, inclusive retomando planos de integração.

Considerado como transição entre a ditadura e a democracia, o governo Figueiredo adota uma política externa de caráter universalista, que

¹⁶ Aqui compreende-se como “postura pragmática” não o comportamento adotado na política externa, mas sim o discurso construído para a justificativa das decisões que se declaram pragmáticas. A adoção desse pragmatismo responsável é explicada por autores como Lima e Moura (1982), além de Spektor (2004).

tende para a mundialização do sistema internacional como o reconhecimento de um espaço que engloba novas nações para além do antigo mundo europeu. Essa lógica acaba por pautar o reconhecimento da região latino-americana pelo Brasil e transformá-lo, junto com as relações com a Argentina, em prioridade.

Assim, logo no primeiro ano do governo de Figueiredo é assinado o Acordo Tripartite Itaipu-Corpus (1979), que resolve a disputa da Bacia do Prata, inaugurando uma nova fase nas relações entre Brasil e Argentina que, diferente da relação de cordialidade anterior, inaugura uma nova aproximação da qual surgem novas iniciativas de integração (SPEKTOR, 2002). De forma que em 1980, é inaugurada a Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), que substitui a ALALC, tendo como objetivo o crescimento econômico e desenvolvimento através da criação de um mercado comum.

A preocupação do status da relação com os Estados Unidos ressurgiu a fim de evitar maiores tensões. O esvaziamento do TIAR e da OEA traz um esforço por parte do Brasil de manter o grupo operante a favor da participação dos Estados Unidos e do reconhecimento da importância das relações para com o país. Por outro lado, a iniciativa estadunidense de estabelecer a Operação de Tratado do Atlântico Sul (OTAS), em moldes semelhantes aos da OTAN, de forte caráter anticomunista) é rejeitada pelo Brasil.

Na questão multilateral, as relações com a África são aprofundadas principalmente a partir do grande crescimento no número de embaixadas no continente, além da primeira viagem diplomática de um presidente brasileiro (em 1983) pelo continente africano. As relações foram fortalecidas também com o Oriente Médio e a Ásia, mas também com a Europa.

5. Discussões e considerações finais

É possível perceber, a partir de uma análise da Política Externa de cada governo da ditadura no Brasil, um movimento de desconstrução e reconstrução de regionalizações a partir da intensificação e distanciamento de determinados parceiros regionais. As conclusões a seguir serão divididas nas três regionalizações analisadas ao longo desse capítulo: da América continental (pautado nas relações com os Estados Unidos), do latino-americano, e do hemisfério sul.

Quanto à regionalização latino-americana pudemos observar que o contexto em que se dá a criação do Mercosul com uma dinâmica já presente no fim do período ditatorial difere grandemente das relações latino-americanas de antes da ditadura. Primeiramente, é interessante notar como o Brasil foi construindo relações entre cada um dos países de sua fronteira, especialmente durante o governo Geisel. Em segundo lugar, é importante notar que dois atores desempenham um papel primordial na diferença de como se dá essas interações na América Latina: Estados Unidos e Argentina.

No caso dos Estados Unidos, devido ao contexto do início do período pré-ditatorial e ao longo do período da ditadura, é possível perceber que a regionalização na América Latina se desenvolve sempre com grande cautela sobre as impressões estadunidenses sobre a região e suas instituições. Somente no governo Figueiredo, em que o Brasil demonstra autonomia frente aos Estados Unidos de maneira pragmática, é que essa relação parece adotar livremente uma identidade em prol dos interesses exclusivos latino-americanos, com a construção de instituições nas quais os Estados Unidos não participem. Isso reflete também em sua própria configuração geográfica: a integração do período pré-ditatorial abarcava por vezes todo o continente latino-americano, e depois é construído focado apenas na América do Sul ou na subdivisão do Cone Sul.

As relações com a Argentina também parecem ser centrais na construção dessa regionalização: a postura de cordialidade e rivalidade

entre o Brasil e a Argentina antes e durante toda a primeira fase da ditadura faz com que a desconfiança enfraqueça o potencial cooperativo para a região, e atinge o seu ápice no governo Médici, junto com o maior ponto de desconstrução da regionalização latino-americana. As interações no período ditatorial são dominadas pelo impasse na questão da Bacia do Prata, e somente quando essa questão é superada (como é bem descrito por Spektor, 2002) é que se inaugura um novo tipo de interação que torna possível a criação do Mercosul.

A relação junto ao hemisfério sul é compreendida de duas maneiras. Uma compreende a postura multilateral brasileira como forma de encontrar um meio termo, baseado na resistência e autonomia no sentido de não alinhamento com os Estados Unidos, mesmo frente às pressões e tensões da Guerra Fria. Essa relação permitirá ao Brasil exercer um papel de destaque no cenário internacional, sem que esse destaque seja pautado nos interesses de construir uma regionalização latino-americana em detrimento da posição dos Estados Unidos dentro do mesmo continente. Por outro lado, essa aproximação brasileira, ao se espalhar e fortalecer ao longo da Ásia e o Oriente Médio, além das relações já tradicionais com a África, acabam por também levantar severas críticas no governo Figueiredo, devido ao temor de que uma forte construção de relações com países do hemisfério norte acabe por não ser bem vista pelo hemisfério sul (FERREIRA, 2006). Essa é uma hipótese sobre por que essa construção regional sul-sul já existente tem suas relações limitadas e acaba por não evoluir ou por não atingir maiores graus de proximidade.

Já a relação com os Estados Unidos se diferencia grandemente devido ao contexto e o esvaziamento do TIAR e da OEA conforme acontecimentos no fim do período, e sendo essas instituições que pautaram fortemente o pré-ditatorial, o enfraquecimento dessa relação é visto como uma menor preocupação dos Estados Unidos sobre a previsibilidade das relações internacionais. A maneira como o Brasil

adquire autonomia, se esquivando do viés alinhamento/não alinhamento com os Estados Unidos, também pode ser observada ao longo do processo aqui narrado. Também é importante notar que a reaproximação intencional do Brasil para os Estados Unidos se deve à importância desse país como parceiro comercial e sua hegemonia no sistema. Essa nova aproximação também marca um novo tipo de relação entre esses dois países, possível graças à autonomia adquirida pelo Brasil.

No entanto, as construções regionais do Brasil com a América Latina se diferem também de como eram no início e no final do período ditatorial. Na primeira fase, o Brasil caminhava em direção à regionalização de uma América continental e buscava aproximação de uma grande América Latina junto com a inauguração de novas alianças no hemisfério sul. Em seguida, caracterizado pelo crescimento de tensões na relação Brasil-Argentina, motivado por aspirações hegemônicas, pode ser observado o alinhamento estadunidense e o descolamento do eixo sul, levando à um movimento de desconstrução das regionalizações antes existentes, colocando o Brasil em posição isolada. Já na segunda fase, a autonomia frente aos Estados Unidos é conquistada, as relações dentro do Cone Sul ganham horizontalidade de maior proximidade, e parceiros chave ao longo de todo o hemisfério sul são apontados.

Como resultado, podemos observar que nenhuma das relações que é reconstruída antes e ao final do período ditatorial é reconstruída da mesma forma, sendo altamente dependentes do contexto e das relações com outros atores. É possível também ressaltar a importância da percepção de dois atores que interferem fortemente na construção dessas regionalizações, os Estados Unidos e a Argentina. O Brasil aparece também como um ator pivô para a América Latina, já que as construções regionais são em grande parte lideradas por ele, dependem de sua relação com os Estados Unidos, sua postura e suas ambições, chegando a ser visto como desconfiança ou até mesmo ameaça para países vizinhos.

Dessas reflexões, surgem outras perguntas, sobre temáticas pouco exploradas: de que forma as percepções dos Estado Unidos sobre a região interferem nas construções regionais possíveis para o continente? Ou ainda: o que o estudo da PEB nos diz sobre construções das quais dependem a região latino-americana? O Brasil enfrenta uma escolha de estratégias entre de destacar individualmente e se destacar a partir da integração, ou essas duas estratégias podem ser complementares? Apesar dessa pesquisa ter sido desenhada para compreender a quase ausência de iniciativas de construção regional presente como um vazio entre ALALC e o Mercosul, acabaram-se por levantar questões que podem ser chave para melhor compreender diversas consequências sobre quais são os regionalismos possíveis e existentes nos dias de hoje.

6. Referências

AMADO, Rodrigo. A Política Externa no governo João Goulart. In: José A. G. de Albuquerque (org.). **Sessenta Anos de Política Externa Brasileira, 1930-1990**, São Paulo: Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da USP/Cultura Editores Associados. vol. 1. 1996.

BORZEL, Tanja A. Comparative Regionalism: a New Research Agenda. **KFG Working Paper Series**, No. 28, Freie University Berlin. Agosto, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/239806879_Comparative_Regionalism_-_A_New_Research_Agenda> . Acesso em 15 Jul. 2019.

BUENO, Clodoaldo; RAMANZINI JÚNIOR, Haroldo; VIGEVANI, Tullo. Uma perspectiva de Longo Período sobre a Integração Latino-Americana vista pelo Brasil. **Contexto int.**, Rio de Janeiro , v. 36, n. 2, p. 549-583, Dec. 2014. DOI: 10.1590/S0102-85292014000200008.

CASTILHO, Alessandra Beber. O golpe de 1964 e a política externa brasileira dentro do contexto repressivo. **Revista NEIBA**, Vol. 3, No 1, Novembro 2014. DOI: <https://doi.org/10.12957/neiba.2014.13849>

CORREA DA SILVA, Vera Lúcia. **Da Operação Pan-Americana aos Entendimentos de Uruguiana.: as relações Brasil-Argentina (1958-1962)**. Orientadora: Dra, Heloísa Conceição Machado da Silva. 2005. 127 pp. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível

em: < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5851/000521288.pdf> >. Acesso em 15 Jul. 2018.

ESTENSSORO, Luis E. R. **O Sistema Econômico Latino-Americano (SELA): integração e relações internacionais (1975-1991)**. Orientador: Dr. Paulo César Milone. 1994. 200 p. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/84/84131/tde-16082011-100208/publico/1994_LuisEnriqueRambalducciEstenssoro.pdf>. Acesso em 09 Ago. 2018.

FERREIRA, Túlio Sérgio Henriques. A ruína do consenso: a política exterior do Brasil no governo Figueiredo (de 1979 a 1985). **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, Vol. 49, No. 2, p. 119-136, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0034-73292006000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 12 Dez. 2020.

GONÇALVES, Williams da Silva; MIYAMOTO, Shiguenoli. Os militares na política externa brasileira: 1964-1984. **Revista Estudos Históricos**, São Paulo, Vol. 6, No. 12, p. 211-246, 1993. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1964>>. Acesso em 12 Jul. 2018

HETTNE, Björn; SÖDERBAUM, Fredrik. Towards Global Social Theory. **Journal of International Relations and Development**, Vol. 2, No. 4, p. 358-368, Dezembro, 1999. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2399203>. Acesso em 12 Dez. 2020.

KHALIL, Suhayla; ALVES, Vágner Camilo. Ideias e Política Externa: As relações do Brasil com o Terceiro Mundo durante o governo de Castelo Branco. **Contexto int.** Rio de Janeiro, Vol. 3, 6 No. 2, Julho/Dezembro 2014. 2014. DOI: 10.1590/S0102-85292014000200012

LIMA, Maria Regina Soares de; MOURA, Gerson. A trajetória do pragmatismo – Uma análise da Política Externa Brasileira. **DADOS**, Rio de Janeiro, Vol. 24, No. 3, p. 349- 363, 1982. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/118080/mod_resource/content/1/Maria%20Regina%20Soares%20de%20Lima.pdf>. Acesso em 12 Dez. 2020.

MALAMUD, Andrés. Conceptos, teorías y debates sobre la integración regional. **BJIR**, Marília, Vol. 1, No. 3, p. 367-397, Set/Dez. 2012. <https://doi.org/10.36311/2237-7743.2012.v1n3.p366-389>

MEARSHEIMER, John J.; WALT, Stephen M. The Case for Offshore Balancing. **Foreign Affairs: America and the World**. Julho/Agosto 2016. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2016-06-13/case-offshore-balancing>>. Acesso 20 Nov. 2010.

MELLO, Leonel Itaussu de Almeida. Golbery do Couto Silva e o “Destino Manifesto” Brasileiro. In: **A Geopolítica do Brasil e a Bacia do Prata**. Manaus: Universidade do Amazonas, 1997.

PECEQUILO, Cristina Soreanu; ALVES DO CARMO, Corival. **O Brasil e a América do Sul: Relações regionais e globais**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

PINHEIRO, Letícia. Unidades de decisão e processo de formulação de política externa durante o regime militar. In: J. A. G. de Albuquerque (org.), **Sessenta anos de política externa brasileira (1930-1990)**: Prioridades, Atores e Políticas. São Paulo, Annablume/Nupri, Vol 4. 2000. p.449-474.

POLETTO, Dorivaldo Walmor. A CEPAL e a América Latina. **Estudos Ibero-Americanos**, Rio Grande do Sul, Vol. 25, No. 1, p 209-216, Junho 1999. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/download/25570/14941>>. Acesso em 15 Jul. 2018

SARAIVA, Miriam Gomes. Política externa, política interna e estratégia de desenvolvimento: o projeto de Brasil potência emergente (1974 a 1979). **Sociedade em Debate**. Vol.4 No.1. Pelotas/RS: Universidade Federal de Pelotas, Abr. 1998. p.19-38.

SARAIVA, Miriam Gomes; HERNÁNDEZ, Lorena Granja. La integración americana en la encrucijada entre la ideología y el pragmatismo. **Revista Uruguay de Ciencia Política** Vol. 28 No. 1. 2019. DOI: 10.26851/RUCP.28.1.6

SCHULZ, Michael; SÖDERBAUM, Fredrik; ÖJENDAL, Joakim. **Regionalisation in a Globalising World**. A Comparative Perspective on Actors. 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/259580865_Regionalisation_in_a_Globalising_World_A_Comparative_Perspective_on_Actors_Forms_and_Processes>. Acesso em 21 Jun. 2019.

SÖDERBAUM, Fredrik. Introduction. In: SÖDERBAUM, Fredrik; SHAW, Timothy (Eds). **Theories of New Regionalism**. London: Palgrave Macmillan, 2003.

SÖDERBAUM, Fredrik. Early Old and New Regionalism: The Scholarly Development of the Field. **KFG Working Paper Series**, No. 64, Freie University Berlin. Outubro 2015. Disponível em:

<http://www.polsoz.fu-berlin.de/en/v/transformeurope/publications/working_paper/wp/wp64/WP-64-Soederbaum.pdf>. Acesso em 12 Ago. 2018.

SÖDERBAUM, Fredrik. **Rethinking Regionalism**. London: MacMillan Education, 2016.

SPEKTOR, Matias. O Brasil e a Argentina entre a cordialidade oficial e o projeto de integração: a política externa do governo de Ernesto Geisel (1974-1979). **Rev. Bras. Polit. Int.** Vol. 25, No. 1, p.117-145, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v45n1/a05v45n1.pdf>>. Acesso em 06 Ago. 2018.

SPEKTOR, Matias. Origens e direção do Pragmatismo Ecumênico e Responsável (1974-1979). **Revista Brasileira de Política Internacional**, vol.47, n.2. Brasília, 2004.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **A Política Externa do Regime Militar Brasileiro**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1998.



EL DOCUMENTO DE LOS CUATRO Y LOS ORÍGENES DE LA COMUNIDAD ANDINA

O DOCUMENTO DOS QUATRO E AS ORIGENS DA COMUNIDADE ANDINA

*DOCUMENT OF THE FOUR AND THE ORIGINS OF THE ANDEAN
COMMUNITY*

Flavia Loss de Araujo¹ 

Universidade de São Paulo, Brasil

Resumen: El presente trabajo reflexiona sobre la importancia del documento “Proposiciones para la Creación del Mercado Común Latinoamericano” para la Comunidad Andina (CAN). Originalmente, el texto tenía como objetivo reformar la Asociación Latinoamericana de Libre Comercio (ALALC) y, a pesar de no haber logrado tal objetivo, sirvió de base para la construcción de la CAN, el primer proceso de integración subregional en América del Sur. Aunque grabado del pensamiento integracionista de la década de 1960, el documento contiene un diagnóstico preciso de los problemas que afectan a la región hasta hoy y algunas directrices para el desempeño de América del Sur en el escenario internacional, pautas que siguen siendo válidas.

Palabra clave: Comunidad Andina; integración regional; Relaciones Internacionales; CEPAL.

Resumo: O presente trabalho reflete sobre a importância do documento “Proposiciones para la Creación del Mercado Común Latinoamericano” para a Comunidade Andina (CAN). Originalmente, o texto visava reformar a Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC) e, apesar de não ter alcançado este objetivo, serviu de base para a construção da CAN, primeiro processo de integração sub-regional da América do Sul. Embora imbuído do pensamento integracionista da década de 1960, o documento contém um diagnóstico preciso de problemas que acometem a região até

¹ Doctorante en el Instituto de Relações Internacionais de la Universidade de São Paulo (IRI-USP) e master por el Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM-USP). Investigadora del Observatorio de Regionalismo y del Grupo Rede de Investigación em Política Exterior e Regionalismo (REPRI). E-mail: flavialossaraujo@usp.br

hoje e algumas diretrizes para a atuação da América do Sul no cenário internacional que continuam válidas.

Palavras-chave: Comunidade Andina; Integração regional; Relações Internacionais; CEPAL.

Abstract: The present work reflects on the importance of the document “Proposiciones para la Creación del Mercado Común Latinoamericano” for the Andean Community (CAN). Originally, the text aimed to reform the Latin American Free Trade Association (ALALC) and, despite not having achieved this objective, it served as a basis for the construction of CAN, the first subregional integration process in South America. imbued with the integrationist thinking of the 1960s, the document contains an accurate diagnosis of problems that affect the region until today and some guidelines for South America's performance in the international scenario that remain valid.

Keyword: Andean Community; regional integration; International Relations; ECLAC.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.171290](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.171290)

Recebido em: 20/06/2020

Aprovado em: 01/07/2021

Publicado em: 01/07/2021

1. Introducción

El proceso de integración sudamericana vive actualmente un momento de parálisis e incertidumbre ante los desafíos que se presentan en escenarios domésticos y globales. A nivel interno, América del Sur vive el agotamiento del ciclo de gobiernos de izquierda y de centro izquierda que llegaron al poder a principios del siglo XXI (fenómeno conocido como la “ola rosa”) y que propiciaron la integración regional con un objetivo político-estratégico, abordando temas de desarrollo y justicia social. Desde la elección de Hugo Chávez en Venezuela, en 1998, se han producido sucesivas victorias de presidentes alineados a variantes del espectro político de izquierda en América del Sur: Luiz Inácio Lula da Silva en el Brasil (2003), Tabaré Vázquez (2005) y José Mujica (2010) en Uruguay, Evo Morales en Bolivia (2006), Néstor Kirchner y Cristina Kirchner en Argentina (2003 y 2007,

respectivamente), Ricardo Lagos y Michelle Bachelet en Chile (2000 y 2006), Rafael Correa en Ecuador (2007), Fernando Lugo en Paraguay (2008) y Ollanta Humala en el Perú (2011). Esta coincidencia de tendencia política también impactó las relaciones internacionales del subcontinente, creando nuevas perspectivas de interacción y cooperación entre países. En cuanto a la integración regional, este período fue prolífico en la creación de nuevos acuerdos alineados a la izquierda, como la Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América - Tratado de Comercio de los Pueblos (ALBA-TCP), en 2004, y la Unión de Naciones Suramericanas (UNASUR), en 2008, además se fortalecieron las agendas sociales en los procesos de integración más antiguos, como la Comunidad Andina (CAN) y el Mercosur.

La caída del precio de las materias primas (*commodities*) en el mercado internacional, la crisis económica global de 2008 y factores internos en cada país sudamericano llevaron a la interrupción del ciclo político progresista, provocando el surgimiento de fuerzas políticas de ideología nacionalista vinculada a la extrema derecha en la región (SANAHUJA; BURIÁN, 2020). La toma del gobierno de presidentes de perfil conservador y neoliberal comenzó con la destitución del paraguayo, Fernando Lugo, en 2012. Cuando su vicepresidente, Federico Franco, terminó el mandato, las elecciones de 2013 dieron la victoria al candidato conservador del Partido Colorado, Horacio Cartes. En las elecciones de 2018, el triunfo fue de Mario Abdo Benítez, también del Partido Colorado. En Argentina, Mauricio Macri fue elegido presidente en 2015, poniendo fin a los doce años de hegemonía kirchnerista con un discurso de orientación neoliberal. Posteriormente, en 2016, Dilma Rousseff fue destituida mediante un juicio político, cuando Michel Temer asumió la presidencia, proponiendo medidas económicas que se apartaban del proyecto de su antecesora. En 2018, Jair Bolsonaro² ganó las elecciones brasileñas y

² En su mandato, Bolsonaro se alineó cada vez más a la extrema derecha.

Sebastián Piñera asumió la presidencia de Chile, ambos alineados a la derecha³.

Tales cambios han alterado profundamente la dinámica política de la región y, en consecuencia, los bloques regionales que ya existían o se estaban formando. Luego, la característica intergubernamental (MALAMUD, 2005) de tales proyectos de integración latinoamericanos los hace dependientes para avanzar de la iniciativa de los presidentes de turno. Así, el nuevo ciclo político impuso también nuevos desafíos para el bloque más antiguo de América del Sur, la Comunidad Andina (CAN), que viene enfrentando dificultades para avanzar económica y políticamente, y un proceso de desintegración (BRESSAN; LUCIANO, 2018).

Creada a finales de la década de 1960, con un ambicioso objetivo de integración, la CAN atravesó diferentes etapas de la historia sudamericana, adaptándose estratégicamente a cada contexto para sobrevivir. En la década de 1990 ha sido relanzada y sus mayores éxitos fueron el aumento del comercio entre sus miembros, el fortalecimiento de sus instituciones y la formación de una unión aduanera incompleta. A pesar de un relativo éxito en el intercambio comercial entre miembros y de ser un importante foro de diálogo sobre temas comunes a la región, la CAN no ha logrado el objetivo de profundizar su integración a través de sus instituciones, estrategia que reduciría la dependencia de los voluntarismos presidenciales. (MARIANO; BRESSAN; LUCIANO; 2016).

Además, su ingreso en el siglo XXI se dio con la pérdida de uno de sus principales socios, Venezuela, por diferencias ideológicas entre los presidentes y desacuerdos sobre el rumbo del proceso de integración (ARAUJO, 2014). Si bien la situación política de los países miembros ha cambiado desde la salida de Venezuela, la CAN sigue siendo rehén de las posiciones ideológicas de los representantes de sus miembros, quienes

³ Recientemente, se ha producido una reanudación del ciclo progresista en América del Sur tras las victorias electorales de Alberto Fernández en Argentina (2019) y Luis Arce en Bolivia (2020). Esta posible reanudación, sin embargo, no está dentro del alcance de este trabajo.

muchas veces optan por asociarse a otros proyectos regionales más acordes con sus posiciones, como ejemplifican la participación de Bolivia⁴ y Ecuador en el ALBA-TCP y la adhesión de Colombia y Perú a la Alianza del Pacífico en 2011.

En un momento de incertidumbre sobre el rumbo de la CAN y ante un contexto internacional adverso, es importante retomar parte de su historia y los conceptos que llevaron a su construcción. En este sentido, el propósito de este trabajo es analizar la influencia y legado de las “Proposiciones para la Creación del Mercado Común Latinoamericano” (también conocido como “Documento de los Cuatro”), de 1965, para el bloque andino. Escrito por Raúl Prebisch, José Antonio Mayobre, Felipe Herrera Lane e Carlos Sanz de Santa María, a solicitud del presidente chileno Eduardo Frei Montalva (1964-1970), el Documento de los Cuatro representó un hito en la historia de la integración latinoamericana al señalar las fallas de la Asociación Latinoamericana de Libre Comercio (ALALC) y proponer la reformulación de sus políticas al servicio de los intereses de países económicamente frágiles. No se cumplió el objetivo original, sin embargo, el diagnóstico sobre la región elaborado por el Documento y sus sugerencias para la creación de un mercado común que considerara las disparidades económicas entre los países influyó en la creación del primer proyecto de integración subregional del continente, en 1969, el llamado Pacto Andino. Es importante señalar que el contenido del Documento es económico, pero su sesgo político, enfatizado tanto por Frei Montalva como por los propios economistas, es el foco del presente trabajo. El principal legado de esta obra reside, como veremos a continuación, en la capacidad de movilización política para la construcción del proceso de integración andina.

⁴ Bolivia formó parte del ALBA-TCP entre los años 2006 y 2019. Ecuador, entre 2009 y 2018. Ambos participaron en el ALBA durante el período de gobiernos de izquierda, lo que refuerza el argumento del voluntarismo de los Ejecutivos al abordar el tema de la integración regional en América Latina. La misma situación ocurrió con la adhesión de Colombia y Perú en 2011 a la Alianza del Pacífico, dado el alineamiento ideológico a la derecha de sus gobiernos.

La siguiente sección presentará el contexto para formular el Documento de los Cuatro. A continuación, se discutirá su influencia en la formación del Pacto Andino y su posterior transformación en CAN, ya en la década de los noventa.

2. Los límites de la Asociación Latinoamericana de Libre Comercio (ALALC) y la propuesta del “Documento de los Cuatro”

El Documento de los Cuatro surge en un contexto de insatisfacción de los presidentes andinos con la ALALC⁵, creado en 1960 y que representó el primer intento de integración económica en los países latinoamericanos. A los efectos de este trabajo, conviene detallar las limitaciones de la ALALC que motivaron la creación del Documento. Los miembros fundadores de la ALALC fueron Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguay, Perú y Uruguay (Colombia, Venezuela, Ecuador y Bolivia se unieron en un período posterior). Claramente inspirado en el modelo de integración europeo, la ALALC fue un proyecto de integración gradual en que se contemplaba la creación de una zona de libre comercio en doce años y, posteriormente, un mercado común regional. Se incluyeron mecanismos para la eliminación progresiva de las restricciones arancelarias que obstaculizaban los intercambios comerciales entre los países miembros, tales como las listas nacionales (que contenían las concesiones ofrecidas por cada país) y las listas comunes (negociadas multilateralmente cada tres años).

También es importante destacar la influencia de la Comisión Económica para América Latina (CEPAL) recibida por la ALALC en su conformación. La principal preocupación de la CEPAL en aquel momento era la superación del subdesarrollo y la situación de dependencia externa, que subordinaba la región a los centros industriales desde donde los países

⁵ En 1980 se convirtió en la Asociación Latinoamericana de Desarrollo e Intercambio (ALADI).

latinos importaban productos de alto valor agregado, mientras que América Latina se especializaba en la exportación de *commodities*. Las industrias de la región no pudieron competir con los productos producidos en el exterior, situación que generó déficits comerciales con los países del centro (BRAGA, 2002).

Era primordial promover intensa industrialización de las economías latinoamericanas, aumentando la entrada de capital extranjero y reduciendo los déficits comerciales. La solución inicial propuesta por la CEPAL fue el modelo de Industrialización por Sustitución de Importaciones (ISI), proceso que buscaba superar las deficiencias estructurales en América Latina mediante el aumento de la oferta de productos industrializados para la exportación, con lo que se diversificaría la matriz económica de los países latinoamericanos. El tema de la integración regional fue limitadamente previsto, entendido sólo como un complemento a los proyectos nacionales de industrialización, o sea, un proyecto que permitiría crear complementariedad entre industrias de los países y aumentar el mercado de exportaciones intrarregionales. La integración regional sería una etapa del desarrollo económico de los países de la región y no un proyecto independiente. El intercambio comercial interno al bloque supliría las necesidades de todos los países miembros y garantizaría un mercado estable para las exportaciones, reduciendo así su vulnerabilidad externa (BRAGA, 2002).

En 1957, el Comité de Comercio de la CEPAL sistematizó estas premisas y desarrolló un concepto de cooperación regional basado en el sistema de preferencias comerciales, que serviría como medio para acelerar el crecimiento económico de la región. En el mismo año se realizó en Buenos Aires la Conferencia Económica Interamericana, cuando se discutió por primera vez el concepto de cooperación económica regional. Los países latinoamericanos asistentes al evento se habían quedado impresionados con la reciente firma del Tratado de Roma que establecía la

Comunidad Económica Europea (CEE). A la luz de esta experiencia integracionista, entonces los participantes de la Conferencia manifestaron “*la conveniencia de establecer gradual y progresivamente, de una manera multilateral y competitiva, un mercado común latinoamericano*” (WIONCZEK, 1964).

La CEPAL presentaría una propuesta de zona franca para este proyecto en 1959 y que culminaría con la firma del Tratado de Montevideo en 1960, que dio origen a la Asociación Latinoamericana de Libre Comercio (ALALC), reconocida como la primera experiencia de integración de los países latinoamericanos.

Los resultados de la ALALC, no obstante, fueron modestos en cuanto al aumento del comercio entre los países miembros: las exportaciones intrabloque pasaron del 6,7% al 10,1% y las importaciones del 8,1% al 11,2% (CINDA, 1987) entre 1961 y 1970. Tampoco, la ALALC pudo estar a la altura de las expectativas de sus miembros. Países medianos y pequeños esperaban que la integración contribuyera para acelerar sus respectivos procesos de industrialización y que no se restringiera apenas al aspecto comercial. Esos países no estaban preparados, pues, para aprovechar las concesiones arancelarias (BRAGA, 2002).

La principal dificultad señalada fue la heterogeneidad económica entre los integrantes de la ALALC, factor que impedía que se profundizaran los acuerdos tarifarios y que las ventajas comerciales beneficiaran a todos. Los países más grandes de la región (Argentina, Brasil y México) estaban satisfechos solo con la perspectiva de expandir sus exportaciones y abogaban por la liberación total de los intercambios de productos, sin tener interés en iniciar políticas que incentivaran la industrialización (conviene recordar que estos países ya contaban con parques industriales y productos manufacturados de exportación, a diferencia de sus vecinos más pequeños).

En tal escenario, se crearon las condiciones para que se forme una percepción de que era posible la formación de un “subimperialismo” (MARINI, 1992) dentro de ALALC, de los países grandes en relación a los pequeños. Así lo recordó el expresidente chileno Eduardo Frei Montalva en un texto de la década de 1970: “(...) *la ALALC no consultó los intereses de los países medianos y pequeños, y creó la posibilidad de un imperialismo interior en América Latina entre los desarrollados y los menos desarrollados*” (FREI MONTALVA, 1977).

Para GHIGGINO (2011), en un afán por reproducir los moldes de integración europea establecidos por el Tratado de Roma, la ALALC subestimó el impacto de las ventajas comparativas en el intercambio de bienes en el continente, hecho que generó políticas proteccionistas y obstaculizó la integración.

Aún en la década de 1960, se intentó crear mecanismos de compensación dentro de la ALALC, que minimizaran tales disparidades, pero fueron escasos y débiles como para resolver el problema. La dificultad en conciliar intereses divergentes entre los miembros tuvo como resultado que, apenas cinco años después de su creación, la ALALC se convirtiera en una zona de comercio preferencial, distanciándose así de su compromiso original de crear un mercado común (VALVERDE, 2002).

Ante esta situación, no faltaron las exhortaciones de diversos economistas y líderes políticos de América Latina para cambiar los rumbos de la integración regional impulsada por la ALALC. Fue el caso del economista argentino Raúl Prebisch que, en 1963, advirtió que había problemas que obstaculizaban la profundización de la ALALC. Aunque su ensayo “Hacia una dinámica del desarrollo latinoamericano” (PREBISCH, 1963), no abordaba todos los aspectos del problema.

En tal contexto, un personaje importante sería el expresidente de Chile, Eduardo Frei Montalva, quien al cambiar algunas premisas de la

política exterior chilena pasaría a promover activamente la integración en el continente. Abogado de formación y afiliado al Partido Demócrata Cristiano chileno, Frei Montalva orientó su política exterior a un rol más activo, creyendo que la integración regional era una forma de insertar al país en el sistema internacional. Ante el estancamiento de la ALALC, que claramente iba contra los intereses de su política exterior integracionista, Frei Montalva escribió, el 6 de enero de 1965, una carta a cuatro economistas latinoamericanos de gran relevancia en aquel momento: Raúl Prebisch, Secretario General de la Conferencia de Naciones Unidas. Naciones de Comercio y Desarrollo (UNCTAD); José Antonio Mayobre, Secretario Ejecutivo de la CEPAL; Felipe Herrera Lane, presidente del Banco Interamericano de Desarrollo (BID) y Carlos Sanz de Santa María, presidente de la Comisión Interamericana de la Alianza para el Progreso (CIAP).

El contenido de la carta tenía tres ejes centrales: primero, Frei Montalva exponía sus ideales integracionistas y su convicción de que el escenario internacional en aquel momento ya era adverso para América Latina y, por lo tanto, la integración sería una respuesta a la inserción comercial de nuestros países. También destacaba la importancia del apoyo político y del compromiso con los procesos de integración, ya que sin la participación activa de los gobiernos de la región, sería imposible articular esfuerzos conjuntos hacia metas comunes.

En segundo lugar, el mandatario chileno expresaba su preocupación por el estancamiento del proceso de integración iniciado por la ALALC, criticando el hecho de que las discusiones fueran solo sobre temas arancelarios, dejando de lado propuestas más audaces de articulación económica e industrial.

Finalmente, Frei Montalva pedía a los intelectuales que hicieran sugerencias para resolver los asuntos pendientes y para que la ALALC avanzara en sus objetivos. En la carta, Frei Montalva dejaba explícito el

problema del comercio desigual entre los países miembros, asunto que perturbaba profundamente a las economías más pequeñas de la región: *“No sería admisible entre nosotros aquel viejo esquema de intercambio de artículos manufacturados por productos primarios para repetir viejos errores e injusticias”* (FREI MONTALVA, 1965). Otro aspecto importante era su entendimiento sobre la necesidad de existir un organismo supranacional que manejase las disputas comerciales, ya que la ALALC al estar compuesta por varios órganos administrativos nacionales que representaban a sus respectivos países en las disputas, recurriendo inclusive al veto en momentos decisivos. Ello dificultaría aún más el proceso de integración (VALVERDE, 2002).

La carta fue el primer paso en la estrategia de Frei Montalva para la renovación de ALALC. El 12 de abril de 1965, se envió una copia de la carta a todos los jefes de Estado latinoamericanos para que también pudieran contribuir con ideas y sugerencias. Los cuatro economistas citados respondieron al llamado de Frei Montalva y prepararon un texto titulado *“Proposiciones para la creación del Mercado Común Latinoamericano”* (1965), también conocido como *“Documento de los Cuatro”*. El texto final es una estrategia completa de integración para la formación de un mercado común. Sus directrices siguen las líneas básicas del pensamiento de la CEPAL con énfasis, sin embargo, en la integración regional, destacando la necesidad de institucionalización y compromiso político, condiciones sin las cuales acelerar el proceso resultaría impracticable.

La primera crítica al Documento trataba de la escasa interacción económica entre los países de la ALALC. El aislamiento recíproco se extendería también a las áreas de comunicación, educación, cultura e investigación, con lo que se estaría repitiendo el modelo de desarrollo latinoamericano del siglo XIX, cuando los países interactuaban en aislamiento, pero junto a los grandes centros mundiales, viviendo “del

reflejo que irradiaban” (MAYOBRE, HERRERA, SANTAMARIA, PREBISCH; 1965).

Para ello, los autores instan a los países a unirse para fortalecer su capacidad de negociación con los principales centros mundiales. El aislamiento entre economías también estaría obstaculizando la industrialización, ya que los países habrían comenzado a producir los mismos productos que sus vecinos, siendo que lograrían mayor eficiencia y reducción de costos si las industrias regionales se complementasen entre sí. Los autores también enfatizaron que la integración facilitaría la expansión de los mercados y aceleraría el desarrollo económico, con la condición de que los países deberían utilizar la fuerza resultante del proceso para llevar a cabo las reformas económicas y sociales, tan necesarias en la región.

En un subcapítulo titulado “La necesidad de decisiones políticas” se destacó la importancia de involucrar a los líderes de cada país y a sus respectivas sociedades civiles para promover el mercado común. Los economistas proponían que órganos políticos como un consejo de Ministros, una junta ejecutiva y un parlamento latinoamericano fueran los encargados de acelerar el proceso de integración. Posteriormente, la Comunidad Andina (CAN) llegó a adoptar un sistema de instituciones muy similar a tal propuesta. En la misma sección finalmente se destacaba la complementariedad entre el desarrollo regional y nacional, acciones que deberían caminar juntas y no ser entendidas como competidoras entre sí.

En cuanto a sugerencias prácticas para acelerar el proceso de integración, aún en el ámbito de ALALC, los economistas señalaron instrumentos para financiar y promover inversiones regionales, junto con mecanismos recíprocos de pago y de créditos.

La industria jugaría un papel central en la propuesta del Documento y debería ser impulsada a través de la complementariedad entre los países de la región, reduciendo los costos de producción e introduciendo la

especialización en cada sector. El texto reconoce las limitaciones de los beneficios de la sustitución de importaciones, puesto que cada país ya había establecido por separado el propio parque industrial (con diferentes grados de eficiencia). Por tanto, sería la hora de integrar la producción para aumentar la productividad. Los economistas también demostraron la necesidad de un trato especial para aquellos países menos desarrollados, aspecto al que los líderes de la región comenzaban a dar mayor importancia.

Si bien algunos líderes recibieron las propuestas con entusiasmo, Brasil y Argentina criticaron fuertemente la obra, expresando sus dudas sobre la viabilidad de las sugerencias. Así, el hecho de que los autores representasen a organizaciones internacionales y defendieran el mercado común fue visto por la izquierda latinoamericana como una “rendición” del continente a las grandes corporaciones del mundo capitalista, mientras que la derecha los llamó “tecnócratas ambiciosos” (HERRERA, 1973). Pocos vieron la obra como una revitalización del ideal integracionista bolivariano⁶, como recordó Herrera en su artículo de 1973. Así, el Documento no alcanzó las repercusiones deseadas ni logró reformar las instituciones de la ALALC, aunque tal fuera su objetivo principal.

A pesar de ello, su influencia fue posteriormente de suma importancia, cuando los Jefes de Estado de la Organización de los Estados Americanos (OEA) en 1967 se reunieron en Uruguay. Este encuentro dio lugar a la “Declaración de los Presidentes de América Latina”, en la que, por primera vez a nivel regional, se menciona la necesidad de acuerdos de integración subregional. Según Magariños, *“la Declaración de Jefes de Estado representó un espaldarazo político del más alto nivel al concepto de integración global y plena desarrollado en el Documento de los Cuatro”* (MAGARIÑOS, 2005). Luego de la Declaración de los Presidentes, la insatisfacción de los países medianos y pequeños con ALALC resultó

⁶ Se refiere a la solidaridad entre los pueblos latinoamericanos defendida por Simón Bolívar (1783-1830).

irreversible, mientras existía ya la voluntad política necesaria para crear la integración andina subregional. Se sentaron las bases que culminarían con el Acuerdo de Cartagena, suscrito por Bolivia, Chile, Ecuador y Perú el 26 de mayo de 1969 en Bogotá, dando lugar al Pacto Andino. A continuación, se retomará la trayectoria de este proyecto y la influencia del Documento de los Cuatro en su carta fundacional.

3. Del Pacto Andino a la Comunidad Andina

Según Mace (1988), el Pacto Andino fue el proceso de integración más ambicioso y amplio realizado en el llamado Tercer Mundo hasta aquel momento y durante más de dos décadas representó el único intento de integración regional en América del Sur. La ALALC salió debilitada de este proceso, pero es innegable que, junto con la CEPAL, fue responsable de mantener vivo el espíritu integracionista en América Latina en la segunda mitad del siglo XX. Como esta es la primera experiencia de este tipo, la ALALC sirvió como plataforma para posteriores intentos de integración.

Así, de acuerdo con la lógica integracionista propuesta por la CEPAL e influenciada por las ideas contenidas en el Documento de los Cuatro, el Pacto Andino intentó evitar los errores de ALALC: "(...) en efecto, el Acuerdo de Cartagena reconoce que los mecanismos son insuficientes para lograr el desarrollo integral de la región, como lo entiende la experiencia de ALALC " (VARGAS-HIDALGO, 1977: 102). En otras palabras, además de las cuestiones comerciales, serían necesarias estrategias para estimular las industrias y atraer inversiones para lograr el desarrollo económico. Se crearon Programas de Desarrollo Industrial Sectorial con el objetivo de profundizar de manera homogénea la industrialización y estimular la interdependencia.

Tal sección del Acuerdo de Cartagena reflejaba el capítulo del Documento de los Cuatro que analizaba la industria regional y proponía un mercado común para el sector. La idea era aprovechar las ventajas comparativas de cada país (recursos naturales y costos de producción) y evitar la duplicación de sectores semejantes, creando un parque industrial regional integrado y complementario (MAYOBRE, HERRERA, SANTAMARIA, PREBISCH; 1965).

Otra preocupación presente en el Acuerdo de Cartagena y que tuvo una clara influencia en el Documento de los Cuatro fue el cuidado con los países menos desarrollados del bloque. El Pacto Andino creó mecanismos para que Bolivia y Ecuador estuvieran protegidos de los impactos provocados por el intercambio con economías más robustas, ya sea en el ámbito industrial, comercial o de inversión. Se pretendía avanzar en las tres áreas simultáneamente y compartir beneficios de manera equitativa. Desde mediados de la década de 1970, empero, tal objetivo resultó incompatible con las políticas económicas nacionales que cada país miembro fue desarrollando sin coordinación con los vecinos y en desacuerdo con las reglas del bloque. Desde entonces, este tipo de divergencia será una constante en el proyecto andino, culminando con la salida de Chile en 1976. Cabe recordar que los socios originales del Pacto Andino fueron Bolivia, Colombia, Chile, Ecuador y Perú. Venezuela solo se convirtió en miembro en 1976.

Al recordar las motivaciones que llevaron a la salida de Chile, vemos que el desacuerdo con los principios del Acuerdo de Cartagena se produjo luego del ascenso de Augusto Pinochet (1973-1990) a la presidencia mediante un golpe de Estado. La política económica progresivamente neoliberal introducida por la dictadura militar chilena se chocó con dos reglas establecidas por el Acuerdo de Cartagena: la Decisión 24, que regulaba las inversiones extranjeras, y el Arancel Externo Común (TEC). El gobierno chileno temía que las inversiones no se distribuyeran

equitativamente entre los países miembros, y consideró al TEC excesivamente proteccionista. Cuando el propio ex presidente Eduardo Frei Montalva fue invitado a escribir sobre la salida de Chile en 1976, calificó la posición del gobierno de Pinochet en relación al Pacto como dogmática e inconsciente de los posibles beneficios de estas medidas (FREI MONTALVA, 1976), ya que su propósito era fortalecer las industrias y los mercados de la región, y su duración sería transitoria. Según Wilhelmy (1977):

Los problemas originados por la Decisión 24 y otras políticas del Acuerdo de Cartagena en relación con Chile no fueron de naturaleza exclusivamente económica y la relación entre países desarrollados y en vías de desarrollo. Mientras para los demás miembros del Grupo Andino un cierto grado de "nacionalismo económico" representa la respuesta propia de países menos desarrollados a su condición frente a las potencias industriales, el gobierno chileno estima que la "apertura al exterior" debe ser sin condiciones, de manera de establecer las condiciones de confianza y estabilidad que faciliten la captación de inversiones y créditos y estimulen el comercio internacional (WILHELMY, 1977: 85).

Ante las inevitables diferencias entre el gobierno de Pinochet y los demás miembros del Pacto, Chile se retiró el 30 de octubre de 1976. El país andino sólo volvería al proyecto de integración andina como estado asociado treinta años después, en 2006.

A fines de la década de 1970 se produjo el enfriamiento de los ideales de Cartagena, especialmente con el advenimiento de la crisis de la deuda externa a partir de 1980. Los problemas económicos que se iban acumulando frente a los socios andinos impulsaron soluciones individuales, de modo que la integración se volvió utópica en medio de un contexto de crisis tan adverso.

Entre 1976 y 1982, Peñaherrera (1995) señaló que surgieron los primeros problemas derivados del incumplimiento de las normas de la Comunidad que generaron conflictos por cuestiones técnicas y tarifarias. La crisis de la deuda externa afectó profundamente el dinamismo comercial del bloque, ya que los países miembros pasaron a enfrentar desequilibrios en sus balanzas de pagos y, como reacción, adoptaron medidas proteccionistas. En 1987 se firmó el Protocolo de Quito, que

flexibilizó los objetivos del Acuerdo de Cartagena, permitió la apertura del bloque a las inversiones extranjeras y reglamentó el establecimiento de acuerdos bilaterales. Tales medidas evitaron que las divergencias comerciales socavasen por completo el proyecto de integración, sin por ello traer los resultados positivos esperados. Como señala Vargas-Hidalgo (1977), *"la forma como el Acuerdo de Cartagena resolvió los problemas fue, en general, postergándolos."*

En 1989, en la reunión presidencial que impulsó el "Diseño Estratégico para la Reorientación del Grupo Andino", el bloque estableció nuevas metas para la década de los noventa, que incluyeron el incremento del comercio intrarregional, la diversificación de las agendas de exportación e la inserción internacional. Al comentar los primeros veinte años de integración andina, Puertas (2006) señala que los países miembros no avanzaron en sus metas comunes durante la década de 1970 y, a partir de la década de 1980, se vieron obligados a adoptar medidas económicas contrarias a los supuestos del Acuerdo de Cartagena. En el núcleo del proceso andino se encontraba el proyecto de crecimiento endógeno de la región, una meta inviable ante el escenario de globalización acelerada de la década de 1990 y de las políticas internas limitadas por el Consenso de Washington⁷.

Aun así, en 1993 se dio un paso importante: se estableció la zona de libre comercio entre los países del bloque. Sin embargo, solamente en 1996, con el Protocolo de Trujillo, la organización regional fue reactivada con características económicas neoliberales. Su institucionalidad fue reestructurada a través del Sistema Andino de Integración (SAI), que incorporó al Consejo Presidencial y al Consejo de Ministros de Relaciones Exteriores, y con arquitectura intergubernamental. Estos cambios incrementaron la institucionalización de la CAN y el comercio intrabloque. Pero, el efecto positivo de tales medidas luego se vería interrumpido con la

⁷ Conjunto de medidas económicas adoptadas por instituciones financieras con sede en Washington D.C., en particular el Fondo Monetario Internacional (FMI) y el Banco Mundial, que fueron impuestas a los países en desarrollo en sus negociaciones de deuda externa.

repercusión de varias crisis financieras (Argentina, en 1995; Sudeste Asiático, en 1997, Rusia, en 1998 y Brasil en 1999) y con el continuo incumplimiento de las normas internas del bloque. Tal irregularidad del proceso andino se evidencia cuando retomamos su accidentada trayectoria, cuyos avances y retrocesos siempre han dependido de la voluntad política de los eventuales presidentes. Para puertas (2006),

(...) lo que sí se ha agotado es la voluntad política y la capacidad de efectuar oportunamente correcciones para rectificar rumbos y consolidar la senda trazada. Un proceso de integración no se agota; lo que se agota son las ideas, las voluntades y las capacidades para comprender su importancia y su infinita potencia (PUERTAS, 2006:4).

Los resultados positivos se limitaron al comercio intrabloque, pero la dificultad para incrementar las exportaciones extra bloque y formar una plataforma de inserción internacional persiste hasta el día de hoy. Tales dificultades refuerzan la tendencia a la superposición de proyectos regionales y la promoción de acuerdos bilaterales o minilaterales (VAN KLAVEREN, 2012). Sobre esta cuestión, cabe señalar que la diferencia de entendimiento sobre la posibilidad de acuerdos bilaterales provocó una nueva crisis en la primera década de la década del 2000, que culminó con la salida de Venezuela del bloque. Los desacuerdos sobre la dirección del proceso de integración se vieron agravados por el surgimiento de gobiernos de izquierda en la región a partir de 1998, cuando la elección del presidente venezolano Hugo Chávez (1998-2013).

En 2005, Evo Morales ganó las elecciones presidenciales en Bolivia, asumiendo en 2006; en 2007, fue la vez de Rafael Correa en Ecuador. Por primera vez y por poco tiempo, la mayoría de los países de la CAN fueron de izquierda, mientras que Colombia fue presidida por el neoliberal Álvaro Uribe (2002-2010). Venezuela se oponía a la posibilidad de negociar acuerdos de libre comercio entre los socios andinos y Estados Unidos. Desde la perspectiva del gobierno venezolano, tales tratados deberían negociarse en bloque y no bilateralmente. La exacerbación de las tensiones llevó a la CAN a emitir la Decisión 598/2004, que permitió negociaciones

bilaterales con países fuera del bloque. Insatisfecha, Venezuela terminó retirándose en 2006 del bloque, provocando una nueva ruptura en el proceso de integración andina.

La segunda década del siglo XXI fue testigo aún de la polarización ideológica entre Colombia y Perú, centradas en políticas económicas neoliberales, y Bolivia y Ecuador⁸, persistentes en el proyecto de generar un desarrollo basado en procesos regionales autónomos (BRESSAN; LUCIANO, 2018). Como resultado, la fragmentación ideológica del regionalismo sudamericano también fue padecida por los países andinos, especialmente desde que Colombia y Perú se unieron a la Alianza del Pacífico en 2011. Persisten así las dificultades comerciales dentro y fuera del bloque, mientras el compromiso de los socios con la CAN viene sensiblemente enfriándose.

La comparación entre las propuestas del Documento de los Cuatro, sus principios declarados en el Acuerdo de Cartagena y los resultados alcanzados por la CAN en las últimas décadas lleva a dos conclusiones: primero, persiste la dependencia del proyecto a la voluntad política del momento, característica intrínseca al intergubernamentalismo de la integración andino. El proyecto avanzó sólo en momentos de alineación entre miembros, subordinando los objetivos e intereses económicos a la lógica de la política. Asimismo, los momentos de parálisis fueron provocados por desacuerdos ideológicos.

En segundo lugar, el diagnóstico de los problemas económicos realizado en los años sesenta sigue siendo, al menos en parte, actual. En pocas palabras, el Documento criticó el predominio del sector primario en las exportaciones, la falta de esfuerzos conjuntos por industrialización y la ausencia de redes de transporte y comunicaciones de calidad en la región, escollos abiertos hasta el día de hoy. Obviamente, los factores externos impactaron la integración andina (especialmente a partir de la década de

⁸ Ecuador salió del ALBA en 2018. Bajo la presidencia de Jeanine Áñez (2019-2020), Bolivia se retiró del bloque en 2019, regresando en 2020 bajo Luis Arce (2020-actual).

1980), asuntos que no se detallaron en el presente trabajo, pues el objetivo aquí era discutir los procesos internos relacionados al Documento. Sin embargo, el núcleo de los problemas internos, ya sean políticos o económicos, permanece inalterado. Solo se agregan preguntas y dificultades específicas de cada momento histórico.

4. Consideraciones finales

El ambicioso proyecto de integración propuesto por ALALC fracasó en su intento de abrir mercados y otorgar preferencias comerciales a sus miembros. Las disparidades entre las capacidades productivas y los mercados internos han tenido efecto contrario al esperado, generando una ola de proteccionismo comercial en el continente. Originalmente, el Documento de los Cuatro tenía como objetivo resolver los problemas de la ALALC. Y aunque hubo resistencia de los miembros a aceptar las propuestas del texto, el Documento fue utilizado como un pilar de la integración subregional andina. El Pacto Andino pionero surgió, entonces, con objetivos audaces y especial preocupación por las economías más sensibles del bloque, Bolivia y Ecuador. A pesar de su accidentada trayectoria y de los pronósticos pesimistas que aparecen a cada década decretando su fin, la actual CAN resiste a la falta de compromiso de sus socios. Como se comenta en este trabajo, su surgimiento se debió al ímpetu de gobiernos que creían en una estrategia conjunta regional e internacional para enfrentar problemas comunes, contrariamente a las tendencias individualistas observadas en los últimos años. La situación actual que enfrenta la integración andina requiere una reorientación de sus objetivos y propósitos, de ahí la importancia de analizar los paradigmas que guiaron su formación.

Infundido de la esperanza de un futuro común, el Documento de los Cuatro puede considerarse uno de los textos más importantes de la historia del pensamiento político y económico en la integración latinoamericana. Los autores eran los economistas más destacados de la época en América Latina, y estaban profundamente involucrados en el servicio público regional. Contribuyeron no sólo para el debate académico sobre el regionalismo, sino de manera práctica cuando trabajaban en organizaciones internacionales.

Llama la atención el esfuerzo conjunto de actores políticos y académicos para la elaboración de los lineamientos incrustados en el Documento, hecho que ilustra la centralidad de la integración regional en aquel momento, entendida como fundamental para el pleno desarrollo económico y social de América Latina. Cincuenta y seis años después de la publicación del Documento, hay poco movimiento en la búsqueda de soluciones a la parálisis de la CAN y para la falta de sinergia entre gobiernos, intelectuales y otras organizaciones regionales.

El propio Felipe Herrera hizo tal observación en su texto de 1973, señalando que el Documento fue el último esfuerzo realmente colectivo para impulsar la integración, ya que buscaba renovar el mecanismo más amplio del continente, la ALALC, además de movilizar a políticos y académicos de diversos matices ideológicos en su defensa.

Se puede decir que esta afirmación sigue siendo válida si consideramos la variedad de actores involucrados en la elaboración del Documento, el compromiso político de los presidentes de la época y la colaboración de organismos regionales como la propia CEPAL. Por tanto, recordar el Documento de los Cuatro muestra la viabilidad de los esfuerzos conjuntos entre gobiernos y academia para impulsar la integración latinoamericana y solucionar algunos de los problemas que persisten en la región desde entonces.

Los actores involucrados en la elaboración del Documento no podían imaginar que una de las reflexiones finales de su texto mantendría su valor en el siglo XXI: el peligro de la inacción. La conclusión del Documento advirtió que los países latinoamericanos no deben temer los riesgos inherentes a la construcción de un mercado común, un proyecto complejo que impone sacrificios a sus miembros. El mayor riesgo sería perder las oportunidades de crecimiento económico y social si no se atrevieran a construir un proyecto y siguieran el camino de una inserción tímida y subordinada en el escenario internacional. La advertencia de los autores sobre la inacción sigue siendo válida. Si no se logró el objetivo original, se pueden trazar nuevos rumbos para el proyecto andino, preservando los éxitos ya alcanzados y creando nuevas oportunidades.

5. Referencias

ARAUJO, Flavia Loss. Agendas de Política Externa para a Comunidade Andina de Nações: os casos de Bolívia e Colômbia. Belo Horizonte: **Estudos Internacionais: Revista de Relações Internacionais da PUC Minas**, vol. 2, n. 2, 189-214, 2014. Disponible en: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/8199>. Accedido en 02 ene 2021.

BRAGA, Márcio. Integração Econômica Regional na América Latina. Uma Interpretação das Contribuições da CEPAL. In: **Cadernos PROLAM/USP**, Año 1, vol 1, p. 9-30, 2002. Disponible en: www.usp.br/prolam/ae5959.doc. Accedido en 02 ene 2021.

BRESSAN, Regiane; LUCIANO, Bruno. A Comunidade Andina no século XXI: entre bolivarianos e a Aliança do Pacífico. In: **Revista de Sociologia Política**, vol. 26, n. 65, p. 62-80, 2018. Disponible en: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782018000100062&script=sci_abstract&lng=pt. Accedido en 02 ene 2021.

CINDA. Manual de Integración Latinoamericana. Caracas: **Centro Interuniversitario de Desarrollo**, Universidad Simón Bolívar, p. 82, 1987.

FREI MONTALVA, Eduardo. **Carta del Presidente de Chile**. In: Hacia la Integración Acelerada de América Latina – Propositiones para la Creación del Mercado Común Latinoamericano. México: Editorial Fondo de Cultura Económica, p. 1-6, 1965.

FREI MONTALVA, Eduardo. El retiro de Chile, un error irreversible e irreparable. In: **Chile y el Pacto Andino: deslindando responsabilidades ante la historia**. Santiago de Chile: s/ editor, 1976. Disponible en: <https://obtienearchivo.bcn.cl/obtienearchivo?id=documentos/10221.1/76324/2/191934.pdf&origen=HPolitica>. Accedido en 15 marzo 2021.

FREI MONTALVA, Eduardo. **El Pacto Andino**. Buenos Aires: Ed. Francisco Aguirre, 1977, p. 34.

GHIGGINO, Gonzalo. A sesenta años de la ALALC: problemática, inicios y fracaso de la primera integración latinoamericana. In: **Grupo de Estudios Internacionales Contemporáneos**. Buenos Aires: 2011. Disponible en: <http://www.geic.com.ar/2010/2011/03/09/a-sesenta-anos-de-la-alalc-problematica-inicios-y-fracaso-de-la-primera-integracion-latinoamericana/>. Accedido en 02 ene 2021.

HERRERA, Felipe. La Tarea Inconclusa: América Latina Integrada. In: **Revista de Estudios Internacionales**, Vol. 06, n. 21, p. 3-23, 1973. Disponible en: <http://www.revistas.uchile.cl/index.php/REI/article/viewFile/17570/19402>. Accedido en 02 ene 2021.

MACE, Gordon. Regional Integration in Latin America: a Long and Winding Road. In: **International Journal**, n. 43, p. 404-427, 1988. Disponible en: <http://www.jstor.org/pss/40202547>. Accedido en : 09 abril 2020.

MAGARIÑOS, Gustavo. **Integración Económica Latino-Americana – Proceso ALALC-ALADI**. Montevideo: ALADI, Tomo I, 2005.

MALAMUD, Andrés. Presidential Diplomacy and the Institutional Underpinnings of Mercosur: An Empirical Examination. In: **Latin America Research Review**, v. 40, n. 1, p.138-164, 2005. Disponible en: https://cadmus.eui.eu/bitstream/handle/1814/53584/Malamud_Presidential_Diplo_Published_Version.pdf?sequence=1. Accedido en 09 abril 2020.

MARIANO, Karina; BRESSAN, Regiane.; LUCIANO, Bruno. Eleições diretas no Parlamento Andino: a percepção popular sobre a integração regional. In: **Carta Internacional**, 11(1), p. 245-273, 2016. Disponible en: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/download/320/306/>. Accedido en 09 abril 2020.

MARINI, Ruy. **América Latina: dependência e integração**. São Paulo: Brasil Urgente, 1992.

MAYOBRE, José; HERRERA, Felipe; SANTAMARÍA, Carlos; PREBISCH, Raúl. **Hacia la Integración Acelerada de América Latina – Propositiones para la Creación del Mercado Común Latinoamericano**. México: Editorial Fondo de Cultura Económica, 1965, p. 13-37.

PEÑAHERRERA, Germánico Salgado. **El Grupo Andino hoy: eslabón hacia la integración de Sudamérica**. Quito: Biblioteca Digital Andina, 1995.

PREBISCH, Raúl. **Hacia una dinámica del desarrollo latinoamericano**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, p. 20-25, 1963.

PUERTAS, Jaime. La Desintegración Andina. In: **Nueva Sociedad**, n. 204, jul-ago/2006. Disponible en: <https://nuso.org/articulo/la-desintegracion-andina/>. Accedido en 15 marzo 2021.

SANAHUJA, José Antonio; BURIÁN, Camilo. Internacionalismo reaccionario y nuevas derechas neopatriotas latinoamericanos frente al orden internacional liberal. In: **Conjuntura Austral**, v. 11, n. 55, 2020. Disponible en: <https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/106956>. Accedido en 15 marzo 2021.

VALVERDE, Cristian. **Chile y la Integración Latinoamericana: Política Exterior, Acción Diplomática y Opinión Pública**. Tesis de Doctorado. Universidad Complutense de Madrid, 2002. Disponible en: <http://eprints.ucm.es/tesis/ghi/ucm-t26718.pdf>. Accedido en 20 abril 2019.

VAN KLAVEREN, Alberto. América Latina en un nuevo mundo. In: **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**, n. 100, p. 131-150, 2012. Disponible en: https://www.cidob.org/es/content/download/33842/556364/file/131150_ALBERTO+VAN+CLAVEREN.pdf. Accedido en 20 abril 2019.

VARGAS-HIDALGO, Rafael. La crisis del Pacto Andino. In: Madrid: **Revista de Política Internacional del Centro de Estudios Políticos y Constitucionales (CEPC)**, n. 151, mayo-junio, 1977. Disponible en: <http://www.cepc.gob.es/publicaciones/revistas/fondohistorico?IDR=13&IDN=1182&IDA=34674>. Accedido en 15 marzo 2021.

WILHELMY, Manfred. La política exterior chilena y el Grupo Andino. In: Santiago de Chile: **Estudios Internacionales**, año 10, n. 38, p. 67-87, abr-jun 1977. Disponible en: <http://www.jstor.org/stable/41390875>. Accedido en 20 mayo 2020.

WIONCZEK, Miguel. **Integración de América Latina**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1964.



O DOCUMENTO DOS QUATRO E AS ORIGENS DA COMUNIDADE ANDINA

*EL DOCUMENTO DE LOS CUATRO Y LOS ORÍGENES DE LA COMUNIDAD
ANDINA*

*DOCUMENT OF THE FOUR AND THE ORIGINS OF THE ANDEAN
COMMUNITY*

*Flavia Loss de Araujo*¹ 

Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: O presente trabalho reflete sobre a importância do documento “*Proposiciones para la Creación del Mercado Común Latinoamericano*” para a Comunidade Andina (CAN). Originalmente, o texto visava reformar a Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC) e, apesar de não ter alcançado este objetivo, serviu de base para a construção da CAN, primeiro processo de integração sub-regional da América do Sul. Embora imbuído do pensamento integracionista da década de 1960, o documento contém um diagnóstico preciso de problemas que acometem a região até hoje e algumas diretrizes para a atuação da América do Sul no cenário internacional que continuam válidas.

Palavras-chave: Comunidade Andina; Integração regional; Relações Internacionais; CEPAL.

Resumen: El presente trabajo reflexiona sobre la importancia del documento “*Proposiciones para la Creación del Mercado Común Latinoamericano*” para la Comunidad Andina (CAN). Originalmente, el texto tenía como objetivo reformar la Asociación Latinoamericana de Libre Comercio (ALALC) y, a pesar de no haber logrado tal objetivo, sirvió de base para la construcción de la CAN, el primer proceso de integración subregional en América del Sur. Aunque grabado del pensamiento

¹Doutoranda pelo Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP) e mestra pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM-USP). Pesquisadora do Observatório de Regionalismo e do Grupo Rede de Investigação em Política Exterior e Regionalismo (REPRI). E-mail: flavialossaraujo@usp.br

integracionista de la década de 1960, el documento contiene un diagnóstico preciso de los problemas que afectan a la región hasta hoy y algunas directrices para el desempeño de América del Sur en el escenario internacional, pautas que siguen siendo válidas.

Palabra clave: Comunidad Andina; integración regional; Relaciones Internacionales; CEPAL.

Abstract: The present work reflects on the importance of the document “Proposiciones para la Creación del Mercado Común Latinoamericano” for the Andean Community (CAN). Originally, the text aimed to reform the Latin American Free Trade Association (ALALC) and, despite not having achieved this objective, it served as a basis for the construction of CAN, the first subregional integration process in South America. imbued with the integrationist thinking of the 1960s, the document contains an accurate diagnosis of problems that affect the region until today and some guidelines for South America's performance in the international scenario that remain valid.

Keyword: Andean Community; regional integration; International Relations; ECLAC.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.171290](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.171290)

Recebido em: 20/06/2020

Aprovado em: 01/07/2021

Publicado em: 01/07/2021

1. Introdução

Os processos de integração sul-americanos vivem, atualmente, um momento de paralisia e incerteza frente aos desafios que se apresentam nos cenários domésticos e global. No nível interno, a América do Sul vive o esgotamento do ciclo de governos de esquerda e centro-esquerda que ascenderam ao poder no início do século XXI (fenômeno conhecido como “onda rosa”) e que fomentaram a integração regional com um viés político-estratégico, contemplando questões de desenvolvimento e justiça social. Desde a eleição de Hugo Chávez na Venezuela, em 1998, ocorreram sucessivas vitórias de presidentes alinhados a variações do espectro político de esquerda na América do Sul: Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil (2003), Tabaré Vasquez (2005) e José Mujica (2010) no Uruguai, Morales na Bolívia (2006), Nestor Kirchner e Cristina Kirchner na Argentina (2003 e 2007,

respectivamente), Ricardo Lagos e Michelle Bachelet no Chile (2000 e 2006), Rafael Correa no Equador (2007), Fernando Lugo no Paraguai (2008) e Ollanta Humala no Peru (2011). Tal coincidência de visões políticas impactou também as relações internacionais do subcontinente, criando novas perspectivas de interação e cooperação entre os países. No que se refere à integração regional, esse período foi prolífico na criação de novos arranjos alinhados à esquerda, como a Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América – Tratado de Comércio dos Povos (ALBA-TCP) em 2004 e a União de Nações Sul-Americanas (UNASUL) em 2008, além do fortalecimento das pautas sociais nos processos de integração mais antigos, como a Comunidade Andina (CAN) e o Mercosul.

A queda do preço das commodities no mercado internacional, a crise econômica global de 2008 e fatores domésticos de cada país sul-americano provocou a interrupção do ciclo político progressista, levando à emergência de forças políticas ligadas à ideologia nacionalista e à extrema direita na região (SANAHUJA; BURIÁN, 2020). A ascensão de presidentes com perfil conservador teve início com a destituição de Fernando Lugo, ex-presidente do Paraguai em 2012. O vice de Lugo, Federico Franco, concluiu o mandato e as eleições de 2013 deram vitória ao candidato do partido conservador Colorado, Horacio Cartes. Nas eleições de 2018, o vencedor foi Mario Abdo Benítez, também do partido Colorado. Na Argentina, Mauricio Macri foi eleito presidente em 2015, colocando fim aos doze anos de hegemonia kirchnerista e adotando um discurso de orientação neoliberal. Na sequência, em 2016, Dilma Roussef foi afastada através de um impeachment e Michel Temer assumiu a presidência propondo medidas econômicas que se afastavam do projeto proposto por sua antecessora. Já em 2018, Jair Bolsonaro² venceu as eleições brasileiras e

² Ao longo de seu mandato, cada vez mais alinhado à extrema direita.

Sebastián Piñera assumiu a presidência do Chile, ambos com posicionamento alinhado à direita³.

Tais mudanças alteraram profundamente a dinâmica política da região e, conseqüentemente, os blocos regionais que já existiam ou estavam sendo formados. A característica intergovernamental (MALAMUD, 2005) dos projetos de integração latino-americanos torna-os dependentes da iniciativa dos presidentes de ocasião para avançarem. Assim, o novo ciclo político impôs novos desafios também para o bloco mais antigo da América do Sul, a Comunidade Andina (CAN), que enfrenta dificuldades em avançar economicamente e politicamente, passando por um processo de desintegração (BRESSAN; LUCIANO, 2018).

Criada no final da década de 1960 com metas de integração ambiciosas, a CAN atravessou diversas fases da história sul-americana e se adaptou a cada contexto como estratégia de sobrevivência. Foi relançada na década de 1990 e teve como maiores êxitos o incremento comercial entre seus membros, o fortalecimento de suas instituições e a formação de uma união aduaneira incompleta. Apesar de ter atingido relativo sucesso no intercâmbio comercial entre seus membros e de ser um importante fórum de diálogo para questões comuns da região, a CAN não atingiu o objetivo de aprofundar a integração através de suas instituições, estratégia que permitiria diminuir a dependência dos voluntarismos presidenciais (MARIANO; BRESSAN; LUCIANO; 2016).

Além disso, o bloco adentrou o século XXI perdendo um de seus principais sócios, a Venezuela, por conta de diferenças ideológicas entre os presidentes e divergências sobre os rumos do processo de integração (ARAUJO, 2014). Ainda que a conjuntura política dos países membros tenha mudado desde a saída da Venezuela, a CAN continua refém das posições ideológicas dos mandatários de seus membros que muitas vezes optam

³ Ainda mais recentemente, tem se esboçado uma retomada do ciclo progressista na América do Sul após as vitórias eleitorais de Lenin Moreno no Equador (2017), Alberto Fernández na Argentina (2019) e Luis Arce na Bolívia (2020). Essa possível retomada, no entanto, não está no escopo deste trabalho.

pela associação a outros projetos regionais mais afeitos aos seus ideários, como exemplificam as participações da Bolívia⁴ e do Equador na ALBA-TCP e a adesão da Colômbia e do Peru à Aliança do Pacífico em 2011.

Em um momento de indefinição sobre os rumos da CAN e frente a um contexto internacional adverso, é importante retomar parte de sua história e os conceitos que levaram à sua construção. Nesse sentido, a proposta do presente trabalho é analisar a influência e o legado da obra *“Proposiciones para la Creación del Mercado Común Latinoamericano”* (também conhecido como *“Documento de los Cuatro”*), de 1965, para o bloco andino. Escrito por Raúl Prebisch, José Antonio Mayobre, Felipe Herrera Lane, Carlos Sanz de Santa María a pedido do presidente chileno Eduardo Frei Montalva (1964-1970), o Documento dos Quatro representou um marco na história da integração latina-americana ao apontar as falhas da Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC) e propor a reformulação de suas políticas para atender aos interesses dos países economicamente frágeis. O objetivo original não foi cumprido, porém, o diagnóstico produzido pelo Documento sobre a região e as suas sugestões para a criação de um mercado comum que considerasse as disparidades econômicas entre os países influenciaram a criação do primeiro projeto de integração sub-regional do continente em 1969, o chamado Pacto Andino. É importante ressaltar que o conteúdo do Documento é econômico, mas seu viés político, enfatizado tanto por Frei Montalva quanto pelos próprios economistas, é o foco do presente trabalho. O principal legado da obra reside, como veremos a seguir, na capacidade de mobilização política para a construção do processo de integração andino.

A próxima seção apresentará o contexto de formulação do Documento dos Quatro. A seguir, será discutida a sua influência na

⁴ A Bolívia fez parte da ALBA-TCP entre os anos de 2006 e 2019. O Equador, entre 2009 e 2018. Ambos participaram da ALBA durante a vigência de governos de esquerda, o que reforça o argumento do voluntarismo dos Executivos quando tratamos do tema de integração regional na América Latina. A mesma situação ocorreu com a adesão da Colômbia e do Peru à Aliança do Pacífico, visto o alinhamento ideológico à direita de seus governos em 2011.

formação do Pacto Andino e a sua posterior transformação em CAN, já na década de 1990.

2. Os limites da Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC) e a proposta do “Documento dos Quatro”

O Documento dos Quatro surge em um contexto de insatisfação dos presidentes andinos com a ALALC⁵, criada em 1960 e que representava a primeira tentativa de integração econômica dos países latino-americanos. Para fins deste trabalho, cabe detalhar as limitações da ALALC que motivaram a criação do Documento. Os membros fundadores da ALALC foram Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguai, Peru e Uruguai (Colômbia, Venezuela, Equador e Bolívia aderiram em período posterior). Claramente inspirada pelo modelo de integração europeu, a ALALC era um projeto de integração gradual que previa a criação de uma zona de livre comércio no prazo de doze anos e, posteriormente, um mercado comum regional. Incluía mecanismos para eliminação progressiva de restrições tarifárias que dificultavam o intercâmbio comercial entre os países membros, como as listas nacionais (que continham as concessões oferecidas por cada país) e as listas comuns (negociadas multilateralmente a cada três anos).

É importante destacar também a influência da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) recebida pela ALALC em sua conformação. A principal preocupação da CEPAL naquela época era a superação do subdesenvolvimento e dependência externa na região, traduzida na subordinação aos centros industriais dos quais os países latinos importavam produtos com alto valor agregado, enquanto a América Latina se especializava na exportação de commodities. As indústrias da região não possuíam condições de competir com os produtos produzidos no exterior,

⁵ Em 1980 se tornou a Associação Latino-Americana de Desenvolvimento e Intercâmbio (ALADI).

situação que gerava déficits no comércio com os países do centro (BRAGA, 2002).

Urgia a necessidade de uma intensa industrialização das economias latino-americanas, aumentando o aporte de capitais externos e reduzindo os déficits comerciais. A solução inicial proposta pela CEPAL era o modelo de Industrialização por Substituição de Importações (ISI), processo que buscava superar a deficiência estrutural da América Latina aumentando a oferta de produtos industrializados para exportação, diversificando, dessa maneira, a matriz econômica dos países latino-americanos. A questão da integração regional era prevista de maneira limitada, entendida apenas como um complemento aos projetos de industrialização nacionais, permitindo que os países criassem complementaridade entre suas indústrias e aumentassem o mercado para exportações intrarregionais. A integração regional seria uma fase para o desenvolvimento econômico dos países da região e não um projeto independente. O intercâmbio comercial entre o bloco supriria as necessidades de todos e garantiria um mercado estável para as exportações, diminuindo a vulnerabilidade externa (BRAGA, 2002).

Em 1957, o Comitê de Comércio da CEPAL sistematizou essas premissas e desenvolveu um conceito de cooperação regional baseado no sistema de preferências comerciais, o qual serviria como meio para acelerar o crescimento econômico da região. No mesmo ano foi realizada a Conferência Econômica Interamericana, em Buenos Aires, ocasião na qual foi discutido o conceito de cooperação econômica regional pela primeira vez. Os países latino-americanos que atenderam ao evento estavam impressionados com a então recente assinatura do Tratado de Roma, que instituíu a Comunidade Econômica Europeia (CEE). À luz dessa experiência integracionista, os participantes da Conferência declaram “*la conveniencia de establecer gradual y progresivamente, de una manera multilateral y competitiva, un mercado común latinoamericano*” (WIONCZEK, 1964). A

CEPAL apresentaria uma proposta de zona de livre comércio para esse projeto em 1959 e que culminaria na assinatura do Tratado de Montevideu, em 1960, que deu origem à Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC), reconhecida como a primeira experiência de integração dos países latino-americanos.

A ALALC obteve resultados modestos no que diz respeito ao aumento do comércio entre os países membros: as exportações intrabloco passaram de 6,7% para 10,1% e as importações de 8,1% para 11,2% (CINDA, 1987) entre os anos de 1961 e 1970. Além disso, a ALALC foi incapaz de corresponder às expectativas de parte de seus membros. Países médios e pequenos esperavam que a integração contribuísse para a aceleração de seus respectivos processos de industrialização e não ficasse restrita apenas ao aspecto comercial, visto que estes países não estavam prontos para tirar vantagem das concessões tarifárias (BRAGA, 2002).

A principal dificuldade apontada era a heterogeneidade econômica entre os membros da ALALC, fator que impedia que os acordos tarifários se aprofundassem e que as vantagens comerciais beneficiassem a todos. Os países grandes da região (Argentina, Brasil e México) estavam satisfeitos apenas com a perspectiva de expandir suas exportações e defendiam a liberação plena de intercâmbio de produtos, não tendo interesse em iniciar políticas que incentivassem a industrialização (cabe lembrar que estes países já contavam com parques industriais e exportavam produtos manufaturados, diferentemente de seus vizinhos menores).

Tal cenário gerou a percepção de um possível “subimperialismo” (MARINI, 1992) dos países grandes em relação aos pequenos dentro da ALALC, como lembrou o ex-presidente chileno Eduardo Frei Montalva em um texto da década de 1970: “(...) *la ALALC no consultó los intereses de los países medianos y pequeños, y creó la posibilidad de un imperialismo interior en América Latina entre los desarrollados y los menos desarrollados*” (FREI MONTALVA, 1977).

Para GHIGGINO (2011), na ânsia de reproduzir os moldes da integração europeia estabelecida pelo Tratado de Roma, a ALALC subestimou o impacto das vantagens comparativas no intercâmbio de mercadorias no continente, fato que gerou políticas protecionistas e emperrou a integração.

Ainda na década de 1960, houve uma tentativa de criação de mecanismos de compensação dentro da ALALC que minimizassem tais disparidades, mas estes se mostraram escassos e débeis para resolver o problema. O resultado do fracasso em conciliar interesses divergentes entre seus membros foi que, apenas cinco anos após sua criação, a ALALC havia se convertido em uma zona preferencial de comércio, distanciando-se de seu compromisso original de criação de um mercado comum (VALVERDE, 2002).

Diante deste quadro, surgiram exortações de diversos economistas e líderes políticos da América Latina para que o processo de integração regional promovido pela ALALC fosse alterado. Ainda em 1963, o economista argentino Raúl Prebisch alertou para problemas que travavam o aprofundamento da ALALC em seu ensaio *“Hacia una dinámica del desarrollo latino-americano”* (PREBISCH, 1963), mas a obra não contemplava todos os aspectos do problema.

Nesse contexto, um personagem importante foi o ex-presidente do Chile, Eduardo Frei Montalva, que alterou algumas premissas da política externa chilena e promoveu ativamente a integração no continente. Advogado de formação e filiado ao partido Democrata Cristão chileno, Frei Montalva direcionou sua política externa para um papel mais ativo e acreditava que a integração regional era uma forma de inserir o país no sistema internacional. Diante da estagnação da ALALC, que claramente ia contra os interesses de sua política externa integracionista, Frei Montalva escreveu, em 6 de janeiro de 1965, uma carta para quatro economistas latino-americanos de grande destaque na época: Raúl Prebisch, Secretário

Geral da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD); José Antonio Mayobre, Secretário Executivo da CEPAL; Felipe Herrera Lane, Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Carlos Sanz de Santa María, Presidente da Comissão Interamericana da Aliança para o Progresso (CIAP).

O conteúdo da missiva possuía três eixos principais: primeiramente, Frei Montalva expôs seus ideais integracionistas e sua crença de que o cenário internacional daquela época já era adverso para a América Latina e, portanto, a integração seria uma resposta para a inserção comercial de nossos países. Também destacava a importância do apoio e comprometimento político aos processos de integração, visto que, sem a ativa participação dos governantes da região, seria impossível coordenar esforços conjuntos para objetivos comuns.

Em segundo lugar, o presidente chileno mostrou sua preocupação em relação à estagnação do processo de integração iniciado pela ALALC, criticando o fato de que as discussões versavam apenas sobre questões tarifárias, deixando de lado propostas mais arrojadas de coordenação econômica e industrial.

Por último, Frei Montalva solicitou que os intelectuais fizessem sugestões para resolver as questões apontadas e para que a ALALC avançasse em seus objetivos. Frei Montalva explicitou a questão do comércio desigual entre os países membros, problema que incomodava profundamente as economias menores da região: *“No sería admisible entre nosotros aquel viejo esquema de intercambio de artículos manufacturados por productos primarios para repetir viejos errores e injusticias”* (FREI MONTALVA, 1965). Outro ponto importante é a percepção de Frei Montalva sobre a necessidade de um órgão supranacional que gerisse as disputas comerciais, visto que a ALALC era composta por diversas instâncias administrativas nacionais que representavam seus

respectivos países nessas disputas e recorriam ao veto nos momentos de decisões, travando ainda mais o processo de integração (VALVERDE, 2002).

A carta foi o primeiro passo dentro da estratégia de Frei Montalva para a renovação da ALALC. Em 12 de abril de 1965, uma cópia foi enviada para todos os chefes de Estado latino-americanos para que também pudessem contribuir com ideias e sugestões. Quanto aos economistas citados, o quarteto atendeu ao chamado de Frei Montalva e elaborou um texto chamado "*Proposiciones para la creación del Mercado Común Latinoamericano*" (1965), também conhecido como "Documento dos Quatro". O texto final é uma estratégia completa de integração para a formação de um mercado comum e suas sugestões seguem as linhas básicas do pensamento cepalino, porém, com ênfase na integração regional, ressaltando a necessidade de institucionalização e compromisso político, condições sem as quais a aceleração do processo seria inviável.

A primeira crítica do Documento versava sobre a pouca interação econômica entre os países da ALALC. O isolamento recíproco se estendia também às áreas de comunicação, educação, cultura e pesquisa, repetindo o modelo de desenvolvimento latino-americano do século XIX: os países interagiam de forma isolada com os grandes centros mundiais, vivendo do reflexo que estes irradiavam (HERRERA, MAYOBRE, SANTAMARÍA, PREBISCH: 1965).

Neste ponto do texto, os autores exortam os países a unir forças para robustecer a capacidade de negociação com os grandes centros mundiais. O isolamento entre as economias prejudicava também a industrialização, pois os países passam a produzir os mesmos produtos que seus vizinhos, quando poderiam alcançar mais eficiência e redução de custos se as indústrias regionais se complementassem. Os autores enfatizavam ainda que a integração facilitaria a ampliação dos mercados e aceleraria o desenvolvimento econômico, com a ressalva de que os países deveriam

utilizar a pujança resultante do processo para efetuar as reformas econômicas e sociais tão necessárias na região.

Um subcapítulo do texto tem como título “*La necesidad de decisiones políticas*” e destaca a importância do envolvimento dos líderes de cada país e de suas respectivas sociedades civis para o avanço do mercado comum. Os economistas propõem órgãos políticos para acelerar o processo de integração, como o conselho de ministros, a junta executiva e um parlamento latino-americano. Mais tarde, a Comunidade Andina (CAN) adotaria um sistema de instituições bastante similar a essa proposta. Esse trecho também destaca a complementaridade entre o desenvolvimento regional e nacional, visto que deveriam caminhar juntos e não serem entendidos como concorrentes.

Quanto às sugestões práticas para acelerar o processo de integração, ainda no âmbito da ALALC, os economistas indicaram instrumentos de financiamento e promoção de investimentos regionais, conjuntamente com mecanismos de pagamentos e créditos recíprocos.

A indústria ocupa papel central na proposta do Documento e deveria ser incentivada através da complementaridade entre os países da região, diminuindo, assim, custos de produção e introduzindo a especialização em cada setor. O texto reconhece a limitação dos benefícios da substituição de importações, visto que cada país já tinha estabelecidas suas próprias indústrias (com diferentes graus de eficiência) separadamente. Era momento, portanto, de integrar a produção para aumentar a produtividade. Os economistas demonstraram também a necessidade de um tratamento especial para os países de menor desenvolvimento relativo, aspecto para o qual as lideranças da região começavam a dar maior importância.

Segundo Herrera (1973), enquanto alguns líderes receberam as propostas com entusiasmo, o Brasil e a Argentina criticaram duramente a obra, expressando suas dúvidas sobre a viabilidade das sugestões. O fato de

os autores representarem organismos internacionais e defenderem o mercado comum foi visto por parte da esquerda latino-americana como “entreguismo” do continente para as grandes corporações do mundo capitalista, enquanto a direita os chamou de “tecnocratas ambiciosos” (HERRERA, 1973). Poucos viram a obra como uma revitalização do ideal integracionista bolivariano⁶, modo como Herrera a recordou em seu artigo de 1973. Desse modo, o Documento não obteve a repercussão desejada e nem êxito em reformar as instituições da ALALC, ainda que este fosse o seu objetivo primordial.

No entanto, sua influência foi extremamente importante posteriormente, na ocasião da reunião de Chefes de Estado da Organização dos Estados Americanos (OEA) de 1967, no Uruguai. Esta reunião deu origem à “Declaração dos Presidentes da América Latina”, na qual, pela primeira vez a nível regional, é mencionada a necessidade de acordos de integração sub-regionais. Segundo Magariños, *“la Declaración de Jefes de Estado representó un espaldarazo político del más alto nivel al concepto de integración global y plena desarrollado en el Documento de los Cuatro”* (MAGARIÑOS, 2005). Após a Declaração dos Presidentes, a insatisfação dos países médios e pequenos com a ALALC se mostrou irreversível e já existia a vontade política necessária para a criação da integração sub-regional andina. Estavam lançadas as bases que culminariam no Acordo de Cartagena, assinado pela Bolívia, Chile, Equador e Peru em 26 de maio de 1969 em Bogotá, dando origem ao Pacto Andino. A seguir, será retomada a trajetória desse projeto e a influência do Documento dos Quatro em sua carta fundacional.

⁶ Refere-se à solidariedade entre os povos latino-americanos defendida por Simón Bolívar (1783-1830).

3. Do Pacto Andino à Comunidade Andina

Segundo Mace (1988), o Pacto Andino foi o processo de integração mais ambicioso e amplo realizado no chamado Terceiro Mundo até então e por mais de duas décadas representou a única tentativa de integração regional na América do Sul. A ALALC sairia enfraquecida desse processo, mas é inegável que foi, juntamente com a CEPAL, a responsável por manter vivo o espírito integracionista na América Latina na segunda metade do século XX. Por se tratar da primeira experiência do gênero, a ALALC serviu de plataforma para as tentativas posteriores de integração.

Dessa forma, de acordo com a lógica integracionista proposta pela CEPAL e influenciado pelas ideias contidas no Documento dos Quatro, o Pacto Andino tentou evitar os erros da ALALC: “(...) en efecto, el Acuerdo de Cartagena reconoce el hecho de que los mecanismos mercantiles son insuficientes para alcanzar el desarrollo integrado de la región, como la experiencia de la ALALC comprueba.” (VARGAS-HIDALGO, 1977:102). Ou seja, além das questões comerciais, seriam necessárias estratégias de fomento das indústrias e de atração de investimentos para lograr o desenvolvimento econômico. Foram criados os Programas Setoriais de Desenvolvimento Industrial cujo objetivo era aprofundar a industrialização de maneira homogênea e estimular a interdependência.

Esse ponto do Acordo de Cartagena refletia o capítulo do Documento dos Quatro que analisava a indústria regional e que propunha um mercado comum nesse setor. A ideia era aproveitar as vantagens comparativas de cada país (recursos naturais e custos de produção) e evitar a duplicação indiscriminada dos mesmos setores, criando um parque industrial regional integrado e complementar (MAYOBRE, HERRERA, SANTAMARIA, PREBISCH;1965).

Outra preocupação constante do Acordo de Cartagena e que possuía nítida influência do Documento dos Quatro era a preocupação com os países menos desenvolvidos do bloco. O Pacto Andino criou mecanismos para que a Bolívia e o Equador fossem protegidos dos impactos provocados pelo intercâmbio com as economias mais robustas, seja na área industrial, comercial ou de investimentos. Pretendia-se avançar nas três áreas simultaneamente e compartilhar de maneira equitativa seus benefícios. A partir de meados da década de 1970, essa meta se mostrou incompatível com as políticas econômicas nacionais de cada membro, desenvolvidas sem coordenação com os vizinhos e em desacordo com as normas do bloco. Esse tipo de divergência seria constante no projeto andino a partir de então e culminou com a saída do Chile em 1976. Cabe lembrar que os sócios originais do Pacto Andino eram a Bolívia, a Colômbia, o Chile, o Equador e o Peru. A Venezuela se tornou membro apenas em 1976.

Voltando às motivações que levaram ao afastamento do Chile, o desentendimento em relação aos princípios do Acordo de Cartagena ocorreram após a ascensão de Augusto Pinochet (1973-1990) à presidência através de um golpe de Estado. A política econômica progressivamente neoliberal instaurada pela ditadura militar chilena entrou em choque com duas regras comuns estabelecidas pelo Acordo de Cartagena: a Decisão 24, que regulava os investimentos estrangeiros e a Tarifa Externa Comum (TEC). O governo chileno temia que os investimentos não fossem distribuídos de maneira equitativa entre os países membros e considerava a TEC excessivamente protecionista. O próprio ex-presidente Eduardo Frei Montalva, convidado a escrever sobre a saída do Chile em 1976, qualificou a posição do governo Pinochet em relação ao Pacto como dogmática e alheia aos possíveis benefícios dessas medidas (FREI MONTALVA, 1976), visto que seriam transitórias e tinham como objetivo o fortalecimento das indústrias e mercados da região. Segundo Wilhelmy (1977):

Los problemas originados por la Decisión 24 y otras políticas del Acuerdo de Cartagena en relación con Chile no fueron de naturaleza exclusivamente económica y la relación entre países desarrollados y en vías de desarrollo. Mientras para los demás miembros del Grupo Andino un cierto grado de "nacionalismo económico" representa la respuesta propia de países menos desarrollados a su condición frente a las potencias industriales, el gobierno chileno estima que la "apertura al exterior" debe ser sin condiciones, de manera de establecer las condiciones de confianza y estabilidad que faciliten la captación de inversiones y créditos y estimulen el comercio internacional. (WILHELMY, 1977:85)

Diante das divergências incontornáveis entre o governo Pinochet e os demais membros do Pacto, o Chile se retirou em 30 de outubro de 1976. O país andino só retornaria ao projeto de integração andino como Estado-associado trinta anos depois, em 2006.

O final da década de 1970 testemunhou o arrefecimento dos ideais de Cartagena, especialmente com o advento da crise da dívida externa a partir de 1980. Os problemas econômicos que se avolumavam diante dos sócios estimulavam soluções individuais e a integração parecia utópica em meio a um contexto tão adverso.

Entre 1976 e 1982, Peñaherrera (1995) destaca que surgiram os primeiros problemas derivados do descumprimento da regulamentação comunitária, gerando conflitos sobre questões técnicas e tarifárias. A crise da dívida externa afetou profundamente o dinamismo comercial do bloco, visto que os países membros enfrentavam desequilíbrios em suas balanças de pagamentos e, como reação, adotaram medidas protecionistas. Em 1987, foi assinado o Protocolo de Quito, que flexibilizou as metas do Acordo de Cartagena, permitiu a abertura do bloco para investimentos estrangeiros e regulamentou o estabelecimento de acordos bilaterais. Tais medidas evitaram que as divergências comerciais minassem completamente o projeto de integração, mas não trouxeram os resultados positivos esperados. Como ressalta Vargas-Hidalgo (1977), *"la forma como*

el Acuerdo de Cartagena resolvió los problemas fue, en general, postergándolos.”

Em 1989, com o encontro presidencial que promoveu o “Desenho Estratégico para a Reorientação do Grupo Andino”, o bloco estabeleceu novas metas para a década de 1990, que englobavam aumento do comércio intrarregional, diversificação da pauta de exportações e a inserção internacional. Ao comentar os primeiros vinte anos da integração andina, Puertas (2006) salienta que os países membros não avançaram em seus objetivos comuns durante a década de 1970 e, a partir da década de 1980, foram obrigados a adotar medidas econômicas contrárias aos pressupostos do Acordo de Cartagena. O cerne do processo andino era o projeto crescimento endógeno da região, ideia inviável frente ao cenário de globalização acelerada da década de 1990 e das políticas domésticas limitadas pelo Consenso de Washington⁷.

Ainda assim, em 1993 um importante passo foi dado: estabeleceu-se a zona de livre comércio entre os países do bloco. Porém, somente em 1996, com o Protocolo de Trujillo, a organização regional foi reativada, aportando características econômicas neoliberais e reestruturando sua institucionalidade através do Sistema Andino de Integração (SAI), que incorporou o Conselho Presidencial e o Conselho de Ministros de Relações Exteriores e que possuía um desenho intergovernamental. Essas modificações aumentaram a institucionalização da CAN e o comércio intrabloco. O efeito positivo dessas medidas seria interrompido com as repercussões de diversas crises financeiras (Argentina, em 1995; sudeste asiático, em 1997, Rússia, em 1998 e Brasil em 1999) e com o contínuo descumprimento das normas internas do bloco. A irregularidade do processo andino fica evidente ao retomarmos sua acidentada trajetória,

⁷ Conjunto de medidas econômicas adotadas por instituições financeiras sediadas em Washington D.C., em especial o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, que eram impostas aos países em desenvolvimento nas negociações de suas dívidas externas.

cujos avanços e retrocessos sempre dependeram da vontade política dos presidentes de ocasião. Para Portas (2006),

(...) lo que sí se ha agotado es la voluntad política y la capacidad de efectuar oportunamente correcciones para rectificar rumbos y consolidar la senda trazada. Un proceso de integración no se agota; lo que se agota son las ideas, las voluntades y las capacidades para comprender su importancia y su infinito potencia (PUERTAS, 2006:4).

Os resultados positivos ficaram restritos ao comércio intrabloco, mas persiste, até hoje, a dificuldade de aumentar as exportações extrabloco e formar uma plataforma de inserção internacional. Tais dificuldades reforçam a tendência de sobreposição de projetos regionais e a promoção de acordos bilaterais ou minilaterais (VAN KLAVEREN, 2012). Sobre esse ponto, cabe destacar que a diferença de entendimento sobre a possibilidade de acordos bilaterais causou uma nova crise na primeira década dos anos 2000, culminando com a saída da Venezuela do bloco. As divergências sobre os rumos do processo de integração foram acirradas pela ascensão de governos de esquerda na região a partir de 1998, com a eleição do presidente venezuelano Hugo Chávez (1998-2013). Em 2006, Evo Morales venceu as eleições presidenciais na Bolívia; em 2007, Rafael Correa no Equador. Pela primeira vez e por um curto período, a maioria dos países da CAN eram de esquerda, enquanto a Colômbia era presidida pelo neoliberal Álvaro Uribe (2002-2010). A Venezuela opunha-se à possibilidade de negociação de tratados de livre comércio entre os sócios andinos e os Estados Unidos. Sob a ótica do governo venezuelano, tais tratados deveriam ser negociados em bloco e não bilateralmente. O exacerbamento das tensões levou a CAN a emitir a Decisão 598/2004, que permitia a negociação bilateral com países de fora do bloco. A insatisfação venezuelana culminou com a sua retirada em 2006, causando nova fratura no processo de integração andino.

A segunda década do século XXI testemunhou a continuidade da polarização ideológica entre a Colômbia e o Peru, voltados para políticas

econômicas de viés neoliberal, e a Bolívia e o Equador⁸, fiéis à tentativa de criar desenvolvimento a partir de processos regionais autônomos (BRESSAN; LUCIANO, 2018). Assim, a fragmentação ideológica do regionalismo sul-americano se consolidou também entre os andinos, especialmente a partir da adesão da Colômbia e do Peru à Aliança do Pacífico em 2011. As dificuldades comerciais intra e extrabloco persistem e o engajamento dos sócios com a CAN arrefeceu sensivelmente.

A comparação entre as propostas feitas pelo Documento dos Quatro, seus princípios expressos no Acordo de Cartagena e os resultados obtidos pela CAN nas últimas décadas gera duas conclusões: primeiramente, persiste a dependência do projeto às vontades políticas de ocasião, característica intrínseca ao intergovernamentalismo da integração andina. O projeto avançou apenas em momentos de alinhamento entre os membros, subordinando as metas e os interesses econômicos à lógica da política. Da mesma forma, os momentos de paralisia foram gerados por desentendimentos ideológicos.

Em segundo lugar, o diagnóstico dos problemas econômicos feito na década de 1960 continua, ao menos em parte, atual. De maneira sintética, o Documento criticava a predominância do setor primário nas exportações, a falta de esforços conjuntos de industrialização e a ausência de redes de transportes e comunicações de qualidade na região, questões em aberto até os dias de hoje. Obviamente, fatores externos impactaram a integração andina (especialmente a partir da década de 1980) e não foram detalhados no presente trabalho, visto que o objetivo era discutir os processos internos que se relacionavam com o Documento. O cerne dos problemas internos, porém, sejam políticos ou econômicos, segue inalterado. Apenas são acrescentadas questões e dificuldades específicas de cada momento histórico.

⁸ O Equador saiu da ALBA em 2018. Sob a presidência de Jeanine Áñez (2019-2020), a Bolívia se retirou do bloco em 2019, retornando em 2020 sob a gestão Luis Arce (2020-atual).

4. Considerações finais

O ambicioso projeto de integração proposto pela ALALC fracassou em seu intento de abrir os mercados e conceder preferências comerciais para seus membros. As disparidades entre as capacidades produtivas e os mercados internos provocaram o efeito contrário ao esperado, resultando em uma onda de protecionismo comercial no continente. Originalmente, o Documento dos Quatro deveria servir para resolver as questões da ALALC, mas a resistência dos sócios em acatar as propostas do texto possibilitou que fosse usado como pilar da integração sub-regional andina. O pioneiro Pacto Andino surgiu, então, com objetivos audaciosos e especial preocupação com as economias mais sensíveis do bloco, a Bolívia e o Equador. Apesar de sua acidentada trajetória e dos prognósticos pessimistas que surgem a cada década decretando o seu fim, a atual CAN resiste à falta de comprometimento de seus sócios. Como discutido neste trabalho, o seu surgimento deveu-se ao ímpeto de governos que acreditaram em uma estratégia regional e internacional conjunta para enfrentar problemas comuns, ao contrário das tendências individualistas observadas nos últimos anos. O atual momento enfrentado pela integração andina requer uma reorientação de seus objetivos e propósitos, daí a importância da análise dos paradigmas que nortearam sua formação.

Imbuído da esperança de um futuro comum, o Documento dos Quatro pode ser considerado um dos textos mais importantes da história do pensamento político e econômico da integração latino-americana. Os autores eram os economistas mais proeminentes da época na América Latina e estavam profundamente envolvidos no serviço público regional. Contribuíram não apenas para o debate acadêmico sobre regionalismo, mas de maneira prática ao atuarem em organizações internacionais.

Chama a atenção o esforço conjunto de atores políticos e da academia para a construção das diretrizes contidas no Documento, fato

que ilustra a centralidade da integração regional à época, entendida como primordial para o pleno desenvolvimento econômico e social da América Latina. Passados cinquenta e seis anos da publicação do Documento, percebem-se poucas movimentações na busca de soluções para a paralisação da CAN e a falta de sinergia entre governos, intelectuais e outras organizações regionais.

O próprio Felipe Herrera fez essa constatação em seu texto de 1973, afirmando que o Documento foi o último esforço realmente coletivo para o fomento da integração, pois buscava renovar o mecanismo mais abrangente do continente, a ALALC, além de mobilizar políticos e acadêmicos de variados matizes ideológicos em sua defesa.

Pode-se dizer que essa afirmação continua válida se considerarmos a variedade de atores envolvidos na confecção do Documento, o engajamento político dos presidentes da época e a colaboração de organizações regionais como a própria CEPAL. Portanto, rememorar o Documento dos Quatro mostra a factibilidade de esforços conjuntos entre governos e a academia para impulsionar a integração latino-americana e resolver alguns dos problemas que perseveram na região desde aquela época.

Os atores envolvidos na confecção do Documento não poderiam imaginar que uma das reflexões finais de seu texto seguiria válida para o século XXI: o perigo da inação. A conclusão do Documento alertava que os países latino-americanos não deveriam temer os riscos intrínsecos à construção de um mercado comum, projeto complexo e que impõe sacrifícios aos seus membros. O risco maior seria perder as oportunidades de crescimento econômico e social caso não se aventurassem na construção de um projeto e seguissem a trajetória de uma inserção tímida e subalterna no cenário internacional. O alerta feito pelos autores sobre a inação continua válido. Se o objetivo original não foi alcançado, novos

rumos podem ser traçados para o projeto andino, preservando os sucessos já alcançados e criando novas oportunidades.

5. Referências

ARAUJO, Flavia Loss. Agendas de Política Externa para a Comunidade Andina de Nações: os casos de Bolívia e Colômbia. Belo Horizonte: **Estudos Internacionais: Revista de Relações Internacionais da PUC Minas**, vol. 2, n. 2, 189-214, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/8199>>. Acesso em 02 de janeiro de 2021.

BRAGA, Márcio. Integração Econômica Regional na América Latina. Uma Interpretação das Contribuições da CEPAL. In: **Cadernos PROLAM/USP**, Ano 1, vol 01, p.9-30, 2002. Disponível em: www.usp.br/prolam/eae5959.doc. Acesso em 02 de janeiro de 2021.

BRESSAN, Regiane; LUCIANO, Bruno. A Comunidade Andina no século XXI: entre bolivarianos e a Aliança do Pacífico. In: Revista de Sociologia Política, vol. 26, n. 65, p. 62-80, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782018000100062&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 02 de janeiro de 2021.

CINDA. Manual de Integración Latinoamericana. Caracas: **Centro Interuniversitario de Desarrollo**, Universidad Simón Bolívar, p. 82, 1987.

FREI MONTALVA, Eduardo. **Carta del Presidente de Chile**. In: Hacia la Integración Acelerada de América Latina – Proposiciones para la Creación del Mercado Común Latinoamericano. México: Editorial Fondo de Cultura Económica, p. 1-6, 1965.

FREI MONTALVA, Eduardo. El retiro de Chile, un error irreversible e irreparable. In: **Chile y el Pacto Andino: deslindando responsabilidades ante la historia**. Santiago de Chile: s/ editor, 1976. Disponível em: <https://obtienearchivo.bcn.cl/obtienearchivo?id=documentos/10221.1/76324/2/191934.pdf&origen=HPolitica>. Acesso em 15/01/2021.

FREI MONTALVA, Eduardo. **El Pacto Andino**. Buenos Aires: Ed. Francisco Aguirre, 1977, p. 34.

GHIGGINO, Gonzalo. A sesenta años de la ALALC: problemática, inicios y fracaso de la primera integración latinoamericana. In: **Grupo de Estudios Internacionales Contemporáneos**. Buenos Aires: 2011. Disponível em: <<http://www.geic.com.ar/2010/2011/03/09/a-sesenta-anos-de-la-alalc-proble>

matica-inicios-y-fracaso-de-la-primera-integracion-latinoamericana/>. Acesso em 02 de janeiro de 2021.

HERRERA, Felipe. La Tarea Inconclusa: América Latina Integrada. In: **Revista de Estudios Internacionales**, Vol. 06, N. 21, p. 3-23, 1973. Disponível em: <http://www.revistas.uchile.cl/index.php/REI/article/viewFile/17570/19402>. Acesso em 02 de janeiro de 2021.

MACE, Gordon. Regional Integration in Latin America: a Long and Winding Road. In: **International Journal**, n. 43, p. 404-427, 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/pss/40202547>. Acesso em 09 de abril de 2020.

MAGARIÑOS, Gustavo. **Integración Económica Latino-Americana – Proceso ALALC-ALADI**. Montevidéo: ALADI, Tomo I, 2005.

MALAMUD, Andrés. Presidential Diplomacy and the Institutional Underpinnings of Mercosur: An Empirical Examination. In: **Latin America Research Review**, v. 40, n. 1, p.138-164, 2005. Disponível em: https://cadmus.eui.eu/bitstream/handle/1814/53584/Malamud_Presidential_Diplo_Published_Version.pdf?sequence=1. Acesso em 09 de abril de 2020.

MARIANO, Karina; BRESSAN, Regiane.; LUCIANO, Bruno. Eleições diretas no Parlamento Andino: a percepção popular sobre a integração regional. In: **Carta Internacional**, 11(1), p. 245-273, 2016. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/download/320/306/>. Acesso em 09 de abril de 2020.

MARINI, Ruy. **América Latina: dependência e integração**. São Paulo: Brasil Urgente, 1992.

MAYOBRE, José; HERRERA, Felipe; SANTAMARÍA, Carlos; PREBISCH, Raúl. **Hacia la Integración Acelerada de América Latina – Propositiones para la Creación del Mercado Común Latinoamericano**. México: Editorial Fondo de Cultura Económica, 1965, p. 13-37.

PEÑAHERRERA, Germánico Salgado. El Grupo Andino hoy: eslabón hacia la integración de Sudamérica. Quito: Biblioteca Digital Andina, 1995.

PREBISCH, Raúl. **Hacia una dinámica del desarrollo latinoamericano**. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, p. 20-25, 1963.

PUERTAS, Jaime. La Desintegración Andina. In: **Nueva Sociedad**, n. 204, jul-ago/2006. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/la-desintegracion-andina/>. Acesso em 15 de março de 2021.

SANAHUJA, José Atonio; BURIÁN, Camilo. Internacionalismo reaccionario y nuevas derechas neopatriotas latinoamericanos frente al orden internacional liberal. In: **Conjuntura Austral**, v. 11, n. 55, 2020. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/106956>. Acesso em 15 de março de 2021.

VALVERDE, Cristian. Chile y la Integración Latinoamericana: Política Exterior, Acción Diplomática y Opinión Pública. Tese de Doutorado. Universidade Complutense de Madrid, 2002. Disponível em: <http://eprints.ucm.es/tesis/ghi/ucm-t26718.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2019.

VAN KLAVEREN, Alberto. América Latina en un nuevo mundo. In: **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**, n. 100, p. 131-150, 2012. Disponível em: https://www.cidob.org/es/content/download/33842/556364/file/131150_ALBERTO+VAN+CLAVEREN.pdf. Acesso em 20 de abril de 2019.

VARGAS-HIDALGO, Rafael. La crisis del Pacto Andino. In: Madrid: **Revista de Política Internacional del Centro de Estudios Políticos y Constitucionales (CEPC)**, n. 151, mai-jun, 1977. Disponível em: <http://www.cepc.gob.es/publicaciones/revistas/fondohistorico?IDR=13&IDN=1182&IDA=34674>. Acesso em 15 de março de 2021.

WILHELMY, Manfred. La política exterior chilena y el Grupo Andino. In: Santiago de Chile: **Estudios Internacionales**, ano 10, n. 38, p. 67-87, abr-jun 1977. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41390875>. Acesso em 20 de maio de 2020.

WIONCZEK, Miguel. **Integración de América Latina**. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1964.



A BASE ESPACIAL CHINESA EM NEUQUÉN, ARGENTINA

LA ESTACIÓN ESPACIAL CHINA EN NEUQUÉN, ARGENTINA

CHINA'S SPACE BASE IN NEUQUÉN, ARGENTINA

Rogério do Nascimento Carvalho¹ 
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: O objetivo do artigo é caracterizar a aproximação da República Popular da China a países da América Latina, neste caso à Argentina, tendo em vista a construção de estação espacial na província de Neuquén. Também tem o intuito de demonstrar fatores que levam a esta aproximação, pois a China foi responsável por auxiliar a economia argentina no momento em que esta passava por grave crise de credibilidade. A abordagem adotada é a de narrativa de fatos, complementada com dados exarados por documentos conjuntos e, ainda, extraídos de artigos científicos e reportagens recentes, abordando a forma como a China reverbera o soft power e começa a exercer influência na região. Coaduna-se também com o espírito chinês de cooperação e analisa-se como são na prática os acordos e compromissos assumidos. A conclusão dos documentos analisados permite depreender que a vontade chinesa em promover auxílio a países como a Argentina pode viabilizar uma etapa de prosperidade, sempre que os países tomem a devida atenção, já que a expansão chinesa se mostra pujante e, portanto, impossível de acompanhar para nações que não possuem a infraestrutura necessária, o que os levaria a depender cada vez mais das benesses chinesas.

Palavras-chave: América Latina; Argentina; China; Base Espacial; *Soft power*.

Resumen: El objetivo del artículo es caracterizar la aproximación de la República Popular China a países latinoamericanos, en este caso a Argentina, con miras a construir una estación de espacio lejano en la provincia de Neuquén. También se busca demostrar los factores que conducen a tal aproximación, ya que China se responsabilizó por ayudar a

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação Interunidades de Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Estratégia Marítima pela Escola de Guerra Naval (EGN), Pesquisador no Grupo sobre Genocídios e Conflitos Armados da Universidade Federal de São Paulo – Campus Osasco. Professor universitário e advogado. E-mail: rogerionascimento@usp.br

la economía argentina en un momento en que este país atravesaba por una grave crisis de credibilidad. El enfoque adoptado es el de narrativa de hechos, complementado con datos elaborados por documentos conjuntos y también extraídos de artículos científicos e informes recientes, que tratan del modo como China refleja el soft power y comienza a ejercer influencia en la región. El artículo refleja también el espíritu de cooperación del país chino y analiza cómo son en la práctica los acuerdos y compromisos asumidos. La conclusión de los documentos analizados muestra que el deseo de China de promover cooperación a países como Argentina puede viabilizar una etapa de prosperidad, siempre y cuando los países tengan el debido cuidado, ya que la expansión de China se revela como vigorosa y, por tanto, imposible de seguir para naciones que no cuentan con la infraestructura necesaria, lo que podría llevarlas a depender cada vez más de los beneficios del país chino.

Palabras-clave: América Latina; Argentina; China; Estación espacial; Soft power.

Abstract: This article intends to characterize the approximation of the People's Republic of China to Latin American countries, especially Argentina, in view of the building a spatial base in the province of Neuquén. It also aims to demonstrate factors that lead to this approximation, since China was responsible for assisting the Argentine economy at a time when it was going through a serious credibility crisis. For this, The approach adopted is the narrative of facts, complemented with data drawn up by joint documents and also, facts that were extracted from scientific articles and recent reports, addressing the way in which China reverberates soft power and begins to exert influence in the region. It is also consistent with the Chinese spirit of cooperation and analyzes how the agreements and commitments assumed occur practice. The conclusions of the analyzed documents show that the Chinese will to promote aid to countries like Argentina can make a stage of prosperity viable. Provided that countries pay due attention, since Chinese expansion is proving to be vigorous and, therefore, impossible to be followed for nations that do not have the necessary infrastructure, which would lead them to depend more and more on Chinese benefits.

Keywords: Latin America; Argentina; China; Space base; Soft power.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.175034](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.175034)

Recebido em: 22/09/2020

Aprovado em: 19/05/2021

Publicado em: 01/07/2021

1. Introdução

As relações atuais da República Popular da China com os países da América Latina têm sido mais frequentes desde o fim do século XX e nos primórdios deste século, tornando-se importantes no continente (URDINEZ et al., 2016), e cada vez mais para o mundo. Tradicionalmente, como premissa oficial de sua política externa, a China busca estabelecer relações harmônicas e de benefícios mútuos com países aos quais tem parcerias econômicas e políticas.

Em contraposição à forma como os Estados Unidos se posicionam em relação à região, relegando-a a planos secundários na execução de sua política externa. Este fato faz com que a presença chinesa tenha sido mais atuante com políticas de auxílio financeiro e de investimentos na infraestrutura da região.

Neste artigo, abordamos as relações da China com a Argentina, enfatizando o acordo bilateral entre os países que permitiram a construção de estação espacial na província de Neuquén. Este acordo atende prioritariamente a interesses chineses de investigação espacial pacífica. Porém, estas negociações incomodam os EUA à medida que indispõem o desenvolvimento de sua política na região.

O debate proposto pelo presente trabalho diz respeito ao fato de que a China permeia as fímbrias e os espaços que são ocupados através de negociações e acordos internacionais. Neste caso, é imperioso ressaltar a pressão que Argentina sofria por credores internacionais devido às dificuldades em honrar o pagamento de empréstimos tomados para a manutenção da ordem econômica do país.

Desta feita, o auxílio do gigante asiático em conceder créditos com vista a realizar pagamento dos compromissos argentinos teve como contrapartida acordo para o estabelecimento de estação espacial com

cessão de soberania no sul do país, privilegiando o interesse de Pequim na execução de sua política global.

De fato, em que pese a capacidade da China em oferecer auxílio à Argentina, se faz necessário revisitar fatos históricos relevantes no tempo presente com o intuito de entender que as relações Pequim-Buenos Aires se solidificam em nome do respeito mútuo e harmônico entre as nações. Denota-se, portanto, a dimensão que pode ser projetada no futuro, tendo em vista a confiança adquirida dos países em posicionamentos comuns compartilhados em momentos anteriores.

O argumento a ser apresentado no texto menciona a forma como China executa os ditames prescritos nos congressos do Partido Comunista. Recentemente reforça a expansão harmoniosa pelo globo, alterando, no caso da construção da estação espacial de Neuquén, a geopolítica consolidada pelos EUA na região. Justifica-se, o presente artigo em verificar a conjuntura político-econômica portenha e de como se conecta à política preconizada por Pequim.

2. Relações sino-argentinas e aplicação da política de Pequim

Nos últimos anos, o auxílio promovido por Pequim enriquece as relações sino-argentinas, com intuito de contribuir para a recuperação financeira do parceiro sul-americano. Todavia, esta premissa de confiança e respeito mútuo advém da sinalização que os países têm construído conjuntamente. O apoio dado pela Argentina à China em 1990 foi de grande valia, onde destacamos a viagem presidencial do então presidente Carlos Saúl Menem (1989-1999) à Pequim, sendo o primeiro chefe de Estado latino-americano a realizar visita oficial após os incidentes ocorridos em 4 de junho de 1989 em 天安门广场 (Tiān'ānmén Guǎngchǎng)² (SHIXUE, 2006, p. 68).

² Praça da Paz Celestial (tradução nossa).

Desta feita, China (2010) ilustra que o encontro dos chefes de Estado culminou na adoção de declaração final onde se menciona textualmente o apoio de Pequim a Buenos Aires na questão da reivindicação do arquipélago das Malvinas. Em troca, o apoio argentino à reunificação de Taiwan à China continental sinalizou uma sintonia entre as nações em temas sensíveis de alta complexidade territorial regional, o que é corroborado por Ellis (2014) e que demandam apoio junto à comunidade internacional pela realização de negociações sob os ditames das resoluções já expostas da Organização das Nações Unidas³. Referido apoio se encontra renovado nas palavras de Zou Xiaoli⁴, no último dia 23 de dezembro de 2020 em reunião bilateral com Daniel Filmus⁵, na qual reitera o apoio de Pequim à posição argentina na questão Malvinas (ARGENTINA, 2020b).

Como é cediço, a Argentina, após o período da ditadura militar (1976-1983) e sobretudo pelo evento Guerra das Malvinas (1982), mergulhou numa situação de debilidade econômica que não foi resolvida no primeiro governo democraticamente eleito de Raúl Alfonsín (1983-1989). Restou ao sucessor, Carlos Saúl Menem (1989-1999) a elaboração de um plano econômico que, mediante um processo de paridade rígida do peso argentino à moeda norte-americana, levou o país à estabilização econômica temporária.

Porém, como as economias não são assimétricas, evidentes pressões inflacionárias e estruturais abateram os portenhos que adentraram em um novo ciclo conturbado no setor econômico-financeiro, o que trouxe instabilidade política ao país e até mesmo a renúncia do presidente Fernando de La Rúa (1999-2001), em 2001.

³ Resolução 2065 (XX), da Assembleia Geral de 16 de dezembro de 1965, que reconhece a existência de disputa de soberania no arquipélago Malvinas e conclama aos países (Argentina e Reino Unido) a sentarem à mesa de negociações.

Com o agravamento da tensão nas Malvinas e a retomada do arquipélago pela Argentina, o Reino Unido convocou o Conselho de Segurança e, no espaço de um dia após a retomada, o Conselho já se manifestava através da Resolução 502 do Conselho de Segurança, datado de 03 de abril de 1982 e conclamava à Argentina pelo fim imediato das hostilidades (CARVALHO, 2017).

⁴ Embaixador plenipotenciário da República Popular da China em Buenos Aires (atual).

⁵ Secretário de Malvinas, Antártida e Atlântico Sul do Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República Argentina (atual).

Van de Maele (2017) menciona que durante o mandato do presidente chinês Hu Jintao (2003 -2013), a China assume explicitamente o *soft power*⁶ nas relações internacionais com o globo e, na América Latina, inicia ações de fulcro político, econômico, cultural e de cooperação militar com os países da região, bem como estabelece vínculos de amizade por meio da instalação de Institutos Confúcio⁷ nas Universidades de Buenos Aires, La Plata e de Córdoba, na Argentina (HANBAN, 2019).

Nada obstante, é no período conhecido como era Kirchner⁸ (2003-2015) que a aproximação entre Argentina e China ganhará patamar diferenciado de “ampla parceria estratégica” (CHINA, 2010; WILSON, 2015), segundo a qual, o aprofundamento das relações bilaterais entre as nações amigas converge a ambiente propício como base fundamental para o entendimento recíproco em horizonte de longo prazo, representado pela criação do comitê sino-argentino de cooperação em defesa, tecnologia e indústria (WILSON, 2015, p. 3). O comitê tem a responsabilidade de lançar as premissas que culmina em projetos de fôlego, dos quais a estação espacial chinesa de Neuquén é um de seus produtos (FIGURA 1).

⁶Entender o *soft power* como influência política de uma nação para facilitar a composição entre nações soberanas e fazer com que a outra nação possa aderir a sua esfera de influência desde que obtenha privilégios ou resultados positivos que possam justificar a aproximação (BONIFACE, 2016).

⁷Instituição de ensino sem vínculo de lucro do governo chinês que visa estabelecer laços com países para conhecimento da língua e cultura chinesa (HANBAN, 2019).

⁸ Também conhecido como era K ou Kirchnerismo, engloba os mandatos presidenciais de Néstor Kirchner (2003-2007) e de Cristina Elisabet Fernández de Kirchner(2007-2015) da República Argentina.

Figura 1 – Localização da estação espacial



Fonte: Londoño (2018).

Acordos foram firmados entre as nações, em reuniões bilaterais, em que se destaca o interesse chinês no setor produtivo argentino, tendo em vista suas necessidades internas. Segundo Gomes Júnior (2016) estes conceitos foram construídos por vínculos comerciais desde o século XX, o que levou à então presidente argentina, Cristina Fernández de Kirchner (2007-2015), a avaliar positivamente as ações protagonizadas por Pequim visando o desenvolvimento da sociedade portenha (CHINA, 2010). Ainda segundo a ex-presidente, a Argentina não deveria temer a entrada do gigante asiático, pois em pouco este país alçaria o posto de principal ator do globo e o fato de estarem estrategicamente interligados proporcionaria a repartição de benesses, o que levaria Buenos Aires a desenvolver uma das mais fortes relações com Pequim no continente (URDINEZ et al., 2016).

Esta iniciativa chinesa só se tornou possível pelo histórico de relações internacionais entre os dois países, bem como pela sensação de vazio deixado pelos EUA na região. É cediço que as últimas administrações norte-americanas não reservaram espaço privilegiado à América Latina. Portanto, o descuido das fímbrias de espaços na região permite a

ocupação por Pequim, que utiliza da política de cooperação e aproximação, também conhecida como “poder de atração” (ARANDA; VAN DE MAELE, 2013, p. 500) - mediante investimentos como meio de persuasão e obtenção de apoio dos países com quem efetua acordos. Com isso, a China promove a retórica do discurso da integração Sul-Sul, com intuito de desafiar os interesses relegados pelos EUA na região (URDINEZ et al., 2016; SHIXUE, 2006, p. 76).

Jaffe (2018) aduz que a China constrói a parceria com a Argentina entendendo as dificuldades financeiras e a evasão de divisas. Por isso, está ciente da necessidade de injetar recursos com intuito de aliviar a pressão do peso argentino, visando menor turbulência e garantia de melhores índices de confiança ao país. Utiliza-se, para tanto, contratos de swap cambial da ordem de USD 10.200 bilhões (FREITAS, 2016, p.18) subsidiados por Pequim⁹ e válidos por 3 anos, a contar de julho de 2014 (WILSON, 2015, p. 11). A liberação de USD 11 bilhões para infraestrutura hidrelétrica e modernização de linha férrea argentina (PARELLO-PLESNER, 2016). Como contrapartida, iniciaram-se entendimentos para o acordo conjunto de construção de estação espacial chinesa localizada em Bajada del Agrio, na patagônia argentina, a ser denominada CLTC-CONAE-NEUQUEN¹⁰, em regime de comodato por período de 50 (cinquenta) anos e supervisionada pela Entidade Nacional de Comunicações, do Ministério da Modernização da República Argentina.

O argumento chinês repousa na situação interna argentina de volatilidade econômica e do não auxílio dos EUA. Neste ínterim, o aproveitamento do histórico das relações entre os países facilita o entendimento dos interesses que cada parte buscava em relação ao outro. Neste cenário, a Argentina não se oporia à presença chinesa em seu território, concedendo-lhe privilégios para ter acesso à cooperação

⁹ Este recurso tem sido usado, neste caso, para adquirir bens chineses ou argentinos. É um exemplo da iniciativa chinesa de financiar países em desenvolvimento de modo a induzi-los a adquirir seus produtos. Evidentemente, o acordo na verdade é de mão única, pois coloca a Argentina, com as combalidas reservas de seu Banco Central, em situação de dependência, pois acaba, em parte, por financiar importações chinesas (FREITAS, 2016, p. 18).

¹⁰ CLTC (China Satellite Launch and Tracking Control General); CONAE (Comisión Nacional de Actividades Espaciales da República Argentina).

protagonizada por Pequim. As negociações exigiam atuação firme no sentido de acalmar o mercado e passar mensagem aos credores de títulos argentinos de que a nação teria condições de honrar com seus compromissos e, assim, encontrar sobrevida no mundo globalizado.

A celeuma da política protagonizada por Pequim mostra-se complexa, porém de visualização cristalina. O exercício de poder que a China encontra na América Latina está calcado na dificuldade que os países da região, neste caso a Argentina, têm em encontrar saídas para a dependência de exportação de commodities e sua alta volatilidade no mercado internacional. O sucesso ou fracasso de política destes países depende sobremaneira do humor dos principais atores globais que varia e faz embalar os preços dos principais ativos dos países da América Latina. Portanto, os países dependentes ficam reféns da determinação de preços imposta por grupos econômicos poderosos e pelas decisões das nações que influenciam os destinos do globo.

No que concerne à Argentina e, a partir da era Kirchner, o fato de haver intermediação com a China é a oportunidade vista pelos dirigentes para passar à população a imagem de que a nação estaria em rumo de progresso, pois as intenções firmadas pelos dois países preconizam a política do ganha-ganha com viés de cooperação e, portanto, diante da postura oficial não haveria nenhum óbice na concessão de área para construção da estação espacial chinesa em território argentino.

E, diferentemente das ações realizadas pela China nos demais países da América Latina, na Argentina o âmago se mostra mais profundo, tendo em vista que a cooperação capitaneada por Pequim envolveu transferência de soberania territorial, praticamente a criação de um enclave a fim de atender interesses chineses, visando a sua expansão que também é sentida em outros continentes do globo.

Dessa forma, considerando a hipótese expansionista e de presença chinesa no globo e, em especial, na Argentina, assistimos à possibilidade de estar se consolidando a interferência do poder chinês na condução dos destinos de uma nação, no caso da Argentina. Nesta conjuntura, a estratégia chinesa é assertiva no sentido de proporcionar benefícios imediatos ao país que necessita de auxílio, porém, a contrapartida pode se tornar um ônus pesado para a Argentina, visto que a cessão de soberania em seu território, com concessão de benefícios em longo prazo, pode trazer consequências nas relações com os demais países, acossados pela possibilidade do resultado do expansionismo chinês na região.

E, para provar que a preocupação das demais nações não é objeto de mera especulação, estudos protagonizados por Van de Maele (2017) indicam que o acordo celebrado entre China e Argentina pode atingir até USD 1 bilhão que envolvem investimentos militares, como venda ao governo de Buenos Aires de aeronaves, navios, tanques anfíbios e principalmente o intercâmbio militar entre as forças armadas das duas nações, bem como a cooperação estratégico-espacial que é objeto deste artigo.

E, se já não bastasse a entrada da China na América Latina com seu projeto de poder, em especial a construção da estação espacial na Argentina, Jaffe (2018) indica que houve alteração do paradigma até então existente representado pelo domínio dos EUA na região, pois hodiernamente esse país entende que historicamente a América Latina pertence a sua área de influência. Mesmo com a advertência que Costa (2016) preconiza, que o país norte-americano deverá se adaptar para a transição ao sistema multipolar, dada a complexidade e “a crescente tendência dos Estados-nações de fortalecerem-se com base no sucesso econômico e no comércio internacional” (COSTA, 2016, p. 327). Tal é justamente o ponto que a política chinesa opera na Argentina com vistas a desenvolver a cadeia produtiva de insumos (CHINA, 2018).

Para Wilson (2015) a aproximação dos países da América Latina com a China, e em especial da Argentina, impacta os interesses norte-americanos na região, pois os Estados Unidos assistem à confrontação dos pilares representados pela secular política da “doutrina Monroe”¹¹. Segundo o autor, para poderem ainda exercer influência na região, os EUA deveriam liderar a promoção de políticas que visem a prosperidade, a segurança, a democracia e o desenvolvimento da América Latina a partir de programas de parceria e igualdade.

A preocupação atual da China na América Latina é de criar uma rede de países que possa contribuir de forma segura para a coleta de informações a serem manipuladas conforme seus interesses. Isso ocorre nos moldes dos EUA, que mantêm com seus aliados uma rede denominada Cinco Olhos¹² (GOSWAMI, 2019), segundo a qual se estabelecem vínculos entre si, visando a defesa comum sob a égide da percepção de ameaças externas. Atualmente isto inclui a China, bem como os demais atores que os norte-americanos julgam ser seus inimigos ou países que afetam direta ou indiretamente seus interesses.

Com a assunção do presidente Xi Jinping (2013 – atual) a aplicação da política chinesa se aprofunda com a Argentina, tendo em vista a consolidação e renovação de apoio mesmo durante o governo do presidente Maurício Macri (2015-2019) que, ao ratificar o acordo celebrado por sua antecessora, aduz em protocolo adicional ao acordo que a estação espacial deverá ser de uso pacífico, rechaçando viés militar (DINATALE, 2020). Desse modo, Macri não impediu o seguimento do desenvolvimento do projeto, mesmo sendo aliado mais próximo dos EUA do que sua antecessora e seu sucessor.

¹¹ A Doutrina Monroe estabelece: América para os americanos. De acordo com Costa, “na verdade, essa doutrina significava, antes de tudo, uma autêntica autoproclamação de “direitos naturais” de uma “jovem potência” que emergia do outro lado do Atlântico, para o livre exercício de sua política de expansão nessa parte do globo” (COSTA, 2016, p. 65).

¹² A rede está formada pelos seguintes países: Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Reino Unido e Estados Unidos da América (GOSWAMI, 2019).

No período de seu governo, Macri firma com o presidente chinês o “Plano de Ação Conjunta (2019-2023)”, que reafirma a possibilidade de manter ajuda visando a estabilidade econômica e financeira da Argentina. Isso inclui a ampliação de contratos de *swap* da ordem de USD 9 bilhões, visando fortalecer as reservas do Banco Central da República Argentina (BCRA), bem como abrindo a possibilidade de desenvolver parcerias que envolvam o ambicioso projeto chinês da reconstituição da antiga rota da seda, com a vertente a alcançar a América Latina (CHINA, 2018).

Recentemente, sob a presidência de Alberto Fernández (2019 – atual), o acordo para a cooperação das atividades espaciais é publicado por meio da resolução 30517 de 7 de agosto de 2020 (ARGENTINA, 2020a). Dinatale (2020) sustenta que tal resolução teve influência direta do governo de Pequim com intuito de não haver questionamentos sobre os direitos expressos no acordo entre as duas nações. Em contrapartida, há liberação de novo contrato de *swap* entre os bancos centrais das duas nações da ordem de USD 18,5 bilhões, o que reforça as reservas internacionais portenhas, em face de alta volatilidade global, causada principalmente pela pandemia da Covid-19, muito embora na Argentina haja fatores críticos anteriores de ordem econômica que agravam o quadro.

Desta forma, a presença da China na América Latina afeta diretamente os interesses norte-americanos na região à medida que Pequim oferece vantagens concretas aos países do continente, notadamente no campo financeiro e na infraestrutura regional (CHINA, 2016), desde que seja facilitado o escoamento de produtos primários para serem exportados à China. Ou seja, o auxílio é dirigido de forma a atender também a interesses geoeconômicos dos investimentos orientais em suas demandas internas, visando garantir o consumo de seu mercado interno que demanda cada vez mais por produtos da América Latina. Esta estratégia, é corroborado pela edição do “*China's Policy Paper on Latin America and the Caribbean*” (CHINA, 2016), que mesmo sem fazer menção

individualizada às nações, preconiza a continuidade da adoção do *soft power* chinês no continente.

Outro exemplo da aproximação chinesa com Buenos Aires se faz sentir na questão Malvinas que é suscitada por Wilson (2015). O autor afirma que os EUA se consideram neutros na reivindicação territorial, quando na verdade, em 1982, apoiaram os britânicos no conflito, selando uma aliança sólida que possui com o Reino Unido (CARVALHO, 2017). Enquanto isso, os chineses, segundo Gomes Júnior (2016), dispendo do mesmo poder de veto no seio do Conselho de Segurança das Nações Unidas, se abstiveram de votar na Resolução 502 que, a pedido do Reino Unido, exigia a retirada imediata das tropas argentinas em solo malvinense.

A China, consciente deste fato, apoia a pretensão portenha e consegue aproximar-se mais da Argentina. Entretanto, Wilson (2015) alerta que a possibilidade de a China fornecer armamentos já fez com o que o Reino Unido reorientasse sua política para a defesa e segurança do arquipélago. Levando em consideração os valores elevados dos acordos sino-argentinos, Wilson (2015) presume que no horizonte das próximas décadas as forças armadas argentinas não terão capacidade a ponto de reestabelecer um conflito armado pela soberania do território. Há de se verificar a fragilidade financeira argentina em honrar o pagamento de débitos, cujo desafio está em equacionar a via menos danosa de proceder com esta questão. Contudo, não se descarta a intensificação de protestos no sentido de reaver o território que se julga usurpado pelos britânicos em 1833 e, este fato poderá requerer uma posição dos EUA, país que ainda conta com o ressentimento dos países da América Latina pela decisão tomada em 1982.

3. A estação espacial chinesa na Argentina: o *soft power* chinês sobre o território

Como vimos no item anterior, a China, segundo Londoño (2018), ao se aproveitar da crise financeira pela qual passam países da América Latina, como o que a Argentina viveu em 2009, enxerga uma janela de oportunidade para imprimir política perante a fragilidade representada econômica desses países. No caso da Argentina, tal vulnerabilidade é representada pelos índices altos de inflação, pela pressão sobre os preços administrados pelo governo e, ainda, pela pior seca agrícola dos últimos cinquenta anos que desestimulou a reação econômica. Diante deste quadro, acordos foram confeccionados entre os governos de Pequim e Buenos Aires que, segundo o autor, visavam sobretudo atender “ambições espaciais de Pequim” (LONDOÑO, 2018).

A Estação CLTC-CONAE-NEUQUEN, negociada em segredo, advém da iniciativa de acordos que envolvem a aquisição de armamentos que, segundo Van de Maele (2017) e Wilson (2015), representam o sinal verde para a aquiescência portenha na construção do empreendimento. Desta forma, segundo Urdinez et al. (2016), a Argentina torna-se o país que inova nas relações com os chineses entre os demais países da América Latina, ao permitir no seio de seu território soberano obra de tamanha magnitude que foi aprovada em dezembro de 2014 pelo senado argentino, consoante ao espírito traçado na cooperação sino-argentina.

Trata-se da “mais moderna estação de pesquisa da RPC¹³, e a primeira fora do país” (GOMES JUNIOR, 2016, p.63). Contudo, não há outras bases espaciais chinesas localizadas em países da América do Sul, bem como não há eventuais tratativas entre a China e outros países latino-americanos para a criação de bases espaciais similares à de Neuquén.

¹³ República Popular da China

A Estação CLTC-CONAE-NEUQUEN é composta por uma estrutura de 540 toneladas, com área de 200 hectares. O aluguel, pagamento de impostos à *China's National Space Agency*¹⁴, isenção de IVA, facilitação aduaneira pelo prazo de cinquenta anos e, ainda, a responsabilização trabalhista e civil dos funcionários chineses do empreendimento seguirão as leis da China e não do solo argentino (URDINEZ et al., 2016), e a Argentina terá acesso a apenas 10% (dez por cento) dos dados fornecidos pela estação espacial (FREITAS, 2016; WILSON, 2015; URDINEZ et al., 2016). Adicionalmente, a aprovação de lei provincial em 2014 assegura leis migratórias mais benevolentes aos trabalhadores chineses (URDINEZ et al., 2016).

A discussão no que se refere à estação espacial ganhou contornos de debate político no Senado argentino. Seligman (2019) demonstra a preocupação dos senadores no relativo à cessão excessiva de prerrogativas sem que fosse permitido supervisionar o funcionamento da base, ou admitir que sua administração fosse operada exclusivamente por militares do Exército Popular de Libertação. Tem-se ainda, o emprego de cidadãos chineses no empreendimento (GARRISON, 2019), bem como não existe a menção a parcerias com órgãos oficiais argentinos de fomento a intercâmbio educacional.

Seligman (2019) complementa a crítica de Garrison (2019) ao alertar que as declarações de Pequim e Buenos Aires muito embora sinalizem que o uso da estação espacial será civil e pacífico, de fato, será operacionalizada por militares chineses. As reações da comunidade internacional ao avanço chinês encontram eco na seara de nações como EUA e União Europeia, para quem a expansão chinesa é preocupante, visto que os investimentos visam monitorar, espionar e coletar informações dos satélites dos países da aliança atlântica, bem como de sua posição no espaço, pois “a localização

¹⁴ Agência Espacial Nacional Chinesa (tradução nossa).

geográfica da nova estação fornece cobertura espacial crítica à China nos hemisférios sul e oeste” (SELIGMAN, 2019).

Esta preocupação tem substrato no acordo firmado em 2015 que, no artigo segundo, trata da cooperação bilateral espacial e em seus incisos preconiza o desenvolvimento de veículos espaciais, bem como estações terrestres visando a recepção, o acompanhamento e atividades de telemetria e, ainda, lançamento de satélites e desenvolvimento de projetos cuja aplicação está direcionada para telecomunicações, navegação e a teleobservação (ARGENTINA, 2020a).

Todavia, a cordialidade e generosidade exaradas por Pequim vão demandar contrapartida de Buenos Aires, para que atenda aos interesses chineses na América Latina com repercussão no mundo. A expansão chinesa necessita de presença junto à comunidade internacional e é nesse sentido que a construção da estação espacial, com posição privilegiada e finalidade pacífica e não militar, precisou ser confirmada em protocolo adicional assinado em setembro de 2016 (VAN DE MAELE, 2017, p. 57). Isso lhe permitirá, por exemplo, economia para futuras expedições à Lua. Wilson (2015) aduz que a posição estratégica da base permite comunicação em tempo real sem deslocamento de satélites à China, bem como abre possibilidades sobre pesquisas em Marte e sobre eventual envio de missões não tripuladas (WILSON, 2015, p. 4).

Porém, a preocupação das autoridades norte-americanas e europeias nesta manobra se refere à forma como a China pode controlar o rumo dos satélites, influenciando o destino de sua missão. Portanto, entendem que a finalidade desta base é o de espionagem do serviço secreto dos EUA e da União Europeia, pois segundo Van de Maele (2017), o arcabouço da estação espacial envolve instalações de antenas parabólicas direcionáveis que podem atingir até 35 metros de diâmetro, bem como meios necessários à engenharia espacial e de alojamentos para a equipe técnica chinesa. Isto, sem contar a construção de usina elétrica cujo custo

chega a aproximadamente USD 10 milhões de dólares, o que, segundo Van de Maele (2017), configura terreno propício para guerras cibernéticas no futuro. Agregue-se a isso, o alerta de Arguello (2019) que questiona a magnitude do empreendimento que pode ter uso dual, portanto pacífico e militar mas, ao mesmo tempo, que preconize pesquisas de cunho científico com condições de espionar e interceptar dados.

A Estação CLTC-CONAE-NEUQUEN é parte integrante do novo paradigma chinês de política externa na América Latina. O intuito chinês de cooperação precisa ser enxergado sob a ótica do “win-win”¹⁵ e o cuidado com o direcionamento dos investimentos em infraestrutura na região. A justificativa oficial do projeto é o de realizar observação e exploração pacífica do espaço e que já contribuiu com o sucesso da missão no lado escuro da lua. Porém, segundo relato descrito por Urdinez et al (2016), o objetivo primordial da China, a emergir como potência global neste século, está particularmente em desenvolver pesquisas visando a exploração de Marte.

4. Considerações finais

Este artigo demonstra a importância do estudo das relações internacionais que envolvam países latino-americanos e de outros continentes do globo, bem como a forma como se relacionam e da maneira que suas decisões podem impactar o cenário regional. O trabalho exposto serve como premissa para chamar a atenção da comunidade acadêmica sobre a importância do tema e da necessidade de estudos mais aprofundados, visto que as relações entre nações soberanas são regidas por complexas negociações e com eventual mudança de rumo a depender do incumbente que está no exercício do cargo de chefe de Estado.

¹⁵ Ganha-ganha (tradução nossa)

Ficou exposto que no campo das relações internacionais, os motivos que levam os países a celebrarem acordos seguem motivações que atendem interesses de curto prazo, como no caso da Argentina, que precisava do auxílio para poder suportar com mais vitalidade às pressões internas e externas. Por outro lado, este país também enxergava na celebração desse acordo resultados em prazo mais extenso, visto que as informações coletadas sem fins militares poderiam direcionar a ciência e investigações daquele país sobre o espaço.

A reflexão orientada neste trabalho diz respeito a como a entrada da China com o perfil de cooperação e da harmonia a países da América Latina pode ou não ser benéfica a estes países, pois a cessão de soberania que a estação espacial chinesa obriga à Argentina pode criar situações de disputa antes nunca vistas, já que o acordo prevê que Buenos Aires, além de abrir mão da jurisdição que envolve à localidade, terá à disposição apenas 10% das informações pesquisadas, a título de compartilhamento. Nesse contexto, deve-se pensar na ingerência na soberania nacional e de como ela pode afetar os demais países vizinhos, visto que o poder de Pequim atualmente é superior em termos tecnológicos ao dos países da América Latina.

Digno de nota, a questão a ser investigada no presente artigo diz respeito ao *animus* do apoio mútuo em questões sensíveis dos dois países e de como esta situação traz disposição para negociar. A dificuldade financeira argentina e a disposição de Pequim em ocupar brechas relegadas pelos norte-americanos no continente auxiliam o êxito do gigante asiático na região. O resultado conduz para maior visibilidade entre as nações e, assim, estes contornos vão se ajustando à sistemática global. Fato é que, indiscutivelmente, a China apresenta condições excepcionais de investimentos em várias frentes e em todos os continentes do globo e, aproveita as brechas para poder efetuar diálogos de alto nível. Contudo, o

faz de modo a tirar proveito da melhor forma possível visando o seu desenvolvimento interno.

A principal contribuição do presente trabalho aponta na direção de atentarmos para as verdadeiras intenções dos países que buscam celebrar acordos que envolvam as riquezas naturais de outras nações e a exigência de compartilhamento ou cessão de soberania, pois pode-se tentar resolver um problema criando um maior, vez que as regras estipuladas não são facilmente renegociadas quando do outro lado se encontra um ator mais poderoso e não disposto a abrir mão daquilo que fora conquistado.

É importante destacar que em momentos de vulnerabilidade, as nações podem não ter a temperança necessária para celebrar acordos, pois os dirigentes políticos podem estar acossados por problemas internos que necessitam de rápida solução, sob pena de destituição do cargo ou, ainda, de ver diminuídos seus poderes. Desta forma, a negociação pode ser injusta, já que a necessidade imediata o obriga a ceder, quando em momentos de estabilidade não seguiria este caminho.

Os textos e discursos aqui exarados apresentam posições divergentes entre os que defendem a estação espacial e os que alertam para eventuais descaminhos das informações produzidas nesse território. Todavia, se faz cristalina a sobreposição de interesses e como a cooperação harmônica preconizada pela China traz a disputa com os EUA para o solo argentino, deixando a Argentina como mera espectadora desse embate global. Por isso, a intenção do pesquisador em coletar textos com visões pró e contra a China e, conseqüentemente com os EUA, pois somente com esta multiplicidade se faz possível aprofundar a presente questão.

A crítica, no entanto, estampada por autores que descrevem como perigosa a iniciativa chinesa, costumam demonstrar que a cooperação econômica preconizada por Pequim na verdade esconde um forte componente de alimento político com viés de fazer contraposição com os

EUA. De modo que a região não será induzida ao desenvolvimento econômico, mas outorgada a esquema de vassalagem e suserania, pois no caso da estação espacial CLTC-CONAE-NEUQUEN, a Argentina renuncia à soberania na área e enxerga que todo o funcionamento do empreendimento funciona com direção chinesa, seja o capital, força de trabalho e tecnologia disponível, ainda que se aplique sua própria legislação, protegendo-se de eventuais questionamentos internos na justiça argentina.

Doravante aos que defendem a instalação da estação espacial, bem como a relação estratégica, enxergam na China a voz com poderio global para defender os interesses da nação, no momento da recuperação econômica e do intercâmbio comercial dual, como também no apoio para a causa das Malvinas. Ou seja, dentro do espectro da harmonia e crescimento conjunto direcionado por Pequim.

No campo da estratégia político-militar, estas lições são fundamentais para a compreensão de fatos que ocorrem na América Latina, em especial na Argentina, e que servem de alerta para estudos mais aprofundados para proporcionar visibilidade à temática no sentido de explanar a futuras gerações sobre fatos presentes que têm repercussão na integração dos países da região.

5. Referências

ARANDA, Isabel Rodríguez; VAN DE MAELE, Diego Leiva. **El soft power en la política exterior de China:** consecuencias para América Latina. *Polis*. Santiago, v. 12, n. 35, p. 497-517, agosto 2013. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682013000200022&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 6 jan, 2020. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682013000200022>.

ARGENTINA. Presidencia. Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto. **Acuerdo Marco para la Cooperación en el campo de las actividades espaciales entre el Gobierno de la República Argentina y el Gobierno de la República Popular China.** 2020a. Disponível

em:

<https://www.boletinoficial.gob.ar/detalleAviso/primera/233243/20200807>.

Acesso em: 29 set. 2020.

ARGENTINA. Presidencia. Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto. **Reunión de trabajo entre el Secretario Filmus y el Embajador de la República Popular China en la Argentina.** Información para la Prensa N°: 424/20. 23 dez. 2020. 2020b. Disponível em: <https://www.cancilleria.gob.ar/es/actualidad/noticias/reunion-de-trabajo-entre-el-secretario-filmus-y-el-embajador-de-la-republica>. Acesso em: 26 dez. 2020.

ARGUELLO, Irma. Por qué la base china en Neuquén debería preocuparnos. **Infobae.** 10 fev. 2019. Disponível em: <https://www.infobae.com/opinion/2019/02/10/por-que-la-base-china-en-neuquen-deberia-preocuparnos/>. Acesso em: 12 dez. 2019.

BONIFACE, Pascal. **La Géopolitique.** 3. Ed. Paris: Eyrolles, 2016.

CARVALHO, Rogério do Nascimento. **A influência britânica no Atlântico Sul:** o caso das ilhas Malvinas. Dissertação. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2017. 104 f.

CHINA (Ministério das Relações Exteriores). **Declaración Conjunta entre la República Popular China y la República Argentina.** Beijing, 13 julho 2010. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/esp/wjb/zzjg/lmzms/gjlb/3453/3454/t717906.shtml>. Acesso em: 21 nov. 2019.

CHINA (Ministério das Relações Exteriores). **Xi Jinping Se Reúne con el Presidente Argentino Makri** . Johannesburgo, 27 julho 2018. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/esp/wjb/zzjg/lmzms/gjlb/3453/3455/t1581093.shtml> . Acesso em: 21 nov. 2019.

CHINA. **Full text of China's Policy Paper on Latin America and the Caribbean.** 24 nov. 2016. Disponível em: http://www.china.org.cn/world/2016-11/24/content_39777989.htm. Acesso em: 14 dez. 2019.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica:** Discursos sobre o Território e o Poder. 2ª ed. 3ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

DINATALE, Martín. Por pedido de Xi Jinping, el Gobierno ratificó el acuerdo con China por la estación espacial en Neuquén. **Infobae.** 08 agosto 2020. Acesso em:

<https://www.infobae.com/politica/2020/08/08/por-pedido-de-xi-jinping-el-gobierno-ratifico-el-acuerdo-con-china-por-la-estacion-espacial-en-neuquen/>. Disponível em: 29 set. 2020.

ELLIS, Evan. China's Strategy in Latin America Demonstrates the boldness of President Xi. **The Manzella Report**. 19 fev. 2014. Disponível em: <<https://phibetaiota.net/wp-content/uploads/2014/02/Chinas-Strategy-in-Latin-America-CELAC-Forum.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

FREITAS, Alexandre de Barros. **Relações Argentina - China**: a construção de um vínculo assimétrico. Artigo científico. Brasília: Universidade de Brasília, 2016. 26 p. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/17523/1/2016_AlexandredeBarrosFreitas_tcc.pdf. Acesso em: 02 dez 2019.

GARRISON, Cassandra. Argentine lawmakers seek greater oversight of Chinese space facility in Patagonia. **Reuters**. 29 março 2019. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-argentina-china-space/argentine-lawmakers-seek-greater-oversight-of-chinese-space-facility-in-patagonia-idUSKCN1RA24I>. Acesso em: 07 nov. 2019.

GOMES JÚNIOR, Amaury Marcial. **A Geopolítica da China e a sua influência na Argentina**: possíveis reflexos para a Marinha do Brasil. Dissertação. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2016. 130 f.

GOSWAMI, Namrata. China's grand strategy in outer space: to establish compelling standards of behavior. **The Space Review**. 05 agosto 2019. Disponível em: <https://www.thespacereview.com/article/3773/1>. Acesso em: 07 nov. 2019.

HANBAN, 2019. Instituto Confucio-**Acerca del Instituto/Aula Confucio**. Disponível em: http://spanish.hanban.org/confuciousinstitutes/node_31587.htm. Acesso em: 06 jan. 2020.

JAFFE, Alexandra. China built a \$50 million space base in Argentina to reach the dark side of the moon, but it's casting a shadow on its neighbors. **Vice News**. 30 nov. 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/en_us/article/a3mje4/china-built-a-dollar50-billion-space-base-in-argentina-to-reach-the-dark-side-of-the-moon-but-its-casting-a-shadow-on-its-neighbors>. Acesso em: 21 nov. 2019.

LONDOÑO, Ernesto. Desde una estación espacial en Argentina, China expande su presencia en Latinoamérica. América Latina. Negócios. **The New York Times (Esp)**. 28 julho 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/es/2018/07/28/china-america-latina-argentina>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

PARELLO-PLESNER, Jonas. **China's risk map in the South Atlantic.** Washington: The German Marshall Fund of the United States, 2016. Disponível em: <http://www.gmfus.org/listings/research/type/publication>. Acesso em: 12 dez. 2019.

SELIGMAN, Lara. U.S. Military Warns of Threat From Chinese-Run Space Station in Argentina. **Foreign Policy.** 08 fev. 2019. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/02/08/us-military-warns-of-threat-from-chinese-run-space-station-in-argentina/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

SHIXUE, Jiang. Una mirada china a las relaciones con América Latina. **Nueva Sociedad.** n° 203 / maio/junho 2006. p. 62-78. ISSN 0251-3552. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2380771>. Acesso em: 21 nov. 2019.

URDINEZ, Francisco; KNOERICH, Jan; RIBEIRO, Pedro Feliú. Don't Cry for Me 'Argenchina': Unraveling Political Views of China Through Legislative Debates in Argentina. **Journal of Chinese Political Science.** 9 maio 2016. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=2782054>. Acesso em: 24 dez. 2019. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2782054>

VAN DE MAELE, Diego Leiva. Xi Jinping and The Sino – Latin American Relations in The 21st Century: Facing The Beginning of A New Phase? **The Journal of China and International Relations.** Vol 5 No 1, 2017. Disponível em: <https://journals.aau.dk/index.php/jcir/article/view/1916/1481>. Acesso em: 02 jan. 2020.
DOI: <https://doi.org/10.5278/ojs.jcir.v5i1.1916>

WILSON, Jordan. China's Military Agreements with Argentina: A Potential New Phase in China-Latin America Defense Relations. **Staff Research Report. U.S.-China Economic and Security Review Commission.** 2015. Disponível em: <https://www.uscc.gov/sites/default/files/Research/China's%20Military%20Agreements%20with%20Argentina.pdf> . Acesso em: 19 nov. 2019.



PANORAMA DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO: EVOLUÇÃO DOS PRINCIPAIS PARCEIROS E PRODUTOS (1997-2020)

PANORAMA DEL COMERCIO EXTERIOR BRASILEÑO: EVOLUCIÓN DE LOS PRINCIPALES SOCIOS COMERCIALES Y PRODUCTOS (1997-2020)

OVERVIEW OF THE BRAZILIAN INTERNATIONAL TRADE: EVOLUTION OF MAIN TRADING PARTNERS AND PRODUCTS (1997-2020)

Romeu Bonk Mesquita¹ 

Edgard Monforte Merlo² 

Amaury Patrick Gremaud³ 

Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta um panorama do comércio exterior brasileiro entre 1997 e 2020, destacando a evolução das relações comerciais com os três principais parceiros e as exportações de cinco produtos: soja, milho, café, carne e frango. Em seguida, levanta a discussão sobre a reprimarização da pauta exportadora brasileira à luz das teorias de comércio exterior, questionando a recente tendência de interpretação de que a América Latina estaria regredindo ao modelo agroexportador. Os resultados revelam múltiplas tendências da economia e do comércio brasileiro: a participação do comércio exterior no PIB mostrou-se estável e baixa durante todo o período; o aumento da participação de produtos agroindustriais nas exportações não se refletiu em maior participação do agronegócio no PIB; o mercado doméstico consome parcelas significativas da produção dos produtos analisados; os produtos analisados apresentaram ganho de produtividade e de consumo doméstico. Assim, o artigo conclui que o Brasil possui características híbridas e não pode ser simplesmente caracterizado como uma economia agroexportadora, apesar da crescente importância que vem adquirindo o agronegócio no comércio exterior no contexto latino-americano. Por fim, sugere-se possibilidades de novos estudos para expandir a análise para a região da América Latina.

Palavras-chave: Comércio Exterior; Balança Comercial; Agronegócio; Commodities; Desenvolvimento Econômico.

¹ Mestre em Relações Internacionais e doutorando em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. E-mail: romeu.mesquita@usp.br

² Professor Associado da FEARP/USP e do Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina (PROLAM/USP), Professor Mestrado FCAV/UNESP. E-mail: edgardmm@usp.br

³ Professor Doutor da FEARP/USP e do Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina (PROLAM/USP). E-mail: agremaud@usp.br

Resumen: El artículo presenta un panorama del comercio exterior brasileño entre 1997 y 2020, destacando la evolución de las relaciones comerciales con los tres principales socios, y las exportaciones de cinco productos: soja, maíz, café, carne y pollo. En seguida, plantea la discusión sobre la reprimarización de las exportaciones brasileñas a la luz de las teorías del comercio exterior, cuestionando la pertinencia de caracterizar esta tendencia como un retorno de América Latina al modelo agrario-exportador. Los resultados revelan múltiples tendencias en la economía y comercio brasileños: la participación del comercio exterior en el PIB se mantuvo estable y baja durante todo el período; el aumento en la participación de productos agroindustriales en las exportaciones no se reflejó en una mayor participación de la agroindustria en el PIB; el mercado interno consume porciones significativas de la producción de los productos analizados; los productos analizados mostraron ganancias en productividad y consumo interno. El artículo concluye que Brasil tiene características híbridas y no puede caracterizarse simplemente como una economía agrario-exportadora, a pesar de la creciente importancia del agronegocio en el comercio exterior. Finalmente, planteamos posibilidades para que nuevos estudios avancen en la discusión hacia toda la región latinoamericana.

Palabras-clave: Comercio Exterior; Balanza Comercial; Agronegocio; Materias Primas; Desarrollo Económico.

Abstract: The article presents an overview of the Brazilian international trade from 1997 to 2020, highlighting the evolution of the three main commercial partnerships, as well as the exports of five goods: soybean, corn, coffee, meat and chicken. Then, it raises the discussion on the reprimarization of Brazilian exports, and whether it is adequate to characterize this trend as a return of Latin American economies to the agrarian exporting model. Results reveal multiple trends of Brazilian economy and trade: the trade-to-GDP ratio has been steady and relatively low throughout the period; the increased share of agroindustrial products in exports has not resulted in a bigger share of agribusiness in the GDP; domestic market absorbs a significant share of the production of analyzed goods; domestic consumption and productivity of analyzed goods have shown steady increase in the period. Thus, the article concludes that Brazil is a country with hybrid characteristics and cannot be simply considered an agrarian exporting economy, despite the increasing importance of agribusiness to international trade. Finally, we suggest ways that new studies can further advance this analysis to Latin America as a whole.

Key-words: International Trade; Trade Balance; Agribusiness; Commodities; Economic Development.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.178485](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.178485)

Recebido em: 24/11/2020

Aprovado em: 29/06/2021

Publicado em: 01/07/2021

1. Introdução

O Brasil, com o restante da América Latina, passou por uma abertura econômica no fim dos anos 1980 e início dos 1990, num contexto internacional atrelado ao início do Consenso de Washington, e doméstico ligado ao fim da Ditadura Militar, ao agravamento da crise da dívida e ao fim das políticas de industrialização dirigida pelo Estado (BÉRTOLA; OCAMPO, 2010). Neste período, no governo Sarney e especialmente no governo Collor, o Brasil derrubou grande parte das barreiras tarifárias e não-tarifárias vigentes (GREMAUD; DE VASCONCELLOS; TONETO JR., 2004). Desde então, o Brasil passou por mudanças na estrutura produtiva e nos padrões de trocas internacionais.

Dois processos históricos contribuíram para novas conformações de inserção do Brasil à economia global: o MERCOSUL e a ascensão da China. Mesmo que nem todos os objetivos do MERCOSUL tenham sido alcançados⁴, houve crescimento do comércio entre os seus membros. Este comércio, apesar da presença de bens primários, possui forte participação de bens industrializados. Por outro lado, a ascensão chinesa e sua grande demanda por commodities primárias pressionou os países latino-americanos rumo a um aumento da participação destes produtos na pauta de exportação (DE NEGRÍ; ALVARENGA, 2010).

Estes movimentos vêm suscitando uma retomada dos debates cepalinos dos anos 1940 a 1960 nos quais discutiam-se as potencialidades e limites do modelo agroexportador para a América Latina e sua relação com o subdesenvolvimento. Atualmente, o crescimento das exportações de bens intensivos em recursos naturais passou a ser uma oportunidade para algumas economias, mas há fortes receios, pois a reprimarização da pauta

⁴ O MERCOSUL buscou consolidar um mercado regional mais forte com a intensificação dos fluxos regionais de comércio e a regionalização das cadeias produtivas, além de atrair investimentos estrangeiros e aumentar o poder de barganha regional em negociações internacionais.

exportadora estaria associada à desindustrialização e à manutenção de um atraso estrutural da economia brasileira.

Informado pelo debate do pós-segunda guerra, este trabalho discute alguns elementos relacionados às mudanças no modo de inserção da economia brasileira e a importância do setor agroindustrial dentro dessa nova realidade. Algumas das perguntas que guiaram o trabalho foram: como tem se modificado a pauta de exportações nessa nova configuração internacional? Qual tem sido o saldo da balança comercial com os principais parceiros brasileiros e quais são os produtos mais exportados? Com as respostas, espera-se poder discutir a hipótese de reprimarização do comércio internacional do país e suas implicações.

O período abordado, em função da restrição e homogeneidade metodológica dos dados, vai de 1997 até 2019, e quando possível 2020. Neste período a abertura comercial brasileira já se consolidou e observa-se a queda da participação industrial no PIB brasileiro. O trabalho está focado, por um lado, no avanço da importância chinesa como parceiro comercial e, por outro, na cadeia do agronegócio como setor produtivo e exportador. Utilizam-se dados do IBGE, IPEADATA, Banco Mundial, ComexStat, e indicadores produzidos pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da ESALQ/USP. Os dados incluem a evolução da participação do agronegócio no PIB, evolução da balança comercial, das exportações e importações no PIB, balanças comerciais com os principais parceiros, perfil da produção e exportações de cinco commodities agropecuárias selecionadas (soja, milho, café, carne bovina e frango), pertencentes à lista dos 10 produtos mais exportados pelo Brasil.⁵

⁵ Algumas construções de indicadores têm seu detalhamento apresentado no Apêndice, no final do artigo. Os dados foram colhidos nos sites das instituições referidas nos meses de agosto e setembro de 2020.

2. discussão da bibliografia e contextualização histórica

A criação da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) pode ser considerada um marco no estudo das razões para o subdesenvolvimento da América Latina. Conforme Celso Furtado (1970), a característica definidora das economias latino-americanas, entre o período colonial e as primeiras décadas do Século XX, é a de agroexportadoras, isto é, exportadoras de produtos primários e consumidoras de manufaturas. A heterogeneidade estrutural destas economias, bem como sua vulnerabilidade externa, já era debatida desde o texto pioneiro de Raul Prebisch, em 1949 (PREBISCH, 2000).

Estas economias se caracterizariam por ter elevada participação do setor exportador na economia, sendo este o setor econômico dinâmico, que se completa, dentro do dualismo que marca estas sociedades, por outros setores econômicos de baixa produtividade e dinamismo. Outra característica é o seu elevado coeficiente de importação, onde as importações responderiam por grande parcela do consumo destas sociedades. Tavares (1983) destaca esta separação entre uma estrutura de produção concentrada em poucos produtos primários exportáveis e um padrão de consumo que só pode ser efetivado por uma pauta de importações fortemente diversificada e recheada de produtos manufaturados. Tal separação conduz a uma grande vulnerabilidade das economias latino-americanas.

Tavares (1983) argumenta ainda que a economia brasileira seria estruturalmente vulnerável não apenas por esta heterogeneidade entre produção e consumo, mas também em função das oscilações dos preços dos poucos produtos exportáveis, além de destacar a deterioração dos termos de troca destas exportações, já apresentada no texto de Prebisch e que ficou conhecida como tese Prebisch-Singer (dada a convergência com os trabalhos do economista Hans Singer). A tese da deterioração dos termos de troca, ou seja, da tendência de queda relativa dos preços de

exportação frente aos de importação das economias latino-americanas, acabaria por colocar em dúvida a repartição dos ganhos do comércio internacional no longo prazo quando países se concentram e se especializam nas exportações de poucos produtos primários. A baixa demanda, no longo prazo, dos produtos primários, em comparação com os manufaturados, relacionada a uma elasticidade-renda da demanda de parte dos produtos primários inferior a 1, é uma das bases da tese Prebisch-Singer.⁶

Estes são alguns dos problemas de uma economia especializada na produção de poucos bens primários, com elevada heterogeneidade interna, o que entorpecia seu desenvolvimento e conduzia a economia a crises sistemáticas. Tais crises sistemáticas se traduziam em uma tendência crônica de desequilíbrio externo, desemprego, inflação e, em última instância, subdesenvolvimento, como destacado em outro texto de Celso Furtado (1966).

A realidade dos países latino-americanos nesta fase agroexportadora e seus problemas para o desenvolvimento possuem amplo debate na literatura. Bulmer-Thomas (1995) fez um balanço das economias latino-americanas e concluiu que elas experimentaram crescimento sustentado pelas exportações de algumas commodities. Porém, este crescimento foi inferior ao dos países centrais, a não ser por exceções como Argentina e Uruguai, que decorreram de diferenciações dentro do modelo agroexportador, como: a diversificação das exportações, mesmo que primárias; certa “sorte” no fato de suas exportações primárias não terem as características típicas que conduziriam a uma tendência de deterioração de seus preços; ou um *linkage* mais forte entre o setor exportador e os setores domésticos destas economias. Nestes casos, ainda que com uma série de problemas, economias como a da Argentina antes da década de

⁶ Vários debates ocorreram sobre a validade da tese e o próprio Prebisch (1986) voltou ao tema anos depois da formulação original. Para o Brasil, Kannebley e Gremaud (2003) encontram uma tendência, apesar de pequena, de deterioração, mas o movimento é marcado por algumas rupturas e pelo comportamento cíclico.

1930 tiveram crescimento econômico per capita compatível com o desenvolvimento das economias mais avançadas.

A questão que se coloca para as economias latino-americanas que voltaram a se reprimarizar é até que ponto esta reprimarização ocorre nos moldes das antigas economias agroexportadoras? As questões de vulnerabilidade e entorpecimento do desenvolvimento voltaram a ser válidas?

A saída cepalina para as dificuldades de desenvolvimento das economias agroexportadoras era a industrialização conduzida pelo Estado. Segundo Fonseca (2009), o crescimento da produção e a complexidade da cadeia industrial teriam origem endógena no seio do próprio modelo agroexportador. O entendimento cepalino atribuía ao Estado um papel de catalisar esse processo por meio de políticas de desenvolvimento produtivo favoráveis à indústria. Conforme Lima e Santos (2001), o desenvolvimento das economias nacionais mediante a industrialização foi adotado como política de Estado, cuja execução no Brasil foi possível devido a um sólido consenso político nacional que durou do fim dos anos 1940 até os anos 1980, no que ficou conhecido como industrialização dirigida pelo Estado, ou industrialização por substituição de importações (ISI).

Nos anos 1980, chegou ao fim o consenso político sobre a industrialização dirigida pelo Estado. Parte das políticas de desenvolvimento produtivos foram encerradas e a economia brasileira passou por profundas transformações. Iniciou-se a perda de participação relativa da indústria na renda nacional e o crescimento dos bens primários na pauta de exportação. O setor agrícola brasileiro, com uma crescente capacidade de articulação política, deixou de ser discriminado negativamente, já que a proteção à indústria implicava em transferência de renda do setor primário ao secundário por meio de mecanismos como a apreciação cambial (HELFAND, 2000). A modernização do setor agrícola se acentuou com o aumento da produtividade, além de uma diversificação da

produção e das exportações (BACHA; VINÍCIOS DE CARVALHO, 2014; RADA; HELFAND; MAGALHÃES, 2019).

Parte dessa transformação pode ser atribuída a mudanças no cenário internacional. O crescimento econômico da Ásia e sua demanda por matérias-primas se tornou um incentivo para a concentração das estruturas produtivas latino-americanas em bens intensivos em recursos naturais, dadas as vantagens comparativas que a região desfruta. Esta reconfiguração da economia e do comércio brasileiro revitalizou o interesse pelos debates travados dos anos 1940 a 1960, tendo como foco a discussão sobre se a América Latina como um todo, e o Brasil em especial, estaria voltando ao modelo agroexportador.

Neste sentido, existe a discussão de que a tendência negativa dos termos de troca deveria ser reconsiderada em função da ampliação da demanda decorrente de novos consumidores como China e Índia. Outra colocação que também reconsidera a tese Prebisch-Singer diz respeito à composição da nova pauta exportadora com maior participação de bens primários ou intensivos em recursos naturais. A tese de deterioração dos termos de troca depende de quatro elementos: a) baixa diversificação da pauta exportadora, mesmo que concentrada em produtos primários; b) que estes produtos tenham uma demanda com elasticidade-renda menor que 1; c) que os produtos sejam negociados em ambientes concorrenciais; d) que na base do processo produtivo destes bens haja condições de produção em situações conforme os chamados modelos *à la Lewis* (onde não existem limites de oferta em parte dos fatores de produção).

Assim as perguntas que se colocam são: i) se a ampliação da demanda decorrente do consumo asiático altera a tese da deterioração dos termos de troca e; ii) se a nova pauta de exportações possui (ao menos parte) as condições acima levantadas, se assemelhando ou não à pauta exportadora das economias agroexportadoras do século passado.

Segundo análise feita por Erten e Ocampo (2013), o crescimento sustentado da demanda por matéria-prima em países emergentes como Índia e China, induziu a um processo de superciclo dos preços das commodities a partir do início dos anos 2000, particularmente para o caso dos produtos da mineração. No entanto, a média de preço das commodities (exceto petróleo) no superciclo recente costuma ser mais baixa do que a média de preços no superciclo anterior, o que daria fôlego à tese Prebisch-Singer. Esta visão é reafirmada por Ocampo (2017).

Como afirmam Pamplona e Cacciamali (2017), os motivos que levam parte da literatura a entender a abundância de recursos naturais como uma “maldição” vão além da deterioração dos termos de troca. Estes autores destacam a chamada doença holandesa, quando a exportação de commodities leva à apreciação do câmbio, que por sua vez acarreta perda de competitividade do setor manufatureiro e a uma tendência de diminuição de sua importância. Completa-se a história com a falta de diversificação produtiva nestas economias que passam a depender das importações para seu consumo. Ocampo (2017), reforça a existência de um problema de doença holandesa para o caso latino-americano durante o *boom* de preços de commodities e a crescente primarização das exportações acompanhada por uma perda de tecido produtivo nestas economias. Estes elementos de certa forma corroboram a tese cepalina de que as economias agroexportadoras tendem a perpetuar sua heterogeneidade estrutural.

Outra abordagem, no entanto, interpreta que a alta dos preços das commodities foi uma oportunidade para países abundantes em recursos naturais iniciarem um ciclo virtuoso de desenvolvimento. Svampa (2013) destaca que o crescimento das atividades e das exportações intensivas em recursos naturais que se efetivou não apenas no Brasil, mas em boa parte da América Latina, ampliaram as teses de que esta abundância de recursos e sua exploração não são uma maldição e poderiam gerar, por meio deste neoextrativismo, divisas que não apenas promovessem o crescimento,

como permitissem a sua redistribuição. Conforme a autora forma-se entre os liberais, defensores das teses das vantagens comparativas, uma espécie de “consenso das commodities”, em favor deste modelo de desenvolvimento.

A partir desta interpretação, as atividades intensivas em recursos naturais administradas por instituições e políticas públicas adequadas podem passar por saltos de produtividade e aprimoramento técnico; garantir a oferta de matéria-prima para cadeias industriais; garantir a segurança alimentar; incentivar a criação de cadeias complexas; demandar e/ou transbordar inovação técnica de/para outros setores; avançar na fronteira tecnológica de indústrias de ponta e de recursos renováveis; possibilitar o acúmulo de receitas, divisas e capital necessários para a diversificação produtiva (BACHA, 2018; SINNOTT; NASH; DE LA TORRE, 2010).

3. Evolução do agronegócio e do comércio exterior no pib

Um elemento clássico nas análises sobre reprimarização e desindustrialização no Brasil é a participação do setor industrial no PIB. Autores como Bonelli e Pessôa (2010), que não acreditam que a desindustrialização seja um problema e que ressaltam a existência de modificações metodológicas nas séries históricas de cálculo do PIB e ilusão estatística⁷, aceitam que houve uma queda do valor adicionado da indústria no PIB nas últimas décadas.

Porém, é interessante analisar estes dados a partir da evolução da participação do agronegócio no PIB brasileiro. O agronegócio ganhou importância na pauta exportadora brasileira: as commodities agropecuárias responderam, em 2019, por 8 dos 10 produtos mais

⁷ A ilusão estatística se deve à terceirização que atingiu o setor industrial e acarretou a diminuição estatística de sua participação no PIB e a mudanças nos preços relativos que favoreceram a queda da participação da indústria, pois os preços industriais que ponderam a quantidade no cálculo do produto diminuíram frente a outros preços.

exportados pelo Brasil. O conceito de agronegócio envolve as atividades industriais e de serviços ligadas ao setor agropecuário. O efeito da expansão das atividades do núcleo primário agropecuário sobre outros setores da economia pode ser observado a seguir (Tabela 1).⁸

Tabela 1 – Decomposição do PIB do agronegócio como % do PIB brasileiro (1997-2019)

Período (média)	(A) Insumos	(B) Agropecuária	(C) Indústria	(D) Serviços	(A+B+C+D) Total
97-2000	0,78%	4,43%	10,28%	12,98%	28,45%
2001-2004	1,18%	5,75%	9,65%	12,50%	29,08%
2005-2008	1,05%	4,83%	7,70%	9,68%	23,25%
2009-2012	0,98%	4,83%	6,50%	8,65%	20,88%
2013-2016	0,98%	5,03%	6,03%	8,40%	20,40%
2017-2019	1,00%	5,00%	6,27%	8,83%	21,17%

Fonte: elaboração própria com dados do CEPEA/USP

Conforme mostra a Tabela 1, o agronegócio brasileiro perdeu importância relativa na renda nacional entre 1997 e 2012, quando se estabilizou na faixa de 20 a 22% do PIB. Esta queda está relacionada especialmente à queda da “porteira para fora”: a agroindústria e os agrosserviços, uma vez que os insumos e a agropecuária propriamente dita se mantiveram relativamente constantes no período.

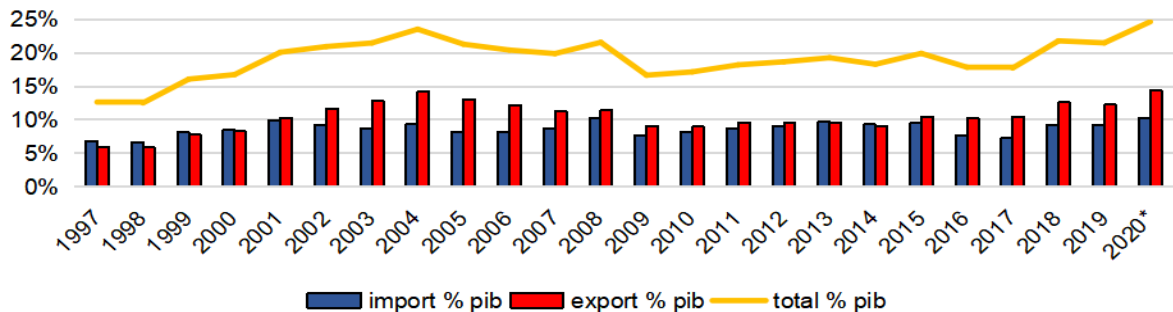
A Tabela 1 sugere que a reprimarização das nossas exportações, quando vista pelo lado da agropecuária, teve impacto pequeno sobre o próprio PIB do setor e efeitos reduzidos (ou mesmo negativos) nos encadeamentos produtivos, de modo que os produtos industriais e de serviços ligados ao agronegócio perderam participação relativa, o que auxilia na corroboração de um dos problemas destacados como problemáticos nas economias agroexportadoras: sua baixa ligação (*linkage*) ou seu baixo impacto nos demais setores.

Outra tendência a ser observada é a importância do comércio exterior para o Brasil. Conforme exibido no Gráfico 1, o volume total de comércio (exportações e importações), ampliou-se inicialmente entre 1998

⁸ Utiliza-se aqui a metodologia de construção do chamado agronegócio realizada pelo CEPEA da ESALQ/USP.

e 2004, a partir daí oscilando entre 15% e 23%. As importações superaram os 10% somente para os anos de 2008 e 2020, enquanto as exportações se mantiveram em média superiores, oscilando em torno de 15% do PIB.

Gráfico 1 – Importações e exportações brasileiras como porcentagem do PIB (1997-2020*)⁹



*2020 somente primeiro semestre.

Fonte: elaboração própria com dados do ComexStat, IBGE e IPEADData

A título de comparação, segundo o Banco Mundial (2020), a média global do volume de comércio (exportações e importações) como porcentagem do PIB se manteve acima de 40% desde 2002. O padrão brasileiro está muito próximo dos EUA (17% a 24%) e distante do Uruguai (23% a 50%), Paraguai (44% a 64%) e México (43% a 76%). Portanto, a economia brasileira possui uma diferença em relação aos outros países latino-americanos.

4. Evolução da balança comercial e dos principais parceiros

A balança comercial brasileira tem se mantido, em média, superavitária desde 2001. A Tabela 2 mostra, em dólares de 2019¹⁰, os valores de importações, exportações, saldo e volume, além da razão das exportações sobre as importações.

Tabela 2 – Balança comercial brasileira, em milhões de USD constantes de 2019 (1997-2019)

⁹ Para o período 1997-2019 foi utilizado o PIB em USD correntes do World Bank Data. Para o 1º semestre de 2020, foram somados os resultados do PIB dos dois primeiros trimestres do IBGE que foram convertidos em dólares com base na média das taxas de câmbio de compra e venda para o período (R\$5,13), calculada com dados do IPEADData.

¹⁰ Para atualizar o dólar americano foi utilizado o índice do deflator implícito do PIB dos EUA do World Bank Data. Para as análises do 1º semestre de 2020 foi acrescida a inflação de 1,2% nos EUA no 1º semestre de 2020, registrada pela plataforma Statista.

Período (média)	(A) Importações	(B) Exportações	(B-A) Saldo	(B+A) Volume	Razão (B/A)
97-2000	82.227,03	75.554,11	-6.672,92	157.781,13	0,92
2001-2004	73.084,46	96.802,13	23.717,67	169.886,59	1,33
2005-2008	140.367,04	185.449,66	45.082,62	325.816,70	1,37
2009-2012	218.252,71	241.427,63	23.174,92	459.680,35	1,11
2013-2016	210.505,22	225.158,36	14.653,13	435.663,58	1,10
2017-2019	168.135,13	230.615,01	62.479,88	398.750,13	1,37

Fonte: elaboração própria com dados do ComexStat

Na Tabela 2 se observa que o Brasil teve um crescimento do volume de comércio, atingindo o pico no período de 2009-2012, um crescimento de quase 3 vezes comparado com a média do período de 1997-2000. Porém, a partir de 2013, o Brasil entrou numa tendência de queda no volume de comércio, que caiu de US\$ 459 bilhões para US\$ 398 bilhões (15%). Mas, enquanto as importações tiveram quedas, as exportações se recuperaram, de modo que o saldo da balança atingiu níveis altos de superávit no período 2017-2019, quando sua média foi de US\$ 62,5 bilhões. Assim, de modo geral, o Brasil exportou mais do que importou.

A Tabela 3 mostra a evolução da participação dos três principais parceiros comerciais do Brasil (China, Estados Unidos e Argentina) nas nossas importações (como países de origem) e exportações (como países de destino). EUA e Argentina são parceiros históricos, enquanto a China passou a ser um dos três maiores parceiros somente na metade dos anos 2000.

Tabela 3 – Participação dos três maiores parceiros para as importações e exportações brasileiras (1997-2020*)

Período (média)	China		EUA		Argentina	
	Import	Export	Import	Export	Import	Export
97-2000	1,92%	1,83%	23,35%	20,98%	12,84%	12,29%
2001-2004	4,01%	4,90%	20,75%	23,72%	9,97%	6,70%
2005-2008	9,52%	6,86%	15,89%	16,91%	8,41%	8,87%
2009-2012	14,12%	16,12%	15,07%	10,40%	14,12%	16,12%
2013-2016	16,74%	18,93%	15,81%	11,99%	6,43%	7,20%
2017-2019	19,61%	25,69%	16,94%	12,58%	6,27%	6,27%
2020*	23,16%	33,56%	18,27%	9,92%	5,09%	3,65%

*2020: somente primeiro semestre.

Fonte: elaboração própria com dados do ComexStat

Na Tabela 3, observa-se o salto da economia chinesa na pauta de comércio brasileira. No período 1997-2000, 1,92% das importações brasileiras vinham da China, que recebia 1,83% das exportações. Sua importância foi crescendo paulatinamente, sendo o maior salto registrado na transição entre as décadas de 2000 e 2010. Nota-se que no período 2017-2019, a China foi a origem de 19,61% das importações e serviu como destino para 25,69% das exportações brasileiras, atingindo respectivamente 23,16% e 33,56% em 2020.

Esta figura contrasta com a queda da importância relativa de EUA e Argentina. No caso norte-americano, sua participação como destino de exportações caiu de 21% para 9,92% em 2020. A participação dos EUA nas importações brasileiras também sofreu queda, embora com alguma recuperação nos últimos anos. Já para a Argentina observa-se um movimento pendular. De 1997 a 2004, a Argentina perdeu participação, porém essa tendência foi revertida no período 2009-2012, quando atingiu recorde nas importações e nas exportações. A partir de então, a participação nas duas vias de comércio volta a cair, atingindo o ponto mais baixo do período em anos recentes.

A Tabela 4 mostra o volume de importações, exportações, saldo e volume total, em dólares de 2019, para China, EUA e Argentina. Nesta tabela se observa que o volume de comércio entre Brasil e China passou de cerca de US\$ 3 bilhões para US\$ 92 bilhões. Entre 1997 e 2012, as importações e as exportações cresceram em ritmos parecidos. Porém, de 2009 em diante as importações se mantiveram constantes na faixa dos US\$ 30 a 35 bilhões, enquanto as exportações saltaram para quase US\$ 60 bilhões, o que gerou sistemáticos saldos positivos para o Brasil.

Tabela 4 – Balança comercial do Brasil com a China, EUA e Argentina em milhões de USD constantes de 2019 (1997-2019)

Balança comercial com a China, em milhões de USD constantes (2019)				
Período (média)	(A) Importações	(B) Exportações	(B-A) Saldo	(B+A) Volume
97-2000	1.577,22	1.389,05	-188,17	2.966,27
2001-2004	2.963,66	4.894,82	1.931,16	7.858,48
2005-2008	14.025,57	13.033,37	-992,20	27.058,94
2009-2012	31.249,29	39.536,07	8.286,78	70.785,36
2013-2016	34.915,91	42.637,37	7.721,47	77.553,28
2017-2019	33.041,44	59.324,06	26.282,62	92.365,49
Balança Comercial com os EUA, em US\$ constantes (2019)				
Período (média)	(A) Importações	(B) Exportações	(B-A) Saldo	(B+A) Volume
97-2000	19.178,16	15.819,79	-3.358,37	34.997,95
2001-2004	15.125,94	22.641,97	7.516,03	37.767,91
2005-2008	21.960,05	30.756,17	8.796,12	52.716,22
2009-2012	32.739,16	25.173,19	-7.565,97	57.912,35
2013-2016	32.902,55	26.767,13	-6.135,42	59.669,68
2017-2019	28.498,62	28.986,20	487,58	57.484,82
Balança comercial com a Argentina, em US\$ constantes (2019)				
Período (média)	(A) Importações	(B) Exportações	(B-A) Saldo	(B+A) Volume
97-2000	10.604,79	9.299,62	-1.305,17	19.904,41
2001-2004	7.275,38	6.574,58	-700,80	13.849,97
2005-2008	11.650,38	16.514,18	4.863,79	28.164,56
2009-2012	17.043,93	20.780,55	3.736,62	37.824,49
2013-2016	13.568,77	16.301,65	2.732,88	29.870,43
2017-2019	10.547,90	14.449,78	3.901,88	24.997,68

Fonte: elaboração própria com dados do ComexStat

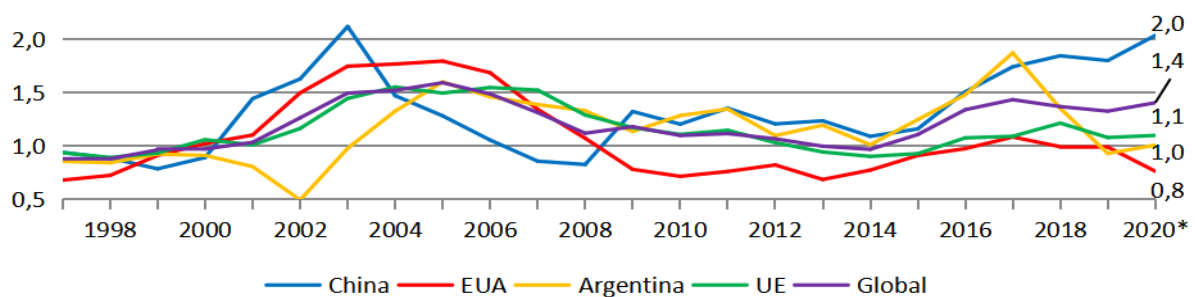
Embora os EUA tenham perdido participação na pauta, o volume de comércio do Brasil com esse país aumentou da faixa dos US\$ 35 bilhões para próximo de US\$ 53 bilhões entre 2005-2008, nível em que tem se mantido. Como tendência geral, tanto o volume das exportações quanto das importações do Brasil a partir deste país aumentou, embora no período recente tenha havido queda das importações.

Por último, a Tabela 4 demonstra que a relação comercial do Brasil com a Argentina se destaca pelo caráter oscilatório. Para o período 2017-2019, o volume foi ligeiramente superior ao do período 1997-2000, sendo que as importações estão em patamar quase idêntico (cerca de US\$ 10 bilhões), enquanto as exportações passaram de US\$ 9 bilhões a US\$ 14,5 bilhões. Isto significa que embora a Argentina tenha perdido importância

relativa como parceiro comercial, os fluxos de comércio com este país não diminuíram, em termos absolutos, até 2019.

Visto que os volumes de comércio, em dólares, com cada um desses parceiros são muito distintos, uma forma de torná-los comparáveis é utilizar a razão das exportações pelas importações, conforme apresentado no Gráfico 2. Resultados maiores do que 1 significam, do ponto de vista brasileiro, balança superavitária, e menores do que 1, deficitárias.

Gráfico 2 – Razão exportação/importação, Brasil – parceiros selecionados (1997-2020*)



*2020: somente primeiro semestre.

Fonte: elaboração própria com dados do ComexStat

Pelo Gráfico 2, a relação comercial com a China tem sido superavitária desde 2001, com a exceção de um curto período entre 2007 e 2009. A dimensão deste superávit em 2020 chega a 2, isto é, o Brasil exportou para a China, no primeiro semestre de 2020, aproximadamente o dobro do que importou. É uma relação bastante acima da linha que corresponde à razão média para todos os parceiros comerciais (linha "Global"). A relação com os EUA tem estado abaixo da média desde 2008 e a relação com os argentinos foi a que mais oscilou. A linha média mostra que o Brasil tem desfrutado de superávits de aproximadamente 30% desde 2016. Além disso, destaca-se que a relação com a China não somente é a mais superavitária em termos absolutos, mas também em termos relativos.

5. Principais produtos

A participação das commodities primárias na pauta de exportação brasileira vem aumentando, em grande parte devido ao crescimento das exportações para a China, desde o início dos anos 2000 (DE NEGRÍ; ALVARENGA, 2010). Em 2019, segundo dados do ComexStat, os 10 bens mais exportados pelo Brasil, em ordem de valores, foram: soja, petróleo, minério de ferro, milho, celulose, farelo de soja, carne bovina, frango, café, açúcar de cana. Destes 10 produtos, 8 pertencem à cadeia do agronegócio. Para 5 deles, foi possível fazer uma análise da proporção da produção exportada¹¹, e da proporção das exportações que têm a China como destino. Esta análise está descrita na Tabela 5¹².

Pela Tabela 5, apenas a soja tem tido suas exportações concentradas para a China. De fato, em 2019, a soja representou 32,3% das exportações para a China. Porém, observa-se que apesar da grande importância da China, nem todas as exportações de commodities agropecuárias são concentradas para este país.

Tabela 5 - Porcentagem exportada da produção brasileira, em peso – produtos selecionados (1997-2020*)

Período (média)	Soja		Milho		Café		Carne		Frango	
	% export	% China	% export	% China	% export	% China	% export	% China	% export	% China
97-2000	31,28%	9,06%	0,32%	N/D	32,26%	0,01%	4,42%	0,08%	18,29%	1,12%
2001-2004	39,06%	26,64%	10,17%	0,07%**	54,95%	0,04%	15,79%	0,13%	31,88%	1,25%
2005-2008	43,22%	41,50%	11,22%	1,31%	60,68%	0,03%	23,52%	0,01%	36,91%	1,43%
2009-2012	46,54%	64,48%	20,12%	0,34%	61,14%	0,08%	18,01%	0,59%	35,55%	4,03%
2013-2016	53,57%	74,24%	31,97%	0,40%	66,04%	0,16%	20,00%	6,06%	33,06%	7,93%
2017-2019	64,95%	79,84%	33,56%	0,17%	62,29%	0,35%	23,58%	24,53%	32,71%	11,90%
2020*	N/D	71,74%	N/D	0,00%	N/D	0,34%	28,57%	47,15%	33,62%	17,18%

% export = % da produção nacional exportada

% China = % das exportações com destino à China sobre o total de exportações

*Somente primeiro semestre

**Média para o período 2002-2004, anos anteriores não disponíveis

Fonte: elaboração própria com dados do ComexStat, IPEData e IBGE

¹¹ Os bens não contemplados pela análise foram: farelo de soja, celulose e açúcar, por se tratarem de produtos cujos processamentos implicam em alteração de massa, não se podendo estabelecer relação direta entre o peso da produção das matérias-primas com seus derivados exportáveis.

¹² Os detalhes de sua elaboração podem ser encontrados no Apêndice, no final do artigo.

Outra informação da Tabela 5 é que, embora haja uma tendência de aumento da parcela da produção exportada para todas as commodities selecionadas, o mercado interno também recebe parte importante da produção. Dos 5 produtos, somente a soja e o café têm mais de 50% de sua produção exportada. O milho só recentemente encontrou espaço na pauta exportadora, tendo estabilizado a parcela da produção exportada em torno de 30% desde 2013. Com relação às carnes bovinas e ao frango, podemos observar que suas exportações representam, respectivamente, em torno de 20% e 30% desde o início dos anos 2000, apesar da crescente participação chinesa para absorvê-las. Desta forma, são produtos cujos mercados internos são estruturalmente mais importantes do que os externos.

Para os cinco produtos selecionados, a Tabela 6 apresenta uma análise da evolução, em índice, das exportações (em peso), do consumo interno (deduzido pela diferença, em peso, entre quantidade produzida e a quantidade exportada), e da produtividade média (toneladas por hectare, somente para soja, milho e café) entre 1997 e 2019.

No caso da soja, constata-se que as exportações aumentaram em 8,88 vezes entre 1997 e 2019. O consumo interno aumentou 2,22 vezes, enquanto a produtividade média aumentou 39%. No caso do milho, as exportações aumentaram 116,5 vezes no mesmo período. O consumo interno aumentou 79%, enquanto a produtividade média 2,2 vezes. Já o café teve uma evolução mais tímida. No fim do período abordado, as exportações cresceram 2,57 vezes, o que pode ser explicado pelo fato de o café já ser uma cultura de exportação tradicional brasileira, com mercado consolidado, além de não ser uma das commodities inclusas na demanda chinesa (como mostra a Tabela 5).

Tabela 6 – Exportações, consumo interno e produtividade de commodities selecionadas (1997-2019, 1997 = 1)

Ano	Soja			Milho			Café			Carne		Frango	
	Export.	Cons. Int.	Prod.	Export.	Cons. Int.	Prod.	Export.	Cons. Int.	Prod.	Export.	Cons. Int.	Export.	Cons. Int.
1997	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
1998	1,11	1,22	1,02	0,04	0,91	1,07	1,15	1,50	1,32	1,54	1,01	0,95	1,11
1999	1,07	1,22	1,03	0,05	0,99	1,06	1,46	1,26	1,19	2,88	1,10	1,19	1,21
2000	1,38	1,18	1,05	0,05	0,99	1,04	1,11	1,79	1,36	3,60	1,12	1,40	1,28
2001	1,88	1,23	1,18	15,33	1,11	1,30	1,44	1,50	1,26	6,99	1,17	1,93	1,32
2002	1,91	1,45	1,12	7,54	1,02	1,17	1,79	0,67	0,89	8,20	1,26	2,48	1,35
2003	2,38	1,78	1,22	9,74	1,37	1,42	1,58	0,39	0,67	11,81	1,26	2,98	1,29
2004	2,30	1,68	1,00	13,71	1,13	1,28	1,62	0,66	0,84	17,52	1,42	3,75	1,36
2005	2,67	1,60	0,97	3,03	1,04	1,16	1,56	0,50	0,74	20,56	1,49	4,28	1,51
2006	2,98	1,53	1,04	10,93	1,19	1,29	1,70	0,69	0,90	23,12	1,60	4,00	1,66
2007	2,84	1,89	1,22	29,98	1,26	1,44	1,71	0,48	0,80	24,30	1,62	4,66	1,78
2008	2,94	1,96	1,23	17,72	1,61	1,56	1,81	0,77	1,02	19,27	1,60	5,05	2,07
2009	3,42	1,59	1,15	21,39	1,32	1,42	1,89	0,50	0,92	17,54	1,65	5,05	1,99
2010	3,49	2,20	1,28	29,63	1,36	1,66	2,06	0,70	1,09	17,97	1,74	5,36	2,15
2011	3,95	2,32	1,36	26,07	1,41	1,61	2,06	0,57	1,02	15,53	1,73	5,53	2,34
2012	3,95	1,82	1,15	54,08	1,57	1,91	1,73	0,97	1,16	17,82	1,86	5,51	2,38
2013	5,13	2,16	1,27	72,64	1,64	2,00	1,96	0,80	1,15	22,36	2,01	5,50	2,52
2014	5,48	2,27	1,25	56,55	1,81	1,97	2,29	0,51	1,14	22,69	1,97	5,65	2,66
2015	6,51	2,39	1,32	79,10	1,72	2,11	2,31	0,40	1,08	20,25	1,85	6,03	2,78
2016	6,19	2,48	1,26	59,86	1,29	1,63	2,10	0,76	1,23	20,33	1,80	6,14	2,78
2017	8,17	2,58	1,47	80,13	2,10	2,14	1,90	0,65	1,21	22,75	1,85	6,11	2,90
2018	9,98	1,92	1,48	62,77	1,82	1,95	2,11	1,09	1,54	25,35	1,88	6,01	2,90
2019	8,88	2,23	1,39	116,58	1,79	2,20	2,57	0,49	1,34	29,63	1,86	6,32	2,84

Fonte: elaboração própria com dados do ComexStat, IPEADATA e IBGE

A absorção doméstica da produção cafeeira passou por uma grande queda a partir dos anos 2000, oscilando desde então entre 50% e 100% dos valores do início do período abordado. A produtividade, por sua vez, passou por momentos de evolução negativa entre 2003 e 2010, em seguida voltou a crescer e terminou o período com aumento de 1,34 vezes. O café é o único caso claro, entre as culturas abordadas, em que o aumento nas exportações foi acompanhado de uma diminuição simultânea do consumo interno. Todos os outros produtos abordados apresentam aumento (embora assimétricos) das exportações e do consumo interno.

Finalmente, a exportação de frango aumentou 6,3 vezes, contra 30 vezes da carne bovina. Já o consumo interno de frango aumentou 2,8 vezes, contra 1,86 da carne bovina. Essa diferença poderia se explicar, primeiramente, porque o Brasil só recentemente passou a disputar o mercado internacional de carne com produtores como Uruguai e Argentina. Além disso, o aumento da área de pastagem em direção à

fronteira agrícola deve ter favorecido os níveis totais de produção. Já a produção avícola brasileira possui boa competitividade há mais tempo.

Vale ressaltar, como mostra a Tabela 5, que estes dois produtos pecuários não têm suas exportações concentradas para a China. No caso da carne bovina, até 2017, somente cerca de 6% da produção era destinada à China, abocanhando em 2019 cerca de 20%, embora em 2020 essa parcela tenha chegado a 47% no primeiro semestre. No caso do Frango, a China passou de atrair 1%, no período 1997-2000, a 10% (período 2017-2019) das exportações, uma fatia ainda relativamente baixa, apesar da tendência de crescimento observada em 2020.

6. Considerações finais

O modelo agroexportador, concebido nos anos 50, parece necessitar de adaptações para analisar o momento contemporâneo do caso brasileiro. Apesar do avanço do setor exportador no período recente, a dependência das exportações para a geração de renda se modificou, e o mesmo se dá em relação às importações. Ou seja, o movimento de desindustrialização e crescimento das exportações de produtos primários não permite que estabeleçamos atualmente uma distância nas mesmas proporções entre a estrutura produtiva brasileira e seu padrão de consumo como pode ser feita para o Brasil do início do Século XX.

Porém, algumas observações devem ser feitas. Primeiramente, com relação à caracterização do Brasil como um país cuja estrutura produtiva está mais concentrada na produção de bens naturais, à semelhança da maioria dos países-latino americanos, os dados mostram que é necessário diferenciar a primarização da pauta exportadora e a da estrutura produtiva. No que diz respeito à cadeia do agronegócio, este setor perdeu importância relativa no produto nacional, ao mesmo tempo em que ganhou na pauta de exportações. Existe um indicativo de que este movimento de primarização das exportações tem efeitos baixos sobre

outras atividades, ou seja, mesmo que as exportações de produtos primários tenham crescido, este crescimento tem efeitos reduzidos sobre outros setores, mesmo os diretamente atrelados à agropecuária.

Novamente se coloca a pergunta feita anteriormente: até onde a atual pauta de exportação, com uma participação maior de bens primários, se adequa à tese Prebisch-Singer? Eventualmente, grande parte deste crescimento poderia estar vinculado à exportação de produtos primários de maior valor agregado, além da possibilidade de uma diversificação na pauta de exportações destes bens (BACHA; VINICIOS DE CARVALHO, 2014). É importante frisar que, apesar da situação vantajosa atual, são necessárias políticas públicas que incentivem o bom uso dessa vantagem na criação de um panorama estável para os períodos de baixa cíclica. Ocampo (2017) confirma a visão de uma tendência a ciclos mais baixos de preços na segunda década do século XXI e mostra que estas políticas de atenuação de efeito cíclico não foram executadas pelos governos latino-americanos no período recente. Assim, da mesma forma que a crítica cepalina já estabelecia, esta reprimarização exige um grande cuidado frente à instabilidade cíclica e a vulnerabilidade externa. Ocampo (2017) também conclui que ocorreu uma espécie de doença holandesa na América Latina no período, mostrando outro lado problemático desta reprimarização, a valorização cambial em alguns momentos.

O crescimento chinês tem implicações permanentes e estruturais para a pauta exportadora latino-americana. A China é hoje o principal parceiro comercial brasileiro. Sua demanda por matéria-prima resultou num superciclo de preços que concentrou as exportações brasileiras em bens intensivos em recursos naturais. Porém, pudemos observar que, para o Brasil, apesar da grande importância chinesa, nem todas as commodities agropecuárias têm exportação concentrada para a China. Mais ainda, nem todas essas commodities têm a maior parte da sua produção diretamente exportada, ou seja, são consumidas pelo mercado interno.

Por fim, observou-se que a relação comercial do Brasil com a China é particularmente superavitária em termos relativos e absolutos. Isto significa que, por um lado, a exportação de commodities pode ser vista como positiva, pois contribui para a estabilidade macroeconômica do país. Verificamos que, ao menos para os produtos analisados, as produções destas commodities são acompanhadas por ganhos sustentados de produtividade média, com uma maior diversificação de exportações. Este fato é positivo do ponto de vista do aprimoramento tecnológico e seu potencial derramamento para outros setores, embora alguns estudos apontem que os ganhos de produtividade são desigualmente distribuídos entre distintas regiões, culturas e tamanhos de propriedade, conforme Rada, Helfand e Magalhães (2017), e que a interface destas exportações com outros setores produtivos nacionais não parece ser muito grande, fazendo com que este padrão de desenvolvimento não resolva as situações de heterogeneidade estrutural levantada. Pelo contrário, ao que parece existe uma tendência de diminuir e perder os pequenos ganhos ocorridos neste sentido ao longo da segunda metade do século XX.

Ressaltamos a necessidade de que futuros estudos confirmem se estas tendências são recorrentes na América Latina, ou se o Brasil se trata de um caso peculiar. Para isto, devem ser empreendidos tanto estudos de recorte regional, quanto novos estudos de caso. Alguns dos pontos levantados neste artigo que podem ser trabalhados são a verificação detalhada da participação da cadeia do agronegócio e seus distintos componentes nos produtos de outros países latino-americanos; a importância relativa do mercado externo frente ao mercado doméstico como destino da produção agropecuária dos países da região; a evolução, caso a caso, da balança comercial de outros países latino-americanos, se esta segue o mesmo padrão de paulatina substituição das parcerias ocidentais tradicionais pela China, e quais são os produtos privilegiados nestas relações; e a verificação do aumento da produtividade média

agropecuária da região, especialmente para os casos dos produtos mais exportados.

Assim, será possível delimitar até que ponto a região latino-americana, como um todo, pode ainda ser compreendida através do prisma das teorias cepalinas, ou se são necessários modelos atualizados que expliquem mais satisfatoriamente a nova realidade regional - estaria havendo um aumento generalizado do valor agregado e da diversificação dos produtos agropecuários latino-americanos, ou esta seria uma tendência apenas pontual? Seria possível observar a mesma diminuição do *linkage* na cadeia produtiva do agronegócio de outros países da região? Mais ainda, seria possível observar uma tendência geral para toda a região, ou seria mais preciso abordar a América Latina como distintas sub-regiões? Estas análises são necessárias para o avanço do debate sobre o lugar que a América Latina ocupa na configuração econômica global contemporânea e as oportunidades para seu desenvolvimento sócio-econômico.

7. Referências

BACHA, Carlos José Caetano; VINICIOS DE CARVALHO, Leandro. What Explains the Intensification and Diversification of Brazil's Agricultural Production and Exports from 1990 to 2012? **IRIBA Working Paper 2**, 2014. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=2470995>. Acesso em: 24 nov. 2020.

BACHA, Carlos José Caetano. **Economia e política agrícola no Brasil**. Campinas, SP: Alínea, 2018.

BANCO MUNDIAL. Merchandise trade (% of GDP). **World development indicators**. The World Bank Group. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/TG.VAL.TOTL.GD.ZS?end=2018&locations=US-UY-PY-MX-1W&start=1997&view=chart>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BÉRTOLA, Luis; OCAMPO, José Antonio. **Desenvolvimento, vicissitudes e desigualdade: uma história econômica da América Latina desde a Independência**. Secretaria Geral Iberoamericana, 2010. Disponível em: <https://www.segib.org/wp-content/uploads/Historia-Economica-AL-PORT.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2021.

BONELLI, Regis; PESSÔA, Samuel de Abreu. Desindustrialização no Brasil: um resumo da evidência. **FGV/IBRE texto para discussão n. 07**, março

2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10438/11689>. Acesso em: 23 mai. 2021.

BULMER-THOMAS, Victor. **The economic history of Latin America since independence**. Cambridge University Press, 1995.

CAROLINO, Andressa Cristina Xavier Gomes *et al.* Rendimento e composição de carcaça de frangos de corte alimentados com dietas contendo sorgo grão inteiro. **Bioscience Journal**, 30(4), 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/biosciencejournal/article/view/22015>. Acesso em: 24 nov. 2020.

DE NEGRI, Fernanda; ALVARENGA, Gustavo Varela. A primarização da pauta de exportações no Brasil: ainda um dilema. **Radar – Tecnologia, Produção e Comércio Exterior**, 13, 7-14, 2010. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/radar/110509_radar13_ca p1.pdf. Acesso em: 24 nov. 2020.

ERTEN, Bilge; OCAMPO, José Antonio. Super cycles of commodity prices since the mid-nineteenth century. **World Development**, 44, 14-30, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2012.11.013>. Acesso em: 24 nov. 2020.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. **O processo de substituição de importações**. São Paulo: LCTE, 2009.

FURTADO, Celso. **Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina**. Rio de Janeiro: LIA Ed., 1966.

FURTADO, Celso. **Formação econômica da América Latina 2^a ed.** Rio de Janeiro: LIA Ed., 1970

GREMAUD, Amaury Patrick.; DE VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval; TONETO JR, Rudinei. **Economia brasileira contemporânea**. 4^a ed. São Paulo: Atlas, 2004.

HELFAND, Steven M. Interest groups and economic policy: Explaining the pattern of protection in the Brazilian agricultural sector. **Contemporary Economic Policy**, 18(4), 462-476, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1465-7287.2000.tb00042.x>. Acesso em: 24 nov. 2020.

KANNEBLEY JR, Sergio; GREMAUD, Amaury Patrick. The secular trend of Brazilian terms of trade revisited: 1850-2000. **Revista de Econometria**, Rio de Janeiro: SBE, v. 23, n.1, p. 111-142, 2003 .

LEDIC, Ivan Luiz; TONHATI, Humberto; FERNANDES, Leonardo de Oliveira. Rendimento integral de bovinos após abate. **Ciência Agrotécnica**, 24(1), 272-277, 2000. Disponível em:

<https://pt.engormix.com/pecuaria-corte/artigos/rendimento-integral-bovino-s-apos-t38093.htm>. Acesso em: 24 nov. 2020.

LIMA, Maria Regina Soares de; SANTOS, Fabiano. O Congresso e a política de comércio exterior. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, (52), 121-149, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452001000100006>. Acesso em: 24 nov. 2020.

OCAMPO, José Antonio. Commodity-Led Development in Latin America. **Revue internationale de politique de développement**, n. 9, outubro de 2017. Disponível em: www.jstor.org/stable/10.1163/j.cttlw76w3t.11. Acesso em: 23. mai. 2021.

PAMPLONA, João Batista; CACCIAMALI, Maria Cristina. O paradoxo da abundância: recursos naturais e desenvolvimento na América Latina. **Estudos Avançados**, 31(89), 251-270, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890020>. Acesso em: 24 nov. 2020.

PREBISCH, Raúl. Notas sobre el intercambio desde el punto de vista periférico. **Revista da CEPAL**, n. 28, abril 1986. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/handle/11362/11914>. Acesso em: 23 mai 2021.

PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. In: BELSCHOWSKY, R. (org) **50 anos de pensamento na CEPAL**, Rio de Janeiro, Record, 2000. Disponível em https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/1621/S33098N962Av1_pt.pdf. Acesso em: 25 mai. 2021.

RADA, Nicholas; HELFAND, Steven; MAGALHÃES, Marcelo. Agricultural productivity growth in Brazil: large and small farms excel. **Food Policy**, 84, 176-185, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.foodpol.2018.03.014>. Acesso em: 24 nov. 2020.

SINNOTT, Emily; NASH, John; DE LA TORRE, Augusto. **Los recursos naturales en américa latina y el caribe: más allá de bonanzas y crisis?** Washington: Banco Mundial, 2010. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/2482/55550OPUB00SPA00Box0361492B0PUBLIC0.pdf?sequence=6&isAllowed=y>. Acesso em: 23 mai. 2021.

SVAMPA, Maristella Noemi. Consenso de los commodities y lenguajes de valoración en América Latina. **Revista Nueva Sociedad**, n. 244, março/abril, 2013. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/consenso-de-los-commodities-y-lenguajes-de-valoracion-en-america-latina/>. Acesso em: 23 mai. 2021.

TAVARES, Maria da Conceição. **Da substituição de importações ao capitalismo financeiro: ensaios sobre economia brasileira**. 11ª ed. Zahar, 1983.

APÊNDICE - Notas metodológicas

Proporções exportações/produção

Para o cálculo da proporção de exportações sobre a produção (Tabela 5), foi utilizado o peso das exportações, obtidos no ComexStat, dividido pela quantidade anual produzida, disponibilizada pelo IPEADData e pelo IBGE/PAM, ambos em toneladas.

Soja: o peso das exportações está composto pela somatória dos pesos exportados dos seguintes códigos da NCM (Norma Comum do Mercosul): 12019000 (Soja, mesmo triturada, exceto para sementeira), 12011000 (Soja, mesmo triturada, para sementeira), 12081000 (Farinha de soja), 12010090 (Outros grãos de soja, mesmo triturados), 12010010 (Soja para sementeira).

Milho: o peso das exportações está composto pela somatória dos pesos exportados dos seguintes códigos da NCM: 10059010 (Milho em grão, exceto para sementeira), 11022000 (Farinha de milho), 11081200 (Amido de milho), 10051000 (Milho para sementeira), 10059090 (Milho, exceto em grão), 11042300 (Outros grãos trabalhados, por exemplo, descascados, em pérolas, cortados ou partidos, de milho), 07099919 (Milho doce, frescos ou refrigerados, exceto para sementeira), 07099911 (Milho doce, frescos ou refrigerados, para sementeira), 07099019 (Milho doce, fresco ou refrigerado, exceto para sementeira), 07099011 (Milho doce, para sementeira).

Café: o peso das exportações está composto pela somatória dos pesos exportados dos seguintes códigos da NCM: 09011110 (Café não torrado, não descafeinado, em grão), 09011190 (Café não torrado, não descafeinado, exceto em grão), 09019000 (Casca, películas de café e sucedâneos do café).

Para o caso das carnes, os dados fornecidos pelo IPEADData e pelo IBGE/Abate de Animais para a produção corresponde ao peso da carcaça abatida. Assim, para cada uma dessas criações, foi estipulado um fator de aproveitamento da carcaça para carnes de corte, de acordo com pesquisa bibliográfica.

Carne bovina: o fator de aproveitamento da carcaça é de 72,59% (LEDIC et al., 2000). O peso das exportações está composto pela somatória dos pesos exportados dos seguintes códigos da NCM: 02023000 (Carnes desossadas de bovino, congeladas), 02013000 (Carnes desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas), 02102000 (Carnes de bovinos, salgadas/em salmoura/secas/defumadas).

Frango: o fator de aproveitamento da carcaça é de 89,44% (CAROLINO et al., 2014). O peso das exportações está composto pela somatória dos pesos exportados dos seguintes códigos da NCM: 02071400 (Pedacos e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados), 02071200 (Carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedacos, congelada), 02109911

(Carnes de galos e de galinhas), 02071300 (Pedacos e miudezas, de galos/galinhas, frescos/refrigerados), 02109919 (Outras carnes de galos e galinhas), 02071100 (Carnes de galos/galinhas, não cortadas em pedacos, frescas/refrigeradas).



PEDAGOGÍAS DE(S)COLONIALES: ENTRE EXPERIENCIAS Y CONSIDERACIONES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS

PEDAGOGIAS DE(S)COLONIAIS: ENTRE EXPERIÊNCIAS E
CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS

DECOLONIZING PEDAGOGIES: BETWEEN EXPERIENCES AND
THEORETICAL-EPISTEMOLOGICAL CONSIDERATIONS

*María Mercedes Palumbo*¹ 

Universidad Nacional de Luján, Argentina
Universidad de Buenos Aires, Argentina

*Paula Ramírez*² 

Universidad Nacional del Comahue, Argentina

*Inés Fernández Mouján*³ 

Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina

*Elson Santos Silva*⁴ 

Universidade Federal de Goiás, Brasil.

Resumen: “*Pedagogias de(s)coloniais: Saberes e fazeres*” es un libro de autoría colectiva publicado en el año 2020. Reúne contribuciones de investigadores/as de Argentina, Brasil y Bolivia en torno a la cuestión de las pedagogías de(s)coloniales. Esta reseña rescata los aportes del libro en cuanto a: la relevancia académica y práctica de estas pedagogías para desafiar el patrón moderno/colonial en los países de la región; su abordaje desde y en las experiencias, donde se entrelazan teorías y prácticas en un amplio arco de ámbitos que incluyen la extensión, la docencia y la vida misma; las pistas conceptuales, epistemológicas y metodológicas aportadas en torno a las pedagogías de(s)coloniales desde una mirada plural y situada que denuncia la articulación de las opresiones, a la vez que

¹Investigadora Asistente del CONICET. Doctora en Ciencias de la Educación (UBA). Profesora de grado y posgrado en la Universidad Nacional de Luján y la Universidad de Buenos Aires. E-mail: mer.palumbo@gmail.com

²Doctora en Ciencias de la Educación (UBA). Especialista en Epistemologías del Sur (CLACSO). Profesora Adjunta de la Universidad Nacional del Comahue, sede Bariloche.

³ Doctora en Ciencias de la Educación por la Universidad de Buenos Aires. Profesora Adjunta e investigadora de la Universidad Nacional de Mar del Plata.

⁴Doctor en Ciencias del Ambiente, Universidade Federal de Tocantins. Programa de Posgraduación Interdisciplinar en Derechos Humanos, Universidade Federal de Goiás.

crea posibilidades de transformación. La visibilización de experiencias de diversos territorios y en múltiples registros expresivos hace que el libro, en su conjunto, constituya una interrupción de la pedagogía tradicional.

Palabras clave: Pedagogías de(s)coloniales, Saberes, Haceres, América Latina

Resumo: *“Pedagogias de(s)coloniais: Saberes e fazeres”* é um livro de autoria coletiva publicado em 2020. Assume a polifonia de diferentes perspectivas com olhares de pesquisadores da Argentina, Brasil e Bolívia. Esta resenha resgata as contribuições do livro quanto a: a relevância acadêmica e prática das pedagogias de(s)coloniais em desafiar o padrão hegemônico na América Latina; as abordagens de e nas experiências em que enlaces teóricos e práticos estão entrelaçados em um amplo arco de atuações, que incluem pesquisa, extensão, ensino e a própria vida; as pistas conceituais, epistemológicas e metodológicas das pedagogias de(s)coloniais emergem de perspectivas distintas e complementares, que denunciam a articulação das opressões enquanto anunciam suas possibilidades de transformação. A visibilização de experiências de diversos territórios e em múltiplos registros expressivos permite que o livro, como um todo, interrompa as pedagogias tradicionais.

Palavras Chave: Pedagogias de(s)coloniais, Saberes, Fazeres, América Latina

Abstract: *“Pedagogias de(s)coloniais: Saberes e fazeres”* is a collective authorship book published in 2020. It brings together the work of Argentinian, Brazilian and Bolivian researchers on the question of the decolonizing pedagogies. This review highlights the book’s contribution in terms of: the academic and practical importance of these pedagogies in challenging the modern/colonial pattern that persists in Latin America; the approach taken, from and within experiences, where theories and practices are interwoven in multiple spheres that include extension, teaching and life itself; the conceptual, epistemological and methodological insights into decolonizing pedagogies from a pluralistic and situated perspective that denounces the articulation of oppression and offers the possibility of transformation. The visibility of experiences from diverse territories, expressed in many registers, means that this book constitutes a disruption of traditional pedagogy.

Keywords: Decolonizing pedagogies, Knowledge, Practices, Latin America

El libro **Pedagogias de(s)coloniais. Saberes e fazeres** (Inés F. Mouján, Elson S. Silva Carvalho y Dernival V. R. Júnior), publicado en 2020 por la editorial Nuvem⁵, constituye una derivación del III Congreso de Estudios Poscoloniales realizado en el año 2016 en Buenos Aires, Argentina. Producto de los intercambios de ese encuentro, se materializó un escrito que recuperará las voces que allí circularon. Una escritura colectiva entre Brasil, Argentina y Bolivia nucleada en torno a la denominación *pedagogías de(s)coloniales* para dar cuenta de lo contingente y la diferencia presente en sus capítulos. Tal como explicitan desde el inicio sus coordinadores/as, los autores/as son conscientes de las respectivas cargas teórico-históricas y la propia formación implicada en sus textos. Por sí mismos, son parte de la defensa de prácticas pedagógicas teórico-críticas latinoamericanas que asumen la sospecha del proyecto moderno presente en la educación y desconfían de toda imposición colonial.

Nos interesa evidenciar algunos puntos sustantivos de los desarrollos planteados en este libro. La primera cuestión a destacar reside en la relevancia académica de las “pedagogías de(s)coloniales”, temática que se encuentra instalándose lentamente desde hace ya varios años en el campo académico latinoamericano. Pero, a pesar de que el pensamiento pedagógico latinoamericano es conocido en todo el mundo, al decir de Nelson Maldonado Torres en el Prefacio, las pedagogías de(s)coloniales siguen estando poco exploradas; así es que se pueden encontrar reflexiones diseminadas en capítulos de libros, artículos y ponencias en encuentros de investigadores de las Ciencias Sociales y Humanas. En este sentido, el libro resulta una novedad en tanto se dedica íntegramente a

⁵ El libro fue editado en portugués por la editorial Nuvem, vinculada al Programa de Extensión “Núcleo de Vivencia Ecopedagógica Matriz: el educando hace el currículum” de la Universidad Federal de Tocantins. Conservamos en esta reseña las referencias a los títulos de los capítulos en su lengua original.

abordar esta cuestión, a profundizar en los problemas que implican unas pedagogías de(s)coloniales, sus avatares, sus teorías prácticas implícitas, al mismo tiempo que reúne a investigadores/as de distintos países de la región.

Una segunda cuestión a destacar es su relevancia práctica que compromete saberes y sujetos en su relación con otros/as y con el mundo. Constituye una puesta en acto de sujetos, prácticas, saberes y estrategias que se entraman en desafiar el patrón moderno/colonial. En coherencia con lo anterior, el abordaje elegido por los/as autores plantea un pensar cercano y en diálogo con las experiencias. Los/as coordinadores del libro eligen organizarlo según las dimensiones de unas pedagogías de(s)coloniales: aprendizaje, comunidad y cuerpo, atravesadas por los ejes del poder colonial. Se observa así un diálogo crítico entre prácticas y experiencias pedagógicas y aportes conceptuales, en un entramado que surge de experiencias reflexionadas y conceptualizadas tanto como de reflexiones informadas en experiencias. De allí que el texto reúna apuestas investigativas, de extensión, docencia y la vida misma puesta en juego en la construcción y tematización de las pedagogías de(s)coloniales.

El libro se inscribe en una escritura libre, una escritura emocional, que se materializa en una conversación donde las vivencias se entrelazan con un esfuerzo creativo. La discursividad de la pedagogía tradicional se ve interrumpida por el libro: no es inexorable. En el devenir de la escritura de(s)colonial se reconocen y ponen en valor los conocimientos que emergen de las luchas y creaciones de los pueblos y comunidades. Como idea fuerza, el libro interrumpe la pedagogía tradicional.

Una tercera cuestión a destacar son las *pistas conceptuales, epistemológicas y metodológicas* que emergen de su lectura atenta:

a) *Pistas conceptuales*. La mirada amplia de lo pedagógico se ve reflejada desde el inicio mismo del libro, en su título “Pedagogías de(s)coloniais”. Con esta denominación los/as autores se corren de las meras clasificaciones

sobre lo de- o des-colonial para situarse en una invitación abierta a una pluralidad de pedagogías que comparten la crítica al proyecto pedagógico moderno. Esto se evidencia también en la variedad de aportes teóricos presentes que trascienden al grupo modernidad/colonialidad. Se arma así una tradición más amplia: en términos espaciales, no se circunscribe sólo a América Latina y, en términos históricos, no se limita al contexto de finales del siglo XX hasta nuestros días. De este modo, se enlazan las luchas y miradas de(s)coloniales, surgidas en Latinoamérica en la década del noventa del siglo pasado, con aquellas anticoloniales de más larga data y las poscoloniales que convocan experiencias de otros continentes. Se opta, tal como lo explicita con claridad Inés Fernández Mouján, por un marco al que se lo denomina, en sintonía con Eduardo Grüner (2016), “teorías críticas periféricas”.

En este punto es relevante recoger las insistencias comunes a los capítulos que operan, al mismo tiempo, como una síntesis conceptual. El tándem saberes-conocimiento aparece como pilar del desafío a la pedagogía tradicional. La articulación de opresiones en una mirada interseccional con una profunda inscripción antipatriarcal emerge como lente común a las consideraciones compartidas. La afectividad como parte de lo pedagógico-de(s)colonial recorre el libro. Sariza y Rosaria Helena Ruiz Nakashima, en una escritura de a dos en “Práticas pedagógicas decoloniais: uma construção possível”, nos hablan de las prácticas de pensar, sentir y hacer (la integralidad) como contrapunto al logocentrismo académico. En esta misma línea, Mariana Alvarado en su texto “Pedagogías desobedientes” nos invita a (re)conectar los afectos y el cuerpo con la racionalidad. Junto con esta posición, lo colectivo se presenta como espacio de encuentro y potenciación en donde acontece lo pedagógico de(s)colonial. Y sin temor a equivocarnos es posible pensar en pedagogos colectivos, tal como sugiere el capítulo “Pedagogia e trabalho na economia popular: vislumbres de uma pedagogia descolonizadora” escrito por Anahí Guelman y María Mercedes Palumbo.

Las ilustraciones de Ciro Gonçalves dan sentido estético a la escritura y, en ellas, se reflejan las insistencias y la unidad de la obra. Los bellos dibujos de Ciro más que objetos a contemplar son un acto que impulsa a pensar, sentir y hacer, a partir de movilizar la experiencia histórica de los/as sujetos. Sus dibujos propician la apertura de sentidos contra la pretensión eurocéntrica de un pensamiento y sentido único, invitando a realizar nuevas creaciones que exceden la escritura.

b) Pistas epistemológicas. En conjunto, el libro aporta pistas que hacen a una ciencia distinta a la moderna occidental positivista. Se asiste a un gesto contrario al “pathos de la distancia”, al decir de Santiago Castro Gómez (2007: 89), que se monta sobre la separación entre los/as investigadores/as y los/as sujetos para garantizar la objetividad y neutralidad del conocimiento producido. Lo que observamos en los capítulos del libro es una puesta en valor del esquema sujeto-sujeto en los procesos de investigación, docencia y extensión, una confianza en la capacidad de agenciación de los/as sujetos con quienes trabajamos y nos vinculamos desde las universidades que abre a la posibilidad de construir análisis conjuntos. Muestra de ello es el capítulo de Guilherme Gitahy de Figueiredo y Darlene dos Santos Cavalcante “Desentocando: uma práxis feminina de decolonização” estructurado en torno a la praxis dialógica entre una pedagoga indígena de la comunidad Mayoruna del Estado de Amazonas (Brasil) y un académico. Lo que se presenta es un quiebre de la supremacía del conocimiento científico para recuperar y reconocer una trama epistémica diversa. A la “articulación político-intelectual”, que encierra en sí un llamado a la acción desde las academias, nos convoca el capítulo “Outra ecopedagogia, decolonial e realista: revisitações para práticas possíveis” de Elson Santos Silva Carvalho, Darnival Venâncio Ramos Júnior, Isamar Rodrigues da Silva Ito, Lizia de Oliveira Carvalho, Gilmar Gomes do Nascimento y Rodrigo Gouvêa Rodrigues. Nos encontramos con

una ciencia interesada que asume un compromiso ético, político y estético con los sectores populares.

c) *Pistas metodológicas*. El libro resalta la (re)valorización de una tradición investigativa de fuerte genealogía latinoamericana que opera, a menudo, en las periferias de las academias hegemónicas de la región. Esta tradición posee como referentes a Frantz Fanon, Orlando Fals Borda y Paulo Freire. Asumiendo el carácter pedagógico de las investigaciones, se postula igualmente la dimensión investigativa de la educación popular. Por un lado, en su artículo “Convergências entre a educação popular e a investigação-ação participativa na constituição de uma pedagogia decolonial na América Latina”, João Colares nos invita a rescatar una “educación popular investigadora y participativa” en la convergencia entre los elementos de la pedagogía freireana y la investigación-acción participativa de Fals Borda que trazan una forma de hacer ciencia nacida en nuestra América Latina. Por otro lado, el referido capítulo de Guilherme Githay de Figueiredo y Darlene dos Santos Cavalcante realiza una propuesta metodológica basada en la pedagogía freireana a partir del uso de “categorías generadoras” (un equivalente de los temas generadores) en diálogo con la etnografía dialógica de Johanes Fabian. De este modo, el libro da cuenta de que la forma de hacer ciencia se encuentra atravesada por procesos educativos donde todos/as los/as involucrados/as transitan aprendizajes. De allí el desafío de seguir pensando los modos de la descolonización académica con las referencias teórico-prácticas de Fanon, Freire y Fals Borda y, a su vez, de continuar practicando la coherencia entre metodologías de(s)coloniales y pedagogías de(s)coloniales.

Finalmente, cabe destacar la revalorización de memorias, voces e historias orales en el devenir del libro, desconocidas por la pedagogía tradicional, que evidencian pedagogías con los pies en los territorios. Unas pedagogías de(s)coloniales que alojan aquello que la Modernidad quisiera olvidar y que, en ese sentido, constituyen una mirada contra-moderna: enfocada en las fallas, en las heridas históricas de nuestros pueblos y sus

efectos e injusticias en el presente. Como recupera Inés Fernández Mouján al hablar de las teorías críticas periféricas, se trata de una mirada situada en los márgenes, en el umbral de los diversos territorios.

Referencias

CASTRO-GÓMEZ, S. Descolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, S. y GROSGOUEL, R. (eds.) **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Siglo del Hombre: Bogotá, 2007. p. 79-91.

FERNÁNDEZ MOUJÁN, I., SILVA CARVALHO, E.S. y RAMOS JÚNIOR, D.V. **Pedagogias de(s)coloniais. Saberes e fazeres**, Tocantins: Nuvem, 2020.

GRÜNER, E. Teoría crítica y Contra-Modernidad. In: GANDARILLA, J. (coord.) **La crítica en el margen**. Hacia una cartografía conceptual para discutir la modernidad. México: Akal, 2016. p. 19-60.



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES